Primeira edição, 2005
Primeira reimpressão da primeira edição, 2006

Os direitos de edição desta obra pertencem à
EDITORA NOVA AGUILAR S.A.

Rua Assis Bueno, 39- Botafogo - CEP 22280-080
Rio de Janeiro, RJ
Tel. / Fax: 2275-6499 / 2543-2463

DESIGN DA CAPA E DA CAIXA:
Mello & Mayer Design

DIGITAÇÃO:
Ponto-e-virgula Assessorià Editorial

EDITORAÇÃO:
Mariana Arcuri

FOTO DA LOMBADA DA CAIXA:
Liane Neves

FORMATAÇÃO:
Júlio Fado

REvIsÃo:
Ana Grillo
Adélia Marques
Fátima Barbosa

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

Quintana, Mario, 1906-1994
Q67m Mario Quintana : poesia completa: em um volume / organização Tania Franco Carvalhal - Rio de Janeiro : Nova Aguilar, 2005.

1016 p. - (Biblioteca luso-brasileira. Série brasileira)
Contém dados biobibliográficos.

ISBN 85.210.0087-1

1. Poesia brasileira. I. Carvalhal, Tania Franco, 1943-
II. Titulo. III. Série.

CDD - 869.91
05-3157 CDU - 821.134.3(81)-1

NOTA EDITORIAL

Esta publicação reúne, pela primeira vez, os quinze livros de poesia publicados em vida por Mario Quintana (A rua dos cataventos, Canções, Sapato florido, O aprendiz de feiticeiro, Espelho mágico, Caderno H, Apontamentos de história sobrenatural, A vaca e o hipogrifo, Esconderijos do tempo, Baú de espantos, Da preguiça como método de trabalho, Preparativos de viagem, Porta giratória, A cor do invisível, Velório sem defunto), o livro póstumo Agua e os cinco livros de poemas para a infância - O batalhão das letras (1948), Pé de pilão (1975), Lili inventa o mundo (1983), Sapo amarelo (1984) e Sapato Furado (1994). Destes, somente O batalhão das letras e Pé de pilão são compostos exclusivamente de poemas inéditos, os demais resultam do agrupamento de poemas anteriormente publicados em outros livros, com alguns poucos que ali se editaram pela primeira vez. Na seção "Poemas para a infância" consta a indicação dos textos inéditos de cada livro. Decidiu-se pela publicação integral dos livros infantis por julgar-se que os poemas, mesmo tendo sido publicados antes, ganham em cada

conjunto outro sentido e nova configuração.
Não foram aqui acolhidas as quatorze antologias, elaboradas com base na obra do autor. Todos os poemas das antologias, mesmo aqueles que inicialmente foram a elas integrados como inéditos, estão hoje incorporados em seus livros. Não obstante, haverá ainda, nesta edição, certas repetições de poemas que, ora sob formulação diversa, ora em transcrição exata, foram pelo próprio autor inseridos em distintos livros.
Feitas essas observações, pode-se considerar este volume como poesia completa em verso e prosa, pois é constituído de todos os seus livros publicados.
Nesta edição, foi feita a atualização ortográfica, quando não causava alteração na contagem e no ritmo dos versos, ou quando não esbarrava no uso consagrado pelo autor, como também se procurou corrigir os erros tipográficos e lapsos de edições anteriores. Preservaram-se as alterações introduzidas em alguns poemas em busca de um texto fiel ao desejo do autor. Do mesmo modo, conservou-se a grafia de seu nome, sem acento, como sempre foi por ele utilizada, Os estrangeirismos, que deveriam apa-

recer em grifo por força da boa norma contemporânea, não foram assim tratados por respeito à vontade expressa do autor.
Ao reunir num volume, com adequado aparato crítico, a produção poética de Mario Quintana, a Editora Nova Aguilar homenageia uma obra construída ao longo de mais de cinqüenta anos por um dos grandes líricos da poesia brasileira, cujo centenário de nascimento será comemorado em 2006, e que estava à espera de uma edição que permitisse a visão do conjunto de sua obra.

Os EDITORES

PREFÁCIO

ITINERÁRIO DE MARIO QUINTANA

Tania Franco Carvalhal

A leitura do conjunto da poesia de Mario Quintana (1906-1994)
nos
permite identificar alguns traços que lhe são essenciais e a tornam inconfundível
no panorama da Literatura brasileira. Essa identificação leva-nos
necessariamente a uma revisão de determinadas características, com freqüência
relacionadas à sua poesia, apontando justamente para seu avesso.
Se já foi atribuida "simplicidade" a seus versos, por exemplo, alguns
deixaram de ver que a essa aparência espontânea correspondiam um
trabalho consciente e um domínio amplo da matéria poética. Em Quintana,
é possível apontar, como o fez Augusto Meyer com a autoridade crítica que
se lhe reconhece, "a autenticidade e a cristalinidade da sua arte"1. Estão aí,
decerto, duas qualidades que orientam ainda hoje nossas perspectivas
críticas: a preservação do autêntico pela construção de uma voz reconhecível
entre outras vozes, e a limpidez de uma poesia, que chega a ser "cristalina"
pela pureza da expressão. Autenticidade que é respaldada por certo apego
ao quotidiano e ao coloquial, de tal forma que o mesmo Meyer sublinha
ainda nessa poesia uma "rara consubstanciação entre viver e cantar".
Com efeito, se o poeta soube ser ele mesmo ao longo de toda a sua
trajetória, apropriando-se do que lhe convinha para transformar em
"quintanares" - termo que o próprio Mario Quintana cunhou para designar
sua poesia em "Canção de barco e de olvido", do livro Canções de 1946, e
que Manuel Bandeira difundiu no poema com que o saudou em sessão
da Academia Brasileira de Letras em 25 de agosto de 1966 2 -, também
alcançou depurar a expressão de maneira que ela fluísse sem empecilhos
e ecoasse fortemente nos ouvidos do leitor. Quer dizer, seu poema
resulta de um empenho de composição que, ao instalar de imediato o clima
lírico, possibilita a quem o lê o acesso rápido e envolvente. Portanto, a
complexidade de sua poesia está no alcance de uma aparência despojada
na qual a palavra é imagem e som, O poeta foge à rima banal (leia-se nesse

___

1. MEYER, Augusto. O "fenômeno Quintana". In: A forma secreta (1965).
Texto reproduzido na "Fortuna crítica" desta edição.

2. O poema está na seção "Homenagens poéticas" deste volume.

sentido "Fatalidade", de Caderno H: "O que mais enfurece o vento são esses
poetas inveterados que o fazem rimar com lamento"), à adjetivação, que
usa com parcimônia ("A borboleta mais difícil de caçar é o adjetivo", em
"Entomologia", também de Caderno H), e reconhece, em "Momento", de
Apontamentos de história sobrenatural, que:

"O mundo é frágil
E cheio de frêmitos
Como um aquário...

Sobre ele desenho

Este poema: imagem
De imagens!"

Agrega-se, então, aos traços anteriormente referidos um outro
elemento fundamental da poesia de Mario Quintana: o da consciência poética.
A reflexão sobre a poesia, sobre sua natureza e seu fazer, está presente desde
o primeiro livro, A rua dos cataventos, de 1940. Ali ele já se auto-retrata
como um "carpinteiro" e como um operário triste" (soneto VI).
No conjunto de sua produção, entre os diversos temas e motivos que a
tornam peculiar, é possível identificar vários poemas que tratam da figura
do poeta, outros que convertem em tema o próprio poema e ainda outros
que, ao pensarem a poesia, iluminam sua função. Mas talvez a maior
comprovação da consciência artesanal de Quintana seja a ordem de publicação,
não cronológica, de seus cinco primeiros livros. Preservar no primeiro
deles a forma lixa do soneto, em um momento no qual essa forma estava
em desuso, foi não só um ato de coragem ou de rebeldia contra a poética
vigente: foi a certeza de que se não os reunisse no primeiro livro,
possivelmente não mais os publicaria. Além disso, sabia Quintana que seus sonetos
eram peculiares e não se submetiam a padrões rígidos de uso. Mesmo que
neles predominem os versos decassílabos, estes se combinam com outros
de distinta medida e acento, criando a variedade no interior dos poemas. Se
visualmente seguem a disposição tradicional dos quatorze versos em dois
quartetos e dois tercetos, adotando esquema de rimas conhecido, em geral
o autor se permite uma série de liberdades que revitalizam a convenção.
É essa combinação admirável de versos de 8, 10 e 12 sílabas que acontece
exemplarmente no Soneto XIV de A rua dos cataventos:

"Dentro da noite alguém cantou.
Abri minhas pupilas assustadas
De ave noturna... E as minhas mãos, velas paradas,
Não sei que frêmito as agitou!

Foi minha própria voz, fantástica e sonâmbula!
Foi, na noite alucinada,
A voz do morto que cantou."

Como aponta Fausto Cunha, há desde os primeiros sonetos de A rua
dos cata ventos "Um tratamento rítmico e melódico muito consciente, não
raro magistral"3.
Ressalte-se, portanto, o experimento inovador das formas - que se
prolonga nos versos livres de Canções (1946), na prosa poética de Sapato
florido (1948), na poesia vária e madura de O aprendiz de feiticeiro (1950)
e nos quartetos de Espelho mágico, que, escritos em 1945, são publicados
em 1951.
Mais tarde, em 1976, quando publica Apontamentos de história
sobrenatural, dirá que este é o seu "primeiro livro cujos poemas saem mais ou
menos na sua ordem cronológica. Porque antes se reuniam numa ordem
lógica: sonetos com seus companheiros de lirismo um tanto boêmio,
canções com suas irmãs de dança, quartetos filosofando uns com outros, porém
num riso mal contido, diante da seriedade que se presume existir num
simpósio, poemas em prosa proseando amigavelmente sobre isto e aquilo,
poemas oníricos com suas perigosas magias de aprendizes de feiticeiro".
Como se percebe, esta é uma maneira de Quintana explicar que na

organização dos livros anteriores predominaram o componente formal e uma ordem lógica de combinação que agrega elementos da mesma família. Ressalte-se, ainda, que na edição de Poesias, antologia de 1962 na qual reúne os cinco primeiros livros, com auxílio de Athos Damasceno Ferreira, Quintana também não os ordena de acordo com a cronologia de publicação, mas conforme um critério crítico de uma passagem dos versos das formas mais convencionais às mais livres, numa aproximação ao moderno, finalizando o volume com O aprendiz de feiticeiro, de publicação anterior a Espelho mágico. Tal disposição é extremamente significativa no sentido de que sugere ao leitor uma evolução das formas, um andamento que parte de uma postura simbolista inicial para a modernidade decisiva de poemas que, datados de 1950, podem ter sido mesmo elaborados antes. Não seria incorreto afirmar, com base em referência de Augusto Meyer, contemporâneo de Quintana, e das datas de elaboração que o autor fornece em algumas primeiras edições, que esses poemas conviveram todos entre si e foram liberados para publicação a partir de 1940, segundo a ordem que ele decidira imprimir a seus livros.

___

3CUNHA, Fausto. "Poesia e poética de Mario Quintana". In: A leitura aberta (1978). Texto
reproduzido na "Fortuna crítica" desta edição.

Nas cinco obras iniciais, o poeta se exercita e se afirma. Na produção posterior ele desenvolve os temas e os motivos ali ensaiados, dando-lhes a cada vez uma nova configuração, articulando-os com outros elementos e construindo um imaginário particular, sempre reconhecível.

A UNIDADE DO CONJUNTO

Há na obra de Mario Quintana uma forte noção de continuidade. Possivelmente é ela que assegura a unidade entre os diversos livros. Continuidade que não é só mantida pela reiteração de motivos, temas e imagens, mas por poemas inteiros e mesmo versos isolados que, retomados de obra em obra, criam uma linha interna que os associa. É o caso, por exemplo, de um poema intitulado "Esconderijos do tempo", de Apontamentos de história sobrenatural (1976), que dará título ao livro de 1980 e fornecerá, ainda, à epígrafe de dois versos para Baú de espantos, de 1986. Como se vê, Quintana valia-se de seus próprios "achados" para reutilizá-los de forma produtiva mais adiante. Os exemplos se multiplicam. Leia-se "Os poemas", de Paú
de espantos, no qual são mencionados "poemas de pé de pilão", que remetem diretamente ao título de um de seus livros infantis (Pé de pilão, 1975). No livro Caderno H (1973) há um poema em prosa intitulado "Família desencontrada", tratando das quatro estações do ano. Essa mesma "família" reaparece em Baú de espantos (1986) sob forma de versos convencionais. Algumas vezes, ainda, a repetição do poema introduz nele alterações de natureza formal. É o caso de "O despertar dos amantes", que no livro Sapato florido constitui um verso longo e, mais tarde, em Preparativos de viagem (1987),

desdobra-se em três versos. Portanto, no processo de reescrita a que submete
muitos de seus poemas, Quintana altera a pontuação, a disposição dos
versos e os faz passar de prosa poética para versos convencionais.
Um aspecto, pois, a ressaltar na leitura do conjunto é a repetição de
poemas em alguns de seus livros. Textos que estão em Caderno H vão
reaparecer em A vaca e o hipogrifo (1977) ou em Porta giratória (1988). Simples
e ocasional reiteração? Na verdade, não. Há várias formas de
compreendermos essa reincidência. A primeira, a que o próprio autor menciona na
nota introdutória a Apontamentos de história sobrenatural quando fala do
receio de que os poemas se percam em livros esgotados. Por esse motivo
ele inclui em Apontamentos os inéditos introduzidos na Antologia
organizada por Rubem Braga e Paulo Mendes Campos em 1966. Além disso,
podemos considerar que um poema deslocado de um livro para outro ganha
nesse processo outros sentidos, pois integra um novo contexto, diferente
do anterior. Deverá, assim, soar ali de forma distinta, sendo ainda o
mesmo, mas também outro. Por isso cada livro é novo, mesmo que contenha
alguns textos já publicados. É o caso de Preparativos de viagem (1987) que,

por reunir poemas novos a outros já publicados, recebeu do autor o subtítulo
de "Antologia pessoal", tornando-se um livro singular. Também cada
antologia é nova, obedecendo a seleção e agrupamento diversos. Talvez
esse conceito explique por que Mario Quintana tenha tido um número de
antologias (são quatorze ao todo) quase igual ao de seus livros originais
(quinze, se não contarmos as cinco obras infantis e a publicação póstuma
intitulada Água: os últimos textos de Mario Quintana [2001]).
Pode-se referir ainda o fato de que nesse livro derradeiro, originalmente
parte do Relatório anual 93 do Banco do Brasil, Quintana realizou
processOS de colagem, aproveitando poemas anteriores e dando-lhes novos títulos
e acréscimos. Também no álbum Malagoli visto por Quintana (edição
comemorativa dos 80 anos do pintor e do poeta [1985]), Mario utilizou
alguns poemas alterando-lhes a designação. Os belos versos

"Ó céus de Porto Alegre,
Como farei para levar-vos para o Céu?!"

ganham. no álbum, o título de "Para escreveres num cartão postal", tendo
sido antes publicados em Caderno H como "Apontamento para um poema".
Há outros exemplos: o poema "Sono", de Sapato florido, vai reaparecer
como "Noturno" no álbum, e "Sesta antiga", de Apontamentos de história
sobrenatural, alcança outra formulação mais sintética. Uma edição crítica
daria conta de todas as variantes introduzidas e, certamente, apontaria a
substituição dos sonetos XXX e XXXI, da 1a edição de A rua dos cataventos
por dois outros na edição de Poesias, em 1962, como se indica em notas
nas páginas respectivas. Igualmente, cabe apontar, em Apontamentos de
história sobrenatural, o acréscimo de dois poemas a partir da 2a edição.
São eles "Cronologia" e "Biografia", como se assinala. A repetição e a nova
contextualização dos poemas são recursos amplamente utilizados por Mario
Quintana.
Desse modo o leitor se vai reencontrando com certos poemas e versos e
compondo seu repertório pessoal, ou seja, uma mesma voz ecoa nos
ouvidos do leitor e o ensina a reconhecê-la mais adiante.

17

O POETA NO ESPELHO

"Esse estranho que mora no espelho
(e é tão mais velho do que eu) olha-me
de um jeito de quem procura adivinhar quem sou."
O antinarciso, Caderno H

Entre os vários retratos que o autor pintou de si mesmo estão certamente os que povoam os sonetos inaugurais, do livro A rua dos cataventos. Ora é um "pobre menino [...] que envelheceu, um dia, de repente!" (Soneto VIII), ora o seu próprio Frankenstein "o belo monstro ingênuo e sem memória (Soneto XXVI) ,, ou "o Idiota desta Aldeia!" (Soneto XXX), sempre um caminhante ("Rechinam meus sapatos rua em fora", como dirá no mesmo Soneto XXX) cuja figura se esvai na ambição de alcançar "a displicência de um fantasma inglês..." (Soneto XXXIII). Essas primeiras configurações o situam em uma posição à margem, adotando certa postura romântica, mais como um observador da vida que passa do que nela envolvido. Por isso, busca a infância como paraíso eleito, a cidade antiga de pequenas ruas sossegadas, dos bondes, um mundo que, preservado em certos cantos da cidade provinciana, na verdade não existe mais. Daí a necessidade de criar um espaço próprio, uma espécie de Pasárgada tal qual a imaginada por Manuel Bandeira, como se lê no Soneto V:

"E enquanto o mundo em torno se esbarronda,
Vivo regendo estranhas contradanças
No meu vago País de Trebizonda..."

Por vezes a sua Pasárgada será não um país mas uma rua especial, síntese das ruas da infância e daquelas por onde o poeta ainda nem andou, mas que imagina, tal como está no poema "A minha rua", de A vaca e o hipogrifo:

uma rua em que tenho o vício
De nunca entrar, e onde eu nunca entrei,
E que vai dar na Babilônia, eu sei,
Ou nalgum porto fenício...

Se eu lá entrasse, seria Rei,
Ou morreria nalgum suplício...
Crimes que lá cometerei
Não deixariam nenhum indício...
Lá não se pensa, mas se responde
Conforme as rimas que um outro dá.
Exemplo: templo. É o templo onde
O senhor padre me casará
Com a linda filha de algum Visconde
Ou do Marquês de Maricá!"

18

Há na obra de Quintana uma redução geográfica do mundo observado.
Nela as pequenas coisas ganham uma dimensão diferente, aumentada. São vistas em si mesmas, mas adquirem ainda outros significados que lhes são

atribuidos pela imaginação do poeta. A propensão ao animismo é fartamente explorada nesta poesia na qual os objetos, personificados, assumem, por vezes, maior relevo que os seres. Como explica a certa altura de Caderno H:

"Desde pequeno, tive tendência para personificar as coisas. Tia lula, que achava que mormaço fazia mal, sempre gritava: "Vem pra dentro, menino, olha o mormaço!" Mas eu ouvia o mormaço com M maiúsculo. Mormaço, para mim, era um velho que pegava criança"

Em toda a sua obra, de repente, as coisas assumem uma nitidez de contornos como se brotassem da existência inanimada e ganhassem cor, textura e vida:

"Antes de escrever, eu olho, assustado, para a página branca de susto."

("O terrível instante", Caderno H)

Todos esses recursos traduzem a necessidade de criar um universo exclusivo em intima consonância com o seu interior. Por isso a "cidadezinha" é lugar de refúgio, domínio da intimidade, no qual cada elemento se organiza no cenário conhecido:

"Ó banho de luz, tão puro,
Na paisagem familiar:
Meu chão, meu poste, meu muro,
Meu telhado e a minha nuvem,
Tudo bem no seu lugar."

("Canção do primeiro do ano", Canções)

É dessa organização que depende o poeta para reconhecer-se, ela o identifica. Há, pois, uma cidade dentro de outra. A Alegrete de sua infância está contida na Porto Alegre de adoção para a vida inteira. Também nessa última as ruas exercem fascínio sobre o poeta caminhante, ele as percorre na realidade e no sonho, muitas vezes imaginando-as:

"Sinto uma dor infinita
Das ruas de Porto Alegre
Onde jamais passarei...
Há tanta esquina esquisita,
Tanta nuança de paredes,
Há tanta moça bonita
Nas ruas que não andei
(E há uma rua encantada
Que nem em sonhos sonhei...)"
("O mapa", Apontamentos de história sobrenatural)

Nos diversos livros haverá, com freqüência, um retorno ao auto-retrato. As primeiras figurações dão lugar a outras, através das quais o poeta vai assumindo feições diversas. Nelas, a aparência inicial de ser marginalizado desaparecerá. A reflexão sobre o Eu, como um mergulho na paisagem interior, se desdobrará à medida que, desde Sapato florido, o poeta projeta sua

imagem no espelho, como em "O espião" (Sapato florido), onde se lê:

Bem o conheço. Num espelho de bar, numa vitrina, ao acaso do
footing, em qualquer vidraça por aí, trocamos às vezes um súbito e
inquietante olhar. Não, isto não pode continuar assim. Que tens tu
de espionar-me? Que me censuras, fantasma? Que tens a ver com
os meus bares, com os meus cigarros, com os meus delírios
ambulatórios, com tudo o que não faço na vida!?"

Não há, entretanto, o apreço pela própria imagem em gesto narcisista:
o poeta não se detém em contemplações nem em especulações
existenciais.
Conscientemente ele as refuta e esclarece, em "Vidas", de Apontamentos de
histó ria sobrenatural:

"Nós vivemos num mundo de espelhos,
mas os espelhos roubam nossa imagem...
Quando eles se partirem numa infinidade de estilhas
seremos apenas pó tapetando a paisagem."

Neste mesmo livro, decisivo no conjunto da obra do poeta, desenha seu
auto-retrato, como se lê:

"No retrato que me faço
traço a traço
as vezes me pinto nuvem,
às vezes me pinto árvore...
às vezes me pinto Coisas
de que nem há mais lembrança...
ou coisas que não existem
mas que um dia existirão...
e, desta lida, em que busco
- pouco a pouco -
minha eterna semelhança,
no final, que restará?
Um desenho de criança...
Corrigido por um louco!"
("O auto-retrato")

Em Esconderijos do tempo, Quintana constrói retratos menos
sentimentais e mais lúcidos. Já não há mais lugar para representações
idealizadas. A
figura resultante não é mais unitária e não cabe, por isso, numa única
representação simbólica. A imagem final é a do menino, que convive com a do
homem, recoberta pela do pai, que, por sua vez, se projeta sobre a imagem
do poeta. É isso que podemos observar, em Apontamentos de história
sobrenatural, no poema "O velho do espelho", no qual indaga: "E...] quem é esse
/ Que me olha e é tão mais velho do que eu? / Porém, seu rosto... é cada vez
menos estranho... / Meu Deus, meu Deus... Parece / Meu velho pai que
Já morreu! / Como pude ficarmos assim?" A junção das duas imagens se
Concretiza na linguagem na qual o eu cede lugar ao nós.

Em Esconderijos do tempo, a figura do pai reaparece na elegia das mãos ("As mãos de meu pai") e, em Baú de espantos, o poeta, mais uma vez, se autoretrata no poema "O velho poeta":

"Um dia o meu cavalo voltará sozinho
E assumindo
Sem saber

A minha própria imagem e semelhança
Ele virá ler
Como sempre
Neste mesmo café
O nosso jornal de cada dia
inteiramente alheio ao murmurar das gentes...
O Mtsiáao DA POESIA
"Fora do ritmo, só há danação.
Fora da poesia não há salvação."
("Aula inaugural", Apontamentos de história sobrenatural)

A reunião da poesia de Mario Quintana possibilita que se perceba com clareza sua constante preocupação com o fazer poético. São muitos os poemas nos quais reflete sobre a natureza da poesia e a função do poeta. Desde os primeiros livros, identificamos o cuidado com a escrita, como podemos ver em "Do estilo, cm Espcllw mágico:

"Fere de leve a frase... E esquece... Nada
Convém que se repita...
Só em linguagem amorosa agrada
A mesma coisa cem mil vezes dita."

Reitera-se essa atenção para com a linguagem em "O poema", dc
O aprendiz de feiticeiro, onde se lê:

"O poema .i urna pedra no abismo,
O eco do poema desloca os perfis:
Para bem das águas e das almas
Assassinemos o poeta.

Mais adiante, em Apontamentos de história sobrenatural, reencontramos outras tentativas de definição:

"Todos os poemas são um mesmo poema,
Todos os porres são o mesmo porre,
Não é de uma vez que se morre...
Todas as horas são horas extremas!"

("Pequeno poema didático")

E ainda nos versos de "Emergência" dirá:

"Quem faz um poema abre uma janela.
Respira, tu que estás numa cela
abafada,
esse ar que entra por ela.
Por isso é que os poemas têm ritmo
- para que possas profundamente respirar.

Quem faz um poema salva um afogado."

possível então reconstituir o itinerário do poeta através dos poemas que tratam de seu ofício. O leitor se dá conta de que nada é aleatório nesta poesia e que ela é construída ao longo de conceitos que se modulam e buscam, cada vez mais, a precisão. O processo de reescrita de poemas se inscreve na necessidade de encontrar a expressão adequada. Isso leva o poeta a refazer alguns textos, trabalhando-os tecnicamente. Como diz em "A minha mensagem", de Porta giratória: " é isto que dá um terrível sentido aos trabalhos do Poeta, uma enorme responsabilidade em face da Esfinge". O poema é sempre um recurso de sobrevida. Seu poder é magico: "Um poema sem outra angústia que a sua misteriosa condição de poema" ("O poema", O aprendiz de feiticeiro).

CONFLUÉNCIAS

"O poeta canta a si mesmo
porque de si mesmo é diverso."

("O poeta canta a si mesmo", Esconderijos do tempo)

Costumou-se dizer, com base em palavras do próprio poeta, que ele não mudou, embora sua obra, tal como foi editada, indicasse transformações de forma e a passagem de um simbolismo inicial para os versos modernos que caracterizam O aprendiz de feiticeiro. Traços mesmo de um romantismo inaugural permanecem nos primeiros livros, sobretudo nos sonetos, que, mais de uma vez, evocam Antônio Nobre (Soneto XXIX). O autor de Só, o velho "Anto", como o chamavam afetivamente o da geração de Quintana, foi certamente uma presença continuada em sua obra. Nela comparecem Outros autores portugueses, como Camões e Cesário Verde. Também Verlaine, Baudelaire, Apollinaire e Mallarmé são certamente influxos decisivos na construção de sua poesia. Entre seus contemporâneos, avulta a figura de Augusto Meyer, juntamente com as de Drummond e de Manuel Bandeira.

Nesse sentido, são esclarecedores os versos de "Três poemas que me roubaram" de Baú de espantos, no qual Quintana presta tributo a essas suas admirações:

"Lá pelas tantas menos um quarto eu suspirei num poema:
"Vontade de escrever Sagesse de Verlaine.
Mas o que eu tenho vontade mesmo
é de haver escrito a Pedra no Meio do Caminho
a Balada & Canha, a Estrela da Manhã,

se
- á Musa infiel,
não te houvessem possuido antes
Carlos, Augusto e Manuel!"

Mario Quintana considerou essas leituras preferenciais como "confluências" e não influências tradicionais. Preferia sublinhar a idéia do encontro, mesmo que de natureza casual, em detrimento de um processo que incidisse sobre o outro, diminuindo-o. Para ele, confluir significava eleger, e dessa escolha extrair o que lhe agradasse mais. Nunca escondeu a capacidade de admirar. Ao contrário, converteu-a também em poesia. Leia-se "Saudade", de Apontamentos de história sobrenatural:

"Que me dizias, Augusto Meyer,
naquele tempo que não passa,
na mesa, junto à vidraça,
naquele bar que era um barco?

Por ela passavam mares,
passavam portos e portos,
ali que os ventos ventavam,
dos quatro cantos do mundo!

O que dizíamos? Sei lá!
não falemos em nossas vidas...
nem, por nós, se salvou o mundo...

Mas, Amigo, eu sei que tenho
- naquelas horas perdidas -
o meu ganho mais profundo!"

Veja-se, ainda, como em um poema sem título ("XXXXXXXXX", de EsconderIjoS do tempo) ele menciona Rimbaud, Poe e Cruz e Souza como poetas "legítimos espúrios", que são regidos "misteriosamente" pelo "décimo terceiro signo do Zodíaco". Do mesmo modo como apreciou Proust e Virginia Woolf entre tantos outros escritores que traduziu, Quintana aludia com freqüência aos poetas de sua preferência, como faz com Camões em "Poeta esperando a vez no dentista", de Baú de espantos:
[...] Ah, Camões, quem me dera
tuas construções de ferro, esses teus dentes brutos...
Um só, um só dos teus anacolutos!"

ESCONDERIJOS DA MEMÓRIA

"[...] a poesia é um sintoma do sobrenatural."
("Claro enigma", Caderno H)

Ao dizer, em Apontamentos de história sobrenatural, que "poeta é o que encontra uma moedinha perdida" ("Descobertas"), aquele que empresta "palavras loucas / à voz dispersa do vento" ("Instrumento"), e que "sonhar é

acordar-se para dentro" ("Os parceiros"), Mario Quintana não está apenas
identificando o duplo caráter, enigmático e artesanal, da poesia, mas
apontando para sua construção como resultante da ação simultânea da
memória e da imaginação. Ele igualmente ressalta, no poema, a sua condição de
recurso para exploração de abismos: "[...] este poema não é / Nenhum
Abrigo / Antiaéreo [...] Eu estava, apenas, explorando uns abismos..."
("Escadas", Apontamentos de história sobrenatural). Ao poeta é dado por vezes
fechar os olhos para ver as imagens que guarda dentro de si e reconstrui-las
no poema ("Presença").
Assim, nos três livros que publica no espaço de dez anos -
Apontamentos de história sobrenatural (1976), Esconderijos do tempo (1980) e Baú
de
espantos (1986) - há uma certa identidade que os percorre, unificando-os
como uma trilogia no conjunto da obra. Por isso, observou-se que
"Esconderijos do tempo" é título de poema do livro anterior e que irá reiterar-se
na epígrafe do livro seguinte, expressando ainda a consciência critica do
poeta. Marca esses três livros a inclinação ao sobrenatural, ao onírico, que

certamente não é nova em sua poesia. Já estava ela presente em O aprendiz
de feiticeiro e em alguns textos de Sapato florido, inclusive nos titulos desses
dois livros, que remetem ao insólito e ao inusitado, noções recuperadas na
designação dos três outros livros. No entanto, essa inclinação se acentua
nestes últimos e acaba por ser um dos traços definidores da obra do poeta,
neutralizando qualquer impressão de que a poesia de Mario Quintana
possa ser simples, leve e pouco complexa. Ao contrário, a poesia de Quintana é
densa e difícil. O tema da relação entre vida e morte, que ele
freqüentemente explora, acrescentando sempre novos componentes a essa
articulação,
está entre aqueles que em sua aparente leveza concentram profundídade no
tratamento. Observe-se esse aspecto na leitura do poema "Inscrição para
uma lareira" de Esconderijos do tempo:

"A vida é um incêndio: nela
dançamos, salamandras mágicas.
Que importa restarem cinzas
se a chama foi bela e alta?
Em meio aos toros que desabam,
cantemos a canção das chamas!
Cantemos a canção da vida,
na própria luz consumida..."

A adesão à exploração de esconderijos, sejam os sótãos ou porões das
velhas casas, lembranças nas quais o poeta não cessa de remexer, ou de
abismos interiores, nos quais se lança e se exprime como sobrevivente de
todos os naufragios, caracteriza a densidade dessa poesia que encontra no
humor uma saída. Se a melodia dos primeiros sonetos se encarregava de
dar-lhes uma conotação de brevidade, sendo progressivamente substituida
pela dominância do ritmo e o afastamento das rimas, a expressão dos
sentimentos inicialmente favorecida cede lugar as alusões, as metaforas e a
amarga ironia cada vez mais presente.
É surpreendente como convivem, na poesia de Quintana, elementos
tão contrários como a dor e o riso, o amargo e o humor, a vida real e o
sobrenatural, na simultaneidade de passado e presente.

A leitura do quotidiano, essencial em sua obra, manifesta não só a capacidade do poeta de transformar as coisas rotineiras em poesia como também a experiência de homem de jornal, que encontra nas noticias sua matéria. Muitas vezes, sua poesia é uma crônica, fornecida pela vida. O lirismo se associa ao travo crítico para retraçar o quadro quotidiano no qual são personagens preferenciais as velhas senhoras gordas, os mortos,

objetos do olhar voraz do Anjo Malaquias. A própria poesia e seus recurSOS não escapam da maneira irônica de configurá-los, como está posto em "o encontro", de Baú de espantos:

"Subitamente
na esquina do poema, duas rimas
olham-se, atônitas, comovidas,
como duas irmãs desconhecidas..."

A ironia que aqui encobre a consciência agudíssima da seriedade do poema e a função da poesia, em "Projeto de prefácio" do mesmo livro, irá se manifestar com clareza:

"Sábias agudezas... refinamentos...
- não!
Nada disso encontrarás aqui.
Um poema não é para te distraires
como com essas imagens mutantes dos caleidoscópios.
Um poema não é quando te detens para apreciar um detalhe.
Um poema não é também quando paras no fim,
porque um verdadeiro poema continua sempre...
Um poema que não te ajude a viver e não saiba preparar-te
para a a morte
não tem sentido: é um pobre Chocalho de palavras.

A leitura da obra em seu conjunto acentua a característica reflexiva que também a identifica: mais se reconhece a variedade de sua poesia, o domínio constante dos metros, o experimento de todas as formas poétícas, sua aproximação continuada com a prosa e uma aderência cada vez mais intensa ao coloquial e ao quotidiano, examinado sempre com perspicacia e humor. Portanto, a reunião de seus poemas prova que, além de ser o maior lírico da poesia sul-rio-grandense, Mario Quintana ocupa um lugar especial na moderna poesia brasileira, como o reconheceram poetas da dimensão de Cecilia Meireles, Carlos Drummond de Andrade e Manuel Bandeira, e comprova, também, que ele soube ser muitos, sendo ele mesmo.

CRONOLOGIA
DA VIDA E DA OBRA

CRONOLOGIA DA VIDA E DA OBRA*

1906 Nasce Mario Quintana, no dia 30 de julho, na cidade de Alegrete, Rio Grande do Sul, filho do farmacêutico Celso de Oliveira Quintana e Virgínia de Miranda Quintana. O avô materno, Eduardo Jorge de Miranda, e o avô paterno, Cândido Marioel de Oliveira Quintana, eram médicos. Vive toda a infância em Alegrete, num casarão de esquina, e aprende a ler com os pais, soletrando as manchetes do jornal Correio do Povo. Também com o apoio dos pais, terá mais tarde acesso à poesia. Enquanto o pai lhe recita o episódio do Gigante Adamastor, a mãe, educada no Uruguai, declama Espronceda e Bécquer.
1914 Freqüenta a Escola Elementar mixta de D. Mimi Coutinho.
1915 Freqüenta a escola do professor português Antônio Cabral Beirão, concluindo o curso primário.
1919 É matriculado no Colégio Militar de Porto Alegre, em regime de internato. Conta que só estudava Português, Francês e História, não se interessando pelas demais matérias. Publica alguns poemas na Revista Hyloea, editada pela Sociedade Cívica e Literária dos alunos do colégio.
1924 Emprega-se na Livraria do Globo, trabalhando com Mansueto Bernardi durante três meses. "Era um emprego muito agradável, porque eu trabalhava de desempacotador na seção de livros estrangeiros. Eu devia desempacotar as raridades francesas...", dirá depois.
1925 Retorna a Alegrete, onde trabalha como prático na farmácia de seu pai.
1926 Morre sua mãe. É premiado em um concurso de contos do Jornal Diário de Notícias com o trabalho "A sétima personagem

___

* Elaborada com base em: KANTER, Suzana. "Cronologia da vida e da obra de Mario Quintana", in: Mario Quintana. Autores gaúchos (n. 6). 7a ed. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1997.

1927 Morre seu pai. Um poema seu é publicado por Álvaro Moreyra na revista Para Todos, do Rio de Janeiro.
1929 Ingressa na redação do jornal O Estado do Rio Grande, em Porto Alegre, dirigido por Raul Pula, renomado político, adepto do Parlamentarismo e um dos fundadores do Partido Libertador no Rio Grande do Sul, do qual foi presidente em 1945. Nessa época, começa a conviver com intelectuais de sua geração: Augusto Meyer, Theodemiro Tostes, Athos Damasceno Ferreira, Moysés Vellinho, Sotéro Cosme, Erico Verissimo.
Vive só, em pensões modestas ou em quartos de hotéis, em especial no antigo Hotel Majestic. O prédio do Hotel Majestic, residência do poeta entre 1968 e 1980, é tombado como patrimônio histórico do Estado do Rio Grande do Sul em 1982, tornando-se Casa de Cultura Mario Quintana com base na lei promulgada em 8 de julho de 1983. Depois de 1980, vê-se, de repente, sem casa. Ironicamente, observou: "Não tem importância. Moro dentro de mim mesmo." Em 1983 vai morar no Hotel Royal - na Rua Marechal Floriano, 631 -, de propriedade do atleta Paulo Roberto Falcão, que lhe cede o quarto 203 em regime de usufruto. Posteriormente, muda-se para o Hotel Porto Alegre Residence, na Rua André da Rocha, no centro de Porto Alegre, onde fica até o fim da vida.
1930 Colabora com a Revista do Globo, de Porto Alegre. Em outubro, alista-se como voluntário no Sétimo Batalhão de Caçadores e vai para o Rio de janeiro, onde permanece por seis meses. "Por ordens do Comandante Nascimento eu fazia o diário da tropa. Eu floreava! Era por encomenda...", dirá.
1934 Sua primeira tradução, do livro Palavras e sangue, de Giovanni Papini, é publicada pela Editora Globo, de Porto Alegre. Traduz ainda, entre outros autores, Marcel Proust, Guy de Maupassant, Virginia Woolf, Aldous Huxley, Somerset Maughan e Joseph Conrad.
1940 Publica o livro de sonetos A rua dos cataventos, pela Editora Globo, de Porto Alegre.
1943 Inicia a publicação da seção Do caderno H, na Revista Província de São Pedro.
1946 Publica o livro de poesia Canções, pela Editora Globo, de Porto Alegre.
1947 Publica o livro de poesia e prosa Sapato florido, pela Editora Globo. A mesma editora lança O batalhão das letras.

1950 Publica o livro de poesia O aprendiz de feiticeiro, pela Editora Fronteira, de Porto Alegre.
1951 Publica Espelho mágico, reunião de quartetos, pela Editora Globo, de Porto Alegre, com apresentação de Monteiro Lobato.
1953 Publica Inéditos e esparsos, pela Editora Cadernos do Extremo Sul, de Alegrete. Começa a trabalhar no jornal Correio do Povo, onde escreve a seção Do caderno H até 1980.
1962 Publica Poesias, volume que reúne seus cinco livros anteriores, com apoio da Divisão de Cultura da Secretaria de Educação e Cultura do Rio Grande do Sul.
1965 Lançamento de um disco com poemas lidos pelo autor.

1966 Publica Antologia poética, organizada por Ruhem Braga e Paulo
Mendes Campos, pela Editora do Autor, do Rio de Janeiro. Viaja ao Rio
de Janeiro para lançar o livro a pedido expresso de Manuel Bandeira.
Responde-lhe assim: "Isso não é um pedido. É uma ordem. Mas você
não imagina como sou chato no intervalo dos poemas...". Em
dezembro receberá o Prêmio Fernando Chinaglia de Melhor Livro do Ano
por esta Antologia.
No dia 25 de agosto é saudado na Sessão da Academia Brasileira
de Letras por Augusto Meyer e Manuel Bandeira, que lhe dedica
um poema, intitulado "Quintanares"; é incorporado para sempre a
sua biografia. Nessa ocasião, encontra, além de Rubem Braga e Paulo
Mendes Campos, Carlos Drummond de Andrade, um de seus poetas
prediletos.
No dia 30 de julho completa 60 anos. Já nessa época, o poeta é uma
figura incorporada em definitivo à imagem cultural da cidade.
Quintana é reconhecido e festejado quando transita pelas ruas de Porto
Alegre e em especial na Feira do Livro, que acontece anualmente.
1967 Recebe o titulo de Cidadão Honorário de Porto Alegre, conferido
pela Câmara de Vereadores. Nessa ocasião, profere a seguinte frase:
"Antes, ser poeta era um agravante. Depois, passou a ser uma
atenuante. Vejo agora que ser poeta é uma credencial."
A seção Do caderno H passa a ser publicada dentro do suplemento
literário "Caderno de Sábado" do jornal Correio do Povo.
1968 É homenageado pela Prefeitura de Alegrete com uma placa de
bronze, na praça principal da cidade, onde estão inscritas suas palavras:
"Um engano em bronze é um engano eterno".
Morre seu irmão mais velho, Milton.

1973 Pela Editora Globo, publica Caderno H, com textos em prosa
selecionados pelo autor.
1975 Publica o livro de poesia infanto-juvenil Pé de pilão. A introdução
de Erico Verissimo traz a seguinte frase: "Descobri outro dia que
o Quintana na verdade é um anjo disfarçado de homem. Às vezes,
quando ele se descuida ao vestir o casaco, suas asas ficam de fora."
1976 Recebe a medalha "Negrinho do Pastoreio" do Governo do Estado
do Rio Grande do Sul quando completa 70 anos. Publica o livro de
poesia Apontamentos de história sobrenatural.
Publica Quintanares, edição-brinde de poesias.
1977 Publica A vaca e o hipogrifo pela Editora Garatuja, de Porto Alegre.
Recebe o Prêmio Pen Clube de Poesia Brasileira por seu livro
Apontamentos de história sobrenatural.
1978 Publica a antologia paradidática Prosa & verso, pela Editora Globo.
Pela Editora Globo, publica Chew me up slowly, tradução de Caderno H
feita por Maria da Glória Bordini e Diane Grosklaus.
Morre sua irmã Marieta Quintana Leães.
1979 Publica a antologia Na volta da esquina, na coleção Editora Globo.
Em Buenos Aires, pela Editorial Calicanto, publica Objetos perdidos
y otros poemas, com tradução de Estela dos Santos e organização de
Santiago Kovadloff.
1980 Publica Esconderijos do tempo, pela L&PM Editores.
Recebe o Prêmio Machado de Assis, da Academia Brasileira de
Letras, pelo conjunto de sua obra literária, no dia 1º de julho.
Com Cecilia Meireles, Vinicius de Moraes e Henriqueta Lisboa,

Integra o sexto volume da coleção didática Para gostar de ler, da Editora ÁtiLa, de São Paulo.
A sobrinha-neta do poeta, Elena Quintana, monta o espetáculo
A estrela e a sucata com base em poemas do autor. A partir daí, se converte em companheira constante do tio até o seu falecimento.
1981 Lançamento de Nova antologia poética, pela CODECRI, do Rio de Janeiro.
Retoma a publicação dos textos que compõem a seção Do caderno H no suplemento literário Letras & Livros", do Correio do Povo, até 1984, quando o jornal encerra temporariamente suas atividades.
Participa da Jornada de Literatura Sul-rio-grandense, em Passo Fundo, organizada pela Universidade de Passo Fundo e pela 7a Delegacia de Educação. É homenageado, com Josué Guimarães e Deonísio da

Silva, pela Câmara de Indústria, Comércio, Agropecuária e Serviços de Passo Fundo.
1982 Em 29 de outubro, recebe o título de Doutor Honoris Causa, concedido pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).
1983 Publica Lili inventa o mundo, pela Editora Mercado Aberto, de Porto Alegre.
Na Coleção Os melhores poemas, da Global Editora, de São Paulo, é publicada uma antologia com organização de Fausto Cunha.
Na IIIA Festa Nacional do Disco, em Canela, Rio Grande do Sul, é lançado o álbum duplo Antologia poética de Mario Quintana.
1984 Publica Nariz de vidro, com seleção de textos feita por Mery Weiss, pela Editora Moderna, de São Paulo.
Sai a 2a edição de O batalhão das letras, pela Editora Globo.
Lança O sapo amarelo, pela Editora Mercado Aberto, na XXXa Feira do Livro de Porto Alegre. O Instituto Estadual do Livro publica o fascículo "Mario Quintana" da série Autores Gaúchos.
1985 Publicação do álbum Quintana dos 8 aos 80.
Lança ainda, pela Editora Globo, Diário poético, Nova antologia poética e a antologia paradidática Primavera cruza o rio.
1986 É eleito Patrono da XXXIª Feira do Livro de Porto Alegre.
Lançamento da antologia 80 anos de poesia, organizada por Tania Franco Carvalhal para a Editora Globo por ocasião dos 80 anos do poeta.
Publica Baú de espantos, pela Editora Globo, reunião de 99 poemas inéditos (1982/86).
Recebe o título de Doutor Honoris Causa da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) e da Pontificia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS).
1987 Lança Da preguiça como método de trabalho, pela Editora Globo, coletânea de crônicas da seção Do caderno H publicadas no jornal Correio do Povo.
Publica Preparativos de viagem, pela Editora Globo.
1988 Pela Editora Globo, publica Porta giratória, reunião de escritos em prosa.
1989 Publica A cor do invisível, pela Editora Globo.
Pela Ediouro, do Rio de Janeiro, sai Antologia poética de Mario Quintana.
Recebe o título de Doutor Honoris Causa da Universidade de

35

Campinas (UNICAMP) e da Universidade Federal do Rio de Janeiro
(UFRJ).
É eleito Príncipe dos Poetas Brasileiros, entre escritores de todo o
país, em promoção realizada pela Academia Nilopolitana de Letras,
pelo Centro de Memórias e Dados de Nilópolis e pelo jornal A voz
dos municípios fluminenses. É o quinto poeta a receber esse título
Seus antecessores são: Olavo Bilac, Alberto Oliveira, Olegário Mariano
e Guilherme de Almeida.
1990 Publica Velório sem defunto, livro de poemas inéditos, pela Editora
Mercado Aberto, de Porto Alegre.
1992 A edição comemorativa de A rua dos cataventos é lançada pela
Editora da UFRGS.
1993 Poemas seus são publicados na Revista Poesia Sempre, da Fundação
Biblioteca Nacional! Departamento Nacional do Livro.
Integra a antologia bilíngüe Marco sul! Sur-poesia, publicada pela
Editora Tchê!.
Seu texto Lili inventa o mundo recebe montagem para teatro infantil
por Dilmar Messias.
Treze de seus poemas são musicados pelo Maestro Gil de Rocca
Sales.
1994 Publicação da antologia de poesia e prosa poética infanto-juvenil,
Sapato furado, pela Editora FTD.
Publicação de textos no número 211 da revista literária Liberté,
editada em Montréal, Québec, Canadá.
Publicação, pelo Instituto Estadual do Livro (RS), de Cantando o
imaginário do poeta, partituras do espetáculo musical constituído de poemas
musicados pelo Maestro Adroaldo Cauduro e apresentado no Teatro
Bruno Kiefer pelo Coral da Casa de Cultura Mario Quintana.
Morre, no dia 5 de maio, aos 88 anos, em Porto Alegre, onde viveu a
maior parte de sua vida. A esta cidade dedicou um de seus poemas
mais conhecidos, "O mapa", transcrito em bronze na Praça da
Alfândega, no centro da cidade. Nessa praça está também eternizada
sua figura em bronze, na companhia do poeta Carlos Drummond
de Andrade, em esculturas de Francisco Stockinger.

36

ICONOGRAFIA

37

38

Acervo da família

Mario Quintana Criança.
Com a mãe, Virgínia, e o irmão menor, Celso.

39

Com os irmãos Marieta e Celso.

40

Mario Quintana na Feira do livro de Porto
Alegre quando foi patrono, em 1985.

Com Tania Franco Carvalhal.

41

Carlos Drummond de Andrade, Vinicius de Moraes, Manuel Bandeira, Mario Quintana, e Paulo Mendes Campos, 1966, em casa de Rubem Braga.

42

FORTUNA CRÍTICA

43

O "FENÔMENO QUINTANA"*

Meu Caro João Inácio,
Impressionado com o Aprendiz de feiticeiro, pede-me você algumas informações sobre o "fenômeno Quintana" (sic). A história é comprida e exige um salto ao passado, para tomar novo impulso e dar ambiente ao retrato.
Quando da Semana de Arte Moderna, ainda viviam lado a lado, numa competição de influências, em nosso acanhado meio literário, Parnasianismo e Simbolismo. Em Vovó musa (1902) e Na torre de marfim (1910), de Zeferino Brasil, sentimos por vezes um equilíbrio instável, que provem deçses dois influxos, O próprio Marcelo Gama, tão pessoal sempre e de certo modo tão moderno, mesmo em seu momento mais alto, que é Noite de insônia, ainda se entrega ao balanço desse vaivém. De qualquer modo, simplificando as coisas, podemos afirmar que a influência simbolista é que prevalecia. com o exemplo de Eduardo Guimaraens e Alceu Wamosy, a grande dupla do Simbolismo no Sul. Wamosy publicara em 1914 Na terra virgem, com expressiva dedicatória a Cruz e Sousa; já então Eduardo Guimaraens, com a publicação de parte dos originais reunidos dois anos depois em Divina quimera e admiráveis traduções de poetas franceses, preparava o ambiente necessário à melhor compreensão da nova sensibilidade poética.
Ora, em 1922, metida numa pele de arlequim, imitada evidentemente do Arlecchino de Soffici, já em terceira edição no ano anterior, surgia Paulicéia desvairada, com a furiosa e contundente Ode ao burguês, que eu tive a ousadia de recitar, ou melhor, de gritar num sarau da Sociedade Jocotô, na fase mais combativa do Modernismo. Se lembro aqui Soffici - e deveria citar, em vez do Arlecchino, os Primi principi di una estetica futurista -, é apenas para acentuar a "influência das escolas européias de vanguarda, gerando entre nós um movimento que se tornou conhecido sob o nome de Modernismo", como observou Manuel Bandeira. A verdade é que, em 24 ou 25, devorávamos na

___

* Diário Carioca, Rio de Janeiro, 14 jan, 1951.

província alguns poetas europeus de expressão mais avançada: Apollinaire, Aragon, Cendrars, Max Jacob, Salmon, Govoni, Folgore, Palazzeschi etc...
A essas influências convém acrescentar a do grande Manuel Bandeira, com o Ritmo dissoluto, que todos nós seríamos capazes de reproduzir de memória, mesmo dormindo.
De outro lado, acentuara-se a preocupação nativista ou brasileirista: Meu, de Guilherme de Almeida, Pau brasil, de Oswald de Andrade, Borrões de verde e amarelo, de Cassiano Ricardo, os Epigramas de Ronald e a pregação das revistas, que estão pedindo catálogo. Essa febre Nativista de

algum modo já existia no Rio Grande, com o renovo do nosso Regionalismo, mas num sentido muito restrito, convencional às vezes, decerto não condizendo com o espírito da nova cruzada. Não quer dizer isto que o Modernismo gaúcho resultou de uma simples transformação do Regionalismo; creio que houve coincidência de motivos, convergência de propósitos. Faltava criar, fora daqueles moldes tradicionais, uma poesia sem compromissos, mais subjetiva, de visão mais ampla e direta, livre também das peias dialetais. É em tal sentido que devemos interpretar a maioria das obras que então gritavam o seu título nas vitrinas da Livraria do Globo, sob o sorriso complacente de João Pinto da Silva e Mansueto Bernardi: Minha terra, Terra impetuosa, Coração verde, Gado xucro, Trenz da serra, Vinho novo, Rodeio de estrelas...

Imagine agora, nesse ambiente, como uma espécie de boi Corneta, "fenômeno Quintana". Era uma pálida visão dos contos de Hoffmann e caíra um belo dia das nuvens, em plena Rua da Praia, entre o Café Colombo e a esquina da Casa Masson, apesar de murmurar-se prosaicamente que viera pelo trem e do Alegrete. Parecia atrapalhado com um excesso de dedos e atirava as pernas como quem vai chutando balões coloridos, das mais estranhas formas. Em pleno fervor do poema-piada, ou dos caligramas crioulos, quando já ensaiávamos os primeiros borborigmos surrealistas, só abria a boca - uma boca larga de clown, rasgada de orelha a orelha
- para elogiar as panóplias de Heredia. Morava em inumeráveis pensões balzaquianas, onde afiava a língua bem temperada e sempre a serviço do mais puro espírito de contradição.

Depois de alguns duplos, cortados no inverno com o pingo de fogo da caninha, lambuzava-se todo de gozo com Racine ou Gamões, acabando fatalmente por declarar que o episódio de Adamastor era verde-garrafa.

- Verde-garrafa, Mario, não será influência da cerveja?

Mas os violoncelos que havia no fundo da sua voz e os grandes olhos verdes confirmavam aquela cor.

Deitando a cabeça de lado, quase ao nível da mesa, para persuadir melhor o interlocutor, marcando o compasso com uma pancada dos cartões de chope, que vida profunda sabia insuflar aos versos com aquela voz cantante e grave, poderosa então de magia, e tão diferente da sua voz habitual! Pareceu-me que usava sua voz habitual como um falsete de mascarado, para despistar, e a verdadeira, a quente e cheia, só podia despertar ao toque mágico da poesia.

Foi assim que aprendi a traduzir essa aparência um tanto pueril, de boêmio esquisitão, em essencia duradoura e preCiosa; a sentir, sob o feixe de nervos, o cerne de uma forte personalidade. Foi assim - e na outra voz, a autêntica, a do Mestre Feiticeiro que ouvi alguns desses mesmos poemas agora reunidos no pequeno caderno editado pela Fronteira. Era nova a música e não cabia em nenhuma receita ou formulário do momento. O poeta balbuciava uma linguagem só dele, guia e exemplo de Stefan George, tentando achar para cada coisa seu nome próprio.

"Ernst und einsam/ Erfand er füt die Dinge eigne Namen..."

Nada mais comovente do que a pressão do Canto a abrir caminho no meio de um labirinto de influências e pendores desencontrados, a balbuciar, a murmurar, batendo às portas da consciência. E não era possível ajudá-lo em nada; como todo verdadeiro criador, vivia num pOÇO de silêncio, em que só reboava o eco da sua própria voz.

Veja você na página 3ª do seu Aprendiz o admirável "Bar", que é para mim como um velho amigo, pois acompanhei a gestação do poema, e mais tarde Mario Quintana entregou-me cópia de seu punho. Minha predileção talvez esteja ligada a elementos sentimentais e impuros; através dos versos, vejo a imagem do poeta em sua aventura noturna, de bar em bar, com medo de recolher à pensão distante, no alto da ladeira triste, quando os gatos cruzam a rua e a cerração da madrugada põe um gosto amargo na boca. Representa para mim toda uma fase da mocidade, com a presença de amigos perdidos, horas perdidas. E assim escrevia o poeta no mármore da mesa "letras que não formam nome algum", para voltar depois, cansado, ao longo das janelas mortas: "Ao longo das janelas mortas / Meu passo bate às calçadas./ Que estranho bate/... Será/ Que a minha perna é de pau?"
O que eu posso atestar, João Inácio, é a autenticidade, a cristalinidade da sua arte - e é este o "fenômeno Quintana", saiba você. Não sei de outro poeta em que o poema seja uma consubstanciação tão perfeita entre viver e Cantar, entre sofrer vivendo e sofrer cantando. Ele é, dando luz na corrida a todos, o maior poeta moderno do Rio Grande.

Especialmente no Aprendiz de feiticeiro, se aguço o ouvido da saudade, ouço a genuína voz de Mario Quintana, grave e pungente; mais que nos sonetos, mais que nas canções; e sem dúvida mais que nas deliciosas reticências do Sapato florido.
Posso agora dizer com quanto receio acompanhei a publicação dos seus livros; temia que o poeta, rebelde e cabeçudo, acabasse desprezando os seus melhores poemas. Foi por espírito de contradição, por teimosia e capricho, que ele escolheu para estrear no prelo os sonetos da Rua dos cataventos. Já então teria sido possível coligir em volume o essencial deste grande livrinho, cuja dedicatória me enche de orgulho, saudade e alegria.
Adeus, João Inácio, até quando? Se você quiser conhecer de perto o "fenômeno Quintana", procure no catálogo o endereço do Hotel Glória; não o solene e imponente Glória do Flamengo - salvo seja! -, mas o Hotel Glória de Porto Alegre.

POESIA E PoÉTIcA DE MARIO QUINTANA *

Informa-nos Augusto Meyer que Mario Quintana poderia ter estreado com "o essencial" dos poemas de O aprendiz de feiticeiro, em vez de fazê-lo com os sonetos da Rua dos cataventos. Foi uma estréia duplamente tardia: o poeta já andava pela casa dos 34 anos e seu primeiro livro era de sonetos aparentemente convencionais. O soneto saíra de moda. Só uns dez anos depois seria "ressuscitado" pela chamada "Geração de 45, e mesmo assim com um tratamento que o diferençava consideravelmente do soneto parnasiano e do soneto simbolista ou neo-simbolista.
Mas Quintana tinha razão em lançar primeiro A rua dos cataventos, se não queria perder irremediavelmente os sonetos de sua juventude. Como teve razão ainda em lançar como segundo livro as Canções, que revelam súa transição do "passadismo" para o Modernismo. Em 1946, James

Amado já se referia a alguns poemas que só iriam aparecer vinte anos depois, na Antologia poética. A ordem de publicação adotada pelo poeta revela uma aguda intuição crítica de oportunidade e ao mesmo tempo uma consciência crítica de seu próprio valor. Se um dia se fizer a cronologia sistemática de seus poemas, o que não será demasiado difícil pelo menos para os poemas do famoso Caderno H e os estampados na Revista do Globo (mesmo que ele os extraia, como dizem os seus amigos, de uma gaveta cheia de poemas de todas as épocas), ter-se-á, ao que nos parece, uma visão de sua unidade essencial e de sua evolução ao longo de uma linha harmoniosa e constante, pouco importa que às vezes o poeta nos dê a impressão de caminhar em círculo.

Duas preliminares que convém ter em vista: o ano de publicação dos livros de Mario Quintana (especialmente a Rua e os Novos poemas) não pode servir de medida de sua eventual atualidade criadora; e, segunda, em

___

* In: A leitura aberta: estudos de Crítica literária. Rio de Janeiro: Cátedra / Instituto Nacional do Livro, 1978.

nenhum momento se deve considerar Mario Quintana como um ingênuo ou um retardatário em relação ao Modernismo de 22, como acontece, por exemplo, com outro sonetista da linha de Antônio Nobre, o pernambucano Austro Costa - com quem algumas vezes o Quintana da Rua tem nuances em comum. No Brasil de 1940 ainda eram numerosos os poetas provincianos que faziam sonetos à moda de Bilac, de Nobre, Cruz e Sousa ou de Augusto dos Anjos, para não falar nos que ainda viviam em pleno romantismo castroalvino. É bom lembrar que, vinte anos depois da Semana de Arte Moderna, a receptividade da província aos sonetos à antiga era ainda muito maior do que a dispensada ao Modernismo, que permanecia de fora dos livros escolares e só era ensinado por professores mais avançados. Toda a reação literária a 22 estava ainda viva e atuante, confundia-se (de boa e má-fé) Modernismo com Futurismo, o poema-piada era apresentado como o protótipo da nova estética literária.

Isso quer dizer, entre outras coisas, que, se o aparecimento de um livro de sonetos neo-simbolistas podia, para uma crítica mais radical em termos de Modernismo, ser considerado um fato marginal e mesmo desprezível, para o grande público esses versos ainda atendiam às suas necessidades imediatas de consumo; é bem verdade que, no caso específico de Quintana, esse público tradicionalista não podia perceber algumas dissonâncias e liberdades que o sonetista se permitia. Quem escreve estas linhas aprendeu numa antologia escolar - já bastante avançada para a época - onde se podia ler o "Soneto VIII" da Rua, dedicado a Dyonelio Machado. E lembra-se de que ele foi estudado e decorado como um soneto convencional, sua pungente beleza àparte.

Se dissemos que Mario Quintana em 1940 não era um ingênuo nem um retardatário no campo estético foi porque não nos esquecemos de que por essa época ele assinava traduções de algumas das obras mais avançadas e decisivas da moderna literatura mundial: Proust, Virginia Woolf; traduziu Charles Morgan, autor menor mas que não só no Brasil como na Europa era o ídolo de uma legião de jovens escritores, os de antes da II Guerra (ver, por exemplo, o que diz R. M. Albérès: "A fonte e Sparkenbroke foram, por volta de 1938, os livros de cabeceira de uma geração, com

sua arte inimitável da nuance impressionista e sua análise elegante e superficial dos problemas do espírito e do coração"). Em contato, desde os vinte anos, com a literatura européia contemporânea, graças ao seu emprego na Livraria do Globo (Porto Alegre) na seção de livros estrangeiros, não era por falta de conhecimento que ele ainda preferia Antônio

Nóbre. Sua geração e a geração imediatamente anterior abeberaram-se fartamente não só em Nobre e Cesário Verde (o futuro contista Anibal Machado usou, como poeta, nas suas primícias, o pseudônimo de Antônio Verde, numa dupla homenagem epigônica), como em Verhaeren, Rollinat, Laforgue, Maeterlinck, Huysmans, D'Annunzio, Samain e alguns poetas menores hoje esquecidos na própria Europa.

A tentação de considerar Mario Quintana, por sua estréia tardia com um livro de sonetos, como uma ilha solitária nos pampas modernistas, reduz-se a nada quando consideramos a primeira obra de Jorge de Lima, Tasso da Silveira, Menotti del Picchia, Mário de Andrade, Guilherme de Almeida, Cecilia Meireles, José Geraldo Vieira, Manuel Bandeira onde essas e outras influências (Bilac, Raimundo Correia, Júlio Dantas, Guerra Junqueiro) são notórias. Mesmo alguns poetas de 45 ainda cheiravam, na èstréia, ao leite parnasiano...

Essas notas preliminares são jogadas com a intenção de não nos deixarmos seduzir pela idéia do anacronismo da Rua dos cataventos, com o pretexto subjacente de o explicarmos como uma resistência qualitativa a um Modernismo ainda informe.

Isso não quer dizer, por outro lado, que o consideremos um livro "moderno" em 1940. A dicção de vários sonetos desse livro já era, naquele ano, irreparavelmente dessueta. A própria homenagem ao Só de Antônio Nobre e algumas paráfrases parciais dificilmente se justificavam, exceto como ato honestidade criadora. Recentemente, por ocasião do centenário de seu nascimento, alguns escritores portugueses de gerações mais novas negaram radicalmente o valor de Antônio Nobre, houve quem o considerasse uma influência literária em certo sentido perniciosa. É o mesmo exagero para o lado negativo que houve para a consagração. Só continua sendo um dos mais belos momentos da lírica portuguesa e sua larga influência no Brasil, menos que um equívoco estético, foi uma venturosa coincidência de ajustamentos afetivos.

A bibliografia crítica sobre Mario Quintana é escassa, mas quase sempre de grande qualidade. A rua dos cataventos foi um livro bem recebido, dentro da precariedade instrumental em que se debatia a crítica brasileira em 1940. Ainda havia o critério de consagração, e de certa forma Quintana Se consagrou com esse livro. O Modernismo - aquilo que não muito distintamente se chamava então de Modernismo - ganhava foros de escola Oficial junto à crítica dominante. Mário de Andrade, Murilo Mendes, Jorge de Lima, Carlos Drummond de Andrade sobressaíam ao lado de Manuel

Bandeira, Cassiano Ricardo, Guilherme de Almeida, A. F. Schmidt (Cecilia Meireles ainda era um nome tímido na poesia, apesar do alto nível de Viagem, 1938, premiado pela Academia numa escolha dignificante). Desses apenas Drummond e Schmidt publicaram obra em 1940: Drummond, em

Sentimento do mundo, um dos maiores livros da literatura brasileira, e Schmidt, o desigual Estrela solitária.
A citação desses nomes evidencia que A rua dos cataventos, com Seus sonetos aparentemente passadistas, não era um fóssil literário; fósseis já eram, por exemplo, os XIV Alexandrinos de Jorge de Lima. Era um livro que ainda podia falar à sensibilidade dos modernistas de 22 e 30, que haviam experimentado o verso parnasiano e simbolista e que podiam também sentir o que havia de conquista formal, de inovação, de modernismo até, nos versos à antiga de Quintana.
A própria continuação de sua obra mostrou que o poeta não era um solitário: sua linha se cruza numerosamente com a de Cecilia, Guilherme Bandeira, Augusto Meyer, e até Drummond, cuja frase coloquial não difere da de Quintana, sobretudo no poema curto e no uso sutil da ambigüidade em todos os seus sete tipos.
Mas nem sempre a critica do momento estava atenta a esses pormenores. Escrevendo sobre o livro, numa página que mais tarde excluiria, porém que ainda figura no Jornal de Crítica, série I, diz Álvaro Lins:

"Já tendo declarado minha predileção pela poesia moderna, sinto-me muito bem com a oportunidade que me oferece o Sr. Mario Quintana (A rua dos cataventos, Porto Alegre, 1940) de poder louvar um poeta da melhor espécie dentro dos processos da velha poética. Não sei quais tenham sido as relações do Sr. Mario Quintana com o Modernismo, mas os seus versos mostram-no como uni indiferente ao que se passou, entre nós, de 1922 para cá. O seu livro se compõe de 35 sonetos, todos bem rimados, bem metrificados, bem estruturados. O poeta não se permite a mínima liberdade com esta forma secular de 14 versos.
Dispondo, no entanto, de recursos tão limitados, consegue realmente comover porque é um autêntico poeta. Mas comoveria ainda mais se não fosse tão generalizada, e tão ostensiva, em sua obra, a presença de António Nobre."

Pouco adiante, diz o crítico que a poesia de Mario Quintana "é simples, limitada, repetida, como os próprios decassílabos de seus sonetos. E mais:

"A poesia de Mario Quintana é toda intimista: ela se forma na zona de superfície da sensibilidade; ela exige, para se comunicar, que o leitor se encontre no estado de espírito propício, que se disponha a confidências sussurradas, que se determine a ouvir um poeta de voz mansa, suave e delicada. Pois, neste poeta gaúcho, tudo é delicadeza, é simplicidade, é humildade."

Essa página, escrita em 1940, não passou nem podia passar pelo crivo do crítico literário quando este, anos mais tarde, remanejou sua obra para lhe dar uma estrutura mais coesa. Continha uma visão generosa, mas extremamente superficial, do fenômeno Quintana. Havia diversos erros de informação, denotando uma leitura impaciente e incrédula. As "relações de Mario Quintana com o Modernismo" parecem-nos óbvias no texto da Rua.
A presença de Antônio Nobre era deliberada, buscada (afinal, um poeta tem o direito de render seu tributo), mas é na maioria dos casos uma presença alusiva ou, antes, remissiva. Ela não invalida nem ocupa o espaço destinado ao próprio Quintana, que em momento algum é um epigono ou saudosista

do Só. De certa maneira, é até um recurso de que o poeta se vale para ganhar e revelar maior liberdade estrutural.
A alusão "à delicadeza, à simplicidade, à humildade" de Mario Quintana mostra como sua poesia é mais difícil, mais obscura, do que parece à primeira vista. Ela nada tem de humilde nem de simples: estamos diante de um artesão irônico e astuto, com um grande domínio de seu instrumento de trabalho, alquimista da ambigüidade, cultivador do hermetismo. Muitos versos de Quintana permanecerão inexplicáveis.
Todavia, o único erro grave de leitura por parte do crítico foi quando afirmou que "o livro se compunha de sonetos todos bem rimados, bem metrificados, bem estruturados." Bem rimados e bem estruturados são todos, não há dúvida, mas a metrificação de Quintana está longe de ser a tradicional entre nós, a ponto de Ãlvaro Lins declarar que ele "não se permite a mínima liberdade com esta forma secular de 14 versos". Nem seus decassílabos são sempre repetidos (notar que vários sonetos da Jóia não são decassilábicos).
Logo no "Soneto XIV" temos este primeiro quarteto: "Dentro da noite alguém cantou. / Abri minhas pupilas assustadas/ De ave noturna... E as minhas mãos, velas paradas,/ Não sei que frêmito as agitou!"
Eis aí uma admirável combinação de versos de 8, 10, 12, e um quarto que, por simetria, podemos ler como de 8 sílabas, embora possa alongar-se por 9 e mesmo 10 sílabas. Observem-se o enjambement e a cadência do terceiro verso. O terceto final desse mesmo soneto combina versos de 12, 7

e 8 sílabas, com o primeiro cabendo na categoria dos versos inumeráveis, de que fala Manuel Bandeira: "Foi minha própria voz, fantástica e sonâmbula! / Foi, na noite alucinada, / A voz do morto que cantou."
Por essas e outras razões, o poeta deve ter sido o primeiro a ficar surpreso ante as afirmações do crítico sobre a "regularidade" de seus versos.
Não se trata aqui de refutar este ou aquele critico, e sim de mostrar que mesmo a um leitor mais experiente e encartado no processo literário, como era o caso de Álvaro Lins, o óbvio pode passar despercebido quando há um juízo preconceitual.
Sérgio Milliet, que além de crítico era poeta (e, diga-se desde logo, um dos críticos mais tolerantes deste país), foi mais direto e quase cruel nas suas observações, ainda que com a clara intenção de elogiar. Transcrevemos do Diário crítico, volume 3:

"Alguns desses sonetos que Mario Quintana reuniu há tempo, em A rua dos cataventos, hão de figurar em todas as antologias futuras. No entanto, esses versos serão por certo os menos significativos da sua obra. Mas "les têm todos uma facilidade de expressão, uma melodia natural, uma limpidez de imagens que descansam e agradam, como a música leve descansa e agrada ao ouvido mais exigente, desde que não comporte pretensões excessivas.
A critica mais requintada talvez expulse esses sonetos da poesia, mas o público os aceitará sempre e lhes dará um lugar que, afinal, ninguém poderá lhes tirar. Prevejo, para alguns desses sonetos, destino semelhante aos de Raimundo Correia ou Olavo Bilac."

Mas justamente o que Mario Quintana precisava era de uma crítica requintada! O público, no final das contas, foi menos caloroso do que Milliet imaginava e Quintana começou a arrebanhar os seus maiores admiradores justamente entre os leitores mais requintados, aqueles que, como o próprio

Sérgio Milliet, podiam ver no verso "Nenhum azul para te distraires", do "Soneto XVI", "indiscutivelmente, uma solução digna de Mallarmé".
Embora alguns sonetos da Rua possam ser considerados como "valsas de esquina", por sua leveza encantatória, há em Quintana, desde OS primeiros sonetos, um tratamento rítmico e melódico muito consciente, não raro magistral. Sérgio Milliet tem razão quando fala num certo preciosismo do poeta, herança estética de que Mario Quintana jamais se libertará inteiramente. Outra coisa que Milliet captou muito bem nos sonetOS da Rua foi "essa atmosfera imponderável das evasões oníricas", que se fará

presente em toda a obra de Quintana. Mais tarde, escrevendo sobre Sapato florido, mostrou-se ainda mais sensível à personalidade do poeta e lembrou uma aproximação perfeitamente válida: Álvaro Moreyra, nome hoje um pouco esquecido mas que chegou a criar um estilo dos mais imitados em certa época. É claro que se trata de um parentesco um pouco afastado (entre Quintana e Moreyra), e não de uma semelhança facial.
A melhor explicação de que dispomos sobre o "fenômeno Quintana" foi-nos dada por Augusto Meyer em A forma secreta. Devemos dizer de passagem que, ao longo de toda a nossa convivência com o mestre de A chave e a máscara, ele nunca deixou de estimular a nossa admiração pessoal pelo poeta (e Meyer também o era). Nessa página, temos uma risonha descrição fisica de Quintana - "Parecia atrapalhado com um excesso de dedos e atirava as pernas como quem vai chutando balões coloridos" - é também um retrato literário dos mais iluminadores. Explica-nos por que Mario Quintana permaneceu à margem do movimento gauchista, embora sua dicção, em mais de um momento, revele o intimo sentimento gauchesco. "Em pleno fervor do poema-piada, ou dos caligramas crioulos, quando já ensaiávamos os primeiros borborigmos surréalistes, só abria a boca - uma boca larga de clowu, rasgada de orelha a orelha para elogiar as panóplias de Heredia." É o que nos diz Meyer, apanhando-nos um pouco de surpresa, porque se alguém desse grupo deixou páginas de autêntico sabor surrealista foi sem dúvida Mario Quintana. E rematando o retrato, depois de falar na "vida profunda [que Mario Quintana] sabia insuflar aos versos com aquela voz cantante e grave, poderosa então de magia, e tão diferente de sua voz habitual":

"Foi assim que aprendi a traduzir essa aparência um tanto pueril, de boêmio esquisitão, em essência duradoura e preciosa; a sentir, sob o feixe de nervos, o cerne de uma forte personalidade. Foi assim e na outra VOZ, a autêntica, a do Mestre Feiticeiro que ouvi alguns desses mesmos Poemas agora reunidos no pequeno caderno editado pela Fronteira. Era nova a música e não cabia em nenhuma receita ou formulário do momento, O poeta balbuciava uma linguagem só dele, seguia o exemplo de Stefan George, tentando achar para cada coisa seu nome próprio. [...]
Nada mais comovente do que a pressão do Canto a abrir caminho no meio de um labirinto de influências e pendores desencontrados, a balbuciar, a murmurar, batendo às portas da consciência. E não era possível ajudá-lo em nada; como todo verdadeiro criador, vivia num poço de silêncio, em que só reboava o eco da sua própria voz."

A referência ao poeta de Algabal, vinda de Augusto Meyer, não era casual; era honrosa e profundamente expressiva. As primeiras obras de Stefan George mostram a influência fecunda de Baudelaire, de Mallarmé e de alguns parnasianos. "Escreveu sonetos que lembram os de Heredia ou Leconte de Lisle", refere seu tradutor e exegeta Maurice Boucher. Não é o caso aqui - evidentemente de fazer qualquer aproximação entre George e Quintana, mas serve para diminuir o nosso espanto diante de um poeta jovem que, no meio da "febre nativista", se comprazia em citar sonetos de Heredia e o episódio de Adamastor dos Lusíadas, preferindo já então - aqui sim, como George - falar "a um círculo fechado de convivas". Por isso:

"O que eu posso atestar, João Inácio, é a autenticidade, a cristalinidade da sua arte e é este o "fenômeno Quintana", saiba você. Não sei de outro poeta em que o poema seja uma consuhstanciação tão perfeita entre viver e cantar, entre sofrer vivendo e sofrer cantando. Ele é, dando luz na corrida a todos, o maior poeta moderno do Rio Grande."

Essa afirmação categórica e de rara grandeza, porque vinda de um poeta que poderia disputar o mesmo título de "maior poeta moderno" do Rio Grande do Sul - colocou Mario Quintana, de uma vez por todas, na primeira linha dos poetas brasileiros modernos. Publicado que foi em vários jornais, antes de sair em livro, esse artigo de Augusto Meyer foi a pedra angular no reexame do "fenômeno Quintana".
A evolução do poeta, que Sérgio Milliet sentiria ao ler Sapato florido, é descrita de outra forma na página que estamos acompanhando. Meyer identifica no Aprendiz de feiticeiro "a genuína voz de Mario Quintana, grave e pungente; mais que nos sonetos, mais que nas canções; e sem dúvida mais que nas deliciosas reticências do Sapato florido". (Veja-se, nas entrelinhas, a hierarquia de preferências.)
Concluindo, dá-nos Augusto Meyer uma informação importante:

"Posso agora dizer com quanto receio acompanhei a publicação dos seus livros; temia que o poeta, rebelde e cabeçudo, acabasse desprezando os seus melhores poemas. Foi por espírito de contradição, por teimosia e capricho, que ele escolheu para estrear no prelo os sonetos da Rua dos cataventos. Já então teria sido possível coligir em volume o essencial deste grande livrinho, cuja dedicatória me enche de orgulho, saudade e alegria."

A obstinação do poeta em lançar primeiro A rua dos cataventos, sem sequer escoimá-lo daquilo que Sérgio Milliet chamou de "algum preciosismo bem do gosto de 1918-1922", foi em última análise um acontecimento feliz na fortuna crítica de Mario Quintana. Publicá-lo em 1940 ou antes, num país como o Brasil, não passa de um acidente editorial (muitos anos depois, em outras províncias, autores de algum renome estrearam com livros bem mais "antiquados"). Publicá-lo depois do Aprendiz, ou mesmo das CançõeS, poderia significar um retrocesso formal. Não o publicar nunca, ou só aproveitar alguns sonetos, teria sido uma perda que felizmente não se concretizou.
Foi por entender que Mario Quintana tem suas próprias razões que, depois de muito hesitar, preferimos não incluir neste estudo composições do famoso Caderno H nem lhe pedir versos inéditos. Os Novos poemas

constituem uma prova de que ele sabe ordenar sua produção com um critério altamente seletivo.
Parecia que o poeta ia ficar apenas como o sonetista da Rua dos cataventos, com sua obra posterior confinada a um circulo muito estreito de leitores ou dispersa em revistas e suplementos, quando, ao completar 40 anos, reaparece com um novo livro, Canções, de 1946. Nos cinco anos seguintes vamos ter Sapato florido, O aprendiz de feiticeiro e Espelho mágico.
A transição da Rua para as Canções se faz sem violência. Ao lado de alguns poemas em verso livre, de um único em que aparecem decassilabos ("Canção do desencontro no terraço"), e um de eneassílabos de cadência regular, lembrando um tipo de verso que foi muito usado pelos românticos brasileiros ("Canção para uma valsa lenta"), vamos encontrar predominando largamente - versos de arte menor, 4, 5, 7 sílabas, com rimas e (ou) assonâncias.
Se se quiser procurar Antonio Nobre, ele ali está, citado nominalmente. Como Verlaine, Villon e Rimbaud. Abrindo o livro com uma "Canção da primavera" o poeta parece sugerir uma certa mudança em relação ao clima crepuscular da Rua. Enquanto os sonetos do primeiro livro são visivelmente literários, no sentido de que, em muitos casos, expressam apenas uma emoção estética, nas Canções o contato com o meio ambiente, a vida, as pessoas é mais direto, o poeta se atreve a confissões ("Canções do amor imprevisto"), há mesmo aqui e ali uma nota alegre de disponibilidade. Formalmente, várias das canções encontram um parentesco em Cecilia Meireles; em espírito, algumas lembram Augusto Meyer ("Canção da garoa"). Nos comentários que acompanham este estudo, várias dessas canções São apreciadas mais detalhadamente.

Sapato florido, de 1948, é um livro por todos os titulos surpreendente. No gênero, é sem duvida um dos mais interessantes de nossa literatura. São pequenos textos de vária natureza e de conteúdo imprevisível: crônicas, quase contos minúsculos, provérbios, inscrições, legendas, manchas, anotações, repentes, fragmentos de poema, versos que ficaram a meio do caminho, reflexões, máximas, frases soltas. Mais que nas Canções, o poeta descobre o mundo, descobre as pessoas.
Às vezes, de um flagrante, estabelece uma ligação repentina: "Telegrama a Lin Yutang. - Acabo de ver um negrinho comendo um ovo cozido. Hein, Lin Yutang?"
Em "Prosódia", o poeta anota brevemente: "As folhas enchem de
ff as
vogais do vento." É um verso que se esgota em si mesmo. O poeta não deseja outra coisa. É puramente visual a projeção mágica de "Horror": "Com os seus OO de espanto, seus RR guturais, seu hirto H, HORROR é uma palavra de cabelos em pé, assustada da própria significação."
De permeio, dá nos Mario Quintana algumas das melhores páginas de sua obra. São brevíssimos poemas em prosa como "Parábola": "A imagem daqueles salgueiros n'água é mais nítida e pura que os próprios salgueiros. E tem tambem uma tristeza toda sua, uma tristeza que não está nos primitivos salgueiros" ou "Envelhecer", que, se não é a obra-prima de Mario Quintana, é certamente um de seus dois ou três instantes máximos:

Antes, todos os caminhos iam. / Agora todos os caminhos vêm. / A casa é acolhedora, os livros poucos. / E eu mesmo preparo o chá para os fantasmas."

O Sapato florido, como um todo, veio inscrever o poeta numa das
linhas criadoras mais válidas do presente século, a do realismo fantástico. Já
abordei este aspecto em outro estudo.
Se o aspecto material de um livro pode influir no seu destino, então
O aprendiz de feiticeiro nem teria existido. Era uma pobre plaqueta
lançada por uma dessas editoras que só têm o nome. E, no entanto, naqueles
31 poemas estava um dos maiores livros de poesia de nossa literatura
contemporânea.
O livro é de 1950, mas já sabemos que o "essencial" remonta às décadas
de 30-40. Poemas como "Pino", "O dia", "Floresta", "Veranico", "Sempre"
para citar apenas os mais óbvios, podem-se encartar numa estética do
Modernismo em sua fase heróica. Pelos poemas que conhecemos, Mario
Quintana jamais se aventurou por uma área de contestação aberta, como
também jamais enveredou pelo gauchismo. Suas soluções plásticas
continuaram interiores, são buscas de melodia e de ritmo.

rara nele uma solução puramente gráfica do tipo:

Um reflexo joga os seus dados de vidro.
E a minha janela é alta
alta
alta

que satisfazia plenamente as necessidades lúdicas de uma ala do
Modernismo de 22. Não é descabido falar numa presença de Mário de Andrade e
de Oswald de Andrade, mais do que da presença direta de Augusto Meyer,
em alguns versos do Aprendiz. Ha um arrojo maior, a frase mais solta, o
próprio verso às vezes se desfaz de sua condição de verso para que o
poema tenha mais liberdade expressiva.
Neste sentido, é imperioso ler O aprendiz de feiticeiro e os Novos
poemas, publicados na Antologia poética de 1966, como um livro único. No
caso de Mario Quintana, a data dos poemas e dos livros tem pouca
importância. À exceção das 111 quadras do Espelho mágico, livro puramente
circunstancial que o poeta preferiu excluir de sua Antologia/66, os Novos
poemas constituem, em número de peças recolhidas, o maior "livro" de
Quintana: são 60 poemas COntra os 31 do Aprendiz. Se excetuarmos ainda
os textos do Sapato florido e nos limitarmos aos poemas em verso,
podemos ver que, antes da publicação da Antologia, desconhecíamos cerca de
60% da produção poética de Mario Quintana. Tudo indica que os isi
poemas em verso hoje reunidos em volume representam igualmente apenas
uma parte extremamente selecionada da sua obra, que, se não é das mais
abundantes, não é também das mais exíguas.
Mesmo sem conhecer a cronologia exata dos poemas de Mario
Quintana- alguns trabalhos dos Novos poemas poderiam ter figurado no Sapato
florido, nas Canções ou no Aprendiz de feiticeiro; há mesmo uma "Canção
da primavera" que se repete entre os inéditos da Antologia - não é dificil
estabelecer uma perspectiva da evolução do poeta em relação a Oswald e
Mário, talvez Cassiano e o grupo gauchista. Mario Quintana é, por
cronologia e por adesão, um modernista da geração de 30, a segunda. Mesmo
nesta, porém, foi um aderente a principio tímido e algo dernier venu. Já
sabia exatamente a qualidade de poesia que desejava fazer, de modo que
não o deslumbrava o foguetório de primeira hora. Era tímido, mas

também irônico.
Seu temperamento artístico, que exigia um crescente requinte formal,
era Pouco sensível à implantação da desordem estética, ainda que essa

desordem fosse, como visivelmente era, o prenúncio de uma ordem nova.
O poema-piada vai repontar aqui e ali em Quintana, porém como uro
poema engajado no absurdo da vida e não como uma reação a velhos
cânones literários.
É assim que no Aprendiz e mais notadamente nos Novos poemas vamos
encontrar alguma coisa que o aproxima de Carlos Drummond de Andrade.
É preciso um esforço para deixar de ver uma alusão a Drummond nos
versos de "Arrabalde", com seu toque de irreverência: "O mundo é mais vasto.
A vaca muge,/ Puxa-me ao presente... Vasto, vasto é o pasto!"
Outro poema claramente alusivo é "O poeta e a ode", que podemos
referir "à maneira" de João Cabral de Melo Neto ou até de Henriqueta
Lisboa, mas é de estipite drummondiano.
Dentro da sistematica deste trabalho, que integra uma série, deixamos
a análise de alguns poemas do Aprendiz e da Antologia para a parte de
comentários.

Tomamos a liberdade de concluir com o que nós próprios dissemos
num estudo de 1962 que hoje figura em nosso livro A luta literária. Esse
trabalho nasceu de uma longa admiração, mas também da descoberta de
uma evidência ("Découvrir une évidence, toute la critique est lá..."), a da
grandeza do poeta. Mais do que aplicar métodos que apenas desmontam
para lembrar Paul Valéry aquilo que o poeta construiu, com sua
intuição ou gênio, deixando de fora a essência do poema, interessa-nos
transmitir esse sentimento de grandeza:

uma poesia difícil, porque intensamente alusiva e de um humour
sutil, irredutível. Uma clareza ilusória, porque de um instrumento
multivoco. E aí está o segredo dos grandes poetas: trabalham nas subcamadas
do divinatório, manipulam uma linguagem que se propaga pelos campos
simultâneos do acontecer, inserem-se no continuum espaço-tempo com
um corpo de signos dúcteis.

A poesia de Mario Quintana é o que ela é e toda uma série de
virtualidades. Um poema sem outra angústia que sua misteriosa condição de
poema, diz ele. Essa misteriosa condição faz com que possamos interpretar O
poema à luz de seus prováveis (virtuais) signos imediatos e contíguos, de
suas conotações e de suas extrapolações. Terminada a tarefa simbólica, O
poema regressa ao seu cubo original.
Pouco importa que o poeta não tenha consciência de suas virtualidades.
Ele cria dentro de um mundo-próprio para um mundo cósmico e são os

semantemas imponderaveis e não os estereotipos que asseguram a
perenidade da grande arte. Isso explica por que alguns autores "grandes" em
seu tempo (isto é, que falavam a linguagem imediata de seu tempo) são
irrecuperavelmente esquecidos no dia seguinte ao de sua morte. E por que

outros não morrem nunca, hibernam ou secam, mas ao primeiro calor, ou à primeira chuva, brotam instantaneamente. O poema é uma pedra no abismo", diz Quintana. "O eco do poema desloca os perfis".

Fausto Cunha

À DERIVA, COM O POETA MARIO QUINTANA *

Não se deve constranger um poeta dentro de esquemas muito rígidos. Como toda obra humana, a poesia permite que se lhe descubram as coordenadas psicológicas, mas convém desconfiarmos da absoluta eficácia disso, no que respeita a explicar qualquer obra lírica. Empreguemos o esquematismo, quando muito, no estudo dos poetas congenialmente limitados. Da critica impressionista ao formalismo tcheco ou ao neo-estruturalismo de alguns scholars norte-americanos (e que estes exemplos não se percam), bem como aos discípulos retardados que Georg Lukács está conquistando no Brasil - quase todos se apegam a fórmulas intocáveis; e, por esse frágil meio, tentam classificar, etiquetar o "mundo concreto" ordenado pelo artista.
Vem-me esta glosa a propósito da Antologia poética de Mario Quintana. Sinto, diante do material coligido neste volume, como é difícil a missão do crítico. Extremamente rica de aspectos, a obra até aqui realizada pelo poeta gaúcho tem sido vista segundo um "imobilismo" que ela não tem. E a sua riqueza, a riqueza com que nos surpreende o sessentão nada convicto (pois não perdeu os dons da infância, vale dizer, do poeta genuíno). Mas é isto: Quintana, com seu lirismo, apaga em nós qualquer veleidade de classificação. E quanto a mim, deixo-me levar por ele, do País de Trebizonda à Rua da Praia, da gare de Astapovo a uma pedra de Calcutá. Não desejo mais nada e saio da leitura reconhecido à mão que me guiou.
Entretanto nem tudo corre sempre com tal simplicidade neste gênero de relações que estabelecemos com a poesia. Devemos curvar-nos, aí de nós, às exigências formais de que se revestem os juízos de valor, sem o que não haveria critica de cartola, nem crítica interna, nem um simples bate-papo literário. Estariam mortas, a prevalecer a sensibilidade vagabunda, todas as "páginas literárias" - o que não prejudicaria em nada a digestão dominical dos leitores.
Tentemos, porém, equilibrar-nos num fio de seda; a obra de Quintana poderia ser dividida, quanto ao processo, em duas fases distintas. A pri-

___

* Correio do Povo, Porto Alegre, 18 set. 1966. Caderno de Sábado.

meira viria da Rua dos cataventos (1940) e, passando pelas Canções (1946), terminaria em Sapato florido (1948), livros nos quais o som é o elemento dominante do sistema encantatório. A linhagem "fonética" dos simbolistas (portUgUeses, franceses e belgas) tê-lo-ia atraido, mas as suas qualidades

de lírico fizeram com que superasse muitas dessas influências. E diga-se desde já que a conversational poetry foi sempre uma das características da arte de Quintana. De modo que o tom coloquial - traço definidor, aliás, da nossa melhor poesia, desde Gonzaga (cousa diferente do falar-bonito parnasiano, que deu em discurso) nos parece inseparável dos "quintanares", já nessa primeira fase, O próprio intimismo que ali se observa resulta
mais desse tom do que propriamente da tematica do abandono e da fuga.
Após quero dizer - com O aprendiz de feiticeiro, e,
principalmente, os Novos poemas (1966) desta antologia a interpretação lírica dada
por Mario Quintana se torna mais plástica do que musical, Os valores da forma, do volume, da cor, numa sucessão de imprevistos como nos desenhos animados vitalizam seus últimos versos. A origem desse plasticismo "O mundo é frágil/ E cheio de frêmitos/ Como um aquário... / Sobre ele desenho / Este poema: imagem / IDe imagens/" seria esta: o poeta começa a esbarrar nas cousas e a sentir a agressão dos seres vivos. Veja-se a insistência franciscana, se me permitem, com que ele fala a dos animais, dos bichos mais desprotegidos, numa espécie de cosmovisão piedosa dos seres inferiores. É a desforra. Exerce-a buscando o que é vital em formas não agressivas. Quintana seria capaz de criar uma zoologia fantástica, a exemplo de Jorge Luis Borges, e de certo modo a criou em poemas prosaicos, que desmontam o ritmo tradicional sem alienar a musicalidade. E isto põe o leitor insciente quase inareado.
Na verdade, criando mundos mágicos, o que o nosso Quintana parece procurar, na segunda fase a que me referi, são aquelas formas inertes, ou de agressividade apaziguada. Aliás, num instante de lúcida autocrítica, ele confessa: "Há os que fazem materializações... / Grande cousa/ Eu faço desmaterializações. / Subjetivações de objetos. / Inclusive sorrisos. / Como aquele que tu me deste um dia com o mais puro azul de teus olhos/ E nunca mais nos vimos [...]".
A confissão vai mais longe, e temos então este passo capital, revelador de um gênero de introspecção que libera a alma da angústia metafisica e se resolve na sensação de ver-se no mundo e inserir-se nele:

"Eu gosto é das cousas. As cousas, sim!...
As pessoas atrapalham. Estão em toda parte.

Multiplicando-se em excesso.
As cousas são quietas. Bastam-se. Não se metem com ninguém.
Uma pedra. Um armário. Um ovo. (Ovo, nem sempre.
Ovo pode estar choco: é inquietante...)"

Daí, das formas não opressivas, o seu lirismo passa a outro ângulo: os homens. E para estes o poema olha enfastiado. Que cansaço! O atrito, historiado sob a forma de poesia magoadamente confidencial, não lhe basta. É a vez do coloquialismo de Quintana, proscrevendo a eloqüência e policiando a afetividade, desfazer-se em humour.
Poemas de largo espectro, como se diz nas bulas farmacêuticas, os "quintanares" penetraram todo o Rio Grande exercendo uma ação de presença que lhe tem sido literariamente benéfica. Vemo-lo nos jovens mais representativos que estão surgindo, mesmo nos que, desejosos de afirmação, o combatem ou repudiam. Todo bom poeta é um educador.

Talvez por isso mesmo, Henri Delacroix, na Psicologia da arte, admite
que o sentimento estético é passível de educação. Receitemos então Mario
Quintana aos gordos, aos intemperantes, aos que "pensam" a poesia
prendendo-lhe as asas no barbante do silogismo. Por que chamar o Partido, a
Seita, a Razão, se o que buscamos é a Poesia?

Guilhermino César

O MUNDO REDEFINIDO *

Que é imaginação? "A memória que enlouqueceu." Alma? "Uma
coisa que pergunta se a alma existe." Estilo? "Deficiência que faz com que
um autor só consiga escrever como pode." Guerra? "Método prático de
Geografia."
Lidas uma após outra, essas definições fazem-nos estacar com o que
tem de inesperado e de sutil. Queremos ir adiante e não conseguimos, a
identificação grotesca penetrou em nós, forçou-nos a saboreá-la e a
mastigá-la, até percebermos, por trás do chiste, toda uma visão anti
convencional do mundo.
Visão às vezes chocante, outras vezes absurda, mas sempre reveladora
de um aspecto intimo das coisas e dos seres, e que, uma vez apontado,
aparece como essencial. Como é possível que nós mesmos não o tenhamos
descoberto?
O trabalho? "A farra dos velhos." A recordação? "Uma cadeira de balanço
embalando sozinha." Picasso? "Famoso precursor da Thalidomida."
Essa quinta-essência estava latente muitas vezes dentro dos nomes das
coisas: basta um trocadilho para patenteá-la. "Os macróbios são
macróbios porque têm medo dos micróbios."; "Os verdadeiros versos não são
para embalar - mas para abalar."
Vejam-se, na mesma ordem de idéias, estas piadas que têm titulo,
começo e fim:

"História do fim do mundo. -5 minutos depois de todas as nações do
mundo declararem a mobilização geral, houve a imobilização geral."
"Uma interrogação moderna. - Mas que quer dizer "interlocutor"? Eu
só conheço locutores."
"Azar. Quando guri eu tinha de me calar à mesa: só as pessoas
grandes falavam. Agora, depois de adulto, tenho que ficar calado para as crianças
falarem"

___

* Correio do Povo, Porto Alegre, 23 mar. 1974. Caderno de Sábado.

Nessas minicomédias ou minidramas o choque de palavras
provocador de estalos é desencadeado pelo título, ao qual cabe uma parte no

acender-se do fogo de artifício. Mais um exemplo de como a função do título é orgânica:
"Frases que matam. - Mas como você está bem conservado!"
O jogo verbal vai além do jogo, desencadeia reações de sociólogo ("Pobres. - Espetáculo predileto dos ricos."; "Ricos. Espetáculo predileto dos pobres."), do historiador ("Se dependesse das mães, não haveria guerras! Mas as filhas preferem os soldados..."), do filólogo ("A expressão mais idiota que existe é adeusinho"), do crítico ("Cá entre nós.
- Os clássicos escreviam tão bem porque não tinham os clássicos para atrapalhar").
Até agora o prazer de transcrever impediu-me de designar a fonte das minhas citações. Mas os leitores de Mario Quintana devem tê-la identificado. Sim, esses pensamentos ou conceitos, ou axiomas ou facécias, ou lampejos ou poemas em prosa afinal reunidos em volume fazem parte do seu Caderno H1. Não sei por que Caderno H. Sei apenas que há anos vivo recortando, como vários amigos meus, esses itens indefiníveis no Caderno de Sábado, onde ocupam uma coluna semanal. O presente volume nem de longe contém todo o material, mas dá uma idéia de sua qualidade e variedade. Até a falta de ordem em que são apresentados constitui um atrativo a mais.
Mario Quintana oferece-nos, em suma, com um piscar de olhos malicioso, um manual risonho da desilusão, um prontuário do ceticismo que não fere a ninguém ("Caso clínico. - O Destino é o acaso atacado de mania de grandeza."; "E por falar em compensação. - Não sabias? AS nossas mortes são noticiadas como nascimento pela imprensa do Outro Mundo."). Este vade-mécum faz-nos rir à custa da hipocrisia, da vulgaridade do mau gosto; oferece-nos toda uma Poética colhida no decurso de uma maravilhosa experiência lírica; notas para uma Estética da línpUa portuguesa; julgamentos literários às vezes ferinos, outras vezes repassados de ternura, quase sempre justíssimos; e uma crítica da nossa época por um contemporâneo malgré lui, que une milagrosamente o senso poético, o senso de humor e o bom senso.
Graças à ironia, não há a menor pose nessas mini-máximas, de uma naturalidade total. Nem um pedantismo, ortodoxia ou fanatismo. De

___

1 QUINTANA, Mario. Caderno H. Porto Alegre: Globo, 1973.

clareza e leveza totais, encerram sínteses que desaconselham a leitura dinâmica. Espécimes da melhor prosa que se escreve entre nós, provam a utilidade da poesia e dos poetas. E nada mostra-lhes melhor o quilate que a impossibilidade de falar nelas sem que nos venha a vontade de citar o maior número possível. Ao mesmo tempo são refratárias a qualquer tentativa de imitação.
Sim, e há também reminiscências de infância, confidências e confissões, que nos introduzem na intimidade do autor, um dos grandes poetas do Brasil, que, não obstante a discrição de seu recolhimento, tantos amigos conta entre os leitores verdadeiros do país inteiro.

Paulo Rónai

UM ENCONTRO COM MARIO QUINTANA*

Segundo uma teoria que arquitetei, o sono tem muitos patamares,
digamos sete; cada qual mais profundo e cada um diferente do outro não
somente na altura mas também na espécie, nas leis, nos costumes. Na
maior parte das vezes nós nos detemos nos primeiros degraus da
descida maravilhosa e dormimos um sono superficial, banal, oficial, contado
por horas e sonhado com simbolos fáceis. Poucas vezes cada um de nós,
adultos, volvemos a dormir o sono antigo, o sono primitivo, o sono
submarino transformador, reparador, assimilador, que as crianças dormem,
sem nenhum conforto, quando caem baleadas no sofá ou no chão. Não
levo avante a teoria, O que hoje quero dizer é que coisa análoga
acontece em outras experiências da vida: na leitura de um livro de versos, por
exemplo. Há leitura e leitura. Há diversos patamares, digamos sete; e foi
por acaso, sei lá por que, que ontem, tendo recebido de um dileto amigo
um volume de Poesias1, editado pela Globo, mergulhei na grande poesia
de Mario Quintana. E lá pela altura do sétimo patamar conheci-o, sem o
conhecer, fui seu irmão sem ter nascido em Alegrete, senti-me patinho
feio sem ter sido um cisne maltratado, senti-me em bares que nunca vi e
bebi sem beber na presença distante e próxima de Mario Quintana.
Depois andamos juntos, em delírio ambulatório, pelas ruas que são simboloS
de uma comunhão de janelas cerradas. Rua dos cataventos, rua cheia de
pregões, ruazinha que dorme, e que tem um menino doente, e é ruazinha
sossegada, e rima com lua sem nenhuma convenção, pois não vimos que O
céu estava na rua e a rua estava no céu?
Como quem mergulha numa onda do mar, mergulhei numa alma
dolorida, torcida, e erguida no dorso das águas, rodei no seu rodar, caí no seu
cair,
perdi norte, direita e esquerda, ganhando dimensões que somente as crianças

___

* Diário de Notícias, Rio de Janeiro, 14 jan. 1962.

1 QUINTANA, Mario. Porto Alegre: Globo, 1962

no alto da montanha-russa descobrem. O sonho físico, como nós sabemos,
é uma experiência personalíssima e até já se fizeram piadas lusitanas com a
idéia de alguém estar no sonho do outro. Pois eu estive no sonho de Mario
Quintana e sonhei dentro do mesmo subvertido universo. Falando em
termos mais moderados, direi, sem o compromisso profissional do crítico, que
li Mario Quintana com uma felicidade, com uma casual facilidade que antes
não sentira no pouco que dele conhecia. E afianço que encontrei assim um
poeta enorme, uma alma imensa. Creio que pela primeira vez na vida li
de uma só vez um livro de poesia, e o leitor não imagina, o próprio Mario

Quintana talvez não meça exatamente o quase heroismo desta declaração
que me deixa exposto aos mil oitocentos e quarenta e três poetas que por
estas horas estão completando seus livros de versos. E, não contente com o
livro, procurei que me dissessem alguma coisa desse grande amigo nascido
nas névoas do sétimo sono. Pedi ao inesgotável Paulo Armando que me
falasse de Mario Quintana, e logo ele acorreu com edições antigas e com o que
conhecia do homem. Eu tomava notas taquigráficas: nasceu em Alegrete, no
princípio do século. Cursou o Colégio Militar. Ficou solteiro. E proustiano,
boêmio, sonâmbulo, simbolista na obra e romântico nos passos. Anda
com um ombro mais alto do que o outro, fala com um jeito de boca torta,
e transborda inocência e bondade pelos olhos azuis. Paulo Armando faz
questão de frisar: olhos azuis de marinheiro e lê o poemeto breve, de
1949,que talvez Mario Quintana não conhecia: "Somente o teu olhar azul
de marinheiro / Escapa indene ao suicídio que te arrasta / Mas não é ele que
te devolve a infância / Neste ar de pássaro sem vôo."
Amado pelos grandes, como Drummond e Bandeira, Mario Quintana
ainda é pouco conhecido, ou menos conhecido do que deveria ser. Esperemos
que a publicação do volume Poesias, organizado por Athos DamasCeno
Ferreira, e levada a cabo pela Editora Globo, traga ao Brasil este filho
maltratado tão representativo do bom Brasil e tão necessário para a
redução, a Pulverização do mau Brasil.
Acho difícil dizer qual é a melhor parte do volume. Hesito entre A rua
dos cataventos coleção de sonetos clássicos pela forma e modernos pela
matéria, admiravelmente construídos, mas sem as arestas adamantinas e
frias do parnaso, e o Sapato florido, coletânea de poemas em prosa ou de
Prosa em poemas, para confusão de M. Jourdain e alarme das senhoras
gordas leia e decida o leitor. Abra por exemplo naquela página que
começa assim: Minha morte nasceu quando eu nasci. / Despertou, balbuciou,
Cresceu Comigo..."

Ou então naquela outra: "Da vez primeira em que me assassinaram /
Perdi um jeito de sorrir que eu tinha... / Depois, de cada vez que me
mataram / Foram levando qualquer coisa minha..."
Ou ainda nesta em que o admirável soneto começa assim: "Eu faço
versos como os saltimbancos / desconjuntam os ossos doloridos. / A entrada
é livre para os conhecidos... / Sentai, Amadas, nos primeiros bancos!"
Procurei, indaguei, quais seriam as influências que teriam atuado na
poesia de Mario Quintana. O Poeta, em toda a sua soberba independência,
é o mais vinculado, o mais enredado dos homens, e é por isso que sempre
nos fascina a busca da paternidade escondida, ignorada às vezes pelo
próprio. Dizem que leu muito Camões, nem precisava dizer, pois sua
construção é toda marcada, talvez por causa de Antônio Nobre também, por
um saboroso quantuns de lusitanismo que, a meu ver, faz falta em muito
brasileirismo anLicolonialista e ressentido. Como em Jorge de Lima, sente-se
na estrutura da linguagem de Mario Quintana a boa cepa portuguesa
que, tendo por trás Camões, que é o Bach de nossa língua, não deveria
envergonhar ninguém. A mim confesso que me agrada, e que agrada ler a
leal confissão no agradecimento que o poeta endereça a Antônio Nobre:

"Anto querido, esse teu livro "Só"/ Encheu de luar a minha infância triste!
/ E ninguém mais há de ficar tão só: / Sofreste a nossa dor, como Jesus... /
E nesta Costa d'África surgiste / Para ajudar-nos a levar a Cruz!"

O resto e o melhor o leitor encontrará no livro que acaba de sair com as poesias completas de Mario Quintana.

Gustavo Corção

CARTA A MARIO QUINTANA*

Meu caro poeta: no dia 30 de julho fizeste sessenta anos1. Não venho dar os parabéns a ti, mas a mim e a todos os convivas de tua poesia. Imagina que em uma galáxia estejam reproduzidas todas as formas terrestres - a antimatéria de que falam estes descabelados românticos da realidade, os fisicos modernos. A tua contra-imagem se acha neste espaço incerto do cosmo e vai repetindo de certo modo os teus gestos terrestres. Quero dizer-te o seguinte: a tua poesia me parece uma tentativa de reprodução da tua antimatéria, da tua contra-imagen do teu retrato cósmico.

Dizes que tens pupilas assustadas de ave noturna. A gente olha e vê que éverdade. Mas onde descobriste esta verdade? Não foi no espelho claro de teu quarto: foi no espelho turvo do infinito poético. É desse abismo que vais há tanto tempo copiando a outra imagem de ti mesmo e as outras imagens de todas as coisas.

Os objetos que te impressionam são comuns: a caneta com que escreves, os telhados, as tabuletas, a vitrine do brique. Teus animais são os próximos do homem: boi, cavalo. As sensações que te fazem pulsar são as mais cotidianas: como a de um gole d'água bebido no escuro. Os sons que te empolgam são os ritornelos de infância ou fundo suspiro que se some no ralo misterioso da pia. Os mitos que te assombram são os mais familiares: Anjo da Guarda, Menino Jesus, Frankenstein, Sindbad, Jack o Estripador, Lili, Tia Ëlida, o Major Pitaluga, o retrato do Marechal Deodoro proclamando a República.

Como fazer desses elementos uma grande poesia? Só há um jeito: deles reproduzindo não o traço descrito, mas o contorno de uma contra-imagem. E isso é a tua poesia.

___

* In: O anjo bêbado. Rio de Janeiro: Sabiá, 1969.

1 Mario Quintana completou 60 anos em 30 de julho de 1966. (N do E.)

Uma vez, iluminado, um amigo me contou que esta vida, a nossa vidinha terrestre, também é sobrenatural; Guimarães Rosa vive o mistério de aquém-túmulo; Bandeira pensa que tudo é um milagre, menos a morte.

Teus quintanares, poeta, são desta mesma linha: não decifram, denunciam o mistério, O aprendiz de feiticeiro acabou envolvido pela feitiçaria, assim

como o aprendiz de realidade, o cientista, acabou envolvido pcla antimatéria.
Acho a tua poesia a mais asiática da lírica brasileira: "O mundo é frágil / E cheio de frêmitos / Como um aquário..."
E quando dizes de Camões: "Seu nome retorcido como um buzio."
Ou quando riscas uma linha despojada: "Havia no arco do algibe trepadeiras trêmulas."
Esses riscos puros dos chineses e persas antigos refazem a novidade dos objetos: é por intercessão de tua poesia que posso ver uma haste ou uma andorinha com os olhos maravilhados dos homens que viram subir ao céu os primeiros balões.

Era adolescente, aí mesmo em Porto Alegre, quando achei os teus poemas. Mudei de cidades, de bairros, de casas: teus livros mais antigos sempre me acompanham. Alguns de teus poemas e muitos de teus versos não precisam estar impressos em tinta e papel: eu os carrego de cor e, às vezes, brotam espontaneamente de mim como se fossem meus. De certo modo, são meus, e hás de convir comigo que a glória melhor do poeta é conceder estas parcerias anônimas pelo mundo.
Pois a poesia é de quem se apossa dela.
De minha parte, confesso-te, eu me orgulho de tua poesia. "Havia um corredor que fazia cotovelo: / Um mistério encanando com outro mistério no escuro..."
Na surpresa desses dois mistérios encadeados, te envio o meu abraço de aniversário.

Paulo Mendes Campos

HOMENAGENS POÉTICAS

QUINTANA'S BAR1

Num bar fechado há muitos, muitos anos, e cujas portas de aço

bruscamente se descerram, encontro, que eu nunca vira, o poeta Mario Quintana. Tão simples reconhecê-lo, toda identificação é vã. O poeta levanta seu copo. Levanto o meu. Em lugar algum - coxilha? montanha? vai rorejando a manhã.
Na total desincorporação das coisas antigas, perdura um elemento mágico: estrela-do-mar ou Aldebarã?, tamanquinhos, menina correndo com o arco. E corre com pés de lã.
Falando em voz baixa nos entendemos, eu de olhos cúmplices, ele com seu talismã. Assim me fascinavam outrora as feitiçarias da preta, na cozinha de picumã.
Na conspiração da madrugada, erra solitário - dissolve-se o bar - o poeta Quintana. Seu olhar devassa o nevoeiro, cada vez mais densa é a bruma de antanho.
Uma teia se tecendo, e sem trabalho de aranha. Falo de amigos que envelheceram ou que sumiram na semente de avelã.
Agora voamos sobre tetos, à garupa da bruxa estranha. Para iludir a fome, que não temos, pintamos uma romã.
E já os homens sem província, despetala-se a flor aldeã, O poeta aponta-me casas: a de Rimbaud, a de Blake, e a gruta camoniana.
As amadas do poeta, lá embaixo, na curva do rio, ordenam-se em lenta pavana, e uma a uma, gotas ácidas, desaparecem no poema. Ë há tantos anos, será ontem, foi amanhã? Signos criptográficos ficam gravados no Céu eterno - ou na mesa de um bar abolido, enquanto, debruçado sobre o mármore, silenciosamente viaja o poeta Mario Quintana.

Carlos Drummond deAndrade

1 In: Claro enigma. Rio de Janeiro: José Olympio, 1951.

A MARIO QUINTANA2

Meu Quintana, os teus cantares
não são, Quintana, cantares:
São, Quintana, quintanares.

Quinta-esséncia de cantares...
Insólitos, singulares...
tantares? Não! Quintanares!

Quer Livres, quer regulares,
abrem sempre os teus cantares
como flor de quintanareS.

São cantigas sem esgares,
onde as lágrimas são mares
de amor, os teus quintanares.

São feitos esses cantares
de um tudo-nada: ao falares,

luzem estrelas e luares.

São para dizer em bares
como em mansões seculares,
Quintana, os teus quintanares.

Sim, em bares, onde os pares
se beijam sem que repares
que são casais exemplares.

___

2 Poema com que o autor foi saudado, pelo poeta Manuel Bandeira, em sessão da Academia Brasileira de letras realizada no dia 25 de agosto de 1966.

E quer no pudor dos lares,
quer no horror dos lupanares,
cheiram sempre os teus cantares

Ao ar dos melhores ares,
pois são simples, invulgares,
Quintana, os teus quintanares.

Por isso peço não pares,
Quintana, nos teus cantares...
Perdão! Digo quintanares.

Manuel Bandeira

A ESCADA POR ONDE PASSA MArio QUINTANA3

Caminhos vão e vêm
nos teus setenta anos
dentro das coisas.
E de longada, vivemos
apesar dos relógios.

Às bordas da manhã
carregas a palavra anêmona,
a rosa dos ventos.

Palavras rechinam
como velhos sapatos.
Outras sobem
do Caos atônito

e pedem
a ressurreição da carne.
O som das tábuas ecoa.

Deus não se move:
está preso
por indócil metáfora
no lombo da criação.

E o poema
toma o freio nos dentes.

Carlos Nejar

___

3 In: Viventes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1979.

A MARIO QUINTANA[4]

"Fere de leve a frase."
(Mario Quintana)

Fere e desfere
de leve a frase
na consoante,
vogal ou quase
e deixa ler
toda a sintaxe
do verso lesto,
detrás, diante,
sem sombra ou resto
do que perfazes
sempre que feres
de leve a frase
ou que desferes
de crase em crase
gaúcho o verso.

José Augusto Seabra

___

4 In: Amar o sul. Porto Alegre: Movimento, 1997.

QuINTA NARES[5]

O Natal foi diferente
porque o Menino Jesus
disse à Senhora Sant'Ana:
"Vovozinha, eu ja não gosto
das canções de antigamente:
cante as do Mario Quintana!"

Viram-se então os anjinhos
de livro aberto nas mãos
deslizar no ouro dos ares.
Estudaram nova solfa
pelos celestes caminhos
e ensaiaram quintanares.

Deixaram cair os versos
que já sabiam de cor
pelos telhados das casas.
E o milagre das cantigas
foi que até seres perversos
amanheceram com asas.

Rio de Janeiro. Dezembro de 1946.

Cecília Meireles

___

5 Minas Gerais - Suplemento Literário, Belo Horizonte, 19 abr. 1975.

82

A RUA DOS CATAVENTOS

(1940)

83

A meus irmãos Milton e Marieta
Alegrete, Natal de 1938

84

I

Escrevo diante da janela aberta.
Minha caneta é cor das venezianas:
Verde!... E que leves, lindas filigranas
Desenha o sol na página deserta!

Não sei que paisagista doidivanas
Mistura os tons... acerta... desacerta...
Sempre em busca de nova descoberta,
Vai colorindo as horas quotidianas...

Jogos da luz dançando na folhagem!
Do que eu ia escrever até me esqueço...
Pra que pensar? Também sou da paisagem...

Vago, solúvel no ar, fico sonhando...
E me transmuto... iriso-me... estremeço...
Nos leves dedos que me vão pintando.

85

II

Dorme, ruazinha... É tudo escuro...
E os meus passos, quem é que pode ouvi-los?
Dorme o teu sono sossegado e puro,
Com teus lampiões, com teus jardins tranqüilos...

Dorme... Não há ladrões, eu te asseguro...
Nem guardas para acaso persegui-los...
Na noite alta, como sobre um muro,
As estrelinhas cantam como grilos...

O vento está dormindo na calçada,
O vento enovelou-se como um cão...
Dorme, ruazinha... Não há nada...

Só os meus passos... Mas tão leves são
Que até parecem, pela madrugada,
Os da minha futura assombração...

III

Quando os meus olhos de manhã se abriram,
Fecharam-se de novo, deslumbrados:
Uns peixes, em reflexos doirados,
Voavam na luz: dentro da luz sumiram-se...

Rua em rua, acenderam-se os telhados.
Num claro riso as tabuletas riram.
E até no canto onde os deixei guardados
Os meus sapatos velhos refloriram.

Quase que eu saio voando céu em fora!
Evitemos, Senhor, esse prodígio...
As famílias, que haviam de dizer?

Nenhum milagre é permitido agora...
E lá se iria o resto de prestígio
Que no meu bairro eu inda possa ter!...

IV

Minha rua está cheia de pregões.
Parece que estou vendo com os ouvidos:
"Couves! Abacaxis! Caquis! Melões!"
Eu vou sair pro Carnaval dos ruidos,

Mas vem, Anjo da Guarda... Por que pões
Horrorizado as mãos em teus ouvidos?
Anda: escutemos esses palavrões
Que trocam dois gavroches atrevidos!

Pra que viver assim num Outro plano?
Entremos no bulício quotidiano...
O ritmo da rua nos convida.

Vem! Vamos cair na multidão!
Não é poesia socialista... Não,
Meu pobre Anjo... É.. simplesmente... a Vida!...

V

Eu nada entendo da questão social.
Eu faço parte dela, simplesmente...
E sei apenas do meu próprio mal,
Que não é bem o mal de toda a gente,

Nem é deste Planeta... Por sinal
Que o mundo se lhe mostra indiferente!
E o meu Anjo da Guarda, ele somente,
Équem lê os meus versos afinal...

E enquanto o mundo em torno se csbarronda,
Vivo regendo estranhas contradanças
No meu vago País de Trebizonda...

Entre os Loucos, os Mortos e as Crianças,
É lá que eu canto, numa eterna ronda,
Nossos comuns desejos e esperanças!...

VI

Na minha rua há um menininho doente.
Enquanto os outros partem para a escola,
Junto à janela, sonhadoramente,
Ele ouve o Sapateiro bater sola.

Ouve também o carpinteiro, em frente,
Que uma canção napolitana engrola.
E pouco a pouco, gradativamente,
O sofrimento que ele tem se evola...

Mas nesta rua há um operário triste:
Não canta nada na manhã sonora
E o menino nem sonha que ele existe.

Ele trabalha silenciosamente...
E está compondo este soneto agora,
Pra alminha boa do meninO doente...

VII

Avozinha Garoa vai contando
Suas lindas histórias, à lareira.
"Era uma vez... Um dia... Eis senão quando..."
Até parece que a cidade inteira

Sob a garoa adormeceu sonhando...
Nisto, um rumor de rodas em carreira...
Clarins, ao longe... (É o Rei que anda buscando
O pezinho da Gata Borralheira!)

Cerro os olhos, a tarde cai, macia...
Aberto em meio, o livro inda não lido
Inutilmente sobre os joelhos pousa...

E a chuva um'outra história principia,
Para embalar meu coração dorido
Que está pensando, sempre, em outra cousa...

VIII

Para Dyonélio Machado

Recordo ainda... E nada mais me importa...
Aqueles dias de uma luz tão mansa
Que me deixavam, sempre, de lembrança,
Algum brinquedo novo à minha porta...

Mas veio um vento de Desesperança
Soprando cinzas pela noite morta!
E eu pendurei na galharia torta
Todos os meus brinquedos de criança...

Estrada fora após segui... Mas, ai,
Embora idade e senso eu aparente,
Não vos iluda o velho que aqui vai:

Eu quero os meus brinquedos novamente!
Sou um pobre menino.., acreditai...
Que envelheceu, um dia, de repente!...

Ix

Para Emilio Kemp

a mesma ruazinha sossegada,
Com as velhas rondas e as canções de outrora...
E os meus lindos pregões da madrugada
Passam cantando ruazinha em fora!

Mas parece que a luz está cansada...
E, não sei como, tudo tem, agora,
Essa tonalidade amarelada
Dos cartazes que o tempo descobra...

Sim, desses cartazes ante os quais
Nós às vezes paramos, indecisos...
Mas para quê?... Se não adiantam mais!...

Pobres cartazes por aí afora
Que inda anunciam: - ALEGRIA - RISOS
Depois do Circo já ter ido embora!...

X

Eu faço versos como OS saltimbancos
Desconjuntam os ossos doloridos.
A entrada é livre para os conhecidos...
Sentai, Amadas, nos primeiros bancos!

Vão começar as convulsões e arrancos
Sobre os velhos tapetes estendidos...
Olhai o coração que entre gemidos
Giro na ponta dos meus dedos brancos!

"Meu Deus! Mas tu não mudas o programa!"
Protesta a clara voz das Bem-Amadas.
"Que tédio!" o coro dos Amigos clama.

"Mas que vos dar de novo e de imprevisto?"
Digo... e retorço as pobres mãos cansadas:
"Eu sei chorar... Eu sei sofrer... Só isto!"

XI

Contigo fiz, ainda em menininho,
Todo o meu Curso d'Alma... E desde cedo
Aprendi a sofrer devagarinho,
A guardar meu amor Como um segredo...

Nas minhas chagas vinhas pôr o dedo
E eu era o Triste, o Doído, o Pobrezinho!
Amava, à noite, as Luas de bruxedo,
Chamava o Pôr-do-sol de Meu Padrinho...

Anto querido, esse teu livro "Só"
Encheu de luar a minha infância triste.
E ninguém mais há de ficar tão só:

Sofreste a nossa dor, como Jesus...
E nesta Costa d'África surgiste
Para ajudar-nos a levar a Cruz!...

XII

Tudo tão vago... Sei que havia um rio...
Um choro aflito... Alguém cantou, no entanto...
E ao monótono embalo do acalanto
O choro pouco a pouco se extinguiu...

o Menino dormira... Mas o canto
Natural como as águas prosseguiu...
E ia purificando como um rio
Meu coração que enegrecera tanto...

E era a voz que eu ouvi em pequenino...
E era Maria, junto à correnteza,
Lavando as roupas de Jesus Menino...

Eras tu... que, ao me ver neste abandono,
Daí do Céu cantavas com certeza
Para embalar inda uma vez meu sono!...

XIII

Este silêncio é feito de agonias
E de luas enormes, irreais,
Dessas que espiam pelas gradarias
Nos Longos dormitórios de hospitais.

De encontro à Lua, as hirtas galharias
Estão paradas como nos vitrais
E o luar decalca nas paredes frias
Misteriosas janelas fantasmais...

O silêncio de quando, em alto mar,
Pálida, vaga aparição Lunar,
Como um sonho vem vindo essa Fragata...

Estranha Nau que não demanda os portos!
Com mastros de marfim, velas de prata,
Toda apinhada de meninos mortos...

XIV

Dentro da noite alguém cantou.
Abri minhas pupilas assustadas
De ave noturna... E as minhas mãos, velas paradas,
Não sei que frêmito as agitou!

Depois, de novo, o coração parou.
E quando a lua, enorme, nas estradas
Surge... dançam as minhas lâmpadas quebradas
Ao vento mau que as apagou...

Não foi nenhuma voz amada
Que, preludiando a canção notâmbula,
No meu silêncio me procurou...

Foi minha própria voz, fantástica e sonâmbula!
Foi, na noite alucinada,
A voz do morto que cantou.

XV

Para Érico Veríssimo

O dia abriu seu pára-sol bordado
De nuvens e de verde ramaria.
E estava até um fumo, que subia,
Mi-nu-ci-o-sa-men-te desenhado.

Depois surgiu, no céu azul arqueado,
A Lua - a Lua! em pleno meio-dia.
Na rua, um menininho que seguia
Parou, ficou a olhá-la admirado...

Pus meus sapatos na janela alta,
Sobre o rebordo... Céu é que lhes falta
Pra suportarem a existência rude!

E eles sonham, imóveis, deslumbrados,
Que são dois velhos barcos, encalhados
Sobre a margem tranqüila de um açude...

XVI

Triste encanto das tardes borralheiras
Que enchem de cinza o coração da gente!
A tarde lembra um passarinho doente
A pipilar os pingos das goteiras...

A tarde pobre fica, horas inteiras,
A espiar pelas vidraças, tristemente,
O crepitar das brasas na lareira...
Meu Deus.., o frio que a pobrezinha sente!

Por que é que esses Arcanjos neurastênicos
Só usam névoa em seus efeitos cênicos?
Nenhum azul para te distraires...

Ah, se eu pudesse, tardezinha pobre,
Eu pintava trezentos arco-íris
Nesse tristonho céu que nos encobre!...

XVII

Na vez primeira em que me assassinaram
Perdi um jeito de sorrir que eu tinha...
Depois, de cada vez que me mataram,
Foram levando qualquer coisa minha...

E hoje, dos meus cadáveres, eu sou
O mais desnudo, o que não tem mais nada...
Arde um toco de vela, amarelada...
Como o único bem que me ficou!

Vinde, corvos, chacais, ladrões da estrada!
Ah! desta mão, avaramente adunca,
Ninguém há de arrancar-me a luz sagrada!

Aves da Noite! Asas do Horror! Voej ai!
Que a luz, trêmula e triste como um ai,
A luz do morto não se apaga nunca!

XVIII

Para E. Soares Coelho

Esses inquietos ventos andarilhos
Passam e dizem: "Vamos caminhar.
Nós conhecemos misteriosos trilhos,
Bosques antigos onde é bom cismar...

E há tantas virgens a sonhar idílios!
E tu não vieste, sob a paz lunar,
Beijar os seus entrefechados cílios
E as dolorosas bocas a ofegar..."

Os ventos vêm e batem-me à janela:
"A tua vida, que fizeste dela?"
E chega a morte: "Anda! Vem dormir..."

Faz tanto frio... E é tão macia a cama...
Mas toda a longa noite inda hei de ouvir
A inquieta voz dos ventos que me chama!...

XIX

Para Moysés Vellinho

Minha morte nasceu quando eu nasci.
Despertou, balbuciou, cresceu comigo...
E dançamos de roda ao luar amigo
Na pequenina rua em que vivi.

Já não tem mais aquele jeito antigo
De rir e que, ai de mim, também perdi
Mas inda agora a estou sentindo aqui,
Grave e boa, a escutar o que lhe digo:

Tu que és a minha doce Prometida,
Nem sei quando serão as nossas bodas,
Se hoje mesmo... ou no fim de longa vida...

E as horas lá se vão, loucas ou tristes...
Mas é tão bom, em meio às horas todas,
Pensar em ti... saber que tu existes!

XX

Para Athos Damasceno Ferreira

Estou sentado sobre a minha mala
No velho bergantim desmantelado...
Quanto tempo, meu Deus, malbaratado
Em tanta inútil, misteriosa escala!

Joguei a minha bússola quebrada
Às águas fundas... E afinal sem norte,
Como o velho Sindbad de alma cansada
Eu nada mais desejo, nem a morte...

Delícia de ficar deitado ao fundo
Do barco, a vos olhar, velas paradas!
Se em toda parte é sempre o Fim do Mundo

Pra que partir? Sempre se chega, enfim...
Pra que seguir empós das alvoradas
Se, por si mesmas, elas vêm a mim?

XXI

Para os amigos mortos

Gadêa... Pelichek... Sebastião...
Lobo Alvim... Ah, meus velhos camaradas!
Aonde foram vocês? Onde é que estão
Aquelas nossas ideais noitadas?

Fiquei sozinho... Mas não creio, não,
Estejam nossas almas separadas!
Às vezes sinto aqui, nestas calçadas,
O passo amigo de vocês... E então

Não me constranjo de sentir-me alegre,
De amar a vida assim, por mais que ela nos minta...
E no meu romantismo vagabundo

Eu sei que nestes céus de Porto Alegre
É para nós que inda S. Pedro pinta
Os mais belos crepúsculos do mundo!...

105

XXII

Vontade de escrever quatorze versos...
Pobre do Poeta!... É só pra disfarçar...
Andam por tudo signos diversos
Impossíveis da gente decifrar.

Quem sabe La que estranhos universos
Que navios começaram a afundar...
Olha! os meus dedos, no nevoeiro imersos,
Diluíram-se... Escusado navegar!

Barca perdida que não sabe o porto,
Carregada de cântaros vazios...
Oh! dá-me a tua mão, Amigo Morto!

Que procuravas, solitário e triste?
Vamos andando entre os nevoeiros frios...
Vamos andando... Nada mais existe!...

106

XXIII

Cidadezinha cheia de graça...
Tão pequenina que até causa dó!
Com seus burricos a pastar na praça...
Sua igrejinha de uma torre só...

Nuvens que venham, nuvens e asas,
Não param nunca nem um segundo...
E fica a torre, sobre as velhas casas,
Fica cismando como é vasto o mundo!...

Eu que de longe venho perdido,
Sem pouso fixo (a triste sina!)
Ah, quem me dera ter lá nascido!

Lá toda a vida poder morar!
Cidadezinha... Tão pequenina
Que toda cabe num só olhar...

107

XXIV

Para Lino de Mello e Silva

A ciranda rodava no meio do mundo,
No meio do mundo a ciranda rodava.
E quando a ciranda parava um segundo,
Um grilo, sozinho no mundo, cantava...

Dali a três quadras o mundo acabava.
Dali a três quadras, num valo profundo...
Bem junto com a rua o mundo acabava.
Rodava a ciranda no meio do mundo...

E Nosso Senhor era ali que morava,
Por trás das estrelas, cuidando o seu mundo...
E quando a ciranda por fim terminava

E o silencio, em tudo, era mais profundo,
Nosso Senhor esperava.., esperava...
Cofiando as suas barbas de Pedro Segundo.

108

XXV

Para Ovidio Chaves, ao gosto do mesmo

Ninguém foi ver se era ou se não era.
E isto aconteceu lá no tempo da Era.
Mas, no teu quarto havia, mesmo, uma Chymera.
De bronze? De verdade? Ora! Que importa?

Foi quando Quem Será bateu à tua porta.
"Entre, Senhor, que eu já estava à sua espera..."
(Naquele tempo, amigo, a tua vida era
Como uma pobre borboleta morta!)

E Quem Será cumprimentou, falou
De coisas e de coisas e de coisas,
Bonitas umas, tristes outras como loisas...

E todo o tempo em que ele nos falou,
A Chymera a cismar: "Como é que Deus deixou
Haver, por trás do Sonho, tantas, tantas coisas?"

109

XXVI

Deve haver tanta coisa desabada
Lá dentro... Mas não sei... É bom ficar
Aqui, bebendo um chope no meu bar...
E tu, deixa-me em paz, Alma Penada!

Não quero ouvir essa interior balada...
Saudade... amor... cantigas de ninar...
Sei que lá dentro apenas sopra um ar
De morte... Não, não sei! não sei mais nada!...

Manchas de sangue inda por lá ficaram,
Em cada sala em que me assassinaram...
Pra que lembrar essa medonha história?

Eis-me aqui, recomposto, sem um ai.
Sou o meu próprio Frankenstein - olhai!
O belo monstro ingênuo e sem memória...

110

XXVII

Quando a Luz estender a roupa nos telhados
E for todo o horizonte um frêmito de palmas
E junto ao leito fundo nossas duas almas
Chamarem nossos corpos nus, entrelaçados,

Seremos, na manhã, duas máscaras calmas
E felizes, de grandes olhos claros e rasgados...
Depois, volvendo ao sol as nossas quatro palmas,
Encheremos o céu de vôos encantados!...

E as rosas da Cidade inda serão mais rosas,
Serão todos felizes, sem saber por quê...
Até os cegos, os entrevadinhos... E

Vestidos, contra o azul, de tons vibrantes e violentos,
Nós improvisaremos danças espantosas
Sobre os telhados altos, entre o fumo e os cataventos!

111

XXVIII

Sobre a coberta o lívido marfim
Dos meus dedos compridos, amarelos...
Fora, um realejo toca para mim
Valsas antigas, velhos ritornelos.

E esquecido que vou morrer enfim,
Eu me distraio a construir castelos...
Tão altos sempre... cada vez mais belos!...
Nem D. Quixote teve morte assim...

Mas que ouço? Quem será que está chorando?
Se soubésseis o quanto isto me enfada!
eu fico a olhar o céu pela janela...

Minh'alma louca há de sair cantando
Naquela nuvem que lá está parada
E mais parece um lindo barco a vela!...

112

XXIX

Para o Sebastião

Olha! Eu folheio o nosso Livro Santo...
Lembras-te? O "Só"! Que vida, aquela vida...
Vivíamos os dois na Torre de Anto...
Torre tão alta... em pleno azul erguida!...

O resto, que importava?... E no entretanto
Tu deixaste a leitura interrompida...
E em vão, nos versos que tu lias tanto,
Inda procuro a tua voz perdida...

E continuo a ler, nessa ilusão
De que talvez me estejas escutando...
Porém tu dormes... Que dormir profundo!

E os pobres versos do Anto lá se vão...
Um por um... como folhas... despencando...
Sobre as águas tristonhas do Outro Mundo...

113

XXX*

Rechinam meus sapatos rua em fora.
Tão leve estou que já nem sombra tenho
E há tantos anos de tão longe venho
Que nem me lembro de mais nada agora!

Tinha um surrão todo de penas cheio...
Um peso enorme para carregar!
Porém as penas, quando o vento veio,
Penas que eram... esvoaçaram no ar...

Todo de Deus me iluminei então.
Que os Doutores Sutis se escandalizem:
"Como é possível sem doutrinação?!"

Mas entendem-me o Céu e as criancinhas.
E ao ver-me assim, num poste as andorinhas
"Olha! É o Idiota desta Aldeia!" dizem...

___

* N. da Org.: Este soneto não consta da 1a edição. Em seu lugar estava o

114

que tranScrevo:

Foram-se abrindo aos poucos as estrelas...
De margaridas lindo campo em flor!
Tão alto o Céu!... Pudesse eu ir colhê-las...
Diria alguma si me tens amor...

Estrelas altas! Que se importam elas?
Tão longe estão!... Tão longe deste mundo...
Trêmulo bando de distantes velas
Ancoradas no azul do céu profundo...

Porém meu coração quase parou,
Lá foram voando as esperanças minhas,
Quando uma, dentre aquelas estrelinhas,

Deus a guie! do céu se despencou...
Com certeza era o amor que tu me tinhas
Que repentinamente se acabou!...

XXXI*

É outono. E é Verlaine... O Velho Outono
Ou o Velho Poeta atira-me à janela
Uma das muitas folhas amarelas
De que ele é o dispersivo dono...

E há uns salgueiros a pender de sono
Sobre um fundo de pálida aquarela.
E há (está previsto) este abandono...
O velhas rimas! E acabar com elas!

Mas o Outono apanha-as... E, sutil,
Com o rosto a rir-se em rugazinhas mil,
Toca de novo o seu fatal motivo:

Um quê de melancólico e solene
E para todo o sempre evocativo

Na flauta enferrujada de Verlaine...

___

* N. da Org.: Este soneto não consta da 1a edição. Em seu lugar estava o que transcrevo:

Detrás de um muro surge a lua. Em frente
Acendem-se os lampiões. A noite cai.
Na praça a banda toca, de repente,
Um samba histérico... Aflições, dançai!

Mas qual! Meu coração triste e indolente
Olha sem ver, de tudo se distrais...
Que pena faz uma criança doente!
Como ele está... Cada passito é um ai...

Vai morrer atacado de si mesmo...

Dos longos poentes que passou a esmo
A embebedar-se de Cinzento e Roxo.

E enquanto a Vida corre - ó Mascarada!
Ele abre, vagamente, sobre o Nada,
O seu olhar sonâmbulo de mocho...

XXXII

Para Pedro Wayne

Nem sabes como foi naquele dia...
Uma reunião em suma tão vulgar!
Tu caíste em estado de poesia
Quando o Sr. Prefeito ia falar...

O mal sagrado! Que remédio havia?!
E como para nunca mais voltar,
Lá te foste na tarde de elegia,
Por essas ruas a perambular.

Paraste enfim junto a um salgueiro doente,
Um salgueiro que espiava sobre o rio
A primeira estrelinha... E, longamente,

Também ficaste à espera (quanta ânsia!)...
Mas a estrelinha, como um sonho, abriu,
Longe, no céu azul da tua infância!

XXXIII

Que bom ficar assim, horas inteiras,
Fumando.., e olhando as lentas espirais...
Enquanto, fora, cantam os beirais
Abaladilha ingênua das goteiras...

Evai a Névoa, a bruxa silenciosa,
Transformando a Cidade, mais e mais,
Nessa Londres longínqua, misteriosa,
Das poéticas novelas policiais...

Que bom, depois, sair por essas ruas,
Onde os lampiões, com sua luz febrenta,
São sóis enfermos a fingir de luas...

Sair assim (tudo esquecer talvez!)
E ir andando, pela névoa lenta,
Com a displicência de um fantasma inglês...

119

XXXIV

Lá onde a luz do último lampião
Uns tristes charcos alumia embalde,
Moram, numa infinita solidão,
As estrelinhas quietas do arrabalde...

Na cidade, quem é que atenta nelas,
Na sua história anônima, escondida?
São menininhas pobres às janelas,
Olhando inutilmente para a vida...

Quando ao Centro descemos à noitinha,
Penso às vezes o quanto essas meninas
No seu desejo triste hão de sofrer

Ao ver os bondes que, do fim da linha,
Partem, iluminados como vitrinas,
Para a doida Cidade do Prazer!...

120

XXXV

Quando eu morrer e no frescor de lua
Da casa nova me quedar a sós,
Deixai-me em paz na minha quieta rua...
Nada mais quero com nenhum de vós!

Quero é ficar com alguns poemas tortos
Que andei tentando endireitar em vão...
Que lindo a Eternidade, amigos mortos,
Para as torturas Lentas da Expressão!...

Eu levar ei comigo as madrugadas,

Pôr de sóis, algum luar, asas em bando,
Mais o rir das primeiras namoradas...

E um dia a morte há de fitar com espanto
Os fios de vida que eu urdi, cantando,
Na orla negra do seu negro manto...

CANÇÕES

(1946)

CANÇÃO DA PRIMAVERA

Para Erico Verissimo

Primavera cruza o rio
Cruza o sonho que tu sonhas.
Na cidade adormecida
Primavera vem chegando.

Catavento enlouqueceu,
Ficou girando, girando.
Em torno do catavento
Dancemos todos em bando.

Dancemos todos, dancemos,

Amadas, Mortos, Amigos,
Dancemos todos até

Não mais saber-se o motivo...
Até que as paineiras tenham
Por sobre os muros florido!

125

CANÇÃO DE VIDRO

E nada vibrou...
Não se ouviu nada...
Nada...

Mas o cristal nunca mais deu o mesmo som.

Cala, amigo...
Cuidado, amiga...
Uma palavra só
Pode tudo perder para sempre...

E é tão puro o silêncio agora!

126

A CANÇÃO QUE NÃO FOI ESCRITA

Alguém sorriu como Nossa Senhora à alma triste do Poeta.
Ele voltou para casa
E quis louvar o bem que lhe fizeram.

Adormeceu...

E toda a noite brilhou no sono de uma pobre
estrelinha perdida,
Trêmula
Como uma luz contra o vento...

127

CANÇÃO DE UM DIA DE VENTO

PARA MAURÍCIO ROSENBLATT

O vento vinha ventando
Pelas cortinas de tule.

As mãos da menina morta
Estão varadas de luz.
No colo, juntos, refulgem
Coração, âncora e cruz.

Nunca a água foi tão pura...
Quem a teria abençoado?
Nunca o pão de cada dia
Teve um gosto mais sagrado.

E o vento vinha ventando
Pelas cortinas de tule...

Menos um lugar na mesa,
Mais um nome na oração,
Da que consigo levara
Cruz, âncora e coração

(E o vento vinha ventando...)

Daquela de cujas penas
Só os anjos saberão!

CANÇÃO PARALELA

Por uma escada que levava até o rio...
Por uma escarpa que subia até as nuvens...
Pezinhos nus
Desceram...
Mãos nodosas
Grimparam...
E havia um coraçãozinho que batia assustado, assustado...
E um coração tão duro que era como se estivesse parado...
Um escorria fel...
O outro, lágrimas...
No rosto dele havia sulcos como de arado...
No rosto dela a boca era uma flor machucada...

E até a morte os separou!

129

CANÇÃO AZUL

Triste, Poeta, triste a florzinha azul que sem querer pisaste no teu caminho...
Miosótis disseste, inclinado um instante sobre ela.
E ela acabou de morrer, aos poucos, dentre a relva úmida.
Sem nunca ter sabido que se chamava miosótis.
Nem quereria impregnar, com oseu triste encanto,
O teu poema daquele dia...

130

CANÇÃO DE OUTONO
PARA SALIM DAVI

O outono toca realejo
No pátio da minha vida.
Velha canção, sempre a mesma,
Sob a vidraça descida...

Tristeza? Encanto? Desejo?
Como é possível sabê-lo?
Um gozo incerto e dorido
De carícia a contrapelo...

Partir, ó alma, que dizes?
Colher as horas, em suma...
Mas os caminhos do Outono
Vão dar em parte nenhuma!

131

CANÇÃO DA NOITE ALTA

Menina está dormindo.
Coração bulindo.
Mãe, por que não fechastc a janela?
É tarde, agora:
Pé ante pé
Vem vindo
O Cavaleiro do Luar.

Na sua fronte de prata
A lua se retrata.
No seu peito
Bate um coração perfeito.
No seu coração
Dorme um leão,
Dorme um leão com uma rosa na boca.
E o príncipe ergue o punhal no ar:
...um grito
aflito...
Louca!

132

CANÇÃO DO DESENCONTRO NO TERRAÇO

Estavas entre as algas afogada...
A boca dolorosa, olhus pendidos.

Rias como uma louca no terraço!
Perdão! Eu é que ria dentre as algas...

Eu é que ria dentre as algas verdes
Esse riso que têm os desamados.

Mentira! eu lia os extras do cardápio.
Tu deslizavas entre as nuvens altas!

Em cada nuvem pus um coreto de música.
Mandei soltar confete pelo céu azul.

E deitado no meio das lájeas desertas
Cobri meu rosto com o teu lenço de seda escura.

133

CANÇÃO DE GAROA

Em cima do meu telhado,
Pirulin lulin lulin,
Um anjo, todo molhado,
Soluça no seu flautim.

O relógio vai bater:
As molas rangem sem fim.

O retrato na parede
Fica olhando para mim.

E chove sem saber por quê...
E tudo foi sempre assim!
Parece que VOU sofrer:
Pirulin lulin lulin...

CANÇÃO DE NUVEM E VENTO

Para Telmo Vergara

Medo da nuvem
Medo Medo
Medo da nuvem que vai crescendo
Que vai se abrindo
Que não se sabe
O que vai saindo
Medo da nuvem Nuvem Nuvem
Medo do vento
Medo Medo
Medo do vento que vai ventando
Que vai falando
Que não se sabe
O que vai dizendo
Medo do vento Vento Vento
Medo do gesto
Mudo
Medo da fala
Surda
Que vai movendo
Que vai dizendo
Que não se sabe...
Que bem se sabe
Que tudo é nuvem que tudo é vento
Nuvem e vento Vento Vento!

CANÇÃO MEIO ACORDADA

Laranja! grita o pregoeiro.
Que alto no ar suspensa!
Lua de ouro entre o nevoeIro

Do sono que se esgarçou.
Laranja! grita o pregoeiro.
Laranja que salta e voa.
Laranja que vai rolando
Contra o cristal da manhã!
Mas o cristal da manhã
Fica além dos horizontes...
Tantos montes... tantas pontes...
(De frio soluçam as fontes...)
Porém fiquei, não sei como,
Sob os arcos da manhã.
(Os gatos moles do sono
Rolam laranjas de lã.)

136

CANÇÃO DE DOMINGO

Que dança que não se dança?
Que trança não se destrança?
O grito que voou mais alto
Foi um grito de criança.

Que canto que não se canta?
Que reza que não se diz?
Quem ganhou maior esmola
Foi o Mendigo Aprendiz.

O céu estava na rua?
A rua estava no céu?
Mas o olhar mais azul
Foi só ela quem me deu!

137

CANÇÃO DE JUNTO DO BERÇO

Não te movas, dorme, dorme
O teu soninho tranqüilo.
Não te movas (diz-lhe a Noite)
Que inda está cantando um grilo...

Abre os teus olhinhos de ouro
(O Dia lhe diz baixinho).
É tempo de levantares

Que já canta um passarinho...

Sozinho, que pode um grilo
Quando já tudo é revoada?
E o Dia rouba o menino
No manto da madrugada...

138

CANÇÃO DA AIA PARA O FILHO DO REI

Mandei pregar as estrelas
Para velarem teu sono.
Teus suspiros são barquinhos
Que me levam para longe...
Me perdi no céu azul
E tu, dormindo, sorrias.
Despetalei uma estrela
Para ver se me querias...
Aonde irão os barquinhos?
Com que será que tu sonhas!
Os remos mal batem n'água...
Minhas mãos dormem na sombra.
A quem será que sorris?
Dorme quieto, meu reizinho.
Há dragões na noite imensa,
Há emboscadas nos caminhos...
Despetalei as estrelas,
Apaguei as luzes todas.
o luar te banha o rosto
Etu sorris no teu sonho.
Ergues o braço nuzinho,
Quase me tocas... A medo
Eu começo a acariciar-te
Com a sombra de meus dedos...
Dorme quieto, meu reizinho.
Os dragões, com a boca enorme,
Estão comendo os sapatos
Dos meninos que não dormem...

139

CANÇÃO DE TORNA-VIAGEM

Uma carta encontrarei

Debaixo da minha porta.
Ordem da Filha do Rei?
Feitiço da Moira Torta?

A carta não abrirei.
Talvez me seja fatal.
Mas sobre o leito há uma rosa,
Há uma rosa e um punhal.

Que fiz de bem ou de mal
Pelos caminhos que andei?
Qual dos dois, rosa e punhal,
É o da Princesa e o do Rei?

Ai, tudo a carta diria,
A carta de sob a porta...
Se não se houvera sumido
Por artes da Moira Torta!

CANÇÃO DE BAR
Para Egydio Squeff

Barzinho perdido
Na noite fria,
Estrela e guia
Na escuridão.
Que bem se fica!
Que bem! que bem!
Tal como dentro
De uma apertada
Quentinha mão...
E Rosa, a da vida...
EVerlaine que está
Coberto de limo.
E Rimbaud a seu lado,
O pobre menino...
E o Pedro Cachaça
Com quem me assustavam
(o tempo que faz!)
O Pedro tão nobre
Na sua desgraça...
E Villon sem um cobre
Que não pode entrar.
E o Anto que viaja
Pelo alto mar...
Se o Anta morrer,
Senhor Capitão,
Se o Anta morrer,
Não no deite ao mar!

141

É aqui tão bom...
É aqui tão bom!
Tal como dentro
De uma apertada
Quentinha concha...

E Rosa, a da vida,
Sentada ao balcão.
Barzinho perdido
Na noite fria,
Estrela e guia
Na turbação.
E caninha pura,
Da mais pura água,
Que poesia pura,
Ai seu poeta irmão,
A poesia pura
Não existe não!

142

CANÇÃO DE INVERNO

"Pinhão quentinho!
Quentinho o pinhão!"
(E tu bem juntinho
Do meu coração...)

143

CANÇÃO BALLET
Para Edy Dutra da Costa

Ele sozinho passeia
Em seu palácio invisível.
Linda moça risca um riso
Por trás do muro de vidro.

Risca e foge, num adejo.
Ele para, de alma tonta.
Um beijo brota na ponta
Do galho do seu desejo.

E pouco a pouco se achegam.
Põem a palma contra a palma.
Mas o frio, o frio do vidro
Lhe penetra a própria alma!

"Ai do meu Reino Encantado,
Se tudo aqui é impossível...
Pra que palácio invisível
Se o mundo está do outro lado?"

E inda busca, de alma louca,
Aquele lábio vermelho.
Ai, o frio da própria boca!
O amor é um beijo no espelho...

Beija e cai, como um engonço,
Todo desarticulado...
Linda moça, como um sonho,
Se dissipa do outro lado...

CANÇÃO DO DIA DE SEMPRE

Para Nora Lawson

Tão bom viver dia a dia...
A vida, assim, jamais cansa...

Viver tão só de momentos
Como essas nuvens do céu...

E só ganhar, toda a vida,
Inexperiência.., esperança...

E a rosa louca dos ventos
Presa à copa do chapéu.

Nunca dês um nome a um rio:
Sempre é outro rio a passar.

Nada jamais continua,
Tudo vai recomeçar!

E sem nenhuma lembrança
Das outras vezes perdidas,
Atiro a rosa do sonho

Nas tuas mãos distraídas...

145

A CANÇÃO DA MENINA E MOÇA

Para Gilda Marinho

Uma paisagem com um só coqueiro.
Que triste!
E o companheiro?

Cabrinha que sobes o monte pedrento.
Só, contra as nuvens.
Será teu esposo o vento?

O meu esposo há de cheirar a tronco,
Como eu cheiro à flor.

Um coração não cabe num só peito:
Amor... Amor...

Uma paisagem com um só coqueiro...
Uma igrejinha com uma torre só...
Sem companheira... Sem companheiro...
Ó dor!

O meu esposo há de cheirar a tronco,
Como eu cheiro.., como eu cheiro
A amor...

146

CANÇÃO DO SUICIDA

De repente, não sei como
Me atirei no contracéu.
À tona dágua ficou
Ficou dançando o chapéu.

E entre cascos afundados,
Entre anêmonas azuis,
Minha boca foi beber
Na taça do Rei de Tule.

Só minhalma aqui ficou

Debruçada na amurada,
Olhando os barcos.., os barcos!...
Que vão fugindo do cais.

147

CANÇÃO DO CHARCO

Uma estrelinha desnuda
Está brincando no charco.

Coaxa o sapo. E como coaxa!
A estrelinha dança em roda.

Cricrila o grilo. Que frio!
A estrelinha pula, pula.

Uma estrelinha desnuda
Dança e pula sobre o charco.

Para enamorá-la, o sapo
Põe seu chapéu de cozinheiro...

Uma estrelinha desnuda!

O grilo, que é pobre, esse
Escovou seu traje preto...

Desnuda por sobre o charco!

Uma estrelinha desnuda
Brinca.., e de amantes não cuida...

Que brancos são seus pezinhos...
Que nua!

148

CANÇÃO DA CHUVA E DO VENTO

Dança, Velha. Dança. Dança.
Põe um pé. Põe Outro pé.
Mais depressa. Mais depressa.
Põe mais pé. Pé. Pé.

Upa. Salta. Pula. Agacha.
Mete pé e mete assento.
Que o velho agita, frenético,
O seu chicote de vento.

Mansinho agora... mansinha
Até de todo caíres...
Que o Velho dorme de velho
Sob os arcos do Arco-Iris.

CANÇÃO DA JANELA ABERTA

Passa nuvem, passa estrela,
Passa a lua na janela...

Sem mais cuidados na terra,
Preguei meus olhos no Céu.

E o meu quarto, pela noite
Imensa e triste, navega...

Deito-me ao fundo do barco,
Sob os silêncios do Céu.

Adeus, Cidade Maldita,
Que lá se vai o teu Poeta.

Adeus para sempre, Amigos...
Vou sepultar-me no Céu!

Canção de muito longe

Foi-por-cau-sa-do-bar-quei-ro

E todas as noites, sob o velho céu arqueado de bugigangas,
A mesma canção jubilosa se erguia.

A canoooavirou
Quemfez elavirar? uma voz perguntava.

Os luares extáticos...
A noite parada...

Foi por causa do barqueiro,
Que não soube remar.

151

SEGUNDA CANÇÃO DE MUITO LONGE

Havia um corredor que fazia cotovelo:
Um mistério encanando com outro mistério, no escuro...

Mas vamos fechar os olhos
E pensar numa outra cousa...

Vamos ouvir o ruído cantado, o ruído arrastado das correntes no algibe,
Puxando a água fresca e profunda.
Havia no arco do algibe trepadeiras trêmulas.
Nós nos debruçávamos à borda, gritando os nomes uns dos outros,
E lá dentro as palavras ressoavam fortes, cavernosas como vozes de leões.
Nós éramos quatro, uma prima, dois negrinhos e eu.
Havia os azulejos reluzentes, o muro do quintal, que limitava o mundo,
Uma paineira enorme e, sempre e cada vez mais, os grilos e as
estrelas...
Havia todos os ruídos, todas as vozes daqueles tempos...
As lindas e absurdas cantigas, tia Tula ralhando os cachorros,
O chiar das chaleiras...
Onde andara agora o pince-nez da tia Tula
Que ela não achava nunca?
A pobre não chegou a terminar a Toutinegra do Moinho,
Que saía em folhetim no Correio do Povo!...
A ultima vez que a vi, ela ia dobrando àquele corredor escuro.
Ia encolhida, pequenininha, humilde. Seus passos não faziam ruído.
E ela nem se voltou para trás!

152

CANÇÃO DA RUAZINHA DESCONHECIDA

Ruazinha que eu conheço apenas
Da esquina onde ela principia...

Ruazinha perdida, perdida...
Ruazinha onde Marta fia...

Ruazinha em que eu penso as vezes
Como quem pensa numa outra vida...

E para onde hei de mudar-me, um dia,
Quando tudo estiver perdido...

Ruazinha da quieta vida...
Tristonha... tristonha...

Ruazinha onde Marta fia
e onde Maria, na janela, sonha...

153

PEQUENA CRÔNICA POLICIAL

Jazia no chão, sem vida,
E estava toda pintada!
Nem a morte lhe emprestara
A sua grave beleza...
Com fria curiosidade,
Vinha gente a espiar-lhe a cara,
As fundas marcas da idade,
Das canseiras, da bebida...

Triste da mulher perdida
Que um marinheiro esfaqueara!
Vieram uns homens de branco,
Foi levada ao necrotério.
E quando abriam, na mesa,
O seu corpo sem mistério,
Que linda e alegre menina
Entrou correndo no Céu?!
La continuou como era
Antes que o mundo lhe desse
A sua maldita sina:
Sem nada saber da vida,
De vícios ou de perigos,
Sem nada saber de nada...
Com a sua trança comprida,
Os seus sonhos de menina,
Os seus sapatos antigos!

154

CANÇÃO DOS ROMANCES PERDIDOS

Oh! o silêncio das salas de espera
Onde esses pobres guarda-chuvas lentamente escorrem...
O silêncio das salas de espera
E aquela última estrela...
Aquela última estrela
Que bale, bale, bale,
Perdida na enchente da luz...
Aquela última estrela
E, na parede, esses quadrados lívidos,
De onde fugiram os retratos...

De onde fugiram todos os retratos...
E esta minha ternura,
Meu Deus,
Oh! toda esta minha ternura inútil, desaproveitada!...

CANÇÃO PARA UMA VALSA LENTA

Minha vida não foi um romance...
Nunca tive até hoje um segredo.
Se me amas, não digas, que morro
De surpresa... de encanto.., de medo...

Minha vida não foi um romance,
Minha vida passou por passar.
Se não amas, não finjas, que vivo
Esperando um amor para amar.

Minha vida não foi um romance...
Pobre vida.., passou sem enredo...
Glória a ti que me enches a vida
De surpresa, de encanto, de medo!

Minha vida não foi um romance...
Ai de mim... Ja se ia acabar!
Pobre vida que toda depende
De um sorriso.., de um gesto... um olhar...

CANÇÃO DE BAÚ

Sempre-viva... Sempre-morta...
Pobre flor que não teve infância!
E que a gente, às vezes, pensativo encontra
Nos baús das avozinhas mortas...

Uma esperança que um dia eu tive,
flor sem perfume, bem assim que foi:
Sempre morta... Sempre viva...
No meio da vida caiu e ficou!

157

CANÇÃO DO AMOR IMPREVISTO

Eu sou um homem fechado.
O mundo me tornou egoísta e mau.
E a minha poesia é um vício triste,
Desesperado e solitário
Que eu faço tudo por abafar.

Mas tu apareceste com a tua boca fresca de madrugada,
Com o teu passo leve,
Com esses teus cabelos...

E o homem taciturno ficou imóvel, sem compreender nada, numa alegria atônita...

A súbita, a dolorosa alegria de um espantalho inútil
Aonde viessem pousar os passarinhos!

158

CANÇÃO DO PRIMEIRO DO ANO
Para Lila Ripoll

Anjos varriam morcegos
Até jogá-los no mar.

Outros pintavam de azul,
De azul e de verde-mar,
Vassouras de feiticeiras,
Desbotadas tabuletas,
Velhos letreiros de bar

Era uma carta amorosa?
Ou uma rosa que abrira?
Mas a mão correra ansiosa
- Ó sinos, mais devagar!
Á janela azul e rosa,
Abrindo-a de par em par.
O banho de luz, tão puro,
Na paisagem familiar:
Meu chão, meu poste, meu muro,
Meu telhado e a minha nuvem,
Tudo bem no seu lugar.

E os sinos dançam no ar.
De casa a casa, os beirais,
- Para lá e para cá -
Trocam recados de asas,
Riscando sustos no ar.

Silêncios. Sinos. Apelos. Sinos.
E sinos. Sinos. E sinos. Sinos.
Pregoeiros. Sinos. Risadas. Sinos.
E levada pelos sinos,
Toda ventando de sinos,
Dança a cidade no ar!

CANÇÃO DE BARCO E DE OLVIDO
Para Augusto Meyer

Não quero a negra desnuda.
Não quero o baú do morto.
Eu quero o mapa das nuvens
E um barco bem vagaroso.

Ai esquinas esquecidas...
Ai lampiões de fins-de-linha...
Quem me abana das antigas
Janelas de guilhotina?

Que eu vou passando e passando,
Como em busca de outros ares...
Sempre de barco passando,
Cantando os meus quintanares...

No mesmo instante olvidando

Tudo o de que te lembrares.

SAPATO FLORIDO

(1948)

Monsieur Jourdain: - Non, je ne veux ni prose, ni vers,
Maître de philosophie: - Il faut bien que ce soit l'un ou l'autre.
Monsieur Jourdain: - Pourquoi?

Le bourgeois gentilhomme, Ato II, Cena IV

DAS METAMORFOSES

Alua, quando fica velha, todo mundo sabe que vira lua nova.

Mas negro velho vira macaco. Desses macaquinhos de realejo...
Cuidado: quanto mais velhos mais vivos. Sabem tudo. Descobrem tudo. Se tens algum pecado oculto, foge das suas caretas falsamente amigas, dos seus olhinhos espertos e cínicos!
E os velhos jurisconsultos viram fetos... esses fetos que a gente olha, meio desconfiado, nos bocais de vidro... e que, no silêncio dos laboratórios, oscilando gravemente as cabeças fenomenais, elucubram anteprojetos, orações de paraninfo, reformas da Constituição... Sempre que puderes,

crava um punhal, um garfo, um prego, no miolo mole dos fetos.
Em compensação, as velhinhas que fazem renda viram fio... Fio, sim senhor! Esses fios que vagam soltos no ar... que ninguém sabe de onde vêm... e se prendem num galho morto... no chapéu do viajante solitário... no freio do seu cavalo... que se prendem, desesperadamente, num lábio fresco, numa trança ao vento...
E os velhos que mal podem acender os cigarros, os pobres velhinhos trêmulos viram reflexos... Esses reflexos que dançam no ar... que nascem no ar... De uma vidraça... de um pára-brisa... do galo do pára-raios que volteou de súbito... de folhas que se assustam... de mariposas tontejando... de uma ronda infantil sob a lua redonda...

O MILAGRE

Dias maravilhosos em que os jornais vêm cheios de poesia... e do lábio do amigo brotam palavras de eterno encanto... Dias mágicos... em que os burgueses espiam, através das vidraças dos escritórios, a graça gratuita das nuvens...

Epígrafe

As únicas coisas eternas são as nuvens...

Da paginação

Os livros de poemas devem ter margens largas e
muitas páginas em branco e suficientes claros nas
páginas impressas, para que as crianças possam enchê-los
de desenhos gatos, homens, aviões, casas,
chaminés, árvores, luas, pontes, automóveis, cachorros,
cavalos, bois, tranças, estrelas - que passarão
também a fazer parte dos poemas...

OS VIRA-LUAS

Todos lhes dão, com uma disfarçada ternura, o nome, tão apropriado de vira-latas. Mas e os vira-luas? Ah! ninguém se lembra desses outros vagabundos noturnos, que vivem farejando a lua, fuçando a lua, insaciavelmente, para aplacar uma outra fome, uma outra miséria, que não do corpo...

MOMENTO

O homem parou, cheio de dedos, para procurar os fósforos nos
bolsos. A insidiosa frescura do mar lhe mandou um pensamento suicida. E
veio um riso límpido e irresistível - em i, em a, em o - do fundo de ump
pátio da infância. Um riso... senão quando o homem achou os fósforos e a
vida recomeçou. Apressada, implacável, urgente. A vida é cheia de
pacotes...

BAR

O doloroso sulco lábio-nasal junto à garrafa morta...

O estranho caso de Mister Wong

Além do controlado Dr. Jekyll e do desrecalcado Mister Hyde, há
também um chinês dentro de nós: Mister Wong. Nem bom, nem mau,
gratuito. Entremos, por exemplo, neste teatro. Tomemos este camarot. Pois
bem, enquanto o Dr. Jekyll, muito compenetrado, é todo ouvidos, e Mister

Hyde arrisca um olho e a alma no decote da senhora vizinha, o nosso mis ter
Wong, descansadamente, põe-se a contar carecas na platéia...
Outros exemplos? Procure-os o senhor em si mesmo, agora mesmo.
agora mesmo. Não perca tempo. Cultive o seu Mister Wong!

CHÃO DE OuToNo

Ao longo das pedras irregulares do calçamento passam ventando umas
pobres folhas amarelas em pânico, perseguidas de perto por um convite-
de-enterro, sinistro, tatalando, aos pulos, cada vez mais perto, as duas
asas tarjadas de negro!

A VINGANÇA

Se eu fosse Deus, eu mandava os comendadores mortos (ah, como nós
havíamos de rir, ó Walt Disney!), eu os mandava a todos, com as suas almas
graves, encasacadas e de óculos, para o doido País das Sinfonias Coloridas.

PURÍSSIMA

As admiráveis instalações sanitárias que há na lua! Tudo branco, tudo polido, tudo limpinho. Jarros d'água. Frescor. Alívio. Os anjos que o digam! Pois só aos anjos é permitido servirem-se do nosso higiênico satélite para as suas abluções e necessidades...

OBJETOS PERDIDOS

Os guarda-chuvas perdidos.. aonde vão parar Os guarda-chuvas perdidos? E os botões que se desprenderam? E as pastas de papéis, os estojos de pince-nez, as maletas esquecidas nas gares, as dentaduras postiças, os pacotes de compras, os lenços com pequenas economias, aonde vão parar todos esses objetos heteróclitos e tristes? Não sabes? Vão parar nos anéis de Saturno, são eles que formam, eternamente girando, os estranhos anéis desse planeta misterioso e amigo.

PROVÉRBIO

O seguro morreu de guarda-chuva.

HoRROR

Com os seus OO de espanto, seus RR guturais, seu hirto H, HORROR é uma palavra de cabelos em pé, assustada da própria significação.

TRISTE ÉPOCA

Em nossa triste época de igualitarismo e vulgaridade, as únicas criaturas que mereceriam entrar numa história de fadas são os mestre-cucas, com os seus invejáveis gOrrOS brancos, e os porteiros dos grandes hotéis, com os seus alamares, os seus ademanes, a sua indiscutida majestade.

ARTE DE FUMAR

Desconfia dos que não fumam: esses não têm vida interior, não têm sentimentos. O cigarro é uma maneira disfarçada de suspirar...

DO INÉDITO

E quando, morto de mesmice, te vier a nostalgia de climas e costumes exóticos, de jornais impressos em misteriosos caracteres, de curiosas

beberagens, de roupas de estranho corte e colorido, lembra-te que para alguém nós somos Os antípodas: um remoto, inacreditável povo do outro Lado do mundo, quase do outro lado da vida, uma gente de se ficar olhando, olhando, pasmado. Nós, os antipodas, Somos assim.

TELEGRAMA A LIN YUTANG

Acabo de ver um negrinho comendo um ovo cozido.
Hein, Lin Yutang?

CRISE

Por causa dos ilusionistas é que hoje em dia muita gente acredita que poesia é truque...

MEU TRECHO PREDILETO

O que mais me comove, em música, são essas notas soltas pobres notas únicas que do teclado arranca o afinador de pianos...

PAISAGEM DE APÓS-CHUVA

A relva, os cavalos, as reses, as folhas, tudo envernizadinho como no dia inolvidável da inauguração do Paraíso...

PROSÓDIA

As folhas enchem de ff as vogais do vento.

CLOPT! CLOPT!

É a ruazinha que tosse, tosse, engasgada com o homem da muleta.

SÓ PARA Si

Dona Cômoda tem três gavetas. E um ar confortável de senhora rica.
Nas gavetas guarda coisas de outros tempos, só para si. Foi sempre assim, dona Cômoda: gorda, fechada, egoísta.

A COMPANHEIRA

A lua parte com quem partiu e fica com quem ficou. E, pacientemente, consoladoramente, aguarda os suicidas no fundo do poço.

FELIZ!

Deitado no alto do carro de feno... com os braços e as pernas abertos em X... e as nuvens, os voos passando por cima... Por que estradas de abril viajei assim um dia? De que tempos, de que terras guardei essa antiga lembrança, que talvez seja a mais feliz das minhas falsas recordações?

JANELA DE ABRIL

Tudo tão nítido! O céu rentinho às pedras. Pode-se enxergar até os nonics que andaram traçando a carvão naquele muro. Mas, mesmo que o céu soubesse ler, isso não teria agora a mínima importância. E sente-se que Nosso Senhor, em comemoração de abril, instituirá hoje valiosos prêmios para o riso mais despreocupado, para o sapato mais rinchador, para a pandorga mais alta sobre o morro.

VIRAçÃO

Voa um par de andorinhas, fazendo verão. E vem uma vontade de rasgar velhas cartas, velhos poemas, velhas contas recebidas. Vontade de mudar de camisa, por fora e por dentro... Vontade... para que esse pudor de certas palavras?... vontade de a mar, simplesmente.

CARRETO

Amar é mudar a alma de casa.

O PARAÍSO PERDIDO

Nasci em Shangri-la.
Pois quem foi que não nasceu em Shangri-La?

SINAIS DOS TEMPOS

Esses que, pelas estradas claras dos primeiros séculos, mendigavam
e faziam pueris e deliciosos milagres, viraram agora transformistas de palco.
Santos que perderam a fé, socorrem-se habilmente dos recursos inesgotá-

veis que a técnica hoje em dia nos proporciona, quando seria muito mais
fácil um milagre... A divina simplicidade de um milagre.

PARÁBOLA

A imagem daqueles salgueiros nagua é mais nítida e pura que os
próprios salgueiros. E tem também uma tristeza toda sua, uma tristeza que
não está nos primitivos salgueiros.

OS MÁSCARAS

O Homem Invisível via-se obrigado a botar mascara. Era uma face
enganadora, alheia, sinistra, melancólica...
O Poeta, para entrar em contato com os outros homens, põe-se a fazer
poemas.

O POEMA

Uma formiguinha atravessa, em diagonal, a pagina ainda em branco.
Mas ele, aquela noite, não escreveu nada. Para quê? Se por ali já haviam
passado o frêmito e o mistério da vida...

COMUNHÃO

Os verdadeiros poetas não lêem os outros poetas. Os verdadeiros
poetas lêem os pequenos anúncios dos jornais.

A ADOLESCENTE

Vai andando e vai crescendo. É toda esganifrada: a voz, os gestos, as
pernas... Antílopes! vejo antílopes quando ela passa! Pois deixa, passando,
um friso de antílopes, de bambus ao vento, de luas andantes, mutaveis,
crescentes...

PASSARINHO EMPALHADO

Quem te empoleirou lá no alto do chapéu da contravó, tico-tico surubico? Tão triste... tão feio... tão só... Meu tico-tiquinho coberto de pó...
E tu que querias fazer o teu ninho na máquina do Giovanni fotógrafo!

GARE

Faz tanto tempo que se está esperando - o trem que não vem, o trem de Belém- que as bagagens alheias, amontoadas no banco, cheiram-me a poeira de séculos: devem estar aqui, embolorando, o caduceu de Mercúrio, a cabeleira de Ahsalão, uma peça íntima de Cleópatra, um báculo de bispo, uma tabaqueira de Luís XV, um olho de vidro, uma fivela, uma bolsa de água quente, um lenço com um nó, um... Pestanejo. Sinto-me tão infeliz. Para que me fui meter nesse triste inventário, meu Deus? E, a cada suspiro que dou, o meu anjo da guarda perde mais uma peninha da asa.

ESTUFA

Que imaginação depravada têm as orquídeas! A sua contemplação escandaliza e fascina. Vivem procurando e criando inéditos coloridos, e estranhas formas, combinações incríveis, como quem procura uma volúpia nova, um sexo novo...

AVENTURA NO PARQUE

No banco verde do parque, onde eu Lia distraidamente o Almanaque Bertrand, aquela sentença pegou-me de surpresa: "Colhe o momento que passa". Colhi-o, atarantado. Era um não sei que, um flapt, um inquieto animalzinho, todo asas e todo patas: ardia como uma brasa, trepidava como um motor, dava uma angustiosa sensação de véspera de desabamento. Não pude mais. Arremessei-o contra as pedras, onde foi logo esmigalhado pelo vertiginoso velocípede de um meninozinho vestido a marinheira. "Quem monta num tigre (dizia, à página seguinte, um provérbio chinês) quem monta num tigre não pode apear."

O ESPIÃO

Bem o conheço. Num espelho de bar, numa vitrina, ao acaso do footing, em qualquer vidraça por aí, trocamos, às vezes, um súbito e inquietante olhar. Não, isto não pode continuar assim. Que tens tu de espionar-me?

Que me censuras, fantasma? Que tens a ver com os meus bares, com os
meus cigarros, com os meus delírios ambulatórios, com tudo o que não
faço na vida!?

APARIÇÃO

Tão de súbito, por sobre o perfil noturno da casaria, tão de súbito
surgiu, como um choque, um impacto, um milagre, que o coração, aterrado,
nem lhe sabia o nome: - a lua! - a lua ensanguentada e irreconhecível
de Babilônia e Cartago, dos campos malditos de após-batalha, a lua dos
parricidios, das populações em retirada, dos estupros, a lua dos primeiros
e dos últimos tempos.

INFERNO

Em suave andadura de sonho, sob uma infinita série de arco-íris
celestiais, anjos me conduziam num palanquim dourado, entre um curioso
povo de profetas e virgens, que formavam alas para me ver passar. Mas
eu me debruçava inquieto a uma e outra janela: faltava-me alguma coisa.
faltava... Faltavam os meus desafetos. Eu só queria era ver a cara deles, ver
a cara que eles fariam quando me vissem passar, tirado por anjos, num
palanquim de ouro!

A BELA E o DRAGÃO

As coisas que não têm nome assustam, escravizam-nos, devoram-nos...
Se a bela faz de ti gato e sapato, chama-lhe, por exemplo, A BELA
DESDENHOSA. E ei-la rotulada, classificada, exorcizada, simples marionete
agora, com todos os gestos perfeitamente previsíveis, dentro do seu papel de
boneca de pau. E no dia em que chamares a um dragão de JOLI, o dragão
te seguirá por toda parte como um cachorrinho...

EPÍLOGO

Não, o melhor é não falares, não explicares coisa alguma. Tudo agora
está suspenso. Nada agüenta mais nada. E sabe Deus o que é que
desencadeia as catástrofes, o que é que derruba um castelo de cartas! Não se
sabe...
Umas vezes passa uma avalanche e não morre uma mosca... Outras vezes
senta uma mosca e desaba uma cidade.

QUEM BATE?

Cecilia. CecíLia que chega de um pátio da infância... Traz ainda sereno nas tranças, seus sapatinhos andaram pulando na grama... Depois assenta-se nos degraus da torre, e canta...
Mas o chaveiro do sonho pegou-lhe as tranças, teceu cordoalhas para o seu navio. Mas o chaveiro do sonho pegou-lhe a canção... E fez um vento longo e triste.
E eu pensava que toda a minha tristeza vinha apenas do vento, da solidão do mar, da incerteza daquela viagem num navio perdido...

TRÁGICO ACIDENTE DE LEITURA

Tão comodamente que eu estava lendo, como quem viaja num
raio de lua, num tapete mágico, num trenó, num sonho. Nem lia: deslizava. Quando de súbito a terrível palavra apareceu, apareceu e ficou, plantada ali diante de mim, focando-me: ABSCÔNDITO. Que momento passei... O momento de imobilidade e apreensão de quando o fotógrafo se posta atrás da máquina, envolvidos os dois no mesmo pano preto, como um duplo monstro misterioso e corcunda... O terrível silêncio do condenado ante o pelotão de fuzilamento, quando os soldados dormem na pontaria e o capitão vai gritar: - Fogo!

ENVELHECER

Antes, todos os caminhos iam.
Agora todos os caminhos vêm.
A casa é acolhedora, os livros poucos.
E eu mesmo preparo o chá para os fantasmas.

EXEGESE

- Mas que quer dizer esse poema? perguntou-me alarmada a boa senhora.
- E que quer dizer uma nuvem? - retruquei triunfante.
- Uma nuvem? - diz ela. - Uma nuvem umas vezes quer dizer chuva, outras vezes bom tempo...

PERVERSIDADE

Alarmar senhoras gordas é um dos maiores encantos desta e da outra vida.

FATALIDADE

Em todos os velórios há sempre uma senhora gorda que, em determinado momento, suspira e diz:
- Coitado! Descansou...

QUIEN SUPIERA EsCRIBIR!

O menino de joelhos sujos que chega em casa correndo e mal pode falar...
A velha dama que é agora obrigada a fazer renda para vender.., de casa em casa, a coitada!.., e que senta na ponta da cadeira, suspira discretamente e murmura: "A minha vida é um romance..."
Aquela moça que diz: "Não quero ouvir isto!" e tapa os olhos...
Ah, quanta coisa deliciosamente quotidiana, quanto efêmero instante, eu não gravaria para sempre na memória dos homens, se...

QUE HAVERÁ NO CÉU?

Se não houver cadeiras de balanço no Céu... que será da tia Élida, que foi para o Céu?

CÂNTICO DOS CÂNTICOS

Maria, com um vinco entre as sobrancelhas, escolhe o segundo prato. Depois sorri-me deliciosamente. Como não encantar- me: Como não comparar-me a Salomão? "Sustentai-me (diz-lhe a Sulamita), sustentai-me com passas, confortai-me com maçãs, que desfaleço de amor.

VELHA HISTÓRIA

Era uma vez um homem que estava pescando, Maria. Até que apanhou um peixinho! Mas o peixinho era tão pequenininho e inocente, e tinha um azulado tão indescritível nas escamas, que o homem ficou com pena
E retirou cuidadosamente o anzol e pincelou com iodo a garganta do coitadinho. Depois guardou-o no bolso traseiro das calças, para que o animalzinho sarasse no quente. E desde então ficaram inseparáveis. Aonde o homem ia, o peixinho o acompanhava a trote, que nem um cachorrinho
Pelas calçadas. Pelos elevadores. Pelos cafés. Como era tocante vê-los no "17" - o homem, grave, de preto, com uma das mãos segurando a xícara de fumegante moca, com a outra lendo o jornal, com a outra fumando, com a outra cuidando do peixinho, enquanto este, silencioso e levemente melancólico, tomava laranjada por um canudinho especial...
Ora, um dia o homem e o peixinho passeavam à margem do rio onde o segundo dos dois fora pescado. E eis que os olhos do primeiro se

encheram de lágrimas. E disse o homem ao peixinho:
"Não, não me assiste o direito de te guardar comigo. Por que roubar-te por mais tempo ao carinho do teu pai, da tua mãe, dos teus irmãozinhos, da tua tia solteira? Não, não e não! Volta para o seio da tua família. E viva eu cá na terra sempre triste!..."
Dito isto, verteu copioso pranto e, desviando o rosto, atirou o peixinho n'água. E a água fez um redemoinho, que foi depois serenando, serenando.. até que o peixinho morreu afogado...

DA DÚVIDA

Felizmente parece que o Além não resolve coisa alguma, e a confusão continua a mesma, senão maior... Posso, pois, morrer descansado e levar os meus probleminhas comigo, que não me faltará distração. Não me refiro à quadratura do circulo, que pouco se me dá, nem ao moto contínuo

Penso é naS mil e uma perplexidades da minha condição de escriba, nesses cruciantes imponderáveis, no eterno pro lema da subjetividade da partícula se...

Do TEMPO

Nunca se deve consultar o relógio perto de um defunto. É uma falta de tato, meu caro senhor... uma crueldade... uma imperdoável indelicadeza...

INTERCÂMBIO

Vovô tem um riso de cobre - surdo, velho, azinhavrado - um riso que sai custoso, aos vinténs.
Mas Lili, sempre generosa, lhe dá o troco em pratinhas novas.

A PRINCESA

Quando lhe perguntaram o nome, Lili espantou-se muito:
- Ué! Mas todo mundo sabe...

O CACHORRO

Do quarto próximo, chega a voz irritada da arrumadeira:

- Meu Deus! a gente mal estende a cama e já vem esse cachorro deitar em cima! Salta daí pra fora!
E Lili, muito formalizada:
- Finoca! o cachorro tem nome!

DA HUMILDE VERDADE

O quotidiano é o incógnito do mistério.

MUDANÇA DE TEMPERATURA

Nos fios telegráficos pousaram uma, duas, três, quatro andorinhas.
Olham de um lado e outro... irão partir?
Sobre as cercas rasas do arrabalde, os girassóis espiam como girafas...

BOCA DA NOITE

O grilo canta escondido... e ninguém sabe de onde vem seu canto
nem de onde vem essa tristeza imensa daquele último lampião da rua...

ESTÁ NA MESA

Vem de dentro um rumor de pratos e talheres. Alguém põe a mesa.
Vovô enrola um último cigarro, ao sereno. Lili vem brincar mais perto da porta. De misteriosas andanças, aponta, à esquina, o cachorro da casa.
"Está na mesa!"
Agora todos se reunirão em torno à sopa fumegante.
E em vão a noite apertará o cerco primitivo. E em vão o antigo Caos, nos confins do horizonte, ficará rondando como um iguanodonte esfomeado...

COZINHA

Cada brasa palpita como um coração...

HAIKAI DA COZINHEIRA

A cozinheira preta preta
Preta e gorda
Com seu fresco sorriso de lua...

MENTIRAS

Lili vive no mundo do Faz-de-conta... Faz de conta que isto é um aviãO. Zzzzuuu... Depois aterrissou em piquê e virou trem. Tuc tuc tuc tuc... Entrou pelo túnel, chispando. Mas debaixo da mesa havia bandidos. Pum! Pum! Pum! O trem descarrilou. E o mocinho? Onde é que está o mocinho? Meu Deus! Onde é que está o mocinho?! No auge da confuSão levaram Lili para a cama, à força. E o trem ficou tristemente derribado no
chão, fazendo de conta que era mesmo uma lata de sardinha.

178

MENTIRA?

A mentira é uma verdade que se esqueceu de acontecer.

NOTURNO

O relógio costura, meticulosamente, quilômetros e quilômetros do silêncio noturno.
De vez em quando, os velhos armários estalam como ossos.
Na ilha do pátio, o cachorro, ladrando.
(É alua.)
E, a lembrança da lua, Lili arregala os olhos no escuro.

PÉS DE FORA

A negrinha, essa, tem medo de fantasmas.
Cada vez que um rato corre mais depressa, ela tapa a cabeça.
Mas fica com os pés de fora.
É o medo ridículo, tocante, desamparado, o medo de pés de fora.
Se eu fosse fantasma, eu... Não, não lhe faria nada: o melhor do susto é esperar por ele.

SONO

Tudo fica mais leve no escuro da casa. As escadas param de repente no ar... Mas os anjos sonâmbulos continuam subindo os degraus truncados, atravessando os espelhos como se entrassem numa outra sala.
O sonho devora os sapatos, os pés da cama, o tempo.
Vovô resmunga qualquer coisa no fim do século passado.

INTERLÚDIO

A noite se estende ao rés-do-chão como um lençol, que os cachorros
puxam, do horizonte. Puxam, esticam, sem rasgar.
Porque a lua vai saltar.
E ficará pulando, ao centro, para cima, para baixo, para cima, para
baixo, como Sancho Pança no capítulo XLV do Dom Quixote.

ANTEMANHÃ

Trotam, trotam, desbarrancando o meu sono, os burrinhos
inumeráveis da madrugada.
Carregam laranjas? Carregam repolhos? Carregam abóboras?
Não. Carregam cores. Verdes tenros. Amarelos vivos. Vermelhos, roxos
ocres.
São os burrinhos-pintores.

OUVERTURE

Nosso Senhor, sobre os telhados, Nosso Senhor, com alamares de
ouro,
tange subitamente os sinofones. Lili espreguiça-se na cama. Estremece no
teto um reflexo dágua. Lili tapa os ouvidos.
Mas o seu coraçãozinho vibra como uma cigarra.

O DESPERTAR DO EGOTISTA

Os pequeninos vendedores de jornais gritam por meu nome.

O DESPERTAR DOS AMANTES

Quem teria deixado, enquanto nos amávamos, o tarro da luz a nossa
porta?

VIVER

Vovô ganhou mais um dia. Sentado na copa, de pijama e chinelas,
enrola o primeiro cigarro e espera o gostoso café com leite.
Lili, matinal como um passarinho, também espera o café com leite.
Tal e qual vovô.
Pois só as crianças e os velhos conhecem a volúpia de viver dia a dia

hora a hora, e suas esperas e desejos nunca se estendem além de cinco
minutos...

O VENTO

O único da casa que enxerga o vento é o cachorro.
Detém-se à porta da cozinha, rosnando para o patio ventado, cheio de
latas inquietas e papéis decididamente malucos.
E nos seus olhos fixos e rancorosos vê-se o desvario do vento, a
incurabilidade do vento, seus cabelos em corrupio, os seus braços que
parecem mil, os seus trapos flutuantes de espantalho, toda aquela agitação sem
causa e que é ainda menos instável, no entretanto, que a terrível desordem
da sua cabeça: pois o vento nunca pode assentar as idéias...

PASSEIO

Oh! não ha nada como um pé depois do outro...

CALÇADA DE VERÃO

Quando o tempo está seco, os sapatos ficam tão contentes que se põem
a cantar.

CONSTRUÇÃO

...o dia exato alinha os seus cubos de vidro...

DA COR

Há uma cor que não vem nos dicionários. É essa indefinivel cor que
têm todos os retratos, os figurinos da última estação, a voz das velhas damas,
os primeiros sapatos, certas tabuletas, certas ruazinhas laterais: - a cor
do tempo...

TOPOGRAFIA

Meu bonde passa por ali. Pela sua esquina, apenas.
É uma ruazinha tão discreta que logo faz uma curva e o olhar não pode
devassá-la. Não lhe sei o nome, nem nunca andei por ela. Mas faz anos
que me vem alimentando de mistério. Se eu fosse la, encontraria alguns
poetas: O Marcelo, o Wamosy, o Juca... todos mortos de ha muito, todos

no mesmo bar. Ah! ruazinha... ruazinha que leva à Babilônia, eu Sei... ao porto inventado de Stargiris... a regiões entressonhadas a medo.

VIAGEM

O fim do cigarro tem uma tristeza de fim de linha...

PEQUENOS TORMENTOS DA VIDA

De cada lado da sala de aula, pelas janelas altas, o azul convida os meninos, as nuvens desenrolam-se, Lentas, como quem vai inventando preguiçosamente uma história sem fim... Sem fim é a aula: e nada acontece, nada... Bocejos e moscas. Se ao menos, pensa Margarida, se ao menos um avião entrasse por uma janela e saísse pela outra!

O SUSTO

Isto foi há muito tempo, na infância provinciana do autor, quando
havia serões em família.
Juquinha estava lendo, em voz alta, A confederação dos tamoios.
Tarararararará, tarararararará,
Tarararararará, tarararararará.
Lá pelas tantas, Gabriela deu o estrilo:
- Mas não tem rima!
Sensação. Ninguém parava de não acreditar. Juquinha,
desamparado,
lê às pressas os finais dos últimos versos... quérulo... branco... tuba...
inane...
vaga... infinitamente...
Meu Deus! Como poderia ser aquilo?!
A rima deve estar no meio.
- diz, sentencioso, o major Pitaluga.
E todos suspiraram, agradecidos.

CRUEL AMOR

Um dia, da ponta daquela mesa comum de hóspedes, Dona Glorinha
me interpelou:
- Seu Mario, o senhor ainda não leu o CRUEL AMOR?
Não, eu nunca tinha lido o CRUEL AMOR!...

Pois tudo o que falta à minha vida, toda a imperfeição em que ainda me debato, vem de eu nunca ter lido o CRUEL AMOR... de ter achado ridículo o título... de ter achado ridícula a transcendentaL pergunta de Dona Glorinha...

Os FANTASMAS DO PASSADO

- E não te lembras daquela vez em que...?
Faço que me lembro. Rio. Solto saudosos suspiros e exclamações de puro gozo. Oh! que monstruosa e implacável memória a dos nossos companheiros de infância...
E depois, como estão envelhecidos, os pobres diabos!
É o que os torna ainda mais antipáticos.

As FALSAS RECORDAÇÕES

Se a gente pudesse escolher a infância que teria vivido, com que enternecimento eu não recordaria agora aquele velho tio de perna de pau, que nunca existiu na família, e aquele arroio que nunca passou aos fundos do quintal, e onde íamos pescar e sestear nas tardes de verão, sob o zumbido inquietante dos besouros...

VENTURA

Naquela missa de Sexta-Feira da Paixão, notei que o velho Ventura rezava assim:
- Tchug tchug tchug tchug amém... Tchug tchug tchug tchug amém... Tchug tchug tchug.....
- Assim não vale, seu Ventura.
- Ora! Ele sabe tudo o que eu quero dizer...

REMINISCÊNCIAS

Aenchente de 1941. Entrava-se de barco pelo corredor da velha casa de cômodos onde eu morava. Tínhamos assim um rio só para nós. Um rio de portas adentro. Que dias aqueles! E de noite não era preciso sonhar: pois não andava um barco de verdade assombrando os corredores?
Foi também a época em que era absolutamente desnecessário fazer poemas...

COMENTÁRIO OUVIDO NUM BONDE

Que moça culta, a Maria Eduarda: usa ponto e vírgula!

Dos VELHOS HÁBITOS

Metia-nos um medo! Era um retrato avoengo, um velho juiz dos velhos tempos, sobrecenho feroz, barba de passa-piolho. De nada ria... Creio que já nascera juiz. Mas piscava o olho quando a criadinha punha-se a esfregar vigorosamente o assoalho, a criadinha de saias arregaçadas e joelhos roliços e juntinhos... e que aliás nunca bispou coisíssima nenhuma.

MARGRAFF

De uma feita, descobri nas costas da folhinha o seguinte precioso informe:
"O açúcar de beterraba foi descoberto em 1747 por Margraff."
Desde então, nunca mais pude esquecê-lo.
E quando procuro, ansioso, entre os nevoeiros da memória, uma data esquecida, um nome, uma citação, ei-lo que aparece, implacável, esse Margraff, à prova de balas e de esconjuros. Por quê? Estarei ficando...?
Ou será o pobre Margraff que tenta desesperadamente sobreviver, transformando-se em idéia fixa?

HISTÓRIA

Era um desrecalcado, pensavam todos. Pois já assassinara uma bem amada, um crítico e um amigo.
Mas nunca mais encontrou amada, nem crítico, nem amigo. Ninguém mais que lhe mentisse, ninguém mais que o incompreendesse, nem nunca mais um inimigo íntimo...
E vai daí ele se enforcou.

RBTD

Há ocasiões em que não consegues nada, nem um sorriso, outras em que consegues tudo, até cartas de recomendação. Não te queixes, nem te gabes. Era que os anjos estavam brincando de rapa-bota-tira-deixa...

E a tua história quotidiana é tecida ao acaso dos lances.
Até que sobrevenha o R do rapa-tudo.
(Aí então os anjos te recolherão.)

O RECURSO

Sempre que o Poeta vai falar, Nosso Senhor desliga o telefone. Alô?
Impossível comunicação direta.

E bum catibum e bum bumbum
E toca o pandeiro na lata meu bem
E bum catibum...

Oh! não há nada como a irresistível marchinha do
nosso bloco invicto e soberano, para entulhar este
horrível silêncio!

APOCALIPSE

E eis que veio uma peste e acabou com todos os homens.
Mas em compensação ficaram as bibliotecas.
E nelas estava escrito o nome de todas as coisas.
Mas as coisas podiam chamar-se agora como bem quisessem.
E então o Pão de Açúcar se declarou Mancenilha.
E o hipopótamo só atendia por tico-tico.
E houve por tudo um grande espreguiçamento de alívio.
E Nosso Senhor ficou para sempre livre da terrível campanha dos
comunistas.
E das apologéticas de Tristão de Athayde.

ANANIAS

Ananias olhou a folhinha: 11. 11 de setembro. Tomou uma cafiaspirina.
Deitou-se. Sobre a cadeira fulgem agora o metal dos óculos, o
monograma do relógio, o vidro do copo. Fulgem, nos travesseiros, os seus
cabelos grisalhos. O resto é sombra. Dorme, Ananias,

que o bicho tatu
já vem te pegar...

Noite adentro, a alma de Mestre Rembrandt vai enchendo de
sombra e prata o livido interior de cinema mudo. De sombra e prata, e
irreparável tristeza... Mas o mais triste de tudo é que eu não conheço
nenhum Ananias neste mundo. E Um dia Deus me pedirá contas de mais essa
Vida inútil, sem finalidade...

O DESINFELIZ

Sua vida era um tango argentino.

O MISANTROPO

Um dia ele sentiu que ia morrer. Mudou-se, então, para o último
andar de uma velha casa de cômodos sem ascensores...

TRISTE MASTIGAÇÃO

As reflexões dos velhos são amargas como azeitonas.

SOLO

Os mortos são ridiculos como bonecos de engonço a que cortassem os
fios... Os seus amores estão esperando, os seus negócios, os seus amigos
estão esperando, e eles ali caídos, esquecidos de tudo! Como lhes pôde
vir de repente esse desapego infinito por tudo o que mais queriam? Ou
eles estavam fingindo antes, os sonsos, ou estão fingindo agora! Não possO
absolutamente compreender que o Dr. Gouvarinho haja esquecido as
nossas partidas de solo, que haja desistido de tirar revanche, desistido dos seus
calos, que marcavam chuva, e do seu guarda-chuva, que nunca abria
direito! Não posso, não posso compreender... Observo-lhe os sapatos nOVOS...
Conto as tábuas do teto... (É a primeira vez que os nossos silenciOs em
comum me deixam constrangido.) Puxo o relógio. Escondo-o vivamente.
Cruzo os dedos... descruzo os dedos... Retiro-me.
Paro, um instante, no portal...
Mas ele nem me fez um psiu!

NOTURNO DA VIAÇÃO FÉRREA

Ora, os fantasmas são viajantes noturnos. Se aboletam nos carros
vazios e ficam (por que será que os fantasmas não fumam?) a olhar o mundo
que desliza...
Mas sucede que as máquinas estavam manobrando apenas. E voltam
todas para a gare deserta.

E depois vem a luz crescente, a luz cruel, situando e ambientando as coisas.
É quando surgem, cabalísticos, os primeiros letreiros:
- HOTEL SAVóIA
- Ao PENTE DE OURO
- SAÚDE DA MULHER os fantasmas, puídos de claridade, soltam
um pífio suspiro e se desvanecem...

TABLEAU!

Nunca se deve deixar um defunto sozinho. Ou, se o fizermos, é recomendável tossir discretamente antes de entrar de novo na sala. Uma noite em que eu estava a sós com uma dessas desconcertantes criaturas, acabei aborrecendo-me (pudera!) e fui beber qualquer coisa no bar mais próximo. Pois nem queira saber... Quando voltei, quando entrei inopinadamente na sala, estava ele sentado no caixão, comendo sotregamente uma das quatro velas que o ladeavam. E só Deus sabe o constrangimento em que nos vimos os dois, os nossos miseros gestos de desculpa e os sorrisos amarelos que trocamos...

Do SOBRENATURAL

Vozes ciciando nas frinchas.., vozes de afogados soluçando nas ondas... Vozes noturnas, chamando.., pancadas no quarto ao lado, por detras dos móveis, debaixo da cama.., gritos de assassinados ecoando ainda nos corredores malditos... Qual nada! O que mais amedronta é o pranto dos re-recém-nascidos: aí é que está a verdadeira voz do outro mundo.

DESESPERO

Não há nada mais triste do que o grito de um trem no silêncio noturno.
É a queixa de um estranho animal perdido, único sobrevivente de alguma

espécie extinta, e que corre, corre, desesperado, noite em fora, como para escapar à sua orfandade e solidão de monstro.

O SAPO VERDE

Aquele amarelo que apareceu um dia em nossa terra, ou por outra aquele japonês, pois não sei se um chim daria o mesmo desfecho ao caso, dedicava-se a trabalhos de papel. Com incrível celeridade, dobrava, redobrava, multidobrava, premia aqui, puxava dali, e pronto: saía um pato, uma cesta, um avião, um urso, um homem sentado, uma mulher dançando, um

navio, todas as coisas que há no mundo. Algumas dessas habilidades, ele as fazia às vezes em câmara lenta, para que a gente pudesse aprender. Mas era impossível guardar de memória o segredo do sapo verde, o maravilhoso sapo verde que comportava nada menos de sessenta e quatro dobras e que dava um salto quando lhe tocavam no lombo. Comprei um e fui para casa desmanchá-lo. Ficou-me nas mãos um quadrado de papel, inextricavelmente entrecruzado de vincos. Como não consegui fazer a operação contrária, isto é, rearmar o sapo, dali a dias encomendei outro.
- Hoje não poder - disse ele.
- Por quê?
- Por acabar papel verde.
- E por que não faz um sapo branco?... ou um sapo azul... ou um sapo vermelho.., ou...
Mas o seu quase imperceptível sorriso de comiseração cortou-me a linda seqüência colorida.

O CÁGADO

Morava no fundo do poço. E nunca saiu do poço. Costumava tomar sol numa saliência da parede, quando a água chegava até ali. Nas raraS vezes em que isto sucedia, ficávamos a olhá-lo impressionados, como se estivéssemos diante do Homem da Máscara de Ferro. Que vida! Era o Único bicho da casa que não sabia os nossos nomes, nem das mudanças de cozinheira, nem o dia dos anos de Lili. Não sabia nem queria saber.

FILÓ

o negrinho Filó era um artista no pente. Naquele velho pente envolto em papel de seda, tirava tudo, de ouvido, desde a Canção do soldado até La donna è mobile. A gente ficava escutando, com orgulho e inveja. Pois nenhum de nós conseguia tocar pente. Dava-nos cócegas e, como dizia a Gabriela, "a gente se agachava a sirri que não parava mais" . Quando ele morreu, foi logo declarando a sua qualidade, para S. Pedro: "Musgo!" E S. Pedro lhe deu uma gaitinha-de-boca. Uma linda gaitinha de boca! E até hoje ele vive explicando que não há nada como o pente... Mas o Céu é tão perfeito que na sua Filarmônica não existem instrumentos de emergência: um pente, lá, é um pente mesmo.

O LAMPIÃO

Ajanelinha de acetileno do lampião da esquina tinha uma luz que não era a do dia nem a da noite.., a mesma luz que banhava as pessoas, animais e coisas que a gente via em sonhos... aquela mesma luz que deveria enluarar, mais tarde, as janelas altas do outro mundo...

ESTAMPA

Linda moça, com sua cara de louça, na moldura da janela. Passa, a
cavalo, o oficial - reto, correto, linear -, como um valete de cartas.
Enquanto, lento, anoitece, flores suspiram olores, no jardinzinho sincero. E
lá no fim da rua a estrela Vésper, como se fora pirotécnica, irradia-se em
trinta e sete cores.

CRIANÇAS GAZETEANDO A ESCOLA

Atiraram tinteiros no tigre. E enquanto seus gritos arranhavam as
claras vidraças azuis, era lindo ver como ele ia virando pantera: uma linda
Pantera toda preto e ouro!
Encostaram escadas no elefante. Dançaram em cima do elefante. O
mais piquinininho fez um gostoso xixi no lombo do elefante.
Mas como era mesmo impossível esgotar a paciência do bicho, apearam
todos, aos trambolhões, e foram ver o que fazia, à beira do banhado,
o crocodilo verde.

O crocodilo abriu uma boca deste tamanho, depois fechou-a de súbíto
- plaque! - como quem fecha um atlas, terminada a maçante aula de
geografia. E o mais piquinininho ficou sem cabeça.

CONTO CRUEL

De repente, o leite talhou nos vasilhames. Foi um raio? Foi Leviatã?
Foi o quê?
O burgomestre, debaixo das cobertas, resfolegava orações meio
esquccidas.
E os negros monstros das cornijas, com as faces zebradas de
relâmpagos, silenciosamente gargalhavam por suas três ou quatro bocas
superpostas.

II

E amanheceu um enorme ovo, em pé, no meio da praça, três palmos
mais alto que os formosos alabardeiros que lhe puseram em torno para
evitar a aproxímação do público. Foi chamado então o velho mágico. Que
escreveu na casca as três palavras infalíveis. E o ovo abriu-se ao meio e dele
saiu um imponente senhor, tão magnificamente vestido e resplandecente
de alamares e crachás que todos pensaram que fosse o Rei de Ouros. E
ei-lo que disse, encarando o seu povo: "Eu sou o novo burgumestre!" Dito
e feito. Nunca houve tanta dança e tanta bebedeira na cidade. Quanto ao
velho burgumestre, nem foi preciso depô-lo, pois desapareceu tão
misteriosamente como havia aparecido o novo, ou o ovo. E os menestréis
compuseram divertidas canções, que o populacho berrava nas estalagens,

entre gargalhadas e arrepios de medo.

III

Mas por onde andaria o burgumestre?
O seu cachimbo de porcelana, em cujo forno se via um Cupido de pernas trançadas, tocando frauta, foi encontrado à beira-rio. E apesar de todos os esforços, só conseguiram pescar um baú, que não tinha nada a ver com a coisa, e uma sereiazinha insignificante e nada bonita, uma se-

reiazinha de agua doce, que nem sabia cantar e foi logo devolvida ao seu elemento.
Mas quando casava a filha do mestre-escola, encontrou-se dentro do bolo de noiva a dentadura postiça do burgomestre, o que deu azo a que desmaiassem, no ato, duas gerações inteiras de senhoras, e ao posterior suicídio do pasteleiro.
E a caixa de rape do burgumestre, que era inconfundível e unica, multiplicou-se estranhamente e começou a ser achada em todas as salas de espera desertas, pelos varredores verdes de terror, depois que era encerrado o expediente nas repartições públicas e começava a ouvir-se, na rua, o passo trôpego do acendedor de lampiões.

ENTRE AS ENORMES RUÍNAS

Entre as enormes ruínas sem passaros, procurávamos bichinhos de conta, por baixo das pedras e vasos cobertos de musgo. E era uma bênção o frescor da lua sobre os terraços desertos. Mas a agua que havia era verde e silenciosa como a dos poços de cemitério. Em compensação, não se ia mais à escola. E o último de nós que morreu pode ver que chegavam grandes manadas de búfalos brancos, com argolões de prata no focinho e atrás deles os pastores que...
Mas quem sabe se ele já não tinha morrido e aquilo se estava passando numa outra vida, ou numa outra história?

O ANJO MALAQUIAS

O Ogre rilhava os dentes agudos e lambia os beiços grossos, com esse exagerado ar de ferocidade que os monstros gostam de aparentar, por esporte.
Diante dele, sobre a mesa posta, o inocentinho balava, imbele.
Chamava-se Malaquias - tão piquininininho e rechonchudo, pelado, a barriguinha pra baixo, na tocante posição de certos retratos da primeira infância...
O Ogre atou o guardanapo ao pescoço. la ia o miserável devorar o inocentinho, quando Nossa Senhora interferiu com um milagre. Malaquias criou asas e saiu voando, voando, pelo ar atonito... saiu voando janela em

fora...
Dada, porém, a urgência da operação, as asinhas brotaram-lhe apressadamente na bunda, em vez de ser um pouco mais acima, atras dos ombros.
Pois quem nasceu para mártir, nem mesmo a Mãe de Deus lhe vale!

Que o digam as nuvens, esses lerdos e desmesurados cágados das alturas, quando, pela noite morta, o Inocentinho passa por entre elas, voando em esquadro, o pobre, de cabeça pra baixo.
E o homem que, no dia do ordenado, está jogando os sapatos dos filhos, o vestido da mulher e a conta do vendeiro, esse ouve, no entrechocar das fichas, o desatado pranto do Anjo Malaquias!
E a mundana que pinta o seu rosto de ídolo... E o empregadinho em falta que sente as palavras de emergência fugirem-lhe como cabelos de afogado... E o orador que pára em meio de uma frase... E o tenor que dá de súbito, uma nota em falso... Todos escutam, no seu imenso desamparo o choro agudo do Anjo Malaquias!
E quantas vezes um de nós, ao levar o copo ao lábio, interrompe o gesto e empalidece - O Anjo! O Anjo Malaquias! - ... E então, pra disfarçar a gente faz literatura.., e diz aos amigos que foi apenas uma folha morta que se desprendeu... ou que um pneu estourou, longe.., na estrela Aldebaran...

O APRENDIZ DE FEITICEIRO

(1950)

Para Augusto Meyer

194

PINO

Doze touros
Arrastam a pedra terrível.

Doze touros.
Os músculos vibram
Como cordas.

Nenhuma rosa
Nos cornos sonoros.
Nenhuma.

Nas torres que ficam acima das nuvens
Exausto de azul
Boceja o Rei de Ouros.

ODIA

O dia de lábios escorrendo luz
O dia está na metade da laranja
O dia sentado nu
Nem sente os pesados besouros
Nem repara que espécie de ser.., ou deus.., ou animal
é esse que passa no frêmito da hora
Espiando o brotar dos seios.

DE REPENTE

Olho-te espantado:
Tu és uma Estrela do Mar.
Um minério estranho.
Não sei...

195

No entanto,
O livro que eu lesse,
O livro na mão.
Era sempre o teu seio!

Tu estavas no morno da grama,
Na polpa saborosa do pão...

Mas agora encheram-se de sombra os cântaros

E só o meu cavalo pasta na solidão.

MUNDO

E eis que naquele dia a folhinha marcava uma data em
caracteres desconhecidos
Uma data ilegivel e maravilhosa.

Quem viria bater à minha porta?

Ai, agora era um outro dançar, outros os sonhos e incertezas,
Outro amar sob estranhos zodíacos...
Outro...
E o terror de construir mitologias novas!

JAZZ

Deixa subirem os sons agudos, os sons estridulos do jazz no ar.
Deixa subirem: são repuxos: caem...
Apenas ficarão os arroios correndo sem rumor dentro da noite.
E junto a cada arroio, nos campos ermos,
Um anjo de pedra estará postado.

O Anjo de Pedra que está sempre imóvel por detrás de todas as coisas -
Em meio aos salões de baile, entre o fragor das batalhas,
nos comícios das praças públicaS

E em cujos olhos sem pupilas, brancos e parados,
Nada do mundo se reflete.

O POEMA

Um poema como um gole dágua bebido no escuro.
Como um pobre animal palpitando ferido.
Como pequenina moeda de prata perdida para sempre
na floresta noturna.
Um poema sem outra angústia que a sua misteriosa condição de poema.
Triste.
Solitário.
Unico.
Ferido de mortal beleza.

FLORESTA

Dédalo de dedos.
Lanterninhas súbitas.
Escutam as orelhas-de-pau. Ssssio...
O gigante deitado
Se virou pro outro lado.
A velha Carabô
Parou de pentear os cabelos.
E o Vencido... são as duas mãos e a cabeça do Vencido que se arrastam.
Que se arrastam penosamente para o poço da Lua,
Para o frescor da Lua, para o leite da Lua, para a lua da Lua!
(Filha, onde teria ficado o resto do corpo?)

CASAS
Para Cecilia Meireles

A casa de Herédia, com grandes sonetos dependurados como panóplias
E escadarias de terceiro ato,
A Casa de Rimbaud, com portas súbitas e enganosos
corredores, casa-diligência-navio (aeronave-pano, onde só não se perdem
os sonâmbulos e os copos de dados,

A casa de Apollinaire, cheia de reis de França e valetes
e damas dos quatro naipes e onde a gent
quebra admiráveis vasos barrocos correndo atrás de pastorinhas
do século XVIII
A casa de William Blake, onde é perigoso a gente entrar, porque pode
nunca mais sair dela
A casa de Cecilia, que fica sempre noutra parte...
E a casa de João-José, que fica no fundo de um poço, e que não é
propriamente casa, mas uma
sala-de-espera no fundo do poço.

O ANJO DA ESCADA

Na volta da escada,
Na volta escura da escada.
O Anjo disse o meu nome.
E o meu nome varou de lado a lado o meu peito.
E vinha um rumor distante de vozes clamando clamando...
Deixa-me!
Que tenho a ver com as tuas naus perdidas?
Deixa-me sozinho com os meus pássaros...
com os meus caminhos...
com as minhas nuvens...

VERANICO

Um par de tamanquinhos
Prova o timbre da manhã.

Será o Rei dos Reis,
Com OS seus tamanquinhos?

Ei- lo que volta agora zumbindo num trimotor.

Um reflexo joga os seus dados de vidro.
alta
alta
E a minha janela é alta

Como o olhar dos que seguiram o vôo do primeiro balão
Ou como esses poleiros onde cismam imóveis as invisíveis cacatuas de Deus.

CRIPTA

Debaixo da mesa
A negrinha.
Assustada,
Assustada.
Na janela
Alua.
No relógio
O tempo.
No tempo
A casa.
E no porão da casa?
No porão da casa umas estranhas ex-criaturas com cabelos de teia-de-aranha e os olhos sem luz
[sem luz e todas se esfarelando que nem mariposas ai todas se esfarelando mas sempre
[se remexendo eternamente se remexendo como anemonas fofas no fundo de um poço de
[um poço!

O POEMA DO AMIGO

Estranhamente esverdeado e fosfóreo,
Que de vezes já o encontrei, em escusos bares submarinos,
O meu calado cúmplice!

Teríamos assassinado juntos a mesma datilógrafa?
Encerráramos um anjo do Senhor nalgum escuro calabouço?

Éramos necrófilos
Ou poetas?
E aquele segredo sentava-se ali entre nós todo o tempo,
Como um convidado de máscara.

199

E nós bebíamos lentamente a ver se recordávamos...
E através das vidraças olhávamos os peixes maravilhosos
e terríveis cujas complicadas formas
[eram tão difíceis de compreender como os nomes com que os
catalogara Marcus Gregorovius na sua monumental
Fauna Abyssalis.

OBSESSÃO DO MAR OCEANO

Vou andando feliz pelas ruas sem nome...
Que vento bom sopra do Mar Oceano!
Meu amor eu nem sei como se chama,
Nem sei se é muito longe o Mar Oceano...
Mas há vasos cobertos de conchinhas
Sobre as mesas... e moças nas janelas
Com brincos e pulseiras de coral...
Búzios calçando portas... caravelas
Sonhando imóveis sobre velhos pianos...
Nisto,
Na vitrina do brique o teu sorriso, Antínous,
E eu me lembrei do pobre imperador Adriano,
De su'alma perdida e vaga na neblina...
Mas como sopra o vento sobre o Mar Oceano!
Se eu morresse amanhã, só deixaria, só,
Uma caixa de música
Uma bússola
Um mapa figurado
Uns poemas cheios da beleza única
De estarem inconclusos...
Mas como sopra o vento nestas ruas de outono!
E eu nem sei, eu nem sei como te chamas...
Mas nos encontraremos sobre o Mar Oceano,
Quando eu também já não tiver mais nome.

SEMPRE

Jamais se saberá com que meticuloso cuidado
Veio o Todo e apagou o vestígio de Tudo

200

E
Quando nem mais suspiros havia
Ele surgiu de um salto
Vendendo súbitos espanadores de todas as cores!

FUNÇÃO

Varri-me como uma pista.
Frescor de adro, pureza um pouco triste
De página em branco... Mas um bando
De moças enche o recinto de pestanas.
Mas entram inquietos pôneis.
Ridículos.
Ergo os braços, escorre-me o riso pintado
E uma pura pura lágrima
Que estoura como um balão.

A MENINA

Ao longo dos muros da morte
Corre a menina com o arco.
O vento agita-lhe a saia florida
E a terra negra nem lhe imprime o rastro...

DEPOIS

Nem a coluna truncada:
Vento escorrendo cores.
Cor dos poentes nas vidraças.
Cor das tristes madrugadas.
Cor da boca...
Cor das tranças...
Das tranças avoando loucas
Sob sonoras arcadas...
Cor dos olhos...
Cor das saias

201

Rodadas...
E a concha branca da orelha

Na imensa praia
Do tempo.

A CANÇÃO

Era a flor da morte
E era uma canção...

Tão linda que só se poderia ler dançando
E que nada dizia
Em sua graça ingênua
Dos subterrâneos êxtases e horrores em que estavam
mergulhadas as suas raízes..
Mas estava fragilmente pintada sobre o véu do silêncio
Onde a morta jazia com os seus cabelos esparsos
Com os seus dedos sem anéis
Com os seus lábios imóveis

E que talvez houvessem desaprendido para sempre até
as sílabas com que outrora
[pronunciavam meu nome...
Onde a morta jazia, na sua misteriosa ingratidão!
Era uma pobre canção,
Ingênua e frágil,
Que nada dizia...

O CAIS

Naquele nevoeiro
Profundo profundo...
Amigo ou amiga,
Quem é que me espera?

Quem é que me espera,
Que ainda me ama,
Parado na beira
Do cais do Outro Mundo?

Amigo ou Amiga
Que olhe tão fundo
Tão fundo em meus olhos
E nada me diga...

Que rosto esquecido...
ou radiante face
Puro sorriso
De algum novo amor?!

O POEMA

O poema é uma pedra no abismo,
O eco do poema desloca os perfis:
Para bem das águas e das almas
Assassinemos o poeta.

BOCA DA NOITE

No espelho roto das poças dágua
O céu entristece...
Jesus Cristo encontrou o Menino Jesus.
Houve uma leve hesitação no ar...
Houve, de fato, qualquer cousa no ar...
Meu amigo morto me pediu um cigarro.
O que seria que aconteceu?
Todas as vitrinas de repente iluminaram-se...
E há uma estrela morta em cada poça dágua...

AS PÁLPEBRAS ESTÃO DESCIDAS

As pálpebras estão descidas
E as mãos em cruz sobre o peito...
Mas quem é que pisa vidros?

Quem estala dedos no ar?
As pálpebras estão descidas.
Não mastigues folhas secas!
Não mastigues folhas secas,
Que te pode fazer mal...
- Quem é que canta no mar? -
As mãos repousam no peito.
E eu quero ver se bem cedo
Pescam meu corpo em Xangai.

NOTURNO

Não sei por que, sorri de repente
E um gosto de estrela me veio na boca...
Eu penso em ti, em Deus, nas voltas inumeráveis que fazem os caminhos...
Em Deus, em ti, de novo...

Tua ternura tão simples...

Eu queria, não sei por que, sair correndo descalço pela noite imensa
E o vento da madrugada me encontraria morto junto de um arroio,
Com os cabelos e a fronte mergulhados na água Límpida...
Mergulhados na água límpida, cantante e fresca de um arroio!

AS BELAS, AS PERFEITAS MÁSCARAS

As belas, as perfeitas máscaras de perfil severo
Que a morte, no silêncio, esculpe,
Encheram-se de uma estranha claridade...
Que anjos tocam, através do mundo e das estrelas,
Através dos sensíveis rumores,
O canto grave dos violoncelos profundos?
Alma perdida, vagabunda, Messalina sonâmbula, insaciada...
Que procuras na noite morta, Alma transviada,
Com tuas mãos vazias e tristes?
Cantam os violoncelos... A noite sobe como um balão...
Meus olhos vão ficando cada vez mais lúcidos...
Soluçam os violoncelos... Ah,
Como é gelado o teu lábio,
Pura estrela da manhã!

A NOITE

A Noite é uma enorme Esfinge de granito negro
Eu acendo a minha lâmpada de cabeceira.
Estou lendo Sherlock Holmes.
Mas, nos ventres, há fetos pensativos desenvolvendo-se...
E há cabelos que estão crescendo, lentamente, por debaixo da terra,
Junto com as raízes úmidas...

Ehá cânceres... cânceres!... distendendo-se como lentos dedos...
Impossível, meu caro doutor Watson, seguir o fio desta sua confusa e deliciosa história.
A Noite amassa pavor nas entrelinhas.
um grude espesso, obscuro...
Vontade de gritar claros nomes serenos

PALLAS NAUSICAA ATHENA Ai, mas os deuses se foram...
Só tu aí ficaste...
Só tu, do fundo da noite imensa, a agonizares eternamente na tua cruz!...

OS CAMINHOS ESTÃO CHEIOS DE TENTAÇÕES

Os caminhos estão cheios de tentações.
Os nossos pés arrastam-se na areia lúbrica...
Oh! tomemos os barcos das nuvens!
Enfunemos as velas dos ventos!
Os nossos lábios tensos incomodam-nos como estranhas mordaças.
Vamos! vamos lançar no espaço - alto, cada vez mais alto! - a rede das estrelas...
Mas vem da terra, sobe da terra, insistente, pesado,
Um cheiro quente de cabelos...
A Esfinge mia como uma gata.
E o seu grito agudo agita a insônia dos adolescentes pálidos,
O sono febril das virgens nos seus leitos.
De que nos serve agora o Cristo do Corcovado?!
Há um longo, um arquejante frêmito nas palmeiras, em torno...
A Noite negra, demoradamente,
Aperta o mundo entre os seus joelhos.

205

AO LONGO DAS JANELAS MORTAS

Ao longo das janelas mortas
Meu passo bate as calçadas.
Que estranho bate!... Será
Que a minha perna é de pau?
Ah, que esta vida é automática!
Estou exausto da gravitação dos astros!
Vou dar um tiro neste poema horrível!
Vou apitar chamando os guardas, os anjos, Nosso Senhor,
as prostitutas, os mortos!
Venham ver a minha degradação,
A minha sede insaciável de não sei o que,
As minhas rugas.
Tombai, estrelas de conta,
Lua falsa de papelão,
Manto bordado do céu!
Tombai, cobri com a santa inutilidade vossa
Esta carcaça miserável de sonho...

MOMENTO

E, de repente,
Todas as coisas imóveis se desenharam mais nítidas no silêncio.
As pálpebras estavam fechadas...
os cabelos pendidos...
E os anjos do Senhor traçavam cruzes sobre as portas.

NO SILÊNCIO TERRÍVEL

No silêncio terrível do Cosmos
Há de ficar uma última lâmpada acesa.
Mas tão baça
Tão pobre
Que eu procurarei, às cegas, por entre os papéis revoltos,
Pelo fundo dos armários,
Pelo assoalho, onde estarão fugindo imundas ratazanas,

O pequeno crucifixo de prata
- O pequenino, o milagroso crucifixo de prata que tu me deste um dia
Preso a uma fita preta.
E por ele os meus lábios convulsos chorarão
Viciosos do divino contato da prata fria...
Da prata clara, silenciosa, divinamente fria- morta!
E então a derradeira luz se apagará de todo...

BAR

No mármore da mesa escrevo
Letras que não formam nome algum
O meu caixão será de mogno,
Os grilos cantarão na treva...
Fora, na grama fria, devem estar brilhando as gotas
pequeninas do orvalho.
Há, sobre a mesa, um reflexo triste e vão
Que é o mesmo que vem dos óculos e das carecas.
Há um retrato do Marechal Deodoro proclamando a República.
E de tudo irradia, grave, uma obscura, uma lenta musica...
Ah, meus pobres botões! eu bem quisera traduzir, para vós,
uns dois ou três compassos do Universo!...
Infelizmente não sei tocar violoncelo...
A vida é muito curta, mesmo...
E as estrelas não formam nenhum nome.

CÂNTICO

O vento verga as árvores, o vento clamoroso da aurora...
Tu vens precedida pelos vôos altos,
Pela marcha lenta das nu vens.
Tu vens do mar, comandando as frotas do Descobrimento!
Minh'alma é trêmula da revoada dos Arcanjos.
Eu escancaro amplamente as janelas.
Tu vens montada no claro touro da aurora.
Os clarins de ouro dos teus cabelos cantam na luz!

207

208

ESPELHO MAGICO

(1951)

Porto Alegre, abril de 1945

Não sejas muito justo; nem mais sábio
do que é necessário, para que não venhas
a ser estúpido.
Eclesiastes, 7, 16.

A Monteiro Lobato
O. D. G.

O AUTOR

209

210

I. DA OBSERVAÇÃO

Não te irrites, por mais que te fizerem...
Estuda, a frio, o coração alheio.
Farás, assim, do mal que eles te querem,
Teu mais amável e sutil recreio...

II. Do AMIGO

Olha! É como um vaso

De porcelana rara o teu amigo.
Nunca te sirvas dele... Que perigo!
Quebrar se-ia, acaso...

III. Do ESTILO

Fere de leve a frase... E esquece... Nada
Convém que se repita...
Só em linguagem amorosa agrada
A mesma coisa cem mil vezes dita.

IV. DA PREOCUPAÇÃO DE ESCREVER

Escrever... Mas por quê? Por vaidade, está visto...
Pura vaidade, escrever!
Pegar da pena... Olhai que graça terá isto,
Sejá se sabe tudo o que se vai dizer!...

V. DAS BELAS FRASES

Frases felizes... Frases encantadas...
Ó festa dos ouvidos!

Sempre há tolices muito bem ornadas...
Como há pacovios bem vestidos.

VI. Do CUIDADO DA FORMA

Teu verso, barro vil,
No teu casto retiro, amolga, enrija, pule...
Vê depois como brilha, entre os mais, o imbecil,
Arredondado e liso como um bule!

VII. DA VOLUPTUOSIDADE

Tudo, mesmo a velhice, mesmo a doença,
Tudo comporta o seu prazer...
E até o pobre moribundo pensa
Na maneira mais suave de morrer...

VIII. Dos MUNDOS

Deus criou este mundo. O homem, todavia,
Entrou a desconfiar, cogitabundo...

Decerto não gostou lá muito do que via...
E foi logo inventando o outro mundo.

IX. DA INQUIETA ESPERANÇA

Bem sabes Tu, Senhor, que o bem melhor é aquele
Que não passa, talvez, de um desejo ilusório.
Nunca me dês o Céu... quero é sonhar com ele
Na inquietação feliz do Purgatório...

X. DA VIDA ASCÉTICA

Não foge ao mundo o verdadeiro asceta,
Pois em si mesmo tem seu próprio asilo.
E em meio à humana turba, arrebatada e inquieta,
Só ele é simples e tranqüilo.

XI. DAS CORCUNDAS

As costas de Polichinelo arrasas
Só porque fogem das comuns medidas?
Olha! quem sabe não serão as asas
De um Anjo, sob as vestes escondidas...

XII. DAS UTOPIAS

Se as coisas são inatingíveis.., ora!
Não é motivo para não querê-las...
Que tristes os caminhos, se não fora
A mágica presença das estrelas!

XIII. Do BELO

Nada, no mundo, é, por si mesmo, feio.
Inda a mais vil mulher, inda o mais triste poema,
Palpita sempre neles o divino anseio
Da beleza suprema...

XIV. Do MAL E DO BEM

Todos têm seu encanto: os santos e os corruptos.
Não há coisa, na vida, inteiramente má.
Tu dizes que a verdade produz frutos...
Já viste as flores que a mentira dá?

XV. Do MAU ESTILO

Todo o bem, todo o mal que eles te dizem, nada
Seria, se soubessem expressá-lo...
O ataque de uma borboleta agrada
Mais que todos os beijos de um cavalo.

XVI. DA DISCRETA ALEGRIA

Longe do mundo vão, goza o feliz minuto

Que arrebataste às horas distraídas.
Maior prazer não é roubar um fruto
Mas sim ir saboreá-lo às escondidas.

XVII. DA INDULGÊNCIA

Não perturbes a paz da tua vida,
Acolhe a todos igualmente bem.
A indulgência é a maneira mais polida
De desprezar alguém.

xviii. Dos PESCADORES DE ALMAS

Se Deus, tal como Satanás, procura
As almas aliciar.., por que deixa ao Pecado
Esse caminho suave, essa fatal doçura
E faz do Bem um fruto amargo e indesejado?

XIX. Dos MILAGRES

O milagre não é dar vida ao corpo extinto,
Ou luz ao cego, ou eloqüência ao mudo...
Nem mudar água pura em vinho tinto...
Milagre é acreditarem nisso tudo!

XX. Dos SOFRIMENTOS QUOTIDIANOS

Tricas... Nadinhas mil... Ridículos extremos...
Enxame atroz que em torno à gente esvoaça.
E disto, e só por isto envelhecemos...
Nem todos podem ter uma grande desgraça!

XXI. DAS ILUSÕES

Meu saco de ilusões, bem cheio tive-o.
Com ele ia subindo a ladeira da vida.
E, no entretanto, após cada ilusão perdida...
Que extraordinária sensação de alívio!

XXII. DA BOA E DA MÁ FORTUNA

É sem razão, e é sem merecimento,
Que a gente a sorte maldíz:
Quanto a mim, sempre odiei o sofrimento,
Mas nunca soube ser feliz...

XXIII. Dos Nossos MALES

A nós nos bastem nossos próprios ais,
Que a ninguém sua cruz é pequenína.
Por pior que seja a situação da China,
Os nossos calos doem muito mais...

XXIV. DA INFiEL COMPANHEIRA

Como um cego, grita a gente:
"Felicidade, onde estás?"
Ou vai-nos andando à frente...
Ou ficou lá para trás...

XXV. DA PAZ INTERIOR

O SOSsego interior, se queres atingi-lo,
Não deixes coisa alguma incompleta ou adiada.
Não há nada que dê um sono mais tranqüilo
Que uma vingança bem executada...

XXVI. DA MEDIOCRIDADE

Nossa alma incapaz e pequenína
Mais complacências que irrlsão merece.
Se ninguém é tão bom quanto imagina,
Também não é tão mau como parece.

XXVII. Do ESPÍRITO E DO CORPO

O espírito é variável como o vento,
Mais coerente é o corpo, e mais discreto...
Mudaste muita vez de pensamento,
Mas nunca de teu vinho predileto...

XXVIII. Do "HOMO SAPIENS"

E eis que, ante a infinita Criação,
O próprio Deus parou, desconcertado e mudo!
Num sorriso, inventou o homo sapiens, então,
Para que lhe explicasse aquilo tudo...

XXIX. DA ANÁLISE

Eis um problema! E cada sábio nele aplica
As suas lentes abismais.
Mas quem com isso ganha é o problema, que fica
Sempre com um x a mais...

XXX. Do ETERNO MISTÉRIO

"Um outro mundo existe.., uma outra vida..."
Mas de que serve ires para lá?
Bem como aqui, tu'alma atônita e perdida
Nada compreenderá...

XXXI. DA POBRE ALMA

Como é que hás de poder, ó Alma, devassar
Essas da pura essência invisíveis paragens?
Tu que enfim não és mais do que um ansioso olhar!
Ó pobre Alma adoradora das Imagens...

XXXII. DAS VERDADES

A verdade mais nova, ela somente, existe!
Até que um dia, para os mais meninos,
Vai tornando esse aspecto, entre irrisório e triste,
Dos velhos figurinos...

XXXIII. DA BELEZA DAS ALMAS

Se é bela a alma em si, que importa o proceder?
Com Marco Antônio, rei da sedução,
Sentiriam os Anjos mais prazer

Do que na companhia de Catão...

XXXIV. DA PERFEIÇÃO DA VIDA

Por que prender a vida em conceitos e normas?
O Belo e o Feio.., o Bom e o Mau... Dor e Prazer...
Tudo, afinal, são formas
E não degraus do Ser!

XXXV. DA ETERNA PROCURA

Só o desejo inquieto, que não passa,
Faz o encanto da coisa desejada...
E terminamos desdenhando a caça
Pela doida aventura da caçada.

XXXVI. DA FALSIDADE

Foi tudo falso, o que ela disse?
Fecha os olhos e crê: a mentira é tão linda!
Nem ela sabe que fingir meiguice
É o mais certo sinal de que te ama ainda...

XXXVII. DA CONTRADIÇÃO

Se te contradisseste e acusam-te.., sorri.
Pois nada houve, em realidade.

Teu pensamento é que chegou, por si,
Ao outro pólo da Verdade...

XXXVIIi. Do PRAZER

Quanto mais leve tanto mais sutil
O prazer que das coisas nos provém.
Escusado é beber todo um barril
Para saber que gosto o vinho tem.

XXXIX. Do PRANTO

Não tentes consolar o desgraçado
Que chora amargamente a sorte má.
Se o tirares por fim do seu estado,
Que outra consolação lhe restará?

XL. Do SABOR DAS COISAS

Por mais raro que seja, ou mais antigo,
Só um vinho é deveras excelente:
Aquele que tu bebes calmamente
Com o teu mais velho e silencioso amigo...

XLI. DA ARTE DE SER BOM

Sê bom. Mas ao coração
Prudência e cautela ajunta.
Quem todo de mel se unta,
Os ursos o lamberão.

XLII. Do ESPETÁCULO DE Si MESMO

Conhecer a si mesmo é inútil, parece,
Mas sempre diverte um pouco...
Coisa assim como um louco que tivesse
Consciência de que é louco.

XLIII. DA INÚTIL SABEDORIA

"Conhece-te a ti mesmo." Dessa, agora,
O alcance não adivinho.
Muito mais útil nos fora
Conhecer nosso vizinho...

XLIV. Dos LIVROS

Não percas nunca, pelo vao saber,
A fonte viva da sabedoria.
Por mais que estudes, que te adiantaria,
Se a teu amigo tu não sabes ler?

XLV. DA SABEDORIA DOS LIVROS

Não penses compreender a vida nos autores.
Nenhum disto é capaz.
Mas, à medida que vivendo fores,
Melhor os compreenderas.

XLVI. Dos SISTEMAS

Já trazes, ao nascer, tua filosofia.

As razões? Essas vêm posteriormente
Tal como escolhes, na chapelaria,
A fôrma que mais te assente...

XLVII. Do EXERCÍCIO DA FILOSOFIA

Como o burrico mourejando a nora,
A mente humana sempre as mesmas voltas da...
Tolice alguma nos ocorrerá
Que não a tenha dito um sábio grego outrora...

XLVIII. DAS IDÉIAS

Qualquer idéia que te agrade,
Por isso mesmo... é tua.

O autor nada mais fez que vestir a verdade
Que dentro em ti se achava inteiramente nua...

XLIX. Dos PEQUENOS RIDÍCULOS

Nunca faças escândalos. Ao menos,
Visto que tanto ousas,
Não os faças pequenos...
O ridículo está é nas pequenas cousas.

L. DA AMIZADE ENTRE MULHERES

Dizem-se amigas... Beijam-se... Mas qual!
Haverá quem nisso creia?
Salvo se uma das duas, por sinal,
For muito velha, ou muito feia...

LI. DA INCONSTÂNCIA DAS MULHERES

Deixaram-te por outro.., e te arrelias
Contra esse antigo, feminil defeito.
Outro refrão, porém, me cantarias,
Se ela traisse a alguém em teu proveito...

LII. Do QUE ELAS DIZEM

O que elas dizem nunca tem sentido?
Que importa? Escuta-as um momento.
Como quem ouve, entre encantado e distraído,

A voz das águas... o rumor do vento...

LIII. DAS LEIS DA NATUREZA

FaLar contra as mulheres...
Que ingenuidade a tua!
Diz-me, acaso queres
Ironizar as variações da lua?

LIV. Do GOLPE DE VISTA

Quem me dera, ante o espetáculo do mundo,
mais hesitações e sem maior fadiga,
instantâneo olhar, incisivo e profundo,
ai que julga a mulher as toilettes da amiga!

LV. Do ESPETÁCULO DESTA VIDA

Impossível será que melhor vida exista,
Enquanto o mundo assim se distribuir:
No palco a Estupidez, para ser vista,
E a Inteligência na platéia, a rir...

LVI. DA COMPREENSÃO

Uns dizem mal de nós, mas sempre existe alguém
Que nos estime, afinal...
E todo o bem que diz, esse precioso bem...
Meu Deus!.., como o diz mal!

LVII. DA SINCERIDADE

Tens um amigo que fala bem
E um cão que nada explica.
Um jura-te amizade.., O outro, porém,
Seus bons serviços te dedica.

LVIII. Do DIREITO DE CONTRADIZER-ME

Que eu tenha um juízo ah-eterno
E sempre a mesma opinião?
Mas por que devo suar no inverno
Só porque o fiz no verão?

LIX. Do RISO

As setas de ouro de teu riso inflige
À sombra que te quer amedrontar.

Um canto muros erige:
Um riso os faz desabar.

LX. DA INTERMINÁVEL DESPEDIDA

Ó Mocidade, adeus! Já vai chegar a hora!
Adeus, adeus... Oh! essa longa despedida...
E sem notar que há muito ela se foi embora,
Ficamos a acenar-lhe toda a vida...

LXI. Dos TITULOS DO LEÃO

Ele que é força pura, ele que é puro egoísmo,
No entanto é o Nobre, é o Justo... é Sua Alteza o Leão!
Pois que só um consolo resta à escravidão:
Idealizar o despotismo...

LXII. Dos PONTOS DE VISTA

A mosca, a debater-se: "Não! Deus não existe!
Somente o Acaso rege a terrena existência."
A Aranha: "Glória a Ti, Divina Providência,
Que à minha humilde teia essa mosca atraiste!"

LXIII. DAS FALSAS POSIÇÕES

Com a pele do leão vestiu-se o burro um dia.
Porém no seu encalço, a cada instante e hora,
"Olha o burro! Fiau! Fiau!" gritava a bicharia...
Tinha o parvo esquecido as orelhas de fora!

LXIV. Dos MALES

Mono Velho, a gemer de gota, avista um leão.
Qual gota! Qual o quê! Logo trepa a um coqueiro.
Nada, para esquecer uma aflição,
Como um grande tormento verdadeiro...

LXV. DAS ALIANÇAS DESIGUAIS

Gato do Mato e Leão, conforme o combinado,
Juntos caçavam corças pelo mato.
As corças escaparam... Resultado:
Não escapou o gato.

LXVI. Dos DEFEITOS E DAS QUAlIDADES

Diz o Elefante às Rãs que em torno dele saltam:
"Mais compostura! Ó Céus! Que piruetas incríveis!"
Pois são sempre, nos outros, desprezíveis
As qualidades que nos faltam...

LXVII. Do CAPÍTULO PRIMEIRO DO GÊNESIS

Sesteava Adão. Quando, sem mais aquela,
Se achega Jeová e diz-lhe, malicioso:
"Dorme, que este é o teu último repouso."
E retirou-lhe Eva da costela.

LXVIII. DA FELICIDADE

Quantas vezes a gente, em busca da ventura,
Procede tal e qual o avozinho infeliz:
Em vão, por toda parte, os óculos procura,
Tendo-os na ponta do nariz!

LXIX. DA VIRTUDE

Com que tenacidade
Vai seguindo a Virtude a dolorosa Via!
Olhai! passo a passo, a Vaidade
Lhe serve de companhia...

LXX. DA CARIDADE

Se se pudesse dar, indefinidamente,
Mas sem, do que se deu, nada perder, em suma,
Ainda assim, muita gente
Nunca daria coisa alguma...

LXXI. DAS PENAS DE AMOR

É só por teu egoísmo impenitente
Que o sentimento se transforma em dor.
O que julgas, assim, penas de amor,
São penas de amor-próprio, simplesmente...

LXXII. Do OBJETO AMADO

Impossível que a gente haja nascido
Com os encantos que um no outro vê!
E um belo dia se descobre que
Houvera apenas um mal- entendido...

LXXIII. DA REALIDADE

O sumo bem só no ideal perdura...
Ah! quanta vez a vida nos revela
Que "a saudade da amada criatura"
É bem melhor do que a presença dela...

LXXIV. Do AMOROSO ESQUECIMENTO

Eu, agora - que desfecho! -,
Já nem penso mais em ti...
Mas será que nunca deixa
De lembrar que te esqueci?

LXXV. DAS CONFIDÊNCIAS

Quiseste expor teu coração a nu...
E assim, ouvi-lhe todo o amoroso enleio.
Ah, pobre amigo, nunca saibas tu
Como é ridículo o amor... alheio...

LXXVI. DA DISCRIÇÃO

Não te abras com teu amigo
Que ele um outro amigo tem.
Eo amigo de teu amigo
Possui amigos também...

LXXVII. DA INDISCRIÇÃO

Passível é de judicial sentença
O que na casa alheia se intromete.
Só nos falta é uma lei que aos importunos vete
A entrada em nossas almas, sem licença...

LXXVIII. DA PREGUIÇA

Suave Preguiça, que do mal-querer
E de tolices mil ao abrigo nos pões...
Por causa tua, quantas más ações
Deixei de cometer!

LXXIX. DA CONTRAÇÃO AO TRABALHO

Forcejares assim dessa maneira...
Olha! Só aos basbaques impressiona,
A esses que vão espiar, nos barracões, de lona,
A ingênua exibição dos hércules de feira...

LXXX. Do Ovo DE COLOMBO

Nos acontecimentos, sim, é que há Destino:
Nos homens, não - espuma de um segundo...
Se Colombo morresse em pequenino,
O Neves descobria o Novo Mundo!

LXXXI. DA AÇÃO

Ante o Herói, num sorriso o teu pasmo transforma:
Ele que faça História, e a desfaça, à vontade...
Pobre bárbaro, entregue à mais grosseira forma
Da múltipla e infinita Realidade!

LXXXII. DA AGITAÇÃO DA VIDA

Lida no doido afã!
Vamos! Investe, vai contra os moinhos de vento!
Um dia tu verás que tudo é sombra vã,
Tênue fumo que a morte assopra num momento...

LXXXIII. Do MAL DA VELHICE

Chega a velhice um dia... E a gente ainda pensa
Que vive... E adora ainda mais a vida!
Como o enfermo que em vez de dar combate à doença
Busca torná-la ainda mais comprida...

LXXXIV. DA MODERAÇÃO

Cuidado! Muito cuidado...
Mesmo no bom caminho urge medida e jeito.
Pois ninguém se parece tanto a um celerado
Como um santo perfeito...

LXXXV. DA VIUVEZ

Ele está morto. Ela, aos ais.
Mas, neste lúgubre assunto,
Quem fica viúvo é o defunto...
Porque esse não casa mais.

LXXXVI. Do Outro MUNDO

Mandou chamar um moribundo
Seus inimigos e abraçá-los quis.
"Bem se vê (um então lhe diz)
Que já não és deste mundo..."

LXXXVII. Dos BENEFÍCIOS DA POBREZA

Pobreza invejas não traz
A ninguém...
Diz-me, acaso lhe descobrirás
Um outro bem?

LXXXVIII. DA RIQUEZA

O dinheiro não traz venturas, certamente.
Mas dá algum conforto... E em verdade te digo:
Sempre é melhor chorar junto à lareira quente
Do que na rua, ao desabrigo.

LXXXIX. DA ALEGRIA NAS ATRIBULAÇÕES

"Olha! o melhor é sorrires!"
Mas já se viu que lembrança!
Dá-me primeiro a bonança,
Que eu te darei o arco íris...

XC. DOS DEFEITOS ALHEIOS

Do pródigo sorris Coitado! é um bom sujeito...
Mas o avarento Ui! que sórdido animal!
Pudera não! se por sinal
Não tiras deste um só proveito...

XCI. DAS INCLINAÇÕES E DO ESTÔMAGO

Se do lado de Deus ou do Diabo te pões,
Isto são coisas intestinas...
No sábado de noite: álcool e bailarinas...
Domingo de manhã: limonada e sermões...

XCII. DA PLENITUDE

Um dia, ao Zé Caipora e ao Zé Feliz,
Apresentou-se um génio benfazejo.
E, para espanto seu, "Eu nada mais desejo..."
Cada um lhe diz.

XCIII. DA VELHA HISTÓRIA

A história de Pia e Pio
Deste modo se passou:
Tanto ele a perseguiu
Que ela um dia o apanhou...

XCIV. DA RAZÃO

Que de tolices, talvez,
Tem evitado a Razão!
O triste é que até hoje nunca fez
Nenhuma grande ação...

XCV. DA SÁTIRA

A sátira é um espelho: em sua face nua,
Fielmente refletidas,
Descobres, de uma em uma, as caras conhecidas,
E nunca vês a tua...

XCVI. Dos HÓSPEDES

Esta vida é uma estranha hospedaria,
De onde se parte quase sempre às tontas,
Pois nunca as nossas malas estão prontas,

E a nossa conta nunca está em dia...

XCVII. DA CALÚNIA

Sorri com tranqüilidade
Quando alguém te calunia.
Quem sabe o que não seria
Se ele dissesse a verdade...

XCVIII. DA EXPERIÊNCIA

A experiência de nada serve à gente.
um médico tardio, distraído:
Põe-se à forjar receitas quando o doente
Já está perdido...

XCIX. DAS DEVOTAS

Depois de todos os encantos idos,
Lhes chega a Devoção, em vôo silencioso,
Coruja triste que só faz o pouso
No oco dos velhos troncos carcomidos...

C. DA CONFORMIDADE

Isto de idéias singulares...
Um grande escolho!
Se em meio aos tortos por acaso andares,
Fecha um olho.

CI. DA HUMANA CONDIÇÃO

Custa o rico a entrar no Céu
(Afirma o povo e não erra).

Porém muito mais difícil
É um pobre ficar na terra...

CII. DA VERGONHA

Ora, o que sentes é puro
Receio de seres visto.
Não, vergonha não é isto:
Vergonha é a que tens no escuro...

CIII. DE COMO PERDOAR AOS INIMIGOS

Perdoas... és cristão.., bem o compreendo...
E é mais cômodo, em suma.
Não desculpes, porém, coisa nenhuma,
Que eles bem sabem o que estão fazendo...

CIV. DA AMIGA ASSISTÊNCIA

Um novo amigo tens? Não te cause alegria
Essa afeição de todos os momentos.
Mais um que há de trazer, para os teus sofrimentos,
A sua inócua simpatia...

CV. DA MANEIRA DE AMAR OS INIMIGOS

Novo inimigo tens? Não te cause pesar
Tão risonho motivo...
No dia em que triunfes, hás de achar
Na cara dele o teu prazer mais vivo.

CVI. Do VERDADEIRO MÉRITO

Esse talento que te faz tão altaneiro
Não vem de ti: é um dom, como a beleza ou a graça.
Mais te orgulhe, se o tens, teu cavalo de raça...
Pois foi comprado com o teu dinheiro.

CVII. DA CONDIÇÃO HUMANA

Se variam na casca, idêntico é o miolo,
Julguem-se embora de diversa trama:
Ninguém mais se parece a um verdadeiro tolo
Que o mais sutil dos sábios quando ama.

CVIII. DA FALTA DE TROCO

Quase nunca ao mais alto dos talentos
Um prático sucesso corresponde:
Se só tens uma nota de qLlinhentos
Como conseguirás andar de bonde?

CIX. DA AMARGA SABEDORIA

Conhecer a si mesmo e aos outros... Ver ao mal

Com mais clareza.., á triste e doloroso dom!
E sofrer mais que todos, no final,
Sem o consolo de ter sido bom...

CX. DA MORTE

Um dia... pronto!.., me acabo.
Pois seja o que tem de ser.
Morrer que me importa?... O diabo
É deixar de viver!

CXI. DA PRÓPRIA OBRA

Exalça o Remendão seu trabalho de esteta...
Mestre Alfaiate gaba o seu corte ao freguês...
Por que motivo só não pode o Poeta
Elogiar o que fez?

NOTA

O quarteto XLVIII, que assim começa:

"Qualquer idéia que te agrade
Por isso mesmo... é tua..."

dispensaria esta nota. Em todo caso, para dar uma satisfação ao leitor, desprevenido dir-lhe-ei que o número V foi colhido em La Bruvére, o LIII, em Moliére (era useiro e vezeiro em tais empréstimos), o LVI em Rivarol, o LXIII em La Fontaine (outro que tal), o LXIX em La Rochefoucauld,o LXXVII em D. Francisco Manuel de Melo, e o XCV, que deu título ao livro, em Swift.
Quanto aos de número XVII, XLIV, XLV, L, LV, LXII, LXXXIII, XC, LXXXV e XCVI, é-me agora impossível lhes descobrir as fontes, visto que não foram propriamente hauridos na obra de seus autores, mas retive-os quase sem querer, ao acaso da preguiçosa e desconexa leitura de alma-naques e revistas - problema este que, desde já, deixo entregue à paciente exegese das traças.
Outras aproximaçoes ou encontros que porventura ocorram acham-se incursos e previstos no número XLVII.

M. Q.

CADERNO H

(1973)

233

234

MASTIGA-ME DEVAGARINHO

"Deu um suspiro, retesou-se no assento e tombou."
Tomei nota da frase para estudar o que havia de errado nela, ou em mim, visto que a achei de um cômico irresistível.
Anotação e seqüência dos fatos estavam exatas, o estilo, enxuto. Como era, então, que a gente ria tanto, em vez de chorar?
Mas agora, passando a limpo a referida transcrição (de um de nossos clássicos), não atino como não descobri logo a coisa. O pique estava na rápida e por assim dizer convulsiva sucessão dos gestos, como naqueles jornais cinematográficos de antigamente. O suspense requer suspensão do tempo, emoção em câmara lenta.
O suspense é o strip-tease do horror.
"Mastiga-me devagarinho!" dizem os viciados, no escuro das salas de projeção, enquanto no Outro Mundo, ou quem sabe se logo ali por detrás da tela, Sacher-Masoch e o Marquês de Sade estão dançando os dois em vagarosa pavana...
Muito bonito, mas não é bem assim. "Suspense", por culpa de Mestre Hitchcock, tem se aplicado unicamente a essas taradezas. O que eu queria dizer é que todas, todas as coisas tem de ser dosadas com suspense, para poderem impressionar e encantar.
Mestra de estilo, feiticeira da arte narrativa, era aquela negra velha que nos contava histórias em pequeninos. Ficávamos literahnente no ar, nem respirávamos quando ela, encompridando a corda, dizia arrastadamente esta longa frase, cheia de nada e de tudo:
- E vai daí o príncipe pegou e disse...

235

DELÍCIA

O que tem de bom uma galinha assada é que ela não cacareja.

ACIDENTES

O despertador é um acidente de tráfego do sono. Mas é um
só. Ao
passo que durante o dia somos a toda hora sinistrados pelos telefones.

BARULHO & PROGRESSO

O progresso é a insidiosa substituição da harmonia pela cacofonia.

A HERANÇA

Se eu fosse um iluminado, com que habilitações poderia eu distribuir a
minha carne e o meu sangue?
Apenas diria aos discípulos famintos:
Eis aqui os meus ossos.

INCORRIGÍVEL

O fantasma é um exibicionista póstumo.

ADVERTÊNCIA

Esse leão da Metro - quase áfono e que parece ter perdido toda a
leonidade - é o maior exemplo contra o uso das boletas.

O MUNDO DO SONHO

O mundo do sonho é silencioso como o mundo submarino. Por issoé
que faz bem sonhar.

O MUNDO DE DEUS

Aquele astronauta americano que anunciou ter encontrado Deus na
lua é no fim de contas menos simplório do que os primeiros astronautas
russos, os quais declararam, ao voltar, não terem visto Deus no céu.
Porque, se Deus é paz e paz é silêncio, afinal, deve Ele estar mesmo
muito mais na lua do que nas metrópoles terrenas.
E, pelo que me toca, a verdade é que nunca pude esquecer estas palavras
de um personagem de Balzac: O deserto é Deus sem os homens.

O RELÓGIO

O relógio de parede numa velha fotografia - está parado?

COISAS DO TEMPO

Com o tempo, não vamos ficando sozinhos apenas pelos que se foram:
vamos ficando sozinhos uns dos outros.

LÓGICA & LINGUAGEM

Alguém já se lembrou de fazer um estudo sobre a estilística dos provérbios? Este, por exemplo: "Quem cospe para o céu, na cara lhe cai." Tal desarranjo sintático faria a antiga análise lógica perder de súbito a razão. Mas que movimento, que vida, que economia de músculos: a gente a acompanhar com a cabeça a trajetória da frase!
Espero que a análise lógica do meu tempo tenha sido substituída por uma análise psicológica. Ah! aquela preocupação dos velhos lentes, de nos mandarem pôr os Lusíadas na ordem direta... Vai-se ver, eles, inconfessavelmente deviam estar tentando corrigir o Velho Bruxo!

SIMPLIFIQUEMOS

Sempre me pareceu que as antigas gramáticas complicavam muito as coisas. Já diziam elas, por exemplo: "Coloca-se o pronome oblíquo depois do verbo".Muito bem! O diabo é que se seguia uma lista de 15 OU 16 exceções. Ora, ficaria muito mais fácil se dissessem: "o pronome oblíquo é colocado antes do verbo, exceto quando este inicia uma frase." E olhe lá!

O QUE ACONTECE COM AS CRIANÇAS

Aprendi a escrever lendo, da mesma forma que se aprende a falar ouvindo. Naturalmente, quase sem querer, numa espécie de método subliminar. Em meus tempos de criança, era aquela encantação. Lia-se continuamente e avidamente um mundaréu de histórias (e não estórias) principalmente as do Tico-Tico. Mas lia-se corrido, isto é, frase após frase, do princípio ao fim.

Ora, as crianças de hoje não se acostumam a ler correntemente, porque apenas olham as figuras dessas histórias em quadrinhos, cujo "texto" se limita a simples frases interjetivas e assim mesmo muita vez incorretas. No fundo, uma fraseologia de guinchos e UiVOS, uma subliteratura de homem das cavernas.
Exagerei? Bem feito! Mas se essas crianças, coitadas, nunca adquiriram o hábito da leitura, como saberão um dia escrever?

O QUE ACONTECE COM OS PAIS

Competiria aos pais dessas crianças, não a nós, incutir-lhes o hábito das boas leituras. Ora essa! Mas se eles também não lêem... Vivem eternamente barbitunizados pelas novelas da televisão.

CARTAZ PARA UMA FEIRA DO LIVRO

Os verdadeiros analfabetos são os que aprenderam a ler e não lêem.

CUIDADO!

A nossa própria alma apanha-nos em flagrante nos espelhos que olhamos sem querer.

A GRANDE CATÁSTROFE

No princípio era o Verbo. O verbo Ser. Conjugava-se apenas no infinito. Ser, e nada mais.
Intransitivo absoluto.
Isto foi no principio. Depois transigiu, e muito. Em vários modos, tempos e pessoas. Ah, nem queiras saber o que são as pessoas: eu, tu, ele, nós, vós, eles...

PrinCipalmente eles!
E, ante essa dispersão lamentável, essa verdadeira explosão do SER em seres, até hoje os anjos ingenuamente se interrogam por que motivo as referidas pessoas chamam à isso de CRIAÇÃO...

NOTA NOTURNA

O silêncio é um espião.

DOS EXTREMOS

Os cisnes, de tão elegantes, de tão heráldicos e serenos e decorativos, a gente acaba achando-os chatos como patos...

NOTA MACABRA

As árvores podadas parecem mãos de enterrados vivos.

ESVAZIAMENTO

Cidade grande: dias sem pássaros, noites sem estrelas.

VERSÍCULO INÉDITO DO GÊNESIS

E eis que, tendo Deus descansado no sétimo dia, os poetas
continuaram a obra da Criação.

O TESTEMUNHO EVANGÉLICO

Já se queixava São Paulo de que os atenienses só queriam razões. Bem
sabia ele que as almas são ávidas de alimento muito menos dessangrado
que um simples raciocínio. Mas nós, os gregos, continuamos em jejum...

LEITURAS

Não, não te recomendo a leitura de Joaquim Manuel de Macedo ou de
José de Alencar. Que idéia foi essa do teu professor?

Para que havias tu de os ler, se tua avozinha já os leu? E todas as
lágrimas que ela chorou, quando era moça como tu, pelos amores de Ceci e da
Moreninha ficaram fazendo parte do teu ser, para sempre.
Como vês, minha filha, a hereditariedade nos poupa muito trabalho.

TRECHO DE DIÁRIO

Sempre fui metafísico. Só penso na morte, em Deus e em como passar
uma velhice confortável.

PAISAGíSTICA

O conforto, a higiene, sim... No entanto, um ranchinho de barro e sapé
vai muito melhor com a paisagem.
Um ranchinho de barro e sapé parece brotado da terra, faz parte
da natureza, não contradiz as árvores e o céu.
E é, também, tão humano...

O POBRE DO ESPAÇO

O espaço é cheio de buracos: nós, as coisas, os mundos. A perfeição
seria o espaço puro, fica ele a pensar com os seus buracos... Mas isso,
senhor, Espaço, é uma coisa tão impossível como a poesia pura.

O POETA E OS EXEGETAS

Há anos venho procurando esta raridade bibliográfica: uma edição da

Divina comédia sem comentários. Raridade? Creio que nem existe
maravilha assim...

OS SONETOS E O DOUTOR QUEJANDO

Lili, ao revelar-me um dia umas composições suas - onde os lugares-comuns esvoaçavam com toda a novidade da inocência -, muito se espantou do meu espanto pelo fato de que os títulos nada tinham a ver com o texto. Explicou-me que um dos sonetos se chamava João porque era o nome de um seu amiguinho de escola e o mesmo se dava com o soneto chamado Sofia.

Ora, ora, me quedei pensando, não estaria ela com a razão?
Já teve a poesia o seu período tematico, como a pintura. Daí, hoje, a desnecessidade de títulos, nas telas como nos poemas. O que, cronologicamente, não é bem assim, tanto que Camões e Petrarca se limitavam a numerar os seus sonetos, nem é de crer que assim fizessem simplesmente por falta de imaginação. Deixemos, pois, de generalizações, que levam sempre a becos sem saída.
E, em troca, este "soneto" que improvisei naqueles tempos para Lili, quando a sua mania, além de chamar tudo de soneto, era meter, em tudo, a palavra "pois":

Doutor Quejando, pois,
vinha andando
andando
quando encontrou o carneirinho Mé
em companhia da vaquinha Bu.
- Olé!
Como vais tu? - disseram-lhe os dois.
O Doutor Quejando continuou andando,
mudo.
Mas na cerca havia um urubu.
Mudo.
E o Doutor Quejando e o urubu trocaram um horrível olhar de simpatia.
E o pior de tudo
é que se acabou a história...
Se acabou a história
e a vida continua.

O PIOR

O pior dos problemas da gente é que ninguém tem nada com isso.

PARÁBOLA?

Os espelhos partidos têm muito mais luas.

241

NOTURNO

Apenas, aqui e ali, uma janelinha de arranha-céu... Perdida...
Enquanto, do fundo do único terreno baldio, um grilo insiste em transmitir, sua frágil Morse de vidro, não se sabe que misteriosa mensagem às estrelas ausentes.

QUANDO ME PERGUNTAM

Quando me perguntam por que não aderi a essa história de "estória", respondo (e não evasivamente) que é simplesmente porque, para mim, tudo é verdade mesmo. Acredito em tudo. Acreditar no que se lê é a única justificativa do que está escrito. Ai do autor que não der essa impressão de verdade! Que é uma história? É um fato - real ou imaginário - narrado por alguém. O contador de histórias não é um contador de lorotas. Ou, para bem frisar a diferença, o contador de histórias não é um contador de estórias. E depois, por que hei de escrever "estória" se eu nunca pronunciei a palavra desse modo? Não sou tão analfabeto assim. Parece incrível que talvez a única sugestão infeliz do mestre João Ribeiro tenha pegado por isso mesmo... Também um dia parece que Eça de Queirós se distraiu e o Conselheiro Acácio, por vingança, lhe soprou esta frase pomposa: "Sobre a nudez forte da verdade, o manto diáfano da fantasia." Tanto bastou para que lhe erguessem um monumento, com a citada frase perpetuada em bronze! Pobre Eça...
O mundo é assim.

INTERIOR

As persianas, entrefechadas, deixam passar uma réstia de sol, onde zumbe uma mosca. Silêncio. Somente, na última prateleira, há um velho boião que diz: "Viva Dom Pedro Segundo!" - única nota exclamativa neste silêncio tecido (e não interrompido) pelo zunzum da mosca em seu vaivém. Tudo é definitivo, tudo é tão agora que até o relógio, o velho bruxo, está parado.

LIBERTAÇÃO

Não há maior euforia, numa orquestra, como a dos pratos - tlin! tlin! tlan!!! quando se vingam, enfim, do seu longo, do seu forçado silêncio.

242

TRECHO DE CARTA

As palavras de gíria, isso não tem grande importância, meu caro professor: tão logo aparecem, desaparecem.
Opior são essas idéias de gíria...

INDECÊNCIA

Na verdade, a coisa mais pornografica que existe é a palavra "pornografia".

CAMINHO DA FONTE

Alinha casimiriana da poesia brasileira começou antes, em tomas Antônio Gonzaga. Ë um regato límpido, por vezes interrompido aparentemente, mas que reponta sempre, quando tudo parecia perdido.

PRIMITIVISMO

Datilografia: escrita por batuque...

PRECIOSISMO?

Eles erram sempre de maneira tão complicada que eu não atino como ainda não descobriram que seria muito mais fácil escreverem certo.

OS REFINADOS

E há também esses lugares-comuns do paradoxo, que fazem a gente suspirar por uma honesta, uma repousante banalidade...

A AMIGA

Ele chegou ao bar, palido e trêmulo. Sentou-se.
- Por enquanto, nada, desculpou-se ao garçom. Estou esperando uma amiga.
Dali a dois minutos, estava morto.

Quanto ao garçom que o atendeu, esse adorava repetir a história, mas sempre acrescentava ingenuamente:
- E, até hoje, a "grande amiga" não chegou!

LIMITES DA CONVERSAÇÃO

Há certas coisas que não haveria mesmo ocasião de as colocarmos sensatamente numa conversa - e que só num poema estão no seu lugar.

Deve ser por esse motivo que alguns de nós começaram, um dia, a fazer versos. Um modo muito curioso de falar sozinho, como se vê, mas o unico modo de certas coisas caírem no ouvido certo.

NOTÍcIAs DE BIZÂNCIO

Como distinguir entre "história" e "estória", eu que sempre acredito em tudo? Eu, o leitor modelo. Caso contrário, não seria uma ofensa ao poder criador dos autores? Esse monstrinho foi a última novidade que importamos de Bizâncio, a qual, aliás, acaba de ser bombardeada com a abolição dos acentos discriminatórios, conforme a imprensa amplamente noticiou. Bendito bombardeio que um gramático vigente, no entanto, classificou de "reforminha" e um ex-deputado de "leizinha"... como se nada significasse a morte fulminante dos escavadores de cemitério, dos que desenterraram o verbo "aquelar" enquanto voejava em torno, como um espírito santo deles, o fantasma alado do passarinho "toda".

AS ILUSÕES DE LUCIANO

As ilusões perdidas é o titulo de um romance de Balzac. Um belo título. Luciano, o herói da história, as foi perdendo pouco a pouco. Por quê? Ele queria a glória... E, no fim de muitas páginas, não lhe sobrou coisa alguma. Bem feito! Quem pretende apenas a glória não a merece.

Do IMPOSSÍVEL CONVÍVIO

O mais trágico dessas reuniões sociais é que elas são compostas unicamente de terceiros.

DE COMO A HISTÓRIA SE REPETE

E eis que ressurge agora o novo homem das Cruzadas, isto é, das palavras cruzadas...

MAS SEJA LA COMO FOR

Decifrar palavras cruzadas é uma forma tranqüila de desespero.

FRUSTRAÇÃO

Outono: essas folhas que tombam na água parada dos tanques e não podem sair viajando pelas correntezas do mundo...

A ESFINGE

Na volta da esquina encontrei a Esfinge. Petrifiquei-me. Ela me disse então, olhando-me nos olhos:
- Devora-me ou decifro-te!

O DRAGÃO

Na volta da esquina encontrei um dragão.
- Que belas escamas, senhor dragão! Que luminoso laquê! E as chamas que deitais por vossa goela têm o colorido e o movimento de um balé! E que padrão heráldico, Excelência, que...
O dragão saiu se reboleando.

ELA

Mas que haverá com a Lua, que, sempre que à gente a olha, é com um novo espanto?

PÁGINA DE HISTÓRiA

De uma História Universal editada no Século XXXIII: "Os homens do Século Vinte, talvez por motivos que só a miséria explicaria, costumavam aglomerar-se inconfortavelmente em enormes cortiços de cimento. Alguns atribuem o fato a não se sabe que misterioso pânico ao simples

contato da natureza; mas isso é matéria de ficcionistas, místicos e poetas... O historiador sabe apenas que chegou a haver, em certas grandes áreas, conjuntos de cortiços erguidos lado a lado sem o suficiente espaço e arejamento, que poderiam alojar vários milhões de indivíduos. Era, por assim dizer, uma vida de insetos mas sem a segurança que apresentam as habitações construídas por estes."

SEU VERDADEIRO CRIME

O que eles Jamais perdoaram a Oscar Wilde é que ele era profundo sem ser chato.

FATALIDADE

O que mais enfurece o vento são esses poetas inveterados que o fazem rimar com lamento.

CAMUFLAGEM

A esperança é um urubu pintado de verde.

SER E NÃO SER

Para algo existir mesmo - um deus, um bicho, um universo, um anjo,
- é preciso que alguém tenha consciéncia dele. Ou simplesmente que o
tenha inventado.

A ESCRITA

Um trouxe a mirra, o outro o incenso, o terceiro o ouro.
Incenso e mirra evaporaram-se... Mas e o ouro?
Os textos nada dizem quanto à aplicação do ouro!

NA SOLIDÃO DA NOITE

Os velhos espelhos adoram ficar no escuro das salas desertas...
Porque todo o seu problema, que até parece humano, é apenas o seguinte:
- reflexos? ou reflexões?

A MESTRA E OS ALUNOS

Dizem que a História é a mestra da vida. Mas como é que os seus
protagonistas incorrem sempre nos mesmos erros? Não lhes aproveitou em
nada o exemplo dos antecessores reprovados.
que lhes acontece talvez o mesmo que com os leitores de novelas
policiais: cada qual sonha com o crime perfeito. O crime que compensa.

PEQUENA TRAGÉDIA BRASILEIRA

A Bem-Amada queria devorar o coração do Poeta.
- Não, - disse ele - só terás um pedacinho...
Porque noventa por cento pertence aos Editores.

REFINAMENTOS

Escrever o palavrão pelo palavrão é a modalidade atual da antiga arte
pela arte.

AH!

Ah! jamais ter necessidade de pronunciar essa interjeição...

ÓPERA

"Diz isso cantando!" Lembram-se desse ditado? A Ópera levou esse

ditado a sério.

NATUREZA-MORTA

Que importa a seca? Para o artista, o que importa é esse desenho belíssimo do solo gretado; é, agora, essa pausa das águas na paisagem morta, onde não fluem sequer as Lágrimas... O artista é duro que nem Deus.

NATUREZA VIVA

A vida brota... E é toda olhos. Cada gota contem a luz do mundo. E cada cálice é uma boca ávida. A tua mão - fechada em maldição - abre-se em concha, agora...

EXAME DE CONSCIÊNCIA

Se eu amo a meu semelhante? Sim. Mas onde encontrar o meu semelhante?

SEGREDO DA ETERNIDADE

Naquele seu ímpeto ascendente e embora retombe a cada instante, ninguém, nem ele mesmo o sabe: o repuxo é o eterno recém-nascido.

Dos LIVROS

Há duas espécies de livros: uns que os leitores esgotam, outros que esgotam os leitores.

DAS ESCOLAS

Pertencer a uma escola poética é o mesmo que ser condenado à prisão perpétua.

TENHO PENA DA MORTE

Tenho pena da morte - cadela faminta - a que deixamos a carne doente e finalmente os ossos, miseráveis que somos... O resto é indevorável.

MAS TUDO É NOVO DEBAIXO DO SOL!

Resmungam os velhos: - "Não há nada de novo debaixo do sol" - nem se lembram dos que, neste momento, estão recriando o mundo: os

poetas, os artistas, os recém-nascidos...

DA ALMA

Uma alma sem mistério nem seria alma... Da mesma forma que
Deus compreensível não seria Deus.

TEORIA DO ESQUECIMENTO

A taça do Rei de Tule
Dorme no fundo das ondas.
Ele agora tem um bule:
Lisinho, quente, redondo...

PREGUIÇA

Certa vez abalancei-me a um trabalho intitulado "Preguiça". Constava
do titulo e de duas belas colunas em branco, com a minha assinatura no
fim. Infelizmente não foi aceito pelo supercilioso coordenador da página
literária.
Já viram desconfiança igual?
Censurar uma página em branco é o cúmulo da censura.

TIC-TAC

Mera ilusão auditiva, graças à qual a gente ouve sempre "tic-tac" e
nunca"tac-tic"... Depois disso, como acreditar nos relógios? Ou na gente?

PARÊNTESES

Conversa de velho é cheia de parênteses e esses parênteses são cheios
de parentes...

O AMIGO

Amigo é a criatura que escuta todas as nossas coisas sem aquela cara
que parece estar dizendo: - E eu com isso?

A BORBOLETA

Cada vez que o poeta cria uma borboleta, o leitor exclama:
"Olha uma borboleta!". O crítico ajusta os nasóculos e, ante aquele
pedaço esvoaçante de vida, murmura:
-Ah! sim, um lepidóptero...

249

DIÁLOGO INÚTIL

- Mas por que tu não fazes um poema de amor?
- Todos os poemas são de amor.

DIÁLOGO CRÍTICO

- Mas por que falas tanto da infância em teus poemas?
- Porque eu nunca tive infância.

A DIFERENÇA

O que eles chamam de nossos defeitos é o que nós temos de diferente deles. Cultivemo-los, pois, com o maior carinho - esses nossos defeitos.

TRISTE REFLEXÃO PARA MÃES SOLTEIRAS

Os filhos são um subproduto do amor.

DISTÂNCIA

Essas distâncias astronômicas não são tão grandes assim: basta estenderes o braço e tocar no ombro do teu vizinho.

DA INFINITA SOLIDÃO

Mas só Deus - que é único, que não tem par - poderia dizer o que é a solidão.

CÂNTICO DOS CÂNTICOS

Vamos compor, amada, um Cântico dos Cânticos: o verdadeiro Cântico dos Cânticos: - tu Te louvarás unicamente a Ti e eu Me louvarei unicamente a Mim.

VERSO AVULSO

Suavidade do musgo nos muros gretados...

250

O AUTOR INVISÍVEL

Certa vez, quando se realizava um garden-party num dos castelos da Inglaterra, compareceu um distinto ancião, muito bem-posto e apoiado na sua bengala. E, para constrangimento de todos, olhava detidamente na cara de cada um, como se se tratasse de um bicho ou de uma coisa. E como alguém indagasse quem era, respondeu o anfitrião que se tratava do romancista Sir Bulver-Lytton, já completamente gagá e que se considerava invisível.
Gagá? Mas o que ele estava realizando era o ideal de todo verdadeiro romancista: ser isento de quaisquer inibições, de respeitos de qualquer ordem, e ver portanto imparcialmente o mundo. Não embelezar, não reformar, não polemizar: ver!

ARS LONGA

Um poema só termina por acidente de publicação ou de morte do autor.

CONTRADIÇÕES?

mas o que eles não sabem levar em conta é que o poeta é uma criatura essencialmente dramática, isto é, contraditória, isto é, verdadeira. E por isso é que o bom de escrever teatro é que se pode dizer, com toda a sinceridade, as coisas mais opostas.
Sim, um autor que nunca se contradiz deve estar mentindo.

PLACAS

Ah, meu pobre Coronel Emerenciano, quem sois vós? Quem sois vós, Dona Maurília, Fernando Ivo? Altamirando Barbosa da Silva? Quem sois vós, com todos esses inúteis cartões de visita deixados teimosamente em cada esquina? Que vergonha, velhinhos... Essa coisa de a gente virar rua é uma forma pública de anonimato.

ESSA NÃO!

Lili teve conhecimento dos antípodas, na escola. Logo que chegou em casa, começou a deitar sabença pra cima da cozinheira. Falou, falou, e,

como visse que Sia Hortênsia não estava manjando nada, ergueu no ar o dedinho explicativo:
- Imagine só que quando aqui é meio-dia lá na China é meia-noite!
- Credo! Eu é que não morava numa terra assim...

- Mas por que, Sia Hortênsia?
- Uma terra onde o dia é de noite... Cruzes!

DIÁLOGO DE BAR

Mas há as compreensivas...
Ah! essas são muito piores!

DAS FRASES HISTÓRICAS

Desconfio que essas frases históricas foram inventadas pelos historiadores, pois como poderiam os grandes homens ter tido, todos eles, aquele mesmo estilo de dramalhão?

O ANTI-HAMLET

O que nos atrai no 007 é que ele é o tipo do herói anti-shakespeariano. Nada de casos de consciência. Não é como esse pobre principe Hamlet, que, para cometer meia dúzia de crimes, passa todo o tempo falando sozinho...

MAGICA DIVINA

O cristianismo acabou com o sofrimento transformando o sofrimento em prazer, como o atestam a alegre legião dos mártires e essa gente que, a cada golpe, exclama: "Seja o que Deus quiser!"

POESIA & LENÇO

E essas que enxugam as lágrimas em nossos poemas como defluxos em lenços... Oh! tenham paciência, velhinhas... A poesia não é uma coisa idiota: a poesia é uma coisa louca!

O CHALÉ DA PRAÇA QUINZE

O chalé fazia parte da gente. Me lembro do Bilu, com o seu perfil perpendicular de cegonho sábio, o longo bico mergulhado não no gargalo do gomil da fabula, não propriamente no canecão de chope, que era de fato o que estava acontecendo, mas no poço artesiano de si mesmo.
Me lembro do Reynaldo, redondo, pacato, amável, tão amável, pacato e redondo que parecia üm desses personagens de romance policial que ninguém desconfia que seja o autor do último crime da mala.
Me lembro do Cavalcanti, com a sua cara silenciosa e receptiva de mata-borrão.
Me lembro de mim, silencioso. Sim, a determinada hora éramos todos silenciosos... essa hora em que não é preciso dizer nada, nem mesmo o

verso inesquecível de Valéry: "Oh nuon bon compagnon de silence!".
Este silêncio era apenas quebrado quando chegava o Athos, o Athos centrífugo e pirotécnico. Mas isto não perturbava o nosso silêncio, nem o próprio silêncio do Athos... Pois havia um profundo e misterioso rio de silêncio que corria subterraneamente a todas as nossas palavras.
Era o rio da poesia?
O rio da harmoniosa confusão das almas?
Agora é apenas o rio do tempo que passou.

DONA GLORINHA NO CIRCO

Dona Glorinha estava que não podia! Aquele homem que rodava no espaço, cada vez mais rápido, e preso apenas pelos dentes a uma roldana...
Dona Glorinha sentia doerem-lhe os dentes, não os de agora, os outros...
Dona Glorinha não pôde mais. E bradou, em meio do suspense geral:
"Basta, cruel!"

"A POESIA É NECESSÁRIA"

Título de uma antiga seção do velho Braga na Manchete. Pois eu vou mais longe ainda do que ele. Eu acho que todos deveriam fazer versos.
Ainda que saíam maus, não tem importância. É preferível, para a alma humana, fazer maus versos a não fazer nenhum. O exercício da arte poética representaria, no caso, como que um esforço de auto-superação.
É fato consabido que esse refinamento do estilo acaba trazendo necessariamente o refinamento da alma.
Sim, todos devem fazer versos. Contanto que não venham mostrar-me.

NABUCODONOSOR

O nome de Nabucodonosor é belo como um cortejo religioso. O triste é que os seus súditos, para abreviar, chamavam-no simplesmente de Bubu.

8 1/2

I

Sei de pessoas que julgaram artificial o "8 1/2" de Fellini, essa obra-prima do barroquismo. Elas é que devem ser artificiais, porque nossa alma é assim como ali está, com suas idades sucessivas convivendo, o acontecido e o imaginado tendo ambos o mesmo poder traumático e o mesmo pé de realidade. Parece-te que estou falando de poesia?

II

Todas as artes são manifestações diversas da poesia - inclusive, às vezes, a própria poesia.

III

Repara: todo esse atafulhamento das nossas igrejas barrocas apenas -
poderá significar as complicações ingênuas da fé popular... Fiquem os
racionalistas com as paredes nuas e as colunas hirtas. O classicismo pode ser
muito lógico, mas é antinatural.

IV

E depois, por que motivo há de a arte clássica significar perfeição? Essa
Perfeição, com P maiúsculo, não seria apenas um nome que os bárbaros -
davam, supersticiosamente, aos padrões de beleza dos civilizados?

V

Em Picasso, em certos Picassos, a boca, a face, o perfil, as orelhas
reajuntam-se não arbitrariamente e sim para formar uma harmonia nova, de
maneira que o seu arreglo final não nos amedronta como um monstro,

mas tranquiliza-nos como uma obra clássica. Na poesia há muito já
acontecia assim, como na montagem de imagens aparentement heteróclitas e
anacrônicas da "Salomé" de Apollinaire e que, no entanto, serviam para
formar a atmosfera dançante, luxuosa, versátil e aérea daquele poema. E
foi preciso quase cem anos para que o cinema, como no "8 1/2" de Fellini,
se integrasse também na poesia. Em resumo: não o desprezo da lógica,
mas a aceitação da lógica imagista - o que, como todo verdadeiro
modernismo, é tão velho como o mundo, porque usa apenas a velha
linguagem dos sonhos e das histórias de fadas.

E QUANDO SE APROXIMOU A HORA

E quando se aproximou a hora, o Anjo da Encarnação perguntou-lhe:
- Que queres ser na face da Terra?
- Um polígono regular estrelado.
- O quê?!
- Um polígono regular estrelado - repetiu imperturbavelmente a
alma do nascituro.
"Mais um pensou o Anjo. Mas, como os anjos e os poetas são os
únicos que não riem dos loucos, limitou-se a objetar:
- E por que não um poliedro? Vais viver num mundo de três
dimensões e bem sabes que um polígono apenas tem duas. Lá só existirias na face
do papel... e não propriamente na face da Terra.
- Por isso mesmo.
O Anjo desta vez não compreendeu muito bem e retirou-se, dando de
asas.
E foi assim que, quando chegou a hora, veio ao mundo mais um louco.

E um "louco simétrico"!
Chamou-se, entre os homens, Edgar Allan Poe.

MAS QUE BELO TÍTULO

Francis Carco escreveu, em Paris, um livro a que denominou Nostalgia
de Paris...

PEQUENOS CONTOS DA CIDADE PEQUENA

I

O Poeta está deitado de sapatos sobre a colcha de renda de bilros
- relíquia de Vovozinha.
- ...e de melhores dias - suspira o Anjo, completando-lhe o
pensamento.
- Anjo, você está cada vez mais aburguesado.
- Essa não, menino! Eu não sou comunista...

II

Do ferro de engomar, que se assoprava por trás, saíam faíscas como do
traseiro do Diabo. As faces de Marianinha ficavam cada vez mais
afogueadas, mais lustrosas e lindas, como as maçãs artificiais que havia no
centro
de mesa da sala de jantar. Não sei por que estou evocando todos esses
pormenores - eles não levam a nenhum enredo notório, desculpem... Eu
me aproximo como um gato, por trás.

III

O auto que passa e a vitrina da esquina trocam um duelo de reflexos.

IV

Escarrapachadas, nas cadeiras da calçada, as comadres fazem
trancinha. Nada lhes escapa. Nem um ponto. Mas para o menino quieto que ali
se acha a tiracolo das tias o grande escândalo é a Lua, que acaba de surgir, à
traição, enorme, sangrenta, assassina ao contrário de tudo que se
esperava dela -, logo ali entre as torres da igreja.

V

Noite alta um bêbado passa cantando a marchinha de um antigo carnaval.
Tem uma voz de vidro moído. Uma voz aguda e esfarelada de velho.

256

VI

Um rodar, um estrépito de patas. Abafadamente.
Mas já não se haviam sumido, há tempo, esses carros puxados a cavalo?
Sia Carolina acorda e benze-se. É a Morte!
É a Morte que passa, no seu carro fantasma, a visitar seus doentes.

POEMINHO DO CONTRA

Todos esses que aí estão
Atravancando o meu caminho,
Eles passarão...
Eu passarinho!

DA INCOMPREENSÃO

O primeiro sinal da incompreensão é o riso; o segundo, a seriedade.

ELES

Eles confundem homem famoso com tipo popular.

O Ópio

Dizem os comunistas que a religião é o ópio do povo; outros dizem que o ópio do povo é precisamente o comunismo; se pedissem a minha opinião, eu diria que o ópio do povo é o trabalho.

Dos ANTIGOS

"Ah, os egípcios! Ah, os etruscos! Ah, os gregos! Mas essa nossa atitude ante os que nos precederam de milênios é, no fundo, um tanto protetora, não acham? É como se disséssemos: "Meu Deus, como eles eram precoces! "

VERSO PERDIDO

...eu te amo a perder de vista...

257

RECATO

Não gosto de estar dormindo nem de estar morto perto de ninguém.

PERGUNTA INOCENTE

Por que será que as pessoas virtuosas parece que estão sempre representando?

Os DANÇARINOS DO ARAME

Dentro das atuais coordenadas do espaço e do tempo, aqui nos vamos equilibrando sobre este fio de vida...
Que rede de segurança, pensamos nós, cheios de esperança e medo, que rede de segurança nos aparará?

SHAKESPEARE

Os que se empenham em provar que as obras de Shakespeare só podem ter sido escritas por outro, estes, por sua vez, só podem ser uns invejosos póstumos. O caso desses críticos não é um caso apenas divertido, como se vê. E grave, e triste, e patológico São os parentes ambiciosos desses que vivem catando "influências" na obra de seus contemporâneos.

DA IRRESISTÍVEL BELEZA

O leão é um animal tão belo que ser devorado por ele é melhor do que ser devorado por um crocodilo... Diante da sua arremetida, bem sei que se pode morrer de puro medo... porém nunca de horror.

Luz POR DENTRO

Mas há uma beleza interior, de dentro para fora, a transluzir de certas avozinhas trêmulas, de certos velhos nodosos e graves como troncos. De que será ela feita, que nem notamos como a erosão dos anos os terá deformado? Deviam ser caricaturas mas não fazem rir, uns aleijões mas não causam pena. O mesmo não nos acontece ante o penoso espetáculo de um animal velho. Eu gostaria de acreditar que essa inexplicável beleza dos velhos talvez fosse uma prova da existência da alma.

DEPOIS DE LER

Depois de Ler, por cima de meu ombro, as linhas precedentes, observou-me o João Sabiá:
- Mas tu já não falaste na incompreendida beleza dos sapos, na beleza transcendental de um matungo de inverno? Isso é a alma deles?!

- Não, é a minha alma...

O IMAGISTA

Quando o homem desaparecer, que será das coisas? Morrerão da mesmice de ser. De serem apenas aquele poste ali na esquina, a fonte sorrateira, a bela tabuleta inutilmente colorida, os pacientes relógios sobreviventes. Morrerão da mesmice de serem e não mais parecerem... Quando o homem desaparecer, que será das coisas, que será de Deus?

IMAGEM

Haverá ainda, no mundo, coisas tão simples e tão puras como a água bebida na concha das mãos?

As PRIMAVERAS

Os versos de Casimiro são tão nossos que gostar deles é um sinal de autenticidade... é, mesmo, como beber água da fonte na concha das mãos... E como ele ainda está entre nós tão vivo - nos melhores e nos piores momentos da poesia popular!

UM EPITÁFIO PARA CATULO DA PAIXÃO CEARENSE

Catulo não morreu: luarizou-se...

OS FARSANTES

Desconfia da tristeza de certos poetas. É uma tristeza profissional e tão suspeita como a exuberante alegria das coristas.

COMPENSAçÕES

Já repararam? A má reputação sempre fez parte da fama...

O ASSUNTO

E nunca me perguntes o assunto de um poema: um poema sempre fala de outra coisa.

AMIZADE

Quando o silêncio a dois não se torna incômodo.

AMOR

Quando o silêncio a dois se torna cômodo.

DRÁCULA

Quando me encontrei com o Conde DrácuLa, por uma destas noites
de inverno, na Esquina dos Ventos Uivantes, tinha ele o aspecto de um
grande guarda-chuva de varetas quebradas. Foi o que eu lhe disse. Ele deu
meia-volta e partiu revoando, aos solavancos, decerto para quebrar a cara
do diretor do filme... Esses pobres monstros ainda não compreenderam
toda a grandeza da sua verdadeira tragédia, que é a tragédia do ridículo.

ANJO

Ser celestial metediço na vida terrena, uma espécie de Relações-Públicas
de Nosso Senhor.

DÚVIDA

Velha governanta do filósofo Descartes; avarenta e pechincheira,
desconfia de tudo e de todos, menos dela.

FANTASMA

Pobre-diabo marginal entre dois mundos. Não usa sapatos.

GUERRA

Método Prático de Geografia.

MORTE

Nada de maior; simples passagem de um estado para outro - assim
como quem se muda do estado do Rio Grande do Sul para o estado de
Santa Catarina...

POBRES

Espetáculo predileto dos ricos.

Ricos

Espetáculo predileto dos pobres.

FRASES QUE MATAM

- Mas como você está bem conservado!

CRIANÇA & CACHORRO

Triste de quem não teve um cachorro na infância! Para uma criança, criatura tão necessitada de todos, tão frágil e sozinha, um cachorro é um teste de amor desinteressado da parte dela.., é ter uma outra criatura que dependa, enfim, dos seus cuidados.

A CARTA

Quando completei quinze anos, meu compenetrado padrinho me escreveu uma carta muito, muito séria: tinha até ponto-e-vírgula! Nunca fiquei tão impressionado na minha vida...

COISAS INCRÍVEIS NO CÉU E NA TERRA

De uma feita, estava eu sentado sozinho num banco da Praça da Alfândega quando começaram a acontecer coisas incríveis no céu, lá para as bandas da Casa de Correção: havia uns tons de chá, que se foram avinhando e se transformaram nuns roxos de insuportável beleza. Insuportável, porque o sentimento de beleza tem de ser compartilhado. Quando me levantei, depois de findo o espetáculo, havia umas moças conhecidas paradas à esquina da Rua da Ladeira.

- Que crepúsculo fez hoje! disse-lhes eu, ansioso de comunicação.
- Não, não reparamos em nada- respondeu uma delas. Nós estávamos aqui esperando o Cezimbra.

E depois ainda dizem que as mulheres não têm senso de abstração...

O MESMO ASSUNTO

Há tempos Marques Rebelo esteve em Porto Alegre. Com ele, andamos uma tarde, o Telmo Vergara e eu, pelos altos de Petrópolis. Basta dizer que era outono em Porto Alegre. Eu disse ao visitante:

- Está vendo? As cores não se misturam: tudo parece recortado a tesourinha no horizonte. A paisagem de Porto Alegre é anterior ao impressionismo.

Ele agachava-se, apertava, arregalava os olhos, concordava com tudo. E, de regresso ao Rio, escreveu:

"Como eles não têm nada que mostrar, gabam os crcpúsculos!".

PROPRIEDADE

Nunca digas que um verso está de pé quebrado: ele está é de asa quebrada.

NOTA A LÁPIS

... as teias de aranha do sono...

O TOM E A Voz

Baudelaire sempre me deu a impressão de que forçava o tom de voz. Antes do poema, empertigava-se, compunha a garganta... e a turma se embasbacava. Exatamente como acontecia com o nosso Augusto dos Anjos, que era o Baudelaire em último estado de putrefação.

O CULTO DOS HERÓIs

Conheci um sujeito dado a leitura da História e das vidas dos grandes homens, o qual ficava horripilado só de pensar que Cristóvão Colombo poderia ter nascido morto... e assim, até hoje, aqui, na América, seríamos todos uns bugres!

Há muitos para quem a História não passa de uma história em quadrinhos para gente grande, com mocinho e tudo... Principalmente o mocinho!
Os únicos heróis que se salvam são os que morrem jovens e mártires e, se possível, virgens... Joana D'Arc reunia esses três requisitos. E depois, era mulher: possuía, além da graça divina, a graça feminina.

PARCEIRAS

...e eu imagino uma velhinha por tras da vidraça, jogando paciência com esta chuva tão sem pressa...

RUÍNAS & CONSTRUÇÕES

Tão belo como um edifício em construção contra um céu azul, só mesmo um edifício em ruínas contra o mesmo céu. O que importa é o céu azul.

O JOVEM MOHAMMED E OS CONSELHOS

Certa vez escrevi uma história árabe. Só me lembro que terminava assim: "E Mohammed, entre aqueles dois conselhos, escolheu o que lhe

soava melhor."

O POETA E A MENINA

Hoje ganhei o meu dia. Porque uma meninazinha me perguntou: "O senhor pode me botar uma dedicação neste livro?" Escrevi, então, sinceramente: "Para a Heloísa Maria, com toda a minha dedicação". E assinei. E datei, com tristeza.

A DATA

Sim, o mais triste das dedicatórias são as datas.

MEDITAÇÃO PARA O DIA DE NATAL

Ah! Aquela confiança que tem uma criança rezando... Inocente confiança. Alegria. Quem é de nós que reza com alegria? Parece que só existe mesmo o Deus das crianças... Deus é impróprio para adultos.

A ALMA E A GERINGONÇA

A Alma e a Geringonça, aí é que está o problema...
Seremos acaso uns autômatos cuja complexidade de reações nOS faz acreditar num ilusório livre-arbítrio?
Essa coisa dos torpedos autodirigíveis dá para desconfiar um bocado...
Acontece que somos muito mais complicados do que eles - eis tudo.
Mas este jogo de pensamentos em que nos comprazemos é tão limitado como um jogo de palavras.
Senão, já teríamos descoberto e resolvido tudo, em tantos e tantos séculos de funcionamento.
É verdade que temos tido jogadores hábeis como Platão, para apenas citar um craque da Antigüidade. Mas se nem Platão, muito menos eu e tu, leitor...
Nós só podemos ir movendo as peças, sem esquecer que, embora as partidas pareçam variar ao infinito, o movimento de cada peça é único e as regras do jogo são imutáveis, embora convencionais, como as de qualquer jogo.
E, se fôssemos infringir as regras, seria impossível jogarmos.
Continuemos, pois, a brincar com a máxima seriedade. Porque jogo é jogo.

VENERAÇÃO

Ah, esses livros que nos vêm às mãos, na Biblioteca Pública, e que nos enchem os dedos de poeira. Não reclames, não. A poeira das bibliotecas é a verdadeira poeira dos séculos.

POLICIAIS

Dashiell Hammett dizem que é o inspirador do que hoje consideram a nova linha do romance policial. Nova? Nick Carter (lembram-se?) já resolvia tudo a soco. Grande coisa! Assim, até eu e tu, leitor, se tivéssemos força... O detetive ideal, para mim, é o que tem uma poltrona. O detetive dedutivo. Até o próprio Sherlock foi às vezes infiel a si mesmo, com grande consternação de todos nós.
Outra interferência indébita, na pureza do gênero, são as mulheres. As mulheres enchem as escadarias de gritos. As mulheres, nas ocasiões menos

adequadas, histerizam o grave desenrolar da ação, esquecidas de que o silêncio é o grande fator do suspense. Isto quando não se metem a criar um caso sentimental com alguns dos personagens ou com o próprio detetive. Neste caso, se o detetive for mesmo o tal, deve convencê-las de que são personagens perdidas de algum outro livro, de um outro gênero e para outros leitores.

PARADA KM 77

... até onde irá a procissão dos postes, unidos, pelos fios, à mesma solidão?

O TRÁGICO DILEMA

Quando alguém pergunta a um autor o que este quis dizer é porque um dos dois é burro.

QUINCAS BORBA

Os personagens de Machado de Assis eram tão medíocres que, enquanto outros loucos do mundo bancavam Napoleão o Grande, o de Machado de Assis contentava-se em ser Napoleão III.

CARNAVAL

Não gosto do Carnaval porque parece filme histórico italiano.

PONTINHA

Pôncio Pilatos apenas representou uma pontinha na História... Mas que pontinha!

HISTÓRIA DO FUTURO

A velha máquina do mundo arqueja,
arqueja, não pode mais, não pode
mais...

A torcida
de um lado e outro grita:
Pode! Não pode! Pode! Não pode! Pode!
A velha máquina,
obsoleta como essas comovedoras criaturas a quem apelidaram Ford
de bigode,
a velha máquina, num derradeiro esforço,
explode: - Pifff...
Mal se ouviu.
Uns riem.
Outros, os últimos românticos, arrepelam-se: "Então
isto é explosão
que se preze? Onde é que está
onde é que está aquele último dó de gavetão
como só os pode soltar um verdadeiro leão
no seu canto de cisne?!"
Ora, depois que se dissipou no ar a última fumacinha,
os curiosos, isto é, os sádicos
foram se aproximando na ponta dos pés:
aquilo estava irreconhecível.., pura, pura sucata!
Mas
o Canhoto apontou no seu canhenho:
"Avisar Abraão para avaliar."
Só ele, na perplexidade universal,
só ele, o Canhoto, é que tinha razão.
Porque a sucata,
na verdade
- seja o que for
que tenha sido -,
é um mero estado transitório do material em disponibilidade.
Não tem nada de trágico.
A sucata é o material em férias...
Alegremo-nos, irmãos.
Amigos e inimigos, demo-nos todos as mãos
e dancemos de roda em redor dos destroços
sobre o chão da miséria...
Dancemos e cantemos
- chocalhando os ossos -

a nossa

mais esperançosa canção...
Porque a sucata quanto mais sucata
mais pode vir a ser UMA OUTRA COISA!

O PRETO

O preto tem a vantagem de realçar as cores que o cercam sem nada perder no entanto da sua própria e grave afirmação.

BRANCA DE NEVE E OS TARADOS

Uma página em branco é a virgindade mais desamparada que existe. Só por isso é que abusam tanto dela, que fazem tudo dela...

VIDA

A vida era muito mais intensa quando não passava, na média, de 40 anos. Agora é um longo, um interminável arrastar de correntes: nós somos as almas penadas deste mundo.

SUPER-SHERLOCKISMO

A psicanálise? Uma das mais fascinantes modalidades do gênero policial, em que o detetive procura desvendar um crime que o próprio criminoso ignora.

O CONCURSO

Um dia, por dever de ofício, fui a um desses concursos de Robustez Infantil. Havia cada mãezinha...

DAS ESCOLAS POÉTICAS

A minha escola poética? Não freqüento nenhuma.
Fui sempre um gazeador de todas as escolas. Desde assinzinho... Tão bom!

E O QUE HÁ DE MAIS TRISTE

E o que há de mais triste nesses poetas de equipe é que eles naufragam todos ao mesmo tempo.

DA LIBERDADE CRIADORA

Nunca me releio... Tenho um medo enorme de me influenciar. É verdadeiramente catastrófico quando um autor se transforma no seu discípulo.

NOBREZA

Escreveu Buffon que o cavalo é um nobre animal.
Bobagem... Nobre animal é o poeta!

A GRANDE SURPRESA

Mas que susto não irão levar essas velhas carolas se Deus existe mesmo..,

MOTIVO DA ROSA

A última novidade é sempre uma rosa.

POEMINHO PARA OS 60 ANOS DE OvíDIO CHAVES

As tantas horas vividas,
lindas horas minhas viúvas,
dizem, de riso perdidas:
"Tira o cavalo da chuva!"

Da chuva tirei-o, pois,
e, como o bom senso manda,
ficamos a sós, os dois,
vendo a chuva da varanda.

Ai cavalo ai cavalinho,
não me comas essa flor
que abria nesse vasinho
onde estava escrito AMOR...

EPÍGRAFE

Descobri na Meditação contemplativa do Padre Júlio Maria esta frase,
que daria uma bela epígrafe para um livro de poemas:
"E a visão não aproveitou nem a Balaão nem à besta."
Aconselharam-me que desistisse, porque Balaão é meio desconfiado...

PALAVRAS

I

Há palavras verdadeiramente mágicas. O que há de mais assustador

nos monstros é a palavra "monstro". Se eles se chamassem leques ou ventarolas, ou outro nome assim, todo arejado de vogais, quase tudo se perderia do fascinante horror de Frankenstein...

II

Mas ha palavras infelizes. Umbigo, por exemplo. Um dia Alvaro Moreyra me disse que "umbigo" era a palavra mais engraçada da língua portuguesa. Engraçada, não! Triste é que é. Por culpa sua, como jamais poderemos cantar o umbigo da bem-amada? Eis aí um encanto para sempre oculto...

III

Em compensação, temos a palavra "voluptuosidade, tão sinuosa, tão espreguiçada, tão ela mesma... Por sinal que, como a suspeitasse de galicismo, propôs o clérigo Bluteau, já no século XVIII, substituí-la por "voluptade" - o que bem evidencia as castas virtudes do saudoso frade.

IV

E não sei ao certo quem era ela, nem o que ela fez, mas tenho a certeza de que Dona Urraca foi uma das princesas mais infelizes do mundo...

V

A palavra volutabro merecia ter outro significado.

VI

E badulaques sempre me pareceu que fossem crótalos de bispo.

VII

Nem faltará algum leitor metido a profundo que me julgue á tona das coisas ao me ver tão ocupado com palavras. Escusado lembrar-lhe que a poesia é uma das artes plásticas e que o seu material são as palavras, as misteriosas palavras...

MENDIGOS

A alegria dos mendigos de Murillo... Também, com toda aquela riqueza de colorido!

O HOMEM QUE NÃO SUPORTAVA CERIMONIAIS

De repente, ele não pôde mais e rebentou de riso em plena missa de corpo presente.
- Ele quem?
- Ora, o defunto...

O PRECEITO E O EXEMPLO

Preceituam alguns higienistas não dormir após as refeições. Mas não é justamente o que fazem nossos irmãos mamíferos? Também ensinam eles (os higienistas) que devemos dormir em pose longitudinal, isto é, na postura em que são colocados os corpos já sem vida.
Mas eu fico a espiar invejosamente a sesta do gato... Se não foram os gatos que inventaram a sesta, foram decerto eles que elevaram essa nobre arte ao supremo requinte. Um gato enrodilhado é a coisa mais adormecida que existe. E para isso ele escolhe a posição fetal - posição de quando
gozamos do maior repouso, completamente alheios a todos os cuidados deste e do outro mundo.
(A moralidade de tudo isso é que temos muito a aprender com os animais e não estes com os higienistas.)

DA RELATIVA IGUALDADE

Democracia? É dar, a todos, o mesmo ponto de partida. Quanto ao ponto de chegada, isso depende de cada um.

AINDA A IGUALDADE

Todos temos a mesma chance? Mas ainda me lembro que, pela década de 20, eu sonhava viver em Paris.., e havia gente que já tinha nascido lá mesmo.

O NIVELAMENTO FINAL

Nem ao menos a morte iguala tudo. Se é verdade que todos terminamos cadaveres, uns são os cadaveres de Einstein, de Aga Khan ou de Marilyn Monroe, e outros os de José Fagundes ou Joaquininha da Silva...

DESTE MEU TRAPICHE

Às vezes eu pesco um leitor. Outras vezes o leitor me pesca. Entre uma coisa e outra, as águas vão passando.

VERSO AVULSO

Senhor! Que buscas Tu pescar com a rede das estrelas?

FATALISMO
Seremos fatalistas? Não sei, ha uma coisa no entanTo que da para desconfiar... Tenho lido noticias, e até verbetes de dicionários biográficos, impregnados do mais puro fatalismo. Com frases assim: S.F., no dia 31 de julho, tomou um avião para morrer em..." Talvez não passe de mero cacoete de estilo. E quero crer que o próprio S.F., se acaso se desse a esse trabalho, emendaria abespinhado: "Eu não tomei o avião para morrer; eu tomei o avião e morri!"
E, mesmo que tivesse esse intuito, não faltariam comentários:
"Imagine só! Em vez de tomar um comprimido para se matar, ele tomou um avião..."

DIÁloGo ULTRA-RÁPIDO

- Eu queria propor-lhe uma troca de idéias...
- Deus me livre!

Do ESTILO

O que eu mais adoro, depois da precisão, são os expletivos...

DA PONTUAÇÃO

E o que mais me encantava em Gabriela é que ela usava o meu nome como ponto-e-vírgula.

DA PREGUIÇA

A preguiça é a mãe do progresso. Se o homem não tivesse preguiça de caminhar, não teria inventado a roda.

Dos ENREDOS

Há enredo e enredo. O enredo puramente anedótico e um outro mais sutil, feito de não sabemos o que, mas que nos prende com uma rede invisível. Nos contos de Tchekhov, às vezes parece que não aconteceu nada... Aconteceu apenas a vida!

ADIVINHA TIRADA DE UM POEMA

"negras flores que se abrem sob a chuva..."

MAPA-MUNDI

A facilidade de comunicações acabou com esses tanques em que
floresciam as diferentes culturas. Quando antes se olhava o mapa-múndi e
via-se cada país de um colorido diferente, podia-se tomar isso ao pé da letra.
É verdade que o mundo continuou a ser uma colcha de retalhos; mas são
todos da mesma cor. Bombaim, Roma, Tóquio, que se escondiam, cada um
com seu peculiar mistério, nos compartimentos estanques da sua própria

civilização, agora, a julgar pelos filmes, estão perfeitamente padronizados,
universalizados.
E, no mundo de hoje, para desconsolo dos descendentes de Sindbad e
de Marco Polo, a única cor local das cidades famosas são os turistas.

O SUPREMO CASTIGO

Em todos os aeródromos, em todos os estádios, no ponto principal de
todas as metrópoles, existe - quem é que não viu? - aquele cartaz...
De modo que, se esta civilização desaparecer e seus dispersos e bárbaros
sobreviventes tiverem de recomeçar tudo desde o principio até que um
dia também tenham os seus próprios arqueólogos -, eles hão de
sempre encontrar, nos mais diversos pontos do mundo inteiro, aquela mesma
palavra.
E pensarão eles que Coca-Cola era o nome do nosso Deus!

DA VIDA SOLITÁRIA

Os eremitas deixavam apenas as más companhias pela má companhia.

DAS CRENçAS

Numa de nossas ocasionais conversas fiadas, ontem de noite disse-me
o porteiro: "rato depois de velho vira morcego". Olhei-o atentamente. Era
um velho porteiro. Não estava brincando. Devia ser teimoso como todos
os velhos. Seria pedante da minha parte tentar comvencê-lo de que a sua
História Natural não o era muito... Deixá-lo! Afinal, por que os ratos
velhos não haveriam de virar morcegos, da mesmissima forma que as velhas
solteironas viram postes de fim de linha? Da mesma forma que os meus
leitores desatentos viram fumaça inconsistente e os leitores incrédulos não
viram nada... (E daí, você viu ou não viu?!) Pois é uma grande coisa
escutar sem contradizer.
Me lembro que, quando menino, nada retruquei quando uma velha
cozinheira preta me assegurou que seria muito, muito rica no Céu... Seria
loira, também? Já não me lembro.
E, em criaturas de outro estagio cultural, também existem crenças de
que não me seria lícito duvidar. Imaginem se, por acaso, com os meus
argumentos, eu conseguisse destruí-las! Que teria para lhes dar em troca?

Nunca se deve tirar o brinquedo de uma criança.

HISTÓRIA DO FIM DO MUNDO

5 minutos depois que todas as nações do mundo decretaram
mobilização geral, houve a imobilização geral.

FC

No fim a gente acaba descobrindo que até a imaginação tem um teto.
E muito baixo até. Agora, só me contentaria um livro de ficção científica
escrito por um habitante de Sírius.

PRIMAVERA SCAPIGLIATA

Primavera?! A primavera, entre nós, é uma licença poética.

Dos GRILOS

A noite dorme um sono entrecortado, alfinetado de grilos.

O SAPO

Empapuçado, balofo, os olhos fixos de preocupação, ele mais parece
um velho burguês que passou a noite na farra.

CONVERSA NOTURNA

O mais triste do vento do deserto é que é um vento analfabeto,
dizia um vento da cidade a uma tabuleta oscilante.
- Não, - rinchava a tabuleta - o mais triste do vento do deserto é que
ele não tem recordações.
- Sempre sentimental essa velha pintada.., pensou consigo o vento
da cidade, passando adiante.
O vento da cidade era um pedante.
O lampião da esquina não dizia nada: ardia de febre.

O MENINO E O REI

Palavra! Não sei qual a vantagem daquele guri que descobriu que o rei
estava nu.

Faltava-lhe imaginação dom exclusivo da criatura humana e signo da sua realeza. Os animais não progridem por falta de imaginação.
E eu só perdi minha indiferença congênita às ciências exatas no dia em que ouvi falar nas geometrias não-euclidianas.

DA BELEZA CLÁSSICA

O nariz grego, hoje, nos parece um nariz postiço.
Não pega.

DECADÊNCIA E ESPLENDOR DA ESPÉCIE

Não sei o que terá acontecido com a espécie humana.
Esta ausência de pêlos... Para os outros mamíferos a nossa nudez pode parecer repugnante como, para nós, a nudez dos vermes.
E, depois, a nossa verticalidade é antinatural. Estas mãos pendendo, inúteis, são ridículas como as dos cangurus sentados.
Se fôssemos veludos e quadrúpedes, ganharíamos muito em beleza e, sem a atual tendência à adiposidade, poderíamos ser quase tão belos como cavalos.
Felizmente, inventou-se a tempo o vestuário, que, pela variedade e beleza (a par de sua utilidade em vista do fatal desabrigo em que ficamos), redime um pouco esta degenerescência.
E acontece que inventamos também o mobiliário, os utensílios: no caso vigente, esta cadeira em que escrevo sentado a esta mesa, à luz artificial desta lâmpada.
E ainda este ato de escrever, isto é, de expressar-me por meio de sinais gráficos, é mais uma prova da nossa artificialidade.
Mas quem foi que disse que eu estou amesquinhando a espécie? Quero apenas significar que, em face das suas miseráveis contingências, o homem criou, além do mundo natural, um mundo artificial, um mundo todo seu, uma segunda natureza, enfim.
O homem, esse mascarado...

NÃO DESPERTEMOS O LEITOR

Os leitores são, por natureza, dorminhocos. Gostam de ler dormindo.
Autor que os queira conservar não deve ministrar-lhes o mínimo susto.
Apenas as eternas frases feitas.

"A vida é um fardo" - isto, por exemplo, pode-se repetir sempre. E acrescentar impunemente: "disse Bias". Bias não faz mal a ninguém, como aliás os outros seis sábios da Grécia, pois todos os sete, como há vinte séculos já se queixava Plutarco, eram uns verdadeiros chatos. Isto para ele, Plutarco. Mas, para o grego comum da época, devia ser a delícia e a tábua

de salvação das conversas.
Pois não é mesmo tão bom falar e pensar sem esforço? O lugar-comum é a base da sociedade, a sua política, a sua filosofia, a segurança das instituições. Ninguém é levado a sério com idéias originais.
Já não é a primeira vez, por exemplo, que um figurão qualquer declara em entrevista:
"O Brasil não fugirá ao seu destino histórico!".
O êxito da tirada, a julgar pelo destaque que lhe dá a imprensa, é sempre infalível, embora o leitor semidesperto possa desconfiar que isso não quer dizer coisa alguma, pois nada foge mesmo ao seu destino histórico, seja um Império que desaba ou uma barata esmagada.

ALMA & FORMA

Dizes que a beleza não é nada? Imagina um hipopótamo com alma de anjo... Sim, ele poderá convencer alguém da sua angelitude - mas que trabalheira!

CONTO DE HORROR

E um dia os homens descobriram que esses discos voadores estavam observando apenas a vida dos insetos...

VERÃO

Há sempre, afastada das outras, uma nuvenzinha preguiçosa que ficou sesteando no azul.

OUTONO

É uma borboleta amarela? Ou uma folha que se desprendeu e que não quer tombar?

As FORMIGAS

O que há de mais tocante nesses infindáveis carreiros de formigas é que elas parecem umas formiguinhas...

PONTE

Esses que se debruçam no parapeito de uma ponte têm vocação suicida. Apenas vocação. São uns suicidas crônicos.

LiMITAçÃO

A admirável arte poética de Paul Géraldy e Guilherme de Almeida...
Mas, pelo visto, a arte da poesia para eles era uma arte de cantar mulher.

URBANISMO

Para as nossas cidades metálicas, que melhor ornamentação que os cactos? Se não por outros motivos, já bastava o seu próprio nome - cacto - tão adequadamente cacofônico.

A COISA

A gente pensa uma coisa, acaba escrevendo outra e o leitor entende uma terceira coisa... e, enquanto se passa tudo isso, a coisa propriamente dita começa a desconfiar que não foi propriamente dita.

NADA PERDEM POR ESPERAR

Adeus, ó gentes da comunicação em quadrinhos!
Adeus... eu voltarei ao mundo quando vocês tiverem redescoberto a escrita.

ANTIGAS E MODERNAS LEITURAS

O público ledor é tímido: confunde altissonância com gênio: a imensa voga que teve na América um Vargas Villa e, na Europa, um D'Annunzio... Ninguem mais escuta esses megafones. E por aquela mesma época, pelo menos no Brasil, o público adorava quem escrevia dificil. Ninguém mais lê Coelho Neto, é verdade. Mas para quê? Surgiram outros...

DAs INDAGAÇÕES

A resposta certa não importa nada: o essencial é que as perguntas estejam certas.

O SOBREVIVENTE

E eis que, de todo aquele espantoso terremoto da Nicarágua, sobrou, como sempre, o poeta Rubén Darío.

VELHOS & Moços

A presunção - tão desculpável e divertida nos moços - é o mais certo sinal de burrice nos velhos. O verdadeiro fruto da árvore do conhecimento é a simplicidade.

CONTO AZUL

Certa vez, tinha eu quinze anos, inventei uma história que principiava assim:

"A primeira coisa que fazem os defuntos, depois de enterrados, é abrirem novamente os olhos."
Mas fiquei tão horrorizado com essa espantosa revelação que não me animei a seguir avante e a história gorou no berço, isto é, no túmulo.

ÁLBUM PARA COLORIR

Não, não foi por humor negro que pus no que leste acima o título de "Conto azul". Costumamos pintar sempre de azul tudo o que se passou nos nossos quinze anos - talvez por um instinto de compensação.
Mas a infância, ó poetas, não é mesmo azul? Quanto a mim, eu venho há muito desconfiando de que a infância é uma invenção do adulto.
E o passado, uma invenção do presente. Por isso é tão bonito sempre, ainda quando foi uma lástima... A memória vai tudo colorindo.

A DEFINIÇÃO

No meu quebra-cabeça de hoje acabo de descobrir este admirável conceito:

"Intervalo quadrado entre os tríglifos de um friso dórico."
Paciência! não te direi o que seja... E é melhor assim. O mistério faz parte da beleza.

RESSALVA

Poesia não é a gente tentar em vão trepar pelas paredes, como se vê em tanto Louco por aí: poesia é trepar mesmo pelas paredes.

O MEIO E OS MEios

Não me espantam esses escritores que são, evidentemente, o genuino produto do meio. Mas os que são um produto contra o meio. Exemplo?
Um Edgar Allan Poe. E, entre nós, Machado de Assis.
Quanto ao velho Machado, direis que o seu ternário, a sua vivência, que o seu meio, em suma, nada podia ser mais brasileiro.
O seu meio, sim; mas os seus meios, não. O próprio estilo dele (delícia minha) decerto que se afigurava, aos frondosos escritores da época, um verdadeiro anti-estilo. Cruzes! Seria ele o Anticristo?
E fico a imaginar o que teria dito, então, o Coelho Neto para o Graça Aranha:
- Não há de ser nada, meu velho, não há de ser nada... A nossa

salvação é o Rui Barbosa.

FRASE OUVIDA POR ACASO

- o título de Os monstros têm olhos azuis...

CONTINGÉNCIAS

Pobre se engasga com cuspe.

BILHETE

"Ah! que la vie est quotidienne!" - ainda se queixa às vezes,
debaixo da minha cama, o poeta Jules Laforgue. Digo debaixo da minha cama
porque ele já foi ,outrora meu poeta de cabeceira... e é ali mesmo que ele
está morando com outros fantasmas agora que as casas não têm mais

porões. Nem queiras, velho poeta esquecido, vir dar uma olhada a este
nosso mundo. Como sempre, novidades, mesmo, não existem: só existem
modas.

SORTILÉGIO

Inexplicavelmente, uma lagartixa na parede do banheiro. Deixá-la!
Como não poupar aquele bicharoco que, ao nos pressentirmos um ao
outro, ali ficou subitamente imóvel, com a elegância decorativa de um
broche?

DIÁLOGO

- Você se casou?
- Não tiveram tempo...

Do FOLCLORE

O mal dos que estudam as superstições é não acreditarem nelas. Isso
os torna tão suspeitos para tratar do assunto como um biologista que não
acreditasse em micróbios.

A IMAGEM E OS ESPELHOS

Jamais deves buscar a coisa em si, a qual depende tão-somente dos
espelhos.

A coisa em si, nunca: a coisa em ti.
Um pintor, por exemplo, não pinta uma árvore: ele pinta-se uma árvore.
E um grande poeta - espécie de rei Midas à sua maneira-, um grande poeta, bem que ele poderia dizer:
- Tudo o que eu toco se transforma em mim.

DESTINO ATROZ

Um poeta sofre três vezes: primeiro quando ele os sente, depois quando os escreve e, por último, quando declamam os seus versos.

280

MISTÉRIOS

Conhecer o mistério de um corpo é talvez mais importante do que conhecer o mistério de uma alma.

A PESCA MARAVILHOSA

Uma associação de rimas é tão legítima como uma associação de idéias. E mais imprevista, sim. Nem me venham com essa de que não há nada mais previsível do que uma rima. Dêem-se as mesmas rimas a diferentes poetas e de cada poeta brotará um poema diferente. Agora, se o rio do poeta não for lá muito piscoso, que culpa tem o anzol?

IMAGINAÇÃO...

A imaginação é a memória que enlouqueceu.

EQUÍVOCO

A Artpoétique, de Boileau, sim... mas que extraordinária Arte da Prosa.

OS INCOMPREENDIDOS

Não sei se alguém já descobriu que a sutilíssima arte desses palhaços de circo está justamente na graça que eles não têm.

VENEZIANAS

Venezianas que não sejam verdes são um revoltante crime contra a natureza.

EDUCAÇÃO

O mais difícil, mesmo, é a arte de desler.

POESIA & MAGIA

A beleza de um verso não está no que diz, mas no poder encantatório das palavras que diz: um verso é uma fórmula mágica.

281

TEXTO & PRETEXTO

O tema é um ponto de partida para um poema e não um ponto de chegada, da mesma forma que a bem-amada é um pretexto para o amor.

Do CÔMIcO

Qual a esséncia do cômico?
Um homem de perna de pau nos deixa indiferentes, polidamente indiferentes.
Mas três homens de perna de pau andando juntos na rua... Não, issoé demais! Por que estás rindo?

NEVOEIRO

Desconfio muito que, nos dias de nevoeiro, os fantasmas aproveitam para passear incógnitos pelas ruas...

AZAR

Quando guri, eu tinha de me calar à mesa: só as pessoas grandes falavam. Agora, depois de adulto, tenho de ficar calado para as crianças falarem.

PRESSA & CONTEMPLAÇÃO

Li há tempos que num desses exóticos países do Oriente... O adjetivo "exótico" explica que a coisa se passou em fins do século passado. Pois aconteceu que no referido país um engenheiro inglês queria convencer o respectivo xá, ou qualquer titulo que tivesse, que, em nome do progresso, era urgente a construção de uma estrada de ferro. E findou assim seu arrazoado:
A estrada de ferro fará com que, em vez de trinta dias a lombo de camelo, a viagem da capital à fronteira seja apenas de um dia.
- Mas - objetou o soberano - o que é que vamos fazer dos 29 dias que sobram?
É o único exemplo que conheço da propalada sabedoria oriental.
O que tem feito o Oriente, de Pedro o Grande a Mao Tse-Tung, é ma-

caquear o Ocidente, na indumentária, nos costumes, nos processos
políticos, contribuindo assim, como colaboracionistas, para o imperialismo
ocidental.

SINAL VERMELHO

Em certos trechos da cidade, a sinaleira do tráfego não é automática,
mas humana, isto é, há um homem a distribuir a seu bel-prazer os verdes
e os vermelhos. Mas eis que aquele homem de profissão humilde dá
preferência aos que possuem automóvel e que, exatamente por andarem
mais depressa, podem esperar um pouco mais -, de modo que nós, os
pedestres como ele, temos de aguardar um tempo enorme até que se nos
abra o sinal verde. E às vezes ao frio, ao vento, à chuva. Concluirei daí que
a máquina é mais humana do que o homem? Não, ele é que é humano
mesmo. E quem foi que falou em puxa-saquismo? O que se pode concluir,
com justeza, é que a máquina é mais democrática.

TRECHO DE DIÁRIO

Vi uma guriazinha vindo pela calçada, de pé no chão, e arrastando,
preso a uns cordéis, o seu par de sapatos. Eles a seguiam que nem dois
cachorrinhos. Uma verdadeira "hippie" mas ainda em estado de puro
lirismo.

COISAS PERDIDAS NA CAMA

Ora, direis, como se podem perder coisas num universo tão estreito? E
eu vos direi, no entanto, que nenhum universo pode ser estreito. Perguntai
aos microscópios. É que me lembrei agora de Dona Vituca, no seu leito
de morte, onde ela viveu tão longo tempo, e de onde fazia, às vezes, um
escarcéu medonho com a cniadinha atarantada:
- Balbina, onde é que está meu Santo Antônio?!
Balbina afinal descobria o santinho caído entre o colchão e a guarda
da cama.
- Não, este não. É aquele Santo Antônio rendadinho...
O qual era enfim descoberto no chão, de encontro à parede, com o
rendilhado retangular sujo ou - supremo horror - rasgado!
Inútil guardar os santinhos (não se podia dizer mais apropriadamente

"figurinhas" nem a ninguém ocorria fazê-lo), inútil guardá-los na gaveta
da mesa de cabeceira: os santinhos, martirizados com a cambulhada de

carretéis, latas de pastilhas, ovos de costura, acabavam sempre sumindo pelos fundos.
Certa vez arranjei, para eles, uma caixa vazia de charutos. Tinha um belo perfume de havana. Mas parece que esse não era um odor de santidade.
Jamais me esquecerei do olhar que me lançou Dona Vituca. Seus lábios moveram-se para falar, mas imobilizaram-se de súbito. Comigo não valia a pena, comigo não adiantava, com certeza eu já era um caso perdido...
Nunca o saberei, pois acredito que nós dois estaremos (ela já está) em faixas ou canais diferentes das tevês do outro mundo. Isto me é tão penoso que resolvo mudar de assunto, citando de passagem a única coisa que não se perdia no leito de Dona Vituca: o grande álbum de cartões-postais, cada qual mais lindo como eu os achava então, cada qual mais horrível como os achei depois. E na verdade não sei como os acharia agora, mas creio que novamente lindíssimos.

A FASE AZUL

Havia um tempo em que o céu mirava-se nos meus olhos e não meus olhos no azul do céu, o que não é nenhuma novidade, porque todo mundo já passou por essa fase: só tem que nem todos se lembram...

A TRANSPOSIÇÃO

Também me lembro que, quando eu era gurizote e briguei mais uma vez para sempre com a Gabriela, deixei-a ali na praça (era domingo, depois da missa) e fui passar pela sua casa, pela sua calçada, pela sua rua...

EPÍGRAFE PARA UMA ANTOLOGIA LÍRICA

Amor, quantos crimes se cometem em teu nome!

ACONTECE QUE

Como todos os indivíduos profundamente sentimentais, acontece que tenho verdadeiro horror ao sentimentalismo verbal.
Daí, certos toques de "humour" nos meus poemas. Uns toques de impureza, pois.

E na verdade te digo que poeta puro, mesmo, "na santidade da sua nudez" só mesmo a Cecilia Meireles.
A nossa Cecília que, a 9 do mês de novembro em que escrevo estas linhas, faz exatamente cinco anos que não morreu...

SEMÂNTICA

Dizeis que tudo é amor e eu VOS direi que a fome é tudo; tanto assim que o verbo comer, na insondável sabedoria do povo, também significa possuir carnalmente.

INTRUSÃO

O passado não reconhece o seu lugar: está sempre presente...

ARTE POÉTICA

Esquece todos os poemas que fizeste.
Que cada poema seja o número um.

O POEMA

O poema é um objeto súbito:
Os outros objetos já existiam...

CONTRIÇÃO

Bem que eu desejaria entender tanto de poesia como certos críticos, mas aí, então, não conseguiria fazer um único verso...

TIC-TAC

Esse tic tac dos relógios é a máquina de costura do Fempo a fabricar mortalhas.

SÓ

A coisa mais solitária que existe é um solo de flauta.

RETICÊNCIAS

As reticências são os três primeiros passos do pensamento que continua por conta própria o seu caminho...

BOTÂNICA

A verdadeira couve-flor é a hortênsia.

SALA DE ESPERA

A sensação póstuma com que foLheamos essas revistas atrasadas na sala de espera dos consultórios médicos...

ATIVIDADES NOTURNAS

Ah! esses vizinhos habilidosos que estão sempre consertando coisas, martelando coisas, nas horas mais insólitas, enquanto eu me acho entregue apenas a este silencioso vício: a leitura.

PRESENTE GREGO

Com a adição de mais um dia nos anos bissextos - esse indesejado 29 de fevereiro -, a gente sempre desconfia que na verdade foi vítima de uma subtração.

CINE

Esse olhar sonhador com que as mulheres saem do cinema onde a heroína do filme sofreu uma curra...

MISTÉRIOS DA ONOMÁSTICA

- Manuela é nome de mulher de sapo - sentencia Lili. E não adianta perguntar por quê. Todo mundo sabe...

ASSUNTO & DESASSUNTO

Um autor, primeiro, é assunto. Mas a glória, mesmo, é quando ele vira falta de assunto.

EQUILIBRISMO

As épocas de transição nunca foram idades de ouro, séculos de ouro.
São apenas épocas de arame, que a gente tem de atravessar como o bamboleante fio estendido de um lado a outro do circo. E isto, note se bem, sem rede de segurança.
(Lá embaixo, na arena, estão rugindo as feras.)

NOTURNO

Quando as pessoas adormecem é que as coisas acordam, no silêncio da paz recuperada.
O relógio de parede pode agora tricotar descansadamente os seus segundos, sem que ninguém venha meter o nariz no seu trabalho, ora achando-o muito rápido, ora arrastado demais.

Enquanto, na mesmíssima página do Dicionário Biográfico, lá na estante do escritório, os retratos de Napoleão e de Nabucodonosor olham-se atravessado, com grande indignação do Imperador, visto que o outro ignora tudo, mas tudo mesmo, a seu respeito...
Isto porque essa gente arquivada só lê o próprio verbete.

DOIS DE NOVEMBRO

Ainda há gente que, por preço nenhum, se animaria a entrar num cemitério à noite. Bobagem. Somente no Dia de Finados é que exsurge dentre aqueles mármores um que outro fantasma. E mesmo esses poucos não prestam a mínima atenção a qualquer vivente tão ocupados se acham eles em limpar do limo suas próprias lápides, em roubar de outros defuntos algumas flores para as dispor, artisticamente, ao pé de seus túmulos esquecidos.

DOCUMENTO

Encontro um caderno antigo, de adolescente. E, em vez das simples anotações que seriam preciosas como documento, descubro que eu só fazia literatura. Afinal, quando é que um adolescente já foi natural? E, folheando aquelas velhas páginas, vejo, compungido, como as comparações caducam. Até as iMagens morrem, dizia Brás Cubas. Quero crer que caduquem apenas. Eis aqui uma amostra daquele "diário":

"Era tal qual uma noite de tela cinematográfica. Silenciosa, parada, de um suave azul de tinta de escrever. O perfil escuro das árvores recortava-se cuidadosamente naquela imprimadura unida, igual, que estrelinhas azuis picotavam. Os bangalôs dormiam. Uma? duas? três horas da madrugada? Nem a lua sequer o sabia. A lua, relógio parado..."
Pois vocês já viram que mundo de coisas perdidas? O cinema não é mais silencioso. Não se usa mais tinta de escrever. Não se usam mais bangalôs.
E ninguém mais se atreve a invocar a lua depois que os astronautas se invocaram com ela.

A DÚVIDA E A CERTEZA

São Tomé - que, como todo mundo sabe, foi o precursor da dúvida cartesiana - jamais perdeu a obsessão das verdades palpáveis e por isso foi parar no Inferno. Ora, os mais infelizes dentre os infernados são os arrependidos e um destes censurou tristemente a Tomé:
- Viste? Só de teimoso tu perdeste o Céu...
E Tomé:
- O Céu? Não sejas doido... Só existe o Inferno!

ÉPOCA

Subnutrido de beleza, meu cachorro-poema vai farejando poesia em tudo, pois nunca se sabe quanto tesouro andará desperdiçado por aí... Quanto filhotinho de estrela atirado no lixo!

AULA DE FILOSOFIA

Eu só te poderia dar uma noção do nada se não tivéssemos nascido.
Agora é tarde, é muito tarde, minha filha... Ah, deliciosamente tarde!

DoLoRosA INTERROGAÇÃO

Por que será que a gente vive chorando os amigos mortos e não agüenta os que continuam vivos?

O ÚLTIMO CRIME DA MALA

Na mala que nem o Anjo da Guarda, nem o delegado do distrito, nem eu mesmo consigo encontrar, está a minha imagem unica, fechada a chave
- e a chave caída no fundo do mar!
Não adianta chamar escafandro, nem homens-rãs, nem a sereia mais querida, nem os atenciosos hipocampos, nada adianta.
E, por falar em querida, jamais se viu um crime tão perfeito:
- não existem vestígios de mim...

TRECHO DE ENTREVISTA

- Os Anjos existem?
- Devem existir, por certo, em vista da insistência com que aparecem em meus poemas.

FAMÍLIA DESENCONTRADA

O verão é um senhor gordo sentado na varanda e reclamando cerveja.
O inverno é o vovozinho tiritante. O outono, um tio solteirão. A primavera, em compensação, é uma menina pulando na corda.

TRANSFERÊNCIA

Essa fúria de limpeza que ataca periodicamente as donas-de-casa não será por acaso uma lavagem de consciência culpada?

TRISTE CONSOLO

Os cirurgiões têm olhos de odaliscas...

RETOQUE

"O que se há de fazer com um país onde mãe é nome feio?" Creio que foi Rubem Braga que disse isso um dia. Não disse tudo. Se ele fosse eu, com certeza diria:
"O que se há de fazer com um país onde mãe é nome feio e poeta é apelido?"

VERSO AVULSO

O meu amor é belo como um barco!

CONSTELAÇÕES

Cruzeiros, Carros, até a Ursa, a maior e a menor, a Cabeleira de Berenice, a Lira, a Balança, o Cão.., quanta bobagem descobriram no Céu esses astrônomos birutas! Eu, de ignorante, quando olho o Céu, não vejo nada disso. Apenas vou traçando o teu nome com as estrelas.

DIZIA COISAS ASSIM

Conheci uma moça meio biruta, que era um encanto. Dizia coisas. Certa vez saiu-me com esta: "O cristal é mais frágil porém muito mais sincero que o biscuit". Foi assim mesmo que ela disse, sem pausa e sem pontuação: tinha uma frase cantante e ininterrupta como conversa de vento. Um encanto, repito. Seria biruta, mesmo?

AMEAÇA

As dentaduras expostas nas montras de artigos protéticos parecem dentaduras de antropófagos.

PRIMAZIA

O verdadeiro inventor da leitura dinâmica é esse numeroso público acostumado a ler os letreiros nas telas cinematográficas. Eis um dos motivos por que sou contra a dublagem dos filmes. Tirar aos aficionados do cinema a sua costumeira leitura relâmpago é fazer sabotagem à campanha do Mobral - pois abriríamos as salas de projeção exatamente a esses a quem se deveria convencer, antes de tudo, que o analfabetismo é uma porta fechada.

AINDA A DUBLAGEM

Não há quem não reconheça como a voz faz parte de uma
personalidade. Imagine-se que horror a Greta Garbo falando com uma voz de falsa grã-fina carioca...

ARTE SACRA

A dor de ver esses pobres Cristos tão maltratados...
Principalmente pelos escultores!

FÉ

Uma das coisas que não consigo absolutamente compreender são os
que se convertem a outras religiões.
Para que mudar de dúvidas?

Os RUÍDOS DA CIDADE
Não, não tenhas escrúpulos: se, alta noite, meteres uma bala no
ouvido, os vizinhos pensarão - polidamente - que foi apenas um pneu que estourou.

O CITADINO

À primeira esquina, encontro uma cara oca, uma cara sem cara...
O melhor, o melhor é voltar, o quanto antes, para o quarto. (Som o
máximo cuidado de não olhar, acaso, para o espelho.

UM ENCONTRO COM ELE

Foi no meio da rua. Uma parada. Um abraço. O outro perguntou-lhe:
- Para onde vai o senhor?
- Para o outro lado.

AH, VIDA...

A vida está cheia de interferências indébitas, de acasos estúpidos, de
personagens errados que travam conosco desencontrados diálogos de
surdos, a vida está atravancada de pormenores inúteis,a vida parece um
romance malfeito!

SINÔNIMOS

Confesso que até hoje só conheci dois sinônimos perfeitos:
"nunca" e
"sempre".

GALERIA

Os quadros são janelas abertas para o outro mundo deste mundo.

Do ESTILO

O estilo é uma dificuldade de expressão.

O JUCA

O Juca era da categoria das chamadas pessoas sensíveis, dessas que tudo lhes toca e tange. Se a gente lhe perguntasse: "Como vais, Juca?", ao que qualquer pessoa normal responderia: "Bem, obrigado!" com o Juca a coisa não era assim tão simples. Primeiro fazia uma cara de indecisão, depois um sorriso triste contrabalançado por um olhar heroicamente exultante, até que esse exame de consciência era cortado pela voz do interlocutor,
que começava a falar chãmente em outras coisas, que aliás o Juca não estava ouvindo... Porque as pessoas sensíveis são as criaturas mais egoístas, mais coriáceas, mais impenetráveis do reino animal. Pois meus amigos, da última vez que vi o Juca, o impasse continuava... E que impasse!
Estavam lhe ministrando a Extrema-Unção. E, quando o sacerdote lhe fez a tremenda pergunta, chamando-o pelo nome: "Juca, queres arrepender-te dos teus pecados?", vi que, na sua face devastada pela erosão da morte, a Dúvida começava a redesenhar, reanimando-a, aqueles seus trejeitos e caretas, numa espécie de ridícula ressurreição. E a resposta não foi nem sim nem não; seria acaso um "talvez" se o padre não fosse tão compreensivo. Ou apressado. Despachou-o num átimo e absolvido. Que fosse amolar os anjos lá no Céu!
E eu imagino o Juca a indagar, até hoje:
- Mas o senhor acha mesmo, sargento Gabriel, que ele poderia ter me absolvido?

Dos CRIMES PASSIONAIS

Os verdadeiros crimes passionais são os sonetos de amor.

CITAÇÃO

E melhor se poderia dizer dos poetas o que disse dos ventos Machado de Assis:
"A dispersão não lhes tira a unidade, nem a inquietude a constância."

DEUSES ESTAGIÁRIOS

Essas imagens dos deuses mortos são os vestuários sucessivamente usados e despidos pelo Deus único e verdadeiro. Continua, contudo, a existir em vários deuses simultâneos, contemporizando, digamos, com a imagem que dele faz cada raça, religião ou criatura. É um só, mas a estagiar nos múltiplos patamares das civilizações e das concepções individuais. Tu, tu mesmo deves estar lembrado do teu Deus de criança, dos pedidos que lhe fazias pessoalmente. Era um Deus ao alcance da tua voz, quase ao alcance da tua mão: Ele morava logo ali por detrás das estrelas que cobriam o pátio de tua casa. Mas o teu Deus de hoje, com ele não tem choro...

CUIDADO!

Nosso Senhor não tem o mínimo senso de humor: leva tudo a sério...
Com ele não se brinca.

?

Essa pancada que bate isolada em plena insônia e que interrogativamente alonga a sua sílaba única - ahn - é como se o próprio relógio, no escuro, estivesse indagando que horas são...

PROJETO DE LEI

Se é proibido escrever nos monumentos, também deveria haver uma lei que proibisse escrever sobre Shakespeare e Camões.

LEITURA

Essa mania de ler sobre autores fez com que, no último centenário de Shakespeare, se travasse entre uma professorinha do interior e este escriba o seguinte diálogo:
- Que devo ler para conhecer Shakespeare?
- Shakespeare.

COM EFEITO

Com efeito, alguns estranharam não haver eu escrito nada sobre o quarto centenário de Shakespeare, festivamente ocorrido em todo o mundo a 23 de abril. Por que haveria eu de escrever? Não sou comemorativo. Tampouco o velho Shakespeare é desses infelizes imortais que só fazem centenários, e nada mais. Sua sensibilidade é a nossa. Sua poesia é humana.

Seus tipos, universais. E eu não poderia dizer nada de novo... Só ele mesmo, o próprio. E se vocês acaso se perderem na selva shakespeariana, não faz mal. Antes ficar irremediavelmente transviado no meio daqueles encantos e assombros do que gritar por um expert...

As TRINTA LINHAS

Um dia Alvaro Moreyra, já avô, contou-me que seu pai ainda lhe dizia: "Mas Alvinho, por que tu não escreves coisas de mais fôlego?". E ele, espalmando as mãos num gesto de desculpa:
"Mas eu não tenho fôlego, papai...". Depois desta história, eu não precisava dizer mais nada. Contudo, não me sai da lembrança um professor dos meus tempos de ginásio que, ao dar-nos o tema para a Redação de Português, dizia: "Não adianta escreverem muito, meninos, porque só leio a primeira página; o resto, eu rasgo". E assim nos dava, ao mesmo tempo, a primeira e a melhor lição de estilo, obrigando-nos a reter as rédeas de Pégaso e a dizer tudo (que aliás não podia ser muito) nas trinta linhas do papel almaço, contando título e assinatura. A ele, pois, ao saudoso major Leonardo Ribeiro, a minha gratidão e a dos meus leitores.

As MÃES E AS GUERRAS

Se dependesse das mães, não haveria guerras! Mas as filhas preferem os soldados...

A Voz

Ser poeta não é dizer grandes coisas, mas ter uma voz reconhecível dentre todas as outras.

O FILHO MORTO

Certa noite confidenciei com um homem sensível num daqueles saudosos cafés da volta do Mercado. Aliás, sempre nos encontrávamos com agrado da minha parte, porque ele era poeta mas inteligente, e suas libações não o tornavam monótono ou repetitivo. Seus sonetos me pareciam bons, tinham até um quê de clássico. Compusera um deles em memória de seu filho único, morto na flor da mocidade. Foi naquela noite que ele o recitou para mim, enquanto as lágrimas lhe corriam pelas faces. E aconteceu que, tempos depois, numa espera de bonde, um jovem que estava fazendo o serviço militar apresentou-se-me como filho daquele angustiado poeta amigo. Senti-me ilaqueado em minha boa-fé, como vulgarmente se diz, e, na primeira vez que encontrei o poeta, fui logo dizendo:
- Mas Oscar! Como é que tiveste a coragem de me impingires aquele soneto em memória de teu filho vivo?
E ele, com toda a sinceridade:
- Era pra que se morresse...
A resposta, como se vê, foi num estilo nada classico... mas que mundos

e fundos havia nela! A verdade do mundo poético não tem de dar
satisfações à verdade do mundo real - eis aí uma tese a defender. Mas fique o leitor descansado: eu não pretendo provar coisa nenhuma... Estou modestamente fazendo uma afirmação.

A FACE E O ESPELHO

Assim devia ser a relação de autor para leitor - uma face nua num espelho límpido. Mas é tão difícil... Ou a face está mascarada ou o espelho embaciado.

CESÁRIO VERDE

Li apenas duas vezes a obra de Cesário Verde. Dele me ficaram dois versos, duas suaves assombrações que, de longe em longe, atravessam, por um momento, minha memória distraída:

"os querubins do lar flutuam nas varandas..."
"enleva-me a quimera azul de transmigrar..."

Dois versos, direis que é pouco para uma obra inteira, de toda uma vida! Há poetas que se contentam com um busto em praça pública.

PENSAMENTO PARA O TEU ANIVERSÁRIO

Nem todos podem estar na flor da idade, é claro!
Mas cada um está na flor da sua idade...

O MURO

E eis que, depois de longos, longos anos, encontrei o Amigo. E vi que ele, com esse mesmo material dos anos, havia construído a sua vida... No entanto, através daquele muro caiado e sólido, como descobrir agora a voz antiga, o sorriso bom do Emparedado?
Dele só restava o nome - COmo numa lápide.

Os NECROLÓGIOS

Não é só no homicídio que o problema consiste em ocultar ou sonegar o cadáver; sempre nos vemos em igual contingência diante da morte natural.
Vivo a sonhar o dia em que os necrológios comecem assim:
"Evaporou-se o Sr. desembargador Dioclécio Fagundes."
Ou então:
"Volatilizou-se, na madrugada de hoje, a gentil senhorita Celeste Pereira Pinto."

Sim, porque um dia se hão de inventar umas pílulas por assim dizer eterizantes, que nos tornarão de súbito inteiramente solúveis no ar...

O PRATO DE LENTILHAS

Numa destas minhas tábuas, falei há tempos de como nos assemelhávamos os robôs e nós. Eles, com as suas inevitáveis conexões de sinais; nós
com as nossas (inevitáveis) associações de idéias. Exemplo: sempre tive horror a lentilhas. Pelo seu gosto? Qual! Só por causa daquele malfadado texto bíblico...

HEIN?

E quando um acidentado acorda, perplexo, no Outro Mundo, e indaga dos Anjos que horas são, muito mais perplexos ficam os Anjos...

O PROBLEMA ETERNO

Livrar o povo dos demagogos, sim... Mas como livrar Deus dos teogogos?

O MUNDO MISTERIOSO

Leila está nessa idade inquieta e luminosa em que a gente escreve, escreve e não acha editor. De uma novelazinha ultra-romântica e ao mesmo tempo com observações de tão aguda objetividade, que ela me deu para ler, não me saiu da memória esta linha: ".. .o aspecto acolhedor dos lares sem televisão..."
Mas não é isso mesmo? Agora é muito difícil nos encontrarmos com as pessoas presentes. É a Rádio... é a TV... é o Telestar... é o mais que for... E a gente nunca está onde se acha! Vivemos, sempre e sempre, em comunicação com uns distantes fantasmas.
Mas, deste lado, o que havera?
Meu Deus! Como será uma alma deste mundo?!

MÁGICA & MISTÉRIO

Há espíritos simplistas que acham que tem de haver uma explicação para tudo.
E que, explicada a coisa, foi-se o mistério!
Principalmente esses que insistem em desmontar os poemas, como se quisessem desmascarar o poeta.
Eles me fazem lembrar aquelas pessoas "espertas" de certa cidadezinha do interior, as quais, indo assistir à função de um mágico, puseram-se a bradar no meio do espetáculo:
"Isso é truque! Não pega! É truque! É truque!"

Mas, para alívio das almas compassivas, acrescento que o pobre mágico sempre conseguiu escapar com vida por trás dos bastidores...

Do NOME

What is a name? - já indagava o Poeta.
Um nome serve, em última instância, para uma lápide.
Ou para uma estátua, geralmente eqüestre.
E a melhor fase da vida a mais natural - é quando os pais ainda não escolheram um nome para a gente.

DA DÚVIDA

Os espíritos verdadeiramente religiosos são os que andam e desandam pelas encruzilhadas da Dúvida. Os que atingem a certeza param, satisfeitos. E a certeza, como lá diz o mestre Augusto Meyer no seu "Tratado de metaparafísica", a certeza faz engordar. Exemplo: Santo Tomás de Aquino.

Dos LEITORES

Há leitores que acham bom tudo o que a gente escreve. Há outros que sempre acham que poderia ser melhor. Mas, na verdade, até hoje não pude saber qual das duas espécies irrita mais.

Dos GRILOS

Toda noite os grilos fritam não sei quê. A madrugada chega, destampa o panelão: a coisa esfria...

DAS RESPOSTAS

Não deves acreditar nas respostas. As respostas são muitas e a tua pergunta é única e insubstituível.

DA RECORDAÇÃO

A recordação é uma cadeira de balanço embalando sozinha.

TRECHO DE CARTA

"Mas, meu caro, isso de partir para o Rio é que é provincianismo!"

TALVEZ

Repara como o poeta humaniza as coisas: dá hesitações às folhas, anseios ao vento. Talvez seja assim que Deus dá alma aos homens...

COISAS NUMERADAS DE UM A TRINTA E CINCO

I

Não esquecer que as nuvens estão improvisando sempre, mas a culpa é do vento.

II

Ah, essas esculturas de gaze do vento, sempre errantes entre o céu e a terra, como os sonhos do homem.

III

A Vitória de Samotrácia: vento petrificado.

IV

A Gioconda é uma chata.

V
1Há poetas cheios de detritos que vão arrastando tudo na corrente. As vezes, quando muito, uma cachorra morta. As vezes o belo cadáver de Ofélia.

VI

Hamlet, meu condiscipulo de dúvidas...

VII

Há poetas que fazem música de câmera: Verlaine, Laforgue, para apenas citar gente minha... Victor Hugo era outra coisa. Victor Hugo era o General da Banda!

VIII

Mas para que interpretarem um poema? Um poema já é uma
interpretação.

IX

Os psiquiatras são incuráveis?

X

Vagas notas esparsas... Leitores há que gostam disso. E até desconfio
que, para alguns desses leitores de que tanto gosto, os livros deveriam ser
compostos apenas de entrelinhas.

XI

Os velhos, quanto mais velhos, mais vírgulas usam.

XII

O ruim dos filmes de faroeste é que OS tiroteios acordam a gente no
melhor do sono.

XIII

O ruim das negras é que elas nunca parecem despidas.

Xiv

Se cortassem as mesuras dos filmes japoneses, não sobraria um único
de longa-metragem.

XV

No nundo não há nada mais importante do que os políticos das
cidades pequenas.

XVI

Nós não perdemos os mortos, os mortos é que nos perdem.

XVII

A rede das estrelas é uma incômoda teia de aranha sobre a face da Eternidade.

XVIII

A voz do vento... Ninguém sabe o que o vento quer dizer... Quem me faz uma Letra para a voz do vento?

XIX

Um dia de chuva é bom para a gente comprar livros de poemas... Quem perguntar por que, de nada lhe adianta comprar um livro de poemas.

XX

As viagens ilustram, como dizem? As viagens aproveitam alguma coisa? Não sei, mas desconfio que depois da sua visita aos Estados Unidos a Gioconda deve ter voltado com um sorriso muito mais enigmático.

XXI

O que há de terrível nos robôs não é como eles se parecem conosco, mas como nós nos parecemos com eles.

XXII

Buscas a perfeição? Não sejas vulgar. A autenticidade é muito mais difícil.

XXIII

Quanto à arte engajada, eu só te pergunto: Que significação política tem o crepúsculo?

XXIV

A noite picotada de grilos...

Xxv

Maltratar os poetas é indício de mau caráter.

XXVI

Coragem não é documento: os gangsters também são heróis.

XXVII

A Vida nutre-se da morte, e não a morte da vida, como julgam alguns pessimistas.

XXVIII

E, por falar em pessimismo, naquela ainda indecisa mas já histórica manhã de 2 de abril de 1964, ouvi, no Largo dos Medeiros, um velho dizer a outro: "A coisa não pode estar boa! Anda muita gente de cara alegre..."

XXIX

Já repararam? Antes, em todas as vitrinas de brique, havia sempre um busto de Napoleão. Agora, sumiram-se!
As vitrinas de brique são o último estágio da glória.

XXX

Esses que apreciam num escritor a opulência de Linguagem devem ser os mesmos que se babam de puro êxtase diante das senhoras bem fornidas.

XXXI

...ser xifópago deve ser tão incômodo como ser casado...

XXXII

Me lembro de um colega de ginásio que tirou da sua própria cachoLa e escrevia em seus cadernos e livros, com letra caprichada, o seguinte: "Estudo, és tudo!" Teve o fim que merecia.

XXXIII

Se não fosse Van Gogh, o que seria do amarelo?

XXXIV

A Vênus de Milo tem cabeça e cérebro de ovelha.

XXXV

Por que ainda ninguém se lembrou de pintar uma mulher nua de
óculos?

ESTA NOSSA MANIA

Esta nossa mania de pronunciar corretamente os nomes estrangeiros...
O diabo é que, para acertar por palpite, só não os pronunciamos como
está escrito. Em 35, no Rio, um sueco, meu companheiro de pensão, me
garantiu que Nobel lá se diz Nobél mesmo e não aqui como nestes Brasis:
o Prêmio Nóbel, a Coleção Nóbel. Em contrapartida, os estrangeiros não
se dão ao mesmo trabalho conosco. Não, não estou me queixando... Eu até
gozava imenso um amigo francês que me chamou imperturbavelmente de
"Messiê Quintaná" anos a fio, até que um de nós morreu. Era um
excelente homem: deve estar no Paraísô.

RESPOSTA

Meu caro Liberato,
Em resposta à sua carta e aos poemas que me enviou, agradeço antes
de tudo a sua confissão de ser meu freguês de caderno. Diz-me você que se
sente muito a gosto em poetar de mão livre e coração aberto, tanto mais
que a poesia, muito antes da época em que o meu jovem chegou a este

mundo, "já estava liberta de peias absurdas, como o metro, a rima, etc."
Por isso mesmo é que resolvi chamá-lo de Liberato nesta resposta, embora
o seu nome seja muito outro. Mas não é bem assim, Liberato...
O modernismo, ou melhor, o verso-librismo libertou o verso, é verdade,
mas não libertou o poeta.
Havia, antes, uma arte poética cujos rudimentos estavam ao alcance
de todos e que, se não ensinava a fazer um poema perfeito, ao menos permitia
fazê-lo sem imperfeições.
Agora, qualquer poema é uma aventura, boa ou má. O poema livre,
como o seu nome o diz, não é obrigado a ter versos de medida clássica,
muito embora os possa ter, visto que um bom verso clássico é tão natural
ou expressivo como outro qualquer. Mas, se as linhas do poema que você
estiver fazendo "livremente" não se complementarem, se o todo não
apresentar uma misteriosa unidade, o poema se desagrega. Tudo tem de estar
interdependente, como num sistema planetário. O poema livre é um jogo
de equilíbrio, prestes a desabar ao mínimo descuido do construtor.
Quanto à armação de um poema em versos regulares, é coisa tão
segura como empilhar paralelepípedos.
Também os parnasianos precisavam saber equilibrar-se, é claro, mas
trabalhavam com rede de segurança...
Desconfio que você acaba de sofrer uma decepção a meu respeito, pois
não lhe apresento nenhuma regra, nem sequer um truque... Não há. Ou, por
outra, há. Mas isso depende do livre esforço de cada um. O verdadeiro criador

é como esses presidiários que forjam, por si mesmos, as próprias armas...
Vejo, também, que só tenho raciocinado por imagens - coisa suspeita
a um espírito lógico, mas acaso não estou falando com um poeta?
Em todo caso, meu caro Liberato, você estava candidamente enganado
em julgar aí consigo que não se precisa suar para fazer um poema livre:
precisa-se suar muito mais, por experiência o digo.
E...

CANIBALiSMO

Maneira exagerada de apreciar o seu semelhante.

MEDITAÇÃO

Vício solitário.

OTIMISMO

Filosofia forçada.

PAUL GÉRALDY

Bombom rançoso.

PICASSO

Famoso precursor da Talidomida.

TEMPO

Coisa que acaba de deixar a querida leitora um pouco mais velha ao
chegar ao fim desta linha.

NEM TANTO AO CÉU NEM TANTO À TERRA

Basta havermos lido Dostoiévski e Tolstoi (como fizeram todos os da
minha geração) para não duvidar de que o povo russo é profundamente
religioso. Nós, não. E por isso mesmo jamais poderíamos cair, como eles,
por transferência, na implacável mística do ateísmo. Eles são
fanaticamente ateus. Nós não somos fanaticamente religiosos. Moral da História: o
trunfo é nosso.

DA TEOLOGIA

A teologia é o caminho mais longo para chegar a Deus.

COMO VAI A POESIA?

Naqueles longes tempos, era ele vítima de um cirurgião-dentista que,
de repente, do outro lado da sala do café, da outra extremidade do bonde,
da calçada oposta, lançava intempestivamente o seu vozeirão:
- Como vai a poesia?
Todas as cabeças que se achavam de permeio voltavam-se então para o
Poeta. O Poeta, nu, desmascarado, em meio à multidão! Para evitar esses

atentados ao pudor, ele afinal descobriu um meio: fazer a pergunta antes
que o outro a fizesse. Mal avistava o dentista, e antes que o mesmo
erguesse as trombetas da sua voz, que não lhe soavam propriamente como as
trombetas da Fama, mas como às cornetas fanhas da Difamação, bradava
alvissareiro o Poeta:
- Como vai o maçarico?!
As cabeças de permeio voltavam-se então escandalizadas ou irônicas
para o Cirurgião-Dentista. Não porque fosse uma vergonha utilizar esse
útil instrumento, mas porque maçarico era mesmo uma palavra muito
engraçada, uma palavra que notava com a dança do sarapico-pico-picO e
com surubico. O resultado de tudo isso foi que os papéis se inverteram: o
dentista pegou medo do poeta.

MÁQUINA DE ESCREVER

Maria, nunca mais me escrevas a máquina. Isso dá a impressão de falta
de sinceridade. Porque, quanto a mim, não sei pensar a máquina. Só a
lápis ou esferográfica.
Com a esferográfica, então, e ainda mais quando em papel gessado o
pensamento vai deslizando como esqui sobre a neve, como um trenzinho
- tuc, tuc, tuc - atravessando, preto sobre branco, as solidões geladas do
norte do Canadá.
Com a máquina é o contrário: os dois fura-bolos com que datilografo
são uns magros galináceos bicando, rápidos, vorazes, qualquer
sementinha, qualquer grãozinho de idéia que apareça. Nada vinga, nada brota, e a
página que ficou não é propriamente em branco, porque se me afigura um
chão de terreiro deserto, poeirento e cheio de cocôs.
E depois, como pode ser íntima uma carta escrita a máquina? Traz
idéia de distância, de pequena mas intransponível distância... como um
beijo dado de máscara.

DA MODÉSTIA

A modéstia é a vaidade escondida atrás da porta.

BIOGRAFIA

Era um grande nome - ora que dúvida! Uma verdadeira glória. Um
dia adoeceu, morreu, virou rua... E continuaram a pisar em cima dele.

POESIA & INTERJEIÇÃO

Sempre achei que a semente de onde germina todo verdadeiro poema é
uma interjeição. Isto é, um sentimento muito elementar, instintivo. Mas um
sentimento, sempre. O eterno romantismo! E depois disto, minha filha, hás
de sair dizendo por aí que o nome feio é a forma mais espontânea da poesia.

O VELHO E O ACASO

O velho mendigo que neste momento acaba de encontrar num
monte de sucata a lâmpada de Aladim - tão amassada, tão enferrujada e de
feitio tão esquisito -, eis que ele a abandona e leva em vez dela uma útil
chaleira. Uma chaleira sem tampa, digo eu, para os que gostam de
pormenores. E não é esta a primeira vez que o acaso, inocentemente, assim
estraga uma bela história.

LEITURAS

- Você ainda não leu O significado do significado? Não? Assim você
nunca fica em dia.
- Mas eu estou só esperando que apareça O significado do significado
do significado.

NOME & NOTÍCIA

Quando, enfim, apareceu o Abominável Homem das Neves montado
no Monstro de Lochness, já era tarde para eles. Bem feito! Quem lhes
mandou serem tão misteriosos assim? Eles pensavam que ainda eram
notícia... Nem isso: eram apenas famosos.

A ILEGÍVEL MENSAGEM

É tal a sua pressa de comunicação que eles se esquecem de aprender
primeiro a expressar-se.

DITO EM Voz BAIXA

Mas você ainda não pensou como seriam esplêndidos os filmes de
Chaplin se interpretados por outro?

307

EM VOZ MAIS ALTA

Os "burgueses" desprezam o pobre e o pária social, sentimento esse que Chaplin levou longe demais ao transformá-lo num palhaço - o Carlitos.

Luz DE VELA

Os escritores castiços que nos impunham na escola como modelos tinham quase sempre um cheiro enjoativo de vela de sebo - e até hoje desconfio que se chamavam castiços exatamente por causa daqueles castiçais que eles usavam e com os quais percorrem ainda os corredores esconsos da nossa literatura.
Escusado dizer que eram lusitanos, todos eles. Naquele tempo a gente ficava sinceramente maravilhado com as camareiras portuguesas encontradas nos hotéis porque - boas e rudes mulheres que eram, analfabetas até - sabiam no entanto falar "gramaticalmente" e com os pronomes todos no lugar.
Mal suspeitávamos que, sendo outro o ritmo de linguagem no Brasil, igualmente outra deveria ser a Posição das tônicas na frase, outras as pausas de espera, outra a harmonia, em suma. Mas, como era ponto de honra saber português de Portugal, era aquela confusão, uma coisa nem outra, uma cacofonia. Escrevia-se, por exemplo, "não queixem-se", "quem chamou-me?", "Deus acompanhe-te!" - construções estas tão inexistentes e portanto tão erradas no português de Portugal como no português do Brasil. Se, em vez do pedantismo, procurássemos obedecer à naturalidade, não nos extraviaríamos tanto. Quando um cavaleiro acaso se perde no campo, afrouxa as rédeas.., e vai daí o cavalo, isto é, o instinto, acha logo o caminho de casa - a qual, no assunto em trânsito, é a casa brasileira, a nossa casa!
Quando meninote, eu devorava livros com este título: "O que se não deve dizer"; patética e apatetadamente deslembrado que uma das coisas que não se deveria dizer, em bom brasileiro, era casualmente isso: "O que se não deve dizer!"
Isso os próprios lusos compreendiam. Tanto assim que, nos bons tempos de Eça de Queirós, cientes os escritores portugueses de que o melhor mercado de seus livros era o Brasil, procuravam tornar-se obviamente muito mais acessíveis, estabeleciam um compromisso tácito, evitando expressões idiomáticas só por eles usadas. Diziam, por exemplo: "Pouco

308

se me dá!" . Agora, infelizmente, eles estão escrevendo assim, para dizer o mesmo: "Estou-me nas tintas!". É claro que o leitor brasileiro logo adivinha a coisa, mas que se irrita, lá isso irrita-se... E deu-lhes agora para exportarem "sapatos de cabedal" e outras especialidades do mesmo gênero.
Desgraçadamente para eles, os tempos estão mudados. E até ouvi - quem diria? - de alguém que acabara de folhear (e deixar) a tradução lisboeta de uma novela policial:

- Puxa! como estão escrevendo mal, esses portugueses...
Mas não há de ser nada... Vamos ler, para esquecer tudo, não qualquer novela policial, mas algumas das encantadoras e tão legíveis histórias do Padre Manuel Bernardes. O frade e o passarinho -, que dizem? E podemos lê-lo sem quaisquer remanescentes escrúpulos de consciência - porque ele era um clássico, afinal! Mas não pingava sebo...

Nós os ESTELARES

Esses que vivem religiosamente se embasbacando ante o espetáculo das inatingíveis estrelas nunca lhes terá ocorrido acaso que tambem fazem parte da Via-Láctea?

Do TRABALHO

O trabalho é a farra dos velhos.

IDÉIAS

Não sou desses que um dia pensam uma coisa e no outro dia pensam outra coisa muito diferente. Eu penso as duas coisas ao mesmo tempo. Duas ou mais. Não tenho culpa de ser ecumênico.

DAS CIVILIZAÇÕES

O bom dessas grandes civilizações é que um dia elas se acabam e tudo começa novamente.

PREFERÊNCIAS

Prefiro ser alvo de um atentado a ser alvo de uma homenagem: um atentado é mais expedito e não tem discurso.

TEATRO LÍRICO

Um dueto de Ópera não te dá a impressão de namoro de gato?...

NOTURNO

Atenção! O luar está filmando...

O ENCONTRO

Eis que descubro um retrato meu, aos 10 anos. Escondo, súbito, o

retrato. Sei lá o que estará pensando de mim aquele guri!

CONFUSÃO

Essas duas tresloucadas, a Saudade e a Esperança, vivem ambas na casa do Presente, quando deviam estar, é lógico, uma na casa do Passado e a outra na do Futuro. Quanto ao Presente - ah! -, esse nunca está em casa.

Dos Tiros HUMANOS

Os extrovertidos são julgados normais. Quanto aos introvertidos, chegam a submetê-los a tratamento. Mas para curá-los de que? De não poderem ser chatos, como os outros?

REMISSÃO

Naquele dia fazia um azul tão límpido, meu Deus, que eu me sentia perdoado para sempre não sei de que...

MEHR LICHT

Não, esta luz não me engana. É como se houvessem acendido de repente um fósforo no escuro: a chama arde, bruxuleia, morre... Chama que pode durar uns poucos anos, como nós. Ou milhões e milhões de anos, como o mundo. Mas sempre chama, sempre uma pobre chama efêmera...

DA RIQUEZA DE ESTILO

O estilo muito ornado Lembra aqueles antigos altares barrocos, tão cheios de anjinhos que a gente mal conseguia enxergar o santo.

APONTAMENTO PARA UM POEMA

Ó céus de Porto Alegre, como farei para levar-vos para o Céu?

FRÊMITO

Um ruído assusta o cheiro do jasmineiro.

COMPLICAÇÃO

Certo dia me disse um chinês: - Há gente que procura fazer as coisas da maneira mais complicada possível. Cristóvão Colombo, por exemplo. Até hoje não atino por que seria que ele pôs um ovo de pé...

TRECHO DE ENTREVISTA

- Mas por que falar em poesia concretista? Diga-se
"concretismO",
apenas, e estará ressalvada a poesia.

VÉSPERA DE TEMPESTADE

Contra o céu de chumbo, aquelas árvores desesperadamente verdes!

CONTO AZUL

Agarrado a ponta da estrela, acabou me dando uma dormencia, mas
afinal consegui sacudir o pé e desprendeu-se um sapato. Foi cair na cabeça
do vigário. Ainda bem que ele não se achava no exercicio de suas funçoes.
Estava praticando caridade. E a pobre vítima a quem socorria foi presa por
agressão e roubo.
E como nem o acusado acreditasse na procedência etérea do sapato e o
próprio vigario, que voltara a si, era infenso a testemunhar tais
implausibilidades - que bem poderiam ser obra do demônio -, não houve outra
saída, a bem da ordem natural do mundo, senão aquele homem de boa-fé

confessar que aquilo pertencia à pessoa que ele assaltara na penúltima
vez. E como ninguém encontrasse ,a tal, concluiu-se por homicidio. Agora,
só faltava o cadáver.
Meu Deus! esses humanos.. Não podiam eles viver sem razões? Ri
tanto que me despenquei da ponta da estrela. Com o que ficou tudo
resolxido. Eu era precisamente o cadáver que não tinha um sapato!
E quando voltar a mim (são muito longos os desmaios dos anjos) todos
os personagens e assistentes dessa história já terão desaparecido, e talvez a
linda e pequena cidade onde ela aconteceu.

DA CRITICA

Uma definição apenas define os definidores.

DA INDIFERENÇA

A indiferença é a mais refinada forma da polidez.

ARTE & MENSAGEM

Mas esses letreiros luminosos não seriam muito mais belos se fossem
escritos em chinês?

WHAT IS A NAME?

Todas as amadas chamam-se Maria...

DAS PULGAS

As pulgas saltam tanto porque também têm pulgas.

APENAS...

Aula inaugural de uma pequena escola do interior. Os alunos, endomingados como requeria a ocasião. O professor, grave, de preto, voz cava. Pelo que bem se vê que a aula era de português. E eis que no final, tão ansiado pela gente miúda Como pela gente grande, ele tossiu, mudou de tom e disse:

- Atenção, meninos! Para gravarem melhor a matérIa exposta, copiem o esquema que vou traçar no quadro-negro.
Perpassa pela classe um frio de pânico. Esquema?! Meu Deus, que diabo disto seria aquilo?
Mas o professor, que, além de autodidata, era também humano, farejou a angústia daquelas alminhas e esclareceu então, com um esgar bondoso:
- É uma sinopse, meus filhos, apenas uma sinopse...

DA SAUDADE

A saudade que dói mais fundo - e irremediavelmente - é a saudade que temos de nós.

NOSTALGIA

A vista de um veleiro em alto-mar remoça a gente no mínimo uns cento e cinqüenta anos.

OH, VIDA!

... esse gosto ao mesmo tempo resignado e desesperado que tem o vinho com rolha afundada...

O VIAJANTE ÀS AVESSAS

...até que o condutor me bateu no ombro: "Fim da linha, seu moço.
Desci. E fui andando, meio desconfiado.

Praças com bancos de madeira, curvos e verdes como as árvores, O pé-
de-moleque do calçamento irregular da rua. Os lampiões de esquina.
O quiosque (um quiosque!) de revistas, cigarros, balas miudezas.
Mas fui andando, andando - como é que eu sabia o caminho? - e
finalmente entrei na velha copa de azulejos, la onde Tia Tula já estava, como
sempre, servindo o gostoso café com leite. Entreparou e disse: - Mas por
onde terá andado esse menino?!
Aquele seu jeito, tão dela, de ralhar na terceira pessoa..
E, como eu ainda estivesse com um ar ausente: "Meu Deus, em que será
que esse menino pensa tanto?" E acrescentou, baixinho:
-Até parece um velho de sessenta anos!

PARA UMA HISTÓRIA DA FILOSOFIA

A maior conquista do pensamento ocidental foi o emprego das
reticências...

ELEGIA EM CINZA

Nas cidades de puro cimento, onde a palavra "folha" é menos que um
fantasma, só o vento nos resta... Meu Deus! e se tu fizesses agora mais uma
das tuas mágicas - ao menos para colorir o vento!

ACHADOS & PERDIDOS

A memória é um sótão atravancado de objetos inúteis, onde tanto
desejaríamos encontrar aquelas coisas perdidas que - de tão perdidas - já
nem sabemos mais o que sejanl...

Do RESPEITO HUMANO

Conviver toda a existência com alguém sem nunca lhe dar a entender
que ele perdeu há anos uma perna ou que perdeu um dia a cabeça...

PAUSA

Oh! todo o sossego e lucidez das madrugadas, quando o último grilo já
parou seu canto e ainda não se ouviu o canto do primeiro pássaro...

SONHO

Um poema que, ao lê-lo, nem sentirias que ele já estivesse escrito, mas
que fosse brotando, no mesmo instante, de teu próprio coração.

CENAS

As que ocultam o rosto quando choram é para disfarçarem que estão rindo.

DA ALMA

A alma é essa coisa que nos pergunta se a alma existe.

VERÃO

No verão dá cupim na cabeça da gente. Cupim ou caruncho? Será a mesma coisa? Não sei. Nem vou saber agora. Verão é isso mesmo: preguiça de procurar palavras no dicionário.

Do MANUAL DO PERFEITO CAVALHEIRO

Cuidado! deves tocar a campainha tão suavemente como se tocasses umbigo da dona da casa.

MÉTODO DE TRABALHO

- Não sei pensar a máquina. Escrevo, isto é, faço o meu trabalho criativo primeiramente a lápis. Depois, com o queixo apoiado na mão esquerda, repasso tudo a máquina com um dedo só.
- Mas isto não custa muito?
- Custar, custa, mas dura mais.

VIDA

Só a poesia possui as coisas vivas. O resto é necropsia.

CÁ ENTRE Nós

Os clássicos escreviam tão bem porque não tinham os clássicos para atrapalhar.

A CHATA

O que há de irritante numa goteira é que ela parece sempre estar dizendo: me conta, me conta... assim como quem diz como uma louca: me penteia, me penteia, me penteia os meus cabelos.

MECÂNICA DAS DESCOBERTAS

Não era a maçã que estava a cair de madura, mas a lei da gravitação.

ORTOGRAFIA

Costumava-se distinguir entre creação e criação. Exemplo: a creação de um poema, a criação de galinhas. Era limpo e nítido. Nada de confusões. Mas agora que tudo é um, como diziam os clássicos, ficou irremediavelmente perdido o que escrevi, um dia:
"Deus creou o mundo e o diabo criou o mundo."
E agora? Para explicar tudo isso em mais palavras o que seria um verdadeiro crime - imaginem os circunlóquios que eu teria de fazer...
Não faço!

SInôNIMOS?

Esses que pensam que existem sinônimos desconfio que não sabem distinguir as diferentes nuanças de uma cor.

ELOGIO DO QUÊ

E esses que evitam cuidadosamente os "quês" (parece que o toque de caixa foi dado pelo velho Castilho) o que estão, afinal, é desossando este nosso rude e doloroso idioma... Um idioma durão!

FC

Um dos motivos que me fazem acreditar em nossa origem extraterrestre é que o homem é o único animal que aprecia olhar os incêndios.

A HORA

São muitos os que morrem antes, outros depois; o difícil é acertar a hora.

O DIFICULTOSO

Le penseur de Rodin... coitado... nunca se viu ninguém fazendo tanta força para pensar!

HISTÓRIA NATURAL

O mais triste nas praias de verão é que nos assemelhamos a um bando de focas tropicais.

UNI - VERSO

"Treme a folha no galho mais alto" - escrevo. Paro e sorvo, de olhos fechados, o cheiro bom da terra, do capim chovido... Parece que quer vir um poema... Abro os olhos e fico olhando, interrogativamente, a linha que escrevi no alto da página. Depois de longo instante, acrescento-lhe três pontinhos. Assim não ficará tão só enquanto aguarda as companheiras. O vento fareja-me a face COmo um cachorro. Eu farejo o poema. Ah, todo mundo sabe que a poesia está em toda parte, mas agora cabe toda ela na folha que treme.
Por que não caberia então em único verso? Um uni-verso.
Treme a folha no galho mais alto.
(O resto é paisagem...)

PARA QUE SERVE UM CACHORRO?

Um cachorro serve para a gente falar sozinho. Que o digam esses errantes vagabundos, a quem pode faltar tudo, menos um cachorro. E essas velhinhas que ficaram sem família. E os meninos que nunca tiveram infância.

MAS SÓ DEUS

Mas só Deus, que é único, que não tem par, deve saber o que é a solidão.

Do RIDICULO

Não é por me gabar, mas nunca pude rir das situações ridículas. Nem há nada mais triste neste mundo. Porque o ridículo é a tragédia sem grandeza. Esses maridos que saem a passear os lulus das patroas...

ESPANTOS

O mais espantoso nos velhos é a sua falta de pressa, como se eles dispusessem de todo o tempo que terIam os moços se não tivessem tanta pressa.

UM POUCO DE GEOMETRIA

A curva é o caminho mais agradável entre dois pontos.

E DAÍ?

Falam muito no Sono Eterno. Sempre falaram, aliás... E daí?
Daí, só uma coisa me impressiona, e muito: a ameaça de uma Insônia Eterna.

DESNATURALIZAÇÃO

Boates, toaletes, quitinetes, ateliês, e assim por diante... E como essas palavras, universalmente usadas, ficam difíceis de reconhecer... E trotoar, como é possível fazer trotoar? Ah, trottoir, agora sim!
E epois, se vamos aportuguesar desse modo todas as palavras estrangeiras a gente acaba perdendo o pouco de cultura que ainda tem.

TERAPIAS

Pílulas das mais variadas cores, cada uma para as diversas horas do dia. Isso não quer dizer que os curasse, não. Mas sempre dava algum colorido às vidas desses pobres velhotes...

LEITURA

Li ro bom, mesmo, é aquele de que ás vezes interrompemos a leitura para seguir - até onde? uma entrelinha... Leitura interrompida? Não. Esta a verdadeira leitura continuada.

ME LEMBRO

É assim que se diz: "me lembro", quando uma lembrança vem vindo de

muito longe; "lembro-me" é quando chega de repente. Me lembro que, ao vir matricular-me no ginásio em Porto Alegre, estava-se terminando de construir o Grande Hotel, que um gato de fogo comeu. Um senhor amigo da familia dado às letras levou-me, por uma daquelas tardes de sábado para as quais se abriam, como para o céu, as portas do internato, a ver as obras do Grande Hotel. Fomos até o cimo do ultimo andar, de onde me aproximei a olhar fascinado a rua e os míseros andantes, lá embaixo. "Cuidado!" disse-me o cicerone, segurando-me pelo cotovelo e, num tom mais baixo, misterioso: "Cuidado! a atração do abismo..."
Pois aquela revelação amiga da atração do abismo... ah, deu em soneto. Foi publicado na revista do ginásio e terminava falando em certos olhos "que têm a mágica atração do abismo". Era a imprescindível chave de ouro. Chave de ouro? Duvido muito... Puro latão, isto sim. A idade é que era de ouro!

PAUSA

Às vezes, nos dias calmos, apenas se nota uma leve ondulação na relva: são os cavalos do vento que estão pastando.

DURANTE E DEPOIS

Quando eu lia O tico-tico, uma das coisas que mais me impressionavam era o que os personagens fariam depois de terminada a história.
E ainda hoje acho que romance perfeito é aquele em que acabam morrendo todos os seus participantes, pois só aí poderia o romancista conscienciosamente escrever na última página a palavra FIM.
Em tal sentido, a história de Hamlet quase atinge a perfeição. Lá pelas tantas, diz o príncipe a seu confidente que iria matar-se e este lhe responde que faria o mesmo. Fez coisa nenhuma! O príncipe convenceu-o de que, se todos eles morressem, jamais poderia o velho Shakespeare escrever aquela espantosa tragédia: ninguém sobraria no mundo para contar nada a ninguem...
Só nisto eu discordo de Hamlet: não sei de coisa mais triste do que um herói remanescente. Remanescente e reminiscente.
Eu disse que era triste? Pois eles não acham. Em vez de morrerem "jovens e de rosas coroados", como queria o poeta, ei-los aí, gordos, carecas, empoleirados e com uma memória de morte.

Se há maior desgraça do que ser desmemoriado é ter memória demais.
Vocês bem sabem como é, por experiência própria, quando a gente topa com um desses queridos avozinhos que se lembram de tudo: - Ah! os bons velhos tempos! - suspiram eles... e parapapapapá.
Os bons velhos tempos? Mas os tempos são sempre bons, a gente é que não presta mais.
Porém, em vista dos autos, melhor deveria dizer-se, com a mais legítima saudade:
- Ah, os bons maus tempos...

IMAGEM

O gato é preguiçoso como uma segunda-feira.

VERsO AVULSO

Um elefante caiu do teto.

A ESTRANHA VERDADE

Tudo pode sair muito mais bonito nas fotografias, mas sai muito mais verdadeiro nas pinturas.

MODAS

O que há de mais espantoso na moda é que até os filósofos ela faz desfilarem pela sua oscilante passarela. Primeiro foi o Sartre, depois o Marcuse - lembram-se? - e agora - quem é que não sabe? - é o McLuhan.
Pobres filósofos... Qual será a próxima vítima?
Até parece que cair nas garras da moda é o primeiro passo para o esquecimento. Mas não exageremos: às vezes essa velha entremetteuse engana-se e acerta por acaso.

DA ARTE DE RECORDAR

O que têm de bom as nossas mais caras recordações é que elas geralmente são falsas.

UMA INTERROGAÇÃO MODERNA

- Mas que quer dizer "interlocutor"? Eu só ConheÇo OS locutores...

AINDA E SEMPRE

Digam o que disserem, mas a Lua continua sendo o LSD dos poetas.

O DOCE CONVÍvIO

Teus silêncios são pausas musicais.

O GOSTO DO DIA

O dia passa, a vida continua. E os que pensam que a vida muda com o gosto devem pensar também que o corpo se transforma com as modas.

A MODA ETERNA

Somente nunca sai da moda quem está nu.

AZAR

As múmias são indigestas, mas em compensação os recém-nascidos não têm o mínimo teor alimentício.

SATYRICON

Fui ver o Satiricon, de FelLini. Uma coisa espantosa! Aqueles antigos romanos estavam quase como nós...

DA RELATIVA REALIZAÇÃO

Mover-se com a máxima amplitude dentro dos próprios limites.

FELIZES

Mas felizes, felizes esses peixinhos de aquário: pensam que o seu universo é infinito.

CUIDADO!

Ultrapassar-se? Mas como?! A gente só se ultrapassa, mesmo, quando vai para o outro mundo.

CASO CLÍNICO

O Destino é o acaso atacado de mania de grandeza.

A GRANDE ESTRELA

Dizem que a época das vedetes já passou... Será?
Mas quando nos livraremos desses filmes que estão sempre levando em todos os cinemas e cuja personagem principal é a cama?

RECALQUE

A gente adoece, mesmo, é de nome feio recolhido.

A GERAÇÃO FATAL

Chocante, o caso da minha geração: é, em geral, a história de um menino que nasceu e foi criado numa casa de intolerância.

ACIDENTE DE TRÁFEGO

Nós vivemos a temer o futuro; mas é o passado quem nos atropela e mata.

EVOLUÇÃO

O que me impressiona, à vista de um macaco, não é que ele tenha sido nosso passado: é este pressentimento de que ele venha a ser o nosso

futuro.

PERGUNTA INOCENTE

mas por que também não são multados esses motociclos policiais -
que, nas rodovias, perseguem os motoristas por excesso de velocidade?

Luz PRÓPRIA

Os sonhos tem luz própria, uma luz que não vem de nenhum sol, de
nenhuma lua, de nenhum foco. Está em toda parte. Na próxima vez que
sonhares, procura ver se o teu vulto projeta alguma sombra. E se a tua
imagem se reflete nalgum espelho. Tolice minha! Nos salões do sonho
nunca há espelhos...

TEMPO PERDIDO

Havia um tempo de cadeiras na calçada. Era um tempo em que havia
mais estrelas. Tempo em que as crianças brincavam sob a clarabóia da lua.
E o cachorro da casa era um grande personagem. E tambem o relógio de
parede! Ele não media o tempo simplesmente: ele meditava o tempo.

O AVENTUREIRO

Sempre que o homem conquista a certeza de alguma coisa -
redondeza da terra, heliocentrismo, etc. ele acaba por se chatear soberanamente
e, passando por cima das esfinges mortas, parte em busca de novos
enigmas, de novas duvidas, ante a indiferença das pedras, das velhas comadres
e das estrelas...

TÃO FÁCIL

Nada tão fácil como assassinar hoje em dia uma mulher. Pode ela gritar
que nem uma heroína de telenovela. Os vizinhos pensarão que é isso meSmo.

UMA ARTE PERDIDA

O que estraga as viagens, agora, é o seu rápido destino: de repente já
estás em Pequim... Benditos, mil vezes benditos aqueles carrosséis que
ensinaram aos meninos de meu tempo a pura alegria de viajar!

CUMPLICIDADE

A "boa ação do dia" predileta dos Anjos da Guarda é fazer os gambás
atravessarem o tráfego maluco: quando estes se dão conta, já estão do

outro lado...

O ESPECIALISTA

Com a intensificação incessante da poluição sonora - revelou-me a Sibila de Delfos - não está longe o dia em que aparecerão nos jornais anúncios como este: "Dr. Praxedes, especialista em surdideação, compromete-se dentro em seis meses a deixá-lo imune às descargas automobilísticas, aos ruídos infernais do doce lar, à música pop, a determinados programas de TV."

PRECAUÇÃO

As damas gordas não devem usar vestidos estampados, para não se repetir o que aconteceu certa vez, quando um senhor sentou no colo de uma delas, pensando que fosse uma poltrona.

FIM

E chegará um tempo em que os militares inventarão um projetil tão perfeito, mas tão perfeito mesmo, que dará volta ao mundo e os pegara por trás.

COPÉLIAS

Não há que exagerar, nem na beleza. Há mulheres que, de tão belas, parecem que têm cara postiça. Serão robôs? Ou talvez visitantes de outro mundo? A sua perfeição lhes tira a humanidade. Jelena Trubova, mulher aliás nada difícil e que morreu no bombardeio do Hotel Shangai pelos anos 30, queixava-se de que a sua beleza afugentava os homens. Os quais preferiam sair tranqüilamente com as outras, cujo encanto não ultrapassava o trivial.

DA PERFEIÇÃO

Não pode haver a menor dúvida a respeito. O ovo é a mais perfeita forma da Criação. Mas como dói!

O PROBLEMA

Cineastas, romancistas, psicólogos e outros psis - como se preocupam eles com o problema da solidão! Por quê? O único problema da solidão consiste em como preservá-la.

DA ARTE DE FAZER VISITAS

Sempre que o convidavam a uma casa, perguntava-lhes se podia ir com
outra pessoa. Combinado! Deixava então os outros conversarem à vontade,
enquanto ele fingia que estava escutando.

MUNDO

A incessante inauguração do mundo era sempre aos sábados, à tarde
- quando se abria o pesado portão dos internatos antigos.

INVENTOS

Depois que fez a máquina dos mundos, Nosso Senhor espantou-se
muito: "Ué! Será que eu consegui descobrir o moto-contínuo?"

ORATÓRIA

Um orador deveria limitar-se ao essencial. Especialmente nesses
discursos de banquete os quais teriam, todos eles, o texto seguinte:
"Minhas senhoras e meus senhores. Tenho dito."

MUNDO

Naquele tempo não sabiamos, mas se a gente se sentia tão bem lá
dentro do circo era porque o seu amplo toldo formava um universo fechado
- só para nós.

VERSO APÓCRIFO

Un sonnet sans défauts, c'est le crime parfait.
(Boileau -L'art Poétique)1

___

1. Overso de Nicolas Boileau é o seguinte: "Un sonnet sans défauts vaut seul un long
poème." Canto II, verso 94, L'art poétique. In: Satires, Epitres. Art poétique. Paris: Gallimard,
2003.). Provavelmente a alteração do final do verso é intencional, como sugere o título
escolhido. (N. da Org.)

LAVOASIER

Nada se perde; tudo muda de dono.

MALHERBE

Ah! essas eternas rosas de Malherbe...

E POR FALAR EM CITAÇÕES

Havia na minha terra um orador popular que terminava assim os seus discursos: "Pois, como disse Rui Barbosa..." - e lá vinha para cima da gente com uma frase que ele tirava do próprio bestunto.
É claro que todo mundo aplaudia.

MAL COMPARANDO

Do mesmo truque usou o nosso Pinto da Rocha em sua peça "Thalita", tão combatida na época e quero crer que injustamente esquecida hoje.
Pinto da Rocha findava o último ato com uma bela paráfrase em verso da Ave-Maria. Ora, como é que o público iria patear a Ave-Maria?
Até mesmo um ateu consideraria isto um sacrilégio.
Por sinal, lembra-me agora o caso daquele velho folclorista que confessava a seus íntimos: - Palavra! eu não vou muito com isso de Deus... e só não digo nada para não ofender Nossa Senhora e o Menino Jesus.

O NARIZ COLETIVO

Nada mais deprimente do que esses retratos de família em que todos têm o mesmo nariz (será postiço?) e onde todas aquelas caras parece que estão pensando: "Mas como somos iguais, como somos animais!"
Não há de ser nada. Há um anonimato ainda mais sutil. E mais grave.
Quando folheamos revistas antigas, espanta-nos que todas aquelas pessoas que aparecem nas fotografias tivessem a mesma expressão. Vai ver que todos pensavam igual! Era a cara da época. Era a cara de fora.
Ninguém tinha a cara de dentro. "Também seremos assim?"- indagas agora, na maior frustração. Pergunta supérflua. Devias inquirir: "Serei assim?"
E trata, antes, de substituir a tua cara coletiva por uma fisionomia própria.
Depois, conversaremos.

Há outras conotações, como hoje se diz. Por exemplo: nos Estados totalitários todas as pessoas têm a mesma cara. A grande manada. O rebanho único. E se acaso aparece um bicho diferente, a solução é simples: caça-se.

TESTE

Ontem, quando procurava recordar qual a seqüência dos Dez

Mandamentos, não consegui ao menos lembrar-me de todos eles. O Diabo sorriu amarelo. Estava garantido o meu lugar no Céu...

A VENDEDORA DE VIOLETAS

Não te assustes com a cafonice do título. Eu também não acredito que tenham jamais existido as vendedoras de violetas. É dessas coisas falsamente poéticas, pura invencionice para idealizar a miséria misturando-a com flores - ainda mais a violeta, famosa pela sua humildade e modéstia - Arre!

"A VIDA É UM SONHO"

A vida? Pode ser que seja um sonho. A poesia, não. A "possessão poética" não tem sentido passivo. É o mesmo que no palco: um ator, para bem desempenhar o papel de ébrio, deve estar inteiramente sóbrio.

PROSA

E eis que um dia os poetas, para exorcizar a incontinência oral dos românticos e as imponderáveis nuanças dos simbolistas, puseram-se a elevar colunas, pórticos, arcos de triunfo tudo em plena luz meridiana e bebendo leite, muito leite... E escreveram assim umas coisas que tinham as caracteristicas da mais bela prosa: a precisão de termos, o desenvolvimento lógico, a correção de linguagem.
Eram uns tauras, jamais os considerei umas vacas... Mas seriam poetas?
E o mais trágico é que todo mundo julgava uma gozação da minha parte quando eu proclamava que o mestre Alberto de Oliveira devia ser lido e relido e estudado como um dos grandes prosadores clássicos da língua portuguesa.
Por favor, leiam ao menos "O Paraíba" e venham depois falar comigo.

DAS RIMAS RICAS

As rimas ricas acabaram morrendo por falta de recursos. Havia algumas que só eram quatro, o estritamente necessário para os dois quartetos do sonetista. Outras, nem isso... pobre do Emilio de Menezes!
Creio que foi a mesma rimatite que esfrangalhou irremediavelmente os nervos de Edmond Rostand. Mas esse, ao menos, conseguiu executar soberanamente os seus números. E - acreditem - não morreu de entorse. veio a morrer de tanto tour-de-force. Sob o aplauso entusiástico das arquibancadas.

NATUREZA

Não, nada de piqueniques! O encanto das paisagens numa tela é que elas não têm cheiro, nem temperaturas, nem ruídos, nem mosquitos.

Nada, enfim, do que acontece nas desconfortáveis paisagens reais. Quando estive no Rio, o PM.C., meu colega, amigo e editor, se ofereceu para "uma tarde destas" me mostrar o Rio. Agradeci-lhe horrorizado:
- Não, muito obrigado, Paulinho! Eu sou evoluído: o que mais me agrada no Rio são os túneis...
Creio que ele suspirou de alivio.
Pois bem que ele devia saber, como poeta de verdade, que nunca se deve ser apresentado a uma paisagem. É uma situação embaraçosa. Nem ao menos se lhe pode dizer: "Muito prazer em conhecê-la, minha senhora!". Esse não pode ser um conhecimento voluntário, aprazado, mas uma lenta osmose inconsciente, de modo que no fim se fique pertencendo à paisagem, e vice-versa.
Não se pode conhecer nada num minuto e só por isso é que os turistas não conhecem o mundo.
Jamais acreditei em observação direta, principalmente quanto à criação poética. Tanto assim que quase dei a um de meus livros o belo título de "O viajante adormecido". Só não o fiz porque a Gabriela me observou que o poderiam apelidar de "O leitor adormecido"...
Fraqueza minha! E por que não "o leitor adormecido" mesmo? A comunicação poética, no seu mais profundo sentido, não é acaso subliminar? Os poetas que dizem tudo acabam não dizendo nada. Porque a poesia não é apenas a verdade... É muito mais!
A Poesia é a invenção da Verdade.

UM PÉ DEPOIS DO OUTRO

Será do tempo? Será do quê? Os meus sapatos rincham, os meus sapatos cantam de alegria. E eu vou andando e aguardando cá de cima - que o seu oculto motivo chegue afinal em meu coração.

O HUMILDE TESOURO

Ah, nem queiras saber... A vida é preciosa como um pão roubado!

O SOBREVIVENTE

Estranho animal, o escriba, que lhe não basta ver, sentir.., mas é-lhe preciso escrever isso tudo e outras coisas, para só então mais intensamente viver. Daí, o seu ar de sobrevivente. De quem ao mesmo tempo está e não está aqui. E, ao encontrar-te, ele sempre te estende a mão como em despedida, já com saudades de agora.

APROXIMAÇÕES

Clair de lune, chiara de luna, claro de luna.., jamais os franceses, os italianos e os espanhóis saberão mesmo o que seja o luar, que nós bebemos de um trago numa palavra só.

QUE SERÁ DE MIM?

Com essa leitura dinâmica, decerto nem chegarão a me enxergar... Que sobrara de mim- eu que só escrevo para os que gostam de ler nas entrelinhas? Que escrevo, como bem sabem os meus fregueses, apenas para os gulosos, e jamais para os glutões.

IMPRESSIONADOR ASSUNTO PARA UM DESENHO-POEMA

... um anjo depenado...

O HERÓI E A BAILARINA

Creio que foi Nietzsche que disse qque o homem foi feito para guerrear

e a mulher para dançar para o guerreiro. Ora! É muito mais humano este meu, este nosso ideal burguês: o homem foi feito para comer e a mulher para servi-Lo à mesa.

COMPENSAÇÃO

Os homens que se dedicam ao golfe são os que não jogaram bolita quando meninos.

A GRAVE CERIMÔNIA

Nós todos levamos o anel da morte e um dia temos de o trocar com ela.

PREMISSAS

A natureza é barroca. O sonho é barroco. Portanto, que teriam vindo fazer neste mundo as colunas gregas?

O TEMPO E A VIDA

Não se deviam permitir nos relógios de parede esses ponteiros que marcam os segundos: eles nos envelhecem muito mais que o ponteiro das horas.

CARTAZ PARA TURISTAS

Viajar é mudar o cenário da solidão.

O CRIME NÃO COMPENSA

Herodes ordenou a matança dos inocentes e no entanto o único culpado escapou.

E POR FALAR EM COMPENSAÇÃO

Não sabias? As nossas mortes são noticiadas como nascimentos pela imprensa do Outro Mundo.

330

DA DIFÍCIL FACILIDADE

É preciso escrever um poema várias vezes para que dê a impressão de que foi escrito pela primeira vez.

REVELAÇÃO

Durante as belas noites de tempestade os relâmpagos tiram radiografias da paisagem.

O GRANDE SEGREDO

Os macróbios são macróbios porque não acreditam em micróbios.

URBANÍSTICA

Como seriam belas as estátuas eqüestres se constassem apenas dos cavalos!

ALIÁS

A única estátua eqüestre admissível seria a de Lady Godiva.

SANGUE E AREIA

O mais revoltante nas touradas é que os touros não são aplaudidos quando saem vencedores.

SERVIÇO A DOMICÍLIO

Não deveria caber a um poeta o extrovertido e saltitante encargo de Relações-Públicas. E sim de Relações-Íntimas. Isto é, comunicação... a sós.

NOTAS DA CIDADE

Ah, os ângulos contundentes das atuais construçoes urbanas...

O mais triste da arquitetura moderna é a resistência do seu material.
havia, não me lembro agora se no País das Maravilhas, da Alice, ou se
na Cidade de Oz, uma velha que morava num sapato... E nós que
moramos em caixas de sapatos!

Esses tetos baixos me abafam... De modo que só resido em casas
antigas. Acontece é que as casas velhas têm proprietários velhos, muito velhos
aliás e por isso mesmo muito morredores. E seus herdeiros resolvem
sempre vendê-las a construtores de edifícios. Resultado: há anos que venho
me mudando: sou uma pobre vítima do surto do progresso e do clamor
público.

E como eu fui dizendo logo no início de um poema dedicado a meu
amigo o arquiteto e escultor Fernando Corona:
"Não gosto da arquitetura nova
Porque a arquitetura nova não faz casas velhas..."
Não riam, por favor, que o poema é triste.

Em todo caso, como vocês ja devem ter reparado, é nessas épocas de
mudança arquitetônica que se dá a maior instabilidade social e individual.

Havia antes, por exemplo, os cafés sentados fumados conversados,
onde a gente arrasava o mundo, mas renovava o sonho, o ideário, a vida.

Agora, só existem esses cafés de barranco por onde se passa as pressas
e indignamente como numa fila de desaguadouro publico. Por isso é que
a geração de hoje parece tão no ar. Não tem tempo de sentar. Para bem
assentar as idéias é preciso primeiro sentar-se...

E quantas vezes nós, ao passar por uma velha rua quotidiana, sentimos
uma vaga inquietação, uma falta de não sei que. Vai-se ver, é um simples
lanço de muro que demoliram e que, tijolo a tijolo, fazia parte da nossa
construção interior, da nossa estabilidade, em suma.
E quando põem abaixo, então, a velha casa em que nascemos?!

ESTRANHA CURIOSIDADE

O crítico é um camarada que contorna uma tapeçaria e vai olhá-la pelo
lado avesso.

NÃO OLHE PARA A OBJETIVA

Pensar nos leitores - ou num determinado leitor - prejudica a
naturalidade, de sorte que a única maneira de um autor não fazer pose é escrever
para ninguém. E muito menos para si mesmo.

REALIDADE

O fato é um aspecto secundário da realidade.

Dos CADERNOS DE DRÁCULA

Quando a gente aperta o umbigo das crianças mortas, suas alminhas se
espremem de riso la no céu.

O BERÇO E O TERREMOTO

Os versos, em geral, são versos de embalar, como eu às vezes os tenho
feito, não sei se por simples complacência... ou pura piedade.
Contudo, os verdadeiros versos não são para embalar - mas para abalar.
Mesmo a mais simples canção, quando a canta um Camela Lorca,
desperta-te a alma para um mundo de espanto.

O DIABO E A CRIANÇA

Um dia o Diabo viu uma criança fazendo com o dedo um buraco na
areia e perguntou-lhe que diabo de coisa estaria fazendo.
- Ue! não vês? Estou fazendo com o dedo um buraco na areia!
espantou-se a criança.
Pobre Diabo! O seu mal é que ele jamais compreenderá que uma coisa
possa ser feita sem segundas intenções.

UMA EXPRESSÃO ANTIGA

No Tempo da Era usava-se esta gostosa expressão pra cima do interlocutor: "Diz isso cantando!" Quando alguém resolve musicar alguma coisa que a gente escreveu, não será mais ou menos isso o que acontece?

O BENSON

Leio novelas policiais, não só para tapear a insônia como também porque já passei da idade de ler coisas sérias, mas isto já são outros quinhentos mil-réis e que um dia trocarei em miúdos. Leio, pois, novelas poliCiais.
Só o que me atrapalha é o Benson. Quando estou quase adormecendo - e isto pela página 138, não deixo por menos - aparece-me o Benson!
Levo um choque, acordo-me da cabeça aos pés... Quem será o Benson?
Dada a sua atuação, deve ser uma personagem importante e que já andava fazendo das suas desde os primeiros capítulos. Mas esses nomes ingleses se parecem tanto. Impossível diferençá-los. Se ao menos se chamassem Trompowsky ou Gomensoro!
É verdade que, para dormir, também já experimentei o velho processo de contar ovelhas. Mas entre elas me surgia um Benson. Contudo, esse Benson ovino, eu bem o conhecia. Era aquela ovelha que me despertava

da pachorrenta modorra enumerativa, pulando subitamente a cerca e me fazendo arregalar de todo os olhos:
"Olha uma ovelha preta!".
O Diabo que a carregue. E a ti também, ó misterioso Benson...

AUTOBIOGRAFIA MÁGICA

Nasci no ano da descoberta do gás néon. Alguns leitores, diante disto, compreenderão a inocuidade de mais esclarecimentos.

DE UM HISTORIADOR DO SÉCULO CXXXIII

"O curioso é que, nessa mesma época, desapareceram, súbita e misteriosamente, os vestidos de cauda, os iguanodontes e as sobrecasacas."

Do IDEAL

As lagartas não podem acreditar na lenda das borboletas - tão antiga entre o seu rastejante e esforçado povo.., mas sua felicidade consiste em relembrar, às vezes, o absurdo e maravilha desse velho sonho: o de se transformarem, um dia, em borboletas.

EXPLICAÇÃO PARCIAL

No outro dia escrevi que já tinha passado da idade de ler coisas sérias.
Vocês vão achar engraçadíssimo, mas aos quinze anos devorei literalmente

Dostoicvski e roí com avidez canina não sei quantas ossadas metafísicas.
Éramos assim, os da minha geração. A gente queria apenas decifrar o mistério da alma, o sentido da vida, a finalidade do mundo.
No fim, só me restou a poesia, outro enigma...
É que pensei comigo então, passada aquela enorme azia transcendental, se tão formidáveis problemas, não os decifrou Platão, nem Aristóteles, nem outros de igual tamanho.., muito menos eu, ou tu, ambicioso leitor.

DA SAUDOSA DISTÂNCIA

Antes, muito antes que o rádio houvesse conspurcado os espaços, escrevi em Alegrete um poema de que apenas recordo estes versos:

"entre a minha casa e a tua
há uma ponte de estrelas."
Era uma ponte de silêncio... Quando muito, uma nova Ponte dos Suspiros. Agora Maria acaba de me telefonar do Rio. Não era a voz dela. Havia algo de mecânico, de metálico, de inumano naquela voz, como se fora a voz de uma maria-robô. Faltava-lhe esse calor humano que só a presença animal de uma pessoa nos pode transmitir... e que faz com que qualquer mentira tenha tanta verdade!

CRÔNICA

Ah, essas pequenas coisas, tão quotidianas, tão prosaicas as vezes, de que se compôe meticulosamente a tessitura de um poema... talvez a poesia não passe de um gênero de crônica, apenas: uma espécie de crônica da eternidade.

MEMÓRIAS DA CIDADE MORTA

Era um poste chamado Espia Só, apelido esse que lhe deram os outros postes. Porque era o último poste do fim da linha e era ele quem espiava a primeira e a última estrela, O primeiro leiteiro e o último bêbado. E via coisas que os outros, enfileirados na rede de iluminação, apenas imaginavam nas suas longas noites de ardente insônia.
Só ele ouvia bem a serenata dos banhados.
Um dia um joão-de-barro fez-lhe a casa em cima. Uma casa pobre, limpinha, funcional. Cheia de ordem e amor. Impossível essas duas coisas juntas, pelo menos no mundo dos homens - assim pensou um joão-ninguém.
E continuou pensando assim, aé que um dia amanheceu enforcado no poste... Espia só!

FINAL DE CONFERÊNCIA

O Doutor Dogmático ajeitou os nasóculos. E decretou: "Meus senhores e minhas senhoras, ilustrados agentes da Censura e demais entidades aqui representadas, como acabei de vos provar, a fantasia está morta."

E fez um gesto definitivo.
Porém com tamanha infelicidade o fez que, da ponta de cada dedo espetado no silêncio do ar poluído, brotaram-lhe inesperadamente flores súbitas. E nenhuma parecia deste mundo.
(Faltam pormenores.)

ÔNIBUS

Senhoras gordas e funcionários magros.

BONDES

Acabaram-se os bondes amarelos... A frase me saiu em decassílabo, viste? E o metro clássico já faz adivinhar um soneto. Ficou neste verso único.
E deixo o bonde depositado em meu ferro velho sentimental. Aqui.
Parado. Sonhando.
Quem sabe se um dia...

Os INTERMEDIÁRIOS

Não me ajeito com os padres, os críticos e os canudinhos de refresco...
Não há nada que substitua o sabor da comunicação direta.

MESURA & DESMESURA

Shakespeare. Nunca lhe passou pela cabeça o receio do ridículo. Em contrapartida, Racine, com a sua infalível mésure, é que nos parece às vezes afetado. O que jamais acontece com Shakespeare. apesar de todos os pesares.
Como os grandes homens da lHistória estão acima do bem e do mal, os grandes poetas estão acima do bom e do mau gosto.

O POEMA

O poema
essa estranha máscara
mais verdadeira do que a própria face...

CAUSA MORTIS

Os poetas morrem de parto.

PERNA-DE-PAU

Uma perna-de-pau está muito mais próxima da natureza do que uma
perna mecânica. E é mais romântica, afinal. Que querem? Pertenço ainda
à Idade da Madeira. E escrevo isto Com a minha caneta de plástico, a esta
minha mesa de metal inoxidável e ante a página aberta destas "Histórias
ilustradas" de onde me espiam coloridamente, no tombadilho de uma
fragata, a princesa prisioneira, o pirata da perna-de-pau e do olho tapado
e o belo espécime de um licorne branco, mas que parece alheio a tudo
quanto se passa dentro do livro e no lado de fora do livro.

BOAS MANEIRAS

Os anjos não dão de ombros, não; quando querem mostrar indiferença,
os anjos dão de asas.

O CISNE AFOGADO

Aquele cisne que havia em cima de todos os pianos quando havia um
piano em todas as casas burguesas, onde, nos serões da Belle Épo que,
sempre um menino e uma menina atrozmente tocávamos uma valsa a quatro
mãos - aquele cisne, aquela valsa e aquele par tocante, um dia eu lhes fiz
o necrologio num poema que terminava assim:
"E, com as palmas das visitas,
Nem se ouvia o rumor das águas infinitas,
Que vinham subindo, subindo..."!
Como tantos de nós, sou um sobrenadante daqueles tempos, muito
embora não seja Belle Ëpo que - nem tampouco pop. O fato é que passei
dos cafés de mesa para os cafés de poleiro, fomos criados num aviário e
soltos num potreiro. Para quando o equilíbrio, a calma, o terreno sólido?
Mas já se vai meio século que estamos em pleno maremoto.
E, até que as águas resserenem, continuaremos a bracejar neste
entre-
choque de extremos - nós, os desequilibrados filhos do Dr. Freud com a
Rainha Vitória.

ASSUNTO PARA UMA TESE

Da influência do estilo Cantintlas em nossa critica doutrinária.

APONTAMENTO PARA UM POEMA

As aguas riem como raparigas
à sombra verde-azul das samambaias.

CÉUS

Cada um deveria ter um céu à parte, um céu que ele próprio escolhesse...
Mais ou menos do seu agrado.
Fico a imaginar, por exemplo, que, para o Telmo Vergara, deveria haver
um céu com cadeiras na calçada, com longas charlas espaçadas
quarentonas sossegadas...
De repente, riscaria o céu do Céu um anjinho cadente. Isso não
mudaria o rumo à conversa. Anjinho não se pisa nunca.
Mas.., o Paulo Corrêa Lopes... em que céu estaria ele agora, que não
manda dizer nada?
Decerto, Paulo, não havera aí onde estás cem mil portas batendo,
batendo, batendo, como num dos teus poemas de angustia aqui da Terra...
Tu nunca foste muito aqui da Terra, Paulo: erravas os caminhos.., mas
eras bom e amigo... Quem me dera acreditar que estejas agora no que
deveria ser o verdadeiro céu, o Céu d'Aquele que disse: Eu sou o Caminho
e a Vida.
Não me telefones, Paulo: eu sou tão terra-a-terra... Para mim o
verdadeiro céu seria encontrar eternamente Maria pela primeira vez. Maria, o
Céu? Não! Maria, a Terra Prometida...
Ah! vida.., tão comprida... Falemos de outras vidas... Não de mim.
O Erico? Oh, sim. O Erico, feliz, faria turismo no Céu, sem saber que
estava no Céu.
E, um dia, nas suas andanças, haveria de pegar em flagrante o Egídio
Squeff sentado à sua mesinha predileta, imaginando, com aquele SeU sorriso
exilado de sempre, como haveria de ser o céu...

A JANELA

Sento me a mesa. Quem sabe? Quem se senta, se tenta... 60, 70, escrevo,
arredondando caprichosamente os zeros. E o burro do papel me fica
incompreensivelmente olhando, na espera inútil dos 80. O papel está hoje
com uma abominável falta de imaginação. Continua, apenas, olhando-

me: vazio, mais quadrado do que nunca. Porque o papel é uma janela que,
em vez de a gente espiar por ela, ela é que espia para a gente...

ESPÍRITO & LETRA

Falam em decadência da arte de escrever. Mas isso que por aí se vê,
essa imprecisão, essa desconexão, é tudo um simples gráfico do espírito
do autor. Não me venham, porém, dizer que ele não tem estilo. Tem-no, e
muito seu. O estilo continua sendo o homem. Crise de estilo não existe. O
que existe é crise de pensamento.

LEGÍTIMA APROPRIAÇÃO

Copio e assino esta frase encontrada no velho Schopenhauer: "A soma de barulho que uma pessoa pode suportar está na razão inversa da sua capacidade mental."

COMODIDADE

Os lugares-comuns são cômodos como sapatos velhos. Facilitam a vida, estreitam relações, evitam desconfianças e desentendimentos. E depois, se não fossem os lugares-comuns, o que seria dos oradores de banquetes, dos oradores de palanques comemorativos?

DESDE MUITO

Desde muito que eu desejava escrever um soneto de mãos no bolso.
O soneto é que iria de mãos no bolso, por aí... Sim, seria um soneto vagabundo (não me digam que em ambos os sentidos) e que ao partir não imaginasse aonde iria chegar, como tão bem o sabem os sonetos clássicos, os quais se encaminham silogisticamente das premissas para a conclusão. Que nem esses menininhos de óculos que vão direitinho pra escola, sem olhar para os lados.
Mas por que logo um soneto e não um outro poema? Por isso mesmo. Um poema qualquer não tem prazo determinado e às vezes o poeta não atina como há de fazê-lo parar. Como? Quando? Onde? Um soneto, porém, tem sempre um fim: é obrigado a se deter, por força, no décimo quarto verso - esse derradeiro verso que os parnasianos fechavam, luzentemente, com uma pesada chave de ouro.

Até desconfio que deve provir daí a palavra "chavão".
O meu soneto, no entanto, não levaria chave de espécie nenhuma.
Apenas se acomodaria, ao fim, como quem se houvesse enrodilhado, à noite, contra um portal.
E, nesse portal, haveria uma rótula. E por essa rótula as musas descalças e de cabelos soltos viriam espiá-lo. E suspirariam.
E o suspirado, enquanto isto, a dormir descuidoso, pois um verdadeiro soneto se basta a si mesmo.
Nada mais do que isso pretendiam os sonetos andejos que asilei um dia na Rua dos cataventos.
E como, da sua parte, o autor pretendia que fossem todos eles uns vagabundos de prol, eis que, nas sucessivas edições, dois deles que não me contentavam (o primeiro por demasiado sentimental, o segundo por demasiado mórbido) foram substituídos por outros da mesma época e que eu não sabia por onde andavam quando fiz a recolha para a sua estréia em público.
No mais, tudo como dantes.
Exceto que, para a segunda edição, troquei, no penúltimo verso do ultimo soneto, a palavra "chorando" pela palavra "cantando". Ficou muito mais triste.
E agora, se um ou outro saiu com armadura clássica, espero que isso não lhe tenha prejudicado a naturalidade do andar.

O que acabo de escrever não é uma explicação: é apenas um esclarecimento para o Amador de Poemas. Porque um poeta que se explica parece que está desculpando-se... Vocês não acham?

DUPLA DELÍCIA

O livro traz a vantagem de a gente poder estar só e ao mesmo tempo acompanhado.

No TEMPO DA ERA

O espanto e mal-estar que nos causavam, nas primeiras aulas de História, aqueles que nasceram e morreram antes da nossa Era... Pareciam ter vivido de tras para diante, isto é, de diante para trás - eu não disse que a coisa atrapalhava mesmo? Por exemplo: Heráclito (432 a.C. - 380 a.C.), a quem admiro e abomino, porque tudo o que penso ele ja havia pensado

vinte e três séculos antes. Exemplo mal colhido, aliás: em nossos livros de História é claro que nem constava o nome dele.
Mas esses grandes homens regressivos não eram o pior daqueles espantosos tempos e sim os que nasciam estranhamente acavalados: Tibério, por exemplo, que viu o mundo em 32 a.C. e deixou de vê-lo em 42 dc. - o que não o impedia, em nada, de ter vivido 74 anos.
Daí o pavor que tinham as crianças à História Antiga, a qual, no entanto, em face da História Contemporânea, era puro Jardim de Infância.
Apesar dos historiadores dramatizantes, o que os antigos cometiam não passava, em última análise, de crimezinhos particulares, ficando às vezes tudo em família. Mas hoje... quantas razões, quanta dialética, quanta filosofança, quanta teoria para matar a frio!
Fica-se até perguntando se pertencemos acaso a Era Cristã...

CARTA

Meu caro poeta,
Por um lado foi bom que me tivesses pedido resposta urgente, senão eu jamais escreveria sobre o assunto desta, pois não possuo o dom discursivo e expositivo, vindo daí a dificuldade que sempre tive de escrever em prosa. A prosa não tem margens, nunca se sabe quando, como e onde parar. O poema, não; descreve uma parábola traçada pelo próprio impulso (ritmo); é que nem um grito. Todo poema é, para mim, uma interjeição ampliada; algo de instintivo, carregado de emoção. Com isso não quero dizer que o poema seja uma descarga emotiva, como o faziam os românticos. Deve, sim, trazer uma carga emocional, uma espécie de radioatividade, cuja duração só o tempo o dirá. Por isso há versos de Camões que nos abalam tanto até hoje e há versos de hoje que os pósteros lerão com aquela cara com que lemos os de Filinto Elisio. Aliás, a posteridade é muito comprida: me dá sono. Escrever com o olho na posteridade é tão absurdo como escreveres para os suditos de Ramsés II, ou para o próprio Ramsés,

se fores palaciano. Quanto a escrever para os contemporâneos, está muito
bem, mas como é que vais saber quem são os teus contemporâneos? A
única contemporaneidade que existe é a da contingência política e social,
porque estamos mergulhados nela, mas isto compete melhor aos
discursivos e expositivos, aos oradores e catedráticos. Que sobra então para a
poesia? perguntarás. E eu te respondo que sobras tu. Achas pouco? Não
me refiro à tua pessoa, refiro-me ao teu eu, que transcende os teus limites

pessoais, mergulhando no humano, O Profeta diz a todos: "eu vos trago a
Verdade", enquanto o poeta, mais humildemente, limita-se a dizer a cada
um: "eu te trago a minha verdade." E o poeta, quanto mais individual,
mais universal, pois cada homem, qualquer que seja o condicionamento
do meio e da época, só vem a compreender e amar o que é essencialmente
humano. Embora, eu que o diga, seja tão difícil ser assim autêntico. Às
vezes assalta-me o terror de que todos os meus poemas sejam apócrifos!
Meu poeta, se estas linhas estão te aborrecendo é porque és poeta
mesmo. Modéstia à parte, as digressões sobre poesia sempre me causaram
tédio e perplexidade. A culpa é tua, que me pediste conselho e me colocas na
insustentável situação em que me vejo quando essas meninas dos colégios
vêm (por inocência ou maldade dos professores) fazer pesquisas com
perguntas assim: "O que é poesia? Por que se tornou poeta? Como escreve os
seus poemas?". A poesia é dessas coisas que a gente faz mas não diz.
A poesia é um fato consumado, não se discute; perguntas-me, no
entanto, que orientação de trabalho seguir e que poetas deves ler. Eu tinha
vontade de ser um grande poeta para te dizer como é que eles fazem. Só te
posso dizer o que eu faço. Não sei como vem um poema. As vezes uma
palavra, uma frase ouvida, uma repentina imagem que me ocorre em
qualquer parte, nas ocasiões mais insólitas. A esta imagem respondem outras.
Por vezes uma rima até ajuda, com o inesperado da sua associação. (Em
vez de associações de idéias, associações de imagens; creio ter sido esta a
verdadeira conquista da poesia moderna.) Não lhes oponho trancas nem
barreiras. Vai tudo para o papel. Guardo o papel, até que um dia o releio,
já esquecido de tudo (a falta de memória é uma bênção nestes casos). Vem
logo o trabalho de corte, pois noto logo o que estava demais ou o que era
falso. Coisas que pareciam tão bonitinhas, mas que eram puro enfeite,
coisas que eram puro desenvolvimento lógico (um poema não é um
teorema), tudo isso eu deito abaixo, até ficar o essencial, isto é, o poema. Um
poema tanto mais belo é quanto mais parecido for com um cavalo. Por
não ter nada de mais nem nada de menos é que o cavalo é o mais belo ser
da Criação.
Como ves, para isso é preciso uma luta constante. A minha está
durando a vida inteira. O desfecho é sempre incerto. Sinto-me capaz de fazer um
poema tão bom ou tão ruinzinho como aos 17 anos. Há na Bíblia uma
passagem que não sei que sentido lhe darão os teólogos; é quando Jacó entra
em luta com um anjo e lhe diz: "Eu não te largarei até que me abençoes!"
Pois bem, haverá coisa melhor para indicar a luta do poeta com o poema?
Não me perguntes, porém, a técnica dessa luta sagrada ou sacrílega. Cada

poeta tem de descobrir, lutando, os seus próprios recursos. Só te digo que deves desconfiar dos truques da moda, que, quando muito, podem enganar o público e trazer-te uma efêmera popularidade.
Em todo caso, bem sabes que existe a métrica. Eu tive a vantagem de nascer numa época em que só se podia poetar dentro dos moldes clássicos. Era preciso buscar as palavras naqueles moldes, obedecer àquelas rimas. Uma bela ginástica, meu poeta, que muitos de hoje acham ingenuamente desnecessária. Mas, da mesma forma que a gente primeiro aprendia nos cadernos de caligrafia para depois, com o tempo, adquirir uma letra própria, espelho grafológico da sua individualidade, eu na verdade te digo que só tem capacidade e moral para criar um ritmo livre quem for capaz de escrever um soneto classico. Verás com o tempo que cada poema, aliás, impõe a sua forma; uns, as canções, ja vêm dançando, com as rimas de mãos dadas, outros, os dionisíacos (ou histriônicos, como queiras) até parecem aqualoucos. E um conselho, afinal: não cortes demais (um poema não é um esquema); eu próprio, que tanto te recomendei a contenção, às vezes me distendo, me largo num poema que lá vai seguindo com os seus detritos, como um rio de enchente, e que me faz bem, porque o espreguiçamento é também uma ginástica. Desculpa se tudo isso é uma coisa óbvia; mas para muitos, que tu conheces, ainda não é; mostra-lhes, pois, estas linhas.
Agora, que poetas deves ler? Simplesmente os poetas de que gostares e eles assim te ajudarão a compreender-te, em vez de tua eles. São os únicos que te convêm, pois cada um só gosta de quem se parece consigo. Já escrevi, e repito: o que chamam de influência poética é apenas confluência. Já li poetas de renome universal e, mais grave ainda, de renome nacional, e que no entanto me deixaram indiferente. De quem a culpa? De ninguém.
É que não eram da minha família.
Enfim, meu poeta, trabalhe, trabalhe em seus versos e em você mesmo e aparece-me daqui a vinte anos. Combinado?

DA ARTE PURA

Dizem eles, os pintores, que o assunto não passa de uma falta de assunto: tudo é apenas um jogo de cores e volumes. Mas eu, humanamente, continuo desconfiando que deve haver alguma diferença entre uma mulher nua e uma abóbora.

HAMLETIANA

Ser ou estar... eis a questão!

ASSUNTO PARA UM CONTO

Um santo homem que, na sua humildade, se fez pecador, porque achava que não merecia o Céu.

DIÁLOGO NO CÉU

- Mas aquelas mocinhas lá embaixo, naquela sala grande, não estão rezando?
- Não, meu santo, estão mastigando chiclete.

CONVERSA DE CEMITÉRIO

- Como vai você aí, vizinho?
- Oh! em excelente estado de putrefação.

PEARL HARBOUR

Ainda me lembro do susto que levei ("É o fim! Estamos perdidos, Maurício...") quando os japoneses atacaram Pearl Harbour. Só no dia seguinte vim a saber, por um mapa publicado na imprensa, que Pearl Harbour não ficava no Atlântico, e sim no Pacifico... Uff! Têm aí os Srs. professores um exemplo quase letal dos inconvenientes da incultura. Mas no meu caso, o grande consolo é que toda essa ignorância geográfica devia provir, pelo contrário, da minha vasta cultura francesa.

MUDANÇA

O mais dificil na morte é acomodar-se a gente aos novos hábitos.

ELES E AS MARAVILHAS

Eles consideram a Torre Eiffel, a Estátua da Liberdade e o Cristo do Corcovado entre as Sete Maravilhas do Mundo Moderno - sem a mínima desconfiança de que poderia ser o contrário.

DAS VIAGENS

Conhecer o mundo não adianta nada: as viagens apenas complicam a ignorância.

Do SONHO

Sonhar é acordar-se para dentro.

Do CADERNO DE UM PERIPATÉTICO

Se eu fosse acreditar mesmo em tudo o que penso, ficaria louco.

O melhor é pensar apenas imagens: uma sala sem ninguém, por
exemplo, com gaiolas de passarinhos vazias...

Melhor sair para a rua... Ou entrar para a rua? Mas se a rua não fosse
uma espécie sui generis de lar, por que se diz então "a porta da rua" e não
"a porta da casa"?

Andando, ouve-se uma frase aqui, outra ali adiante. A questão é ter
paciência, uma paciência meio atenta e meio distraída, como se fosse numa
pescaria. E como a rua que vou descendo se chama casualmente Rua da Praia,
aqui te dou de presente este lambari que acabo de fisgar de passagem:
- Mamãe, motociclo corre mais do que bicicleta?
Não ouvi resposta nenhuma da bela dama que levava o menininho
pela mão: as mães nem sempre adivinham tudo.

Adoro esses manequins de todas as cores. Aliás, são um plágio: muito
antes de os fabricarem, eu já havia sonhado a maravilha de ver mulheres

verdes, cor de laranja, azuis (como deveriam ser chatas as de tonalidade
azul-celeste!), mulheres cor de vinho, de uva, de estrela... Toda essa
variedade, meu pobre leitor, havia de acabar com a monotonia de teres de
escolher apenas entre uma mulher branca, uma amarela e a Rainha de Sabá.

E a bugra? Já estou ouvindo as reclamações do escrivão Pero Vaz e do
José de Alencar. Paciência! A bugrinha vai aqui em separado porque não
cabia no ritmo da frase anterior.

O ritmo é mais persuasivo do que qualquer idéia. Se assim não fosse,
para que serviriam os poetas?

MADRIGAL

As velhinhas bonitas são passas de uva.

O DISFARCE

Cansado da sua beleza angélica, o Anjo vivia ensaiando varetas diante do espelho. Até que conseguiu a obra-prima do horror. Veio, assim, dar uma volta pela Terra. E Lili, a primeira meninazinha que o avistou, põe-se a gritar da porta para dentro de casa: "Mamãe! Mamãe! Vem ver como o Frankenstein está bonito hoje!"

DAS BOAS MANEIRAS

Ah, nunca vi ninguém esconder-se tanto como os bichinhos-de-conta, quando os roubávamos, de baixo dos vasos, à terra cheirosa e úmida: eles enrolavam-se e rolavam, nas palmas de nossas mãos - limpinhos, isentos, ilesos -, até que a gente os depusesse, novamente, no chão, com um meticuloso carinho.

A BOMBA

A bomba abriu um belo buraco no teto, por onde o céu azul sorri para os sobreviventes.

MANHÃ DE ABRIL

Toda cheia de bandeirolas e lanternas chinesas, dona Briolanja atravessa o grupo amorfo dos transtornes; parado na esquina, eu lhe ofereço a metade de uma laranja.

BEBIDA

Quem bebe por desgosto é um cretino: só se deve beber por gosto.

MISTÉRIO

Por que será que "com certeza" tem o sentido de "talvez"? E por que chamam de duvidosas as mulheres de que todo mundo tem certeza?

LÍNGUA E EXPRESSÃO

Da vez primeira que encontrei Berta Singerman, notei que ela costumava pedir desculpa em francês. Bem sabia eu que não podia ser esnobismo da sua parte, que ela não é dessas, não. A explicação, mesmo, do pardon de Berta, é que o francês é a língua ideal para pedir desculpas e coisas afins, da mesma forma que o italiano é o ideal para a descompostura.
Meu Deus, como nos desrecalcamos nos filmes italianos ao ouvir a Sophia ou La Magnani soltarem, com sua larga boca, as sonoras sílabas dos destampatórios!
Por outro lado, confessou-me um conterraneo meu que perdera a fé ao ouvir o Sermão da Montanha em espanhol... Apresso-me a explicar que

o trágico acidente religioso de meu amigo provém simplesmente de que, em nossa infância, lá para as bandas da Fronteira, os mascates eram todos castelhanos e em castelhano nos procuravam impingir suas mercadorias, com toda a sua lábia e farofa. E vai daí o belo idioma de Cervantes e S. Juan de la Cruz ter ficado para nós, fronteiristas, injustamente passível de suspeita...

Acho até que o espanhol é melhor que o português na poesia lírica, especialmente na poesia popular, comum a ambas as línguas: basta folhearmos ao acaso Lope de Vega e Gavcía Lorca, distantes quatro séculos um do outro, mas contemporaneos na relativa eternidade poética.

Ora, quem diz poesia lírica diz epistolário romântico. Tanto assim que houve tempo em que eu escrevia cartas quase diárias em espanhol para a irmã de Gabriela. Verdade que se tratava de uma espécie de máscara: eu dizia-lhe em espanhol tudo aquilo que não me arriscava a dizer-lhe em português. E até hoje, quarenta anos depois, tenho uma bruta vergonha dessa pobre moça, por causa de um erro de espanhol. Queria eu parafrasear Teresa de Jesus, baixando do plano do amor divino para o humano um seu famoso verso.

No tienes que me dar por que te quiera - dissera a Santa. Muy tienes que me dar por que te quiera - disse eu. Ora, o que ali cabia era mucho (e não muy). mas não cabia na métrica...

Aliás, é a única mágoa que me resta daquela história. Sim, podem dizer o que quiserem do Tempo, menos que não seja como uma brisa que resserena tudo, antes de vir a noite.

COMODIDADE

A falta de imaginação, a mesmice, é uma coisa tão cômoda, afinal... Como faz bem certificarmo-nos mais uma vez de que o cachorrinho de cada velhota sempre se chama Joli e que em toda cidadezinha desconhecida em que desembarcamos há sempre um Grande Hotel.

INCOMODI DADE

Nunca me senti bem nas salas de estar. Salas de estar... Mas de estar o quê?

HERÓIS

As biografias dos grandes homens são feitas de absurdos, estão cheias de acontecimentos incômodos, que atravancam tudo. A vida deles lhes acontece de fora para dentro. Muito mais interior, mais natural, mais humana é a tua vidoca, anônimo leitor, que és o herói sem história do quotidiano. Se pudesses, se soubesses contar-me a tua vida, eu tiraria dela muito mais proveito do que da vida de Napoleão.

A ESPERANÇA

Não, o provérbio não está bem certo. O raio é que enquanto há espe-

rança, há vida. Jamais foi encontrado no bolso de um suicida um bilhete de loteria que estivesse para correr no dia seguinte...

Dos CHATOS

O maior chato é o chato perguntativo. Preliro o chato discursivo ou narrativo, que se pode ouvir pensando noutra coisa... Me lembro que fiz um soneto inteiro - bem certinho, bem clássico e tudo - durante o assalto ao Quartel do Sétimo, isto é, quando um veterano de 30 me contava mais uma vez a sua participação nas glórias e perigos daquela investida.
As velhotas que nos contam seus achaques também são de grande inspiração poética.
Mas que fazer contra a amabilidade agressiva do chato solícito? Aquele que insiste em pagar nossa passagem, nosso cafezinho, ou quer levar-nos à força para um drinque, ou faz questão fechada de nos emprestar um livro que não temos a mínima vontade de abrir...
Ah! ia-me esquecendo dos proselitistas de todas as religiões. Os proselitistas amadores, que são os piores. Quanto aos sacerdotes que conheço, registre-se em seu louvor que eles sempre me falam de outras coisas. Ou me julgam um caso perdido ou um caso garantido... Bem, qualquer que seja o caso, deixam-me em paz.
O que pode acontecer de mais chato no mundo é o chato que se chateia a si mesmo, o auto chato.
Para essa extrema contingência, descobri em tempo que a última solução não é o suicídio. É escrever, desabafar para cima do leitor, o qual, se me leu até aqui, a culpa é toda dele.
Há gente para tudo...

CARTAZES

Os ônibus anunciam dentifrícios, depilatórios, tônicos, etc.
As lojas anunciam liquidações.
Os muros anunciam candidatos.
Os letreiros luminosos anunciam refrigerantes, pneus, o diabo...
E quando, enfim, numa última tentativa de fuga, a gente ergue os olhos para o céu sereno, os Céus anunciam a Glória do Senhor.

CRIANÇAS?

A vantagem das japonesas é que, quando se tornam mães, continuam
a brincar com bonecas.

O VENTO

O vento é um inveterado ledor de tabuletas. E, com toda aquela sua
pressa, é exatamente o contrário do leitor apressado: não salta uma só que seja,
não perde nenhuma delas, lê e passa - que o seu destino é passar -, mas
guarda uma lembrança vertiginosa de todas, principalmente das verdes,
das vermelhas, das de azul mais forte, sem esquecer, é Van Gogh, as
tabuletas amarelas...
Sabes? Passa no vento a alma dos pintores mortos, procurando captar,
levar (para onde?) as cores deste mundo.
Que este mundo pode ser que não preste, mas é tão bom de ver!

COISAS

Uma rãzinha verde no gris da manhã...
Um sorriso na face de um ceguinho...
Uma nota aguda como uma pergunta de criança...
Um cheiro agradecido de terra molhada...
Um olhar que nos enche subitamente de azul...

No PRINCÍPIO

No princípio, era a Poesia. No cérebro do homem só havia imagens...
Depois, vieram os pensamentos... E, por fim, a Filosofia, que é, em última
análise, a triste arte de ficar do lado de fora das coisas.

A DUPLA INTERROGAÇÃO

Meu Deus, por que será que nos sentimos tão culposos diante desse olhar
interrogativo que nos lançam, às vezes, os cães? Mas culposos de quê?

CONVERSA DE HOJE

Não te lembras dos bons velhos tempos em que a gente lia os cardá-

pios da esquerda para a direita? Agora, somos todos árabes, uns
verdadeiros árabes, minha filha!

CIRCO

A verdade é que os bichos, quando imitam pessoas, perdem toda a

dignidade.

FATALIDADE

O mais triste, naqueles filmes de antigamente, era que o mocinho escapava de tudo, menos do happy end...

A TRISTE BELEZA

Esse verso de pé-quebrado que atravessa a página de um lado a outro, como um pobre cachorro estropiado...

VIVÊNCIA

O bom das filas é nos convencerem de que afinal esta pobre vida não é tão curta como dizem.

VIDINHA

O mais triste de um passarinho engaiolado é que ele se sente bem...

AINDA E SEMPRE

O maior desmemoriado que existe é o crente. Ele jamais se cansa de ouvir a mesma história. E sempre esquece os mesmos mandamentos.

DA SIMPLICIDADE

O verdadeiro epicurista embriaga-se com um copo d'água. O verdadeiro poeta faz poesia com as coisas mais simples e corriqueiras deste e dos outros mundos.

A ARTE DE LER

O leitor que mais admiro é aquele que não chegou até a presente linha. Neste momento já interrompeu a leitura e está continuando a viagem por conta própria.

GEOGRAFIA

O mais sugestivo é que esses países afro-asiáticos sempre nos parecem afrodisíacos.

ÚLTIMA FLOR DO LÁcIO

Ah! os versos das línguas pouco lidas COmo a nossa - pouco lidas por nós mesmos e desconhecidas pelo resto do mundo... Sua incomunicabilidade os torna de uma beleza única e irreparável. Quando descubro um belo verso nosso, sempre me dá vontade de chorar, porque é escrito em português.

PONTE DO RIACHO

Era uma vez um pintor aqui de Porto Alegre. Costumava pintar eternamente a Ponte do Riacho. Ora, um dia, após cinco minutos de ausência, entrou de novo no atelier para dar uns retoques na sua última tela, que era, ainda e sempre, a Ponte do Riacho. Olhou-a e foi recuando, recuando, para verificar os efeitos, como costumam fazer os artistas. Foi recuando, recuando, dizia eu, até que sentou inadvertidamente na cadeira onde deixara pousada a sua paleta de tintas. Quando se ergueu, trazia impresso, no traseiro, o seu mais belo quadro da Ponte do Riacho... Moral da história: "Quem persevera, sempre alcança!"

BOTÂNICA

Os girassóis parecem flores de retórica.

EXAME DE INCONSCIÊNCIA

Há noites em que não posso dormir de remorsos por tudo o que deixei de cometer...

ESTIVAL

Fazia tanto calor que as sombras se ocultavam debaixo da barriga dos cavalos e da copa das árvores.

HERMETISMOS

Leitor ideal, mesmo, é o que, quanto menos entende, mais admira. Se não fora essa claque providencial, o que seria dos autores herméticos? Não seria... Não porque sejam uns farsantes, uns e outros. Eles são assim. Já nasceram assim. Uns para os outros.

FRASE PARA ÁLBUM

Há gente que tem raiva dos clássicos, por terem sido obrigados a conhecê-los. Eu tenho pena deles, porque não nos conhecem.

OUTRA FRASE PARA ÁLBUM

Eva era mulher para principiantes?

VERSO AVULSO

Eu não sou eu, sou o momento: passo.

ESTATÍSTICA
De cada dois gambás que a gente encontra, um é porque não tem mulher e o outro porque tem.

SURPRESA

O mais desconcertante da morte é quando a gente descobre que alma não tem sexo.

EXCLUSIVIDADE

O azul-celeste só fica bem no céu, e o cor-de-rosa na rosa.

EXPRESSÕES

A expressão mais idiota que existe é "adeusinho".

DIPLOMACIA

Ter a idade da pessoa com quem se fala.

HERÓI

Camarada impulsivo que morre cedo.

PROLETÁRIO

Sujeito explorado financeiramente pelos patrões e literariamente pelos poetas engajados.

COISAS & PESSOAS

Desde pequeno, tive tendência para personificar as coisas. Tia Tola, que achava que mormaço fazia mal, sempre gritava: "Vem pra dentro, menino,

olha o mormaço!" Mas eu ouvia o mormaço com M maiúsculo. Mormaço,
para mim, era um velho que pegava crianças! Ia pra dentro logo. E ainda
hoje, quando leio que alguém se viu perseguido pelo clamor público, vejo
com estes olhos o Sr. Clamor Público, magro, arquejante, de preto,
brandindo um guarda-chuva, com um gogó protuberante que se abaixa e levanta no
excitamento da perseguição. E já estava devidamente grandezinho, pois
devia contar uns trinta anos, quando me fui, com um grupo de colegas, a ver o
lançamento da pedra fundamental da ponte Uruguaiana-Libres, ocasião de
grandes solenidades, com os presidentes Justo e Getúlio, e gente muita,
tanto assim que fomos alojados os do meu grupo num casarão que creio fosse
a Prefeitura, com os demais jornalistas do Brasil e Argentina. Era como um
alojamento de quartel, com breve espaço entre as camas e todas as portas e
janelas abertas, tudo com os alegres incômodos e duvidosos encantos de uma
coletividade democrática. Pois lá pelas tantas da noite, como eu pressentisse,
em meu entredormir, um vulto junto à minha cama, sentei-me
estremunhado e olhei atônito para um tipo de chiru, ali parado, de bigodes
caídos,
pala pendente e chapéu descido sobre os olhos. Diante da minha muda
interrogação, ele resolveu explicar-se, com a devida calma:

- Pois é! Não vê que eu SOU o sereno...

E eis que, por um milésimo de segundo, ou talvez mais, julguei que se
tratasse do silêncio noturno em pessoa. Coisas do sono? Além disso, o vulto,
aquele penumbroso e todo em linhas descendentes, ajudava a ilusão. Mas
por que desculpar-me? Quase imediatamente compreendi que o sereno
era um vigia noturno, uma espécie de anjo da guarda crioulo e municipal.
Por que desculpar-me, se os poetas criaram os deuses e semideuses
para personificar as coisas, visíveis e invisíveis... E o sereno da Fronteira
deve andar mesmo de chapéu desabado, bigode, pala e de pé no chão...
sim, ele estava mesmo de pés descalços, decerto para não nos perturbar o
sono mais ou menos inocente.

MEMÓRIA

O mais triste que existe na memória são essas marchinhas dos
carnavais distantes...

O VISITANTE NOTURNO

Pousou agora mesmo -
precisamente sobre a velha caneta que eu havia erguido um
momento à cata de um adjetivo - um insetozinho verde que tem a forma
exata de um escudo.
Veio da noite, atraído pela luz da minha janela. Sua gentil visita me
compensa não sei de quê.
Fico a examiná-lo em silêncio: nada posso nem sei dizer-lhe.
E assim nos quedamos por um breve instante, frementes,
incomunicáveis e juntos... Dois universos dentro do mesmo mundo.

FRASE PARA ÁLBUM

Preocupar-se com a salvação da própria alma é indigno de um verdadeiro gentleman.

Os GÊMEOS

Os chinelos são um par de gêmeos obedientes, sempre juntinhos ao pé da cama, pacientemente à espera do papai, que às vezes custa tanto a chegar.

O GUARDA-CHUVA

Mas o mais infiel dos animais domésticos é o guarda-chuva.

CONTO AZUL

- Teus olhos são duas jóias! - disse o Conde Drácula para a meninazinha.
Eram mesmo duas jóias: de um azul-inocência, até parecia que o céu estava olhando neles para a gente... O Conde suspirou e despediu-se da linda menina com uma palmadinha amigável.
- Pois como seria possível - desculpava-se ele naquela mesma noite com o seu amigo Frankenstein -, como seria possível, com dois olhinhos só, fazer um par de abotoaduras?!

O MENINO JESUS E OUTROS MENINOS

De uma entrevista:
- Se a infância ajudou o poeta? Sim, o menino faz parte do adulto. Já a misteriosa sabedoria do povo, por exemplo, nunca achou nenhum absurdo na devoção simultânea a Jesus Cristo e ao Menino Jesus. Deve ser por isso mesmo que escrevi, num poema de 1945: "Jesus Cristo encontrou o Menino Jesus". E, 20 anos mais tarde, me aconteceu este verso: "Vem Jesus Cristo com o Menino Jesus ao colo". Impossível maior coexistência. E nesse extraordinário poema autobiográfico que é o "8 1/2" de Fellini, o menino e o adulto confundem-se. Porque, no fim de contas, a cronologia deve ser um truque do calendário para efeitos de computação histórica. Temos todas as nossas idades ao mesmo tempo.

O TEMPO

O tempo é um ponto de vista dos relógios.

TRÊS COISAS
Todas as antigas civilizações - por mais isoladas umas das outras, no tempo e no espaço - sempre começaram descobrindo três coisas: a poesia, a bebida e a religião.

357

O SOBREVIVENTE

- Meu Deus - disse uma vez o meu velho e querido amigo, ao ler os convites de enterro no jornal - eu não conheço mais nem os defuntos!

VAMOS AVOAR?

Andávamos por um caminhl ao longo de um capinzal, que o vento da manhã ondulava a perder de vista. íamos a favor do vento que nos levava para a frente, sempre e sempre para a frente. - Vamos avoar naquela água? - propôs Lili.
- Como?! Repete isso...
Não repetiu. Essas coisas não se repetem. A verdade é que fiquei atônito e agradecido. Era que, naquele tempo, Lili tinha cinco anos e, em matéria de cultura poética, apenas conhecia, ao que eu soubesse, certo hino que cantavam num Jardim da infância e onde apareciam, creio que em estribilho, as harmoniosas mas inesperadas sílabas do nome do Dr. Celeste Gubato.
Ora, apenas com essa mostra da poesia antiga e desconhecendo completamente a moderna, Lili acabava de demonstrar, com a insuspeita inocéncia de seu exemplo, o quanto a nova poética é por si natural.
Como uma pequenina Mademoiselle Jourdain de saia florida e franjinha esvoaçante, estava fazendo poesia sem querer. E poesia moderna, dessa que gente grande teimava em não aceitar, devido às limitações da lógica adulta.
Havia ali uma interpenetração de imagens - não sucessivas, não ligadas por "assim como" e sem menção prévia do objeto que as fizera brotar. Puro Mallamé, mas espontâneo, sem as suas custosas elaborações.
Um poeta Lógico (!) começaria assim:
"Ondula o verde canavial ao vento"
("capinzal" ele não diria, não, por mal-agradecidos escrúpulos cavalares.)
"Ondula o verde canavial ao vento,
Tal como, ao vento, ondula, verde, o mar."
E assim por diante. Tudo bem claro, ritmado, lógico.
Mas onde a magia daquele teu poeminho de um só verso, Lili?

358

VAMOS BAIXAR?

Os álbuns gostam do que as suas donas chamam de pensamentos. O
que, no seu doce entender, se caracteriza por um "pensamento bonito"
expresso por "palavras bonitas". Não digo que fosse uma beleza, mas que
era uma boniteza, era. Aqui vai um exemplo:
"A montanha tem a névoa, o lago tem o cisne, a alma tem o
amor."
E, antes que pufes de rir na minha cara, leitor, vou logo prevenindo
que este pensamento é de Victor Hugo. Que queres? Pensas que só nós,
os da planície, fazemos coisas dessas? Os himalaias também têm seus altos
e baixos.
Principalmente baixos... Para triste consolo nosso e puro êxtase dos
álbuns.

"CLARO ENIGMA"

Os poetas são os únicos que não podem falar contra os absurdos da
religião. Mesmo aqueles que se julgam materialistas devem estar
ingenuamente iludidos: a poesia é um sintoma do sobrenatural.

COSTURA

Modesta contribuição para o arquivo e estudo de nosso populário.
Pertence a esse grupo que poderíamos chamar "genesiaco", referente à criação
dos seres e do mundo. Colhi-a, quando menino, ao escutar a conversa
da peonada no galpão da estância. O peão que a contou era italiano, e, ao
contrário dos patrícios seus, que fazem chão na região serrana, fora dar
com os costados na Fronteira, onde se tornou gaúcho às deveras. Questão
a verificar se ele teria trazido da Itália a sua história. Em todo caso, o
material da mesma é legitimamente nosso. Aqui vai:
Quando Deus foi fazer a gente, pegou dois pares de lonca de couro e
em cada uma delas recortou, a facão, o lado de um corpo humano.
Entregou-as depois ao Diabo, juntamente com um tento, para que as costurasse
duas a duas.
Porem o Diabo, em vez de cortar o tento bem pelo meio, deixou Uma
parte mais comprida do que a outra.
De maneira que no fim, depois de tudo costurado, aconteceu que numa
das criaturas ficou sobrando tento... e foi assim que se fez o homem.

Quanto à outra criatura, a pobre, ficou com falta de tento... e
foi assim que se fez a mulher.
E é por causa disto que tudo que é homem tem que se juntar com
mulher: para terminar a costura mal-feita.

O TERRÍVEL INSTANTE

Antes de escrever, eu olho, assustado, para a página branca de Susto.

MODUS VIVENDI

Deus nos promete a vida eterna, mesmo porque, se não fôssemos nós,
o que seria dele? Um Deus dos hipopótamos, das aranhas, das lagartixas?

MISTÉRIOS DA LÍNGUA PORTUGUESA

O mais dificil, quando se escreve em prosa, é evitar as rimas e, quando se escreve em verso, achar uma rima.

Do BEM E DO MAL

No fundo, não há bons nem maus. Há apenas os que sentem prazer em fazer o bem e os que sentem prazer em fazer o mal. Tudo é volúpia...

PASSEIO PELA MATA

Ouço, num primitivo espanto, os gritos mais insólitos. Não sei o nome de nenhum desses pássaros, de nenhuma dessas árvores. Olho, agora, esta flor: apenas sei que é amarela. Meu pensamento, ou seja lá o que for, é simplesmente composto de adjetivos, como nos primeiros dias da Criação.

As ALMAS E AS COISAS

Nós seremos almas quando nos despojarmos de tudo, dizem...
Mas que seremos nós sem os nossos pertences, os nossos achaques,
todos os nossos inclusives?
Nós somos o que temos e o que sofremos.
E a coisa mais melancólica deste e do outro mundo é um cachorro sem - pulgas.

O GATO

Quando estávamos certa vez a uma das mesas da "Bela Gaúcha",
chegou, em busca do velho grupo de amigos, o nosso sempre bem vindo P.C.L. Chegou, acenou, sorriu meio torto, sentou: tudo como sempre. Só o que tinha de grave o último verbo é que ele sentou em cima do chapéu de um freguês vizinho, deixado sobre a cadeira vaga à nossa mesa. Paulo apressou-se a esclarecer-lhe:
- Desculpe, pensei que fosse um gato.
Claro que o dono do chapéu amarrotado até hoje não voltou á si do espanto.
Mas tenho para mim que Paulo apenas nos deu, sem querer, mais um exemplo vivo de poesia ou de arte poética, desprezando as explicações didaticas (para ele desnecessárias) e só conservando o essencial, o dramático.
Com efeito, explicar que um gato teria logo escapado do seu leito de emergência ante o simples movimento de uma criatura humana a querer

sentar-lhe no lombo.., isto seria longo e enfadonho.
Ora, se a poesia tem feito algum progresso foi esse de evitar as explanações lógicas, o estilo expositivo, características da prosa. Nada de frases e palavras de ligação. O "assim como", o "destarte" e Quejandos parecem que
repousam para sempre, precisamente, no Museu dos Quejandos.

PALPITE

De há muito venho desconfiando que a justaposição de imagens usada por Guillaume Apollinaire deveria provir, sendo ele polaco, de seu pouco traquejo da construção francesa e consequente dificuldade no emprego de certas partículas, locuções e demais parafusos e rebites que constituem a armação da prosa. Com o que acabou renovando e rejuvenescendo a linguagem da poesia...

FUTURÂMICA

E haverá uma época em que se fabricarão bombas atômicas especializadas, especializadissimas, meu caro senhor, e tão sutis que no princípio
nãü se notará coisa nenhuma... Até que um dia alguém descobrira que se acabaram, por exemplo, todos os tenores de banheiro, todas as imitadoras

de Berta Singerman, todos os poetas comemorativos, todas as oleografias do Marechal Deodoro proclamando a República!

A CHUVA

O bom da chuva é que parece que não tem fim...
Nenhuma das outras coisas me dá essa resignada, tranqüilizadora sensação de fatalidade.

CÍRCULOS CONCÊNTRICOS

Quem se aventura a fazer um poema é como se atirasse uma pedra n'água. Tudo depende da formação dos círculos concêntricos...
Salvo se o leitor for como o Lago Asfaltite, também chamado Mar Morto. Com este não há jeito nenhum.

CENA

Com o narizinho achatado contra a vidraça, a meninazinha olha a chuva que cai.
Olha agora o vagabundo que vai passando sob a chuva. É como se olhasse um estranho peixe num aquário.

E ele lhe sorri sem dente nenhum.
Que bonito! Os sorrisos mais sinceros são os sorrisos desdentados.

PALAVRA ESCRITA

Por vezes, quando estou escrevendo estes cadernos, tenho um medo idiota de que saiam póstumos. Mas haverá coisa escrita que não seja póstuma? Tudo que sai impresso é epitáfio...

BICHO & GENTE

Existe um mundo para cada espécie de bicho. Mas, para cada bicho da espécie humana, existe um mundo diferente.

VERBETE

Nós - o pronome do rebanho.

POESIA BRASILEIRA

Casimiro de Abreu chorava
tanto que não cabia em si de descontente.
Suas lágrimas
escorrem até agora pelas vidraças
pelas calçadas
pelas sarjetas
e só vão deter-se ante o coreto da praça publica,
onde,
sob os mais inconfessáveis disfarces,
Castro Alves ainda discursa!

CRIAÇÃO & INVENÇÃO

Só a Deus é possível criar as coisas: o Diabo as inventa.
A mais diabólica das suas invenções foi o rádio portátil.

PRETO & BRANCO

Já repararam? O mundo é colorido e a vida em preto-e-branco. E o branco e o preto não existem no arco-íris... Daí a impressão de falsidade que nos dá a vida em tecnicolor dessas pobres princesas, estrelas, playboys, etc.

Que Sir Laurence Olivier me perdoe, mas eu é que não lhe perdôo os Shakespeares de aquarela com que ele agua e embonitece as suas aliás admiráveis interpretações. Pobre Hamlet, a passeares o teu ser-ou-não-ser

num irisado palco de revista musical!
Mas o caso é que o homem vê tudo em preto e branco - abstratamente
- tal como lê o pensamento em preto-e-branco no papel.
E é assim que Greta Garbo, outra grande, outra minha, nunca fez,
graças a Deus ou a seu diretor, um filme colorido... Por isso a sua Dama das Camélias é de morte.
Mas as comédias? me perguntaras.

Em comédia, sim, o caso é outro. As flores vivas, principalmente o
vermelho, não sei por que, me fazem rir. Pelo menos a mim. Tenho até de fazer uma bruta
força para não estourar de riso quando topo com uma
dama excessivamente pintada. Que remédio! É uma coisa instantânea,
reflexa, como se diz... Talvez inconsciente recordação dos palhaços da minha infância.
Ah! os circos da minha infância, os meus palhaços.., a moça do
arame...
A moça do arame, meu Deus!
Mas isto já é outro assunto.

EXUMAÇÕES E CITAÇÕES

De uma antologia de poetas e filósofos chineses organizada por Lin
Yutang, transcrevo estas palavras de Cheng Panchiao, no prefácio de suas
obras escolhidas, depois de destruir o que considerava sem valor
permanente: "Estes são os poemas e escritos que desejo preservar. Se alguém lhes
fizer acréscimos, virei como fantasma e quebrar-lhe-ei a cabeça".

Impossível deixar de sorrir ao pensar como estaria agora a cabeça do Sr.
Magalhães Junior, se fosse o velho Machado o autor dessa ameaça. Mas
isso não é nada: as exumações machadianas de Magalhães Junior são
honestas, é claro. O pior é esta epigrafe que o velho Machado não apôs ao
seu Dom Casmurro e que se acha numa edição que anda por aí: "A
mulher é um doce e terno mistério que todo o mundo adora sem conhecer.
- S. Dubray". Graças a Deus não sei quem é esse Dubray, mas fazerem o
velho Mestre referendar essa chulice é uma sacrílega falta de respeito.
Paremos por aqui, pobre leitor. E, para acalmar nossas palpitações,
vamos ler, ao acaso dos dedos, algumas frases desta antologia.
"Grande homem é o que não perde o coração de criança." - Mêncio
372-275 a.C.)
"Somente quem não encara as coisas materiais como coisas materiais
pode ser senhor das coisas." - Chang Tse (335-275 a.C.)
E, para edificação de todos, termino com as palavras de Shen Chenlin,
o qual já viveu na era atual, tendo falecido apenas em 1779:
"o que os poetas escrevem agrada ao espírito, embeleza a cútis e
prolonga a existência.
Eis aí um cartaz que deveriam afixar em todas as Feiras do Livro.

364

Do CONHECIMENTO

Fudo já está nas enciclopédias e todas dizem as mesmas coisas.
Nenhuma delas nos pode dar uma visão inédita do mundo. Por isso é que leio os poetas. Só com os poetas se pode aprender algo novo.

UMA VACA
Sim, uma vaca - uma abençoada vaca muge...
O seu mugido é um rio de veludo morno.

Do PENSAMENTO

Eu penso em ti. Sabias que isso é uma coisa maravilhosa? A primeira criatura que pensou numa outra criatura ausente como deve ter se espantado! Não sabia que se tratava do seu primeiro pensamento humano.

MUNDOS

A única coisa que nos diferencia de peixes num aquario é que temos consciencia dos limites de nosso mundo...

NADA SOBROU

As pessoas sem imaginação podem ter tido as mais imprevistas aventuras, podem ter visitado as terras mais estranhas... Nada lhes ficou. Nada lhes sobrou. Uma vida não basta apenas ser vivida: também precisa ser sonhada.

O MUNDO

A coisa começou desde os dias já remotos da invenção do telégrafo.
Depois foi o TSF, o rádio, a TV, etc. E o Tempo, atônito, engolindo o Espaço. E esse vasto mundo diminuindo, diminuindo, diminuindo.., até se viresconder covardemente dentro do nosso quarto.

365

As ViAGENS

O mais confortador das viagens são esses burrinhos pensativos que vemos à beira da estrada e nos poupam assim o trabalho de pensar.

A OPINIÃO

Quando dês opinião, nunca deixes de escrever a data...

O POEMA

Mas por que datar um poema? Os poetas que põem datas nos seus poemas me lembram essas galinhas que carimbam os ovos...

MONÓLOGO

Diálogo feminino.

CÃO

O Amigo do Homem, dizem... Tanto que, para contentar a seu amo, chega a perseguir os outros animais- Em suma: um puxa saco. Não o confundir com cachorro.

CACHORRO

Cria da casa, bom confidente e complemento das crianças.

VIRA-LATA

O último boêmio.

POETA LÍRICO

Espécie de passarinho estrangulado em público pelas declamadoras.

PERGUNTA ERRADA

Se eu acredito em Deus? Mas que valor poderia ter minha resposta afirmativa ou não? O que importa é saber se Deus acredita em mim.

PUDOR

Se a tua vida não puder ser uma tragédia grega -
por amor de Deus! - não a faças um tango argentino...

CÂNTARO

Na linguagem corrente não se encontra a palavra cântaro. Mas é uma palavra que jamais poderá sair dos poemas. Há palavras assim. São Como esses nobres animais heraldicos, que só existem nos brasões.

HOMO BATUCANDIS

"Aterroriza-me o silêncio eterno desses espaços infinitos..." escreveu Pascal, Será por isso que fazemos tanto barulho?

PRECES

Rezar é uma falta de fé: Nosso Senhor bem sabe o que está fazendo...

O HOMEM E O SEU CÃO

Todo esse apego do homem ao cachorro é porque o cachorro considera o seu dono o primeiro homem do mundo...

HISTÓRIA AZUL

Era tão burro que estava sempre com a cara atrasada 5 minutos. Mas os outros, que a traziam na hora, via-se logo que se achavam diante do pelotão de fuzilamento. E, quando o capitão gritou: - Fogo! - só ele não tombou - porque não estava atualizado.

MEDIEVAL

As barbas do Doutor Fausto estão longas e brancas como as do Padre Eterno. A mão repousa sobre a esfera armilar. Mas a sua fronte sulca-se de inextrincáveis hieróglifos,
enquanto, em vão,
no fundo da retorta
soluça a solução!

TIA TULA

Tuas histórias, Tia Tula, se extraviavam pelos atalhos da memória, onde ias procurar, de olhos fechados, as minúcias perdidas:
- qual era mesmo a cor daquele xale
- se foi numa sexta-feira que o major caiu da cadeira, morto como uma pedra
- se o gato malhado ficou preso no sótão ou lá embaixo, no porão, miando na casa fechada...
E, enquanto isso, a tua cadeira de balanço rangia, galopando suavemente no Tempo, até que um de nós adormecia.

E o gato - liberto enfim! - punha-se novamente a farejar, desconfiado, a imobilidade suspeita do Major.

MARIA-FUMAÇA

As lentas, poeirentas, deliciosas viagens nos trens antigos. As famílias (viajavam famílias inteiras) levavam galinhas com farofa em cestas de vime, que ofereciam, pois não, aos viajantes solitários.
E os viajantes solitários (e os meninos) ainda desciam nas estaçõezinhas pobres... para os pastéis, os sonhos, as laranjas...
E ver as moças da localidade, que iam passear nas gares para ver os viajantes, uns e outros de olhos compridos - eles num sonho repentino de ficar, elas num sonho passageiro de partir.
Um apito, a fumarada, resolvia tudo.
Mas hoje nem há o que resolver. E é quase proibido sonhar. O mal dos aviões é que não se pode descer a toda hora para comprar laranjas.
Nesses aviões, vamos todos imóveis e empacotados como encomendas.
Às vezes encomendas para a Eternidade...

Cruzes, poeta! Deixa-te de idéias funéreas e pensa nas aeromoças, arejadas e amáveis como anjos.
E "anjos", aplicado a elas, não é exagero nenhum.
Pois não nos atendem em pleno céu?

Porém, como já nos trazem tudo de bandeja, eis que essa mesma comodidade de creche em que nos sentimos tira-nos o saudável incômodo das iniciativas e dos improvisos.
Entre a monotonia irreparável das nuvens, nada vemos da viagem. Isto é, não viajamos: chegamos.
Pobres turistas de aeroportos, damos a volta ao mundo sem nada ver do mundo.

CABIDES

O mau gosto e a irremediável fealdade dos cabides devem ter sido uma das causas da vertiginosa e já histórica emigração dos chapéus para os anéis de Saturno.

FATOS CONSUMADOS

...e se eles te apertarem muito sobre o que quiseste dizer com um poema, pergunta-lhes apenas o que Deus quis dizer com este nosso mundo...

DA CONTURBADA BELEZA

O que mais me revolta nas matemáticas são as suas aplicações práticas.

DA RELATIVA INSPIRAÇÃO

Inspiração? Sim... Mas convém não esquecer que a poesia, como todo verdadeiro jogo, é uma luta da astúcia contra o acaso.

ABORRECIMENTO

Esses alemães se metem de quando em quando numa guerra devido à incrível chatice de seus espetáculos de variedades.

lIMITAÇÕES

Disse um filósofo cigano: "Nós não podemos morder o cotovelo nem alcançar o horizonte."

lIBERTAÇÃO

A morte é um abrir de todas as porteiras; um desabalado tropel de cavalos.

SONHO DE UMA NOITE DE VERÃO

Nisto, o sapo engoliu uma estrela cadente, pensa ele... Era um vaga-lume.
Mas, da sua canção fosforescente, brota um sonoro carrilhão de estrelas!
A noite não pode mais de estrelas. Tudo estrila de estrelas. Ninguém, ninguém pode mais, a minha maluquinha predileta vai desmaiar.
Eu não: eu me fico a encarar, com os olhos parados, o meu enigma de palavras cruzadas.
Porém, alheio a tudo isto, indiferente aos meus, aos teus e aos seus próprios impasses, lá no fundo do charco verdoengo, espaçadamente cada vez mais espaçadamente - o afogado solta borborigmos.

DE PAPAGAIOS E DE MACACOS

Os que gostam de papagaios e macacos não devem ter a mínima autocrítica.

A ULTIMA

A última de Lili, que me apresso a anotar, para o meu Tratado de
Liligrafia: - Não gosto de laranjas de umbigo porque são muito pretensiosas.

NEGRINHA

O preto velho João me fala comovido da sua netinha que morreu:
- Não era uma negrinha como as outras, era uma negrinha criada em apartamento, uma negrinha com cheiro de pasta de dente...

O ESPANADOR

O espanador é o mais belo dos animais domésticos: dá colorido e vida a rotina da casa.

DESIGUALDADE

A morte não iguala ninguém: há caveiras que possuem todos os dentes.

No CÉU

No Céu é sempre domingo. E a gente não tem outra coisa a fazer senão ouvir os chatos. E lá ainda é pior do que aqui pois se trata dos chatos de todas as épocas do mundo.

VIDA INTERIOR

Os romanos tinham pouca vida interior porque não usavam botões.

ASSUNTO PARA PESADELO

Um macaco que falasse com voz de papagaio...

RELÓGIO

O mais feroz dos animais domésticos é o relógio de parede: conheço um que já devorou três gerações da minha família.

AQUELE ESTRANHO ANIMAL

Os do Alegrete dizem que o causo se deu em Itaqui, os de Itaqui dizem que foi no Alegrete, outros juram que só poderia ter acontecido em Uruguaiana. Eu não afirmo nada: sou neutro.
Mas, pelo que me contaram, o primeiro automóvel que apareceu entre aquela brava indiada, eles o mataram a pau, pensando que fosse um bicho.
A história foi assim como já lhes conto, metade pelo que ouvi dizer, metade pelo que inventei, e a outra metade pelo que sucedeu às deveras. Viram?

É uma história tão extraordinária mesmo que até tem três metades... Bem

deixemos de filosofança e vamos ao que importa. A coisa foi assim, como eu tinha começado a lhes contar.

Ia um piazinho estrada fora no seu petiço tropt, tropt, tropt (este é o barulho do trote) quando de repente ouviu- fufufupuhum! fufufupubum chiiiipum!

E eis que a "coisa", até então invisível, apontou por detrás de um capão, bufando que nem touro brigão, saltando que nem pipoca, se traqueando que nem velha coroca, chiando que nem chaleira derramada e largando fumo pelas ventas como a mula-sem-cabeça.

"Minha Nossa Senhora."

O piazinho deu meia-volta e largou numa disparada louca rumo da cidade, com os olhos do tamanho de um pires e os dentes rilhando, mas bem cerrados para que o coração aos corcoveios não lhe saltasse pela boca.

É claro que o petiço ganhou luz do bicho, pois no tempo dos primeiros autos eles perdiam para qualquer matungo.

Chegado que foi, o piazinho contou a história como pôde, mal e mal e depressa, que o tempo era pouco e não dava para maiores explicações, pois já se ouvia o barulho do bicho que se aproximava.

Pois bem, minha gente: quando este apareceu na entrada da cidade, caiu aquele montão de povo em cima dele, os homens uns com porretes, outros com garruchas que nem tinham tido tempo para carregar de pólvora, outros com boleadeiras, mas todos de a pé, porque também nem houvera tempo para montar, e as mulheres umas empunhando as suas vassouras, outras as suas pás de mexer marmelada, e os guris, de longe, se divertindo com os seus bodoques, cujos tiros iam acertar em cheio nas costas dos combatentes. E tudo abaixo de gritos e pragas que nem lhes posso repetir aqui.

Até que enfim houve uma pausa para respiração.

O povo se afastou, resfolegante, e abriu-se uma clareira, no meio da qual se viu o auto emborcado, amassado, quebrado, escangalhado, e não digo que morto, porque as rodas ainda giravam no ar, nos últimos transes de uma teimosa agonia. E quando as rodas pararam, as pobres, eis que o motorista, milagrosamente salvo, saiu penosamente engatinhando por debaixo dos escombros de seu ex-automóvel.

- A la pucha! - exclamou então um guasca, entre espantado e penalizado - o animal deu cria!

TERNURA

Dona Maroca, à porta comigo, vendo o filhinho la dela seguir para a escola:

- Ele é a cara do finado por trás.

PROVOCAÇÃO

Essas horrendas coroas de biscuit que dizem: DEsCANSA EM PAZ... Como descansar em paz com um troço desses?!

DICIONÁRIO

Embora o meu vocabulário seja voluntariamente pobre - uma espécie de Brasileiro Básico -, a única leitura que jamais me cansa é a dos dicionarios. Variados, sugestivos, atraentes, não são como os outros livros, que contam a mesma estopada do principio ao fim. Meu trato com eles é puramente desinteressado, um modo disperso de estar atento... E esse meu vício é, antes de tudo, inócuo para o leitor.
Na minha adolescência, todo e qualquer escritor se presumia de estilista, e isso, na época. significava riqueza vocabular.., imagine-se o mal que deve ter causado a autores novos e inocentes o grande estilista Coelho Neto; grande infanticida, isto é o que ele foi.
Orgulhávamo-nos, como das nossas riquezas naturais, da opulência verbal de Rui Barbosa. O seu fraco, ou o seu forte, eram os sinônimOS. Recordo certa página em que ele esbanjou seus haveres com as pobres mulheres da vida, chamando-as de todos os nomes, menos um.

PRETO NO BRANCO

A arte de escrever é, por essencia, irreverente e tem sempre um quê de proibido: algo assim como essa tentação irresistível que leva os garotos a riscar a brancura dos muros.

ENTOMOLOGIA

A borboleta mais difícil de caçar é o adjetivo.

MADRIGAL RECUSADO

Não sou mais que um poeta lirico,
Nada sei do vasto mundo...
Viva o amor que eu te dedico,
Viva Dom Pedro Segundo!

O ANTINARCISO

Esse estranho que mora no espelho (e é tão mais velho do que eu) olha-me de um jeito de quem procura adivinhar quem sou.

As FIGURAS

Mas por que motivo os nossos barcos já não têm mais as belas figuras
de proa, ou a proa em forma de figura, como os dos vikings?
E não seria também melhor que os nossos avioeS encantassem os ares
com as suas configurações de aves OU peixes ou maravilhosos animais de
sonho? Hoje apenas irritam-nos com o seu rumor e as suas formas exatas.
Queremos um mundo estritamente funcional.
Tudo muito lógico, sim, mas será humano? Conviria não esquecer que
o adorno veio antes do vestuário...

PARQUE

Domingo. Disponibilidade. Em todas as testas há um letreiro:
ALUGA- SE ESTA CASA.

Sentado no banco, olho, por entre meus sapatos, a sombra mosqueada
de luz: essas moedinhas de sol, que nunca se depreciam...

Delícia de fechar os olhos, por um instante, e assim ficar, sozinho,
fabricando escuro... sabendo que existe a luz!

O oculto xixi das fontes dá uma curiosidade inÍantil e proibida de
espiá-las.

Ao colo das babás ou nos carrinhos, bebês esperneantes e bracejantes,
salivando vogais. O mais comovente é que eles ainda não sabem que são
o Brasil de amanhã.

(O maior encanto dos bebês são as babás.)

Os velhinhos trêmulos, nos bancos, também mastigam saliva. São os
bebês da morte.

CUIDADO!

A poesia não se entrega a quem a define.

SAPATOS, ETC.

Os sapatos, de preferência velhos e informes, com irregulares placas de barro ou apenas foscos, são muito mais belos que os sapatos lustradinhos, brilhantes que nem parquês. Qual o esteta que não sabe dessas coisas? Nem há de ser por outro motivo que os escultores jamais passam a ferro as calças das suas estátuas. Aqui em Porto Alegre só conheço uma delas, com caprichosos vincos de bronze - é o que logo se nota, porque não parece natural. Natural é a natureza. E natureza é hippie. Onde já se viu uma árvore ridiculamente simétrica? E qual foi a Brasília que jamais tevE esse incomparável imprevisto "ao Deus dará" de uma Itaoca? Bem, nunca falta um leitor para indagar que moralidade a tirar disso tudo... Nenhuma Eu estava falando de beleza.

375

DA NATUREZA CARTESIANA OU A RECUSA AVERSALHES

O velho Roi Soleil que me perdoe... não vou lá, não: à simples vista dos seus amados jardins de Le Nótre, me dá cada bocejo que ele nem queira saber!

COEXISTÊNCIA PACÍFICA

Amai-vos uns aos outros é muito forte para nós: o mais que podemos fazer, dentro da imperfeição humana, é suportarmo-nOs uns aos outros.

O PRINCIPIO

Se antes era o Nada, como já poderia haver Alguém para tirar dele o mundo?

O TEMPO
O tempo é a insônia da eternidade.

ZERO

Zero igual a zero: a unica evidência. As outras sempre se prestam a discussões.

O OUTRO MUNDO

Por favor, deixa o Outro mundo em paz! O mistério está aqui.

FRASE OUVIDA POR DESCUIDO

O Onofre está tão bem de vida que passa a pão e laranja!

BEM QUE EU GOSTARIA

Bem que eu gostaria de escrever contos. Mas isso de enredo me parece
uma coisa para comadres.. o que não deixa de ser uma contradição da
minha parte, porque ainda penso que o conto deve ser para contar alguma
colsa.

- Ora dirás - e o conto de atmosfera?
- Sim, sim... Mas por que não ficarmos então na poesia?
Para mim, o que há de mais perfeito no gênero narrativo é obviamente
o Conto policial no estilo enxuto e sem imagens das imortais histórias
de Sherlock Holmes. A imagem atrapalha, distrai, desvia... Me lembro de
quando estava uma vez lendo uma história de Remy de Gourmont e lá
pelas tantas falava ele de certa moça que tinha uma voz tão suave e tão do
outro mundo que, se ela dizia "está chovendo?", parecia que estava
chovendo anjos... Não continuei, não pude, nada mais poderia encantar-me
tanto. Viva, pois, Somerset ou Mérimée, que têm a coragem do
despojamento e da pobreza voluntária.
Eu não. Remexendo nuns papéis velhos, encontrei uma história que
começava assim:
"Era um dia de verão, um desses dias em que da na gente uma vontade
infinita de se pendurar num cabide e ali deixar-se ficar para sempre, como
um velho casaco de ombros caídos, de braços pendidos, sem ninguém por
dentro!".
Tudo isso porque não tive coragem de dizer simplesmente, para início
de conversa:
"Era um insuportável dia de verão."
Outra coisa que me impediu em tempo o cultivo do gênero é que meus
personagens não sabiam revelar indiretamente seus pensamentos e
sensações, como acontece na vida. Um deles certa vez saiu me com esta:
"O toque do despertador é um acidente de tráfego do sono. Por isso
passamos o dia inteiro confusos como acidentados.., até que chega a hora
do aperitivo."
Claro que uma conversa toda assim, durante páginas, deixaria o leitor
em estado de choque.
Em compensação, encontrei também um feliz inicio, que o leitor bem
pudera aproveitar um dia, se quiser escrever uma história maravilhosa:
"Era num desses países tão venturosos que todo mundo só o conhecia
por intermédio das Palavras Cruzadas..."
Mas por que será que as histórias maravilhosas sempre se passam num
país distante?

DIFERENÇA

O comum dos homens só se interessa pela sua própria pessoa, mas o poeta só se intereSSa pelo seu próprio eu.

ESTRANHO LABOR

O que prejudica a minha preguiça prejudica o meu trabalho.

POESIA & PEITO

Qual Ioga, qual nada! A melhor ginástica respiratória que existe é a leitura, em voz alta, dos Lusíadas.

VOZES DA NATUREZA

Lili chamava o sapo de bicho-nenê. Ótima sugestão para os pais novatos:
é só imaginarem que estão ouvindo não o choro chinfrim do pimpolho,
mas a velha, a primordial canção da saparia às estrelas. E não foi sempre tão gostosa, mesmo, essa manha sem fim dos sapos no banhado?
Ouçam, pois, ouçam todos, com o seu melhor ouvido, o nenê-bicho,
que é apenas uma variante humana do bicho-nenê. Ouçam-no todos os
que se têm por amantes da Natureza.
(Mas cá entre nós e entre parênteses: confesso que choro de criança me provoca o complexo de Herodes...)

BEBÊ

Coisinha deficiente, inconsciente, inerme, inválida, trabalhosa, querida.

ESTILO

Deficiência que faz com que um autor só consiga escrever como pode.

SINAIS DOS TEMPOS

Antes, se alguém começava a ouvir vozes, era adorado como um santo ou queimado como um bruxo. Agora, é simplesmente encaminhado ao psiquiatra.

DEMOCRACIA

O que há de mais admirável nas democracias é a facilidade com que qualquer pessoa pode passar da crônica policial para a crônica social.

CENA MUDA

Quando fazemos tombar a cinza do cigarro sentimo-nos ainda no tempo do cinema silencioso.

ViSÕES

Os fantasmas também sofrem de visões: somos nós...

CITAÇÃO

De um autor inglês do saudoso Século xix: "O verdadeiro gentleman compra sempre três exemplares de cada livro: um para ler, outro para guardar na estante e o último para dar de presente."

APONTAMENTOS DE HISTÓRIA SOBRENATURAL

(1976)

Eis o meu primeiro Livro cujos poemas saem mais ou menos na sua ordem cronológica. Porque antes se reuniam numa ordem lógica: sonetos com seus companheiros de lirismo um tanto boêmio, canções com suas irmãs de dança, quartetos filosofando uns com outros, porém num riso mal contido, diante da seriedade que se presume existir num simpósio, poemas em prosa proseando amigavelmente sobre isto e aquilo, poemas oniricos com suas perigosas magias de aprendizes de feiticeiro. Foram

reeditados num só volume, Poesias - o que Levou alguns a pensar que cronologia de publicação dos livros indicava uma evolução do autor, quando foram feitos simultaneamente ao longo de anos. O fato é que nunca evolui. Fui sempre eu mesmo.
Incluem-se aqui os poemas da última parte da Antologia poética, por não constarem de nenhuma obra anterior e por serem, como estes de agora, igualmente variados e promíscuos - e ainda porque, esgotada a Antologia, talvez ficassem ignorados da minha mais recente geração de leitores.
O meu agradecimento à Editora Globo e ao Instituto Estadual do Livro, que fizeram questão de publicar este ano este livro para comemorar... o quê?... Ora! creio que simplesmente para comemorar a vida.
M. Q.

Porto Alegre, 30 de julho de 1976.

DATA

Duas laranjas
Um copo d'água ao lado
As moedinhas da luz em torno

Perto
A folhinha marca 13 de janeiro

RITMO

Na porta
a varredeira varre o cisco
varre o cisco
varre o cisco

Na pia
a menininha escova os dentes
escova os dentes
escova os dentes

No
arroio
a lavadeira bate roupa
bate rompa
bate roupa

até que enfim
se desenrola
toda a corda

e o mundo gira imóvel como um pião.

O TEMPO E O VENTO

Para Érico Verissimo,
em comemoração aos seus 65 anos

Havia uma escada que parava de repente no ar.
Havia uma porta que dava para não se sabia o quê
Havia um relógio onde a morte tricotava o tempo
Mas havia um arroio correndo entre os dedos buliçosos
dos pés
E pássaros pousados na pauta dos fIOS do telégrafo
E o vento!
O vento que vinha desde o principio do mundo
Estava brincando com teus cabelos...

A beleza dos versos impressos em livro
serena beleza com algo de eternidade
- Antes que venha conturbá-los a voz das declamadoras.
Ali repousam eles, misteriosos cântaros,
Nas suas frágeis prateleiras de vidro...
Ali repousam eles, imóveis e silenciosos.
Mas não mudos e iguais como esses mortos em suas
tumbas.
Têm, cada um, um timbre diverso de silêncio...
Só tua alma distingue seus diferentes passos,
Quando o único rumor em teu quarto
É quando voltas, de alma suspensa - mais uma página
Do Livro... Mas um verso fere o teu peito como
a espada de um anjo.
E ficas, como se tivesses feito, sem querer,
um milagre...
Oh! que revoada, que revoada de asas!

O ADOLESCENTE

A vida é tão bela que chega a dar medo.

Não o medo que paralisa e gela,
estátua súbita,
mas
esse medo fascinante e fremente de curiosidade que faz
o jovem felino seguir para a frente farejando o vento
ao sair, a primeira vez, da gruta.

Medo que ofusca: luz!

Cumplicemente,
as folhas contam-te um segredo
velho como o mundo:

Adolescente, olha! A vida é nova...
A vida é nova e anda nua
- vestida apenas com o teu desejo!

CRÔNICA

São Paulo, 23 - Morreu ontem o trapezista
René Bugler, internado quando o mastro em que
fazia acrobacias quebrou e ele caiu de uma altura
de 50 metros. (Do noticiário)

A pantera é uma curva em movimento:
vai se desenrolando como um desenho.
Mas a sua harmonia é linear como

a figura que, na sucessão de um friso,
repete-se, com o andante ritmo de um verso
num poema...

O trapezista,
entanto,
não quer a pauta de uma corda única
e a curva do seu vôo traça geometrias no espaço,
vai e volta, mergulha, sobe, entrelaça-se
como se brincasse consigo mesma.
Só não se brinca com a imperfeição das coisas...
e a tua dança aérea, ó pobre René Bugler,
interrompeu-se:
tombaste, da altura de 10 metros, os braços abertos
em cruz
e a maravilhosa curva que traçavas
imobilizada de súbito num corpo inerte.
Sim, tu estás, agora, na reta horizontalidade
da morte.

A morte odeia as curvas, a morte é reta
como uma boca fechada.
Tenho até remorsos de fazer-te um poema...
O poema
o poema da tua vida
está apenas nisto,
nestas simples palavras:
"René Bugler, trapezista,
morto aos 22 anos
no exercício da sua arte."

Nítido, no espelho,
Meu quarto projeta-se
Em parte nenhuma...
Um dia estarei,
Tão nítido assim,
Em parte nenhuma?

388

ELEGIA

Há coisas que a gente não sabe nunca o que fazer

Uma velhinha sozinha numa gare.
Um sapato preto perdido do seu par: símbolo
Da mais absoluta viuvez.
As recordações das solteironas.
Essas gravatas
De um mau gosto tocante
Que nos dão as velhas tias.
As velhas tias.
Um novo parente que se descobre.
A palavra "quincúncio".
Esses pensamentos que nos chegam de súbito
com elas...
nas ocasiões mais impróprias.
Um cachorro anônimo que resolve ir seguindo a gente
Este poema, este pobre poema
Sem fim...

Canção

Cheguei a concha da orelha
à concha do caracol.
Escutei
vozes amadas
que eu julgava
eternamente perdidas.

Uma havia
que dentre as outras mais graves
tão clara e alta se erguia

que eu custei nas descobri
que era a minha própria voz:
pela madrugada na cidade deserta.

sessenta anos havia
ou mais
que ali estava encerrada.

Meu Deus, as coisas que ela dizia!
as coisas que perguntava!

Eu deixei-as sem resposta.

As o tras vozes, mais graves,
tampouco
nenhuma lhe respondia.

O mundo é um búzio oco,
menino...

Mundo de vozes perdidas
e onde apenas o eco
eternamente
repete as mesmas perguntas.

INTERROGAÇÕES

Nenhuma pergunta demanda resposta.
Cada verso é uma pergunta do poeta.
E as estrelas...
as flores...
o mundo...
são perguntas de Deus.

A ALMA E O BAÚ

Tu que tão sentida e repetida e voluptuosamente
te entristeces e adoeces de ti,
preciso rasgar essas vestes de dó,
as penas é preciso raspar com um caco, uma
por uma: são
crostas...

390

E sobre a carne viva
nenhuma ternura sopre.
Que ninguém acorra.
Ninguém, biblicamente, com os seus bálsamos e olores...
Ah, tu com as tuas cousas e lousas, teus badulaques,
teus ais ornamentais, tuas rimas,
esses guizos de louco...
A tua alma (tua?) olha-te, simplesmente.
Alheia e fiel como um espelho.
Por supremo pudor, despe-te, despe-te, quanto mais
nu mais tu,

despoja-te mais e mais.
Até a invisibilidade.
Até que fiquem só espelho contra espelho
num puro amor isento de qualquer imagem.
- Mestre, diz-me... e isso tudo valerá acaso a perda
de meu baú?

CANÇÃO DE INVERNO

O vento assovia de frio
nas ruas da minha cidade
enquanto a rosa-dos-ventos
eternamente despetala-se...

Invoco um tom quente e vivo
- o lacre num envelope?
e a névoa, então, de um outro século
no seu frio manto envolve-me...

Sinto-me naquela antiga Londres
onde eu queria ter andado
nos tempos de Sherlock - o Lógico
e de Oscar - o pobre Magico...

Me lembro desse outro Mario
entre as ruínas de Cartago,
mas só me indago: - Aonde irão
morar nossos pobres fantasmas?!

391

E para sempre perdido
nas ruas da cidade Nova,

o vento procura, em vãO,
ler os cartazes antigos.

S.O.S. em Babilônia

Na cidade dos ruídos mecânicos, atrozes
Onde as rãs, onde os grilos, onde as misteriosas
vozes
que urdiam a rede dos concavos silêncios noturnos?

Os arroios se foram no ralo agonizante das pias...

As últimas procissões
com as suas campânulas cada vez mais remotas
vão andando de costas como um filme passado às
avessas...

(Eu estou gravando este lento poema nas paredes de uma cela)

O ESPELHO

E como eu passasse por diante do espelho
não vi meu quarto com as suas estantes
nem este meu rosto
onde escorre o tempo.

Vi primeiro uns retratos na parede:
janelas onde olham avós hirsutos
e as vovozinhas de saia-balão
como pára-quedistas às avessas que subissem do
fundo do tempo.
O relógio marcava a hora
mas não dizia o dia. O Tempo,
desconcertado,
estava parado.

Sim, estava parado
em cima do telhado...
como um catavento que perdeu as asas!

O AUTO-RETRATO

No retrato que me faço
traço a traço
às vezes me pinto nuvem,
às vezes me pinto árvore...
às vezes me pinto coisas

de que nem há mais lembrança...
ou coisas que não existem
mas que um dia existirão...
e, desta lida, em que busco
pouco a pouco
minha eterna semelhança,

no final, que restará?
Um desenho de criança...
Corrigido por um louco!

RETRATO

Morreu ontem.
Portanto, o seu retrato está completo.
A longa vida - sabe Deus com que trabalho -
deixou-nos, na lembrança,
por final,
em wmpanhia de um velhinho suave...

Mas um velhinho suave como os couros gastos,
as madeiras polidas pelo uso,
como OS seixos rolados

- suave e rijo!

Sua voz grave e trêmula tinha o som do tempo
e nós sempre nos espantávamos de a estar ouvindo

porque era como se alguém tangesse o silencio.

A PRIMEIRA AVENTURA

O corpo se esfez na terra:
o sopro que Deus lhe dera
está livre como o vento.

Nunca pensou que pudesse
andar por tantas lonjuras
como anda o pensamento.

Mas não era de turismos...
Voltou, ficou por ali...
leu o resto de uma página
que deixara interrompida...
Sentou no topo da escada.
Sentou à beira da estrada.

Morte - que grande estopada!

Até que um Anjo Glorioso
passou
olhou
não viu nada

um anjo tão esplendentt
que a própria luz o cegava!

LUNAR

As casas cerraram seus milhares de pálpebras.
As ruas pouco a pouco deixaram de andar.
Só a lua multiplicou-se em todos os poços e poças.
Tudo está sob a encantação lunar...

E que importa se uns nossos artefatos
lá conseguiram afinal chegar?
Fiquem armando os sábios seus bodoques:
a própria lua tem sua usina de luar...

E mesmo o cão que está ladrando agora
é mais humano do que todas as máquinas.
Sinto-me artificial com esta esferográfica.

Não tanto... Alguém me há de ler com um meio
sorriso
Cúmplice... Deixo pena e papel... E, num feitiço
antigo,
à luz da lua inteiramente me luarizo...

PAISAGEM

Sol e sombra brincavam de esconder
sobre o rosto do primeiro morto.

Perto dele, cantavam as águas,
porque ainda apenas sabiam cantar.

Cantavam as águas inocentemente
sua canção de continuar...

- e ele também não sabia de nada!

EMERGÊNCIA

Quem faz um poema abre uma janela.
Respira, tu que estas numa cela
abafada,
esse ar que entra por ela.
Por isso é que os poemas tem ritmo
- para que possas profundamente respirar.

Quem faz um poema salva um afogado.

Mundos

Um elevador lento e de ferragens belle époque
me leva ao antepenúltimo andar do Céu,
cheio de espelhos baços e de poltronas como o hall
de qualquer um antigo Grande Hotel,

mas deserto, deliciosamente deserto
de jornais falados e outros fantasmas de IV,
pois só se vê, ali, o que ali se ve
e só se escuta mesmo o que está bem perto:

é um mundo nosso, de tocar com os dedos,
não este - onde a gente nunca está, ao certo,
no lugar em que está o próprio corpo

mas noutra parte, sempre do lado de lá!
não, não este mundo - onde um perfil é paralelo
ao outro
e onde nenhum olhar jamais se encontrara...

VIDAS

Nós vivemos num mundo de espelhos,
mas os espelhos roubam nossa imagem...
Quando eles se partirem numa infinidade de estilhas
seremos apenas pó tapetando a paisagem.

Homens virão, porém, de algum mundo selvagem
e, com estes brilhantes destroços de vidro,
nossas mulheres se adornarão, seus filhos
inventarão um jogo com o que sobrar dos ossos.

E não posso terminar a visão
porque ainda não terminou o soneto
e o tempo é uma tela que precisa ser tecida...

Mas quem foi que tomou agora o fio da minha vida?
Que outro lábio canta, com a minha voz perdida,
nossa eterna primeira canção?!

PEQUENO POEMA DIDÁTICO

Para Liane dos Santos

O tempo é indivisível. Diz,
Qual o sentido do calendário?
Tombam as folhas e fica a árvore,
Contra o vento incerto e vario.

A vida é indivisível. Mesmo
A que se julga mais dispersa
E pertence a um eterno diálogo
A mais inconseqüente conversa.

Todos os poemas são um mesmo poema,
Todos os porres são o mesmo porre,
Não é de uma vez que se morre...
Todas as horas são horas extremas!

ARQUITETURA FUNCIONAL

Para Fernando Corona e Antonieta Barone

Não gosto da arquitetura nova
Porque a arquitetura nova não faz casas velhas
Não gosto das casas novas
Porque as casas novas não têm fantasmas
E, quando digo fantasmas, não quero dizer essas
assombrações vulgares
Que andam por aí...
Ë não-sei-quê de mais sutil
Nessas velhas, velhas casas,
Como, em nós, a presença invisível
da alma... Tu nem sabes

A pena que me dão as crianças de hoje!
Vivem desencantadas como uns órfãos:
As suas casas não têm porões nem sótãos,
São umas pobres casas sem mistério.
Como pode nelas vir morar o sonho?
O sonho é sempre um hóspede clandestino e é
preciso
(Como bem sabíamos)
Ocultá-lo das visitas

(Que diriam elas, as solenes visitas?)
É preciso ocultá-lo das outras pessoas da casa,
É preciso ocultá-lo dos confessores,
Dos professores,
Até dos Profetas
(Os Profetas estão sempre profetizando outras
cousas...)
E as casas novas não têm ao menos aqueles longos,
intermináveis corredores
Que a Lua vinha às vezes assombrar!

OLHO AS MINHAS MÃOS

Olho as minhas mãos: elas só não são estranhas
Porque são minhas. Mas é tão esquisito distendê-las
Assim, lentamente, como essas anêmonas do fundo
do mar...
Fechá-las, de repente,
Os dedos como pétalas carnívoras!
Só apanho, porém, com elas, esse alimento impalpável
do tempo,
Que me sustenta, e mata, e que vai secretando o
pensamento
Como tecem as teias as aranhas.
A que mundo
Pertenço?
No mundo há pedras, baobás, panteras,
Águas cantarolantes, o vento ventando
E no alto as nuvens improvisando sem cessar,
Mas nada, disso tudo, diz: "existo".

Porque apenas existem...
Enquanto isto,
O tempo engendra a morte, e a morte gera os deuses
E, cheios de esperança e medo,
Oficiamos rituais, inventamos
Palavras mágicas,
Fazemos
Poemas, pobres poemas
Que o vento
Mistura, confunde e dispersa no ar...
Nem na estrela do céu nem na estrela-do-mar
Foi este o fim da Criação!
Mas, então,
Quem urde eternamente a trama de tão velhos sonhos?
Quem faz em mim - esta interrogação?

POEMAS

O grilo procura
no escuro
o mais puro diamante perdido.
O grilo
com as suas frágeis britadeiras de vidro
perfura

as implacáveis solidões noturnas.

E se o que tanto buscas só existe
em tua límpida loucura
iSSO
que importa?
exatamente isso
é o teu diamante mais puro!

CUIDADO!

Nós somos gestantes da alma... Cuidado!
É preciso muito, muito cuidado
Para que a alma possa nascer normal na outra vida.
Nesta, ela mal pode, ela quase não tem tempo de
ficar pronta!
Como é possível, com esses cuidados e mais cuidados
sem conta,
Ah, toda essa vergonha de sermos devorados
- meticulosamente - por milhões de ratos
durante sessenta, setenta, oitenta anos
Quando bem poderia surgir de súbito o nobre leão
da morte
Na plenitude nossa
Como acontece com os heróis da Iliada,
Mas os heróis só morrem no País da Ilíada
Belos e jovens...
Aqui, qualquer heroísmo se desmoraliza dia a dia
como a barba do Tempo arrancada, fio a fio,
das folhinhas...
Como é possível, como é possível uma alma triturada
assim pelos relógios?
Como é possível nascer com um barulho destes?

Poema Olhando um Muro

Do
escuro do meu quarto
imóvel como um felino, espio
a lagartixa imóvel sobre o muro: mal sabe ela
da sua graça ornamental, daquele
verde
intenso

na lividez mortal
da pedra... ah, nem sei eu também o que procuro,
há tanto...
nesta minha eterna espreita!
Pertenço acaso à raça odiada dos mutantes?

Ou
sou, talvez
- em meio às espantosas aparencias de algum mundo
estranho
um espião que houvesse esquecido o seu código, a
sua sigla, tudo...
- menos
a gravidade da sua missão!

O MORITURO

Por que é que assim, com suas caras móveis e simiescas,
os vivos nos devassam, num cínico impudor?
Por que nos olham assim -, como se fôramos
cousas -

quando os nossos traços vão repousando, enfim,
na tranqüila dignidade da morte?
Por que é que eles, com a sua obscena curiosidade,
não respeitam o ato mais íntimo de nossa vida
- ato que deveria ser testemunhado apenas pelos
Anjos?

Ah, que Deus me guarde na hora de minha morte,
amém,

que Deus me guarde da humilhação desse espetaculo
e me livre de todos, de todos eles
não quero os seus olhos pousando como moscas
na minha cara.
Quero morrer na selva de algum país distante...
Quero morrer sozinho como um bicho!

INSTRUMENTO

Impossível fazer um poema
neste momento.
Não, minha filha, eu não sou a música
- sou o instrumento.

Sou, talvez, dessas máscaras ocas
num arruinado monumento:
empresto palavras loucas
à voz dispersa do vento...

AXIOMAS

Um ovo, um cacto, um chafariz, um anjo de
túmulo, um lampião é o único que existe. E um cavalo...
ah, é verdadeiro porque é único. Um poeta é o
único poeta que existe no mundo. Deus é o Deus
único e verdadeiro.

DESCOBERTAS

Descobrir Continentes é tão fácil como esbarrar com
um elefante:
Poeta é o que encontra uma moedinha perdida...

ELÉGIA URBANA

Rádios. Tevês.
Goooooooooooooooooooooooo!!!
(O domingo é um cachorro escondido debaixo da
cama)
Escadas de caracol
Sempre
São misteriosas: conturbam...
Quando as desce, a gente
Se desparafusa...
Quando a gente as sobe
Se parafusa
- o peito
estreito -
ESCADAS
o teto descendo

Descendo descendo como nas histórias de imortal
horror!
Mas de que jeito,
Mas como pode ser,
Morrer cair rolar por uma escada de parafuso?
Além disso não têm, pelo que dizem, nenhuma
acu sti ca...
Oh! não há como as escadarias daqueles antigos

edifícios públicos
Para ser assassinado...
Porém não fiques tão eufórico,
nem tudo são rosas:
Há,
No sonho das velhas casas de cômodos onde moras,
Passos que vêm subindo degrau por degrau em
direção ao teu quarto
E "sabes" que é um fantasma chamejante e fosfóreo
O corpo todo feito de inconsumíveis labaredas
verdes!
O melhor
Mesmo
É fechar os olhos
E pensar numa outra coisa...
Pensa, pensa
- o quanto antes!
Naquelas pobres escadas de madeira das casas pobres
- escurinho dos teus primeiros aconchegos...
Pensa em cascatas de risos
Escada abaixo
De crianças deixando a escola...
Pensa na escada do poema
Que tu
comigo
vens descendo
agora
(Hoje em dia todas as escadas são para descer)
Mas não! este poema não é

Nenhum
Abrigo
Antiaéreo...
Ah, tu querias que eu te embalasse?!
Eu estava, apenas, explorando uns abismos...

O Ovo Sapiens

O homem não pode pensar os longes pensamentos
esparsos e dispersos das árvores murmorejando,
das árvores criando inumeravelmente as folhas,
o homem não pode distendê-los irresponsáveis e
belos como as nuvens
cardadas pelo vento,
o homem pensa para dentro, e disto orgulha-se,
porque
na sua cabeça cabe o universo
como num ovo.
Na sua cabeça está o universo
- aprisionado -

tal como estava dentro da mão de Deus
antes que seus dedos se abrissem na infinita
distensibilidade da Criação.
O homem tem a pobre, a estreita cabeça
fechada...
(Porém não para sempre, meu Deus... Não para
sempre!)

RETRATO SOHRE A CÔMODA
Para Oswaldo Goldanich

Ah! esses quadros de antanho
quase tão horríveis como a palavra antanho...
não de um horrível ridículo mas de um horrível
triste,

porque se pode ver entre o vidro e o retrato
uma folha outrora verde, uns cabelos que já foram
vivos

e agora para sempre imóveis na moldura negra
e, na fotografia, alguém está sorrindo eternamente
quando um sorriso, para ser sorriso, devia ser
efêmero...
Lá fora é uma tarde fin de siêcle, uma tarde
outoniça que parece
tirada da gaveta desta cômoda.

e, nas cartas antigas, também o amor amarelece.

CANTIGUINHA DE VERÃO

Anda a roda
Desanda a roda

E olha a lua a lua a lua!

Cada rua tem a sua roda
E cada roda tem a sua lua

No meio da rua
Desanda a roda: Oh,

Ficou a lua
Olhando em roda...

Triste de ser uma lua só!

ESCONDERIJOS DO TEMPO

Pela corola do gramofone
O Caruso cantava uma furtiva lágrima
e ninguém levava a mal aquele tom fanhoso,
talvez porque todo o mundo sabia que ele
já estava morto.
Se alguém espiasse pela goela do gramofone,
poderia ver como era o Outro Mundo,
mas ninguém olhava porque devia ser muito,
muito longe

a ponto de estragar o som daquela maneira.
E o pobre Caruso cantava que te cantava afogado
pelas águas do tempo
e por isso a sua voz era ah da mais pungente:
não é brinquedo estar morto e continuar cantando.
Caruso, eu estou pensando estas coisas não aqui
e agora
mas naquele Café que tu sabes, lá por volta de
1923...
Também não é brinquedo continuar vivo e ficar
falando para o que passou!

MOTIVo DA ROSA

A rosa, bela Infanta das sete saias
e cuja estirpe não lhe rouba, entanto,
o ar de menina, o recatado encanto
da mais humilde de suas aias,
a rosa, essa presença feminina,
que é toda feita de perfume e alma,
que tanto excita como tanto acalma,
a rosa... é como estar junto da gente
um corpo cuja posse se demora
- brutal que o tenhas nesta mesma hora,
em sua virgindade inexperiente...
Rosa, á fiel promessa de ventura
em flor.., rosa paciente, ardente, pura!

TARDE ANTIGA

Era a mais suave, a mais azul das tardes...
tão calma que só podera ter sido
naqueles tempos do bom Reyno Unido
de Portugal, Brasil & Algarve...
Te lembras dessas tardes, Dom João VI?
Pois foi por uma dessas nossas tardes.
Estava eu a meditar um texto

do meu querido Manuel Bernardes

eis senão quando... nada aconteceu:
apenas, eu... não era eu...
nem tu o Rei... as almas não têm nome...
e - no Todo onde tudo se consome -
a mesma pura chama consumia
minha miséria e tua hierarquia!

ENCANTAÇÃO DA PRIMAVERA

Brotam brotinhos na tarde feita
Só de suspiros:
O amor é um vírus...
Apenas o general de bronze continua de bronze!
O vento desrespeita todos os sinais do tráfego.
Velhinhos de gravata borboleta
Sobem e descem como autogiros.
O guarda do trânsito virou catavento.
As mulheres são de todas as cores como esses
manequins expostos nas vitrinas,
E onde é que estão, me conta, as tuas esperanças
mortas?!
Lá vão elas tão lindas - vestidas de verde
Como Ofélias levadas pelos rios em fora
Enquanto eu nem me atrevo a olhar para o alto:
repara se não é
O Espírito Santo que vem descendo em lento voo
E até ele, até Ele, deve estar, assim - todo irisado
Como os olhos das crianças, como as maravilhosas
bolinhas de gude!
Não... Deve ser algum disco voador, apenas...
Ou então, uma dessas boas Irmãs de largas toucas
brancas,
As mãos ao peito,
E que no céu deslizam como planadores.
Mas olha: mansamente la vem atravessando a rua
Uma linda avozinha com sua neta pela mão.
(Uma avozinha consigo mesma pela mão!)
Bem... depois disto.., não me perguntes nada, nada.

A Primavera mora no País do Agora!

Rãzinha verde, tu nem sabes quanto
foi o bem que eu te quis, ao encontrar-te...
tu me deste a alegria franciscana
de não tugires ao sentir meu passo.
Tão linda, tão magrinha, pel e ossos,
decerto ainda nem comeras nada...
minha pequena bailarina pobre!
Se eu fosse bicho... sabe lá que tontos
que verdes amores seriam os nossos...
Mas, se fosses gente, iríamos morar
sob um céu oblíquo de água-furtada,
um céu cara a cara só nosso -
e aonde apenas chegasse o canto das cigarras
e o vago marulho do mundo afogado...

Mario, larga de ti esses berloques
e bandeirolas multicoloridas,
rasga essa fantasia...
e vem lançar teu uivo solitário
às estrelas, acesas e perdidas
por todo esse negror em que, perdidas,
vivem sonhando aonde irão...
e um dia... pode ser que Deus... então
te mostre a verdadeira luz - a Luz Primeira!
Mas tu, enovelando-te que nem um mundo
desses tantos que rolam por aí,
assim te fecharás - de orgulho ou medo
como um bicho-de-conta, em Sua mão...

(E hão de guardar, os dois, o seu segredo!)

Eu Sou AQUELE
Para Carlos Nejar

Eu sou aquele que, estando sentado a uma janela,
a ouvir o Apóstolo das Gentes,
adormeci e caí do alto dela.
Nem sei mais se morri ou fui miraculado:

consultai os Textos, no lugar competente
o que importa é que o Deus que eu tanto ansiava
como uma luz que se acendesse de repente,
era-me vestido com palavras e mais palavras

e cada palavra tinha o seu sentido...
Como as entenderia eu tão pobre de espírito
como era simples de coração?

E pouco a pouco se fecharam os meus olhos...
e eu cada vez mais longe.., no acalanto
de uma quase esquecida canção...

Eu Ouço MúsicA

Eu OUÇO música como quem apanha chuva:
resignado
e triste
de saber que existe um mundo
do Outro Mundo...

Eu OUÇO música como quem está morto
e sente
já
um profundo desconforto
de me verem ainda neste mundo de cá...

Perdoai,
maestros,
meu estranho ar!

Eu ouço música como um anjo doente
que não pode voar.

O VELHO DO ESPELHO

Para Paulo Ronái

Por acaso, surpreendo-me no espelho: quem é esse
Que me olha e é tão mais velho do que eu?
Porém, seu rosto... é cada vez menos estranho...
Meu Deus, meu Deus... Parece
Meu velho pai - que já morreu!
Como pude ficarmos assim?
Nosso olhar - duro - interroga:
"O que fizeste de mim?!"
Eu, Pai?! Tu é que me invadiste,
Lentamente, ruga a ruga... Que importa?! Eu sou,
ainda,
Aquele mesmo menino teimoso de sempre
E os teus planos enfim lá se foram por terra.
Mas sei que vi, um dia - a longa, a inútil guerra! -
Vi sorrir, nesses cansados olhos, um orgulho triste...

A GRANDE ENCHENTE

Cadáveres de Ofélias e cadelas mortas
virão parar por um instante às nossas portas.

Porém - sempre à mercê dos redemoinhos -
prosseguirão depois seus incertos caminhos...

Quando a água alcançar as mais altas janelas
eu pintarei rosas de fogo em nossas faces amarelas.

Que importa o que há de vir? Tudo é poupado aos
loucos
e os loucos tudo se permitem. Vamos!

Espíritos de deuses, sobre as águas pairamos.
Alguns de nós dizem que apenas somos nuvens...
Outros, uns poucos,
dizem que somos nada mais que mortos...
Mas não avisto, lá embaixo, os nossos próprios
defuntos... E em vão, também, olho em redor...

Onde é que estão vocês,
amigos, amigas, dos primeiros e dos ultimos dias?

É preciso, é preciso, é preciso continuarmos juntos!

E, então, num último, e diluído, e triste pensamento
eu sinto que o meu grito é só a voz do vento...

FIM DO MUNDO

Ponho-me às vezes a cismar como seria belo o fim
do mundo,
Antes de Cristo...
Nos campos verdes
Decorativas ossadas
Brancas geometrias.

Na cidade morta
Colunas. O azul, imóvel, sonha
A ultima asa.

A folha,
Graça infinita,

Se desprende e tomba

No tanque: leve sorriso da agua...

Porém, quando este mundo cibernético for para o
Diabo que o forjicou
E todas as nossas bugigangas eletrônicas virarem
sucata

411

E todas as estrelas perderem os seus nomes,
Os únicos poetas que os sobreviventes entenderão
São os que hoje ainda falam no cricrilar dos grilos,
no frêmito
Do primeiro
Amor...

Redescobridores encantados da poesia
Esses pobres homens não serão nem ao menos
arqueólogos
E nós descansaremos, finalmente, em paz!

ELEMENTAR, MEU CARO WATSON...

I

Nas entrelinhas desta novela policial
Espia-me
Um pensamento de Pascal
E eu penso como, até ele, deveria sentir-se mal
com a COISA que o espiava, sempre e sempre, dentre os seus
pensamentos
E era muito, muito mais effroyable que o seu infinito pesadelo sideral,
Porque ficava atrás de todas as estrelas...

II

(A COISA, não: a OUTRA COiSA.)

III

Deus transcende de Deus...

412

IV

(Leve sorriso da água, cada vez mais lese e mais distante, toda vez
que uma folha tomba...)

V

Ah, este suspense eterno!
Quando as gotas se agitam, jorram, transbordam,
matam, catastróficas...

VI

E Ele,
Quando Menino,
Se divertindo em atirar pedrinhas...

VII

(E só as crianças não se assustam de nada)

VIII

Mas há os que se refugiam de Deus nas igrejas.

POEMAS PARA JULIANO O APÓSTATA

No tempo dos deuses tudo
era simples como eles
e natural e humano
e eles reinavam no mundo.

Mas veio um deus usurpador e único
e tornou o mundo incompreensível
porque o seu reino não era desse mundo.

E até hoje ninguém soube por que então ele expulsou
Os outros deuses

e ficou reinando sozinho
e fez todos os homens pecarem -
coisa que eles jamais haviam feito antes -
porque pecar com inocência não é pecar...

E os homens conheceram o terror maravilhoso do
peCado
- e assim o novo deus lhes trouxe uma volúpia nova.

O DEUS Vivo

Deus não está no céu. Deus está no fundo do poço
onde o deixaram tombar.

- Caim, o que fizeste do teu Deus?!

Suas unhas ensangüentadas arranham em vão as
paredes escorregadias.
Deus está no inferno...

É preciso que lhe emprestemos todas as nossas forças
todo o nosso alento
para trazê-lo ao menos à face da terra.

E sentá-lo depois à nossa mesa
e dar-lhe do nosso pão e do nosso vinho.

E não deixar que de novo se perca.
Que de novo se perca... nem que seja no céu!

A Luta

Quando eu era pequenino
Atirava rimas ao poema
Como ossos a um cãozinho...

Eu cresci. Ele cresceu. Agora...
Quem é ele e quem sou eu,
Que não mais nos conhecemos?

Quando, agora, a sós ficamos,
Nous hurlons de nous trouver ensemble:
Quase que nos devoramos...

Mas vem a aurora apagadora de lampiões
E vem, pé ante pé, a hora
Burguesa e triste do café

(Pelas encostas do tempo
Soluçam rimas de outrora...)

E fica tudo para o próximo
Round!

DEPOIS DO FIM

Brotou uma flor dentro de uma caveira.
Brotou um riso em meio a um Deprofundis.
Mas o riso era infantil e irresistível,
As pétalas da flor irresistivelmente azuis...
Um cavalo pastava junto a uma coluna
Que agora apenas sustentava o céu.

A missa era campal: o vendaval dos cânticos
Curvava como um trigal a cabeça dos fiéis.
Já não se viam mais os pássaros mecânicos.
Tudo já era findo sobre o velho mundo.
Diziam que uma guerra simplificara tudo.
Ficou, porém, a prece, um grito último da
esperança...

Subia, às vezes, no ar, aquele riso inexplicável
de criança
E sempre havia alguém re-inventando amor.

TÃO SIMPLESMENTE

Tudo se fazia tão simplesmente:
as chinoquinhas pintavam as faces
papel de seda vermelho,

os negrinhos tocavam pente
com papel de seda branco,
as mocinhas da casa punham papelotes
antes de irem dormir...
e aplicava-se a Naravilha Curativa
para todas as dores
menos para as dores de amores,
que já eram as mesmas de sempre!

CAVALO DE FOGO

Mas a minha mais remota recordação
só muito tempo depois eu vim a saber que era um
cometa

e precisamente o cometa de Halley
- maravilhoso Cavalo Celestial
com a sua longa cauda vermelha atravessando,
ondulante, de lado a lado,
bem sobre o meio do mundo,
a noite misteriosa do patio...
Jamais esquecerei a sua aparição
porque
naquele tempo de espantos e encantos
o cometa de Halley não se contentava em parecer
um cavalo, apenas:
o cometa de Halley era um cavalo!

ALGUMAS VARIAÇÕES SOBRE UM MESMO TEMA

As vacas voam sempre devagar
porque elas gostam da paisagem.
Porque, para elas, o encanto único de uma viagem
é olhar, olhar...

II

Partir... tão bom! Mas para que chegar?

III

O melhor de tudo é embarcarmos num poema...
Carlos Drummond, um dia, me pôs de passageiro num
poema seu.
Ah, seu Carlos maquinista, até hoje ainda não
encontrei palavras para agradecer-lhe..
Mas que longa, longa viagem será!

IV

E das janelinhas do trenzinho-poema
abanaremos para os brotinhos do futuro.
Ui, como serão os brotinhos do século XXIII,
meu Deus do Céu?
Pergunta boba! Em todas as épocas da História
um brotinho é um brotinho é um brotinho...

V

Tenho pena, isto sim, dos que viajam de avião a
jato:
só conhecem do mundo os aeroportos...
E todos os aeroportos do mundo são iguais,
excessivamente sanitarios
e com anúncios de Coca-Cola.

VI

Nada há, porém, como partir na lírica desarrumação
da minha cama-jangada
Onde escrevo noite adentro estes poeminhas com a
esferográfica:
a tinta - quem diria? - é verde, verde...
(o que não passará, talvez, de mera coincidência)

Dois VERSOS PARA GRETA GARBO

O teu sorriso é imemorial como as Pirâmides
e puro como a flor que abriu na manhã de hoje...

Força do Hábito

Um dia o meu cavalo voltará sozinho e, assumindo
sem querer a minha própria imagem e semelhança,
virá ler, naquele café de sempre, nosso jornal de cada
dia...

PAUVRE LELLIAN

Pobre Léllian! Vieram contar-me que caíste
muito fundo... E, até nisso, foste quase genial...
Também! Um fauno à luz artificial
dos bares, onde esta vida consumiste,
só podia ter sido um fauno triste
e ter mesmo acabado muito mal
- exilado do mundo em que a mortal
angústia do pecado não existe -
pois o teu mundo se esvaiu um dia
diante da mágica do Sinal da Cruz...
e ficaste entre nós, fauno converso!
Mas vá a gente ler um só teu verso...
e a batalha entre os deuses e Jesus
de novo em nossas almas principia!

UM DIA ACORDARÁS
"Para Maria Helena, que me pedia
uma história bem romântica"

Um dia acordarás num quarto novo
sem saber como foste para lá
e as vestes que acharás ao pé do leito
de tão estranhas te farão pasmar,

a janela abrirás, devagarinho:
fará nevoeiro e tu nada verás...
Hás de tocar, a medo, a campainha
e, silenciosa, a porta se abrirá.

E um ser, que nunca viste, em um sorriso

triste, te abraçará com seu maior carinho
e há de dizer-te para o teu assombro:

- Não te assustes de mim, que sofro há tanto!
Quero chorar
- apenas - no teu ombro
e devorar teus olhos, meu amor...

NOTURNO I

Para Ruy Cirne Lima

Essa voz que se escuta de noite
- nota (ou sílaba?) que se prolonga indefinidamente,
que quer dizer? que nos quer dizer?
Talvez a nossa vida seja demasiadamente breve para
apreender-lhe
O sentido,
talvez nem cante para nós
mas
para
um eterno ouvido... Serão Anjos? Tristes Anjos,
que desconhecem
o maravilhoso espanto de viver por um só instante!

PRESENÇA

Para Lara de Lemos

É preciso que a saudade desenhe tuas linhas perfeitas,
teu perfil exato e que, apenas, levemente, o vento
das horas ponha um frêmito em teus cabelos...
É preciso que a tua ausencia trescale

sutilmente no ar, trevo machucado,
folhas de alecrim desde ha muito guardadas
não se sabe por quem nalgum móvel antigo.
Mas é preciso, também, que seja como abrir uma
janela
e respirar te, azul e luminoSa, no ar.
É preciso a saudade para eu te semtir
como sinto - em mim - a presença misteriosa
da vida...
Mas quando surges és tão outra e múltipla e
imprevista
que nunca te pareces com o teu retrato...
E eu tenho de fechar meus olhos para ver-te!

GUERRA

Os aviões abatidos
são cruzes caindo do céu..

DOGMA E RITUAL
Os dogmas assustam como trovões
e que medo de errar a seqüência dos ritos!
Em compensação,
Deus é mais simples do que as religiões.

Os GRILOS

Os grilos abrem frinchas no silêncio.
Os grilos trincam as vidraças negras da noite.
E o silêncio das vastas solidões noturnas
é uma rede tecida de cricrilos... Mas
impossível que haja tantos grilos no mundo,
pensa o Doutor... Sim, talvez seja um problema
do labirinto,
retruco, telepático. Mas eu só acredito no que está
nos meus poemas,
doutor... Meus poemas é que são os meus sentidos

e não esses, tão poucos, que se contam pelos dedos
e não passam de um único bicho estropiado de cinco
patas,
com que mal pode se locomover.
Chego ao fim da consulta como chego ao fim deste
soneto.
Fecha-se a porta do poema e saio para a rua:
...um pobre bicho perdido, perdido, perdido...

O PEREGRINO MALCONTENTE

Iamos de caminhada. O santo e eu.
Naquele tempo dizia-se: íamos de longada...
E isso explicava tudo, porque longa, longa era
a viagem...
Iamos, pois, o santo, eu, e outros.
Ele era um santo tão fútil que vivia fazendo milagres.
Eu, nada...
Ele ressuscitou uma flor murcha e uma criança
morta
E transformou uma pedra. na beira da estrada,
Em flor de lótus.
(Por que flor de lótus?)
Um dia chegamos ao fim da peregrinação.
Deus, então,
Resolveu mostrar que tamhém sabia faver milagres:

O santo desapareceu!
Mas como? Não sei! desapareceu, bem ali, diante
dos nossos olhos que a terra já comeu!
E nós nos prostramos por terra e adoramos ao
Senhor Deus todo-poderoso
E foi-nos concedida a vida eterna: isto!
Deus é assim.

SEGUNDO POEMA DIDÁTICO
Para Miranda Neto

Nós ainda estamos resolvendo os assuntos de Roma,
nós somos Roma
e o velho Egito e Nínive e Babilônia...
E,
apesar das brincadeiras laboratoriais,
ainda somos gerados da mesma maneira.
Nada nasce do ar.
Os próprios deuses,
tão diversos,
são,
conforme a vez, o tempo, a ocasião,
as fantasias sucessivamente usadas e despidas
pelo Deus único e verdadeiro.
Uma divina mascarada? Não!
Ele não tem a mínima culpa dos costureiros.
Por trás dos disfarces
no meio de todos e de tudo
sorri, complacentemente,
o Deus Nu.
Sorri, sobretudo,
para o poeta que toca o pandeiro
a lira
o pífano
o violoncelo profundo
enquanto,
ao pé de todas as cruzes,
soldados jogam aos dados
os destinos de Roma e do mundo.

A MORTE É QUE ESTÁ MORTA
Para José Régio

A morte é que está morta.
Ela é aquela Princesa Adormecida
no seu claro jazigo de cristal.

Aquela a quem, um dia - enfim -, despertarás...

E o que esperavas ser teu suspiro final
é o teu primeiro beijo nupcial!

- Mas como é que eu te receava tanto
(no teu encantamento lhe dirás)
e como podes ser assim tão bela?!
Nas tantas buscas, em que me perdi,
vejo que cada amor tinha um pouco de ti...

E ela, sorrindo, compassiva e calma:

- E tu, por que é que me chamavas Morte?
Eu sou, apenas, tua Alma...

ALMA PERDIDA

Depois que é o corpo arremessado sobre o cais do
sono
Quem poderá dizer o que é feito da sua alma
milenária? Acaso
Ajunta-se às demais no primitivo abandono do
mundo
Acossadas em grutas
Em profundas florestas
Onde se desenrolam imensamente as serpentes
E arde em silenciosa brasa o olhar fixo das feras?
Ou prostra-se ante os Deuses bárbaros
Com seus látegos de raios
Os seus pés de pedra imóveis e pesados como
montanhas?

Ah! leva então muitos e muitos séculos até que
a madrugada
Feita do cricrilar dos derradeiros grilos
Das cabeleiras úmidas e pendidas dos salsos

Até que a mão da madrugada
Afague
Suavemente as feições do adormecido à deriva...

Sim! A noite, as almas deste mundo vagam em
alcatéias como Lobos,
O medo as traz úmidas e ferozes
E só uma ou outra - a minha? - às vezes, solitária,
fica...

Olha:
Aquele negro, aquele enorme cão uivando para a Lua!

Eu QUERIA TRAZER-TE UNS VERSOS MUITO LINDOS

Eu queria trazer-te uns versos muito lindos
colhidos no mais intimo de mim...
Suas palavras
seriam as mais simples do mundo,
porém não sei que luz as iluminaria
que terias de fechar teus olhos para as ouvir...
Sim! uma luz que viria de dentro delas,
como essa que acende inesperadas cores
nas lanternas chinesas de papel.
Trago-te palavras, apenas... e que estão escritas
do lado de fora do papel... Não sei, eu nunca
soube
o que dizer-te
e este poema vai morrendo, ardente e puro, ao vento
da Poesia...
como
uma pobre lanterna que incendiou!

SONATINA LUNAR

Os padeiros da lua
derrubam farinha
na noite retinta.
Quem ganha? É o chão

que se pinta e repinta
de giz e carvão.

Rendilha de aranha
na face encantada,
moedinha de prata
escondida na mão,
minh'alma menina
fugiu para a mata.

Meu coração
bate sozinho
no velho moinho
da solidão.

Até eu me fujo...

Eu sou o corujo,

olhar enorme
que nunca dorme.
Nana, nana,

nina, uma,
alma menina...
E sonha comigo
por alguns instantes,
onde estejas tu...
Sonha comigo
como eu era dantes!

Os padeiros da lua
derrubam farinha...
O chão se repinta
de giz e carvão...

Sonha,
menina,
na mata assombrada
enquanto o moinho vai rangendo em vão.

O TEMPO

O despertador é um objeto abjeto.
Nele mora o Tempo. O Tempo não pode viver sem
nós, para não parar.
E todas as manhãs nos chama freneticamente como
um velho paralítico a tocar a campainha atroz.
Nós
é que vamos empurrando, dia a dia, sua cadeira de
rodas.
Nós, os seus escravos.
Só os poetas
os amantes
os bêbados
podem fugir
por instantes
ao Velho... Mas que raiva impotente dá no Velho
quando encontra crianças a brincar de roda
e não há outro jeito senão desviar delas a sua
cadeira de rodas!

Porque elas, simplesmente, o ignoram...

NUMISMÁTICA

A moeda de prata
é casta.
tem um brilho de luar.

A moeda de ouro
traz a efígie de um touro
solar.

Ela acende um brilho assassino
no olhar.

Com elas se compram cortesãs.

Com elas,
por causa delas,
repousam galeões no fundo do mar.

A moeda de ouro é pomposa
e vulgar
como o Rei-Sol.

A moeda de prata é uma rosa
lunar.

Uma rosa branca.

Não sei por que, parece
uma Ave-Maria...

PEDRA ROLADA

Esta pedra que apanhaste acaso à beira do caminho
tão lisa de tanto rolar
e macia como um animal que se finge de morto.

Apalpa-a... E sentirás, miraculosamente,
a suave serenidade com que os mortos recordam...

Mortos?! Basta-lhes ter vivido
um pouco
para jamais poderem estar mortos

e esta pedra pertence ainda ao universo deles.

Deposita-a
cuidadosamente
no chão...

Esta pedra está viva!

PESQUISA

Na gostosa penumbra da Biblioteca Pública,
leio velhos jornais
e
dos anúncios prescritos
das novidades caducas
dos poetas mortos há tanto tempo que parecem
de novo estreantes
das ferocíssimas campanhas politicas do ano de 1919
- brotam como balões meus sábados azuis,
as horas bebidas aos goles
(num copo azul),
e as ruas de poeira e sol onde bailam sozinhos
os meus sapatos de colegial.

O VIAJANTE

Eu, sempre que parti, fiquei nas gares
Olhando, triste, para mim...

NOTURNO ARRABALDEIRO

Os grilos... os grilos... Meu Deus, se a gente
Pudesse
Puxar
Por uma
Perna
Um só
Grilo,
Se desfiariam todas as estrelas!

MOMENTO

O mundo é frágil
E cheio de frêmitos
Como um aquário...

Sobre ele desenho
Este poema: imagem
De imagens!

O MENINO Louco

Eu te paguei minha pesada moeda,
Poesia...
Ó teus espelhos deformantes e límpidos
Como a água! Sim, desde menino,
Meus olhos se abriam insones como flores no escuro
Até que, longe, no horizonte, eu via
A Lua vindo, esbelta como um lírio...
As vezes numa túnica de Infanta
Sonâmbula... Às vezes virginalmente nua...
E era branca como as nozes que os esquilos
descascam na mata...
Pura como um punhal de sacrifício...
(Em meus lábios queimava-se, ignorada, a palavra
mágica!)

O CISNE
Para Augusto Meyer

O cisne que estava imóvel sobre o piano
Desliza agora sobre as águas negras
Ao som da valsa que eu tocava a quatro mãos

Com a menina Gertrudes
(Se fosse ao menos a Gertrude Stein!)
o nome da valsa não me lembro
(Seria o cúmulo se fosse aquela SOBRE AS ONDAS
Que se tocava tanto no fim do mundo)
E o pior de tudo é que as visitas aplaudiam
sinceramente.
"Que menino inteligente!"
(Ó tempos! Ó gente!) a menina Gertrudes
Era enjoada e pretensiosa como as suas calças de
babados

E olhava me com o ar de quem sabia coisas de que
eu não entendia nada:
A verdade
é que as meninas sabem mais do que sabem...
E havia
Um velho que me parecia mais velho do que todos os
retratos da sala
e que dizia sempre
Naquela sua VOZ de molas de relógios:
"Ai que catitas! Ai que catitas!"
E, com as palmas das visitas,
Nem se ouvia o rumor das águas infinitas
Que vinham subindo, subindo...

APONTAMENTOS PARA UMA ELÉGIA

Debruço me
Sobre mim
Com a melancolia
De quem contempla as Coisas disparatadas que há na vitrina de um bric...
Pobre alma, menina feia!
As lágrimas embaciam os teus óculos.
E o mais triste é que não são verdadeiras lágrimas,
São um mero subproduto do tempo,
Como esse pó de asas de mariposas
Que ele vai esfarelando, aqui e ali, sobre todas as cousas...

II

O meu Anjo da Guarda é dentuço,
Tem uma asa mais baixa que a outra.

III

Obrigado, meninazinha, por esse olhar confiante,
Pelo teu beijo como uma estrelinha...
Há muito que eu não me sentia assim, tão bem comigo...
Há muito que só me dirigiam olhares de interrogação!

IV

E obrigado, papel, por tua palidez de espanto.

V

Poeta, está na hora em que os galos móveis dos pára-raios
Bicam a rosa-dos-ventos,
Está na hora de trocares a tua veste feita de momentos...
Está na hora
E quando
aflito
Levas
Teu relógio ao ouvido,
Só ouves o misterioso apelo das águas cantando distantes!

O POEMA, ESSE ESTRANHO ANIMAL...

Como quem, nos meus campos natais, se perde
E solta confiantemente as rédeas,
Deixando que o cavalo encontre o rumo,
Quantas vezes deixei que a pena fosse andando...
e então
De ramos invisíveis pendem rimas
Como frutos
E o ritmo da andadura acorda ninhos

De sonhos... Seus cascos zrguem coloridas nuvens
Mas
Ele não quer saber de querências, de nada,
E só descobre estranhos descaminhos...
Por um deles vêm vindo os Três Reis Magos
E me perguntam se eu não vi a Estrela!
De outra feita é a figura altíssima de Dom Quixote.
É o Espantalho Desconhecido
É Jack o Estripador.
É Jesus Cristo com o Menino Jesus no colo.
É um robô. O poema toma o freio noS dentes
E o poeta cai morto e o leitor cai morto.
O cavalo volta
E cheira-os e vomita.
Enquanto isto, grandes Anjos da Guarda,
Perdidos,
De pés descalços
(Noto, naturalisticamente, como são afastados os
seus dedos)
Grandes Anjos da Guarda, com a mão em pala sobre
os olhos,
Procuram em vão...

A SURPRESA DE SER
Para Armindo Trevisan

A florzinha
Crescendo
Subia
Subia
Direito
Pro céu
Como na História de Joãozinho e o Pé de Feijão.
Joãozinho era eu
Na relva estendido
Atento ao mistério das formigas que trabalhavam
tanto...

432

E as nuvens, no alto, pasmadas, olhando...
E as torres, imóveis de espanto, entre vôos ariscos
Olhavam olhavam...
E a água do arroio arregalava bolhas atônitas
Em torno de cada pedra que encontrava...
Porque todas as coisas que estavam dentro do balão
azul daquela hora
Eram curiosas e ingênuas como a flor que nascia
E cheias do tímido encantamento de se encontrarem
juntas,
olhando-se...
A nuvem, a asa, o vento,
a árvore, a pedra, o morto...

SER E ESTAR

tudo o que está em movimento,
tudo o que está absorto...
aparente é esse alento
de vela rumando um porto
como aparente é o jazimento
de quem na terra achou conforto...

pois tudo o que é está imerso
neste respirar do universo

- ora mais brando ora mais forte
porem sem pausa definida -
e curto é o prazo da vida...

e curto é o prazo da morte.

433

ARRABALDE

As cercas alinham-se obedientes mas meio tortas
Como nos meus primeiros exercícios de caligrafia...
Chego a sentir o cheiro da tinta azul nos dedos
Em invisíveis borrões. Olho os meus dedos:
Leque metafísico. Quando deixarei de olhar os
meus dedos?
O mundo é mais vasto. A vaca muge,
Puxa-me ao presente... Vasto, vasto é o pasto!

VERÃO

No capinzal o meu cabelo cresce;
Pende, polpa madura, o lábio teu no fruto;
Todo o calor te diz: "Amadurece
Mais, ainda mais e tomba!"
Eu não espero
Vento nenhum que te derrube, eu quero
Que tombes, doce e morna, por ti mesma, onde
Mais sejas desejada e apetecida... Vem!
Faremos
De verdura acre
E doce polpa
Manjar que as reses lamberão
E virão farejar os animais noturnos

Antes de que nos sorva, lentamente, o chão...

CRONOLOGIA*

Para Eloy Calage

Roda a roda do sol ladeira abaixo

___

* Poema inexistente na 1a edição de 1976. (N. da Org.)

II

Esquina do Espanto
Susto

III

Agora, este aranhol de rugas:
Tão belo, apesar de tudo...

IV

Eu terei até a volúpia de apodrecer!

DE GRAMÁTICA E DE LINGUAGEM

E havia uma gramática que dizia assim:
"Substantivo (concreto) é tudo quanto indica
Pessoa, animal ou cousa: João, sabia, caneta."
Eu gosto é das cousas. As cousas, sim!...
As pessoas atrapalham. Estão em toda parte.

Multiplicam-se em excesso.
As cousas são quietas. Bastam-se. Não se metem com
ninguém.

Uma pedra. Um armário. Um ovo. (Ovo, nem sempre,
Ovo pode estar choco: é inquietante...)
As cousas vivem metidas com as suas cousas.
E não exigem nada.
Apenas que não as tirem do lugar onde estão.
E João pode neste mesmo instante vir bater a nossa
porta.
Para quê? não importa: João vem!
E há de estar triste ou alegre, reticente ou falastrão,
Amigo ou adverso... João só será definitivo
Quando esticar a canela. Morre, João...
Mas o bom, mesmo, são os adjetivos,
Os puros adjetivos isentos de qualquer objeto.

Verde. Macio. Aspero.
Rente. Escuro. Luminoso.
Sonoro. Lento. Eu sonho
Com uma linguagem composta unicamente de
adjetivos
Como decerto é a linguagem das plantas e dos animais.
Ainda mais:
Eu sonhO com um poema
Cuj as palavras sumarentas escorram
Como a polpa de um fruto maduro em tua boca,
Um poema que te mate de amor
Antes mesmo que tu lhe saibas o misterioso sentido:
Basta provares o seu gosto...

NOTURNO II

Os fantasmas rasgaram as fimbrias no tic-tac dos
despertadores...
Bem feito! São tão antiquados que ainda usam
limbrias...

Oh! esses despertadores São gatos metálicos
Que rasgam as fímbrias das almas.
Dos vivos e mortos...
Para eles é tudo sucata
Frágil, corosca
De barbante, coisa ótima
Para afiarem os dentes eternos do Instante! A espaços,
No siléncio das casas,
Quebrando o monótono tiquetaquear do tempo,
A tosse asmática do refrigerador
Ou esse fundo suspiro

(De quem?)
Que se some no ralo misterioso da pia...
Enquanto isto, na parede das salas,
Os velhos retratos aproveitam o escuro para
amarelecerem
Um pouco mais
Até que chegue o dia lúcido

E seja tudo, apenas, doido sonho noturno
Que um sorriso...
Que o teu sorriso de criança apaga!

COCKTAIL PARTY

Não tenho vergonha de dizer que estou triste,
Não dessa tristeza criminosa dos que, em vez de
se matarem, fazem poemas:
Estou triste porque vocês são burros e feios
E não morrem nun a...
Minha alma assenta-se no cordão da calçada
E chora,
Olhando as poças barrentas que a chuva deixou.
Eu sigo adiante. Misturo-me a vocês. Acho vocês
uns amores.
Na minha cara há um vasto sorriso pintado a vermelhão.
E trocamos brindes,
Acreditamos em tudo o que vem nos jornais.
Somos democratas e escravocratas.
Nossas almas? Sei la!
Mas como são belos os filmes coloridos!
(Ainda mais os de assuntos bíblicos...)
Desce o crepúsculo
E, quando a primeira estrelinha ia refletir-se em todas
as poças dagua,
Acenderam-se de subito os postes de iluminação!

A CARTA

Hoje encontrei dentro de um livro uma velha carta
amarelecida,
Rasguei a sem procurar ao menos saber de quem seria...
Eu tenho um medo
Horrível
A essas marés montantes do passado,
Com suas quilhas afundadas, com

Meus sucessivos cadáveres amarrados aos mastros
e gáveas...
Ai de mim,
Ai de ti, ó velho mar profundo,
Eu venho sempre à tona de todos os naufrágios!

OPERAÇÃo ALMA

Há os que fazem materializações...
Grande coisa! Eu faço desmaterializações.
Subjetivações de objetos.
Inclusive sorrisos,
Como aquele que tu me deste um dia com o mais puro
azul de teus olhos
E nunca mais nos vimos. (Na verdade, a gente nunca
mais se vê...) No entanto,
Há muito que ele faz parte de certos estados do céu,
De certos instantes de serena, inexplicável alegria,
Assim como um vôo sozinho põe um gesto de adeus
na paisagem,
Como uma curva de caminho,
Anônima,
Torna-se às vezes a maior recordação de toda uma
volta ao mundo!

POEMA DA GARE DE ASTAPOVO

O velho Leon Tolstoi fugiu de casa aos oitenta anos
E foi morrer na gare de Astapovo!
Com certeza sentou-se a um velho banco,
Um desses velhos bancos lustrosos pelo uso
Que existem em todas as estaçõezinhas pobres
do mundo,
Contra uma parede nua...
Sentou-se... e sorriu amargamente
Pensando que
Em toda a sua vida
Apenas restava de seu a Glória,

Esse irrisório chocalho cheio de guizos e fitinhas
Coloridas
Nas mãos esclerosadas de um caduco!
E então a Morte,
Ao vê-lo tão sozinho àquela hora
Na estação deserta,
Julgou que ele estivesse ali à sua espera,

Quando apenas sentara para descansar um pouco!
A Morte chegou na sua antiga locomotiva
(Ela sempre chega pontualmente na hora incerta...)
Mas talvez não pensou em nada disso, o grande Velho,
E quem sabe se até não morreu feliz: ele fugiu...
Ele fugiu de casa...
Ele fugiu de casa aos oitenta anos de idade...
Não são todos os que realizam os velhos sonhos da
infância!

RETRATO NO PARQUE

Como se fosse numa tela
De Marie Laurencin,
O que se vê são seus olhos
De animalzinho atento.

Tudo é tão atmosfera,
O gesto, a cor, o movimento
Que se supõe seja ela
Uma inventiva do vento.

Talvez não esteja pronta...
Porem, em tanto mutar,
Tem aqueles olhos graves
E os seios bem no lugar.

PRIMAVERA

O mantO
da primavera ondula tanto
que mal se pode ver a libélula translúcida

ou dai nome a pequenina asa arrebatada úmida
à água em redemoinho onde roçara
o vôo diagonal

nem distinguir as cores
das flores da margem porque tudo
está bordado no vento

e só a luz
direta e reta
conta as inquietas borbulhas à tona
e as pedras redondas do fundo do arroio.

O poeta
adolescente
varado de súbito amor

inventa um bandolim de azul e de cordas de vento

e canta! Nas varandas rendilhadas
suspiram mil e uma princesas encantadas...

O vento vai virando as páginas.
A partitura está em meio...

E quando
A tarde é uma pantera atrás das venezianas
E a mão desnuda o seio...

O CAMINHO

Passa o Rei com seu cortejo.
Passa o Deus no seu andor.
E, milênios depois, neste caminho, apenas
Ainda sopra o vento nas macieiras em flor...

Os PÉS

Meus pés no chão
Como custaram a reconhecer o chão!
Por fim os dedos dessedentaram-se no lodo macio,
agarraram-se ao chão...
Ah, que vontade de criar raízes!

NOTURNO III

Os cuidados se foram, ou tomaram
Estranhas máscaras de sonho...

Teus cabelos de náufrago
Estão bordados no brancor da fronha.

E onde foste arranjar essas mãos de cera
Que parecem levemente Luminosas no escuro?

Toda a casa encalhou nalgum porto noturno:
Ninguém no cais deserto...

Apagaram-se os grilos,
As estrelas estão imóveis e tristes como num mapa
sideral.

Nunca estiveram também tão fixos os olhos dos
retratos,
Como se fossem apenas fotografias.

O único rumor de vida,
Esse vem de muito, muito Longe: o pobre arroio antigo

Gota a gota a fluir no soluço da pia!

POEMA DE CIRCUNSTÂNCIA

Onde estão os meus verdes?
Os meus azuis?
O Arranha-Céu comeu!
E ainda falam nos mastodontes, nos brontossauros, nos tirànossauros,
Que mais sei eu...
Os verdadeiros monstros, os Papões, são eles, os arranha-céus!
Daqui
Do fundo
Das suas goelas,
Só vemos o céu, estreitamente, através de suas empinadas gargantas ressecas.
Para que lhes serviu beberem tanta luz?!
Defronte
À janela aonde trabalho
Há uma grande árvore...
Mas já estão gestando um monstro de permeio!
Sim, uma grande árvore... Enquanto há verde,
Pastai, pastai, olhos meus...
Uma grande árvore muito verde... Ah,
Todos os meus olhares são de adeus
Como o último olhar de um condenado!

TRECHO DE DIÁRIO

Hoje me acordei pensando em uma pedra numa rua de Calcutá.
Numa determinada pedra em certa rua de Calcutá.
Solta. Sozinha. Quem repara nela?
Só eu, que nunca fui lá,
Só eu, deste lado do mundo, te mando agora esse pensamento...
Minha pedra de Calcutá!

SAÍDA DA ESCOLA

Nós marchávamos ao assalto
Do mundo, pelas calçadas claras:
Tac! tac! a Marselhesa dos sapatos!
As tuas tranças pareciam loucas,
Adalgisa, Nora, Lurdes,
E nos teus olhos riam bandeirolas...

IF...

E até hoje não me esqueci
Do Anjo da Anunciação no quadro de Botticelli:
Como pode alguém
Apresentar-se ao mesmo tempo tão humilde e cheio
de tamanha dignidade?
Oh! tão soberanamente inclinado...
Se pudéssemos ser como ele!
Os Anjos dão tudo de si
Sem jamais se despirem de nada.

UMA CANçÃO

Minha terra não tem palmeiras...
E em vez de um mero sabiá,
Cantam aves invisíveis
Nas palmeiras que não há.

Minha terra tem relógios,
Cada qual com a sua hora
Nos mais diversos instantes...
Mas onde o instante de agora?

Mas onde a palavra "onde"?
Terra ingrata, ingrato filho,
Sob os céus da minha terra
Eu canto a Canção do Exilio!

OUtRA CANÇÃO

Para Celso e Lya Luft

Não me deixem ir tão só -
Tão só, transido de frio...
Eu quero um renque de vozes
Por toda a margem do rio!
Como alguém que adormecendo
E umas vozes escutando,
Nem soubesse que as ouvia,
Nem soubesse que as ouvia,
Ou se as estava sonhando,

Eu quero um renque de VOZes
Por toda a margem do rio:
Vozes de amigo calor
Na lenta e escura descida
Como lanternas de cor
E aonde mais longe eu me for
(Quanto mais longe da vida!)
A borboleta perdida
Da tua voz, pobre amor...

SONOMAR

O bom do SOno é mesmo o sonomar
O sono de alto-mar sem terra à vista
Onde és como um barco sem barqueiro
Cujo rumo é traçado pelo ar...
Mas no fundo do mar Se tem vasos barrocos!
Viste? Água não tem e não tem sol nem lua
E essa luz, que parece que flutua,
É a mesma dos lampiões de acetileno
Daquela antiga, pequenina rua...
Mortos? Nenhum... Nem vivos... Eles são
Habitantes de um trêmulo intermundo
E nunca se detêm mais que um segundo
Ante o parado olhar dos escatandros.
E onde o relógio é um animal estranho

Incompreensível e sem nome algum
E o tempo ondeia sem medida exata
E onde nada se encontra e tudo se acha,
Por que é que vieste intruso devassar
Essas formas e faces e esse mundo
Onde o enigma és tu?
Retorna, irmão:
O bom do sono é mesmo o sonomar!

HISTÓRIA MÁGICA

Era um perfume tão pesado que os corpos se amolentavam,
rendidos, e uma névoa de banho de vapor esfumava o contorno
das flores de pétalas abertas, dos frutos enormes, que pareciam
prestes a cair. Não se sabia se eram cobras dormentes, ou lianas
semivivas, aquelas coisas pendidas das galharias... Pássaros não se
viam, nem sáurios furtivos, nem grandes ou pequenos
quadrúpedes. Mas gritos misteriosos, que a gente não podia identificar,
feriam de quando em quando os ouvidos, acordando os do torpor
em que os adormecia o zumbir ininterrupto dos insetos. Os pés
chapinhavam, como em barro, no musgo verdolengo que tapetava
o chão.

Caminhavamos, arquejávamos, sem dizer palavra. O nosso guia
e rei seguia a frente, invisível, sua presença acusando-se (nas horas
de maior angústia, parecia) por um agitar frenético de guizos. Um
dia, não mais o escutamos e cada qual, com um ingrato alivio,
seguiu o seu próprio caminho. Cada qual se extraviou, sentou-se,
enfim, para morrer.

E cada um morria pensando invejosamente que os outros
houvessem encontrado alguma coisa, uma fonte de virtudes nunca
imaginadas, uma princesa, um mágico, algum deus ainda bárbaro
ou no seu mais adiantado estagio, mas sempre um deus, mas
sempre alguma coisa. Pensava em tudo isto, sim... e sentia, no entanto,
um monstruoso orgulho de morrer sozinho...

445

CANÇÃO DO FUNDO DO TEMPO

Longe andava o meu olhar.
Longe andava...
Creio que jamais te vi...
Linda corça enrodilhada
À espera do sacrifício,
Parece que te vejo agora
Só agora!
Levemente desenhada
Nos móveis biombos do tempo
Feitos de água e de gaze...
Ah! se eu pudesse jogar-me
Às águas que já passaram,
Decerto que morreria
Ou ficaria mais louco
Do que os anjos rebelados:
Ninguém quebra a lei do tempo,
Basta os cabelos de mortos
Que se enroscam em meus dedos,
Basta as vozes tão amadas
Que me chamam de tão longe...
Ah, decerto que eu morreria,
Se é que já não morri!
Longe andava o meu olhar.
Longe andava...
Por trás dos muros do tempo,
As pessoas que eu amava
Amaram-se entre si.

SEMPRE

Sou o dono dos tesouros perdidos no fundo do mar.
Só o que está perdido é nosso para sempre.
Nós só amamos os amigos mortos

E só as amadas mortas amam eternamente...

ENTRE-SONO

A manhã se debruça ao peitoril,
Não sei por que está gritando: abril, abril!
Há, por vezes, manhãs que são sempre de abril...
A manhã, com todas as suas árvores ao vento,
Traz-me as primeiras notícias da frota do
Descobrimento,
Sem reparar na presença dos arranha-céus.
Mas eu nem abro os olhos: vou dormir...
Creio que ainda chegarei a tempo
Para a Primeira Missa no Brasil.

AULA INAUGURAL

É verdade que na Ilíada não havia tantos heróis
como na guerra do Paraguai...
Mas eram bem falantes
E todos os seus gestos eram ritmados como num
balé
Pela cadência dos metros homéricos.
Fora do ritmo, só há danação.
Fora da poesia não há salvação.
A poesia é dança e a dança é alegria.
Dança, pois, teu desespero, dança
Tua miséria, teus arrebatamentos,
Teus júbilos
E,
Mesmo que temas imensamente a Deus,
Dança, como Davi diante da Arca da Aliança;
Mesmo que temas imensamente a morte
Dança diante da tua cova.
Tece coroas de rimas...
Enquanto o poema não termina
A rima é como uma esperança
Que eternamente se renova.
A canção, a simples canção, é uma luz dentro da
noite.

(Sabem todas as almas perdidas...)
O solene canto é um archote nas trevas.
(Sabem todas as almas perdidas...)

Dança, encantado dominador de monstros,
Tirano das esfinges,
Dança, Poeta,
E sob o aéreo, o implacável, o irresistível ritmo
de teus pés,
Deixa rugir o caos atônito...

CADEIRA DE BALANÇO

Quando elas se acordam
do sono, se espantam
das gotas de orvalho
na orla das saias,
dos fios de relva
nos negros sapatos,
quando elas se acordam
na sala de sempre,
na velha cadeira
em que a morte as embala...

E olhando o relógio
de junto à janela
onde a única hora,
que era a da sesta,
parou como gota
que ia cair,
perpassa no rosto
de cada avozinha
um susto do mundo
que está deste lado...

Que sonho sonhei
que sinto inda um gosto
de beijo apressado?

diz uma e se espanta:
Que idade terei?
Diz outra: - Eu corria
menina em um parque...
e como saberia
o tempo que era?

Os pensamentos delas
já não têm sentido...

A morte as embala,
as avozinhas dormem
na deserta sala
onde o relógio marca
a nenhuma hora

enquanto suas almas
vêm sonhar no tempo
o sonho vão do mundo...
e depois se acordam
na sala de sempre
na velha cadeira
em que a morte as embala...

CANÇÃO DO POETA DIFICIL

A minha pena é áspera; a folha, que nem zinco!

Onde a cantiga tão doce
Que o meu amor cantava?

As palavras ficam-me nas linhas como urubus
plantados na cerca.

Quando eu era um passarinho
Morava numa gaiola
Que eu pensava que era um ninho...

Mas até onde, até onde eu vou puxar esta carreta?!

Quando eu era pequenino
Não usava ponto-e-vírgula...
Onde o arroio tão puro
Que de tão puro sumiu?

O PROFETA

Para os homens, que eram cegos,
Tu querias, Profeta, dizer a Verdade
E os olhos dos homens iluminaram-se de êxtase:
As tuas palavras estavam cobertas, ajaezadas,
Como esses cadáveres floridos de algas e espumas que
as dragas levantam do fundo do abismo...
Tu quiseste dizer a Verdade e disseste a Beleza!
E choraste.
Mas os anjos sorriam-te...
Porque a Beleza é a forma angélica da Verdade.

FUNÇÃO

Me deixaram sozinho no meio do circo
Ou era apenas um pátio uma janela uma rua uma
esquina

Pequenino mundo sem rumo

Até que descobri que todos os meus gestos
Pendiam cada um das estrelas por longos fios
invisíveis

E havia súbitas e lindas aparições como aquela das
longas tranças
E todas imitavam tão bem a vida
Que por um momento se chegava a esquecer a sua
cruel inocência de bonecas

E eu dizia depois coisas tão lindas
E tristes
Que não sabia como tinham ido parar na minha boca

E o mais triste não era que aquilo fosse apenas um
jogo cambiante de reflexos

Porque afinal um belo pião dançante
Ou zunindo imóvel
Vive uma vida mais intensa do que a mão ignorada
que o arremeSsou

E eu danço tu danças nós dançamos
Sempre dentro de um circulo implacável de luz
Sem saber quem nos olha atenta ou distraidamente
do escuro...

Os PRISIONEIROS

Os muros móveis do vento
Compõem minha casa-barco.
Quem foi que me prendeu por dentro
De uma gota d'água?
Tolice matar-se a gente
Só por isso...

Nem ele mesmo, o Grande Mágico,
Quebra o seu próprio feitiço!

ANÊ MONA

Não é preciso um verso... nem
Uma oração...
Basta que digas a palavra anêmona
tudo esqueceras, enredado na sua
Fantasmagórica palpitação.

451

O MORTO

Eu estava dormindo e me acordaram
E me encontrei, assim, num mundo estranho e
louco...

E quando eu começava a compreendê-lo
Um pouco,
Já eram horas de dormir de novo.

DIA SANTO EM 1923

Nas pedras irregulares do calçamento,
Como por sobre um dorso acidentado de tartaruga,
A carrocinha passa, aos solavancos...
Passam as moças de vestidos brancos
E risos multicores,
Que vão formar depois na procissão.
Os sinos
Chamam.
O poeta adolescente traz no bolso
O soneto que fez ontem de noite:
Só isso basta para justificar a vida,
O soneto não presta, a vida é boa,
Os sinos chamam para o amor!

CANÇÃO DE PRIMAVERA

Um azul do céu mais alto,
Do vento a canção mais pura
Me acordou, num sobressalto,
Como a outra criatura...

Só conheci meus sapatos
Me esperando, amigos fiéis,
Tão afastado me achava
Dos meus antigos papéis!

452

Dormi, cheio de cuidados
Como um barco soçobrando,
Por entre uns sonhos pesados
Que nem morcegos voejando...

Quem foi que ao rezar por mim
Mudou o rumo da vela
Para que eu desperte, assim,
Como dentro de uma tela?

Um azul do céu mais alto,
Do vento a canção mais pura
E agora... este sobressalto...
Esta nova criatura!

O MAPA

Olho o mapa da cidade
Como quem examinasse
A anatomia de um corpo...

(E nem que fosse o meu corpo!)

Sinto uma dor infinita
Das ruas de Porto Alegre
Onde jamais passarei...

Ha tanta esquina esquisita,
Tanta nuança de paredes,
Há tanta moça bonita
Nas ruas que não andei
(há uma rua encantada
Que nem em sonhos sonhei...)

Quando eu for, um dia desses,
Poeira ou folha levada
No vento da madrugada,
Serei um pouco do nada
Invisível, delicioso

Que faz com que o teu ar
Pareça mais um olhar,
Suave mistério amoroso,
Cidade de meu andar
(Deste já tão longo andar!)
E talvez de meu repouso...

UM VÔO DE ANDORINHA

Um vôo de andorinha
Deixa no ar o risco de um frêmito...
Que é isto, coração?! Fica aí, quietinho:
Chegou a idade de dormir!
Mas

Quem é que pode parar os caminhos?
E os rios cantando e correndo?
E as folhas ao vento? E os ninhos...
E a poesia...
A poesia como um seio nascendo...

ALEGRIA

Não essa alegria fácil dos cabritos monteses
Nem a dos piões regirando
Mas
Uma alegria sem guizos e sem panderetas...
Essa a que eu queria:
A imortal, a serena alegria que fulge no olhar dos
santos
Ante a presença luminosa da morte!

FRAGMENTO DE ODE

Camões,
Seu nome retorcido como um búzio!
Nele sopra Netuno...

AQUARELA DE Após-CHUVA

No peitoril de todas as janelas
Há uma flor convalescente...
No céu desenha-se um pálido sorriso...
Só o teu nome, que estava quase desmaiado no
meu peito,
Aviva-se em brasa como uma cicatriz!

NATUREZAS-MORTAS

Havia talhadas de melancia rindo...
E os difíceis abacaxis: por fora uma hispidez de
bicho insaciável;
Por dentro, uma ácida doçura...
Morno veludo de pêssegos...
Frescor saudoso de amoras...
E, a mais agreste e dócil das criaturinhas,
Cada pitanga desmanchava-se como um beijo
vermelho na boca.
Eu passo, sem querer, as costas da mão nos meus
lábios:
Não sei por que desenho essas coisas no tempo
passado...

TRISTEZA DE ESCREVER

Cada palavra é uma borboleta morta espetada na página:
Por iSSO a palavra escrita é sempre triste...

IN MEMORIAM

I

Seus poemas desenhavam seu fino hastil
suas corolas vibrantes como pequeninas violas
(ou era a vibração incessante dos grilos?)
seus poemas fiariam na tapeçaria ondulante dos
prados

455

onde os colhia a mão das eternamente amadas
(as que morreram jovem são eternamente amadas...)

II

Seus pOemas,
dentre as páginas de um seu livro,
apareciam sempre de surpresa,
e era como se a gente descobrisse uma folha seca
um bilhete de outrora
uma dor esquecida
que têm agora o lento e evanescente odor do
tempo...

III

E seus poemas eram, de repente, como uma prece
jamais ouvida
que nossos lábios recitavam - ó temerosa delícia!
como se, numa língua desconhecida,
sem querer, falassem
da brevidade
e da
eternidade da vida...

IV

Ah, aquela a quem seguiam os versos ondulantes
como dóceis panteras
e deixava por todas as coisas o misterioso reflexo
do seu sorriso;
e que na concha de suas mãos, encantada e aflita,
recebia
a prata das estrelas perdidas...

V

Nem tudo estará perdido
enquanto nossos lábios não esquecerem teu nome:
Cecilia.

TERRA

Terra! um dia comerás meus olhos...

Eles eram
No entanto
O verde único de tuas folhas
O mais puro cristal de tuas fontes...

Meus olhos eram os teus pintores!

Mas, afinal, quem precisa de olhos para sonhar?
A gente sonha é de olhos fechados.

Onde quer que esteja... onde for que seja...
Na mais densa treva eu sonharei contigo,
Minha terra em flor!

CANÇÃO PARA DEPOIS

A maneira de Cecilia

Quando esta pura voz que ouviste
Serenamente calar-se,
Como é que descobririas
O seu disfarce?

Não digas palavras loucas
Em meus ouvidos de pedra!
Não busques na voz do vento
Minha resposta...

Silêncio! E, depois, afasta
O passo que se avizinha.
Que ninguém veja esta face
Que não é minha!

TERCEIRO POEMA DE MUITO LONGE

Da última vez que atravessei aquele corredor escuro,
Ele estava cheio de passarinhos mortos.

SESTA ANTIGA

A ruazinha lagarteando ao sol.
O coreto de música deserto
Aumenta ainda mais o silêncio.
Nem um cachorro.
Este poeminho,
Brotado áspero e quebradiço,
É a única coisa do mundo.

CARTA DESESPERADA
Para Carlos Drummond deAndrade

Como é difícil, como é difícil, Beatriz, escrever uma carta...
Antes escrever os Lusíadas!
Com uma carta pode acontecer
Que cualquer mentira venha a ser verdade...
Olha! O melhor é te descrever, simplesmente,
A paisagem,
Descrever sem nenhuma imagem, nenhuma...
Cada coisa é ela própria a sua maravilhosa imagem!
Agora mesmo parou de chover.
Não passa ninguém. Apenas
Um gato
Atravessa a rua
Como nos tempos quase imemoriais
Do cinema silencioso...
Sabes Beatriz? Eu vou morrer!

NOTURNO IV

Aquela única janela acesa
No casario
Sou eu

Aquele balão fantasticamente familiar
Subindo
É a lua

Aquele grito súbito de mulher assassinada
É o rádio

Nós temos sentidos demais!

Por que não só a cor e o contato?
Que mais
Para o amor?
Palavras? Só as escritas,
Bastam as palavras escritas para um poema,
Sua música toda interior...

Quando muito uns pianíssimos sutis... Ah,

Tão sutis
Que não sabes nunca se os estas ouvindo
Ou só pensando neles...

TIA ÉLIDA

Sua alma dilacerada pelas renas da madrugada
Enevoa a minha vidraça.
- Deixaste mais uma vez a lâmpada acesa! - diz ela.
Essa tia Élida...
Tão viva, a coitada,
Que eu ainda me irrito com ela!

SAUDADE

Que me dizias, Augusto Meycr,
naquele tempo que não passa,
na mesa, junto à vidraça,
naquele bar que era um barco?

Por ela passavam mares,
passavam portos e portos,
ali que os ventos ventavam,
dos quatro cantos do mundo!

O que dizíamos? Sei lá!
não falemos em nossas vidas...
nem, por nós, se salvou o mundo...
Mas, Amigo, eu sei que tenho
- naquelas horas perdidas -
o meu ganho mais profundo!

ESTE QUARTO...
Para Guilhermina César

Este quarto de enfermo, tão deserto
de tudo, pois nem livros eu já leio
e a própria vida eu a deixei no meio
como um romance que ficasse aberto...
que me importa este quarto, em que desperto

como se despertasse em quarto alheio?
Eu olho é o céu! imensamente perto,
o céu que me descansa como um seio.

Pois só o céu é que está perto, sim,
tão perto e tão amigo que parece
um grande olhar azul pousado em mim.

A morte deveria ser assim:
um céu que pouco a pouco anoitecesse
e a gente nem soubesse que era o fim...

Os PARCEIROS

Sonhar é acordar-se para dentro:
de súbito me vejo em pleno sonho
e no jogo em que todo me concentro
mais uma carta sobre a mesa ponho.

Mais outra! É o jogo atroz do Tudo ou Nada!
E quase que escurece a chama triste...
E, a cada parada uma pancada,
o coração, exausto, ainda insiste.

Insiste em quê? Ganhar o quê? De quem?
O meu parceiro... eu vejo que ele tem
um riso silencioso a desenhar-se

numa velha caveira carcomida.
Mas eu bem sei que a morte é seu disfarce...
Como também disfarce é a minha vida!

MEMÓRIA DE PAULO CORRÊA LOPES

Tua poesia não leva à loucura; Poeta...
Porque sempre voltaste com uma voz mais pura,
Não a voz bramidora e cava dos profetas
Mas um fluir de pura fonte oculta
Na mata... E é como se ir andando descalço sobre
a relva
E descobrir de súbito o Trevo de Quatro Folhas
De que nem se sabia que andava à procura
E fica-se um tempo olhando, olhando, sem colhê lo.
E a tua voz é mansa como quem acaricia o pêlo
De um animal doente... Mas a verdade é que
Tua poesia faz bem à gente...

461

Por que infernos andou a tua pobre alma perdida
Para falar de Deus tão simplesmente
Que até deixaste uma esperança em nossa vida?

PARA TELMO VERGARA

Era uma rua tão antiga, tão distante
que ainda tinha crepúsculos, a desgraçada...
Acheguei-me a ela com este velho coração palpitante
de quem tornasse a ver uma primeira namorada

em todo o seu feitiço do primeiro instante.
E a noite, sobre a rua, era toda estrelada...
havia, aqui e ali, cadeiras na calçada...
E o quanto me lembrei, então, de um amigo
constante,

dos que, na pressa de hoje, nem se usam mais
como essas velhas ruas que parecem irreais
e a gente, ao vê-las, diz: "Meu Deus, mas isto é
um sonho!"

Sonhos nossos? Não tanto, ao que suponho...
São os mortos, os nossos pobres mortos que,
saudosamente,
estão sonhando o mundo para a gente!

IMEMORIAL

À noite pervaguei pelo Beco do Império
que há cinqüenta anos não existe mais
e as horríveis mulheres, nos portais,
estavam belas de eu sonhar com elas.

Um bêbado me olhava, muito sério.
"O meu velho Condessa, como vais?"
Porém, agora - eu é que era o velho
e ele nem me conhecia mais...

462

Tolice!... Ele, afinal, disse o meu nome!
Ah, sempre que se sonha alguma coisa
tem-se a idade do tempo em que as sonhamos:

Me esqueci do futuro... e Lá nos fomos
e a luz da Lua eterna, intemporal -

juntava numa as duas sombras gêmeas.
QUEM SERÍAMOS?

Veio um instante, partiu de novo,
Leve, sem nome...

Para que nomes? Era azul e voava...
No véu das horas punha o seu motivo.
Partiu. E nem
Ficou sabendo
Como eu acaso me chamava.

POESIA PURA

Um lampião de esquina
Só pode ser comparado a um lampião de esquina,
De tal maneira ele é ele mesmo
Na sua ardente solidão!

BIOGRAFIA

Entre o olhar suspeitoso da tia
E,o olhar confiante do cão
O menino inventava a poesia...

O POETA E A SEREIA

Sereiazinha do rio Ibira...
FEIOSa,

Até sardas tem.
Cantar não sabe:

Olha e me quer bem.
Seus ombros tém frio.
Embalo-a nos joelhos,
Ensino-lhe catecismo
E conto histórias que inventei especialmente para
o seu espanto.

Um dia ela voltou para o seu elemento!

Sereiazinha,
Eu é que sinto frio agora...

O POETA E A ODE

Sua firme elegância.
Sua força contida.
O poeta da ode
É um cavalo de circo.

Em severa medida
Bate o ritmo dos cascos.
De momento a momento,
Impacto implacável,
Tomba o acento na sílaba.

Dura a crina de bronze.
Rijo o pescoço alto.
Quem lhe sabe da tensa
Fúria, do sagrado
Ímpeto de vôo?

Nobre animal, o poeta.

BEM-AVENTURADOS

Bem-aventurados os pintores escorrendo luz
Que se expressam em verde
Azul
Ocre

Cinza
Zarcão!

Bem-aventurados os músicos..
E os bailarinos
E os mímicos
E os matemáticos...
Cada qual na sua expressão!

Só o poeta é que tem de lidar com a ingrata
linguagem alheia...

A impura linguagem dos homens!

ESCONDERIJOS DO TEMPO

(1980)

Um velho relógio de parede
Numa fotografia
- está parado?

("Caderno H")

Para
Nídia e Josué Guimarães,
meus amigos e companheiros
no descobrimento destes esconderijos...

Os POEMAS

Os poemas são pássaros que chegam
não se sabe de onde e pousam
no livro que lês.
Quando fechas o livro, eles alçam vôo
como de um alçapão.
Eles não têm pouso
nem porto
alimentam-se um instante em cada par de mãos
e partem.
E olhas, então, essas tuas mãos vazias,
no maravilhado espanto de saberes
que o alimento deles já estava em ti...

O SILÊNCIO

Há um grande silêncio que está sempre à escuta...

E a gente se põe a dizer inquietamente qualquer coisa,
qualquer coisa, seja o que for,
desde a corriqueira dúvida sobre se chove ou não chove
até a tua dúvida metafísica, Hamleto!

E, por todo o sempre, enquanto a gente fala, fala, fala
o silencio escuta...
e cala.

A CANÇÃO DO MAR

Esse embalo das ondas
Das ondas do mar
Não é um embalo
Para te ninar...

O mar é embalado
Pelos afogados!

O canto do vento
Do vento no mar
Não é um canto
Para te ninar...

São eles que tentam
Que tentam falar!

Tiveram um nome
Tiveram um corpo
Agora são vozes
Do fundo do mar...

Um dia viremos
Vestidos de algas

Os olhos mais verdes
Que as ondas amargas

Um dia viremos
Com barcos e remos

Um Dia...
Dorme, filhinha
São vozes, são vento, são nada...

Eu Fiz UM POEMA

Eu fiz um poema belo
e alto
como um girassol de Van Gogh
como um copo de chope sobre o mármore
de um bar
que um raio de sol atravessa
eu fiz um poema belo como um vitral

claro como um adro...
Agora
não sei que chuva o escorreu
suas palavras estão apagadas
alheias uma à outra como as palavras de um dicionário.
Eu sou como um arqueólogo decifrando as cinzas de uma
cidade morta
O vulto de um velho arqueólogo curvado sobre a terra...

Em que estrela, amor, o teu riso estará cantando?

ELEGIA NÚMERO ONZE

Não, não é uma série de pontos de exclamação
é uma avenida de álamos...
E o que, e para quem, clamariam então?!
Deserta está a cidade.
Todas as avenidas, todas as ruas, todas as estradas, atonitas
se perguntam se vêm ou se vão...
Em nada lhes poderiam servir esses postes de quilometragem:
estão apenas desenhados, como num mapa.
Ah, se houvesse uns passos, ainda que fossem solitários...
Se houvesse alguém andando sozinho.., e bastava! São os
passos
- são os passos que fazem os caminhos.
Deserta está a cidade.
Se houvesse alguém andando sozinho
para ele se acenderiam então, como um olhar, todas
as cores!
Porque a cidade está cega, tambem.
O que não é visto por ninguem
não sabe a cor e o aspecto que tem.
A cidade está cega e parada com a descor de um morto.
Porque tudo aquilo que jamais é visto
- não existe...

POEMA EM TRÊS MOVIMENTOS

Nossos gestos eram simples e transcendentais.
Não dissemos nada
nada de mais...
Mas a tarde ficou transfigurada
como se Deus houvesse mudado
imperceptivelmente
um invisível cenário.

II

Eu te amo tanto que
sou capaz de nos atirarmos os dois na cratera do
Fuji-Yama!
Mas, aqui,
o amor é um barato romance pornô esquecido em cima
da cama
depois que cada um partiu sem saionara nem nada -
por uma porta diferente.

III

E em que mundo? Em que outro mundo vim parar,
que nada reconheço?
Agora, a tua voz nas minhas veias corre...
o teu olhar imensamente verde ilumina o meu quarto.

O LÍMPIDO CRISTAL

Que límpido o cristal de abril!... Um grito
não vai como os da noite - para os extramundos...
Todas as vozes, todas as palavras ditas - cigarras - presas
dentro do globo azul - vão em redor do mundo
e a ninguém é preciso entender o que elas dizem;

basta aquele bordoneio profundo
que vibra com o peito de cada um...
palavras felizes de se encontrarem uma com a outra
nas solidões do mundo!

DANÇA

A menina dança sozinha
por um momento.

A menina dança sozinha

com o vento, com o ar, com
o sonho de olhos imensos...

A forma grácil de suas pernas
ele é que as plasma, o seu par
de ar,
de vento,
o seu par fantasma...

Menina de olhos imensos,
tu, agora, paras,
mas a mão ainda erguida

segura ainda no ar
o hastil invisivel
deste poema!

NOTURNO CITADINO

Um cartaz luminoso ri no ar.
Ó noite. ó minha nêga
toda acesa
de letreiros!... Pena
é que a gente saiba ler... Senão
tu serias de uma beleza única
inteiramente feita
para o amor dos nossos olhos.

BILHETE

Se tu me amas, ama-me baixinho
Não o grites de cima dos telhados
Deixa em paz os passarinhos
Deixa em paz a mim!
Se me queres,
enfim,
tem de ser bem devagarinho, Amada,
que a vida é breve, e o amor mais breve ainda...

A OFERENDA

Eu queria trazer-te uns versos muito lindos...
Trago-te estas mãos vazias
Que vão tomando a forma do teu seio.

SE o POETA FALAR NUM GATO

Se o poeta falar num gato, numa flor,

num vento que anda por descampados e desvios
e nunca chegou à cidade...
se falar numa esquina mal e mal iluminada...
numa antiga sacada... num jogo de dominó...
se falar naqueles obedientes soldadinhos de chumbo que
morriam de verdade...
se falar na mão decepada no meio de uma escada
de caracol...
Se não falar em nada
e disser simplesmente tralalá... Que importa?
Todos os poemas são de amor!

BIOGRAFIA FANTASMAL

Celeste Bogarí... em que recanto
da vida esse teu nome busco?

Ou te criaste apenas
nos delírios mansos
da minha memória?

Mas eu tenho a vaga... não, Celeste, eu tenho a nítida impressão
de que eras
COR de canela: assim dizia-se então...

E a tua voz cristal puro
ondulava no ar que nem vidro soprado
ao ritmo das boás que se usavam no palco.

Ao mesmo ritmo delas...
e com a mesma envolvente brancura...

Ah, o teu ingênuo sonho de branquidão!
E esse teu nome tão lindo, e ridículo e triste, Celeste Bogavi...
nem precisas contar-me como foi a tua história.
se é que um dia exististe.

VIAGEM ANTIGA

Aqui e ali
reses pastando imóveis
como num presépio

a mata ocultando o xixi das fontes

uma cidadezinha de nariz pontudo
furava o céu
depois sumia-se lentamente numa turva

e a gente olhava olhava
sem nenhuma pressa

porque o destino daquelas nossas primeiras viagens
era sempre o horizonte

VIAGEM FUTURA

Um dia aparecerão minhas tatuagens invisíveis:
marinheiro do além, encontrarei nos portos

caras amigas, estranhas caras, desconhecidos tios mortos
e eles me indagarão se é muito longe ainda o outro mundo... Não sei

INTERMEZZO

Nem tudo pode estar sumido
ou consumido...
Deve forçosamente a qualquer instante,
formar-se, pobre amigo, uma bolha de tempo nessa
Eternidade...
e onde
- o mesmo barman no mesmo balcão,
por trás a esplêndida biblioteca de garrafas,
fonte da nossa colorida erudição -
haveremos de continuar aquela nossa velha discussão
sobre tudo e nada
até
que, fartos de tudo e nada,
desta e da outra vida,
a rir como uns perdidos,
a chorar como uns danados,
beberemos os dois nos crânios um do outro...
até o teto desabar!
(Perdão! até a bolha rebentar...)

JOGOS PUERIS

O que nos acontece nada tem com a gente
o que nos acontece
são simples acidentes que chegam de olhos fechados
num jogo de cabra-cega
e
mesmo a morte
é aquela conhecidíssima, aquela antiga brincadeira
de fingir de estátuas...

VIDA

Não sei
o que querem de mim essas árvores
essas velhas esquinas
para ficarem tão minhas só de as olhar um momento.

Ah! se exigirem documentos aí do Outro Lado,
extintas as outras memórias,
só poderei mostrar-lhes as folhas soltas de um álbum
de imagens:

aqui uma pedra lisa, ali um cavalo parado
ou
uma
nuvem perdida,
perdida...

Meu Deus, que modo estranho de contar uma vida!

AH, MUNDO...

Perdão!
Eu distraí-me ao receber a Extrema-Unção.
Enquanto a voz do padre zumbia como um besouro
eu pensava era nos meus primeiros sapatos
que continuavam andando
que continuam andando
rotos e felizes!
por essas estradas do mundo.

PREPARATIVOS PARA A VIAGEM

Uns vão de guarda chuva e galochas,
outros arrastam um baú de guardados...
Inúteis precauções!

Mas,
se levares apenas as visões deste lado,
nada te será confiscado:

todo mundo respeita os sonhos de um ceguinho
- a sua única felicidade!
E os próprios Anjos, esses que fitam eternamente a face do Senhor...

Os próprios Anjos te invejarão.

SURPRESAS

Sabes? Os cabelos da morte são entrelaçados de flores.
Não de flores mortas como essas inertes sempre-vivas,
Mas inquietas e misteriosas como os não desfolhados
malmequeres
Ou bravias como as pequenas rosas silvestres.

As mãos da morte, as suas mãos não têm anéis,
Sua virgem nudez não comporta o peso de uma jóia,
Os seus olhos não são, não são uns covis de treva,
Mas cheios de luz como os olhos do primeiro amor.

Porque a morte não faz esquecer, mas faz tudo lembrar,
Porque a morte não é, não é um sono eterno:
Tu vais adormecer como num berço, pouco a pouco,
E acordarás de súbito num vasto leito de noivado!

RETRATO DO POETA NA IDADE INGRATA

A minha alma era uma paisagem hirsuta:
cactos, palmas híspidas,
estranhas flores que atemorizavam (seriam aranhas
carnívoras?) parecia
um texto obscuro com pontuação excessiva;
tudo porque me estavam apontando alguns fios de barba;
e cada fio era uma baioneta calada contra o mundo:
Só
tu
com
a graça aérea de um helicóptero ou de uma libélula
soubeste achar naquilo - onde o campo de pouso,
soubeste ouvir onde cantava

pura
a fonte oculta...
Só tu soubeste achar-me... e te foste!

SEISCENTOS E SESSENTA E SEIS

A vida é uns deveres que nós trouxemos para fazer em casa.
Quando se vê, já são 6 horas: há tempo...
Quando se vê, ja é 6ª feira...

Quando se vê, passaram 60 anos...
Agora, é tarde demais para ser reprovado...

E se me dessem - um dia - uma outra oportunidade,
eu nem olhava o relógio
seguia sempre, sempre em trente...

E iria jogando pelo caminho a casca dourada e inutil das
horas.

A CASA GRANDE

...mas eu queria ter nascido numa dessas casas de meia-agua
com o telhado descendo logo após as fachadas
só de porta e janela
e que tinham, no século, o carinhoso apelido
de cachorros sentados.
Porém nasci em um solar de leões.
(...escadarias, corredores, sótãos, porões, tudo isso...)
Nãu pude ser um menino da rua...
Aliás, a casa me assustava mais do que o mundo, lá fora.
A casa era maior do que o mundo!

E até hoje
mesmo depois que destruíram a casa grande
até hoje eu vivo explorando os seus esconderijos...

O BAÚ

Como estranhas lembranças de outras vidas,
que outros viveram, num estranho mundo,
quantas coisas perdidas e esquecidas
no teu baú de espantos... Bem no fundo,

uma boneca toda estraçalhada!
(isto não são brinquedos de menino...
alguma coisa deve estar errada)
mas o teu coração em desatino

te traz de súbito uma idéia louca:
é ela, sim! Só pode ser aquela,
a jamais esquecida Bem-Amada.

E em vão tentas lembrar o nome dela...
e em vão ela te fita... e a sua boca
tenta sorrir-te mas está quebrada!

RAY BRADBURY

Eu queria escrever uns versos para Ray Bradbury,
o primeiro que, depois da infância, conseguiu encantar-me

com suas histórias mágicas
como no tempo em que acreditávamos no Menino Jesus
que vinha deixar presentes de Natal em nossos sapatos
empoeirados de meninos
e nada tinha a ver com a impenetrável Santíssima Trindade,
Era no tempo das verdadeiras princesas,
nossas belíssimas primeiras namoradas
- não essas que saem periodicamente nos jornais.
Era no tempo dos reis verdadeiramente heráldicos como os
das cartas de jogar
e do bravo São Jorge, com seu cavalo branco, sua lança
e seu dragão.
Era no tempo em que o cavaleiro Dom Quixote
realmente lutava com gigantes,

os quais se disfarçavam em moinhos de vento.
Todo esse encantamento de uma idade perdida
Ray Bradbury o transportou para a Idade Estelar
e os nossos antigos balõezinhos de cor
agora são mundos girando no ar.
Depois de tantos anos de cínico materialismo
Ray Bradbury é a nossa segunda vovozinha velha
que nos vai desfiando suas histórias à beira do abismo
e nos enche de susto, esperança e amor.

EVOLUÇÃO

Todas as noites o sono nos atira da beira de um cais
e ficamos repousando no fundo do mar.
O mar onde tudo recomeça...
Onde tudo se refaz...
Até que, um dia, nós criaremos asas.
E andaremos no ar como se anda em terra.

SELVA SELVAGGIA

As palavras espiam como animais:
umas, rajadas, sensuais, que nem panteras...
outras, escuras, furtivas raposas...
mas as mais belas palavras estão pousadas nas frondes
mais altas, como passaros...
O poema esta parado em meio da clareira.
O poema
caiu
na armadilha! debate-se
e ora subdivide-se e entrechoca-se como esferas de
vidro colorido
ora é uma fórmula algébrica
ora, como um sexo, palpita... Que importa

que importa qual seja enfim o seu verdadeiro universo?
Ele em breve será inteiramente devorado pelas palavras!

A NOITE GRANDE

Sem o coaxar dos sapos ou o cricri dos grilos
como é que poderíamos dormir tranqüilos
a nossa eternidade? Imagina
uma noite sem o palpitar das estrelas
sem o fluir misterioso das águas.
Não digo que a gente saiba que são águas
estrelas
grilos...
- morrer é simplesmente esquecer as palavras.
E conhecermos Deus, talvez,
sem o terror da palavra DEUS!

ALQUIMIAS

Naquela mistura
fumegante e colorida
que a pá
não pára de agitar
ve-se
o infinito olhar de um moribundo
o primeiro olhar de um primeiro amor
um trem a passar numa gare deserta
uma estrela remota um pince-nez perdido
o sexo do outro sexo
a mágica de um santo carregando sua própria cabeça
e de tudo
finalmente
evola-se o poema daquele dia
- que fala em coisa muito diferente...

O POEMA INTERROMPIDO

A lâmpada abre um círculo mágico sobre o papel onde escrevo.
Sinto um ruído como se alguém houvesse arremessado uma
pequenina pedra contra a vidraça, ou talvez seja uma asa perdida
na noite. Espreguiço-me, levanto-me e, cautelosamente, escancaro a

janela. Oh! como poderia ser alguém chamando-me? Como poderia

ser um pássaro? Na frente do quarto, acima do quarto, por baixo do quarto, só havia a solidão estrelada... Quem faz um poema não se espanta de nada. Volto ao abrigo da lâmpada e recomeço a discussão com aquele adjetivo, aquele adjetivo que teima em não expressar tudo o que pretendo dele...

As CIDADES PEQUENAS

As moças das cidades pequenas
com o seu sorriso e o estampado claro de seus vestidos
são a própria vida. Elas
é que alvorotam a praça. Por elas
é que os sinos festivamente batem, aos domingos.
Por elas, e não para a missa!... Mas Deus não se importa...
Afinal,
só nessas cidadezinhas humildes
é que ainda o chamam de Deus Nosso Senhor...

NOTURNO

O gato, que mora no mundo para sempre perdido do cinema silencioso, atravessa o país do tapete, onde se abrem flores falsamente tropicais.
Ao pé da escada, por força do hábito, a avozinha morta começa a tricotar mais um pulôver.
Por trás de suas barbas, no retrato da parede, o olhar do avô indaga: - para quê?
De repente, na copa, o refrigerador compõe ruidosamente a garganta, enquanto estremecem de medo os frágeis habitantes do porta-cristais: Meu Deus, meu Deus, ele agora vai fazer um discurso!

CRÔNICA

Sia Rosaura tirava a dentadura para comer
Por isso ela tinha o sorriso postiço mais sincero da
minha rua

Dona Maruca fazia uns biscoitinhos minusculos,
estalantes e secos chamados mentirinhas
Eduviges era pálida e lia romances lacrimosos de Pérez
Escrich
Tanto suspirou em cima deles que acabou fugindo com
um caixeiro-viajante
O tempo se desenrolava como um rio por entre as casas
de porta e janela
Pequenas vidas
Pequenos sonhos

Na noite imensa as estrelas eram como girândolas
brancas que houvessem parado
Sentados à porta
- dois santos, dois mágicos, dois sábios -
meu velho tio Libório e o velho farmacêutico
propunham-se e compunham charadas
que depois orgulhosamente remetiam sob nomes supostos
para o grande anuário estatístico recreativo e literário
da capital do Estado.

SOLAU À MODA ANTIGA

Senhora, eu vos amo tanto
Que até por vosso marido
Me dá um certo quebranto...
Pois que tem que a gente inclua
No mesmo alastrante amor
Pessoa, animal ou cousa
Ou seja lá o que for,
Só porque os banha o esplendor
Daquela a quem se ama tanto?
E, sendo desta maneira,
Não me culpeis, por favor,
Da chama que ardente abrasa,
O nome de vossa rua,
Vossa gente e vossa casa
E vossa linda macieira
Que ainda ontem deu tlor...

ELEGIA ECOLÓGICA

As grandes damas usavam grandes chapéus, cheios de flores e de passarinhos.
As flores feneceram, porque até as flores artificiais fenecem.
Os passarinhos voaram e foram pousar nos últimos parques, onde iludem agora os seus ultimos freqüentadores.
Sim! as grandes damas usavam grandes chapéus...
Eram cheios de flores e de passarinhos.

SONHO DE UMA NOITE DE VERÃO

Uma procissão de espantalhos,
pela miséria colorida,
pelos atalhos
vinha:
pediam vida, queriam vida!
E as suas caras eram trágicas
porque tinham todas a mesma expressão
que era o mesmo que não terem nenhuma expressão.

E tão insuportável era aquela cara única
que a policia atirou em cima deles bombas de gas
hilariante.
Nenhum espantalho riu.
A procissão continuou,
a procissão está agora em plena Estrada Real
enquanto
pelos atalhos
por toda parte
por cima dos gramados
por cima dos corpos atropelados
os automóveis fogem como baratas.

xxxxxxxxx

Quem disse que a poesia é apenas
agreste avena?
A poesia é a eterna Tomada da Bastilha

o eterno quebra-quebra
o enforcar de judas, executivos e catedráticos em todas
as esquinas
e,
a um ruflar poderoso de asas,
entre Cortinas incendiadas
os Anjos do Senhor estuprando as mais belas filhas dos
mortais
Deles, nascem os poetas.
Não todos... Os legítimos
espúrios:
um Rimbaud, um Poe, um Cruz e Souza...
(Rege-os, misteriosamente, o décimo terceiro signo do
Zodíaco.)

Os RETRATOS

Os antigos retratos de parede
não conseguem ficar longo tempo abstratos.
Às vezes os seus olhos te fixam, obstinados
porque eles nunca se desumanizam de todo.

Jamais te voltes para trás de repente.
Não, não olhes agora!

O remédio é cantares cantigas loucas e sem fim..
Sem fim e sem sentido

Dessas que a gente inventava para enganar a solidão dos
caminhos sem lua.

O MORCEGO

Um morcego enormíssimo escureceu metade da cidade - uma
nuvem negra imóvel.
Tivemos de as procurar às pressas e ir acendendo as velas com
mãos trêmulas como se as erguêssemos diante de oratóríos.

E diante delas as nossas tataravós ajoelham -se penosamente,
babando misereres.
Súbito, restabeleceu-se a eletricidade, desmoralizando a anemia
das velas.
Das tataravós, nem sombra!
Elas agora devem estar rezando em qualquer um desses mundos
por aí, diante de algum outro falso fim-do-mundo.

A LUA DE BABILÔNIA

Numa esquina do Labirinto
às vezes
avista-se a Lua.
Não! como é possivel uma lua subterranea?
(Mas cada um diz baixinho:
Deus te abençoe, visão...)

POEMA MARCIANO NÚMERO Dois

Nós, os marcianos,
não sabemos nada de nada,
por isso descobrimos coisas
que
de tão visíveis
vocês poderiam até sentar em cima delas...
Não brinco! Não minto! um dia, um de nós (Van Gogh)
pintou uma cadeira vulgar,
umas dessas cadeiras de palha trançada...
Mas, quando a viram na tela, foi aquela espantação:
"Uma cadeira!" exclamaram.
Uma cadeira? Não, a cadeira.
Tudo é singular.
Até as Autoridades sabem disso...
Se não, me explica
por que iriam fazer tanta questão
das tuas impressões digitais?!

ENCONTRO

Era uma dessas mulheres que não se usam mais.
Vestes de trevas e vidrilhos.
Cabeleira trágica.
Olheiras suspeitas.
O grito horizontal da boca.
Surgiu da noite.
Sumiu pela última porta do poema.

O POETA É BELO

O poeta é belo como o Taj-Mahal
feito de renda e mármore e serenidade

O poeta é belo como o imprevisto perfil de uma árvore
ao primeiro relâmpago da tempestade

O poeta é belo porque os seus farrapos
são do tecido da eternidade

O POETA CANTA A Si MESMO

O poeta canta a si mesmo
porque nele é que os olhos das amadas
têm esse brilho a um tempo inocente e perverso...

O poeta canta a si mesmo
porque num seu único verso
pende - lúcida, amarga
uma gota fugida a esse mar incessante do tempo...

Porque o seu coração é uma porta batendo
a todos os ventos do universo.

Porque além de si mesmo ele não sabe nada
ou que Deus por nascer está tentando agora
ansiosamente respirar

neste seu pobre ritmo disperso!

O poeta canta a si mesmo
porque de si mesmo é diverso.

A CANÇÃO DA VIDA

A vida é louca
a vida é uma sarabanda
é um corrupio...
A vida múltipla dá-se as mãos como um bando
de raparigas em flor
e está cantando
em torno a ti:
Como eu sou bela,
amor!
Entra em mim, como em uma tela
de Renoir
enquanto é primavera,
enquanto o mundo
não poluir
o azul do ar!
Não vás ficar
não vás ficar
aí...
como um salso chorando
na beira do rio...
(Como a vida é bela! como a vida é louca!)

SÔBOLOS RIOS QUE VÃO

Olha, eu talvez seja esse
cadáver desconhecido
que avistam sob uma ponte
com relativo interesse:

nem sei mais se me matei
se morri por distraído

se me atiraram do cais

- o mistério é mais profundo,
muito mais...

Vida, sonho de um segundo
isso é vulgar mas atroz -
e tenho pena de mim
como a que eu tenho de vós...

e sigo
todo florido
destes nossos velhos sonhos
imortais

ó mistério tão sem fim

eu sigo todo florido,
cadáver desconhecido
vogando, lento, à deriva

nos rios todos do mundo!

INSCRIÇÃO PARA UMA LAREIRA

A vida é um incêndio: nela
dançamos, salamandras mágicas.
Que importa restarem cinzas
se a chama foi bela e alta?
Em meio aos toros que desabam,
cantemos a canção das chamas!
Cantemos a canção da vida,
na própria luz consumida...

LILI

Teu riso de vidro
desce as escadas às cambalhotas

e nem se quebra,
Lili
meu fantasminha predileto,
Não que tenhas morrido...
Quem entra num poema não morre nunca
(e tu entraste em muitos...)
Muita gente até me pergunta
quem és... De tão querida
és talvez a minha irmã mais velha
nos tempos em que eu nem havia nascido.
És a Gabriela, a Liane, a Angelina... sei lá!
És a Bruna em pequenina
E que eu desejaria acabar de criar.
Talvez sejas apenas a minha infância!
E que importa, enfim, se não existes...
Tu vives tanto, Lili! E obrigado, menina,
pelos nossos encontros, por esse carinho
de filha que eu não tive...

As MÃOS DE MEU PAI

As tuas mãos têm grossas veias como cordas azuis
sobre um fundo de manchas já da cor da terra
- como são belas as tuas mãos
pelo quanto lidaram, acariciaram ou fremiram da nobre
cólera dos justos...

Porque há nas tuas mãos, meu velho pai, essa beleza que se
chama simplesmente vida.
E, ao entardecer, quando elas repousam nos braços da tua
cadeira predileta,
uma luz parece vir de dentro delas...
Virá dessa chama que pouco a pouco, longamente, vieste
alimentando na terrível solidão do mundo,
como quem junta uns gravetos e tenta acendê-los contra
o vento?

Ah! como os fizeste arder, fulgir, com o milagre das tuas mãos!
E é, ainda, a vida que transfigura as tuas mãos nodosas...
essa chama de vida - que transcende a própria vida

...e que os Anjos, um dia, chamarão de alma.

A VACA E O HIPOGRIFO

(1977)

A Mery Weiss
com afeto e admiração
é dedicado este livro.

Porto Alegre, outubro de 77

5005618912

Não existe no mundo tanta gente como o número de ordem que me
deram no cartão de identidade, que não vou te mostrar porque não
poderias lê-lo antes de o ter dividido da direita para a esquerda em grupos
de três, para depois o pronunciares cuidadosamente da esquerda para a
direita. Sei que o mesmo acontece contigo, mas que te importa, que nos
importa isso - antes que um dia nos identifiquem a ferro em brasa, como
fazem os estancieiros com o seu gado amado?
Esse número, de quintilhões ou quatrilhões, não me lembro mais, me
faz recordar que venho desde o princípio do mundo, lá do fundo das
cavernas, depois de pintar nas suas paredes, com uma habilidade hoje
perdida, aqueles animais que vejo nos albuns, milagre de movimento e síntese.
Agora sou analítico, expresso-me em símbolos abstratos e preciso da
colaboração do leitor para que ele "veja" as minhas imagens escritas.
Olho em redor do bar em que escrevo estas linhas. Aquele homem ali
no balcão, caninha após caninha, nem desconfia que se acha conosco
desde o início das eras. Pensa que esta somente afogando os problemas dele,
João Silva... Ele está é bebendo a milenar inquietação do mundo!

As COVAS

O bicho,
quando quer fugir dos outros,
faz um buraco na terra.

O homem,
para fugir de si,
fez um buraco no céu.

IMPERCEPTIVELMENTE

Agora toda essa preocupação com o ano 2000! Só pode ser a velha
mania ou superstição da conta redonda.
Se vocês estão bem lembrados, ao aproximar-se o Ano Mil já se pensava
que era o FIM DO MUNDO. Assim mesmo, com todas as letras maiúsculas.
Tanto que, para adiantar serviço, muitos se mataram antes. Como
exemplo, eis um ponto em que hoje todos estão concordes: o famoso Século
XIX só foi terminar em 1914. E parece que o danado só começou depois da
batalha de Waterloo...
Pois não é que uma dessas entrevistadoras veio indagar de mim um dia
destes se estávamos no fim de uma Era?!
Não sou nenhum Nostradamus, de modo que vaticinei menos
obscuramente que este que nunca se saberá, nunca se notará, nunca se verá
o fim de coisa nenhuma.
E isto simplesmente porque a vida é contínua.
Não uma projeção imóvel de slides, mas o desenrolar de um filme em

câmara lenta.
E a transformação da face do mundo é como a transformação da cara da gente, que muda tanto durante toda a vida - mas que, dia a dia, de ontem para hoje, de hoje para amanhã, sempre nos parece a mesma cara no espelho:
Deixemos, pois, o Ano Dois Mil chegar imperceptivelmente como um ano qualquer.

AH! ESSAS PRECAUÇÕES...

Para desespero de seus parentes, o velho rei Mitridates, como todo mundo sabe, conseguiu tornar-se imune a todos os venenos.., até que um bom tijolaço na cabeça liquidou o assunto.

RESTAURANTE

I

A lagosta tem a cor, o frescor, o sabor das antigas moringas de barro.

II

e essa tentação de roçar na face a pele perfumada do pêssego, como se ele fosse uma pêssega...

III

O café é tão grave, tão exclusivista, tão definitivo que não admite acompanhamento sólido. Mas eu o driblo, saboreando, junto com ele, o cheiro das torradas-na-manteiga que alguém pediu na mesa próxima.

IV

(As precedentes notas de sinestesia são do tempo em que havia restaurantes onde havia lagostas - e não esses balcões de hoje em que o freguês massificado e apressado, ao servir-se de um frango, parece que o está devorando no próprio poleiro.)

LINGUAGEM

Não sei que crítico notou que os grandes humoristas escrevem clássico.
Um exemplo, entre nós: o velho Machado de Assis.
Mas não será isso porque os autores clássicos adquirem, forçosamente, com o tempo, um toque de humor? Um toque que decerto não era deles e que reside para nós, seus pósteros, no tom cada vez mais arcaico da sua linguagem.

Nem deve ser por outro motivo que às vezes se ouve, na voz
tempestuosa dos Profetas, mercê de antigas traduções da Bíblia, certa nota de humor.
Mas não se iludam. Nosso Senhor não tem o mínimo sense of humour.
Nosso Senhor leva tudo a sério. Com Ele não há fugir. Com Ele não há a escapatória do sorriso, essa arma predileta do Demônio, isto é, aquele que é também chamado o Espírito da Dúvida.

EVOLUÇÃO

Antes, quase todo mundo passava a vida em salas de espera. Mas,
agora, em vez daquele abafamento, é nestas longas filas de espera, ao ar livre, em plena rua.

TRECHO DE CARTA

Se nunca nasceste de ti mesmo, dolorosamente, na concepção de um
Poema... estás enganado: para os poetas não existe parto sem dor.

RECATO

Um morto volta sempre para a primeira reunião familiar. E sorri, entre aliviado e agradecido, quando descobre que estão falando noutras coisas.

PARAÍSOS

As religiões cresceram entre os humildes porque aqueles que estavam
por cima já se julgavam no paraíso.

DE LEVE

Será que uma verdadeira sociedade precisa mesmo de cronista social?

CONTO FAMILIAR

Era um velho que estava na família há noventa e nove anos, há mais tempo que os velhos móveis, há mais tempo até que o velho relógio de pêndulo. Por isso estava ele farto dela, e não o contrário, como poderiam supor. A família o apresentava aos forasteiros, com insopitado orgulho:
"Olhem! vocês estão vendo como "nós" duramos?!"
Caduco? Qual nada! Tinha lá as suas idéias. Tanto que, numa dessas grandes comemorações domésticas, o pobre velho envenenou o barril de chope.
No entanto, como era obviamente impraticável a não ser em novelas policiais deitar veneno nas bebidas engarrafadas, apenas sobreviveram os inveterados bebedores de coca-cola.

Mas como é possível - lamentava-se agora tardiamente o pobre
velho - como é possível passar o resto da vida com esses? Com gente assim?
Porque a coca-cola não é verdadeiramente uma bebida concluiu ele,
a coca-cola é um estado de espírito...
E, assim pensando, o sábio ancião se envenenou também.

A VERDADE DA FICÇÃO

São Jorge, o cavalo, o dragão... eu sempre fui, já não digo um devoto,
mas um fã dos três. São Jorge, eu soube, foi cassado. É verdade que andava

metido em tudo que era religião... Mas que culpa tinha ele de ser bonito e
ecumênico? Porém, ao passo que São Jorge era dessantificado, ressuscitava-se
o Diabo, retirando-o do domínio do folclore a que o relegara o povo. Mas
e o dragão? O dragão não representava o mal, isto é, o Diabo? Alega-se
que São Jorge nunca existiu. Ora, naquela imagem que, de tanto a vermos
desde a infância, fazia parte da nossa sensibilidade, o dragão era também
uma figura simbólica. Porém existe... Naquela bela imagem, pois, resta-nos
agora o cavalo e o dragão. Luta desigual. Foi-se o cavaleiro andante
do Bem.
E como que nos ficou faltando um estímulo, um exemplo, uma
esperança.
O que nos faz lembrar aquele outro cavaleiro andante, Dom Quixote
- outro símbolo. Que nunca existiu, é claro. Mas como vive!

PODER DE SÍNTESE

Um dia, Madame de Sevigné sentenciou: "O café passará, como Racine".
Ah, que poder de síntese, minha cara Madame! Como foi que a senhora
conseguiu dizer duas barbaridades numa única frase?
Poder de síntese, esse o tinha, de fato, Racine, quando, para darmos
apenas um exemplo, conseguiu expressar a paixão, a crueldade, a
complexidade do caráter de Nero num só verso de doze sílabas: J'aimais jusqu'à
sespleurs, que jefaisais cou ler! (Eu amava até as suas lágrimas, que eu fazia
correrem!)
Sim, porque o verdadeiro sádico ama verdadeiramente a quem faz
sofrer. Que o digam esses pretensos casais desunidos, que jamais conseguem
separar-se. Só os sádicos, pergunto eu? Recordemos aquelas palavras de
Oscar Wilde, na Balada do cárcere: "A gente sempre mata aquilo a que
ama - os fortes com um punhal, os covardes com um sorriso".
Alias o Nero do alexandrino raciniano já tinha decretado a morte da
sua amada, cujas lágrimas agora tanto o enterneciam.
Haverá os santos do inferno? Nero deverá ter sido um deles...
Porque na verdade é idêntico o nosso pasmo, quase incrédulo, tanto
ante a vida de Nero como ante a vida de São Francisco de Assis. Porque
Os extremos sempre se tocaram. Porque os Santos - no seu prodigioso
arrebatamento - são uma espécie de celerados do Bem.

499

HISTÓRIA URBANA

Dona Glorinha lê o convite de enterro de João, cujo sobrenome não
declaro aqui, para evitar essas divertidas e constrangedoras explicações
e declarações de nome igual, mera coincidência, etc. Dona Glorinha
conhecera João "no seu tempo" de ambos e depois nunca mais o tinha visto,
pois constitui um dos mistérios labirínticos das cidades grandes isso
de conhecidos e namorados se perderem definitivamente de vista. Dona
Clorinha, pensando isto mesmo com outras palavras, vai ao velório de
João, encaminha-se direito a ele, ergue-lhe o lenço da face, exclama:
"Mas
como ele está bem conservado!"

APRESENTAÇÕES, ETC.

Das novelas que tenho lido, geralmente achei que deviam ter começado
20 páginas depois e terminar 20 páginas antes, O resto não passa de
apresentações e despedidas. A vida não é de tais cerimônias: seus enredos começam
no meio do baile. Kafka, por exemplo, logo à primeira frase da Metamorfose,
dá um susto no leitor. E, das minhas remotas leituras de colégio, me lembro
ainda agora, de Cecilia e Peri sumindo no horizonte...
Por isso na sua maioria os contos de Maupassant, e principalmente os
do festejado O. Henry, em vez de terem um desenlace, o que eles tinham
era uma laçadinha, cuidadosamente feita, como nesses presentes de
aniversário.

NOTURNO XVII

Nem tudo está
mudado:
durante o sono
o passado
em cada esquina põe um daqueles antigos lampiões.
E os autos, minha filha, esses ainda nem foram inventados...
Só essa velha carruagem rodando rodando
sobre as pedras irregulares do calçamento.

500

Essa velha carruagem que passa, noite alta, pelas ruas,...

E ao fundo do teu sono há lamparina acesa
das que outrora havia ao pé de alguma imagem,
Ela arde sem saber como a parede é nua.

Mas

há um cigarro que se esfez em cinza à tua
cabeceira sem simbolismo algum - um toco
de cigarro apenas...

HOMO INSAPIENS

Vocês se lembram quando a gente se perdia no campo e soltava a redea
ao cavalo e ele voltava direitinho para casa? Pois até hoje, quando não
me lembro onde guardei uma coisa, desisto de quebrar a cabeça, afrouxo
o espirito e eis que ele conduz meu passo e minha mão sonâmbula ao
lugar exato. Quanto a saber qual dos dois, espírito e corpo, e o cavaleiro e
o cavalo, é questão acadêmica. Só sei que isso não me acontece agora na
vastidão do campo, mas dentro de uma casa, de uma sala, de um móvel...

No MEIO DA RUA, NÃO.

Mas por que você não deita as suas idéias por escrito? digo-lhe.
Ele entrepara, não sabe se ofendido ou lisonjeado. Explico-lhe:
- É que, por escrito, a gente pode ler em casa, com todo o tempo...

LAZER

Um bom lazer, mesmo, é não assistir a esses cursos sobre lazer.

ANDANÇAS E ERRRANÇAS

O que os santos têm de mais sagrado são os pés. Por isso os antigos fiéis
lhos beijavam. Pois os santos estáticos, esses que jamais andaram errando
pelo mundo, os próprios anjos desconfiavam deles...

HAMLET E YORICK

Uma das anedotas mais divertidas que ouvi foi num velório; tive até de
sair da sala para poder desabafar.
Não a conto a vocês agora porque perdeu a graça ou não tinha
nenhuma. A causa deveria ser a solenidade proibitiva da ocasião. E não me falem
no tal de riso nervoso - coisa que só se vê nos maus filmes.
Quanto às solenidades persuasivas, fins de ano, carnavais etc., sou
atacado de cara-de-pau, uma seriedade de matar de inveja o Buster Keaton,
se ele já não estivesse compenetradamente morto.
O fato é que, se acaso eu fosse ator e me visse enredado, ao representar
Hamlet, naqueles seus dramas tremendos, não me apresentaria de preto,
como o obrigam os diretores de cena, mas sim com as vestes coloridas e os
guizos do seu amado bufão Yorick.
Ah! tudo isso porque tudo comporta o seu contrário; e a nossa alma,
por mais que esteja envolvida nas coisas deste mundo, nunca deixa de
estar do outro lado das coisas...

HAIKAI

Em meio da ossaria
Uma caveira piscava-me...
Havia um vagalume dentro dela.

BRANCA

Ela era quase incolor: branca, branca,
de um branco que não se usa mais...
Mas tinha a alma furta-cor!

HISTÓRIA QUASE MÁGICA

O Idiota da Aldeia gostava de coisas brilhantes.
Mal nos respondia: éramos apenas gentes...
Mas uma noite o surpreendi falando longamente a um
trinco de porta

redondo, luzente de luar.
Só vos digo,
ao que me parece,
que o brilho do metal ora abrandava, ora fulgia mais,
como se por instantes ouvisse e depois respondesse.
Só vos digo que, nestes ocultos assuntos, nada se pode dizer...

INTENÇÕES

Os que andam com segundas intenções não conseguem enganar
ninguém. Está na cara... O perigo mesmo - porque é invisivel - está nos
que têm terceiras intenções.

VERBETE

Autodidata. - Ignorante por conta própria.

POEMA ENTREDORMIDO AO PÉ DA LAREIRA

O anjo depenado tremia de frio
mas veio o Conde Drácula e emprestou-lhe a
sua capa negra.
Na litografia da parede
Helena a bela grega
mantém sua pose olímpica... Desloca-se um tiçãO:

uma chama
começa a lamber como um gato minha perna de pau.

OUTRO PRINCÍPIO DE INCÊNDIO

a tua cabeleira feita de chamas negras...

RELAX

Aquele monstro que se chamou Champollion descansava de seus
estudos de egiptologia escrevendo uma gramática chinesa.
Porém, nós outros, os (relativamente) normais, que havemos de
fazer?
Palavras cruzadas?

No entanto, o perigo das palavras cruzadas é nos inocularem às vezes,
para todo o sempre, os mais estapafúrdios conhecimentos. Por exemplo, há
duas semanas sou sabedor de que "rajaputro" significa "nobre do
Hindostão, dedicado à milícia". Espero, o quanto antes, esquecer tal barbaridade.
O problema é substituir as preocupações pela ocupação. Quanto ao
exercício da poesia, nem falar! Qualquer poeta sabe como dói, como é
preciso virar a alma pelo avesso para fazer um verdadeiro poema salvo
se você for um poeta concretista, porque, na verdade, não há nada mais
abstrato.
Pois bem, falando em coisas sérias, o problema, seu poeta, é ocupar o
espírito sem ao mesmo tempo estraçalhá-lo.
E problemas assim - puros problemas - só mesmo os problemas
matemáticos. Já o velho Pinel recomendava o estudo das Ciências Exatas
como preservativo dos distúrbios mentais.
A Matemática é o pensamento sem dor.
Mas infelizmente sucede que a Matemática ainda é pior do que chinês
para nós, nesta altura da vida, só não esquecemos as quatro
operações e, quando muito, a regra de três e também a teoria dos arranjos,
permutações e combinações - tão útil no jogo do bicho.
Que resta, então? Oh! como é que eu não me lembrei disso antes?! Resta-
nos um passatempo esquecido: o proveitoso, o delicioso vício da leitura.

DE COMO NÃO LER UM POEMA

Há tempos me perguntaram umas menininhas, numa dessas
pesquisas, quantos diminutivos eu empregara no meu livro A rua dos cataventos.
Espantadíssimo, disse-lhes que não sabia. Nem tentaria saber, porque
poderiam escapar-me alguns na contagem. Que essas estatísticas, aliás, só
poderiam ser feitas eficientemente com o auxílio de robôs. Não sei se as
menininhas sabiam ao certo o que era um robô. Mas a professora delas,
que mandara fazer as perguntas, devia ser um deles.
E mal sabia eu, então, que estava dando um testemunho sobre o
estruturalismo - o qual só depois vim a conhecer pelos seus produtos

em jornais e revistas. Mas continuo achando que um poema (um verdadeiro poema, quero dizer), sendo algo dramaticamente emocional, não deveria ser entregue à consideração de robôs, que, como todos sabem, são inumanos.

Um robô, quando muito, poderá fazer uma meticulosa autópsia - caso fosse possível autopsiar uma coisa tão viva como é a poesia.
Em todo caso, os estruturalistas não deixam de ter o seu quê de humano...
Nas suas pacientes, afanosas, exaustivas furungações, são exatamente como certas crianças que acabam estripando um boneco para ver onde está a musiquinha.

SERENIDADE

As caretas do Charlton Heston - pelo menos a mim não dizem nada, mas até hoje, passados tantos anos, impressiona-me a cara-de-pau de Buster Keaton. Quem havia de dizer que o primeiro lembra mais o seu antepassado simiesco e o segundo uma estatua grega? Essa misteriosa serenidade que há por detrás de toda verdadeira arte é que nos faz curtir os climax mais trágicos. E, quando conseguimos transportá-la a nós, é ela que nos faz aceitar este mundo tal como ele é.

Os ELEFANTES

- Os elefantes deveriam ser assinzinhos diz Lili. Tomo nota, não pela idéia, que já deve ter ocorrido utilitariamente a muitos, mas pelo "assinzinhos".
E, na falta de um elefante doméstico, peço a ela que me traga um copo d'água.
Só os novelistas ianques e os seus personagens é que tomam uísque a cada página. Mas, por outro lado, não têm quem lhos traga. Eles próprios se servem.

COMPENSAÇÃO

E quando o trem passa por esses ranchinhos à beira da estrada,a gente pensa que é ali que mora a felicidade...

As TRÊS MARIAS

As únicas estrelas que eu conheço no céu são as Três Marias. Três Marias é um apelido de família.., O nome delas é outro, sabem como é a coisa:

um desses nomes roubados a mitologias ultrapassadas, com que
costumam exorcizar as estrelas. Uns nomes que já nasceram póstumos...
Só o que eles sabem é enumerar, mapear, coisas assim trabalho
apenas digno de robôs.
Olhem, Marias, acheguem-se, escutem: Vocês foram catalogadas.
Ouviram bem? Ca-ta-lo-ga-das! O consolo é o povo, que ainda diz
ignorantemente: "Olha lá as Três Marias!"

GRAMÁTICA DA FELICIDADE

Vivemos conjugando o tempo passado (saudade, para os românticos)
e o tempo futuro (esperança, para os idealistas). Uma gangorra, como vês,
cheia de altos e baixos - uma gangorra emocional. Isto acaba fundindo
acuca de poetas e sábios e maluquecendo de vez o homo sapiens. Mais
felizes os animais, que, na sua gramática imediata, apenas lhes sobra um
tempo: o presente do indicativo. E que nem dá tempo para suspiros...

DA VERDADEIRA POSSESSÃO DIABÓLICA

Ele não é propriamente o Espírito do Mal. O mal, tu bem sabes que já
tem sido praticado, ao correr da História, com os mais sagrados desígnios.
E o que assinala e caracteriza os servos do Diabo, neste nosso inquieto
mundo, não é especificamente a maldade: é a indiferença.

A CHAVE

Os nunca assaz finados parnasianos tinham, antes de mais nada, a
chave de ouro. Como o resto do soneto era tapado como uma porta por
que não mostravam apenas o raio da chave? Não estou brincando. Pois
nos meus tempos de ginasiano eu também fabriquei a minha chavezinha
de ouro:
"de uns verdes buritis a cismadora tribo".
Confesso que não consegui colocar nada antes deste verso. Hoje acho
que não seria preciso, que ali já estava todo um poema...
Em todo caso, cedo em cartório a chave aos últimos sonetistas
alexandrinos, a quem muito venero, pois no caos de hoje em dia eles têm
consciência de que, para fazer um poema, é preciso trabalhar como um
escravo. Com a única recompensa do trabalho feito. Vamos, minha gente?
Faltam apenas 13 versos.

ANOTAÇÃO PARA UM POEMA

- As mãos que dizem adeus são pássaros
Que vão morrendo lentamente

CONFESSIONAL

Eu fui um menino por trás de uma vidraça - um menino de aquário.
Via o mundo passar como numa tela cinematográfica, mas que repetia
sempre as mesmas cenas, as mesmas personagens.
Tudo tão chato que o desenrolar da rua acabava me parecendo apenas
em preto-e-branco, como nos filmes daquele tempo.
O colorido todo se refugiava, então, nas ilustrações dos meus livros de
histórias, com seus reis hieráticos e belos como os das cartas de jogar.
E suas filhas nas torres altas - inacessíveis princesas.
Com seus cavalos uns verdadeiros príncipes na elegância e na
riqueza dos jaezes.
Seus bravos pajens (eu queria ser um deles...)
Porém, sobrevivi...
E aqui, do lado de fora, neste mundo em que vivo, como tudo é
diferente! Tudo, ó menino do aquário, é muito diferente do teu sonho...
(Só os cavalos conservam a natural nobreza.)

Os HÓSPEDES

Um velho casarão bem-assombrado
aquele que habitei ultimamente.
Não,
não tinha disso de arrastar correntes ou espelhos de súbito partidos.

Mas a linda visão evanescente
dessas moças do século passado as
escadas descendo lentamente...

ou, às vezes, nos cantos mais escuros,
velhinhas procurando os seus guardados
no fundo de uns baús inexistentes...

E eu, fingindo que não via nada.

Mas para que, amigos, tais cuidados?

Agora
foi demolida a nossa velha casa!

(Em que mundo marcaremos novo encontro?)

URBAN ÍSTICA

Essas vilas de arrabalde com os seus jardins bem arrumados,
bonitinhos, comportadinhos... Mas por que não a liberdade de um matagal
selvagem? Por que não deixam ao menos a natureza ser natural?

BILO-BILO

O idiota estilo bilo-bilo com que os adultos se dirigem às crianças, isso deve chateá-las enormemente, como a um poeta quando abordado com assuntos poéticos.

SUSPENSE

Depois que o orador oficial deu conta do seu discurso, há um momento de atroz suspense. Ë quando o presidente da mesa, como quem não quer nada, ergue-se e diz, sadicamente: - Se alguém mais quiser fazer uso da palavra...

Do ESTILO

Se alguém acha que estás escrevendo muito bem, desconfia...
O crime perfeito não deixa vestígios.

A LEITURA INTERROMPIDA

A nossa vida nunca chega ao fim. Isto é, nunca termina no fim.
como se alguem estivesse lendo um romance e achasse o enredo enfadonho e, interrompendo, com um bocejo, a leitura, fechasse o livro e

guardasse na estante. E deixasse o herói, os comparsas, as ações, os geStos, tudo ali esperando, esperando...
Como naquele jogo a que chamavam brincar de estátua.
Como num filme que parou de súbito.

Dos RITUAIS

No primeiro contato com os selvagens, que medo nos dá de infringir os rituais, de violar um tabu! É todo um meticuloso cerimonial, cuja infração eles não nos perdoam.
Eu estava falando nos selvagens? Mas com os civilizados é o mesmo.
Ou pior até.
Quando você estiver metido entre grã-finos, é preciso ter muito, muito cuidado: eles são tão primitivos...

INTÉRPRETES

Mas, afinal, para que interpretar um poema? Um poema já é uma interpretação.

FICÇÃO

Tudo quanto se diz no teatro ou no romance tem a sua significação e consequência, o seu lugar, o seu propósito.
Na vida, porém, se diz cada coisa, sai se com cada uma, seu mOço... e tudo fica por isso mesmo.
Parece que só na vida é que há ficção.

CARROSSEL

A coisa mais impressionante que existe são os olhos dos cavalos de carrossel, olhos que parecem estar gritando "avante!" - enquanto eles, nos altibaixos do galope, jamais podem sair do mesmo circulo.
Deviam ser assim, igualmente estranhos, os olhos dos primeiros poetas que apareceram entre os homens, porque olhavam através deles e para além deles. Já ouvi dizer que as tribos primitivas vazavam os olhos dos poetas... Também deviam ser assim os olhos dos Profetas, porque a sua luz não era deste mundo. E aos homens assustava-os a beleza e a verdade.

Ah, meus pobres cavalinhos de pau que acabo de encontrar parados no parque deserto.., será que fiz um comício? Não há de ser nada... Em todo caso, do modo como falei, dir-se-ia que a beleza e a verdade são as duas faces da mesma moeda. Nada disso: elas são a mesma moeda. Tanto assim que, quando o sábio joga cara ou coroa, encontra a beleza e, quando o poeta joga cara ou coroa, encontra a verdade.

DA CONVERSAÇÃO

Se, como visitante, estiveres metendo a ronca em alguém e te lembrares de súbito que a vítima é parente da família, tanto melhor, meu caro! Eles adorarão a coisa...

OPÇÃO

É preferível o oratório à oratória: pelo menos assim não incomodaras o próximo.

HISTÓRIA NATURAL

O homem é um bicho que arreganha os dentes sem necessidade, isto é, quando nos sorri.

UNS E OUTROS

Esses cachorros da rua, que nós aqui chamamos guaipecas e cujo pedigree é do mais puro pot-pourri, capaz de enlouquecer qualquer

genealogista canino - vocês já repararam como são alegres, espertos, afetuosos? Só os de pura raça são graves e creio que tristes como os faraós egípcios, os chefes incaicos, os príncipes astecas.

LOTERIA

A loteria - ou o jogo do bicho, seu filho natural jamais engana.
Porque a gente não compra bilhete: compra esperança.

2005

Com a decadência da arte da leitura, daqui a 30 anos os nossos romancistas serão reeditados exclusivamente em histórias de quadrinhos...
A grande consolação é que jamais poderão fazer uma coisa dessas com os poetas.
A poesia é irredutível.

HORAS

"Faz horas que não te vejo" diz o povo, o qual às vezes acerta nos palpites da sua gíria.
Pois é consabido que as horas são mais longas que os dias, os dias mais longos que os anos, os anos mais longos que a vida; porque custaram menos a passar do que esta.
E devem vocês estar lembrados como riamos daqueles folhetins românticos, quando se lia lá pelas tantas menos um quarto:
"A mísera duquesa passou minutos que pareciam séculos."
Riamos de bobos.

Dos COSTUMEIROS ACHAQUES

A coisa mais melancólica deste e do outro mundo é um cachorro sem pulgas.

LIBERDADE CONDICIONAL

Poderás ir até a esquina
comprar cigarros e voltar
ou mudar-te para a China
- só não podes sair de onde tu estás.

LIBERTAÇÃO

A morte é a libertação total:
a morte é quando a gente pode, afinal,
estar deitado de sapatos...

A VIDA

Mas se a vida é tão curta como dizes
por que é que me estás lendo até agora?

CONTO DE TODAS AS CORES

Eu já escrevi um conto azul, vários até. Mas este é um conto de todas as cores. Porque era uma vez um menino azul, uma menina verde, um negrinho dourado e um cachorro com todos os tons e entretons do arco-íris. Até que apareceu uma Comissão de Doutores, os quais, por mais que esfregassem os nossos quatro amigos, viram que não adiantava.
E perguntaram se aquilo era de nascença ou se...
- Mas nós não nascemos - interrompeu o cachorro.
- Nós fomos inventados!

ELEGIA

Gabriela escutava-me com um ar de cachorrinho Victor...
De repente,
Olho em torno: desapareceu Gabriela.
Só é o mesmo disco.

VERÃO

A tarde é uma tartaruga com o casco pardacento de poeira, a arrastar-se interminavelmente. Os ponteiros estão esperando por ela. Eu só queria saber quem foi que disse que a vida é curta...

INCOMUNICABILIDADE

Querer que qualquer um seja sensível ao nosso mundo íntimo é o mesmo que estar sentindo um zumbido no ouvido e pensar que o nosso vizinho de ônibus o possa escutar.

MADRIGAL

Ponhamos as coisas no devido lugar. Eu não faço versos a ti: eu faço versos de ti...

Os EXCITANTES E A SATURAÇÃO

Antes era a ponta do pé, nos primeiros tempos do romantismo; depois,
os braços, de que o velho Machado não tirava os olhos. Agora, que está
tudo à mostra, ninguém nota. O mesmo se dá com a literatura, onde tudo
se nomeia e nada se diz. E como a imaginação é que excita e, faltando ela,
tudo falta, veio o pulo, o barulho, o berro, para substituir a dança, a
música, o canto. Em todo o caso, é de esperar que não se esteja regredindo.
Apenas uma pausa. Talvez uma necessária sonoterapia na arte de sentir e
de expressar-se.

O CONFIDENTE SUMIDO

Quando um amigo morre, uma coisa não lhe perdoamos: como nos
deixou assim sem mais nem menos, assim no ar, em meio de algo que lhe
queríamos dizer ou pior ainda - em meio do silêncio a dois no bar
costumeiro? Que outros hábitos, que outras relações terá ele arranjado? Que
novas aventuras ou desventuras de que não nos conta nada?
A nós, que sempre fomos tão bons confidentes...
Que poderemos fazer?
Mas, na verdade, os vivos e os mortos sempre tivemos uma coisa em
comum: não acreditamos muito uns nos outros...

BILHETE A HERÁCLITO

Tudo deu certo, meu velho Heráclito,
porque eu sempre consigo
atravessar esse teu outro rio
com o meu eu eternamente outro...

SURPRESAS

No outro dia tive uma surpresa enorme: estava lendo uma novela
policial e o criminoso era o mordomo! Fazia já uns quarenta anos que não
acontecia uma coisa assim. De modo que, até a última página, eu não
tinha desconfiado de nada e admirava-me da habilidade despistativa do
autor. Eis como um lugar-comum, quando volta, ninguém o reconhece,
de tão novo que está! Quem foi que disse que tempo envelhece? O tempo é
uma espécie de dr. Pitanguy. Que o diga, na tela e no palco, essa atual onda
de nostalgia - que está agora rejuvenescendo principalmente os jovens.

AGORA E SEMPRE

Há quatro estações sucessivas, literal e figuradamente falando: a
primavera, o verão, o outono, o inverno e desconfio que não acabo de descobrir
nenhuma novidade. Mas há também uma quinta estação e há pessoas que
nela passam a vida: Cecilia, Apollinaire, os dois Fredericos o Lorca e o

Fellini. Eu e você? Algumas vezes, suponho. Ë em geral o que acontece na vida dos que começam a tentar expressar-se no secreto esperanto da poesia. "Você está agora num bom clima" disse-me Augusto Meyer quando o conheci. Agora! Note-se o advérbio condicional de tempo...

AH, O BOM GOSTO...

O bom gosto, outrora tão celebrado, é uma espécie de boas-maneiras do espírito. E já isso bastava para o suspeitarmos de afetação, de coisa adquirida - uma segunda natureza, em suma.
A propósito, Jules Renard acusava a Condessa de Noailles de abundância de gênio e escassez de talento. O talento, acrescentava ele, é o gênio retificado (sw).
No entanto, logo depois exclama: "Ah! as belas coisas que a gente escreveria se não tivesse bom gosto!"
E contudo apressa-se a ponderar: "Mas o bom gosto, afinal, é toda a literatura francesa."
Que pena, meu velho Jules!

Mas, felizmente para a literatura francesa, não é bem assim... O Senhor escrevia isso no seu Journal no dia 19 de outubro de 1904 - quando Guillaume Apollinaire já vinha compondo os versos dos seus Alcools, que iriam renovar a poesia da França e, conseqüentemente, daquele nosso mundo de cultura mediterrânea. Quando os versículos de Paul Claudel, à melhor maneira dos profetas bíblicos, já iam inundando torrencialmente os palcos de Paris. E tanto Claudel como Apollinaire desdenhavam retificar seu gênio poético. O seu segredo estava na liberdade de vôo.
Ora, voltando à minha querida Madame de Noailles, permita-me lembrar-lhe que ela conseguiu, num verdadeiro milagre de síntese e como nenhum poeta clássico, legar-nos talvez o mais belo e pungente verso da língua francesa:
"Rice qu'en vivant tu t'en vas!"

Um verso que, como alguns tradutores já devem ter experimentado, resiste na sua pureza irredutível a qualquer tentativa de violação.

VIAGENS NO TEMPO

Os Reis Magos voltaram a seus remotos países. Mas todos os anos voltam para ver a Estrela, como numa história que alguém conta de novo e sempre...
Mas ninguém mais viu em parte alguma a estrela (nem eles).

Não adiantam satélites, radares, hipertelescópios: não há nada no Céu e - na Terra - está mudado o mapa...
Mas os Reis Magos querem ver a Estrela.
Ora, é só deixares que passe esta noite magica e eles repressam...
Mas como vão saber, os pobres, onde é que ficam seus países de lenda?

LIÇÕES DA HISTÓRIA

Um mercado de escravas no Oriente, uma festa de debutantes, um
cristão estraçalhado pelas feras, um animal sacrificado meticulosamente em
pleno circo por um cristão.

VIDA SOCIAL

O gato é o único que sabe manter-se com indiferença num salão. As
outras indiferenças são afetadas.

O MAGO E OS APEDEUTAS

"Não! com certeza deve haver um truque!"
E ei-los que invadem, num charivari,
o meu Castelo
(que se fez por si)
só para ver se não será de estuque...
e
Um esfrega daqui, sopra outro dali
o "material" é todo devassado:
o olho por trás do pince-nez rachado -
rebrilha, frio como um bisturi.
Para livrar-me deles, nem morrendo!
Serão só uns ingênuos, os sujeitos?
Não sei...

Mas em silêncio vou descendo
ao mais profundo dos porões do Sonho
E entre as retortas mágicas me encanto
a cultivar, sutil, os meus Defeitos.

A RUA DO POETA

Há uma rua em Paris, uma pequena rua, mas importante porque
no Centro, uma rua de uma quadra só, a que deram o nome do poeta
Guillaume Apollinaire. Nessa ficam os fundos de dois edifícios públicos
que só têm entrada pela frente e nenhuma porta no lado oposto. Nenhum
endereço. Resultado: é uma rua que existe e não existe. Que está e não
está. O que deve divertir e ao mesmo tempo deixar encantado o autor da
"Chanson du mal-aimé".
Porque o reino do poeta... bem, não me venham dizer que não é deste
mundo. Este e o outro mundo, o poeta não os delimita: unifica-os, O reino
do poeta é uma espécie de Reino Unido do Céu e da Terra.
E começo a desconfiar que foi por isso mesmo que um dia anotei numa
de minhas canções:
"O céu estava na rua?

A rua estava no céu?"
O que em verdade não deixa de ser uma interrogação afirmativa. E que terminava positivamente assim:
"Mas o olhar mais
azul foi só ela quem me deu!"
Esta peça, escrevi-a em princípios da década de 40, que foi quando li a notícia referente à rua do poeta. Assim, me perdoem se não consigo citar comprovadamente a data e a fonte. Aliás, em matéria de poesia - que importam datas? O que importa é que, com aquele batismo para uma rua assim, foi de fato um poema, um comovente poema que a municipalidade de Paris fez sem querer.

A CONSTRUÇÃO

Eles ergueram a torre de Babel
para escalar o céu.
Mas Deus não estava lá!
Estava ali mesmo, entre eles,
ajudando a construir a torre.

CLAREIRAS

Se um autor faz você voltar atrás na leitura, seja de um período ou de uma simples frase, não o julgue profundo demais, não fique complexado: o inferior é ele.
A atual crise de expressão, que tanto vem alarmando a velha guarda que morre mas não se entrega, não deve ser propriamente de expressão, mas de pensamento. Como é que pode escrever certo quem não sabe ao certo o que procura dizer?
Em meio à intrincada selva selvaggia de nossa literatura encontram-se às vezes, no entanto, repousantes clareiras. E clareira pertence à mesma família etimológica de clareza... Que o leitor me desculpe umas considerações tão óbvias. É que eu desejava agradecer, o quanto antes, o alerta repouso que me proporcionaram três livros que li na última semana: Rio 1900, de Brito Broca, Fronteira, de Moysés Vellinho e Alguns estudos, de Carlos Dante de Moraes.
Porque, ao ler alguém que consegue expressar-se com toda a limpidez, nem sentimos que estamos lendo um livro: parece que o livro é que está lendo a gente.
E como também estive a folhear o velho Pascal na edição Globo, encontrei providencialmente em meu apoio estas, suas palavras, à pág. 23 dos Pensamentos:
"Quando deparamos com o estilo natural, ficamos pasmados e encantados, como se esperássemos ver um autor e encontrássemos um homem."

A TENTAÇÃO E O ANAGRAMA

quem vê um fruto
pensa logo em furto

A GUERRA E O DESESPERO

As guerras têm aparentemente o fim de destruir o inimigo. O que elas conseguem afinal é destruir parte da humanidade - quando esta é atingida da psicose do suicídio. Isso não quer dizer que cada uma das partes se suicide pessoalmente. Nada de covardias. Para salvar as aparências, cada uma delas suicida a outra. Seria ridículo atribuir qualquer idéia de expurgo

á Natureza - com N maiusculo. E, por outro lado, seria humor negro atribui-lo a insondáveis designios da Divina Providência.
Deixemos as maiúsculas em paz. Agora, o último pretexto invocado é o das guerras ideológicas. Muito bonito! Mas quem foi que disse que se trata de idéias? Trata-se de convicções. Às quais nada têm a ver com a lógica. Fis um exemplo das convicções: eu sou gremista, tu és colorado. Eu duvido que qualquer um de nós descubra alguma razão lógica para isso. Agora, passando para um domínio mais amplo, universal, vamos procurar um exemplo das idéias.

Esta linha de pontinhos quer dizer que ainda estou procurando. Em todo caso, tenho de confessar que usar de idéias para examinar as guerras e guerrilhas é recorrer a um instrumento inadequado assim como quem se servisse de um microscópio para distinguir um rinoceronte que já sem indo a toda para cima da gente.
- E então, ó homo sapiens, que vais fazer nesta situação desesperada?
Ora, alistar-me... Toda opção é um ato de desespero.

SUSPENSE

A aranha desce verticalmente por um fio
e fica
pendendo do teto - escuro candelabro:
devem ser feitas de aranhas, desconfio,
as árvores de Natal do diabo.

LIBERTAÇÃO

...até que um dia, por astúcia ou acaso, depois de quase todos os enganos, ele descobriu a porta do Labirinto...
Nada de ir tateando os muros como um cego
Nada de muros.
Seus passos tinham - enfim! - a liberdade de traçar seus próprios labirintos.

518

PARÊNTESIS

(Em meio ao turbilhão do mundo
O Poeta reza sem fé)

HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA

Um dia os padres se desbatinaram;
disfarçando-se de gente.
E assim perderam até o respeitoso sorriso dos incréus.
Felizmente, os seus Anjos da Guarda conservaram ainda
as suas grandes asas
- palpitantes, inquietas, frementes...

ROMANCE SEM PALAVRAS

Há vidas, longas vidas que deixam em nossa lembrança - não uma
história mas um certo ar, um clima, uma presença apenas.
Oh! aquelas velhas tias provincianas...
Vidas de uma harmonia tão sutil, tão simples e tão lenta que nem se
nota.
Como uma valsinha que alguém fosse tocando ao piano
espaçadamente com um dedo só...

DEGRADAÇÃO

Tenho uma enorme pena dos homens famosos, que por isso mesmo
perderam sua vida íntima e são como esses animais do Zoológico, que
fazem tudo à vista do público.

PAZ

Essas cruzes toscas que a gente avista às vezes da janela do trem, na
volta de uma estrada, são belas como árvores... Nada têm dessas admoestantes
cruzes de cemitério, cheias de um religioso rancor.
As singelas cruzes da estiada não dizem coisa alguma: parecem apenas
viândantes em sentido contrário.
E vão passando por nós - tão naturalment - como nós passamos
por elas.

519

VOVOZINHA (

Morreu a nossa vovozinha Ágata. Tão ultrapassada... Morreu sem saber

que as histórias de crimes que ela contava para nosso horror, no mundo inacreditável de hoje, eram histórias de fadas...

FAZER E SENTIR

O que há de inumano, quero dizer não natural, no teatro clássico é que cada palavra tem um significado e uma conseqüência no desenlace.
Quando, por exemplo, desabafamos a respeito de alguém: "Tomara que morra!" - isso é apenas um alívio para a gente e para o supradito alguém, porque tudo continua como dantes. Mas, se a coisa se passa no palco, temos de matar ou mandar matar o outro - o que seria, na vida do lado de cá, uma grande estopada para ambas as partes.
Desconfio até que já disse num destes "agás" que a gente adoece é de nome feio recolhido. Desabafemos, pois, desabafemos...
Nem me digam que o teatro ou o cinema, que são no final a mesma coisa, desperta os nossos maus instintos. Pelo contrário, libera-os. Se você está com raiva de Fulano, basta encarná-lo no vilão do filme, até que "o mocinho" (você mesmo!) o deita abaixo com um soco definitivo e depois, ao encontrá-lo na rua, até o cumprimentará com um condescendente sorriso de piedade.
Em verdade, não estou sozinho no meu ponto de vista. Certa vez, numa clínica mental, ao examinar a sua biblioteca heteróclita (não propositadamente escolhida mas feita de livros doados) espantei-me do assunto de alguns que eu já conhecia e indaguei do médico que me acompanhava se acaso não teriam má influência no espírito dos internados.
E, ante a minha preocupação, ele respondeu-me com um sorriso:
- Não. Em vez de "fazerem", eles lêem...

SEMELHANÇAS & DIFERENÇAS

Deus criou o mundo "e viu que era bom". Desde então, nunca faltou um poeta que igualmente criou algo e também viu que era bom. Mas trata-se de poetas medíocres...

NÃO, NÃO CONVÉM MUITA CAUTELA

Quando nosso mestre Dom Quixote foi experimentar seu capacete, ao primeiro espadaço que lhe deu, amolgou-o; substituindo-o por outro, da mesma forma arrebentou-o; quanto ao terceiro, nada de provas: partiu com ele assim mesmo para as suas imortais andanças. Porque o verdadeiro heroísmo está na escassez dos recursos e não nos tremendos tanques de guerra, muito embora no tempo dele só houvesse poderosos gigantes em moinhos de vento...

APROXIMAÇÕES

Todo poema é uma aproximação. A sua incompletude é que o aproxima da inquietação do leitor. Este não quer que lhe provem coisa

alguma. Está farto de soluções. Eu, por mim, lhe aumentaria as interrogações. Vocês ja repararam no olhar de uma criança quando interroga? A vida, a irrequieta inteligência que ele tem? Pois bem, você lhe dá uma resposta instantânea, definitiva, única - e verá pelos olhos dela que baixou vários risquinhos na sua consideração.

NARIZ E NARIZES

O segredo da arte - e o segredo da vida é seguir o seu próprio
O segredo da arte - e o segredo da vida - é seguir o seu proprio nariz.
Não deixes que outros lhe ponham argola.
Sim, é verdade que há narizes tortos, uns para a esquerda, outros para a direita... Não perca tempo, telefone ao Pitanguy.
Um verdadeiro nariz conduz para a frente.

A DIVINA CAÇADA

Parece que foi Gagarin, glorioso herói do espaço, que disse que não viu Deus nas alturas - ele que bem devia saber que não existe um "lá em cima"
nem um "lá embaixo" - suposta moradia de Deus e do Diabo. Quando a gente era deste tamanhozinho, aí sim, Deus estava logo ali por detrás das estrelas, todas elas muito perto também. Depois nos aconteceu, com a sapiência adulta, essa infinita distância... Mas na verdade as crianças estavam mais próximas da verdade. Pois Deus não será a procura de Deus? Aquilo mesmo que, dentro de nós, o procura? Tanto assim que o próprio "herege" Renan, perguntando-lhe alguém se Deus existia, respondeu simplesmente: - Ainda não.

NOSTALGIA

De vez em quando a velha memória tira uma coisa do seu baú de guardados. Hoje, esta canção de um carnaval antigo:
"O meu boi morreu!
Que será de mim?"
Até vai brotar um poema. Sim...
O meu boi morreu...
Quem me cortará agora as unhas da minha mão direita?!

DA SERENIDADE

Nisto a que chamam vida de cachorro, pensamento e consciência embotam-se, de maneira que assim há menos dor. Ou acaba não havendo nenhuma.
Ë a serenidade, enfim - essa coisa que santos e filósofos procuram dificultosamente atingir por meio da elevação.
Degradação, elevação.., que importará uma ou outra, meu pobre leitor, se o resultado é o mesmo?

RAÍZES

Quando colegial, como eu gostava do cheiro úmido das raízes dos
vegetais! Porém, ao lado desse mundo natural, queriam fazer-me acreditar no
mundo seco das raízes quadradas, que para mim tinham algo de
incompreensíveis signos de linguagem marciana. Mas a tortura máxima eram as
raízes cúbicas. Felizmente agora os robôs tomaram conta disso e de outras
coisas parecidas com eles... Felizmente não mais existe o meu velho
professor de matemática. Senão ele morreria aos poucos de raiva e frustração por
se ver sobrepujado, por me ver continuando a fazer coisas aparentemente
insólitas porque não constam de currículos e compêndios, porque agora,
meu caro professor, agora o marciano sou eu mesmo.

DECADÊNCIA DA BURGUESIA

Desapareceram os Carusos de banheiro...
Desapareceram os bustos de Napoleão das vitrinas dos briques...
E os vates indígenas esqueceram de uma vez por todas a palavra spleen
que os poetas ingleses quase nunca empregaram.

ÁLBUM DE N. F.

A mocidade, dizem que não cria ferrugem.
Mas e as tuas sardas, sereiazinha,
as tuas maravilhosas sardas?
Para a gente as beijar uma por uma...

PERVERSIDADE

Alguém me disse, com a voz embargada, que, agora sim, estava
convencido da existência de Deus, porque os trabalhos psicografados de
Humberto de Campos eram evidentemente dele mesmo.
Mas isto não prova a existência de Deus... Prova apenas a existência
de Humberto de Campos.

HISTÓRIA REAL

A gente os amava e temia, a gente os adorava até, porque os Reis eram
uns belos animais heráldicos.
Estilizados. Decorativos. Únicos.
Um dia, deu-lhes para usarem paletó... Como eu, como tu, como o
José...
E foram-se acabando de um em um.

BOI DO BARULHO

O boi que apareceu num meu poeminho alguns cadernos atrás -
aquele que cortava as unhas da minha mão direita causou protesto de
leitor que, em carta, se disse ofendido por não o levar a sério (a ele, leitor)
e chegou a afirmar que falava não só em seu nome como também em
nome de meus outros fregueses de caderno.

Pois na verdade vos digo que não sei de nada mais sério nem de nada
mais triste...
Porque esse boi é um pronome. Está em lugar de todo um mundo
perdido, de tanta gente por aí sumida - inclusive (á saudade!) a Gabriela,
que passava os meus poemas a ferro... É bom parar por aqui. Senão acabo
escrevendo outro poema aparentemente anti-lírico, O que é um disfarce
para lá de explicável, hoje em dia, num romântico de sempre.

UM VELHO TEMA

Há mortos que não sabem que estão mortos - eis um velho tema
desses relatos fantásticos ou fantasmais que a gente lê sem cansar nunca.
Como se não houvesse coisas muito mais impressionantes em nosso
próprio mundo! Uma história, por exemplo, que começasse assim: há vivos
que não sabem que estão vivos...

CECíLIA

A atmosfera dos poemas de Cecília é a mesma que respiram as figuras
de Botticelli. Tanto neste como naquela, há uma transfiguração das
criaturas. E sentimos, ao vê-las, não a nostalgia de um passado edénico, mas de
um futuro que talvez um dia atingiremos. Serão corpos? Serão almas? Mas
para que a discriminação? Recordem, ou melhor, transportem-se àquele
verso de Raul de Leoni: "A alma, estado divino da matéria..."

O MENINO E O MILAGRE

O primeiro verso que um poeta faz é sempre o mais belo porque toda a
poesia do mundo está em ser aquele o seu primeiro verso...

TRAN SCENDENCIA

Mas um belo poema já não será a Outra Vida?

Do GIGANTISMO

Olha o que aconteceu com os Grandes Impérios! Por eles se vê que a
mania de grandeza é sempre fatal.

E espia só os iguanodontes, esses pesadelos ridículos...
Se fossem do tamanho de lagartixas, existiriam até hoje.

PARCIALIDADE

A irmã lesma, a irmã barata, o irmão piolho, os irmãozinhos
vermes
que pululam nas chagas...
Mas por que também não os louvaste, á amantíssimo São Francisco, no
teu amável Cântico das criaturas?

AUG

Augusto Meyer, lá no Rio, para onde a vida o arrancara, como que vivia
em Porto Alegre, relembrando amigos perdidos, horas perdidas...
Quando o fui visitar em 66, disse-me ele que lia até o boletim
meteorológico do Correio do Povo.
E, comentando uma notícia que saíra neste jornal e naquela semana,
sobre dois cavalos encontrados a vagar sozinhos pela madrugada em
plena Rua da Praia:
Olha, seu poeta, eu acho que éramos o Théo e eu!

POESIA E EMOÇÃO

O palavrão é a mais espontânea forma da poesia. Brota do fundo
d'alma e maravilhosamente ritmada. Se isto indigna o leitor e ele solta
sem querer uma daquelas, veja o belo verso que lhe saiu, com as
características do próprio: ritmo e emoção sem o que, meu caro senhor, não há
Poesia. Escute, não perca discussão de rua, especialmente entre comadres
italianas, e se verá então em plena poesia dramática de empalidecer de
inveja o maravilhoso e refinado Racine, mas não o bárbaro Shakespeare,
igualmente maravilhoso, embora destramhelhado de boca. Por isso é que
não nos toca a poesia feita a frio, de fora para dentro, mas a que nos
surge do coração como um grito, seja de amor, de dor, de ódio, espanto ou
encantamento.

PEQUENO ESCLARECIMENTO

Os poetas não são azuis nem nada, como pensam alguns
supersticioSOS, nem sujeitos a ataques súbitos de levitação. O de que eles mais
gostam

é estar em silêncio - um silêncio que subjaz a quaisquer escapes motorísticos ou declamatórios. Um silêncio.., este impoluivel silencio em que escrevo e em que tu me lês.

2001 - UMA ODISSÉIA NO ESPAÇO

O osso que, no famoso filme, um nosso ancestral macacoide lança em direção as estrelas parece, pelo visto, o embrião do desejo de as alcançar, no que se mostrava um pouco mais ambicioso que Von Braun, o qual, passados milhoes de anos, apenas queria - e conseguiu - que fossemos à lua.

O gesto daquele bicho, perdão, daquele humanóide vocês não acham que era demasiado poético para as suas condições e necessidades imediatas?
Senão vejamos. Viviam eles em tribos, não só acossadas pelas outras, como pelos demais viventes contemporâneos, verdadeiras feras que alias continuaram feras, felizmente sem evoluir como nós e sem portanto adquirir a refinada fereza do homo sapiens. Quem sabe lá o que não seria se nós tivéssemos de haver nos dias de hoje com um "tiger sapiens"!
Acho que aquele macacão do filme apenas imaginou, ao jogar o osso para cima, a possibilidade de soar como as aves que via evoluirem no espaço.
E, assim, ele e seus companheiros de tribo poderiam evitar as ciladas e ataques inimigos aos quais nem sempre conseguiam fugir em desigualdade de condições.
E, em nossas atuais e não melhores condições, quem sabe se a astronáutica glória do século xx não terá sido, em suas subconscientes origens, além da epopéia que estamos vivendo, a mais dispendiosa forma de escapismo...

DE CERTA ORATÓRIA

A oratória, quero dizer essa oratória bramidora e gesticulante ainda em uso em certas localidades, eu desconfio muito que seja uma forma literária da epilepsia.
Esse mal, em que o orador se descarrega, o que afinal acaba lhe fazendo bem, é sumamente indigesto para o homenageado quando se manifesta em um banquete.

O pobre coitado, muito antes que o Cicero indígena se erga para o ato, já tudo começa a sentar-lhe mal.
Porque, entre uma garfada e outra, em vez de digerir, ele se põe a ruminar o que dirá, o que responderá, como se sairá...
Saiu-se, e muito bem, em outras circunstâncias (conforme me contou há tempos um seu coestaduano) o sr. Agamenon Magalhães, numa excursão política pelo interior do Estado. Tendo o trem de fazer breve parada numa estação do percurso, eis qUe saca o prefeito o seu discurso mas

Agamenon lho arrebata das mãos:
- Eu leio depois! Eu leio depois, com mais vagar...
Aqui fica a receita, para quem tiver peito.
E também esta frase que, ha dois mil anos, infelizmente Catilina não se lembrou de dizer:
"Quousque tandem, Cicero, abutere patientia nostra?"

URIZABEL

O homem suspirava para os costumeiros moirões que costumam cercar o leito derradeiro:
"Todo mundo já viu um disco voador! Eu nunca vi... Todo mundo já viu um fantasma! Eu nunca vi..." Nesse ponto, o Anjo das Últimas Queixas, o qual, como todo mundo sabe, atende pelo nome de Urizafel, teve pena do pobre homem e transformou-o num fantasma dentro de um disco voador.

DE UMA ENTREVISTA PARA O BOLETIM DO INBA

Não pretendo que a poesia seja um antídoto para a tecnocracia atual. Mas sim um alívio. Como quem se livra de vez em quando de um sapato apertado e passeia descalço sobre a relva, ficando assim mais próximo da natureza, mas por dentro da vida. Porque as máquinas um dia viram sucata. A poesia, nunca.

VERBETES

Infância - A vida em tecnicolor.
Velhice - A vida em preto e-branco.

POEMA

Oh! aquele menininho que dizia
"Fessora, eu posso ir lá fora?"
mas apenas ficava um momento
bebendo o vento azul...
Agora não preciso pedir licença a ninguém.
Mesmo porque não existe paisagem lá fora:
somente cimento.
O vento não mais me fareja a face como um cão amigo...
Mas o azul irreversível persiste em meus olhos.

PAUSA

Quando pouso os óculos sobre a mesa para uma pausa na leitura de coisas feitas, ou na leitura de minhas próprias coisas, surpreendo-me a indagar com que se parecem os óculos sobre a mesa.

Com algum inseto de grandes olhos e negras e longas pernas ou
antenas?
Com algum ciclista tombado?
Não, nada disso me contenta ainda. Com que se parecem mesmo?
E sinto que, enquanto eu não puder captar a sua implícita imagem-poema, a inquietação perdurará.
E, enquanto o meu Sancho Pança, cheio de si e de senso-comum, declara ao meu Dom Quixote que uns óculos sobre a mesa, além de parecerem apenas uns óculos sobre a mesa, são, de fato, um par de óculos sobre a mesa, fico a pensar qual dos dois Dom Quixote ou Sancho? vive uma vida mais intensa e portanto mais verdadeira...
E paira no ar o eterno mistério dessa necessidade da recriação das coisas em imagens, para terem mais vida, e da vida em poesia, para ser mais vivida.
Esse enigma, eu o passo a ti, pobre leitor.
E agora?
Por enquanto, ante a atual insolubilidade da coisa, só me resta citar o terrível dilema de Stechetti:
"lo sonno un poeta o sonno un imbecile?"
Alternativa, aliás, extensiva ao leitor de poesia...
A verdade é que a minha atroz função não é resolver e sim propor enigmas, fazer o leitor pensar e não pensar por ele.

E daí?
- Mas o melhor - pondera-me, com a sua voz pausada, o meu Sancho Pança - o melhor é repor depressa os óculos no nariz.

CONTO AMARELO

Redesarrumando velhas prateleiras, notei que as traças preferiam os meus livros em francês. Estariam elas em um nível de cultura superior ao dos leitores de hoje? Desdenhariam as traduções de suspeitos best-sellers ianques, deixariam de lado a propagandística literatura mafiosa? Que lição! Mas eis que, em plena atmosfera poesca, descubro a tempo que o segredo estava nas edições propriamente ditas, aquelas antigas edições amarelas da Garnier e do Mercure, impressas num papel mais poroso e digestivo... Minha filha, que desilusão para os amantes do fantástico!

APONTAMENTO DE HISTÓRIA NATURAL

Os leões selvagens quase não têm juba: brigam como mulheres, arrancando-se os cabelos. E teriam o maior desprezo, se um dia os vissem, pelos leões de zóo e de circo, a quem acusariam de usar peruca. Alias magnificas perucas à Luís XIV.

AH, AS VIAGeNS

Alegre agitação de véspera de partidas. Com crias da casa para carregar

as malas. E um pai para pagar a passagem. Agora as viagens são sozinhas, anônimas, quase furtivas. E ir de um lugar para outro - olha só a grande novidade! - é o mesmo que mudares de posição um velho móvel no quarto de sempre...

O RAPTOR

E embora aquele fosse um menino como outro qualquer, o louco não tinha a mínima dúvida de que estava com o Menino Deus nos braços. Senão, refletiu ele, como teria vindo assim sem mais nem menos, aparecendo de súbito em seus braços?
E, num relâmpago de lucidez, isto é, de velhacaria, lembrou-se de o levar ao próprio rei Herodes.

Sorriu. Claro que não pôde deixar de sorrir. Ele não estava suficientemente são para uma coisa dessas...

SEMPRE DESCONFIEI

Sempre desconfiei de narrativas de sonhos. Se ja nos é difícil recordar o que vimos despertos e de olhos bem abertos, imagine-se o que não sera das coisas que vimos dormindo e de olhos fechados... Com esse pouco que nos resta, fazemos reconstituições suspeitamente lógicas e pomos enredo, sem querer, nas ocasionais variações de um calidoscópio. Me lembro que, quando menino, minha gente acusava-me de inventar os sonhos. O que me deixava indignado.
Hoje creio que ambas as partes tínhamos razão.
Por outro lado, o que de mais espantoso ha nos sonhos é que não nos espantamos de nada. Sonhas, por exemplo, que estás a conversar com o tio Juca. De repente, te lembras que ele já morreu. E daí? A conversa continua.
Com toda a naturalidade.
Já imaginaste que bom se pudesses manter essa imperturbável serenidade na vida propriamente dita?

O ESTRANHO FICHÁRIO

O cerebro humano arquiva tudo. Mas tudo mesmo! insistem os sábios. O único transtorno em toda essa maravilha é que a gente vive perdendo as chaves do maldito arquivo...

CLARIVIDÊNCIA

O poema é uma bola de cristal. Se apenas enxergares nele o teu nariz, não culpes o mágico.

A MOEDA

Um menininho sonhou que havia encontrado uma moeda de ouro no fundo do poço. Mas por que foi que não me entregaste? - disse o pai juntando as sobrancelhas, que era o seu gesto mais terrível e mais precursor de tudo. O menininho, então, no outro dia, inventou um novo sonho:

que havia perdido uma moeda de ouro no fundo do poço... Então o pai, com grande alivio do menininho, não fez um gesto, não disse uma palavra: foi procurar a moeda e afogou-se.

No SILÊNCIO DA NOITE

Sempre me impressionou esse estranho caso que acontece no silêncio da noite e no interior das enciclopédias: a promiscuidade forçada das personagens dos verbetes, as quais, sem querer, se encontram alfabeticamente lado a lado... Não fosse a minha salutar preguiça, eu escreveria um novo "Dialogues des morts". Deixo aqui a idéia a quem quiser aproveitá-la.
Que diria, por exemplo, Napoleão a Nabucodonosor, que, se não me engano muito, é ainda por cima o único lobisomem que aparece na Bíblia... Em todo caso, o orgulho do Imperador ficaria por demais ferido com a total ignorância de seu vizinho de página a respeito de suas andanças através da História. Ainda mais danado ficaria ele se pudesse ver os filmes em que é apresentado como um baixinho irrequieto, nervosinho, de gestos súbitos, um garnisé petulante. Por ocultos motivos, parece que é moda denegrir Napoleão entre os cineastas franceses. Isto apesar de os burgueses da França terem ficado seduzidos, até hoje, com as fitinhas da Legião de Honra, que ele, maliciosamente, criou exatamente para os civis - o que ainda agora o deve divertir muitíssimo. Mas por que diabo foi ele vender a Louisiana aos Estados Unidos? Não fora isto, poderia transportar, depois de Waterloo, a sede do Governo para o Novo Mundo - como fez D. João VI ao vir para o Brasil. Foi a mesma burrada (desculpem, não me ocorre no momento outra expressão), foi o mesmo, digo agora, que fez a Rússia ao vender o território do Alaska aos norte-americanos. Com que raiva não hão de pensar nisto os soviéticos, que, com um pé na América, aí sim, poderiam, literalmente falando, abarcar o mundo com as pernas.
Mas, depois do que aconteceu, é tolice imaginar o que poderia não ter acontecido. Deixemos pois os guerreiros em imerecida paz e vamos falar daqueles cujo reino não e deste mundo.
Contudo, receio que Napoleão e Nabucodonosor não se estranhariam tanto como pessoas da mesma Era e da mesma Fé. Como Santa Teresa de Jesus, por exemplo, e Santa Teresinha do Menino Jesus, que se defrontam na mesma página. Deus me perdoe, mas creio até que o velho Teresão não daria importância àquela meiga menina, com suas chuvas de rosas... "Deixá-la falar! santinha de arrabalde..."

COMUNHÃO

Há anjos boêmios que costumam freqüentar esses antros noturnos que são os sonhos dos humanos. São estes que finalmente intercedem por ti. O resto é dedo-duro.

A REVELAÇÃO

Um bom poema é aquele que nos dá a impressão de que está lendo a gente... e não a gente a ele!

O ÁLBUM

Todos os anos, a 31 de dezembro, a família se reunia para contar os sobreviventes e fazer o cômputo dos recém-nascidos. Pois bem, naquele ano morrera o tio Hipólito, meio gira, mas divertido, e que tinha o apelido de "Que barulho é esse na escada?", frase que a toda hora berrava do alto do sótão onde morava e onde recortava meticulosamente, à tesoura, de revistas e jornais velhos, figurinhas, estampas e textos, num álbum que não mostrava a ninguem neste mundo, nem no outro, se para lá o pudesse levar. Afinal, para que possuirmos álbuns ou colecionarmos coisas, se depois hão de cair nas mãos de herdeiros ignaros e irreverentes, que as venderão por atacado ou as relegarão para a ignomínia dos porões escuros, onde ficarão mofando como trastes... essas queridas coisas para sempre impregnadas da nossa alma e do nosso carinho?
Pois foi a alma de tio Hipólito que seus sobrinhos dilaceraram literalmente naquele ano, ao deparar, entre guinchos irreprimíveis, logo à primeira página do livro secreto, com o belo retrato do vovô Humphreys, o da homeopatia, seguindo-se-lhe a curiosa radiografia de uma mão atravessada por uma agulha e mais um recorte com a seguinte trova portuguesa:
"Quando eu era rapariga,
Minha mãe recomendou:
Minha filha, não te cases,
Que tua mãe nunca casou".
Embora não fosse eu da família, mas simplesmente acompadrado nela, deram-me o álbum para folhear, o que fiz com a maior seriedade e respeito. Aliás, não podia deixar de admirar o senso artístico com que estavam

distribuídos os textos e figuras em cada página. Só estranhei um pouco é que os sonetos do festejado poeta Hermes Fontes aparecessem apenas pela metade e além disso cortados em diagonal - compreendem? -, formando um triângulo retângulo no canto inferior direito da página, como que a deter a hábil desordem com que nela se derramavam, digamos, as estampas do "Minas Gerais", do busto de Alexandre Herculano, das quatro mulheres vocalizantes anunciando, sílaba a sílaba, a Lu-go-li-na, e assim por diante.

Outra coisa que me causou espécie foi que, da "minha" Vênus de
Botticelli, apareceu-me unicamente a cabeça decapitada, com aquela cabeleira
espantosamente viva e o oval angélico de seu rosto inclinado.
Fiquei triste, porque o "Nascimento de Vênus" é dessas coisas que
sempre me fizeram bem aos olhos e portanto à alma. Em compensação, mais
adiante, encontrei-lhe o busto e os seios, embaixo da gravura da Primeira
Locomotiva. Não pude mais: pus-me a folhear aflitamente o álbum, como
quem procura desesperadamente os restos da bem-amada estraçalhada no
mais pavoroso desastre do século.
Encontrei-lhe os pés brotando, muito alvos, da larga concha marinha,
a qual se equilibrava milagrosamente em cima da calva de um tal de sr.
João P. de Sousa Filho, natural de Cataguases, antes de usar Tricomicina.
Na pagina 27 encontrei a suave curva dos quadris, o ventre... Estava
enquadrada entre duas colunas com os sucessivos instantâneos da queda de
um gato, animal que, como se sabe, sempre cai de pé. Eu é que quase caí
sentado quando, depois de percorrido todo o álbum, achados os braços,
as mãos, os "joelhos sem joelheiras", o resto, só não pude encontrar o
baixo-ventre...
Fiquei horrorizado como quando Jack o Estripador andava às soltas
em Londres; indaguei, pálido:
- Esse tio Hipólito era mesmo um homem muito solitário, não?
Sim, cacarejou, com um súbito rancor na voz esganiçada, uma
das três sobrinhas solteironas - comia no quarto e não gostava de
barulho, especialmente de cacarejo de galinhas. Por sinal que uma madrugada
quase que o mano Juca matou ele. Ouviu barulho no fundo do quintal,
pensou que fosse ladrão, pegou do revólver e se tocou de mansinho pro
galinheiro, mas graças a Deus a noite estava clara e ele viu a tempo que era
o tio Hipólito segurando uma galinha (já tinha pegado três) e enrolando
esparadrapo no bico do animal, para que não cantasse mais. O mano Joca
se retirou como chegara, sem ser suspeitado, e ficou acordado até o clarear

do dia, pensando no que devia fazer. E nós também, escutando os
protestos dos pobres animais que pouco a pouco se foram calando um a um e
que amanheceram todos mortos por sufocação. E só o que pudemos fazer
no outro dia foi uma canja de uma das galinhas e mandar as outras onze e
o galo preto para a festa de Natal do Asilo Padre Cacique... O senhor não
leu no jornal? "Generoso gesto das irmãs Fagundes. Um nobre exemplo a
imitar". Até recortamos. Aqui está.
E tirou da bolsa o recorte.
Tive vontade de dizer que o colasse no álbum do tio Hipólito, o qual
fora parar não sei como nas mãos de um guri da nova safra, que o estava
folheando. Sim, folheando atentamente, e sem rasgar, como seria de
esperar de um pimpolho de onze meses e pico!
Como se chama o garoto? perguntei, para mudar de assunto.
- Ah! este é o Filho do Livro! respondeu a mãe da criança, que aliás
era uma linda mãezinha dos seus vinte anos.
- O Filho do Livro! disse eu, atônito, para maior divertimento da
gozada mãezinha e do paizinho da criança, um sujeitinho seco e de fala fina.
- O senhor sabe... - explicou ele.
- A crise.., a incertidão da vida... A gente não queria ter filho já...
Compramos o Método Racional da Limitação de Filhos... Imagine, um método

recomendado até pelo Papa! Seguimos tudo à risca.., e nasceu este guri. Tive vontade de dizer-lhes que eles com certeza é que não tinham tomado direito certas anotações, como o livro mandava. Mas não disse nada e fiquei olhando o guri, que por sua vez continuava olhando o livro... Hummm! O que sairia dali? Um grande escritor, pelo visto? Ou um novo tio Hipólito? Tive vontade de dizer muitas coisas que o assunto comportava. Mas não disse nada. Há muito que a vida me ensinou a não dizer nada. Agachei-me no chão e fiquei olhando o álbum junto com o Filho do Livro, ambos muito atentos, muito calados, muito impressionados, cada qual à sua maneira.

A GRANDE AVENTURA

Estás cansado? Estás parado? Morto? E, no entanto, os teus primeiros sapatos continuam andando, andando, por todos os caminhos do mundo...

CAUTELA

Os fantasmas não fumam porque poderiam acabar fumando-se a SI mesmos.

SIMULTANEIDADE

- Eu amo o mundo! Eu detesto o mundo! Eu creio em Deus! Deus é um absurdo! Eu vou me matar! Eu quero viver!
- Você é louco?
- Não, sou poeta.

PRIMEIRAS LEITURAS

As minhas primeiras leituras em matéria de romance foram uma coisa muito engraçada: o primeiro volume das Minas de prata, de José de Alencar, o primeiro volume de A Família Agulha, creio que de Bernardo Guimarães.* Por onde andariam os segundos volumes? Minas de prata foi um mundo encantado, porque não era o mundo da nossa época. A família Agulha até me dava dor do lado, de tanto rir. Ah! aquela irresistível personagem, a dona Quininha Ciciosa... Não, não vou dizer que, quando eu estiver para ir-me, quero que me arranjem os dois volumes completos de cada obra. Parece que, desde então, compreendi que o enredo é o pretexto, e o essencial a atmosfera. E que a insatisfação faz part do fascínio da leitura. Um verdadeiro livro de um senhor autor não é um prato de comida, para matar a fome. Trata-se de um outro pão, mas que nunca sacia... E ainda bem!!!

O SILÊNCIO

Convivência entre o poeta e o leitor, só no silêncio da leitura a sós. A

sós, os dois. Isto é, livro e leitor. Este não quer saber de terceiros, não quer que interpretem, que cantem, que dancem um poema. O verdadeiro amador de poemas ama em silêncio...

SILÊNCIOS

Há um silêncio de antes de abrir-se um telegrama urgente
há um silêncio de um primeiro olhar de desejo
há um silêncio trêmulo de teias ao apanhar uma mosca
e
o silêncio de uma lápide que ninguém lê.

___

* O livro A família Agulha é de Luís Guimarães Júnior. (N. do Ed.)

NOVIDADES

Cada dia é preciso escrever sobre uma coisa nova - mas novidades, as últimas, só as há nas vitrines de butiques, nos catálogos de acessórios domésticos, nos belíssimos e caros anúncios de medicamentos caros.
Estas é que importam, fascinam, dão água na boca - quem é que não deseja ser saudável como os ginastas das estátuas gregas, ou, se mulher, ter o porte e o charme dos manequins de moda? Mas, por azar, o que mais interessa só pode ser sob prescrição médica...
O resto, quase o que só se lê, são ninharias: seqüestros, estupros, àssaltos e outras coisas que ficam além do alcance do vulgo. Resta a política, mas agora em mãos de especialistas, de modo que a gente fica igualmente por fora.
Parece que diante de tudo isso a única solução é fabricar fogos de artifícios, girândolas, busca-pés e traques, na falta de outras coisas menos líricas.
Mas os cartolas dirão que não é tempo de lirismos. Ouçamos, pois, que digressionam eles sobre assuntos econômicos. Isto sim é que toca a todos nós nestes tempos bicudos. Como?! Não entendeste nada? E alegas que é porque eles falam economês? Nada disto, meu santo. Eles acabam de expressar-se no mais puro chinês!

ACHADOS E PERDIDOS

Generalizando, e dando ao caso um toque emocional de exagero, levo metade do dia a procurar o que se extraviou na véspera.
Não, não tentem ajudar-me, ó bem-amadas, pois não se trata de jóias e, se por acaso eu as houvesse herdado, não teriam para mim outro valor senão o de empenhá-las pouco a pouco.
O que eu perco são coisas imponderáveis, suspiros não, mas pensamentos, se assim posso chamar o que às vezes me borboleteia na coca e que procuro transviar no papel, antes que um súbito buzinar ou

britadeira as mate de nascença.
E, enquanto procuro traçá-las a lápis no papel, pois graças a Deus não pertenço intelectualmente à era mecânica, às vezes me parece que, por exemplo, um "g" manuscrito me saiu um garrancho, ou, antes, um gancho, que faz pender a linha destas escrituras e por conseguinte a linha do pensamento.

Estão vendo? De que era mesmo que eu estava falando? Ah! era dos papéis escritos, extraviados, esquecidos.
Quem sabe lá como seriam bons!
Quanto a este, que tive o cuidado de não perder, o melhor será colocar-lhe no fim os três pontinhos das reticencias...
Ninguém sabe ao certo o que querem dizer reticências.
Em todo o caso, desconfio muito que esses três pontinhos misteriosos foram a maior conquista do pensamento ocidental...

CATARINA

Passou despercebido o cinqüentenário de Katherine Mansfield, aquela que, depois de Tchekhov, acabou com o conto anedótico de Maupassant. Aliás, uma coisa que sempre me causou espécie foi cognominarem Tchekhov de "o Maupassant russo". Mas não há de ser nada... Estou relendo Bliss (Felicidade, na bela tradução do Erico para a Globo). E encontro em Katherine - não reparem que eu a trate assim, pois Katherine é dessa espécie de autores de quem a gente fica logo intimo -, encontro, pois, na Catarina e copio aqui este trecho que ela julgava que fosse de prosa, mas que é um puro poeminho, dos nossos:
"As notas sobem e descem
dançando na pauta
como negrinhos brincando numa cerca de arame."

ATÉ QUE ENFIM

Ora, até que enfim chegou o outono, o outono de azulejo e porcelana.
Olho (estou na nossa velha Praça da Alfândega) a estátua eqüestre do general. Estão ambos verdes, num louvável mimetismo, contra o verde das árvores ao fundo, especialmente o daquele belíssimo guapiruvu, já cantado por Nogueira Leiria.
Quero crer que o Leiria se foi antes que houvessem cortado um braço lateral da sua árvore, quebrando a bela simetria da copa. Espero que não tenha saído sangue dessa amputação, como aconteceu com a árvore no poema "O lenhador" de Catulo da Paixão Cearense.
Olho, para disfarçar, os guris no tobogã. Meu sorriso interior, no entanto, fica em meio. Porque esses guris em breve vão perecer. Isto é, vão perder a infância, a inocência animal, para ganharem em troca, no mim-

mo, uma sonsice social. E ostentarão esse falso cinismo da adolescência,
mais perdoável, aliás, que o cinismo rancoroso dos velhos.
Mas, por enquanto, ainda estão estragando por aí os fundilhos. E que
brilho nas caras de maçãs, acesas na escorregadela a jato! A tarde mira-se
nos seus olhos. Repara bem no que te digo: a tarde é que se mira nos seus
olhos, que se limitam a refletir as coisas, em vez de refletir sobre as coisas.
Eles estão na vida como peixes n'água: sem saber. E no mesmo contínuo
movimento.

BABEL

Deus sabotou a construção da Torre de Babel simplesmente porque não
gostava de espigões, ou arranha-céus, como poeticamente eram
denominados em tempos que não vão longe. Hoje, basta o pejorativo de espigões.
para ver-se o quanto os abominamos - com exceção dos construtores -,
estranho sinônimo dos demolidores da beleza e da comodidade do mundo.
Era tão bom viver à flor da terra...
Mas parece que eles, os construtores, andaram lendo por demais as
novelas de ficção científica. Tudo são elevados ou subterrâneos. Ou
andase minhocando por debaixo da terra ou pairando em alturas. Se ao menos
fossem os jardins suspensos de Babilônia... Onde está o nosso querido
chão humano? Tudo é talo desnatural!
Quando ainda há pouco estive no Rio, encaminharam-nos
diretamente da porta do avião para um túnel, ao fim do qual aconteceu uma escada
rolante, depois mais um túnel e mais uma escada, depois a espera de que
as nossas bagagens passassem por nós. Era o Rio, aquilo? Não: parecia
que estávamos dentro de um conto de Kafka. No hotel perguntou-me o
gerente se eu preferia um quarto da frente ou dos fundos. Escolhi um
dos fundos porque haveria menos barulho. Engano d'alma! Lá nos fundos
havia uma britadeira que trabalhou toda a noite. E, no regresso, puxa!
Quanta fila de espera e quanto guichê e quanto elevador! E ainda os
cariocas indagavam se eu não achava uma maravilha aquele novo aeroporto...
Eu achava a coisa um pesadelo técnico.
A sorte é que andei autografando no Largo do Boticário - um oasiS
no Rio de hoje, com seus casarões coloniais, com seus lampiões - e tudo
aquilo reconstruído ou ressuscitado pela senhora proprietária do local
- uma construtora inteligente.

A GENTE AINDA NÃO SABIA

A gente ainda não sabia que a Terra era redonda.
E pensava-se que nalgum lugar, muito longe,
deveria haver num velho poste uma tabuleta qualquer
- uma tabuleta meio torta
- e onde se lia, em letras rústicas: FIM DO MUNDO.
Ah! depois nos ensinaram que o mundo não tem fim
e não havia remédio senão irmos andando às tontas

como formigas na casca de uma laranja.
Como era possível, como era possível, meu Deus,
viver naquela confusão?
Foi por isso que estabelecemos uma porção de fins de mundo...

POÇAS DAGUA

As poças d'agua na calçada esburacada não, isto não é um protesto:
é, a seu modo, uma espécie de poema, que por sinal já saiu rimando...
Fosse uma reclamação, eu a publicaria no "Correio do Leitor"; seção
competente onde cada um exerce o direito da sua opinião privada sobre a coisa
pública. As poças d'água na calçada, como eu ia dizendo, são, em meio ao
tráfego congesto, o único esporte que resta ao viandante na
contingência de lhes saltar por cima ou devidamente contorna-las. Há velhinhas
- quem diria? que sabem transpô-las com infinita graça, equilibrando
no alto a sombrinha como a moça do arame no circo. Há graves senhores
pançudos que o fazem cuidadosamente, eficientemente, com uma
perfeição que justifica o seu status. E há também os sujeitos, nada pançudos,
nada graves, antes pelo contrário, e que nos fazem lembrar os chamados
"salta-pocinhas" do Segundo Império. Quanto as crianças, essas adoram
as poças d'água. Nem é necessário alegar, a seu respeito, uma compulsiva
Comunhão com a natureza.
Comunhão com a natureza, tive-a eu quando uma noite caí de barco
ao praticar esse esporte e fui parar no pronto-socorro, de nariz
quebrado. A moça otorrino que gentilmente me atendeu mostrou-se preocupada
com o meu vômer, que eu não sabia o que era. Explicou-me que se tratava
do osso que dividia as fossas nasais. Quanto aos outros, os da ponta do
nariz, eram os distais e, se fossem os vitimados, nao tinha importância,
pois acabariam acomodando-se por si mesmos.

Como vês, leitor amigo, a vida é assim: caindo e aprendendo... E, caso
me ocorram outros acidentes, acabarei enfim sabendo anatomia, matéria
que faz muito tempo que não estudei nos bancos escolares.
Mas o que me deixou mesmo mais eufórico foi ao ler no boletim
clínico que toda aquela sangueira nas ventas tinha o nome de epistaxe.
Epistaxe, meu Deus! Até parece uma figura de retórica...
As poças d'água são um mundo mágico
Um céu quebrado no chão
Unde em vez das tristes estrelas
Brilham os letreiros de gás néon.

DE UM DIÁRIO ÍNTIMO DO SÉCULO TRINTA

Tenho 9 anos. Meu nome é Gavrilo. Meu professor só hoje me permitiu
uma ida ao Jardim Botânico, por causa da minha redação sobre a fórmula
de Einstein. Elogiou em aula o meu trabalho porque, disse ele, em vez de
dar-lhe uma interpretação, como fazem todas as crianças, eu me limitei a
dizer que aquela simples fórmula era uma coisa tão absurda e maravilhosa
e inacreditável como as lendas pré-históricas, por exemplo a "Lâmpada de

Aladino" ou a "Vida de Napoleão e seu cavalo branco". Por isso começo hoje o meu diário, que eu devia ter começado aos 7 anos. Mas nessa idade a gente só escreve coisas assim: "A Adalgisa caminha como um saca-rolha" ou "pusemos na inspetora geral do ensino o apelido de dona Programática". Pois lá me fui com outros meninos e meninas, que também tinham merecido menção pública, ao Jardim Botânico, que me pareceu pequeno porque constava apenas de uma cúpula de vidro. Havia uma fila enorme de turistas e visitantes domingueiros. Lá dentro não era apenas ar condicionado, era um vento leve, uma "brisa", explicou-nos o professor. Uma brisa que agitava os cabelos da gente e as folhas da árvore. Sim, porque lá dentro só havia uma árvore, a única árvore do mundo e que se chamava simplesmente "a árvore", pois não havia razão para a diferençar de outras. Suas folhas agitavam-se e tinham um cheiro verde. Não sei se me explico bem. Não importa: este diário é secreto e será queimado publicamente com outros, de autoria dos meninos da minha idade, quando atingirmos os 13 anos. Dona Programática nos explicou a necessidade desses diários porque, "para higiene da alma e preservação do indivíduo, todos têm direito a uma vida secreta, ao contrário do que acontecia nos tempos da Inquisição, da censura, dos sucessores do Dr. Sigmund Freud e dos entrevistadores jornalísticos".

Isto diz a dona Programática. Mas o nosso professor de Redação, que não é tão cheio de coisas, diz que estes nossos diários secretos servem para a gente dizer hesteiras só por escrito em vez de as dizer em voz alta. Na próxima vez tratarei de fazer uma boa redação sobre a Árvore para ver se ganho o prêmio de uma visita ao Zôo onde está o Cavalo. Andei indagando dos grandes sobre este nosso cavalo e me disseram que não, que ele não era branco. Uma pena...

SABOTAGEM

Estragaram o Grande Ëspetáculo do Juízo £Inal
porque
antes do veredicto
fizeram explodir tudo quanto era bomba H
e apenas ficou no meio do deserto
misteriosamente sorrindo
a dentadura postiça de Jeová.

O MUNDO DELAS

Que importa o asfalto, o cimento, isso tudo?! As meninazinhas sempre saem da escola correndo descalças sobre a relva...

COISAS NOSSAS

Quando eu tinha dezesseis, dezessete anos, evitava qualquer menção de local, qualquer laivo bairrista em meus contos, para que estes pudessem

ser lidos sem dificuldade em traduções francesas. Eis aí como eram os adolescentes do meu tempo: viviam em Paris... Enquanto isto, no interior do meu Estado, Simões Lopes Neto escrevia em português, ou antes em brasileiro, ou melhor ainda em linguagem guasca, os Contos gauchescos e as Lendas do Sul, belas histórias tão tipicamente nossas, porém de gabarito universal. E desconfio até que nas Lendas, pelo verismo dos pormenores, tenha sido ele, nas três Américas, o verdadeiro precursor do realismo fantástico.

O Ovo INQUIETO

Era uma vez um ovo. Já disse alguém, talvez tenha sido eu mesmo, que o ovo é a mais perfeita forma da Criação. Assim vivia ele, elipsoidal e único, sereno como se tivesse atingido o Nirvana ou essa ausência de si a que alguns fanáticos chamam estranhamente de meditação, e ainda por cima transcendental. Nada disso! Tão consciente ele era que, sendo ovo de galinheiro, tinha um receio pavoroso de ficar choco e virar uma dessas aves cacofônicas - as únicas, em toda a natureza, que cantam sem musica, pois até mesmo o pássaro-ferreiro, na sua estridência, tem uma bela harmonia metálica. Pensando nesse perfeito e inquieto ovo é que acabo de pedir uma omelete no restaurante. Talvez ele faça parte do conteúdo dela... Antes assim, meu amigo, antes assim!

CONTO AZUL

Da última vez em que estive por lá, vi passarem de um lado para outro algumas almas com as suas alvas túnicas regimentais. Até aí nada de novo. Mas, dentre elas, havia algumas que traziam gravados a negro, nas costas, uns algarismos romanos. E foi assim que vi o IV, o XI, o XV, o IX...
Não me contive:
Vai haver alguma corrida? indaguei ao anjo que se achava de guarda.
- Pssst! fez ele, levando imperiosamente o dedo ao lábio. E baixinho, para que o XVI que então passava não nos ouvisse: Mais respeito, seu moço! São os Luíses de França...

EM TEMPO

Com licença, posso meter um pouco a minha colher no assunto? Mas esse tão badalado realismo fantástico existiu sempre: é a poesia.

O CRIADOR E AS CRIATURAS

Mais triste do que um escritor virar seu próprio discípulo é quando ele vira um dos seus próprios personagens. No fim da vida, vejam só o que aconteceu com Tolstoi. De senhor invisível e ubíquo que era, corporificou-se enfim num daqueles fanáticos que abundavam na Rússia do

seu tempo, os chamados "inocentinhos", o último dos quais nada tinha de inocente: Rasputin.
Romancista mesmo é aquele cujas criaturas assumem vida própria e não lembram o pai. Ainda no outro dia dizia eu ao nosso Josué Guimarães que o que tinham de bom os seus personagens é que não se pareciam com ele. Um elogio, como se ve.
Pois embora possa servir eventualmente de ótimo material, o eu de um romancista sempre é le haissable moi.
E, por exemplo, que pensaria ele, o velho Machado romancista, do burocrata Joaquim Maria Machado de Assis, tão pontilhoso, ou do acadêmico do mesmo nome, tão convencional?
Creio que pensaria isso mesmo...

REFLEXOS, REFLEXÕES...

I

Quando a idade dos reflexos, rápidos, inconscientes, cede lugar à idade das reflexões terá sido a sabedoria que chegou? Não! Foi apenas a velhice.

II

Velhice é quando um dia as moças começam a nos tratar com respeito e os rapazes sem respeito nenhum.

III

Ora, ora! não se preocupe com os anos que já faturou: a idade é o menor sintoma de velhice.

EXERCÍCIOS

Há senhores, graves senhores, que lêem graves estudos de filosofia ou Coisas afins, ou procuram sozinhos filosofar, considerando as suas idéias que eles julgam próprias. Isto em geral os leva à redescoberta da pólvora.
Mas não há de ser nada... Porque estou me lembrando agora é dos tempos em que havia cadeiras na calçada e muitas estrelas lá em cima, e a preocupação dos pequenos, alheios à conversa da gente grande, era observar a forma
das nuvens, que se punham a figurar dragões ou bichos mais complicados,
Ou fragatas que terminavam naufragando, ou mais prosaicamente uma vasta galinha que acabava pondo um ovo luminoso: a lua.

E esses exercícios eram muito mais divertidos, meus graves senhores, que os de vossas idéias, isto é, os de vossas nuvens interiores.

DIREÇÃO ÚNICA

Naquele tempo, todas as casas davam para o norte. Porque o norte era sempre para onde estava apontando o nariz da gente quando saíamos porta afora como um pé-de-vento. O mundo era sempre em frente. E a sensação que tínhamos - á inocência perdida! - de seguir cada um o seu próprio nariz...

RAIOS & TROMBETAS

Pergunto-me por que o uivar de lobos, os trovões, os raios constituem o pano de fundo para as cenas de horror. Pois quando o medo é muito, faz-se um silêncio na alma. E nada mais existe.
Mais forte seria a nossa impressão se os gestos culminantes de Drácula ou Frankenstein se passassem em silêncio.
Como em igual silêncio decorrem nesta vida os momentos de êxtase, seja a visão de um santo em seu retiro ou o último olhar de Joana D'Arc ao subir para a imolação.
Os grandes momentos dispensam rabos-de-pandorga, tão do agrado de Cecil B. De Mille, que fez da História uma espécie de filme carnavalesco. Não é que, no seu caso, a história não fosse bem contada: foi bem contada demais.

A GRANDE ATRAÇÃO DO CIRCO

Salvador Dali? Sim, sim, espantoso... Mas que espantosa falta de imaginação!

NÃO OLHE PARA OS LADOS

Seja um poema, uma tela ou o que for, não procure ser diferente.
O segredo único está em ser indiferente.

DIAGNÓSTICO ERRADO

Não tentes tirar uma idéia da cabeça de outrem porque, examinando bem, verás que em geral não se trata de idéias, mas de convicções. São inextirpáveis. É a causa única de todas as guerras políticas ou religiosas, paroquianas ou internacionais.

AINDA AS CONVICÇÕES

Um porteiro que tive estava convencido de que rato, depois de velho, vira morcego. Confessei-lhe que até então ignorava tal coisa. Fosse eu discutir com ele! Fosse eu discutir com aquela senhora que durante a última guerra se comunicou com Joana D'Arc numa sessão espírita do Partenon!
Não seria mais sensato que a santa de França, naquela época, se comunicasse com o próprio De Gaulle lá na Europa e não com gente anônima no obscuro arrabalde de uma cidade remota? Mas para que discutir? O velho se achava tão feliz com a sua história Natural e a velha com a sua história do outro mundo que seria uma crueldade desenganá-los...
Depois disto, para casos tais e outros menos ingênuos, o meu lema é o seguinte:
Nunca se deve tirar o brinquedo de uma criança...

TÉDIOS

O terrível tédio da ginástica sueca que nos obrigavam a fazer na infância vinha da aparente falta de finalidade de seus movimentos. Mas a troco de quê? - a gente perguntava-se...
Era como se estivéssemos abatendo árvores de vento, ou apanhando penosamente pedras invisíveis no chão e depois sustentando no ar sua cansativa falta de peso.
O melhor, moçada, o que entusiasma é rachar árvores de verdade - assim como o que dá sentido ao trabalho da poesia é fazer poemas que não sejam concretistas.

A MORTE VIVA

O pensamento da morte não tem nada de fúnebre, como pensam os Supersticiosos.

Nada tem ele a ver com a morte e sim com a vida; é ele que empresta a cada instante nosso este preço único, todo esse encantamento agradecido que os tímidos desconhecem...
A morte é o aperitivo da vida.

NOVOS & VELHOS

Não, não existe geração espontânea. Os (ainda) chamados modernistas, com a sua livre poética, jamais teriam feito aquilo tudo se não se houvessem grandemente impressionado. na incauta adolescência, com os espetáculos de circo dos parnasianos.
Acontece que, por sua vez, fizeram eles questão de trabalhar mais perigosamente, sem rede de segurança - coisa que os acrobatas antecessores não podiam dispensar.
Quanto a estes, os seus severos jogos atléticos eram uma sadia reação contra a languidez dos românticos.

E assim, sem querer, fomos uns aprendendo dos outros e acabando realmente por herdar suas qualidades ou repudiar seus defeitos, o que não deixa de ser uma maneira indireta de herdar.
Por essas e outras é que é mesmo um equívoco esta querela, ressuscitada a cada geração, entre novos e velhos.
Quanto a mim, jamais fiz distinção entre uns e outros. Há uns que são legítimos e outros que são falsificados. Tanto de um como de outro grupo etário. Porque na verdade a sandice não constitui privilégio de ninguém, estando eqüitativamente distribuída entre novos e velhos, em prol do equilíbrio universal.
E, além de tudo, os novos significam muito mais do que simples herdeiros: embora sem saber, embora sem querer, são por natureza os nossos filhos naturais.

SETE VARIAÇÕES SOBRE UM MESMO TEMA

I

Um macaco não pode fingir de homem porque é demasiadamente parecido com um homem.

II

Quando digo que a lua vem andando esguia como um lírio, estou muito mais próximo da verdade do que se a comparasse a uma foice, uma gôndola, etc.

III

Um poema é uma Nau do Descobrimento.

IV

Quem lê um poema é como se de súbito ouvísse gritarem do topo do mastro:
"Terra à vista! Terra à vista!"

V

As vezes o gajeiro grita:
"Homem ao mar!" Em vão: ninguém o pode salvar. Foi um leitor que caiu do poema como "a camélia que caiu do galho"!. Ele, porém, foi cair (ou já estava) num banco de praça e não morreu nem nada, tanto assim que diz a seu vizinho, apontando-lhe estas linhas:
"Esses poetas" - E ambos sacodem a cabeça, sacodem irresistivelmente as respectivas cabeças como bonecos de engonço.

VI

Ou serão mesmo bonecos de engonço?

VII

Mas uma rosa num poema é sempre a primeira rosa.

REALEJO, GAITA-DE-BOCA E OUTRAS MUSIQUINHAS...

Há quase um século, escrevia Stéphane Mallarmé, de Londres, numa
carta a seu amigo Henri:
"... Interrompi um instante esta carta para atirar uma moeda a
um
pobre realejo que se lamenta na praça. São dez horas. O pobre diabo ainda
espera talvez a sua primeira refeição do dia e conta com a sua Marselhesa
para comprar um penny de pão no vendeiro da esquina. Que tristes
reflexões não tem ele a fazer diante de todas essas janelas fechadas e como deve
desesperar - vendo esses postigos aferrolhados, essas cortinas descidas
de que qualquer mão aquecida a um bom fogo abra e atravesse tudo
isso para lhe lançar o que comer! Tocar diante de uma janela acesa, ainda
bem: vê-se vida e portanto bondade atrás das vidraças, mas tocar
manivela diante dos postigos sombrios como o muro e indiferentes como ele!
Marie diz que esse homem é um preguiçoso e que os verdadeiros pobres

merecem mais os nossos pence. Isto não. Esse homem faz música nas ruas,
é um ofício como o de notário e que tem sobre este último a vantagem de
ser inútil.
Pode-se acaso sonhar uma vida mais bela do que essa que consiste em
errar pelos caminhos e fazer a esmola de uma ária triste ou alegre à
primeira janela que se avista, sem saber quem ali porá a cabeça, se um anjo
ou uma megera, em tocar para as calçadas, para os pardais, para as árvores
doentias das praças?! São aedos, esses homens... Seu instrumento é
grotesco? Seja, mas a intenção permanece.
A intenção... Mallarmé acertou no ponto: é na intenção que está o
supremo encanto de todos esses instrumentos frustros... O realejo, a
gaitinha-de-boca... É verdade que existem os "virtuosi" da gaitinha-de-boca,
mas atrevo-me a dizer que esses não sabem tocar... Gaitinha-de-boca bem
tocada não é gaitinha-de-boca. É outra coisa: falta-lhe o poder de
sugestão, a graça melancólica do inatingido...
E havia, nos pátios da minha meninice, um outro instrumento, o mais
humilde de todos, tão humilde que nem chegava a ser um instrumento...
Mas, por isso mesmo, era tão da gente, que não se queria outro... E fico a
lembrar o negrinho Filó; era um artista no pente.

GERMINAL

Planto
com emoção
este verso em teu coração.

VIVÊNCIAS

Os muros gretados são muito mais belos
que os muros lisos.

SOUVENIR D'ENFANCE

Minha primeira namorada me escutava com um ar de cachorrinho
Victor:
todas aquelas minhas grandes mentirinhas eram verdades para ela...
Para mim também!

DEPOIMENTO

"Cessou o jorro das fontes"
anotou aquele velho escriba em suas tábuas
e mal sabia ele que essa era a maior História
da invasão de Roma pelos bárbaros.

GESTOS

A mão que parte o pão
a mão que semeia
a mão que o recebe -
como seria belo tudo isso se não fossem os intermediários!

O MORADOR DISTANTE

Sempre me deu vontade de morar numa dessas antigas ruazinhas
pintadas numa tela. Se, porém, me mostrassem o original, ficaria indiferente,
creio eu. Dizeres que no mundo da tela não há poluição sonora etc.,
seria um motivo demasiadamente óbvio. Que há lá tranqüilidade, há. Mas
tranqüilidade eu consigo em certas horas aqui mesmo, em certas casas a
prova de crianças. Verdade que é uma tranqüilidade intermitente - por
isso mesmo ótima. Não é como essa tranqüilidade dos campos contínua,
anestesiante. E, depois, vocês nem imaginam como o gado é contagioso!
A gente chega a ter medo de ficar mugindo...
Bem, no que estava eu ruminando? A ruazinha aquela! Me lembro
especialmente de uma tela de Sisley. Por que Sisley? Porque, na minha
provinciana adolescência - época em que a gente devorava a vida através dos
livros -, eu me deliciava na Biblioteca Pública do Estado com as revistas
de arte à disposição do público: Art et décoration, Die Kunst, L'art vivant,
Le Crapouillot - são as que me lembram agora. De modo que, se não cito

nenhum pintor nacional, como alguns reclamariam, a culpa não é
minha. Aquele recolhimento fervoroso entre os livros - menos os de estudo
- foi a época mais viva que eu tive, antes que a vida propriamente dita me
pegasse, me rolasse, me não sei o quê. Daí se explica certo europeísmo
encontradiço em meus poemas: aqui uma referência à Condessa de Noailles,
ali a Gertrude Stein (uma européia, sim!), mais além à pintora Marie
Laurencin. Não houve, pois, esnobismo. Nem me estou desculpando de coisa
alguma. Estou apenas dando o depoimento de alguém da minha geração.

AH, SIM, A VELHA POESIA...

Poesia, a minha velha amiga...
eu entrego-lhe tudo
a que os outros não dão importância nenhuma...
a saber:
o silêncio dos velhos corredores
uma esquina
uma lua
(porque há muitas, muitas luas...)
o primeiro olhar daquela primeira namorada
que ainda ilumina, ó alma,
como uma tênue luz de lamparina,
a tua câmara de horrores.
E os grilos?
Não estão ouvindo, lá fora, os grilos?
Sim, es grilos...
Os grilos são os poetas mortos.

Entrego-lhes grilos aos milhões um lápis verde um retrato
amarelecido um velho ovo de costura os teus pecados
as reivindicações as explicações - menos
o dar de ombros e os risos contidos
mas
todas as lágrimas que o orgulho estancou na fonte
as explosões de cólera
o ranger de dentes
as alegrias agudas até o grito
a dança dos ossos...

Pois bem,
às vezes
de tudo quanto lhe entrego, a Poesia faz uma coisa que
parece que nada tem a ver com os ingredientes mas que
tem por isso mesmo um sabor total: eternamente esse
gosto de nunca e de sempre.

Eis SENÃO QUANDO

Certo dia, pus-me a folhear o meu Guillaume Apollinaire,
salteadamente, displiscentemente, para matar saudades, mais de mim mesmo do que
do poeta... Eis senão quando descobri de novo aqueles belos versos:
"Notre Histoire est noble et tragique
Comme le masque d'un tYran."
Inspirando-me, então, por assonância, escrevi:
"Minha vida é trágica e ridícula
Como uma fita mexicana."
E, como viesse à baila o cinema mexicano, continuei o poema em
espanhol, do que só se salvaram estes versos:

"Llenas estan mis praderas
De tristes lunas y vacas."

Digo que só se salvaram porque meu amigo Jose Lewgoy, o Anjo,
gostou muito e muito e repetia e repetia: "Imagine-se um friso com luas e
vacas, com luas e vacas, com luas e vacas!"
Estava ele visivelmente embriagado, embora não beba. Aliás, isto de
fazer poesia rural seria entrar nos domínios do sapo Diego Rivera...
Objetei-lhe então modestamente que a única coisa de definitivo que se havia
dito sobre a vaca estava em Jules Renard; depois de dar os nomes,
características e costumes dos diversos bichos de sua chácara, diz ele: "Chama-se
vaca, simplesmente. E é o nome que lhe assenta melhor."
Em todo caso, aqui vai a minha contribuição para a vaca:

"Tão lenta e serena e bela e majestosa vai passando a vaca
Que, se fora na manhã dos tempos, de rosas
a coroaria
A vaca natural e simples como a primeira canção
A vaca, se cantasse,
Que cantaria?
Nada de óperas, que ela não é dessas, não!

Cantaria o gosto dos arroios bebidos de madrugada,
Tão diferente do gosto de pedra do meio-dia!
Cantaria o cheiro dos trevos machucados.
O vôo decorativo dos quero-queros,
Ou, quando muito,
A longa, misteriosa vibração dos alambrados...
Mas nada de super-aviões, tratores, êmbolos
E outros truques mecânicos!"

Aliás, o que é que há contra a vaca? Como uma prova da
sinceridade e falta de malícia dos poetas modernos, que se negam a reconhecer
qualquer distinção convencional entre coisas "poéticas" e "não poéticas",
eis aqui um poeminha que, por volta de 1930, nenhum jornal, nenhuma
revista de Porto Alegre quis publicar e que agora insiro de contrabando
no meio desta prosa:

"Ora, Maria, o meu mundo é de
temperaturas,
tensões,
fulgurações.
Eu nada tenho a ver com os sentimentos humanos!
Por que que tu não és uma vaca, Maria?
Por quê?
Ficaria tudo muito mais simples e verdadeiro..."

Os INVASORES

Há muito que os marcianos invadiram o mundo:
são os poetas
e
como não sabem nada de nada
limitam-se a ter os olhos muito abertos
e a disponibilidade de um marinheiro em terra...
Eles não sabem nada nada
e só por isso é que descobrem tudo.
mas a Grande Mensagem
quem diria?

COMUNICAÇÃO

era mesmo a daquele profeta que todos pensaram
que fosse um louco
só porque saiu desfilando nu pelas ruas,
com um enorme cartaz inteiramente em branco

UMA SIMPLES ELEGIA

Caminhozinho por onde eu ia andando
e de repente te sumiste,
o que seria que te aconteceu?
Eu sei.., o tempo... as ervas más... a vida
Não, não foi a morte que acabou contigo:
Foi a vida.
Ah, nunca a vida fez uma história mais triste
que a de um caminho que se perdeu...

CINEMA

Mudaria o King Kong ou mudei eu? Esta sua nova versão não me
impressionou como a primeira. Pelo contrário, achei o macacão por demais
parecido com a Rachel Welch: a mesma boca quadrada, os olhos fundos,
os gestos mecânicos. E depois, o colorido de cartão-postal nos rouba
qualquer sensação de assombro. Quando é que os diretores de filmes
descobrirão que os pesadelos são em preto-e-branco? Imagine-se o Frankenstein

(aquele maravilhoso monstro da primeira versão) todo pintado como uma corista de antigo café-concerto. Faria rir. Pois um dos velhos processos da arte circense é apresentar os palhaços maquiados em cores berrantes.
É de admirar todo o efeito conseguido pelo primeiro King Kong com os poucos recursos técnicos da época. Emendo a boca: não é de admirar, porque a grande arte sempre foi avançada com os meios mais simples: o resto é truque - uma técnica tanto mais ingênua quanto mais avançada, ou sofisticada, conforme hoje se diz.
Como sabem todos os meus detratores, sou um amador de filmes de vampiros. Não perco nenhum. Nem adianta alegarem que é tudo a mesma Coisa: o que eu vou ver e comparar são as variações de um mesmo tema. Assim, por exemplo, como quem coleciona sonetos de amor. Que mesmice! - dirão... Mas eis que de repente descobrimos Florbela Espanca, que escrevia exclusivamente sonetos, e unicamente sonetos de amor, o qual

- no caso dela nos parece um sentimento novo. Não resvalemos, porém, para a poesia, embora todas as artes sejam manifestações diversas da poesia. O que eu ia dizer é que, dentre esses filmes daquele gênero, ainda o melhor me parece Nosferatu exatamente, e por isso mesmo, o mais antigo deles.
E, em matéria de horror, onde é que andarão, como se conseguirão cópias dos filmes do velho Lon Chaney? Há muitos anos que desejo um reencontro com o Fantasma da Ópera.
E tu, leitor, não vejas nisto um sentimento mórbido. Em teu mundo, neste mundo, há mais horror do que nessas minhas velhas histórias, mas é um horror em bruto, não sublimado pela arte.

UM POEMA ANACRÔNICO

Fosse eu Ditador por 24 horas
logo proclamava o estado de guerra o estado de sítio
o estado de coma o diabo
só para acabar com os ases do volante
e mais
(segue-se uma lista de 12 OU 13 indiciados que a Censura cortou)

ó gentes!
neste mundo de truques mecânicos
tão vulgarmente coisado
o remédio é ler noite adentro as liras
de Tomás Antônio Gonzaga
e depois
se a TV do vizinho deixar
(ele estava na lista)
sonhar com landós, tílburis, pitangueiras, burrinhos de
todas as cores, anjos...
Não me venhas dizer que os anjos são supersónicos:
eles voam em câmara lenta.
Mas agora não pousam nem nos sonhos da gente...

O agitado sono dos homens os espantou!

ESPERAS E SURPRESAS

Num interlóquio com Mansa Pires, disse-me ela que só gostava de poemas com rimas porque "a gente já ficava esperando com água na boca" o que viria depois... e tendo eu, para manter o papo, adotado a tese contrária, acabamos ficando cada um com a sua opinião e também com a do outro, O que está "absolutamente certo!" - como lá diziam os antigos locutores. Porque na verdade esta vida só tem dois encantos: o previsto e o imprevisto.

Um exemplo da curtição do primeiro. Despertar e ficar um momento de olhos fechados sabendo que existe a luz. E no entanto verás, ao abrir os olhos, que é como se fosse uma revelação... Quanto ao imprevisto, pela sua própria natureza, é-me impossível sugerir-te exemplos: deves tu mesmo procurá-los na memória.

Mas ouso afirmar que. mesmo para o poeta que está fazendo um poema rimado, a rima ainda é ou pode ser um imprevisto. Com exceção desses que rimam "Meu Deus!" com "os olhos teus"! Sim! os olhos teus - coisa esta que ninguém diz no pleno uso de suas faculdades, mas tão encontradiça nas modinhas, inclusive as do grande Catulo, o da paixão brasileira.

Ora, voltando às revelações da rima, me lembro que, ao ler pela primeira vez a "Balada dos enforcados" de François \"illon, e ao notar que a rima seria do princípio ao fim em "oudre" rima rara em francês e que aparentemente só lhe faltava o verbo "coudre’ senti um mal-estar, mas o poeta saiu do aperto dizendo que os enforcados, expostos ao ar e às bicadas dos pássaros, estavam tout bécquetés comme des dés à coudre - isto é, picotados como dedais.

E eis como um poeta da sua alta laia nos dá uma verdadeira surpresa com uma rima para lá de esperada.

UNI-VERSOS

Naítre, vivre et mourir dons la même maison - este belo verso, tão obviamente doloroso para alguns, não é de Baudelaire, como me parecia quando uma vez precisei citá-lo. Desconfio agora que é de Sainte-Beuve.

Alguns dos meus leitores velhos talvez pudessem esclarecer-me. Isto porque os novos não lêem francês. É que eles, em conseqüência da última Guerra Mundial, abandonaram a luz mediterrânea, não pelo fog londrino, mas pelos tremeluzentes letreiros de Los Angeles. Ora, aquela simples

linha de doze sílabas métricas bastaria para conservar o nome de um poeta, como creio que, de Mallarmé, os saturados leitores do século XXIII haverão de guardar ao menos este verso: La chair est triste - bélas! - etj'ai lu tous les livres. Pois, a continuarmos na pressa em que vamos, os antologistas do futuro recolheriam de cada poeta apenas algumas palavras. Que mais queres? A bom leitor, uma linha basta.

CRIME & CASTIGO

O remorso é quando o filme (silencioso) da memória põe-se a repetir a mesma cena e fica o pobre ator a representá-la para sempre.
Um exemplo? Aí vai ele. É um simples faz-de-conta: não te assustes. Estás à cabeceira da tua velha tia Filomena e eis que resolves apressar-lhe a herança. Tinhas de dar-lhe cinco gotas de meia em meia hora e dár-lhe cinqüenta de supetão. Ora, o que vês na tela implacável é a contagem das primeiras gotas inocentes.., e agora não podes, não podes nunca mais parar!
Será isso o inferno? Esse inevitável mecanismo de repetição?
Em todo caso, todos já devem estar mais ou menos preparados para esses requintes infernais, graças àquele famoso disco em que o cantor repete umas 37 ou 38 vezes, sem ao menos variar de entonação: Eu te amo! Eu te amo! Eu te...
Neste ponto, um anjo segreda-me sonsamente ao ouvido:
Mas quem sabe se a gravação não estará com defeito?

CAUTELA!

Há dois sinais de envelhecimento. O primeiro é desprezar os jovens. O outro é quando a gente começa a adulá-los.

PAZ

Os caminhos estão descansando.

MOBRAL

Só nos muros das velhas cidades
desenham-se hieróglifos.
Só na parede de quartos solitários,
mais do que no festim de Baltasar,
aparecem mensagens.
Dizes que é da umidade? Deixa de positivismo!
A umidade é um meio de escrita como outro qualquer.
Tu, que apenas conheces as 23 ou 25 letras do alfabeto, não sejas tão lógico... Escuta a leitura do Poeta!

UM PÉ DEPOIS DO OUTRO

Há gente que gosta de escalar o Everest - uma paranóia como outra qualquer. Mas sou insuspeito para mandar contra, em vista da modéstia de minha própria mania. A qual consiste em descobrir ruazinhas desconhecidas. Como se vê, uma mania bastante chã. Sérgio de Gouvêa e eu éramos peritos nisso. Descíamos num fim de linha e, quando nos sorria a perspectiva, enveredávamos por qualquer rua transversal. Nunca nos importou o nome da rua, porque estávamos fazendo descobrimentos e não turismo e, além disso, não constava de nossas intenções colonizar aquelas terras incógnitas, nem mais lá voltar. Éramos uns Colombos completamente desinteressados. Naquele tempo as pessoas costumavam reparar umas nas outras e os aborígenes nos fitavam com um olhar de quem indaga: "Quem serão esses?" Bem, saciados os olhos nas paisagens suburbanas, sucedia-nos às vezes também descobrir um bar, geralmente de esquina, onde saciávamos a sede. Só não saciávamos os assuntos, sobremaneira metafísicos - o que deve deixar espantados os pragmáticos de hoje. Depois, vínhamos andando de volta pelo trajeto do bonde, até cansarmos, quando então tomávamos o dito e às vezes nos sucedia caminhar até o centro, nos dias de melhor forma. Por essas andanças domingueiras, nós nos julgávamos peripatéticos. Qual nada! Éramos apenas precursores do Método Cooper. Só tem que em câmara lenta.

SILÊNCIO

Uma das conquistas do cinema sonoro foi a descoberta do silêncio - o silêncio de quando se espera ou se imagina uma coisa.
No tempo do silencioso, ignorava-se o silêncio: havia sempre nas salas de projeção o pano de boca da orquestrinha, como hoje o pano de fundo musical.
Me ocorre tudo isso ao ver Frenesi, o último filme de Mestre Hitchcock.
Há, neste filme, uma esquina terrivelmente silenciosa, sem ninguém, que, Deus o abençoe, não criou mofo com a velhice.
E uma escada deserta, por onde sente-se que o silêncio vai subindo. Um truque da objetiva, sim, mas pura magia do Mestre.
Aliás, o silêncio é que torna tão impressionante - tão de outro mundo - uma rua numa tela. Que torna tão encantadoras as crianças daquelas cenas familiares pintadas pelo velho Renoir. E mesmo lendo-se um romance, ouvindo-se um drama - nós o fazemos em um silêncio de almas desencarnadas, isto é, quando nos vemos livres de nós mesmos. Esse, o milagre da arte.
E, diante disto, bem se poderia dizer que toda a arte é feita de silêncio - inclusive a música.

CONTO DO TRESLOUCADO

Não adiantava colocar os retratos contra a parede para que não vissem nada... Que ficariam eles a imaginar? Na certa, o pior possível, como de costume.
Vai daí, então, ele furou os olhos dos retratos.
Ele furou cuidadosamente os olhos de todos os retratos. Pronto! Agora, ninguém mais para espionar os seus mínimos atos...

Um suspiro.
E desistiu, mais uma vez, do "tresloucado gesto".

NOTURNO

O cão está ganindo para a lua. Romantismo? Pura azia... - alguma
daquelas abomináveis gulodices de festas de casamento abocanhada numa
lata de lixo.
A lua, essa, continua, sonâmbula como sempre.

Ela não sabe, a eternamente virgem, das titiquinhas que por lá
deixaram uns escafandros do ar; ela não sabe, ela nunca soube das serenatas que
- ainda e sempre e semprerão - cantam-lhe aqui da Terra os poetas por
demais meninos e os poetas muito velhos.
Ela não sabe, a eternamente inédita, que cada encontro seu é como um
assalto na esquina.., e, no entanto, é como se a gente topasse cara a cara
com a própria alma!

NoSTALGIA

Esnobe? Nem por isso... Mas eu gosto é de filmes com cristais e
duquesas. E com grandes lustres devoradores de reflexos. Ali onde a alegria cabe
apenas num sorriso. E onde a tristeza é apenas uma valsa lenta.

As PARTEZINHAS

Num remoto verão, ouvi uma cozinheira consultando o farmacêutico
da esquina, a propósito de sua filhinha de meses:
- Ah, seu Lotário, nem queira saber. A toda hora eu ponho talco nas
partezinhas dela... Não adianta! O senhor não poderia me arranjar
alguma outra coisa?
Mas que diplomacia de linguagem - refleti -, que respeito aos ouvintes
e, principalmente, à criaturinha em questão!
E que haveriam de pensar daquela grossa comadre certas mulheres
finas de hoje? As quais, por um esnobismo às avessas, tentam falar como
elas pensam que fala o povo. Ora, o povo é mais refinado...

A MINHA VIDA FOI UM ROMANCE

"A minha vida foi um romance"- diziam, depois de uma pausa - e
Um Suspiro, aquelas velhinhas que apareciam antigamente nos lares a
vender rendas e bordados. Não sei por que os de casa desconversavam. Por
Sinal que anos depois escrevi, para as consolar postumamente, um poema
que começava assim: "Minha vida não foi um romance

559

Não, a vida nunca é um romance: falta-lhe o senso da composição, o crescendo que leva ao clímax. Tudo acontece tão sem lógica e sem preparo que os seus golpes nos deixam atônitos mas de olhos secos, como se fôssemos heróis, nós que enxugamos furtivamente os olhos no escuro das salas dos cinemas só porque o diretor do dramalhão soube desenrolar devidamente o filme.

LEITURAS SECRETAS

No céu, os Anjos do Senhor lêem poemas às escondidas... Os livros de poemas são os livros pornográficos dos anjos.

INGENUIDADE

Mas que monótona não deveria ser a vida amorosa de Don Juan! Ele pensava que todas as mulheres eram iguais...

Os OLÍMPICOS

Escusado dizer a um bom poeta que os seus versos não prestam: ele não acredita. Em compensação, se disseres a mesma coisa a um mau poeta, ele também não acredita.

O QUE CHEGOU DE OUTROS MUNDOS

Tenho uma cadeira de espaldar muito alto
para o visitante noturno
e enquanto levemente balanço entre uma e outra vaga de sono,
ei-lo
- O que chegou de outros mundos
ali sentado e sem um movimento.
Talvez me olhe como se eu fora a branca estátua derribada de um deus.

Talvez me olhe como a uma forma já ultrapassada
(que tudo o seu espanto e imobilidade pode dizer).

560

E eu
então
- ele ainda deve estar ali!
levanto-me e vou cumprindo
todos os meus rituais.

Todos os estranhos rituais de minha condição e espécie.

Religiosamente. Cheio de humildade e orgulho.

ZOOLOGIA

Riem de seu patético desengonço,
sua aparência de inacabamento,
mas ninguém descobriu que esse estranho avestruz
é apenas
um pobre bicho que ainda está crescendo...

PASSARINHO

Sempre me pareceu que um poema era algo assim como um passarinho engaiolado. E que, para apanhá-lo vivo, era preciso um meticuloso cuidado que nem todos têm. Poema não se pega a tiro. Nem a laço. Nem a grito. Não, o grito é o que mais o mata. É preciso esperá-lo com paciência e silenciosamente como um gato.

Ora, pensava eu tudo isso e o céu também, quando topo com uns verSOS de Raymond Queneau, que confirmam muito da minha cinegética transcendental. Eis por que aqui os traduzo, ou os adapto, e os adoto, sem data venia:

Meu Deus, que vontade me deu de escrever um poeminho...
Olha, agora mesmo vai passando um!

Pst pst pst
vem para cá para que eu te enfie
na fieira de meus outros poemas
vem cá para que eu te entube
nos comprimidos de minhas obras completas
Vem cá para que eu te empoete
para que eu te enrime

para que eu te enritme
para que eu te enlire
para que eu te empégase
para que eu te enverse
para que eu te emprose
vem ca...
Vaca!
Escafedeu-se.

ESTÁ NA CARA

Uma cara é algo que reconhecemos à primeira vista, mas é dificílimo ou impossível descrever traço a traço. Porque a memória é instantânea. Não lhe peçam explicações. Seria como pedir a um relâmpago que nos desse

uma exibição em câmara lenta. E da mesma forma que dizemos na rua: "Olha o fulano!" - a gente logo exclama ao folhear um álbum: "Olha um Renoir! Olha um Van Gogh! Olha uma Tarsila!". E assim também, se nos dizem um poema: "Mas isto só pode ser da Cecilia, do Lorca, do Apollinaire!" Porque o estilo é a cara.

LÁ PELAS TANTAS

Lá pelas tantas anotou Jules Renard no seu diário: "Já não posso morrer jovem." Aliás, a única vantagem de embarcar cedo é que mais tarde diriam: "Meu Deus, com todo aquele talento, o que ele não teria feito!" Assim, morrer jovem não deixa de ser no mínimo uma boa desculpa.
Mas o que eu queria dizer, meu velho Renard, não era bem isso...
O que eu queria dizer é que na verdade todos morrem jovens, porque andam preocupados com isso ou mais aquilo, querendo isto ou aquilo, estão na vida e no mundo. Isto é, ainda nesta vida e ainda neste mundo.
E se acaso você, leitor, tiver setenta anos, digamos, ponha a mão na consciência... e verá que só considera velhos, mesmo, os que têm um ano a mais que você.

O INOMINÁVEL

O eu nem nome tem. O meu nome, diz ele, é João. E daí? É como se dissesse o meu nariz, os meus óculos, o meu par de sapatos.

Este eu irredutível é o que existe de mais impessoal, portanto, mais vasto e mais profundo, o assunto primeiro e ultimo dos poemas, o campo de batalha dos anjos.
O resto é a pessoa ocasional, isto é, o individuo a quem emprestaram o nome de João, que comprou um par de sapatos, que usa óculos e se julga dono do próprio nariz.

DEPOIS DE TUDO

Acusarem um poeta de ser egotista é acusá-lo de ser ele mesmo.

QUE HORAS SÃO?

Comecei a escrever este poema às 12h23min de 12 de agosto de 1974

Eles morrem por dados
- mal sabem que a vida é um incerto e implacável fogo de dados...
E eu tanto que desejava que minha biografia
terminasse de súbito
simplesmente assim:
"Desaparecido na batalha de Itororó!"
(Desaparecido? Meu Deus, quem sabe se ainda estou vivo?!)

IRONIA E HUMOR

A ironia tem algo de desumano. Ainda mais com aquele ar de superioridade, mesmo que se trate de um Eça, cujo estilo o salvou. E quando digo estilo quero dizer o homem. Em Anatole France, nem isso: sua prosa era um pastiche dos clássicos; seu ceticismo, uma atitude. Tudo porque acabo de descobrir no diário de Jules Renard esta frase tão humana: "Só se tem o direito de rir das lágrimas depois que já se chorou." Isto, agora, já não é ironia: é hümor. E, a propósito, a melhor discriminação que encontrei entre uma coisa e outra foi em Louis Latzarus, em sua biografia de Rivarol: "A ironia é o espírito à custa dos outros, o humor é o espírito à custa própria."

P.S. - Neste "agá" que vale pelas citações, verdade seja dita, usei a grafia hümor, proposta por Sud Menucci como equivalente do humour britâ-

nico, num seu agudo e hoje infelizmente inencontrável ensaio publicado pela antiga Editora Monteiro Lobato. Mas um problema ainda resta: essa vaga designação de humoristas e humorismo - que, por exemplo, no mesmo saco de gatos, mistura Machado de Assis e Léo Vaz, tão finos, com Mark Twain, um grosso.

A POESIA É NECESSÁRIA

Título de uma antiga seção do velho Braga na Manchete. Pois eu vou mais longe ainda do que ele. Eu acho que todos deveriam fazer versos. Ainda que saiam maus. É preferível, para a alma humana, fazer maus versos a não fazer nenhum. O exercício da arte poética é sempre um esforço de auto-superação e, assim, o refinamento do estilo acaba trazendo a melhoria da alma.
E, mesmo para os simples leitores de poemas, que são todos eles uns poetas inéditos, a poesia é a única novidade possível. Pois tudo já está nas enciclopédias, que só repetem estupidamente, como robos, o que lhes foi incutido. Ou embutido. Ah, mas um poema, um poema é outra coisa...

PERGUNTAS & RESPOSTAS

Paciente que sou de entrevistas, muita vez atendo a perguntas das mais estapafúrdias. "Por que está escrevendo à mão? Por que não usa a máquina?"
- Porque o tic-tic, o toc-toc, ou o puc-puc da máquina me picota a cuca.
As entrevistadoras (eram umas menininhas) gostaram do estilo. Foi de propósito. Especialmente para elas.
Não que eu seja do tempo da pena de pato, contemporânea do punho de rendas. Buffon não podia escrever sem punho de rendas, creio que em atenção ao leitor. No entanto, o pessoal de hoje parece que tira as calças

para escrever. Também em atenção ao leitor. Sinal dos tempos.
Outra pergunta, às vezes feita por consulentes mais crescidas:
- Mas por que o senhor não casou?
- Porque elas fazem muitas perguntas.
Mas estas são indagações inocentes. De colegiais. Em certas épocas entrevistadores profissionais dão para fazer, todos eles, insinuações marotas:

- A poesia deve alienar-se dos problemas sociais?
- Calma, calma! Peço licença para observar-lhes que o velho Karl Marx só escrevia poemas de amor...
Aí, o cara embatuca. Muito obrigado, meu velho Marx.
Aliás, isto é que é mesmo um sinal dos tempos.
Esses computadores, que só conhecem o sim e o não, vivem a impor-nos opções binárias. Se você não é branco, é preto; se você não é grego, é troiano; se não é da esquerda, é da direita. Onde "a encruzilhada de um talvez", como dizia o hoje tão esquecido Euclides da Cunha?
Pelo visto, somos uns robós totalitários. Isto é, desconhecemos as dúvidas e as nuanças, antigos signos da inteligência.

GOLPE DE ESTADO

Essas bizantinices e complicações estão a pedir um golpe de Estado.
Por causa delas é que alguns estudantes acham "difícil" o português, isto é, a língua em que eles, com toda a facilidade, acabam de me fazer essa estranha confissão. Mas se o português é tão difícil assim, retruco-lhes, como é que vocês o estão falando? Aí eles arregalam os olhos, como se tivessem descoberto a pólvora.
Embora não tão assustadoramente como hoje, também no meu tempo o português era "difícil" - uma espécie de casuística, e por isso mesmo pervertia a alma e o gosto, como acontecia aos que costumavam então assistir aos debates no júri; tanto assim, que li com supremo gozo a "Réplica" de Rui Barbosa e, até os dezessete anos, procurei como um louco, mas em vão, a "Tréplica" de Carneiro Ribeiro...
Por essas e outras coisas, confesso que aprendi a gramática francesa com mais facilidade do que a gramática da minha língua. É que a gramática francesa não tinha gramatiquices. Era pão, pão, queijo, queijo. Agora que infelizmente não mais se aprende nem se lê francês, aqueles mesmos estudantes acham que o inglês, este sim, é uma língua fácil. Pudera não! Como está tão codificado como o francês, o inglês não dá ensejo a hesitações. Não se extravia perplexo entre a Virtude e o Pecado, quero dizer, entre "o certo" e "o errado". O inglês não tem casos de consciência.
Diante disto, o golpe de Estado que prego e preconizo é a decretação de uma Gramática Oficial.
Ora, direis, mas os gramáticos...? Ah, sim, os gramáticos! Mas desde que façam voto de simplicidade e portanto de clareza. E elaborem em con-

junto um manual básico, acessível a todos, nada mais que com as regras
essenciais da nossa língua - essas poucas mas sagradas regras cuja
transgressão é verdadeiramente um ato subversivo.

A ETERNIDADE ESTÁ DORMINDO

A Eternidade está dormindo: o seu segredo é esse: por isso nunca
morre...
Às vezes sonha as guerras, pesadelos que vivemos no tempo.
E como o tempo não tem tempo nem para folhear o álbum de família,
tudo pode acontecer: Tamerlão, Alexandre, Hitler... E nós sempre vamos
na onda, pois nunca ninguém pôde adivinhar o novo pseudônimo do
Papão do Mundo. Nunca se sabe...
O que vai ser, meu Deus?!
Serão as multinacionais, os Emirados Árabes, os Lions Clubes, a solerte
infiltração das múltiplas religiões asiáticas? Pois já disse o Diabo certa vez,
na Bíblia: "o meu nome é Legião."
Portanto, poeta, não te filies a nada, muito menos às escolas poéticas.
Evita, principalmente, as academias de letras, tanto as provincianas como
a academia-mãe: nunca se sabe...
Faz no teu cantinho o teu poeminho. Esse absurdo de sempre existirem
poetas apesar de tudo - deve significar alguma colsa...
Deve ser o fio de vida que vai unindo, pedaço a pedaço, essa colcha de
retalhos que é a história do mundo.

Do PRIMEIRO AO QUINTO

I

A nossa vida noturna passa-se no fundo do mar.

II

O sol, gato amarelo, salta a janela e fica, imóvel, sobre o meu tapete.

III

Sempre há uma vantagem em se ficar gagá: é que a gente diverte os
amigos e parentes. Mas a melhor maneira de sublimar a coisa é escrever
festejadíssimos poemas para as revistas de vanguarda.

IV

No fundo, a verdadeira oração é rezar sem fé. Nem há nada que mais

comova o Senhor dos crentes.

V

Sempre que alinho uns apontamentos esparsos, nunca falta um João
que me pergunte o que tem uma coisa com outra. É o mesmo que, vendo
alguém no campo uns animais, indagasse atônito: "Mas que tem uma vaca
com um cavalo, um cavalo com uma ovelha, uma ovelha com uma
lagartixa, uma lagartixa com um avestruz?"
Qualquer menininho sabe que não há nada mais natural do que isso.
Só que, no meu campo de criação, aparecem por vezes hipogrifos...

MOTIVAÇÕES

Tinha eu um amigo, o Simplício, o qual sempre dizia, ao saber que
alguém metera uma bala nos miolos:
- Ué! Por que é que ele não pôs o revólver no prego?
Para ele, a razão óbvia só podia ser a falta de dinheiro pois isso se
passava naqueles áureos tempos de miséria estudantil.
Anos após, chegaremos ambos a esse lugar-comum de que dinheiro
não traz felicidade, coisa um tanto discutível, como quase todos os ditames
da sabedoria popular. Aliás, já escrevera um poeta: "O dinheiro não traz
ventura, certamente./ Mas, na verdade vos digo: / sempre é melhor chorar
junto à lareira quente / do que na rua, ao desabrigo..."
Não, não estou brincando com as desgraças alheias: eu só brinco com
as minhas.
Nunca achei tampouco que se deveria glosar tal coisa. Tanto assim que
certa vez duas moças me abordaram na rua:
- É só uma pergunta. Estamos fazendo uma pesquisa. O que é que o
senhor acha do suicídio da Marilyn Monroe?
Não tenho competência para tratar do assunto, porque eu nunca
tive a coragem de me matar.
Uma justificativa? Qual nada! Sempre desconfiei desses escritores
apologistas do suicídio mas que jamais recorrem ao único argumento válido,
Com o seu próprio exemplo.
A única opinião, aliás, que me veio a esse respeito, foi depois de uma
Casual conversa, quando íamos pela Rua da Praia o dr. Vidal de Oliveira

e eu. Estavamos em 1941. Acabara ele de traduzir O drama de Jean BaroL.
Ora, essa novela do autor de Os Thibault focalizava o caso Dreyfus, que
enchera durante anos os romances franceses, rivalizando em insistência
com o caso do colar da rainha do tempo dos folhetinistas românticos.
Aquele grande escritor já vinha tarde. Pois bem, perguntou-me o saudoso
amigo:
- Que tal achaste o Jean Barois?
- Chato!
Ele, que adorava o livro, parou, indignado:
- Mario! Por que tu não te matas?
- Não posso, eu quero ver no que vai dar esta guerra. Quero ver o que

será do Hitler, o que será do Mussolini... o que será de nós.
Pois só após esse diálogo histórico (estávamos em pleno bombardeio de Londres) é que acabei dizendo para Os meus pobres botoes: sim, o suicídio só pode ser uma falta de curiosidade, uma grande falta de curIosidade...

A TERRA

As fronteiras foram riscadas no mapa,
a Terra não sabe disso:
são para ela tão inexistentes
como esses meridianos com que os velhos sábios a recortaram
como se fosse um melão.
É verdade que vem sentindo há muito uns pruridos,
uma leve comichão que às vezes se agrava:
ela não sabe que são os homens...
Ela não sabe que são os homens com as suas guerras e
outros meios de comunicação.

GEOMETRIA

O que mais se aproxima de um triângulo é um atleta de circo.

CAMUFLAGEM

A hortênsia é uma couve-flor pintada de azul.

A VIAGEM IMPOSSIVEL

Com a manobra altista dos árabes, o que nos tira as últimas esperanças é como devem estar caríssimos os tapetes voadoris...

RETRATOS

Lendo o Journal de Renard. A mãe era terrível. E o seu perfil foi escrito com ácido. Em contrapartida, tinha a sua mulherzinha - sempre paciente, jeitosa, compreensiva... Talvez lhe houvesse ele favorecido o retrato. Ele, o olho fotográfico, que sempre buscou a verdade malgré tout, teria caído em tal fraqueza para obter uma compensação na vida? Pois se até os leitores a pobre Marinette consegue irritar com a sua bondade inalterável, imagine-se o marido, velho catador de defeitos nos outros e em si mesmo...

DONA SANTINHA

Ela é uma santa! diziam as velhotas a propósito.de dona Santinha, sem atentar no engraçado da redundância, mas, em compensação, depois

de uma piedosa pausa para suspirar vá ronca no marido! Um
grandessíssimo sem-vergonha, sempre atrás de um rabo-de-saia...
Já naquele tempo eu não entendia bem aquela santidade compulsória,
só porque o marido era o diabo. Para mim, toda a santice dela estava nos
doces que me dava sem mesquinheza, quando eu ia a recado à sua casa,
visto que os fazia para vender.
Dona Santinha foi também o meu primeiro defunto. Fui lá por pura
curiosidade, Deus me perdoe, porque ainda não tinha visto ninguém
morto. Mas diga-se em meu abono que não sou um desses que vão espiar
- para quê? a cara de quem está indefeso. Não gosto de ver um morto
ao vivo". E, nos velórios, sempre me deixo estar numa sala próxima, num
corredor, na porta.
Porém, naquela minha estréia, lá estava eu sentadinho à cabeceira do
caixão, calado, com receio de demorar muito o olhar naquele rosto gordo,
sereno, tranqüilo (Coitada!Descansou! - diziam de tempo em tempo
as tias suspirosas), e admirando me de que houvesse gente a cuidar de
seus assuntos, até rindo baixinho. Flores e flores emurchecentes pareciam
cobrir tudo. E eu sentia um cheiro que até então desconhecia. De súbito
lembrei-me de certa frase de meu livro de leitura: "Morreu em odor de

santidade. Fiquei desconfiado. Teria a santidade um odor enjoativo?
Talvez fosse das flores... No entanto, aquele cheiro era também adocicado. E
pensei nos seus doces. Senti um engulho e uma lágrima. Saí porta fora e
durante uma semana não quis saber de sobremesa, com grande espanto
das velhas tias, que me sabiam guloso.
Ainda o sou. Mas, hoje, quando saboreio um quindim, um doce de coco,
um figo cristalizado, sinto neles o gosto dos que me dava dona Santinha,
com aquele claro sorriso de mãe de todos. Que Deus a tenha! Acho que
era mesmo uma santa...

O TEMPO E OS TEMPOS

Na idade em que eu fazia umas ficções - é o termo - um dia o Erico
me disse, naquela sua maneira discreta e indireta de dar conselho: deve-se
escrever sempre no presente do indicativo, dá mais vida à ação, às
personagens, o leitor se sente como uma testemunha ocular do caso.
Trinta e seis anos depois, o crítico Fausto Cunha notou a preferência,
em meus poemas, pelo pretérito imperfeito. Por quê? Não sei, mas deve
ser porque o tempo passado empresta às coisas um sabor definitivo, esse
misterioso sentimento de saudade com que a gente olha uma cena num
quadro de Renoir, um Anjo ou uma Vénus de Botticelli. Sem escusar-me,
eu diria que o pretérito imperfeito não é um tempo morto: é um tempo
continuativo...
Porém, deixemos de bizantinismos e voltemos ao Erico. Confesso-Lhe
que sempre penso nele no presente do indicativo. Ele está aqui, tão
presente que nem dá tempo para a saudade. Como também estão comigo o
Augusto Meyer, o Telmo Vergara, a Cecilia...

PUXA-PUXA

O que há de errado nas novelas de TV é que os amores, os ciúmes, os ódios, os sentimentos são muito compridos.., esticados que nem puxa-puxa... quando na vida real não há tempo para isso - mas é por isso mesmo que os espectadores as adoram.

UMA FRASE PARA ÁLBUM

Há ilusões perdidas mas tão lindas que a gente as vê partir como esses balõezinhos de cor que nos escapam das mãos e desaparecem no céu...

570

MEMÓRIA

Minha memória é um puzzle: onde colocar essa esquina, esse olhar, aqueles dois pares de cotovelos na mesa quando Sérgio e eu "descobrimos" séculos depois de Aristóteles as civilizações sepultâs nas lendas, de quem aqueles joelhos juntinhos onde a mão se insinuava insistente, onde e quando e por que esse cheiro bom de terra úmida, que diabo queria eu dizer esta frase achada num caderno antigo: "Hoje é o dia mais infeliz da minha vida?" O que eu não daria para sofrer de novo isso! Não, o melhor é compor uma sinfonia multi-sensorial, com o teu riso, com teu ressuscitado riso, ó Gabriela, alinhavando tudo.

INSTABILIDADE

Muita vez me entretenho em reconstruir de memória a nossa antiga casa paterna. Deixo-me estar no caramanchão, com sua mesa de pedra apanhando o sol coado pelas trepadeiras. Quanto aos longos corredores, será melhor que os evoque de noite, quando, no escuro do quarto, fico a imaginar que a noite de agora está cobrindo ainda a velha casa.
Sim! nesta época de grandes transformações arquitetônicas, a nossa alma teimosa continua morando nessas casas-fantasma.
Reconstruíram a cidade antiga, mas esqueceram-se de reconstruir as nossas almas. Daí, a instabilidade contemporânea.
Porque não somos contemporâneos de nós mesmos.
Porque, hoje, só podemos dizer com saudade aquele belo verso de Sainte-Beuve:

Naitre, vivre et mourir dons la méine maison...

PS. - Este verso, é a segunda vez que o cito neste livro. Mas não há motivo para pedir desculpas. Muito pelo contrario.

DA OBSERVAÇÃO INDIRETA

Não acredito em observação direta. Observação direta é reportagem - o lamentável equívoco dos naturalistas. Flaubert descrevia o vestuário de seus personagens - coisa que ao homem comum pouco importa.

Ponha o leitor a mão na consciência ou no olho e veja se recorda hoje a cor
do casaco da pessoa com quem falou ontem, ou, no caso de um primeiro
encontro, se o homem usava óculos ou tinha um bigodinho. Talvez eu
esteja gabando minha deficiência. Confesso-me tão mau observador que,

um dia destes, tendo sido depositado provisoriamente no quarto de banho
do hotel um espelho de corpo inteiro, este, a quem nada escapa, revelou-me
que eu não tenho uma coisa que todos têm, isto é: pêlos nas axilas.
Ora, como a minha Linguagem não é uma abstração algébrica,
perguntarão como consigo escrever poemas, os quais, no seu estado mais puro,
em vez de se expressarem por associações de idéias, expressam-se por
Imagens, figuras, coisas vistas. Mas foram vistas subliminarmente e depois, na
montagem do poema, exsurgem num mundo mais real porque despojado
de acessórios insignificativos. Tanto assim, que dentre as coisas que mais
agradaram a este escriba está o testemunho de Donaldo Schüler: "M.O.
não cai nunca na facilidade do descritivo."
Ah, as descrições! O que muito concorreu para o seu descrédito foi o
cinema. Para que "ler" uma cascata, agora que as podemos "ver"? Também
o cinema acabou com isso de abrir portas para entrar. Quando a gente vê,
o personagem já está lá dentro! Só nos filmes de faroeste, por natureza
tão primitivos, é que o herói monta no cavalo e apeia do mesmo, como se
não bastasse mostrá-lo em plena cavalgada. E como agora o substituto do
cavalo é o automóvel, por que raios temos ainda de ver o mocinho entrar
no carro e depois descer? Cavalo ou carro, o primitivismo é o mesmo. Mas
eu estava falando era da observação indireta, por sinal que há tempos o
título de um de meus futuros livros era "O viajante adormecido". Só não o
utilizei pelo receio de que o chamassem "O leitor adormecido". Foi, como
se vê, uma fraqueza que não me perdôo.

A MINHA RUA

uma rua em que tenho o vício
De nunca entrar, e onde eu nunca entrei,
E que vai dar na Babilônia, eu sei,
Ou nalgum porto fenício...

Se eu lá entrasse, seria rei,
Ou morreria nalgum suplício...
Crimes que lá cometerei
Não deixariam nenhum indício...

O senhor padre me casará
Com a linda filha de algum visconde
Ou do marquês de Maricá!

LEITURA: REDAÇÃO

Esse Marquês de Maricá do compêndio de leitura dava-nos conselhos...
compendiosos... - verdadeira chatice, aliás.., como se não bastassem os
conselhos de casa!
Felizmente para a turma, o resto não era nada disso, pois tratava-se
da Seleta em prosa e verso de Alfredo Clemente Pinto, um mundo.., quero
dizer, o mundo!
Logo ali, à primeira página, o bom Cristóvão Colombo equilibrava
para nós o ovo famoso e, pelas tantas, vinha Nossa Senhora dar o famoso
estalinho no coco duro daquele menino que um dia viria a ser o Padre
Antônio Vieira.
Porem, em meio e alheio a tais miudezas, bradava o poeta Gonçalves
de Magalhães:
"Waterloo! Waterloo! lição sublime!"
Só esta voz parece que ficou, porque era em verso, era a magia do
ritmo... e continua ressoando pelos corredores mal iluminados da memória.
(Em vão tenho procurado nos sebos um exemplar da Seleta...)
Sim, havia aulas de leitura naquele tempo. A classe toda abria o livro
na página indicada, o primeiro da fila começava a ler e, quando o
professor dizia "adiante!", ai do que estivesse distraído, sem atinar o local do
texto! Essa leitura atenta e compulsória seguia assim, banco por banco, do
princípio ao fim da turma. E como a gente aprende a escrever lendo, da
mesma forma que aprende a falar ouvindo, o resultado era que - quando
necessário escrever um bilhete, uma carta - nós, os meninos, o fazíamos
naturalmente, ao contrário de muito barbadão de hoje. E havia, também,
Os ditados. E, uma vez por mês, a prova de fogo da redação. E tudo isso
ainda no curso elementar. Pelo menos era assim em Alegrete. E é comovi-
damente que escrevo aqui o nome de meu lente de português e diretor do
Colégio, o saudoso professor Antônio Cabral Beirão.

Lá não se pensa, mas se responde
Conforme as rimas que um outro dá.
Exemplo: templo. Ë o templo onde

CONTO AZUL

A morte é tão antiquada
que sempre entra pela porta da rua
e sobe só pelas escadas.
Mandei pensando nisso fazer uma escada de caracol
para que ela chegasse tonta ao meu quarto
coisa de rir!
Ela se deixaria então cair na primeira cadeira,

Mas quem foi que disse que ela tem cara de caveira?
É uma simpática vovozinha.
Sorrio-lhe, do meu leito,
embora me sinta um pouco triste...

porque é bom estar para morrer,
da mesma forma que é bom estar numa sala de espera
folheando revistas velhas...
É isto! Folheio essas estampas
de minha memória,
meio desbotadas...
Súbito, um labio vermelho desenha-se entre elas
como se acabasse de ser traçado a batom!
O resto é tudo no mesmo tom.
Espio, para variar, o azul do céu la fora,
para onde estarão olhando outros que em breve terão alta.
As visitas do médico têm sido cada vez mais espaçadas e mais rápidas
E sinto que em breve ele se cruzará no caminho com o padre:
"É a sua vez, agora!
Qual! isso seria melodramático
que nem novela de TV...
Na sua cadeira
a morte espera, paciente
(ela não é nenhuma assassina).
Ela deveria fazer tricô...
mas para quê? mas para quem?
Agora, uma asa paira no azul.
Paira no azul...
Não atribuas a isso qualquer intenção simbólica: tudo é tão simples...

Aliás, eu me achava tão longe...
O que sempre salvou a morte (e a vida) da gente
é pensar em outras bobagens...

COISAS DE ÍNDIOS

Os peles-vermelhas, com suas caras-de-pau, devem ser ótimos
jogadores de pôquer. Creio que já o eram, mesmo muito antes da invenção
do pôquer, muito antes de Colombo, a fim de despistarem os parceiros de
negócio ou de política.
De cara mais aberta eram os nossos risonhos índios, aos quais nunca
faltou o senso do humor. Nos bancos colegiais, quando estudávamos a
história do Brasil, achávamos uma grande piada terem eles papado
exatamente o Bispo Sardinha, tanto mais que este já portava os santos óleos...
Como estão vendo, uma natural irreverência de meninos, que Deus
deve ter perdoado na mesma hora.

ATAVISMO

As crianças, os poetas, e talvez esses incompreendidos, os loucos, têm
uma memória atávica das coisas. Por isso julgam alguns que o seu mundo
não é propriamente este. Ah, nem queiras saber... Eles estão neste mundo
há muito mais tempo do que nós!

CALIGRAFIAS

Delícia de olhar, no céu, os v v v dos vôos distanciando-se...

No PRINCÍPIO DO FIM

Há ruídos que não se ouvem mais:
- o grito desgarrado de uma locomotiva na madrugada
- os apitos dos guardas noturnos quadriculando como um mapa a cidade adormecida
- os barbeiros que faziam cantar no ar suas tesouras - a matraca do vendedor de cartuchos
- a gaitinha do afiador de facas

todos esses ruídos que apenas rompiam o silêncio.
E hoje o que mais se precisa é de silêncios que interrompam o ruído.

Mas que se há de fazer?
Há muitos - a grande maioria - que já nasceram no barulho. E nem sabem, nem notam, por que suas mentes são tão atordoadas, seus pensamentos tão confusos. Tanto que, na sua bebedeira auricular, só conseguem entender as frases repetitivas da música pop. E, se esta nossa "civilização" não arrebentar, acabamos um dia perdendo a fala - para que falar? para que pensar? -, ficaremos apenas no batuque: "Tan! tan! tan! tan! tan!"

O OVO

Na Terra deserta
A última galinha põe o último ovo.
Seu cocoricó não encontra eco...

O Anjo a que estava afeto o cuidado da Terra
Dá de asas e come o ovo.

Humm! o ovo vai sentar-lhe mal...
O ovo!
O Anjo, dobrado em dois, aperta em dores o ventre angélico.

De repente,
O Anjo cai duro, no chão!

(Alguém, invisível, ri baixinho...)

BAÚ DE ESPANTOS

(1986)

"...quantas coisas perdidas e esquecidas
no teu baú de espantos..."

Esconderijos do tempo

TEMPESTADE NOTURNA

Noite alta,
na soçobrante Nau exposta aos quatro ventos,
em pleno céu sulcado de relâmpagos,
os marinheiros mortos trovejam palavrões.
Ó velhos marinheiros meus avôs...
para eles ainda não terminou a espantosa Era dos
Descobrimentos!

Santa Bárbara
e São Jerônimo,
transidos de divino amor,
escutam suas pragas como orações.

Quando eu acordar amanhã, livre e liberto como uma asa,
vou rezar a São Jerônimo
vou rezar a Santa Bárbara
por este nosso fim de século - pobre Nau perdida no
nevoeiro
que em vão busca o rumo

das eternas, das misteriosas Américas ainda por descobrir!

MATINAL

O tigre da manhã espreita pelas venezianas.
O vento fareja tudo.
Nos cais, os guindastes - domesticados dinossauros
erguem a carga do dia.

QUINTA COLUNA

Te lembras dos tempos em que se falava na Quinta Coluna?
Felizes tempos aqueles - porque eram tempos de guerra
E a gente pensava que tudo ia melhorar depois...
Mas quando?!
Apenas restou, entre nós, a Quinta Coluna dos Poetas.
Sim! Nós é que somos os verdadeiros visitantes do Futuro
não esses que os ingênuos autores de FC andaram espalhando por
aí
E temos agora tantas, tantas coisas que denunciar neste mundo louco...
Mas a quem?!

POEMA TRANSITÓRIO

Eu que nasci na Era da Fumaça: trenzinho
vagaroso com vagarosas
paradas
em cada estaçãozinha pobre
para comprar
pastéis
pés-de-moleque
sonhos
- principalmente sonhos!
porque as moças da cidade vinham olhar o trem passar:
elas suspirando maravilhosas viagens
e a gente com um desejo súbito de ali ficar morando
sempre... Nisto,
o apito da locomotiva
e o trem se afastando
e o trem arquejando
é preciso partir
é preciso chegar
é preciso partir é preciso chegar...
Ah, como esta vida é
urgente!
no entanto

eu gostava era mesmo de partir...
e - até hoje quando acaso embarco
para alguma parte
acomodo-me no meu lugar
fecho os olhos e sonho:
viajar, viajar
mas para parte nenhuma...
viajar indefinidamente...
como uma nave espacial perdida entre as estrelas.

O HOMEM DO BOTÃO

Quando esta velha nave espacial do mundo for um dia a pique
Não haverá iceberg nenhum que o explique... Apenas
Um de nós, em desespero
como quem se livra de terrível dor de cabeça
com uma baia rapida no ouvido
Vai apertar primeiro o botão:
Clic!
Tão simples... E os mais espertos venderão,
A preços populares, arquibancadas na Lua
Ou caríssimos camarotes de luxo
Para que possam todos assistir à nossa ULTIMA FUNÇÃO.
O perigo
é que a arquibancada desabe
Ou que a própria Lua venha a cair no caldeirão fervente,
Enquanto isso, Deus, que afinal é clemente,
Põe-se a cogitar na criação, em outro mundo,
De uma nova humanidade
- sem livre arbítrio
Principalmente sem livre arbítrio...
Mas com esse puro instinto animal
Que o homem do botão atribuía apenas às espécies inferiores.

ERA UM LUGAR

Era um lugar em que Deus ainda acreditava na gente...
Verdade

que se ia à missa quase só para namorar
mas tão inocentemente
que não passava de um jeito, um tanto diferente,
de rezar
enquanto, do púlpito, o padre clamava possesso
contra pecados enormes.
Meu Deus, até o Diabo envergonhava-se.
Afinal de contas, não se estava em nenhuma Babilônia...
Era, tão só, uma cidade pequena,
com seus pequenos vscios e suas pequenas virtudes:

um verdadeiro descanso para a malícia dos Anjos
com suas espadas de fogo.
- um amor!
Agora,
aquela antiga cidadezinha está dormindo para sempre
em sua redoma azul, em um dos museus do Céu.

SEI QUE CHOVEU À NOITE

Sei que choveu à noite. Em cada poça há um brilho azul e
nítido.
Sobre as telhas, os diabinhos invisíveis do vento escorregam
num louco tobogã.
Um mesmo frêmito agita as roupas nos varais e os brincos
nas orelhas...
Ó ânsia aventureira! Parece que surgem bandeirolas nos
dedos mágicos dos inspetores do tráfego... Ah, que
vontade de desobedecer os sinais!
E mesmo as escolas, onde agora está presa a meninada, nunca
essas escolas rimaram tão bem com opressivas gaiolas...
Só deveria haver escolas para meninos-poetas, onde cada um
estudasse com todo o gosto e vontade o que traz na
cabeça e não o que já está escrito nos manuais.
E, se duvidares muito, daqui a pouco sairão voando todas as
gravatas-borboletas, enquanto os seus donos atônitos
aguardam o sinal verde nas esquinas. Decerto elas
foram em busca de novos ares...

Mas sossega, coração inquieto. Não vês? Sob o azul cada
vez mais azul, a cidade lentamente está zarpando para
um porto fantástico do Oriente.

O SEGUNDO MANDAMENTO

Bem sei que não se deve dizer o Seu santo nome em vão.
Mas, agora,
o seu nome é apenas uma interjeição
como acontece com "Minha Nossa Senhora!"
- este belíssimo grito tão certamente errado
como o faz tanta vez o povo em suas descobertas.
A voz do povo é um Livro de Revelações.
Só tem que o tempo as foi sedimentando em sucessivas camadas.
E elas agora nos dizem tanto como uma pedra.
Agora restam-nos apenas as palavras técnicas
pertencentes ao vocabulário inerte dos robôs.
Porém um dia as pedras se iluminarão milagrosamente por
dentro,
porque só termina para todo o sempre o que foi

artificialmente construído...
Um dia,
um dia as pedras gritarão!

O DESCOBRIDOR

Ah, essa gente que me encomenda
Um poema
com tema...
Como eu vou saber, pobre arqueólogo do futuro,
O que inquietamente procuro
em minhas escavações do ar?

Nesse futuro,
tão imperfeito,
Vão dar,

desde o mais inocente nascimento,
suntuosas princesas mortas há milênios,
palavras desconhecidas mas com todas as letras
misteriosamente acesas,
palavras quotidianas
enfim libertas de qualquer objeto.
E os objetos...
Os atônitos objetos que não sabem mais o que são
no terror delicioso
da Transfiguração!

A CASA FANTASMA

A casa está morta?
Não: a casa é um fantasma,
um fantasma que sonha
com a sua porta de pesada aldrava,
com os seus intermináveis corredores
que saíam a explorar no escuro os mistérios da noite
e que as luas, por vezes,
enchiam de um lívido assombro...
sim!
agora
a casa está sonhando
com o seu pátio de meninos pássaros.
A casa escuta... Meu Deus! a casa está louca, ela não sabe
que em seu lugar se ergue um monstro de cimento e aço:
há sempre uma cidade dentro de outra
e esse eterno desentendido entre o Espaço e o Tempo.
Casa que teima em existir
a coitadinha da velha casa!

Eu também não consegui nunca afugentar meus pássaros...

MARIA

Que linda estavas no dia
Da Primeira Comunhão,
Toda de branco, Maria,
Com rosas brancas na mão.

Nossa Senhora esquecia
Ao ver-te, a sua aflição,
E eu, contrito - que heresia!
- Te rezava uma oração.

Pois quando te vi, de joelhos,
Pousar os lábios vermelhos
Nos pés do Cristo, supus
Que eras Santa Teresinha,
A mais linda e mais novinha
Das esposas de Jesus!

(1923)

O POBRE POEMA

Eu escrevi um poema horrível!
É claro que ele queria dizer alguma coisa...
Mas o quê?
Estaria engasgado?
Nas suas meias palavras havia no entanto uma ternura
mansa como a que se vê nos olhos de uma criança
doente, uma precoce, incompreensível gravidade
de quem, sem ler os jornais,
soubesse dos seqüestros
dos que morrem sem culpa
dos que se desviam porque todos os caminhos estão
tomados...
Poema, menininho condenado,
bem se via que ele não era deste mundo

nem para este mundo...
Tomado, então, de um ódio insensato,
esse ódio que enlouquece os homens ante a insuportável

verdade, dilacerei-o em mil pedaços.
E respirei...
Também! quem mandou ter ele nascido no mundo errado?

O VISITANTE NOTURNO

Enquanto dormes, teu Cuidado espera-te.
Despertas... e ei-lo sentado, ali, aos pés do leito.
Mas um dia darás um jeito nisso tudo...
Um dia, não despertas... Nunca mais!
Que fara ele, então, o teu Cuidado,
Da sua odienta fidelidade canina?
Do seu feroz silêncio? Do seu rosto sem cara?

Os POEMAS

Poemas nas pontas dos pés,
que nem os sente o papel...

Poemas de assombração
sumindo
pelos desvãos da alma...

Poemas que dançam,
rindo
que nem crianças...

Poemas de pé de pilão,
um baque
no coração.

E aqueles que desmoronam
lentamente -
sobre um caixão!

MAGIAS

Conheço uma cidade azul.
Conheço uma cidade cor de ferrugem.
Na primeira, há helicópteros pairando...
Na segunda, espiam de seus esconderijos os olhos das ratazanas...
No entanto
é a mesma cidade
e,
onde a gente estiver,
será sempre uma alma extraviada em labirintos escuros
ou, então,
uma alma perdida de amor...
Sim! por ser habitado por almas

é que este nosso mundo é um mundo mágico...
onde cada coisa a cada passo que se der
vai mudando de aspecto...
de forma...
de cor...
Vai mudando de alma!

TORRE AZUL

É preciso construir uma torre
- uma torre azul para os suicidas.
Têm qualquer coisa de anjo esses suicidas voadores,
qualquer coisa de anjo que perdeu as asas.
É preciso construir-lhes um túnel
- um túnel sem fim e sem saída
e onde um trem viajasse eternamente
como uma nave em alto-mar perdida.

É preciso construir uma torre...
é preciso construir um túnel...
É preciso morrer de puro,
puro amor!...

Os ARROIOS

Os arroios são rios guris...
Vão pulando e cantando dentre as pedras.
Fazem borbulhas d'água no caminho: bonito!
Dão vau aos burricos,
às belas morenas,
curiosos das pernas das belas morenas.
E às vezes vão tão devagar
que conhecem o cheiro e a cor das flores
que se debruçam sobre eles nos matos que atravessam
e onde parece quererem sestear.
Às vezes uma asa branca roça-os, súbita emoção
como a nossa se recebêssemos o miraculoso encontrão
de um Anjo...
Mas nem nós nem os rios sabemos nada disso.
Os rios tresandam óleo e alcatrão
e refletem, em vez de estrelas,
os letreiros das firmas que transportam utilidades.
Que pena me dão os arroios,
os inocentes arroios...

NOTURNO I

O corpo adormeceu no leito.

A alma baixou às cavernas.

Da alta lucerna, o espírito
vidente e astrólogo espreita.

E a alma descobria estrelas -
do-mar, velhas escadas, caracóis de cabelos,
coisas estranhas no tempo perdidas
e tantas - que pareciam, elas,
naufrágios de mil e uma
vidas...

588

Porém
o corpo
antes que o Dia o recomponha
na sua Humana e Divina Trindade,
o corpo que não vigia e não sonha
curte a sua animalidade!

De longe para longe

Embora as vejas daqui,
dentro deste mesmo ar
as velhas catedrais
estão no fundo do mar,
cantando...

Vozes de sinos ou de preces
- é da tua alma que elas,
às vezes, surgem à tona...

E esses velhos caminhos,
embora os vejas daqui
- sabes aonde irão dar?

Caminhos são mais antigos
que a redondeza da terra,
Eles não descem os horizontes...
seguem, sozinhos, no ar.

(E ai dos caminhos que levam
de volta ao mesmo lugar!)

Dizem que os deuses morreram?
Um deus sempre está sepulto
para depois ressuscitar...

Viemos do fundo do mar,
no entanto, estamos na Lua...

589

Mas como se há de parar?

(Homens, sementes ocultas
cujo sonho é germinar...)

E àquele que um dia foi
do antigo Jardim expulso

ofertaremos os frutos
da Grande Árvore Estelar.

DEIXA-ME SEGUIR PARA O MAR

Tenta esquecer-me... Ser lembrado é como
evocar-se um fantasma... Deixa-me ser
o que sou, o que sempre fui, um rio que vai fluindo...

Em vão, em minhas margens cantarão as horas,
me recamarei de estrelas como um manto real,
me bordarei de nuvens e de asas,
às vezes virão em mim as crianças banhar-se...

Um espelho não guarda as coisas refletidas!
E o meu destino é seguir... é seguir para o Mar,
as imagens perdendo no caminho...
Deixa-me fluir, passar, cantar...

toda a tristeza dos rios
Sé não poderem parar!

ESPANTOS

Neste mundo de tantos espantos,
Cheio das mágicas de Deus,
o que existe de mais sobrenatural
São os ateus...

590

ANTI-CANÇÃO NÚMERO UM

Passam as belas na passarela:
é tudo pura ventarolagem, vês?
Mas o pensamento traça no ar
isentas elaborações geométricas... Poeta, é preciso escolher

entre o sopro e a construção.
E, no espaço liberto liberto do tempo -
assenta, pedra a pedra, a tua pirâmide:
o resto é canção... Canção é feita de vento.
Do vento que faz o tempo, lento devorador de pirâmides...
Mas só se pode construir cantando! E então?
Passam as belas na passarela.
Cantam as belas na passarela,
com seus vestidos da cor do tempo!

NOTURNO DA VIAÇÃO FÉRREA

Ora, os fantasmas são viajantes noturnos.
Se aboletam nos carros vazios e ficam
(por que será que os fantasmas não fumam?)
a olhar o mundo que desliza...
Mas sucede que as máquinas estavam manobrando apenas.
E depois veio a luz crescente, a luz cruel,
Situando e ambientando as coisas.
E quando surgem, cabalísticos, os primeiros letreiros:
Hotel Savóia, Ao Pente de Ouro, Saúde da Mulher,
os fantasmas, puídos de claridade,
soltam um suspiro e se desvanecem.

QUERIAS QUE Eu FALASSE DE "POESIA"

Querias que eu falasse de "poesia" um pouco
mais.., e desprezasse o quotidiano atroz...
querias.., era ouvir o som da minha voz
e não um eco - apenas - deste mundo louco!

Mas quê te dar, pobre criança, em troco
de tudo que esperavas, ai de nós:

é que eu sou oco... oco... OCO...
como o Homem de Lata do "Mágico de Oz"!

Tu o lembras, bem sei... ah! O seu horror
Imenso às lágrimas... Porque decerto se enferrujaria...
E tu... Como um lírio do pântano tu me querias,
como uma Chuva de ouro a te cobrir devagarinho,
um pássaro de luz... Mas, haverá maior poesia

do que este meu desesperar-me eterno da poesia?!

PARECE UM SONHO...

"Parece um sonho que ela tenha morrido!"

diziam todos... Sua Viva imagem
tinha carne!... E ouvia-se, na aragem,
passar o frêmito do seu vestido...

E era como se ela houvesse partido
e logo fosse regressar da viagem...
- até que em nosso coração dorido
a flor cravava o seu punhal selvagem!

Mas tua imagem, nosso amor, é agora
menos dos olhos, mais do coração.
Nossa saudade te sorri: não chora...

Mais perto estás de Deus, como um anjo querido.
E ao relembrar-te a gente diz, então:
"Parece um sonho que ela tenha vivido!"

(1953)

MANHÃ

Esta noite eu sonhei que era Jackie Coogan.
Me acordei
- Bom dia, Senhor Sol, quanta luz!
- Todo iluminado por dentro de alegria.
Na janela,

A fresca manhã sirria!
(Os coqueirais crespos cutucavam ela...)

(1926)

Família desencontrada
Para Liana Pereira Milanez

O Verão é um senhor gordo, sentado na varanda,
suando em bicas e reclamando cerveja.

O Outono é um tio solteirão que mora lá em cima no
sótão e a toda hora protesta aos gritos: "Que
barulho é esse na escada?!"

O Inverno é o vovozinho trêmulo, com a boina enterrada
até os olhos, a manta enrolada nos queixos e
sempre resmungando: "Eu não passo deste agosto,
eu não passo deste agosto..."

A Primavera, em contrapartida
- é ela quem salva a honra da família!
É Uma menininha pulando na corda cabelos ao vento
pulando e cantando debaixo da chuva
curtindo o frescor da chuva que desce do céu
o cheiro de terra que sobe do chão
o tapa do vento na cara molhada!

Oh! a alegria do vento desgrenhando as árvores
revirando os pobres guarda-chuvas
erguendo saias!
A alegria da chuva a cantar nas vidraças
Sob as vaias do vento.. -

Enquanto
- desafiando o vento, a chuva, desafiando tudo -
no meio da praça a neninínha canta
a alegria da vida
a alegria da vida!

O DEIXADOR

Eu tenho mania de deixar tudo para depois...
Depois a contagem das cartas a responder...
Depois a arrumação das coisas...
Depois, Adalgisa... Ah,
Me lembrar mais uma vez de romper definitivamente com Adalgisa!
Depois, tanta, tanta coisa...
Depois o testamento as últimas vontades a morte.
Só porque vai sempre deixando tudo para depois
É que Deus é eterno
E o mundo incompleto
Inquieto...
Só é verdadeiramente vida a que tem um inquieto depois!

INVITATION AU VOYAGE

Se cada um de vós, ó vós outros da televisão
vós que viajais inertes
como defuntos num caixão -
Se cada um de vós abrisse um livro de poemas...
Faria uma verdadeira viagem...
Num livro de poemas se descobre de tudo, de tudo mesmo!
inclusive o amor e outras novidades.

SEGUNDO POEMA DE ABRIL: O NAVEGADOR

Vem vindo o Abril, tão belo em sua barca de ouro!
Vou contando os teus dedos...

um...
dois...
Cinco!
Mas até onde, me diz,
Até onde irá dar esta veiazinha, aqui?!
Amor, eu quero navegar-te!
Toda... de norte a sul...

594

Enquanto
Sentado à proa
Vestido de arlequim
Abril ponteia, bem devagarinho,
Com um dedo só seu bandolim azul.

Tu te abres como uma flor...
E
depois
o nosso olhar é límpido como as águas de um regato...
E distanciadamente falamos do mundo com todos os seus
inclusives:
conflagrações, boatos, ataques, surpresas, compromissos...
E todas essas coisas atrozes são poemas a nossos ouvidos.

NOTURNO II

Pensam que estou dormindo. Mas, do meu velívolo,
eu avisto a cidade.
Em cada janela acesa (umas poucas)
um poeta, noite alta, poetando...
Tu dirás que imagino coisas loucas!
Mas era assim que eram as coisas
nos tempos da primeira mocidade... Pouso
lá na torre da igreja.
Imobilizo-me.
Vês?
(ou estarei apenas sonhando
que faço um poema?)

O POEMA ADORMECIDO

De vez em quando
do fundo do sono

surgem os periscópios dos ouvidos:
parece que além, nas margens,
estão acontecendo misérias...
(Os dinossauros mergulham, desinteressados...)

O ÚLTIMO CRIME DA MALA

Na mala que nem o Anjo da Guarda,
Nem o Delegado do Distrito,
Nem eu mesmo consigo encontrar,
está a minha imagem única, fechada a chave
- e a chave caída no fundo do mar!
Não adianta chamar escafandros,
nem homens-rãs,
nem a sereia mais querida,
nem os atenciosos hipocampos, de que adianta?!
Não existem vestígios de mim...

CONVERSA FIADA

Eu gosto de fazer poemas de um único verso.
Até mesmo de uma única palavra
Como quando escrevo o teu nome no meio da página
E fico pensando mais ou menos em ti
Porque penso, também, em tantas coisas... em ninhos
Não sei por que vazios em meio de uma estrada
Deserta...
Penso em súbitos cometas anunciadores de um Mundo Novo
E imagina!
Penso em meus primeiros exercícios de álgebra,
Eu que tanto, tanto os odiava...
Eu que naquele tempo vivia dopando-me em cores, flores,
amores,
Nos olhos-flores das menininhas - isso mesmo! O mundo
Era um livro de figuras
Oh! os meus paladinos, as minhas princesas prisioneiras
em suas altas torres,
Os meus dragões

Horrendos
Mas tão coloridos...
E - já então o trovoar dos versos de Camões:
- "Que o menor mal de todos seja a morte!"
Ah, prometo àqueles meus professores desiludidos que na
próxima vida eu vou ser um grande matemático

Porque a matemática é o único pensamento sem dor...
Prometo, prometo, sim... Estou mentindo? Estou!
Tão bom morrer de amor! e continuar vivendo...

VIAGEM

O sono é uma viagem noturna:
o corpo - horizontal - no escuro
e no silêncio do trem, avança,
imperceptivelmente avança... Apenas o
relógio picota a passagem do tempo.
Sonha a alma deitada no seu ataúde:
lá longe
lá fora
- no fundo do túnel,
há uma estação de chegada
(anunciam-na os galos agora)
há uma estação de chegada com a sua tabuleta ainda toda orvalhada...
Há uma estação chamada...
AURORA!

Os CEGUINHOS

Um dia, um ceguinho de nascença...
- pois bem, para ser mais explícito e para conservar
por mais algum tempo a sua passageira imagem
neste mundo -
um dia
numa daquelas nossas conversas de bar,
o sanfonista Artur Elsner me confessou:
"Bem sei que, para vocês, eu, teoricamente, estou nas trevas.
Teoricamente?! pensei, num comovido espanto.
Talvez no mesmo silencioso espanto com que os anjos escutam

as palavras que digo
dentro da minha treva iluminada.

A SESTA

O vento cheio de idéias vãs
põe se a pensar em outras Coisas...
O cão que ao mormaço repousa
fareja o ar morno. As venezianas
listram o silêncio, enquanto em torno
o frescor das jarras e das louças
espera... enquanto, da parede, olha-me
o gelo do relógio

e um cheiro insistente de maçãs
convida- me
como se eu não estivesse deliciosamente morto e de
sapatos sobre
os arabescos da colcha.

TÂNGOLO-MANGO

Para Erico Verissimo

Tudo como na história dos dez negrinhos:
e não ficaram senão quatro...
..e não ficaram senão três...
Só que, na nossa história,
Os negrinhos éramos muito mais de dez.
Não, não vou começar a contá-los pelos dedos!
Que adianta? Outros serão os seus cuidados, outros os seus
segredos
Agora...
Outras serão as suas aventuras,
De que ciumentamente me sinto afastado.
E como, na verdade, dizer-lhes
Toda a falta que me fazem
Quando o que eu sinto neles é a falta de mim?!
E depois nem é bem como no caso dos dez negrinhos:

Um dia não haverá ninguém dentre nós,
Ninguém no mundo
Para lembrar que não sobrou nenhum!

PASSEIO SUBURBANO

Encontrei uma menina
que me perguntou se era verdade que iam demolir aquele
belíssimo pé de figueira
Não, ela não disse belíssimo...
Foi por uma questão de ritmo que acrescentei aqui esse
esse adjetivo inútil.
Feliz de quem vive ainda no mundo dos substantivos:
o resto é literatura...
Sorri-lhe cumplicemente
(e tristemente)
porque me lembro que em meio ao quintal lá de casa
havia uma paineira enorme
(ultrapassava em altura o primeiro andar de meu quarto).
Quando florescia, era uma glória!
Talvez fosse ela que impediu que meus sonhos de menino
solitário
tenham sido todos em preto e-branco
Uma glória... Até que um dia

foi posta abaixo
simplesmente
porque prejudicava o desenvolvimento das árvores
frutíferas
Ora, as árvores frutíferas!
Bem sabes, meninazinha, que os nossos olhos também
precisam de alimento.

VERDE

Cactos, as tropicais colorações violentas
E o veludoso tom que nas grutas sombrias
O chão verdoengo alfombra... As verdes pedrarias,
Verdes, químicos, mar revolto, as reverberações

Das caudas das sereias... e o verde heróico das tormentas!
Verde o sonho, o propício repouso...
Em cujo seio entanto enroscam-se as paixões...
Bórgia da cor, verde violento e venenoso.
Verde que sensações
Estranhas: terras! várzeas! a luz! cantigas! alaridos!
E esses homens de mãos cruzadas, estendidos
No verde das sutis, lentas putrefações...

(1935)

A NOSSA CANÇÃO DE RODA

A nossa canção de roda
tinha nada e tinha tudo
como a voz dos passarinhos
mas que será que dizia?

A nossa canção de roda
era boba como a lua.
Mas a roda dispersou-se
cada qual perdeu seu par...

Agora,
nossos fantasmas meninos
talvez a cantem na lua...
talvez que junto a algum leito
a morte a esteja a cantar
como quem nana um filhinho...

A nossa canção de roda
tinha nada e tinha tudo:
era

uma girândola de vozes
chispando
mais lindas do que as estrelas
era uma fogueira acesa
para enganar o medo, o grande medo
que a Noite sentia
da sua própria escuridão.

600

A VOZ SUBTERRÂNEA

Às vezes ouvia-se um canto surdo,
que parecia vir debaixo da terra.
Até que os homens da superfície,
para desvendar o mistério,
puseram-se a fazer escavações.
Sim! eram os homens das minas,
que um desabamento ali havia aprisionado.
E ninguém suspeitava da sua existência.
porque já haviam passado três ou quatro gerações!
Mas a luz forte das lanternas não os ofuscou:
eles estavam cegos
- todos, homens, mulheres, crianças
Eles estavam cegos... e cantavam!

A missa dos inocentes

Se não fora abusar da paciéncia divina
Eu mandaria rezar missa pelos meus poemas que não
conseguiram ir além da terceira ou quarta linha,
Vítimas dessa mortalidade infantil que, por ignorância dos pais,
Dizima as mais inocentes criaturinhas, as pobres...
Que tinham tanto azul nos olhos,
Tanto que dar ao mundo!
Eu mandaria rezar o réquiem mais profundo
Não só pelos meus
Mas por todos os poemas inválidos que se arrastam pelo mundo
E cuja comovedora beleza ultrapassa a dos outros
Porque está, antes e depois de tudo,
No SeU inatingível anseio de beleza!

Os DEGRAUS

Não desças os degraus do sonho
Para não despertar os monstros.
Não subas aos sótãos onde
Os deuses, por trás das suas máscaras,

601

Ocultam o próprio enigma.
Não desças, não subas, fica.
O mistério está é na tua vida!
E é um sonho louco este nosso mundo...

PEQUENO POEMA DE Após CHUVA

Frescor agradecido de capim molhado
Como alguém que chorou
E depois sentiu uma grande, uma quase envergonhada alegria
Por ter a vida
Continuado...

NOTURNO III

Um cartaz luminoso ri no ar
E mais outro.., e mais!... Ó Noite, ó minha nêga
Toda acesa
De letreiros,
Já pensaste como ainda serias mais linda
Muito mais
Se nós, os poetas, não soubéssemos ler?

PÉ ANTE PÉ

Vêm todos caminhando na ponta dos pés.
Alguém morreu? Não. É mais fundo o mistério...
Chegam todos, agora, na ponta dos pés,
Para vê-lo dormir o primeiro soninho!

METAMORFOSES DO VENTO

Pterodáctilo, serpente sinuosa, manada
De potros, monstro
Arquejante e cravado de bandeirolas
Pelos Anjos que limpam as vidraças do Céu,
Préstito
De espantalhos aos pulos,

602

Ululos
De loucos, cicios
De freiras, o vento

Tem todas as formas... O triste
É que ninguém consegue vê-las...
Ah, se um dia
Nós e todo o universo
Ficássemos de súbito invisíveis
Aí, então,
O vento
Seria
Senhor do Mundo, Imperador dos Poetas!

ESTRANHAS AVENTURAS DA INFÂNCIA

Era um caminho tão pequenino
Que nem sabia aonde ia,
Por entre uns morros se perdia
Que ele pensava que eram montanhas...

Enquanto a tarde, lenta, caía,
Aflitamente o procuramos.
Sozinho assim, aonde iria?
Porém, deixamos para um outro dia...

Perdido e só, nós o deixamos!

E quando, enfim, ali voltamos
Já nada havia, só ervas mas...
Tão vasto e triste sentiste o mundo
Que te achegaste, desamparada...

E foi bem juntos que regressamos,
Ombro com ombro, a mão na mão,
Enquanto, lenta, caía a tarde
Enos espiava a bruxa negra...

E nos seguia a bruxa negra
Que hoje se chama Solidão!

Os DUROS

Os únicos que sabiam morrer de verdade eram os soldadinhos
de chumbo.
Não os assaltavam, nem antes nem na hora extrema, pensamentos
espúrios
namoradas, mães, pátria amada idolatrada, nada disso...
Era a guerra em toda a sua pureza, a pura poesia da ação!

UM NoME NA VIDRAÇA

A guriazinha

desenha as letras do seu nome na vidraça
- encantadoramente malfeitas
- as letras escorrem...
Enquanto isto,
umas pessoas morrem,
outras nascem...
Entre umas e outras,
viro mais uma página
desta novela policial.
E exatamente à página 293, verifico,
quando o herói vai torcendo cautelosamente o trinco da porta,
interrompo
a leitura
e ele e todos os outros personagens ficam parados.
Eu sou o Deus catastrófico: não ligo,
olho agora a litografia da parede
um trigal muito louro e acima dele apenas uma asa
contra o céu azul.
É como se eu abrisse uma janela na frustração da chuva!
Bem, neste momento as pessoas já devem ter morrido ou
nascido.
A verdade, minha filha
é que eu não sei como parar este poema:
nos dias de chuva sobem do fundo do mar os navios

sobem ruas, casas, cidades inteiras,
e procissões, manifestações, os primeiros
fantasmas,

e os últimos encontros, o padre-cura e o boticário
discutindo política na esquina...
(A guriazinha
apaga as letras lacrimejantes da vidraça.
E recomeça...)

ALMA ERRADA

Há coisas que a minha alma, já tão mortificada, não admite:
assistir novelas de TV
ouvir música pop
um filme apenas de corridas de automóvel
uma corrida de automóvel num filme
um livro de páginas ligadas
porque, sendo bom, a gente abre sofregamente a dedo:
espátulas não há... e quem é que hoje faz questão de
virgindades...
E quando minha alma estraçalhada a todo instante pelos
telefones
fugir desesperada
me deixará aqui,

ouvindo o que todos ouvem, bebendo o que todos bebem,
comendo o que todos comem.
A estes, a falta de alma não incomoda. (Desconfio até
que minha pobre alma fora destinada ao habitante de outro mundo).
E ligarei o rádio a todo volume,
gritarei como um possesso nas partidas de futebol,
seguirei, irresistivelmente, o desfilar das grandes paradas do
Exército.
E apenas sentirei, uma vez que outra,
a vaga nostalgia de não sei que mundo perdido...

ESPERANÇA

Lá bem no alto do décimo segundo andar do Ano
vive uma louca chamada Esperança
e ela pensa que quando todas as sirenas
todas as buzinas
todos os reco-recos tocarem,

atira-se
e
- ó delicioso vôo
será encontrada miraculosamente incólume na calçada,
outra vez criança...
E em torno dela indagará o povo:
- Como é teu nome, meninazinha de olhos verdes?
E ela lhes dirá, então,
(é preciso explicar-lhes tudo de novo!)
ela lhes dirá, bem devagarinho, para que não esqueçam nunca:
- O meu nome é ES-PE-RAN-ÇA...

SONETO AZUL

Quando desperto mansamente agora
é toda um sonho azul minha janela
e nela ficam presos estes olhos,
amando-te no céu que faz lá fora.
Tu me sorris em tudo, misteriosa...
e a rua que - tal como outrora - desço,
a velha rua, eu mal a reconheço
em sua graça de menina-moça...

Riso na boca e vento no cabelo,
delas vem vindo um bando... E ao vê-lo
por um acaso olha-me a mais bela.

Sabes, eu amo-te a perder de vista...
e bebo então, com uma saudade louca,
teu grande olhar azul nos olhos dela!

UMA HISTORINHA MÁGICA

Para Lili

Era um burrinho azul, vindo do céu.
Via-o de madrugada no meu sonho...
E eu sempre lhe servia, em meu chapéu,
bolas de nhaque feitas de arco-íris!

Nunca as achei por isso nos bazares
quando a cidade despertava, exata,
e só restava da Cidade Oculta
um passo leve de menina-flor...

E era um menino preguiçoso e triste
e quando ele sorria por acaso
ninguém lhe fosse perguntar por quê!

Ele sabia histórias sem enredo,
pois não queria que acabassem nunca:
- Era um burrinho... uma menina.., e...

BILHETE ATIRADO NO FUNDO DO TEMPO

Meu Deus, Catarina... ou eras Conceição... ou
Mariazinha...
Mas aquelas tuas tranças
que eu sou capaz de jurar que tinham vida própria...
uma vez uma delas quase se incendiou de louca!
na chama de um lampião. Minha boa menina.., minha
pobre senhora, talvez ainda tenhas contigo
aquele velho lampião familiar.
Vai buscá-lo, as coisas duram tanto, duram mais do que
a gente, mais do que as almas até...
Vai, traze-o de novo para a mesa.
E pode ser que te lembres, pode ser que me lembres
Mas são coisas antigas, antigas...
Perdoa, eu nem sei como Fui escrever-te...
São coisas tão antigas
que decerto já deves estar morta!

VIVER

Quem nunca quis morrer
não sabe o que é viver
sabe que viver é abrir uma janela

607

E hipocampos fosforescentes
Medusas translúcidas
Radiadas
Estrelas-do-mar... Ah,
Viver é sair de repente
Do fundo do mar
E voar...
e voar...
cada vez para mais alto
Como depois de se morrer!

POEMA DESENHADO
PARA MARA CILAINE

No meio da página escrevo ao acaso a palavra MENINA
e, à sua magia, um caminho abre-se
para ela andar.

E como houvesse brotado a seus pés um arroio espiador,
uma ponte estendeu-se
para ela atravessar.

Mas a menina
agora parou
e do meio da ponte namora encantadamente nas águas
a graça inacabada do seu pequenino rosto feito às pressas.

Às pressas...
(nem tive tempo de lhe dar um nome)

A vida é assim,
meninazinha sem nome...

A vida nem dá tempo para a Vida!

608

SONETO
Para Sandra Ritzel

A morte escolhe com gentil cuidado
e não às cegas, no dizer das gentes.
Quantas já vi no seu caixão doirado
Com seus lindos perfis adolescentes...

Pareciam voltar a um internato
depois de haverem terminado as férias...

Mas la seguiam todas, muito sérias,
as mais pequenas para um orfanato.
Hoje, porém, são tantos os cuidados
que se custa a morrer na flor dos anos...
Mas que mundo, que sonhos, que esperanças

se houvesse apenas jovens e criançaS,
e os Poetas... que não têm nenhuma idade
e inauguram o mundo a cada instante!

Num país de nostálgicos nevoeiros,
de paisagens em lenta mutação,
largarei de repente o meu bordão...
E hão de pasmar os outros caminheiros!

E andando como a lua nos outeiros
ao encontro da lenta procissão,
pousarias a mão na minha mão...
enamorados sempre... e sempre companheiros!
E diante de tão doces aparências
quem diria que em duas existências
nos separara o mundo - anos inteiros!

E, sentados à sombra de uns olmeiros,
trocariamos falsas confidencias...
cheias de sentimentos verdadeiros!

O OLHAR

O último olhar do condenado não é nublado sentimentalmente
por lágrimas
nem iludido por visões quiméricas.
O último olhar do condenado é nítido como uma fotografia:
vê até a pequenina formiga que sobe acaso pelo rude braço do
verdugo,
vê o frêmito da última folha no alto daquela árvore, além...
Ao olhar do condenado nada escapa, como ao olhar de Deus
- um porque é eterno,
o outro porque vai morrer.
O olhar do poeta é como o olhar de um condenado...
como o olhar de Deus...

NOTURNO IV

Os grandes animais invisíveis e silenciosos da insônia
Vigilam meu corpo para me devassarem.
Adivinho que são felinos por sua incansável paciência.

Enfaixo-me de medo Como um faraó em seus panos mortuários.
Inúteis conchas acústicas
Os meus ouvidos têm no escuro a angustiosa forma de um ponto
de interrogação,
Mas ainda escuto. Até o grande relógio de pêndulo parou.
O tempo está morto de pé dentro dele como um chefe asteca.
Tento imaginar-lhe o rosto cheio de rugas como o solo gretado de
um deserto.
Os felinos farejam-me...
Antes eu estivesse morto e não sentiria nada...
Mas
A primeira coisa que um morto faz depois de enterrado
É abrir novamente os olhos...
Como é que eu sei disso, meu Deus?!
Tão fácil acender a luz.. Estendo a mão
Para a lâmpada de cabeceira e toco
Uma parede fria
Úmida
Musgosa...

A MENSAGEM

Esse oval do seu rosto, aquelas tranças
tranqüilas, o seu lábio triste e ardente,
luz de vela a tremer em um quarto de doente
tantos anos depois, eu os vi novamente

numa imagem de altar... Tão linda, parecia
uma Nossa Senhora adolescente
antes da Anunciação, quando era simplesmente -
Maria!

Em instantes de angústia, esta fugaz imagem
de alguém que há muito já se foi - pobre criança! -
timidamente a alma me ilumina...

Diz, que foste tu contar do mundo ao Paraíso?
Por que só podes dar tua mensagem
com a luz silenciosa de um sorriso...

A RUA

A rua é um rio de passos e de vozes,
um rio terrível que me vai levando,
mas estou só, como se está na infância...
ou quando a morte vai se aproximando...

No ar, agora, que distante aroma?
Decerto eu sem saber pensei em ti...
E um vôo de andorinha na distância

é a minha saudade que eu te mando.

Mas tudo, nesse tumultuoso rio,
não fica nunca ao fundo da lembrança
como no seio azul de uma redoma...

Fudo se afasta nessa correnteza
onde uma flor, às vezes, fica presa
e um claro riso sobre as águas dança!

POEMA OUVINDO O NOTICIOSO

Os acontecimentos tombam como moscas sobre a minha mesa:
z...z...z...z...z...z...z...z...
De junto a mim.
- len-ta-men-te -
a Presença invisível alista-se
deixando
um rastro
de silêncio...
A página aguarda
O Poeta aguarda, mudo...
Em vão!
(O limite do poema é uma página em branco).

O PEREGRINO

Eu já, eu já andei por Babilônia,
Onde, como sabeis, vivem os demônios de chifres
doirados,
De belos lábios vermelhos,
Cujas palavras embriagam como o vinho...
Depois segui, indiferente, o meu caminho,
Pensando em como o Diabo subestima a gente!
Meu Deus, como são fúteis as promessas do Diabo!
Para mim que, de todas as minhas andanças,
nada aqui vos trago,
É muito mais honroso o silêncio de Deus.

Meu BONDE PASSA PELO MERCADO

Meu bonde passa pelo Mercado
Mas o que há de bom mesmo não está à venda,
O que há de bom não custa nada.
Este momento de euforia é a flor da eternidade.
E essa minha alegria inclui também minha tristeza
- a nossa tristeza...
Tu não sabias, meu companheiro de viagem?
Todos os bondes vão para o infinito!

DATA E DEDICATÓRIA

Teus poemas, não os dates nunca... Um poema
Não pertence ao Tempo... Em seu país estranho,
Se existe hora, é sempre a hora extrema
Quando o Anjo Azrael nos estende ao sedento
Lábio o cálice inextinguível...
Um poema é de sempre, Poeta:
O que tu fazes hoje é o mesmo poema
Que fizeste em menino,
É o mesmo que,
Depois que tu te fores,
Alguém lerá baixinho e comovidamente,
A vivê-lo de novo...
A esse alguém,
Que talvez nem tenha ainda nascido,
Dedica, pois, teus poemas.
Não os dates, porém:
As almas não entendem disso...

JANELINHA DE TREM

Desejo de um dia ficar repousando
Sob uma dessas cruzes de volta d estrada
Que parecem também estar viajando...

O FATAL CONVIVIO

Que esquisita conversa não hão de ter, nesses Dicionários Biográficos,
Os que se encontram espantosamente juntos por uma injunção da
ordem alfabética,
Como se entenderão, meu Deus, mas como se entenderão,
Para apenas citar-vos um inquietante exemplo,
Nabucodonosor e Napoleão!

O Pequeno Corso
Antes de tudo
Terá dificuldades com o nome sesquipedal do outro,
O qual, como se não bastasse,

Além de rei, ainda fora lobisomem...
Mas este, desconhecedor enciclopédico da História vindoura,

Diria,
Para maior escândalo do Conquistador:
"Ora, não gaguejes, bom homem...
Chama-me Bubu, simplesmente.
Pois era assim que me chamava o povo... ah, o povo!
Porém,
Eu estou lembrando agora é dos amantes separados para sempre
Na prisão perpétua do seu próprio tomo...
De Paolo e Francesca
(Mais felizes no Inferno...)
E da pobre,
Ai, da pobre Marília ouvindo as máximas
Do inefável marquês de Maricá!

TRÊS POEMAS QUE ME ROUBARAM

Lá pelas tantas menos um quarto eu suspirei num poema:
"Vontade de escrever Sagesse de Verlaine..."
Mas o que eu tenho vontade mesmo
é de haver escrito a Pedra no Meio do Caminho
a Balada & Canha, a Estrela da Manhã,
- ó Musa infiel,
não te houvessem possuído antes
Carlos, Augusto e Manuel!...

DA FATALIDADE HISTÓRICA

A bolinha que saiu na loteria
não saiu porque deveria sair precisamente ela
mas sim porque uma delas teria de sair
não podia deixar de sair!
Moral da História:
uma coisa - só por ter acontecido -
não quer dizer que seja lá essas coisas...

O VELHO POETA

Um dia o meu cavalo voltará sozinho
E assumindo
Sem saber
A minha própria imagem e semelhança
Ele vira ler
Como sempre
Neste mesmo café
O nOSSO jornal de cada dia
inteiramente alheio ao murmurar das gentes...

A CIRANDA

Meninazinha bonita dos olhos ingênuos e grandes,
uma vez na ciranda eu perdi tua mão...
Sinto ainda fugir-me à flor da pele, aflita,
sua desesperada e última pressão!

E a vida continuou, ora em lenta pavana,
ora numa quadrilha, em tonta confusão.
Quantas vezes julguei, mas foi sempre ilusão,
viver aquela hora, entre as horas benditas,

que uniu palma com palma e alma contra alma...
Mas que busco afinal, que miragem acalma
tão inquieta procura em um mundo já findo?

Porem, o mundo não é só o que se ve...
Talvez um dia eu morrerei sorrindo,
e só os anjos saberão por que!

As MENINAZINHAS

Queridas unhinhas róseas...
bocas de úmida, fresca avidez,
de onde todas as notas, loucas,
querem fugir de uma só vez...

Olhinhos de agua tão pura
que nada há que os espante...
Sensivel narina aflante...
Inquieta mão que procura...
Indeciso quadril, mas já
com aquele femíneo encanto...
Sobrancelhinhas: um veludo...
Orelhas, dedinhos... Ah,
nem queiras saber tudo quanto
elas prometem à vida...

O ENCONTRO

Subitamente
na esquina do poema, duas rimas
olham-se, atônitas, comovidas,
como duas irmãs desconhecidas...

LOUCA

Súbito
Em meio aquele escuro quarteirão fabril

Das minhas mãos se escapou um pássaro maravilhoso
E eu te amei como quem solta um grito,
Ó Lua enorme
Incompreensível.
Por que sempre me espantas e me assustas, Louca,
Como se eu te visse sempre pela primeira vez?!

O POEMA APESAR DE TUDO

Para Cecy Barth

Às vezes faço poemas de um equilíbrio instável...
Cai, cai, balão!
(As prateleiras da estante estão olhando de dentes arreganhados,
compridos dentes de todas as cores festivamente arreganhados)
Ah, o trabalho do poeta! Nem queiras saber...
É muito pior do que armar meticulosamente um castelo de cartas,

ou uma Torre Eiffel com pauzinhos de fósforos ante a janela aberta
(lá fora sorri sadicamente o Anjo das Tem pestades).
E pensar que ainda há gente por aí que acha tão facil o milagre
da Ascensão...
Mas ele não caiu
O poema desta vez não caiu...
Olha! o poema chispa como um sputnik!
O poema é a lua na amplidão!

HAVIA

Havia naquele tempo tanta coisa,
tanta coisa que subiria depois Como um balão azul
quando eu precisasse de um pretexto urgente para não me matar...
Havia
a que passava cuidadosamente os meus poemas a ferro
(e nisso vejo agora a maior poesia deles..)
Havia a que sabia fingir que me escutava,
que parecia beber até, com seus grandes olhos,
os meus solilóquios
(eram tão chatos que só podiam ser solilóquios mesmo...)
e havia, entre todas,
a Eleita,
a que cortava as unhas da minha mão direita
(agora tenho de recorrer a profissionais.)
e havia, entre as demais,
a que ficou não sei onde esquecida...

CONVITE

Basta de poemas para depois...
Vida, e se nós dois

Vivêssemos juntos?

EPÍSTOLA AOS Novos BÁRBAROS

Jamais compreendereis a terrível simplicidade das minhas palavras
porque elas não sao palavras: são rios, pássaros, naves...
no rumo de vossas almas bárbaras.
Sim. vós tendes as vOsSas almas supersticiosamente pintadas,
e não apenas a cara e o corpo como os verdadeiros selvagens.
Sabeis somente dar ouvido a palavras que não compreendeis,
e todos os VOSSOS deuses são nascidos do medo.
E eu na verdade não vos trago a mensagem de nenhum deus.
Nem a minha...
Vim sacudir o que estava dormindo há tanto dentro de cada
um de vós,
a limpar-vos de vossas tatuagens.
E o frêmito que sentireis, então, nas almas transfiguradas
não será do revôo dos anjos... Mas apenas
o beijo amoroso e invisível do vento
sobre a pele nua.

POETA ESPERANDO A VEZ NO DENTISTA

A minha vida, sempre e sempre, é uma sala de espera:
na mesinha arqueológicas revistas,
na parede, as gravuras mais previstas,
umas e outras do Tempo da Era...

Este soneto está quebrado... (ou alquebrado?) Espera,
poeta, é melhor que tu desistas...
(E conto, aflito, nos meus dedos de imagista,
as elisões, as sílabas de espera!)

Eis que me surge, aqui, neste terceto, a Esfinge!
"Devora-me ou decifro-te!" E ela ringe.
(Só para rimar) os dentes... Ah, Camões, quem me dera

[.....]
tuas construções de ferro, esses teus dentes brutos...
Um só, um só dos teus anacolutos!

(22 de agosto de 1965)

Os VENTOS CAMONIANOS

Bóreas, Aquilão, todos os ventos camonianos
fizeram enormes estragos nos telhados,
Bóreas, Aquilão, o Noto, o diabo,
esgoelaram as cordas da chuva, abordaram a casa rangente,
bramaram palavrões belíssimos no fragor do assalto,
Bóreas... e os outros marinheiros bêbados
agora estão todos eles caídos no convés da madrugada...
Afinal a coisa parece que não foi assim tão bruta:
as minhas cortinas agitam-se festivamente, enfunam-se como velas pandas
Apenas,
em todas as varandas,
as açucenas estão degoladas.
Talvez sejam em última análise manjericões.
E agora esse ventinho metido a Fígaro
parece que está me fazendo a barba.
O céu está deslavadamente claro.
Lá embaixo, na calçada
- último
resquício
clássico -
Cupido, o pobre garoto,
choraminga na lata de lixo.

UM SONETO PARA MARÍLIA
à maneira de Dirceu

Eis que um dia na mata se banhava
Cupido... e estava nu, inteiramente,
Pois que deixara à margem da corrente
O arco terrível e a repleta aljava.
Marília que, às ocultas, o espreitava
SÓ aguarda ocasião... E, de repente
As armas furta sorrateiramente,
Enquanto o deus as costas lhe voltava.

Surgem então as fauces escarninhas
Dos silvanos e sátiros astutos.
Põem-se a vaiar o Amor, sem mais cautelas
Ah! Temíeis as frechas quando minhas!
(E o deus sorri) Vereis agora, á brutos,
O que Marília há de fazer com elas!

(1942)

REINCIDÊNCIA

Não, não pude mais com essas cantigas
que nos davam um mórbido prazer!
Cansei-me de cantá-las bom que o diga -
para a minha Princesa adormecer...

Me cansei de guardar cartas antigas
que só faziam amarelecer...
E as palavras tão doces, tão amigas,
numa bela fogueira as fiz arder.

À sua voz fechei os meus ouvidos.
Mas esqueci-me de fechar os olhos...
E assim, não eram dias decorridos,

comecei a servir outros sete anos
e a plantar, entre cardos e entre abrolhos,
mais um lindo jardim de desenganos!

SONETO PÓSTUMO

- Boa-tarde... - Boa-tarde! - E a doce amiga
E eu, de novo, lado a lado vamos!
Mas há um não sei quê, que nos intriga:
Parece que um ao outro procuramos...

E, por piedade ou gratidão, tentamos
Representar de novo a história antiga.
Mas vem-me a idéia... nem sei como a diga...
Que fomos outros que nos encontramos!

Não há remédio: é separar-nos, pois.
E as nossas mãos amigas se estenderam:
- Até breve! - Até breve! E, com espanto

Ficamos a pensar nos outros dois.
Aqueles dois que há tanto já morreram...
E que, um dia, se quiseram tanto!

(junho 1952)

UMA ALEGRIA PARA SEMPRE

As coisas que não conseguem ser
olvidadas continuam acontecendo.
Sentimo-las como da primeira vez,
sentimo-las fora do tempo,
nesse mundo do sempre onde as datas
não datam. Só no mundo do nunca

existem lápides... Que importa se
depois de tudo tenha "ela" partido,
casado, mudado, sumido, esquecido,
enganado, ou que quer que te haja
feito, em suma? Tiveste uma parte da
sua vida que foi só tua e, esta, ela
jamais a podera passar de ti para ninguem.
Há bens inalienáveis, há certos momentos que,
au contrário do que pensas,
fazem parte de tua vida presente
e não do teu passado. E abrem-se no teu
sorriso mesmo quando, deslembrado deles,
estiveres sorrindo a outras coisas.
Ah, nem queiras saber o quantl

deves à ingrata criatura...
A thing of beauty is o joyfor ever
- disse, há cento e muitos anos, um poeta
inglês que não conseguiu morrer.

ASTROLOGIA

Minha estrela não é a de Belém:
A que, parada, aguarda o peregrino.
Sem importar-se com qualquer destino
A minha estrela vai seguindo além...

- Meu Deus, o que é que esse menino tem?
Já suspeitavam desde eu pequenino.
O que eu tenho? É uma estrela em desatino...
E nos desentendemos muito bem!

E quando tudo parecia a esmo
E nesses descaminhos me perdia
Encontrei muitas vezes a mim mesmo...
Eu temo é uma traição do instinto
Que me liberte, por acaso, um dia
Deste velho e encantado Labirinto

POEMINHA DOS SETENTA ANOS

As tantas horas vividas,
lindas horas minhas viúvas,
dizem, de riso perdidas:
"Tira o cavalo da chuva!"
Da chuva tirei-o, pois,
e, como o bom-senso manda,
Ficamos a sós os dois
vendo a chuva da varanda.

"Ai cavalo, ai cavalinho
não me comas essa flor
que abria nesse vasinho
onde estava escrito AMOR!"

UM CÉU COMUM

No céu vou ser recebido
com uma banda de musica.
Tocarão um dobradinho
daqueles que nós sabemos
- pois nada mais celestial
do que a música que um dia ouvimos
no coreto municipal
de nossa cidadezinha...
Não haverá citaras nem liras
- quem pensam vocês que eu sou?
E os anjinhos estarão vestidos
no uniforme da banda,
com os sovacos bem suados
e os sapatos apertando.
Depois, irei tratar da vida
como eles tratam da sua...

TUTUZINHO DE FEIJÃO
Letra para uma marchinha de carnaval

Ai, o meu brotinho preto
Tutuzinho de feijão
Com pimenta pra chuchu
Remexido como que!

Quem me deixa desse jeito
Desse jeito
Batucando o coração?

Tutuzinho de feijão!

Quem tem a boca rasgada?
Os óio que é um patacão?
O que é que é bem pretinho
Bem pretinho
QUEntinho como um fogão?

Tu, tu, tu,
Tutuzinho de feijão!

Ai, o meu brotinho preto
Não me deixa assim na mão...

Tu, tu, tu,
Tutuzinho de feijão!

O COLEGIAL

O vento passa lá fora
e eu, no quadro-negro, imóvel
- ó muro de fuzilamento!
Morro sem dizer palavra.
O professor parece triste,
talvez por outros motivos.
Manda sentar-me
e eu carrego
á almazinha assustada,
um zero, como uma auréola...
Rezai, rezai pelas alminhas
dos meninos fuzilados!
Por que é que nos ensinam
tanta coisa?
Eu queria saber contar
só com os dedos da mão!

O resto é complicação,
um nunca mais acabar.
Eu queria mesmo era poder estudar
teu corpo todo com a mão
até sabê-lo de cor
como um ceguinho...
E o vento passa lá fora
com a sua memória em branco.
O que ele viu, nem recorda...
e eu nada vi: só adivinho!

O ANJO
Para Eloi Callage

O meu Anjo da Guarda de asas negras
tem uns olhos tão verdes como os teus.
E a mesma pele mate e... benza-o Deus!...
também teus mesmos lábios dolorosos...
Como o prendeste assim num sortilégio,
para ficares sempre junto a mim?!
Ou fui eu que inventei tua aparência,
nesta longa loucura sem remédio...
Pois não só neste como no outro mundo

o quanto eu vejo se transforma em ti.

Sei lá se o Anjo entende uns tais mistérios...

Só sei que certa noite o pressenti...
Mas baixei os meus olhos incestuosos
e os meus lábios sacrilegos mordi!

ESSES ETERNOS DEUSES...
Para Liane dos Santos

Os deuses não sabem apanhar o momento esvoaçante
como quem aprisiona um besouro na mão,
não sabem o contacto delicioso, inquietante
do que - só uma vez! - os dedos reterão...
Em sua pobre eternidade, os deuses
desconhecem o preço único do instante...
e esse despertar, ainda palpitante,
de quem cortasse em meio um sonho vão.
No entanto a vida não é sonho... Não:

aberta numa flor ou na polpa de um fruto,
a vida aí está, eterna: nossa mão
é que dispõe apenas de um minuto.
E todos os encontros são adeuses...
(Como riem, meu pobre amor... Como riem, de nós, esses eternos deuses!

BILHETE COM ENDEREÇO

Mas onde já se ouviu falar
Num amor à distância,
Num tele-amor?!
Num amor de longe...
Eu sonho é um amor pertinho
Um amor juntinho...
E, depois,
Esse calor humano é uma coisa
Que todos - até os executivos - têm.
É algo que acaba se perdendo no ar,
No vento
No frio que agora faz...
Escuta!
O que eu quero,
O que eu amo,
O que desejo em ti

É o teu calor animal!...

A ÁRVORE DOS POEMAS

Quando a árvore dos poemas não dá poemas,
Seus galhos se contorcem todos como mãos de enterrados vivos,
Os galhos desnudos, ressecos, sem o perdão de Deus!
E, depois, meu Deus, essa lenta procissão de almas retirantes...
De vez em quando uma tomba, exausta à beira do caminho,
Porque ninguém lhe chega ao lábio o frescor de cântaro,
a doçura de fruto que poderia haver num poema
Maldita a geração sem poetas que deixa as almas seguirem
seguirem como animais em estúpida migração!
Quando a árvore dos poemas não dá poemas,
Qual será o destino das almas?

626

PROJETO DE PREFÁCIO

Sábias agudezas... refinamentos...
- não!
Nada disso encontrarás aqui.
Um poema não é para te distraires
como com essas imagens mutantes dos caleidoscópios.
Um poema não é quando te deténs para apreciar um detalhe.
Um poema não é também quando paras no fim,
porque um verdadeiro poema continua sempre...
Um poema que não te ajude a viver e não saiba preparar-te para a morte
não tem sentido: é um pobre chocalho de palavras!

O VENTO E A CANÇÃO
Para Tania Franco Carvalhal

Só o vento é que sabe versejar:
Tem um verso a fluir que é como um rio de ar.

E onde a qualquer momento podes embarcar:
O que ele está cantando é sempre o teu cantar.

Seu grito é o grito que querias dar,
Ë ele a dança que ias tu dançar.

E, se acaso quisesses te matar,
Te ensinava cantigas de esquecer
Te ensinava cantigas de embalar...
E só um segredo ele vem te dizer:

é que o vôo do poema não pode parar.

628

DA PREGUIÇA COMO MÉTODO DE TRABALHO

(1987)

629

630

Não sei pensar a máquina, isto é, faço o meu trabalho criativo primeiramente a lápis. Depois, com o queixo apoiado na mão esquerda, repasso tudo a máquina com um dedo só.
- Mas isto não custa muito?
- Custar, custa, mas dura mais...

Não despertemos o leitor. Os leitores são, por natureza, dorminhocos. Gostam de ler dormindo.
Autor que os queira conservar não deve ministrar-lhes o mínimo susto. Apenas as eternas frases feitas.
"A vida é um fardo" - isto, por exemplo, pode-se repetir sempre. E acrescentar impunemente: "disse Bias." Bias não faz mal a ninguém, como alias os outros seis sábios da Grécia, pois todos os sete, como há vinte séculos já se queixava Plutarco, eram uns verdadeiros chatos. Isto para ele, Plutarco. Mas, para o grego comum da época, devia ser a delícia e a tabua de salvação das conversas.
Pois não é mesmo tão bom falar e escrever sem esforço? O lugar-comum é a base da sociedade, a sua política, a sua filosofia, a segurança das instituições. Ninguém é levado a sério com idéias originais.
Já não é a primeira vez, por exemplo, que um figurão qualquer declara em entrevista: "O Brasil não fugira ao seu destino histórico!" O exito da tirada, a julgar pelo destaque que lhe dá a imprensa, é sempre infalível embora o leitor semidesperto possa desconfiar que isso não quer dizer coisa alguma, pois nada foge mesmo ao seu destino histórico, seja um império que desaba ou uma barata esmagada.

A preguiça é a mãe do progresso. Se o homem não tivesse preguiça de
caminhar, não teria inventado a roda. Não poderia viajar pelo mundo inteiro.

Conta-se que em fins do século passado, num remoto país do Oriente
a viagem da capital à fronteira levava nada menos que trinta dias, e ainda
por cima a lombo de camelo. E sucedeu que um engenheiro britânico ali
residente, em nome do progresso, resolveu remediar a coisa.

- Enfim concluiu ele, após uma audiência com o respectivo xá, ou
coisa que o valha -, construindo-se a estrada de ferro de que o país tanto
necessita, a viagem até a fronteira poderá ser feita em um só dia!
- Mas - objetou o velho monarca, que o ouvira com uma paciência
verdadeiramente oriental - o que é que a gente vai fazer dos vinte e nove
dias que sobram?!

...E o mais confortador das longas viagens de trem são esses burricos
pensativos que vemos à beira da estrada e nos poupam assim o trabalho
de pensar...

Certa vez abalancei-me a um trabalho intitulado "Preguiça". Constava
do título e de duas belas colunas em branco, com a minha assinatura no
fim. Infelizmente não foi aceito pelo supercilioso coordenador da página
literária.
Já viram desconfiança igual?
Censurar uma página em branco é o cúmulo da censura.

Em suma: o que prejudica a minha preguiça prejudica o meu trabalho.

Compensação:
Suave preguiça que, do mal-querer
E de tolices mil, ao abrigo nos pões...
Por tua causa, quantas más ações
Deixei de cometer!

APRESENTAÇÃO

Nasci em Alegrete, em 30 de julho de 1906. Creio que foi a principal
coisa que me aconteceu. E agora pedem-me que fale sobre mim mesmo.
Bem! eu sempre achei que toda confissão não transfigurada pela arte é
indecente. Minha vida está nos meus poemas, meus poemas são eu mesmo,
nunca escrevi uma vírgula que não fosse uma confissão. Ah! mas o que
querem são detalhes, cruezas, fofocas... Aí vai! Estou com 78 anos, mas
sem idade. Idades só há duas: ou se está vivo ou morto. Neste último caso
é idade demais, pois foi-nos prometida a Eternidade. Nasci no rigor do
inverno, temperatura: 1 grau; e ainda por cima prematuramente, o que me

deixava meio complexado, pois achava que não estava pronto. Até que um
dia descobri que alguém tão completo como Winston Churchill nascera
prematuro - o mesmo tendo acontecido a Sir Isaac Newton! Excusez du
peu... Prefiro citar a opinião dos outros sobre mim. Dizem que sou
modesto. Pelo contrário, sou tão orgulhoso que nunca acho que escrevi algo à
minha altura. Porque poesia é insatisfação, um anseio de auto-superação.
Um poeta satisfeito não satisfaz. Dizem que sou tímido. Nada disso! sou é
caladão, introspectivo. Não sei por que sujeitam os introvertidos a
tratamentos. Só por não poderem ser chatos como os outros?
Exatamente por execrar a chatice, a longuidão, é que eu adoro a síntese.
Outro elemento da poesia é a busca da forma (não da fôrma), a dosagem
das palavras. Talvez concorra para esse meu cuidado o fato de ter sido
prático de farmácia durante cinco anos. Note-se que é o mesmo caso de
Carlos Drummond de Andrade, de Alberto de Oliveira, de Erico
Veríssimo - que bem sabem (ou souberam) o que é a luta amorosa com as
palavras.

ISTOÉ, 14 de novembro de 1954.

CRÔNICA ATMOSFÉRICA

Quando começo estas poucas e mal traçadas, está fazendo 35 graus à
sombra, e vai piorar, graças ao Diabo. Isso é mesmo literalmente infernal,
porque estiola o verde das esperanças novas, plantinhas frágeis e
sentimentais e que, como sabeis, apenas dão flor uns poucos dias por ano, de
24 de dezembro a 6 de janeiro. Como vedes vim a cair nessa comum
vulgaridade de comentar o tempo... E a primeira conseqüência dessa pressão
atmosférica foi que não me animei a ir passar os telegramas de feliz Natal
e ano-novo.
Não, não quer dizer que me haja esquecido de quem quer que seja...
Pois na falta de telegrafia apelei para a telepatia. De modo que se o
Aristarco, o Goida, o Lewgoy, o João, a Nega Fulô, a Elizabeth, a Terceira, a
Eurídice, a única, a Vera, la de los ojos color de uva, o nosso querido diretor,
o
Ribeiro, o Austregésilo de Athayde, "o Eterno", a Bruna, com sus ojos color
de sulfato de cobre, a Nídia, a Adriana, se nenhuma dessas pessoas chegou
a receber o meu telepatograma é que deve haver algum desarranjo na sua
aparelhagem de recepção e não na minha transmissora.
Mas, graças a Deus, nem tudo me foram espinhos e suor neste fim de
ano.
Pois acabo de descobrir uma volúpia nova. Sosseguem, velhinhos, não
é nada disso do que vocês estão antegozando... Foi simplesmente que,
estando eu aparelhado com um vigésimo da "bruta" da Federal, procuro-o no
bolso interno esquerdo do paletó para namorá-lo mais uma vez, talvez para
hipnotizá-lo... Procuro-o no bolso interno direito, procuro-o até naquele
bolso de cima reservado para o clássico lencinho de ponta virada que eu
nunca usei porque acho isso uma besteira... e nada!
Procuro-o por todos os bolsos de todas as calças, no fundo, dentro e
embaixo dos móveis, até que, com uma máscara de tragédia grega, chego
à conclusão fatal: perdi-o!
Aconselho-te, pois, paciente leitor, a comprar um bilhete inteiro da

próxima extração. Compra-o e rasga-o em pedacinhos. E lança-os aos

quatro ventos do Destino. Verás o que é sensação, verás como sacodes a alma dessa medíocre mesmice de sempre, e verás como vibras, como vives a vida!

INSCRIÇÃO PARA UM PORTÃO DE CEMITÉRIO

A morte não melhora ninguém...

DESCONFIANÇA

Mas quem sabe se o Diabo não será o Mister Hyde de Deus?

SEGUNDA-FEIRA

Esta segunda-feira está parecidíssima com Robert Mitchum: está com uma cara sonolenta e oca, uma cara de teia de aranha.

ANTIGAMENTE E AGORA

Antigamente, era preciso virar todos os retratos dos nossos antepassados contra a parede, para não continuarem espiando a gente. Espiando ou espionando, nunca se sabe...
Mas agora, alheios a tudo o mais, eles ficam olhando juntamente conosco, noite adentro, as intermináveis novelas da TV.

ADOLESCÊNCIA

Idade em que a gente lê sem estar pensando noutras coisas.

As TRÊS MOÇAS DE ENCRUZILHADA

Era uma vez três moças que moravam na florescente cidade de Encruzilhada. E, como eram três moças muito sérias, faltava-lhes o senso de humor e tomavam ao pé da letra o nome de sua cidade natal. E nunca sabiam onde ir, o que fazer, o que responder...
Para acabar com essa dúvida atroz, depois de infindáveis hesitações, resolveram o seguinte: a primeira sempre diria"sim", a segunda que não e terceira responderia com ar sonhador:

- Talvez...
Ora, um dia a Morte apareceu à primeira, e a moça disse que sim.
A Morte a levou.
No outro dia a Morte apareceu à segunda e esta disse que não.
- Como ousas contrariar-me? - a Morte retrucou.
- Eu sou a única Potestade do Céu e da Terra a quem ninguém pode dizer "não".
E levou a moça.
Enfim, no terceiro dia, a Morte apresentou-se à última das três e a moça ficou olhando, olhando a cara da Morte e finalmente suspirou:
- Talvez... E a Morte retirou-se, danada da vida.

O VELHO

O que eu mais temo - escrevi eu em um dos meus agás - não é o Sono Eterno, mas a possibilidade de uma insônia eterna - o que seria uma verdadeira estopada, um suplício sem fim. Porém, em uma das minhas costumeiras noites de sonho acordado, o meu amigo morto me pediu um cigarro, e disse-me:
- Não é como tu pensas, todos nós trabalhamos numa série infinita de escritórios (cada geração de mortos num deles) onde a gente se entrega a um sério trabalho de estatística: tem-se de anotar a chegada de cada um e comunicar-lhe o respectivo número, pois isso de nomes é mera convenção terrena. O pior são os que atrapalham a escrita, morrendo antes do tempo ou porque se mataram ou por culpa dos médicos, e estes ainda são culpados quando fazem os doentes morrer depois da hora, numa espécie de sobrevida artificial, já que os médicos (diga-se em sua honra) julgam criminosa a prática da eutanásia... Uma pena!
- E fora do expediente, o que fazem vocês?
Bem, a hora do almoço não deixa de ser divertida por causa dos Santos: põem-se a discutir acaloradamente qual deles fez na Terra o maior número de milagres e outras futilidades.
- E nos serões, eles jogam prenda?
- Mais respeito, seu vivo!... Bem! nos serões eles fazem concursos para ver quem é que diz de cor mais versículos da Biblia. Uma bobagem! Todo mundo sabe que o único que sabe a Bíblia de cor, tintim por tintim, é O Diabo.
- E Deus? Me conta como é Ele...

- Ah, o Velho? Desconfio que certa vez O vi...
- Só certa vez? Mas Ele não está sempre no Céu?
- Bem, tu deves compreender que Ele se preocupa principalmente com os vivos. O Velho está quase sempre é na Terra, lidando com os assuntos humanos. Ele e o Diabo. Sim, os dois vivem a maior parte do tempo na Terra.
- Ora, eu pensava que vocês soubessem mais do que nós... Mas conta-me lá como foi que desconfiaste de ter visto o Velho?
- Foi há tempos, eu era recém-chegado, quando uma tarde apareceu

de surpresa no escritório um velhinho muito simpático. Com as mãos às costas, curvava-se sobre cada mesa, inspecionando o nosso trabalho, por sinal que me atrapalhei, errei uma palavra. Ele bateu-me confortadoramente no ombro, como quem diz: "Não foi nada.., não foi nada..." Ao retirar-se, já com a mão no trinco da porta, virou-se para nós e abanou: "Até outra vez se Eu quiser!"

OLHINHOS Azuis

As menininhas não devem sair sozinhas à noite. É perigoso. Podem encontrar o conde Drácula e é sabido o amor que ele tem pelas menininhas, sentimento por elas correspondido, pois o conde, com aquele seu amplo manto negro, lhes faz lembrar o Superman, o Batman, os heróis das histórias em quadrinhos. Ora, no último sábado uma delas fugiu de casa para ir gastar seus troquinhos na venda da esquina - enquanto os pais, os criados, os visitantes, todo mundo se achava hipnotizado pela novela da TV. Eis senão quando surge inesperadamente, diante da menininha, vocês já adivinharam quem: o irresistível conde! Mal deu tempo para a menininha respirar: desdobrou amplamente diante dela, como as asas de uma enorme borboleta noturna, o seu manto negro forrado de veludo vermelho, enquanto a menininha tremia ao mesmo tempo de medo e prazer. Despediu-se da menininha com um paternal beijo na testa, olhou-a bem nos olhos, suspirou fundo e disse:
- Sabes? Os teus olhinhos são duas jóias. (Eram na verdade duas jóias: de um azul-inocência, parecia até que o céu é que estava olhando por detrás deles para a gente...)
Mas como seria possível, meu velho - desculpava-se Drácula naquela mesma noite com o seu amigo Frankenstein -, como seria possível, com dois olhinhos só, fazer um par de abotoaduras?

DIÁLOGO

Dois monólogos intercalados.

CRÔNICA PLATINA

Tento em vão desatar um nó cego do meu sapato. Heloísa aconselha-me:
- Para desatar um nó cego basta pensar numa velha bem mexeriqueira.
Dito e feito! O nó desata-se.
- Em quem pensaste? - indaga Elena.
- Ora, em quem mais havia de ser? Na tia Joaquina... A nossa tia Joaquina!
A propósito: até inventei que tia Joaquina, todas as noites, antes de adormecer, pergunta-se, como uma boa escoteira: "Será que hoje não esqueci de fazer o meu bom mexerico?"
Deus me perdoe, mas uma invenção não quer dizer que não seja verdadeira: às vezes uma anedota popular, atribuída a alguém, define-lhe mais o caráter do que qualquer testemunho objetivo.

Ora, ora! Estas mal traçadas eram para ser notas de viagem.., e o leitor não podia adivinhar que vim a Buenos Aires para comprar livros e para uma visita prometida a Jorge Luis Borges. Ele não estava, fora fazer conferências em Tóquio e depois nos States, ninguém sabe ao certo. Procuraram, os da embaixada, ensejar-me um encontro com Ernesto Sábato. Esquivou-se. Decerto confundiu-me com um repórter. Não sou repórter, as informações aborrecem-me, não acredito na observação direta, não sei o que fazer quando me apresentam a uma paisagem.
Mas foi um oasis a visita à Cidade das Crianças, idealizada por Perón. Tudo ali é feito na medida da pequena estatura da criançada e da sua imensurável fantasia. Vi ali mais uma das estátuas eqüestres do indefectível general San Martín. Mas em miniatura, cavalo e cavaleiro. Ele, o general, tinha a altura de um menino de oito anos. Assim, sim!
Outro oásis: o reencontro com Berta Singerman, ainda em plena atividade no palco, com aquele seu velho sonho, tão bem realizado: ser o elo - de ligação entre a poesia e o povo. Pois o povo não tem tempo ou não tem meios para comprar livros, ou simplesmente não tem o hábito da leitura.
Este o sonho da Berta: a comunicação oral da poesia, ante milhares de pessoas (e não, como hoje, a poesia impressa, para leitura a sós, nos gabinetes), a poesia tal como se apresentava na Antigüidade e na Idade

Média. E ainda hoje, nas regiões não alfabetizadas do Brasil, poetas do sertão cantam a sua poesia nos mafuás - quem foi que disse que o povão não gosta de poesia?

Os GRILOS

Os grilos são os poetas mortos...

O MAÇARICO

Naqueles longes tempos, ele era vítima de um cirurgião-dentista que, de repente, do outro lado da sala de café, da outra extremidade do bonde, da calçada oposta, lançava intempestivamente o seu vozeirão:
- Como vai a poesia?
Todas as cabeças que se achavam de permeio voltavam-se então para o Poeta. O Poeta, nu, desmascarado, em meio à multidão! Para evitar esses atentados ao pudor, ele afinal descobriu um meio de fazer a pergunta antes que o outro a fizesse. Mal avistava o dentista, e antes que o mesmo erguesse as trombetas da sua voz, que não soavam propriamente como as trombetas da Fama, mas como as cornetas fanhas da Difamação, bradava o alvissareiro Poeta:
- Como vai o maçarico?!
As cabeças de permeio voltavam-se então escandalizadas ou irônicas para o cirurgião-dentista. Não porque fosse uma vergonha utilizar esse útil instrumento, mas porque maçarico era mesmo uma palavra muito engraçada, uma palavra que rimava com a dança do sarapico pico-pico e com surubico. O resultado de tudo isso foi que os papéis se inverteram: o dentista pegou medo do Poeta.

CONTRATEMPOS DO TEMPO

As coisas que para nós se passam em câmara lenta, numa vida inteira,
os Anjos as vêem em ritmo acelerado. E com certeza mal contêm o riso,
como nós agora diante dos primeiros jornais cinematográficos: oh!
aquelas paradas elétricas, aqueles enterros epilépticos, aqueles ministros, e reis,
e povo, agitando-se automaticamente como bonecos a quem deram
corda... Não, assim não há grandeza nem dignidade possível. Toda a epopéia

napoleônica transcorrida, digamos, em um só quarto de hora, seria de um
cômico e de um absurdo irresistíveis.
E as nossas vidas então, já por si tão ridículas?!

PORTO ALEGRE EM TEL-AVIV

Que o leitor desculpe minha falta de não sei o que, mas, lendo o livro
de Erico Verissimo, Israel em abril, vejo ter-lhe ocorrido em 1966 em Tel-Aviv algo que eu lhe dissera em 1940 em Porto Alegre: "É um dia de inverno
em Porto Alegre, há muito tempo." O poeta está ao meu lado, olhando
vago a gelada garoa cair sobre os telhados de nossa cidade. Estamos ambos
deprimidos porque as tropas nazistas acabam de entrar em Paris.
O poeta tenta consolar me e consolar-se, dizendo: "Nem OS alemães,
nem ninguém podera jamais conquistar Paris, porque Paris não é uma
cidade, mas um estado de espírito..."

SELEÇÃO ARTIFICIAL

As guerras não ajudam muito a remediar o que se denomina
(bombasticamente) de explosão demográfica: os que ficam em casa aproveitam
a deixa para multiplicar-se. E como os que partem são agora escolhidos
entre os mais aptos de físico e de espírito, imagine o pobre leitor o que não
será isso para a evolução do Homo Sapiens...

INDULGÊNCIA

A indulgência é a maneira mais polida de desprezar alguém.

CUiDADO:

Nunca se deve atacar ninguém com a faca enferrujada: pode trazer
conseqüências imprevisíveis...

COVARDIA

É uma covardia falar mal dos inimigos: só se deve falar mal dos amigos.

640

MADRIGAL

No fim das contas, as sátiras que a gente faz contra as mulheres são uma espécie de madrigal às avessas.

ROUBO INFINITO
O aborto não é, como dizem, um assassinato. É um roubo. Nem pode haver roubo maior. Porque, ao malogrado nascituro, rouba-se-lhe este mundo, o céu, as estrelas, o universo, tudo! O aborto é o roubo infinito.

NOTAS DE UM LEITOR

I

Os versos de Jorge Luis Borges são premeditados, implacavelmente lógicos. A sua prosa tem mais mistérios, isto é, mais poesia.

II

Cuidado! Não confundir o mistério poético com uma linguagem em código: a polícia pode desconfiar...

III

Pela quarta ou quinta vez, ao longo da vida, leio um autor que descobri aos quinze anos e agora me aparecem cheios de novidades. Não, a explicação não está na minha falta de memória, nada disso... É que a gente nunca lê o mesmo livro.

IV

Nem é cada leitor, em suas diferentes idades, que nunca lê o mesmo livro...
É cada século, cada época. No século passado, em seus contos tirados de Shakespeare, Charles Lamb não se deu conta de Lady Macbeth procurando lavar de suas mãos sonâmbulas um sangue inexistente - coisa que hoje, depois de Freud, não deixaria de impressionar os mais bisonhos leitores.

V

O estilo que mais caracteriza certos criticos é o estilo Cantinflas.

641

BILHETE

Ora, como dizia o festejado
arqui-sofista Valerius:
"O Universo é uma nódoa
na perfeição do Não-Ser"...
Relembro isto ao tentar mandar-te
- ante a pureza intocada
desta página -
uma mensagem
de Natal. "Mas"
- diz-me a página, "essa mensagem
foi mandada há muito (pergunta
aos três Reis Magos
se não foi...)"
Ah! sim, eles tinham a Estrela!
Mas onde é que ela está?
A gente por aqui só encontrou depois
estrelas pirotécnicas
estrelas-do-mar
estrelas de generais.
Melhor não falar e
- em vez de escrever
qualquer palavra que macularia
uma pobre página, ainda nuinha
como a verdade -
será bom apenas desenhar
coisas
se em nenhum conceito
para atrapalhar...
Hoje,
dia de Natal,
eu desenharia pois
toscamente -
nesta página
a Virgem, o Menino, o burrico...
- imagina
o bem que isso nos faria aos dois...

642

Porque então,
eu não estaria
te mandando uma idéia
apenas...

Eu te mandaria uma Visão!

TERAPIAS

Pílulas das mais variadas cores, cada uma para as diversas horas do dia. Isso não quer dizer que curasse os velhinhos, não. Mas sempre dava um colorido à mesmice das suas vidas.

O QUE O VENTO NÃO LEVOU

No fim tu hás de ver que as coisas mais leves são as únicas que o vento não conseguiu levar: um estribilho antigo, um carinho no momento preciso, o folhear de um livro, o cheiro que tinha um dia o próprio vento...

PRECOCiDADE

São mesmo umas verdadeiras precocidades essas crianças-prodígio do cinema - quem diria? Tão inocentes e já tão canastrinhas.

S.O.S. ÀS AVESSAS

Cada poema é uma garrafa de náufrago jogada às águas... Quem a encontrar salva-se a si mesmo.

Os CARECAS

Ser careca deveria arejar as idéias... Pelo menos, são os carecas que brilham mais.

ORIGEM SUSPEITA

A democracia é uma invenção das classes ociosas de Atenas.

Do INCONSCIENTE CONSCIENTE

O meu inconsciente é mais observador que o meu consciente. Eu, por exemplo, se falo a primeira vez com fulano, não saberei lembrar depois (ou desenhar, o que dá no mesmo) o formato do seu nariz, a disposição das suas sobrancelhas, o jeito da boca, nem mesmo se tinha bigode ou não. Mas basta encontrá-lo de novo e logo o reconheço embora em geral não lhe recorde o nome...
Bem! isso de não guardar nomes não sei se acontece a todo mundo...
Aliás, só posso dar testemunho sobre mim mesmo. Qualquer confissão não passa de um testemunho pessoal sobre a natureza humana.
Convém no entanto citar o que li há tempos, num livro póstumo e

hoje inencontrável de Antero de Quental, publicado com o título infeliz de Raios de extinta luz:

"Se queres conhecer o homem e o mundo,
Não desvias de ti o olhar profundo.
Mas foge de te ouvir e de te ver,
Se a ti mesmo tu queres conhecer".

Mas o assunto desta crônica era sobre o esquecimento. Na verdade nunca me esqueço de nenhum nome nem de nenhuma cara. Só que não sei distribuir os nomes pelas caras.

Quanto à observação inconsciente, não sei se com as mulheres é tão inconsciente assim... Porque (desculpe o leitor se cito a mim próprio depois de Antero) lembro agora um quarteto do meu Espelho mágico:

"Ah, quem me dera, ante o espetáculo do mundo,
Sem mais hesitações e sem maior fadiga,
Esse instantâneo olhar, incisivo e profundo,
Com que julga a mulher as toilettes da amiga!"

VOZES DA NATUREZA

Lili chamava o sapo de bicho-nenê. Ótima sugestão para os pais novatos: é só imaginarem que estão ouvindo não o choro chinfrim do pimpolho, mas a velha, a primordial canção da saparia às estrelas. E não foi sempre tão gostosa, mesmo, essa manha sem fim dos sapos no banhado? Ouçam, pois, ouçam todos com o seu melhor ouvido o bicho-nenê. Ouçam-no todos os que se julgam amantes fiéis da Natureza, e ficarão felizes.

Mas a verdade é que choro de criança sempre me provoca o complexo de Herodes...

RENOVAÇÃO

Em cada Dia Primeiro do Ano o céu é cuidadosamente repintado de azul.

Do FOLCLORE

O mal dos que estudam as simpatias e outras superstições populares é não acreditarem nelas: isso os torna tão incompetentes para tratar do assunto como um biologista que não acreditasse em micróbios...

DA DÚVIDA

Oh, a certeza com que esses espíritos cét cos afirmam as suas dúvidas! Mas a verdadeira Dúvida não deveria duvidar de si mesma?

POR QUE SERÁ?

E por que será que as mulheres duvidosas são as de que todo mundo tem certeza?

A SUAVE ESCALADA

Em nossa Porto Alegre, bela cidade tão cheia de alcantis e ladeiras, a lomba mais fácil de subir é a lomba do cemitério. Vai a gente levado, como num berço, ao suave deslizar do carro funéreo, como um bom burguês que dorme a sua sesta profundamente, em um ronco, sem um suspiro, sem um gemido - e que não quer mesmo outra vida.

A GÍRIA

As palavras de gíria a julgar pelas que correm agora - quanto mais cretinas mais pegam. Mas há as que merecem ficar, as que merecem a perpetuação dos dicionários. Exemplos? A saudação "Oi!" mais intima que o costumeiro "Olá", há também a palavra "brotinho", que não precisa de justificativa, pois sua significação vai brotando por si mesma.

FALANTES & OUVINTES

Não importa o enredo das histórias: o que vale é o êxtase de quem escuta. Por isso é que as crianças gostam de ouvir sempre as mesmas histórias, como se fosse da primeira vez.
Sei de poetas - e ninguém desconfia - que passam a vida inteira escrevendo o mesmo poema.
E daí! se há coisa mais incurável que um poeta é o leitor de poemas...

UMA BELA HISTÓRIA

O velho mendigo que agora mesmo, neste momento, acaba de encontrar num monte de sucata a lâmpada de Aladim - tão amassada, tão enferrujada e de feitio tão esquisito - eis que ele a devolve ao lixo e leva em vez dela uma útil chaleira. Uma chaleira sem tampa, digo eu, para os que gostam de pormenores.
Não é esta a primeira vez que o acaso, inocentemente, assim estraga uma bela história!

A SELETA

O lançamento da Seleta em prosa & verso, bela iniciativa de Martins, o Livreiro, foi aquele sucesso que todos viram e que ainda continua, pois são inúmeros os que vão procurar agora não propriamente o livro, mas a si mesmos, e ficam outra vez de alma travessa e menineira, ao reler as páginas que estudaram há quarenta, cinqüenta, sessenta anos ou mais até: tenho um amigo de 88 anos a quem acabo de remetê-la de presente e que

até hoje recita poemas decorados na sua época de escola.
A vantagem grande da Seleta de Alfredo Clemente Pinto é que, sendo o único livro de leitura então adotado em nossas escolas, formava assim um fundo de cultura geral. Tanto que, viajando por esses brasis em fora, encontrei gente que não tinha notícia do ovo de Colombo ou do estalinho do Padre Antônio Vieira, coisa corrente entre os que sabíamos disso pela Seleta.
A propósito: vocês não ignoram que a acolhedora casa de Erico Veríssimo era uma espécie de sala de visitas do Rio Grande do Sul. Ali acorriam itinerantes de todos os Estados. Ora, numa noite, num daqueles serões, Erico deixou a sua poltrona e veio sentar-se ao pé de mim, que me achava devidamente colocado a um canto.

E como há quem pense ingenuamente que uma conversa entre intelectuais deve ser uma coisa do outro nundo (antes pelo contrário), um dos visitantes, por sinal piauiense, achegou-se sorrateiramente a nós e pôs-se furtivamente à escuta. Erico fez que não notara coisa alguma e, erguendo a voz, recorreu à Seleta: "Uma leoa famélica vagava, bramando pelas ruas de Florença."
A isto, eu imediatamente retruquei, no mesmo tom: "Waterloo! Waterloo! Lição sublime!".
Resultado: até hoje aquele piauiense deve estar de boca aberta.
A verdade é que, constando de atores clássicos antigos e modernos, pois não só os antigos é que são clássicos, os meninos do meu tempo e das gerações anteriores e seguintes aprendiam a escrever de ouvido.
Nunca é demais repetir que aprender português unicamente pela gramática é tão absurdo como aprender a dançar por correspondência.
Aprende-se a escrever lendo, da mesma forma que se aprende a dançar bailando.
Este acervo e esta unidade de boas leituras perdem-se hoje em dia na multiplicidade das antologias escolares, onde nem todos os autores são bons: não poucos entram por baixo do pano, graças à camaradagem do diretor do espetáculo.
A leitura de bons autores do passado é uma herança que muitos jovens desdenham por julgá-los fora de época, quando um bom autor é sempre contemporaneo. O tempo nada pode contra eles.

ANTES E DEPOIS

Porto Alegre, antes, era uma grande cidade pequena.
Agora, é uma pequena cidade grande.

Os GOLFINHOS

Dentre todo esse variado povo natatório, os golfinhos são os aqualoucos do mar.

O IMORTAL AMOR

Dante exagerou: Paolo e Francesca não poderiam sofrer tanto assim, pois mesmo no Inferno continuavam juntos. Ou quem sabe se não seria exatamente este o castigo? Eternamente juntos!

647

ISOLACIONISTAS?

Nesses desenhos de crianças - vocês também repararam? - há alguns em que não aparece aquela costumeira estradinha que leva à porta de suas casas...

SEGREDOS DA NATUREZA

Todas as noites os grilos fritam incessantemente não se sabe o quê. Chega a madrugada, destampa o panelão: a Coisa esfria.

TROVA

Tu me disseste que sim,
Mas teu infiel coração
De um lado a outro a bater
Está dizendo que não...

E AGORA?

Há críticos que, em vez de me julgarem pelo que sou, julgam-me pelo que eu não sou.
É como quem olhasse um pessegueiro e dissesse: "Mas isso não é um trator!"

713-789

O bom das segundas-feiras, do primeiro de cada mês e do Primeiro do Ano é que nos dão a ilusão de que a vida se renova... Que seria de nós se a folhinha estivesse marcando hoje o dia 713.789 da Era Cristã?

O VENTO

O vento gosta é de cantar: quem faz uma letra para a canção do vento?

TURISMO

Aasverus: o turista perfeito. dei

648

MOBILIZAÇÃO

Eu olho, no papel, letra após letra, esta linha avançando. Cada letra vai surgindo do nada - ou do outro mundo, como almas urgentement convocadas.
E cada letra é um recruta atônito. Ignora a causa da mobilização desse exército fantasma.
"Para onde vamos?", cada qual pergunta-se.
Ah! meu bobo b, meu hirto h, meus efes e erres todos vocês enfim - exultem-se e consolem-se com o seu próprio comandante...
Pois eu juro que agora mesmo o ouvi dizer, bem baixinho, enquanto cofiava as suas invisíveis barbas metafísicas: "Que bela marcha! Mas à conquista do quê?"

COMPLETUDE

Olha essas antigas estátuas mutiladas! São tanto mais belas quanto mais lhes falta. Isto é, quanto mais devem à tua imaginação...

ATIVIDADES INVISÍVEIS

Os anjos deslizam em invisíveis escadas rolantes.
Os demônios pedalam bicicletas invIsíveis.
E só sabemos da sua presença por uma leve aragem na face.
Ou por uma dessas ventanias súbitas que arrepanham as saias, que nos enchem os olhos de poeira e viram os guarda-chuvas pelo avesso.

INTERPRETAÇÕES

"Poeta de amplo espectro, como se diz nas bulas farmacêuticas." Assim se expressou um dia a respeito deste escriba o seu cumpLice em poesia e colendo crítico Guilhermino César. O que bastou para que alguém me interpelasse: "Como é? Ele está te chamando de fantasma?"
E, como todo mundo tem um grão de loucura - expressão da Bíblia ou de Shakespeare, creio eu, pois o que não está na Bíblia está em Shakespeare, ou vice-versa -, Gustavo Corção, em bela critica a meu livro Poesias fez algumas considerações sobre a natureza especifica de meu respectivo grão de loucura. Ora, por certos motivos, o revisor achou que devia ser engano emendou para "grau de loucura". E foi assim que saiu na circunspecta quarta página do Correio do Povo.

649

E vai daí, noVa interpelação amiga: "Mario, achei muito deselegante aquela referencia do Corção à tua estadia na clínica Pinel."

Não, leitor, não sejas romântico! Eu, como todo intelectual que se preze, estava apenas atacado de stress - coisa passageira e até necessária, como o sarampo, nestes nossos conturbados tempos.
E sabes do melhor? Até vais ficar com inveja, tu que vives no meio de mascarados... Lá na Pinel a gente podia rir uns dos outros!

O Ovo

Quem olha um ovo, que parece um rosto sem olhos, sem boca, sem nariz, tem vontade de pintar-lhe tudo isso que lhe falta. Mas quem vê cara não vê coração! E na verdade não há nada mais infeliz que um ovo quando o coitado, ainda por cima, está choco... Vive num constante medo que o derrubem... Pior ainda: que o ponham numa omelete.., e adeus, lindo pintinho das suas entranhas!
Já afirmava certo sábio que o ovo é o que mais importa, não passando a galinha de um mero pretexto da Natureza para produzir outro ovo, O tal sábio, que, pelo visto, nada tinha de galináceo, também não tinha nada de humano. Eu talvez tenha a tendência de humanizar as coisas. Mas imagino o alvoroçado cacarejo de uma franguinha nova ao botar o primeiro ovo: "Enfim! Já sou mulher!"
Mas esse assunto do ovo não termina aqui, está emocionalmente ligado à minha infância, que nesse ponto foi uma infância infeliz porque naqueles tempos os livros de histórias vinham todos de Portugal e os pintinhos (nem queiram saber!), esses frementes novelos de vida que são os pintinhos, chegavam aqui com o nome de "pintainhos"!

As HORAS

Nunca perguntes que horas são na presença de um defunto.

NA AURORA DO MUNDO

A primeira criatura que pensou numa outra criatura ausente como deve ter se espantado! Não sabia que se tratava do seu primeiro pensamento humano.

ANACRONISMO

O Brasil é o único país do mundo em que ser comunista ainda é sinal de idéias avançadas.

DIFERENÇA

As mulheres só pensam numa coisa... Os homens pensam também em outras coisas.

Nós, os SAPATOS

Havia, não me lembro agora se no País das Maravilhas da Alice ou se na Cidade de Oz, uma velha que morava num sapato...
E nós, que moramos em caixas de sapatos!

FATOS CONSUMADOS...

...E se eles te apertarem muito sobre o que quiseste dizer com um poema, pergunta-lhes apenas o que Deus quis dizer com este mundo...

DONA GERTRUDES

Os seios de dona Gertrudes vão tremelicando como dois pudins de creme carregados numa bandeja...
As pernas de dona Gertrudes, torneadas como pernas de mesa de bilhar, tambem terminam nuns pezinhos ridiculamente minúsculos...
Imagino dona Gertrudes de biquini e tapo os olhos.

EFEITos COLATERAIS

- Puxa! Você está com uma cara de bolo abatumado...
- É que... é que eu tomei uma droga para dormr...
- E daí? Não fez efeito?
- Sim, deve ter feito... Mas eu passei a noite inteira sonhando quE estava acordado!

VIGILANTES NOTURNOS

Os que fazem amor não estão fazendo apenas amor: estão dando corda ao relógio do mundo.

O BEBÊ ANÔNIMO

Um ser humano só é ele mesmo enquanto os pais ainda estão discutindo um nome para o batizar. Até então é anônimo como um animalzinho sem dono, simples filho da natureza e de mais ninguém. Sem laços de parentesco e outras contingências sociais. E, depois, está correndo o risco de lhe darem um desses horrendos nomes tradicionais de família.

Do IMPOsSÍVEL SUSPIRO

Na minha família, felizmente, deixaram de aparecer, desde a penúltima geração, as Serafinas e Genovevas. A boa, a querida vovó Genoveva! O seu único defeito era ser tão anti-eufônica... Como seria possível a um namorado suspirar um nome desses?!

RELAÇÕES COM A URSS

Em 1965, Sergei Igor, lá em Moscou, estava traduzindo, para a revista russa Letras estrangeiras, o meu Sapato florido e até mandou-me perguntar indiretamente o que queria eu dizer ao certo com "Vira-lua". Escrevi-lhe explicando as conexões deste com o consabido vira-lata e tive a ingenuidade de acrescentar o seguinte PS.: "E os direitos autorais?"
Não recebi nem a revista.

ENTOMOLOGIA

Ah, essas horrendas classificações científicas... Mas a libélula é tão linda que o seu nome científico é libélula mesmo...

CANTINFLAS

É sabido como o estilo Cantinflas tem influenciado a literatura.
Isso, porém, não é motivo para a dublagem de seus filmes em portu-

guês. Pois não há quem não reconheça como a voz faz parte de uma personalidade. Ainda mais no caso daquele meu ilustre xará.
E a Greta Garbo, então? Vocês já a imaginaram falando Com VOz de falsa grã-fina carioca? Se ao menos fosse a voz de uma gaúcha...
Acontece também que o publico está acostumado a ler os letreiros nas telas. Vou mais longe, digo que foi esse mesmo público o verdadeiro inventor da tão badalada leitura dinâmica.
Tirar aos aficionados do cinema a sua costumeira leitura-relâmpago é fazer sabotagem à campanha do Mobral - pois abriríamos as salas de projeção exatamente a esses a quem se deveria convencer, antes de tudo, que o analfabetismo é uma porta fechada.

DEZESSETE PASTÉIS DE SANTA CLARA

Sim, morreu o Procópio. Um artista de palco morre mesmo. Os do cinema ficam enlatados e podem ressuscitar a qualquer momento. Quando em Paris foram exibidos os primeiros filmes, um jornalista escreveu esta manchete genial: "Morte, onde está a tua vitória? Já existe o cinema!" A vida que um ator assume no palco é tanto mais pungente por ser tão efêmera como o papel que nos coube na vida.
A primeira vez que me vi cara a cara com Procópio foi na confeitaria Central, onde, por acaso do vaivém das gentes, fiquei a sós numa mesa com ele. Olhou-me sem dizer palavra, evidentemente à espera de que eu lhe pedisse um autógrafo. Ora, eu era um adolescente e haverá alguém mais orgulhoso do que um adolescente? Portanto, nada lhe disse. Procópio, então, me pediu ironicamente um autógrafo. É verdade que, quando éramos varios à mesa, ele havia devorado dezessete pastéis de Santa Clara. Não sei se isso

explica alguma coisa, mas quem nunca provou pastéis de Santa Clara não
sabe qual é o alimento dos anjos. Depois chegaram, ou voltaram, outros
anjos, perdão! outros amigos, o Dante Barone, o Casimiro, o Pelicbek... E o
vaivém continuou na terra como no céu.

COMMEDIA DELL'AMORE

Quanta história a gente inventa com a maior sinceridade - a história
de que me quiseste, a história de que te quis... Tudo foi comédia? Não. Um
artista põe toda a alma que ele tem no papel que representa. Por isso a
gente é tão feliz.., e tão desgraçada também.

COMUNICAÇÃO

O público ledor (existe mesmo!) é sensorial: quer ter um autor ao vivo, querido
em carne e osso. Quando este morre, há uma queda de popularidade em
termos de venda. Ou, quando teatrólogo, em termos de espetáculo. Um
exemplo: G.B. Shaw. E, entre nós, o suave fantasma de Cecília Meireles
recém está se materializando, tantos anos depois.
Isto apenas vem provar que a leitura é um remédio para a solidão em
que vive cada um de nós neste formigueiro. Claro que não me estou
referindo a essa vulgar comunicação festiva e efervescente.
Porque o autor escreve, antes de tudo, para expressar-se. Sua
comunicaçãü com o leitor decorre unicamente daí. Por afinidades. É como, na
vida, se faz um amigo.
E o sonho do escritor, do poeta, é individualizar cada formiga num
formigueiro, cada ovelha num rebanho para que sejamos humanos e não
uma infinidade de xerox infinitamente reproduzidos uns dos outros.
Mas acontece que lia tambem autores xerox, que nos invadem com
aqueles seus best-sellers...
Será tudo isto uma causa ou um efeito?
Tristes interrogaçoes para se fazerem num mundo que já foi civilizado.

A INDUMENTARIA

- Por que os fantasmas sempre aparecem vestidos? Sendo a morte um
segundo nascimento, por que não surgem ao natural, tal como vieram a
este mundo? Será que o Outro Mundo tem desses puritanismos? Nada
disso! É que os fantasmas ficam com vergonha de que a gente descubra
que as almas não têm sexo.

PINACOTECA DE BOLSO

Ora, pois como eu me queixasse a Waldeni Elias de que não dispunha
de paredes onde colocar suas telas, enviou-me ele um quadrinho seu "que
cabe exatamente na algibeira do teu fato domingueiro", conforme diz em
sua carta. Aqui o tenho, pois, em seu estojo protetor de pano, no bolso da
minha roupa de todos os dias. E o mostro a todo mundo. Que tela é para

ver. Da nesma forma que poema é para ler. Menos para explicar. "O belo
é o inteligivel sem reflexão." Estas palavras são do velho Kant. Se recorro
antiquadamente a ele é porque francamente não sei qual é o atual filósofo

de passarela. O que está na moda citar. Só digo, portanto, que o
quadrinho é muito para ver e que Deus conserve sempre assim a Elias, esse nosso
querido e admirado pinta-mundos.

SEMINÁRIO

Depósito de sêmen.

QUERUBIM

Anjo rococó.

POETA LÍRICO

Triste passarinho esgoelado em público pelas declamadoras.

PULGAS

A coisa mais triste deste mundo é um cachorro sem pulgas.

MISTÉRIOS NOTURNOS

No silêncio das noites soluçam as almas pelas torneiras das pias.

IMATURIDADE

Ah! esses buzinadores... Permitir que eles guiem um carro é o mesmo
que dar um apito para uma criança.

DE UM DIÁRIO SEM DATA

Dr. Décio - o Decinho. Metódico. Cronológico, principalmente
cronológico...
Eu tinha acabado de traduzir e descobrir Rosamond Lehmann (Poeira).
Nunca vira um estilo tão fremente, tão vivo - um estilo "rougissant" -,
Confessei ao Augusto Meyer; mas para que fui confessar o mesmo ao dr.
Décio? Ele cortou rente o assunto.
"Eu ainda estou nos gregos" dignou-se a explicar. Mas por onde
andara agora o Decinho? Será que conseguiu chegar até nós?

655

PORTA DA LIVRARIA

Ah, esses diálogos de porta de livraria... Lembro um encontro com Viana Moog, no tempo em que Gravataí ainda ficava longe e onde eu fora obrigado a pernoitar depois de perdido o último ônibus. Contei-lhe então: "É uma cidadezinha tão decadente que o cemitério é maior que cidade..." Pois o Viana tinha publicado naqueles dias Um rio imita o Reno, em que, a propósito de uma cidadezinha em decadência, repetia o que eu lhe contara uns meses antes. Resolvi tomar-lhe satisfação:
- Mas isso é meu, Viana Moog!
E ele, com um sorriso desarmante:
- A gente só rouba dos ricos...

A SAUDADE

O que faz as coisas pararem no tempo é a saudade.

ACIDENTE DE RUA

- Boa-tarde, não se lembra de mim?
- Como é que posso? Conheço tanta meninazinha bonita..
- Não sou dessas. Eu não saio da casa da Lúcia.
- Imagino... Mas me diz uma coisa: Lúcia de quê?
- A Lúcia Verissimo, ora!
- Mas por que não disse logo que está sempre na casa do Luís Fernando? O Luís Fernando Verissimo é que é famoso. Vem cá, será que você é dessas revanchistas...
- Desculpe, estou com pressa. Felicidades.
Depois pareceu arrepender-se de sua brusquidão:
- É que estou com pressa, mesmo. Foi um prazer...
Sorriu-me, irresistível:
- Agora um beijinho
E lá se foi, rua em fora, acordando as calçadas com o staccato de seus passos rápidos.

656

EXOTISMO

Desconfio desses turistas que consideram exóticos os países visitados. Ficam de fora, vendo o pitoresco em tudo: nas casas, nas roupas, nos costumes, nas crenças...
E nem desconfiam que a única nota exótica desses indefesos países são precisamente eles!
Mas isso ainda não é nada.

Um dia os modernistas brasileiros descobriram o Brasil.
Que engraçado! assanharam-se em coro. Mais um país exótico!
E surgiu daí essa infinidade de poemas-piada, de tão pouco saudosa memória.

DA AMÁvEL INDIFERENÇA

Amabilidade é quando a gente convive toda a existência com alguém
e jamais lhe dá a entender que ele perdeu há anos uma perna ou perdeu
um dia a cabeça.

DA SOLIDÃO

O problema da solidão não consiste em saber como solucioná-la, mas
em saber como conservá-la.

O MILAGRE

Certa vez, conta-me João do Monte, acordei de súbito com uma voz
bradando dentro da noite: "Milagre! Milagre!" Meu Deus, indaguei
comigo, serão chegados os tempos?!
- Mas que tempos, João do Monte?
- Os tempos! repetiu ele, com voz cava e uns olhos de iluminado. E
Continuou: O guarda-roupa, em frente, tinha um ar misterioso e
cúmplice, um ar de quem "já sabia". Aliás, havia em tudo, pelo quarto, nas
paredes, nas teias de aranha, no ar, no meu casaco pendurado ao cabide, esse
total silêncio de suspensão que há de preceder o Advento dos Tempos.
- Bem, vá lá pelos Tempos! Mas e o milagre, João?
- Pois bem, cheguei à janela de meu último andar. Debrucei-me,
trêmulo, oco, estarrecido. Lá embaixo, na rua, um bêbado teimava em
segurar uma mulher que gritava: "Me largue! Me largue!"

APONTAMENTO PARA UMA ELEGIA

A coisa mais morta do mundo é uma boneca morta.

Os PURITANOS

...a depravada imaginação dos puritanos...

DE UM DIÁRIO ÍNTIMO DO SÉCULO XXX

Juro que não tenho o mínimo preconceito de cor. O que há comigo
que acho umas chàtas as mulheres azul-celeste. Piores até que as furta
cores.
Por que não experimentam o cultivo de mulheres brancas e pretas, que

dizem ter sido as peles primitivas nos tempos bárbaros?
Fascina-me o contraste absoluto entre ambas. E, se tivesse de escolher
entre uma branca e uma preta, não sei o que faria...
Abri-me a esse respeito com o meu velho e sábio amigo dr. Gregorovirus.
Ele pôs-se a discorrer sobre soluções dialéticas, sobre certa mescla de café
com leite... Não sei o que é dialética, não sei o que é café, não sei o que é
leite. Por que raios esses técnicos não se expressam em lingua de gente?
Quando eu ia pedir-lhe mais explicações, ele, com um leve dar de
ombros, ergueu-se nos ares e, quando já estava a uns dois metros de altura,
gritou-me:
- Vou tratar do caso, vou tratar (ele tem a mania de repetir as
palavras). A sua unica salvação, meu pobre amigo, é a mulata. A mulata!
Fiquei nas mesmas.

NEUTRALIDADE

Só Deus é imparcial - quando, como por exemplo, abençoa as bandeiras
dos dois exércitos contrários.

O MARMÓREO

As obras de Alexandre Herculano foram feitas pelo busto de Alexandre
Herculano.

POBRE DIABO

A época de maior fé na Cristandade era quando todo mundo acreditava
no Diabo - mas hoje em dia o Diabo não passa de um pobre diabo.

ELES SABEM O QUE FAZEM

"perdoai-lhes, Pai, porque eles não sabem o que fazem!" Mas e quando
eles bem sabem o que estão fazendo?! Só a relho! Tal qual como fez Jesus
ao expulsar, a azorrague, os vendilhões do templo...

As DUAS MOLAS DA VIDA

É preciSO amar, é preciso odiar - são as duas molas da bida.

AGRESSÕES

O ataque de uma borboleta agrada mais do que todos os beijos de um
cavalo.

VISITAS

Não é só quando eu estou trabalhando que as visitas importunam: é quando não estou fazendo nada.

CONFISSÕES

Toda confissãO não depurada pela arte é uma indecência.

CÃO

Amigo e grande puxa-saco do homem.

A PREGUIÇA, ROMA, os Discos VOADORES E OUTRAS COISAS AFINS

Dizia-me ontem João Sabiá, numa de suas costumeiras observações de filologia impressionista, que o "aí" (a conhecida preguiça do Norte) era mesmo um bicho tão preguiçoso que até seu nome indígena era brevíssi-

mo: para que tanta sílaba? Coisa assim como aquela batidíssima história do vendedor de amendoim...
Discordei. A preguiça que a gente sente, a preguiça no sentido próprio é longa, arrastada.
E o bocejo, quanto mais preguiçoso, mais comprido é. Por isso dizia há tempos, não me lembro quem, que a voz de dona Gertrudes era uma voz de cadeira de balanço. Ótimo.
E o nosso caboclo, o nosso biriba, o nosso guasca até, pitando até o último o seu toco, sorvendo até o finzinho o seu chimarrão, quando quer dizer "recruta", por exemplo, não diz "recruta"; diz "reculuta", - mais gostoso, mais brasileiro, mais de rede ou de galpão.
E a voz gostosa das mulatas, seu moço? Aí é que está: voz de melado, langorosa, que aprenderam delas as iaiás, na doce modorra dos cafunés, e até hoje a conservam, graças a Deus, tão bem...
Questão de raça, de clima... não é preciso ser nenhum Gilberto Freire para descobrir isso.
Senão vejamos um caso bem simples e bem significativo como o da tão conhecida palavra latina "corona". Eis o que aconteceu depois que se alastrou o domínio e, com este, a língua dos imperialistas romanos: na Itália, o seu berço, essa palavra continua corona mesmo, o que não é nada de espantar; em francês deu couronne; em espanhol, também, coro na, em português, coroa; e, em inglês, crown.
• Que é isso, seu moço, que susto! Onde é que estão as vogais? Onde é que está a palavra?
- O gato comeu.
- Não, foi o clima. Com aquela friagem toda, como abrir tanto a boca? Preguiça? Qual! Com aquele raio de clima, eles tinham de ser expeditos tinham de fazer movimento. Nada de redes ou coisa parecida: quando muito, monossílabos.
Scotch, bastante scotch... Questão de clima, e portanto de raça,

e portanto de temperatura... Tenho dito.
- Mas-observou um marciano que, do alto do seu disco voador, estava escutando telepaticamente a nossa conversa mole-, mas ele não acabou de dizer que os proprios donos da palavra a pronunciavam abertamente?
- Sim. - confirmou o piloto.
- E não foram os antigos romanos um povo de conquistadores, como bem sabemos desde aquela época por telepato-visão?

- Povo?

- Povo, sim!
- Mas, naquele tempo, o povo não se metia na guerra. Quem fazia a guerra eram os profissionais, os soldados.
- E o governo?
- Que governo?
- O governo! - explodiu o co-piloto. - Pois o governo não emanava do povo, como afirmam até hoje os terrenos?
- Isso também era com os soldados.
- Ah, que povo feliz! - suspirou o co-piloto.
Pois bem, quaisquer que sejam as reservas que faça o leitor quanto às aspirações políticas deste último, não é nada disto que me impressiona de momento.
O que me impressiona e entristece é o fato de que esses nossos dois observadores, e todos os marcianos, comunicam-se entre si e conosco apenas por via telepática, como afirmam categoricamente os espíritas, pelos espíritos. Pois se o leitor ainda se lembra, João Sabia e eu estávamos falando na expressividade e gostosura das palavras. Especialmente na gostosura. E se descerem e forem à Bahia, como hão de saborear devidamente os pratos baianos, de cujo sabor é parte integrante o sabor de seus nomes? E se, ainda na Bahia, lhes oferecerem um recital de Castro Alves?
- Entristece-me que lhes passe de todo despercebida a incomparável beleza destes versos do "Navio negreiro":
"Vêm os guerreiros helenos,
Belos piratas morenos
Que a vaga iônia embalou..."
Pois, se apenas lhes captarem a essência, que restará desses versos? Bem sabe o leitor que o verso é, antes de mais nada, uma Fórmula encantatória e o melhor poeta é aquele que tenha descoberto maior número dessas mágicas.

NUDEZAS

Não mandes contra essas moças de capas de revistas: um corpo bonito pertence aos olhos do mundo.

ETERNIDADE

A eternidade é um relógio sem ponteiros.

661

OPULÊNCIA

Esses que apreciam num escritor a opulência da linguagem devem ser os mesmos que se babam de êxtase ante as senhoras bem fornidas.

À LA MANIÈRE DE LA ROCHEFOUCAULD

Os moralistas condenam o que eles não têm coragem de praticar.

MEIO-DIA

A tarde é uma tartaruga com o casco empoeirado a arrastar-se penosamente, as sombras foram esconder-se debaixo da barriga dos cavalos. tudo parece uma infinita quarentena - mas está marcando exatamente meio-dia nos olhos dos gatos.

As PALAVRAS ACIMA

As palavras acima, tão ensolaradas, escrevi-as no entanto durante a enchente de 83, creio que antes de tudo por desafio à chamada Mãe Natureza, cujo clima é tão absurdo como o nosso clima interior. O que me fez lembrar a enchente de 41: entrava-se de barco pelo corredor do meu prédio, não me era preciso imaginar verões nem sonhar tampouco - pois já não vivia numa atmosfera de sonho?

CHISPA

O automóvel que passa e a vitrine da esquina travam um duelo de reflexos.

CALIBÃ

Editor das obras de Anel.

VOCÊS JÁ REPARARAM?

Nos salões do sonho não há espelhos...

662

A VEZ DA MAÇÃ

Não, Newton, não era a maçã que estava a cair de madura: era a lei da gravidade.

FATALIDADE

se Cristóvão Colombo não tivesse nascido, o Neves descobria o Novo Mundo...

Os CRocoDiLos

Pior, mas muito pior mesmo do que as lágrimas de crocodilo são os sorrisos de crocodilo.

Ao PÉ DA LETRA

Enforcar-se é levar muito a sério o nó na garganta.

O SUICIDA

Ultimo bilhete deixado por um obstetra: Parto sem dor.

O VERDADEIRO SUICIDA

...Mas um verdadeiro suicida, um suicida que se preza, não deixa declarações...

w c.

Unico lugar onde o chefe da casa pode descansar sossegadamente.

O CAFÉ E o CHÁ

O café é mais intelectual - o chá, mais espiritual.

IMAGEM

...Uma cara reconcentrada de ovo choco...

A CAUSA

A causa do descrédito de um escritor são os seus discípulos: só

conseguem imitar os defeitos do Velho Mestre... E o mais triste - ou o mais engraçado - é que os leitores acabam rindo ante essa impiedosa caricatura do Velho.

CONFISSÃO

Sou um herege de todas as religiões.

QUEM AMA...

Camões escreveu: "Quem ama inventa as penas em que vive." "Quem ama inventa as coisas a que ama," acrescentaria eu, se a tanto me atrevesse...

O LIMITE

O limite do poema é uma página em branco - conclusão a que deveria ter chegado Rimbaud.

ESTA VIDA

Vale a pena estar vivo - nem que seja para dizer que não vale a pena.

ASTRO NAU TI CA

A mais dispendiosa forma de escapismo.

CONFUSÃO

Essas duas tresloucadas, a Saudade e a Esperança, vivem na casa do Presente, quando deviam estar - como seria lógico - uma na casa do Passado e a outra na casa do Futuro.
- Mas e o Presente, seu moço?
- Ah, esse nunca está em casa.

IDEAIS

Os outros meninos, um queria ser médico, outro pirata, outro engenheiro, ou advogado, ou general. Eu queria ser um pajem medieval... Mas isso não é nada. Pois hoje eu queria ser uma coisa mais louca: eu queria ser eu mesmo!

TROVA

Os poetas jogam os poemas

por sobre as águas do mar.
Na praia do Mar do Tempo
que versos irão chegar?

O LIVRO DA VIDA

Comparar a vida com um livro é uma das imagens mais batidas. Que importa? Novidade não é documento. Mas que ansiosa leitura, que suspense! Porque pode terminar sem mais nem menos, às vezes em meio de um capítulo, de uma frase... e, assim, a gente tem de saborear linha por linha, minha filha, para fazê-lo render o mais possível: nada de leitura dinâmica!

VENTO

Pastor das nuvens.

PERNA DE PAU

Uma perna de pau está muito mais próxima da natureza do que uma perna mecânica. E é mais romântico, mais pirata, afinal. Que querem? Pertenço ainda à Idade da Madeira. E escrevo isto com a minha caneta de plástico, a esta mesa de metal inoxidável, ante um velho Livro das histórias ilustradas, de onde me espiam coloridamente, do outro lado da realidade, no tombadilho de uma fragata, a princesa prisioneira, o pirata da perna de pau e o belo espécime de um licorne, que parece alheio a tudo.

SERVIÇO A DOMICÍLIO

Não cabe a um poeta entre os homens o extrovertido e saltitante encargo de Relações-Públicas.
E sim de Relações-Íntimas. Poesia é comunicação... a sós.
Aliás não estou dogmatizando, pois esta não passa de uma simples opinião pessoal: a minha e a do Amador de Poemas. E - como nenhum de nós é de comício - continuaremos ambos silenciosamente o nosso mister. Sem o menor estrupício. Porque eu não escrevo os meus poemas a máquina, nem ele os lê em voz alta.

SEGREDO DA ETERNIDADE

Naquele seu ímpeto ascendente e embora retombe a cada instante, ninguém, nem ele mesmo o sabe: o repuxo é o eterno recém-nascido.

TRECHO DE UM DIÁRIO

Lumbago. Mal consigo mover-me.

- Paciência, paciência... - me diz dona Glorinha, que me vem trazer
o café na cama. - O senhor não tem fé? Dedique suas provações a Deus.
O engraçado é que ela está falando sério. E a última frase, de tão ouvida
e repetida, lhe brota com toda a naturalidade.
Mas eu fico a perguntar-me que diabo de Deus será esse... Acaso Lhe
serão gratos os nossos sofrimentos?
E relembro eruditamente (?) arrepiado os sacrifícios humanos
oferecidos a Moloch.
Ah, dona Glorinha, sabe de uma coisa? Estou ficando muito, muito,
muito desconfiado de que, se o deus mudou, os crentes continuam os mesmos...

O BOM DORMIR

Quando desperto assim - tranqüilo e manso o coração - já sei de
tudo: é que a minha pobre alma esteve a noite inteira a repousar, por mim
naquele velho quarto de um casarão antigo, tão antigo que já nem mais
existe neste mundo.

666

HISTÓRIA ITINERANTE

Descobri que nas sucessivas casas que habitamos fica sempre um
fantasma nosso, de diferentes idades e cada qual mais relutante em dissolver-se
no tempo. De vez em quando um deles volta. E este fantasma que agora
habita o meu corpo acolhe-o com um ar superior de dono da casa, decerto
para disfarçar a emoção. Pois sei que eu próprio um dia virei visitar-me
onde estiver. E se não estiver? Bem: esse deve ser joão-sem-casa. O que
sobrou de todas as andanças deve ser o meu verdadeiro eu. O qual, daí por
diante, irá passar por novas, misteriosas aventuras...

SEGREDOS DA NATUREZA

Nunca se sabe se uma formiga extraviada está extraviada mesmo... ou
o quê.

ÉFIRO

Vento fresco.

ZUNZUM

Coisa que anda correndo por aí...

JUSTIÇA

Dizem que a Justiça é cega. Isso explica muita coisa...

LINHA CURVA

O caminho mais agradável entre dois pontos.

LINHA RETA

Linha sem imaginação.

Os RUÍDOS E O SILÊNCIO

Duas coisas ativam minha poesia: a poluição sonora das grandes cidades e o silêncio das cidades pequenas...

CRÔNICA

Ah, essas pequeninas coisas tão cotidianas, tão prosaicas às vezes, de que se compõe meticulosamente a tessitura de um poema...
Talvez a Poesia não passe de um gênero de crônica, apenas - uma espécie de crônica da Eternidade.

EXPLICAÇÃO PARCIAL

Pois ainda no outro dia escrevi que já tinha passado da idade de ler coisas sérias. Vocês vão achar engraçadíssimo, mas aos quinze anos devorei literalmente Dostoiévski e roí com avidez canina não sei quantas ossadas metafísicas. Éramos assim os da minha geração. A gente queria apenas decifrar o mistério da alma, o sentido da vida, a finalidade do mundo.
No fim, só me restou a poesia, outro enigma...

INTRUSO

Indivíduo que chega exatamente na hora em que não devia. Exemplo: o marido...

JARDIM FECHADO

Mera ostentação burguesa a desses jardins com vista para a rua, quando todo jardim devia ser interior (nos dois sentidos do termo) - um jardim fechado, com uma fonte ao centro e alguém sentado nele, talvez lendo estas linhas...

A SEGUNDA ADOLESCÊNCIA

As velhinhas são brotos às avessas.

K

Letra caminhante.

MELANCOLIA

Maneira romântica de ficar triste.

668

COMUNHÃO

Sonhei que me encontrava numa sala de espera.
Só não sabia na sala de espera de que. Vi, sem espanto, que tinha como companheiros Sherlock Holmes e Greta Garbo. Nem ao menos folheáva mos uma revista. Estávamos ali, apenas. Gratos ao silêncio uns dos outros.

VELHO TEMA

Chove.
Cada gota é uma rima pobre.
Sabes?... Sempre que chove, tudo faz tanto tempo...
E qualquer poema que acaso eu escreva
Vem sempre datado de 1899!

POR QUE SERÁ?

Por que será que eles sempre antepÕem a uma afirmativa animadora uma exclamação de espanto (mas como você está bem disposto! etc.)? Como se fosse de minha obrigação andar sempre tuberculoso ou em estado de coma!

As CIDADES PARADAS

As pequenas cidades do interior parecem paradas no tempo. Existe uma, a mais querida, em que ainda fazem pergunta assim:
- Diga-me uma coisa. O senhor é pela homeopatia ou pela alopatia?

PRIMÍCIAS

Os primeiros favores que nos concedem as primas.

As JANELAS

Esses quadrados lívidos que os retratos deixam nas paredes, ao serem retirados, são janelas do outro mundo... Por elas nos fitam, invisivelmente, as almas queixosas dos retratados defuntos.

As VENEZIANAS

Venezianas que não sejam verdes são um verdadeiro crime contra a natureza.

Os PONTEIROS

Cruel invenção a desses relógios de três ponteiros, um dos quais faz rapidamente a volta do mostrador em sessenta segundos... Por que, pergunto, por que tornar visível a passagem do tempo?

NOTAS PARA UMA PROJETADA ANTOLOGIA DE HUMORISTAS

Cito de memória a seguinte definição do humorista: "O humorista é como um Hermes bifronte, uma de cujas faces ri do pranto da outra." Mas (será que a idade está chegando?) não me lembro de quem é. Mas quer me parecer que uma das faces que estava rindo era do estilo pomposo do autor.
Esta coragem de divertir-se com o espetáculo de si mesmo é o dom e o segredo do humorista. Ele não é inumano como os ironistas - que se colocam acima das suas personagens.
Diz-me qual preferes, Eça ou Machado, e eu te direi quem és...
Por isso, para diferençar os gêneros, é que Sud Menucci propunha as grafias "humor" e "húmor". Para não sermos obrigados a colocar no mesmo saco de gatos Machado de Assis e o Conselheiro XX.
Rima mas é verdade...
E fico a imaginar o que pensaria ele, o Machado de Assis romancista, do burocrata Machado de Assis, tão pontilhoso, ou do acadêmico do mesmo nome, tão convencional.
Creio que pensaria isso mesmo... Que o caso era muito, muito divertido!

O VISITANTE NOTURNO

Pousou agora mesmo - precisamente sobre a velha caneta que eu havia erguido um momento à cata de um adjetivo - um insetozinho verde que tem a forma exata de um escudo.
Veio da noite, atraído pela luz da minha janela. Sua gentil visita me compensa não sei de quê.
Fico a examiná-lo em silêncio: nada posso nem sei dizer-lhe.
E assim nos quedamos por um breve instante - frementes, incomunicáveis e juntos... Dois universos dentro do mesmo mundo!

RUÍDOS MISTERIOSOS

Como é dificil, à noite, identificar os ruídos cuja causa a gente não vê! Certa vez, pousando num hotel em meio de uma viagem, estranhei o berço. E cadê o sono? Inútil contar ovelhinhas, experimentar o método Coué de auto-sugestão consciente, devorar uma dessas novelas norte-americanas de espionagem, cujas personagens, mais numerosas que as do guia telefônico, seconfundem umas com as outras e a gente nunca sabe quem é quem; inútil ler compenetradamente os ensaios de "Teoria da literatura" do sr. Mozart Monteiro... Apenas sei que naquela noite o meu vizinho de quarto passou um tempão enorme a jogar dados sozinho e depois uma hora ou mais a ensaboar o rosto para barbear-se. "Um de nós dois ficou louco", pensei. E há ainda os ruídos do encanamento da pia. Em meio à noite, em meio ao sono, ouço um cochicho, uma voz está dizendo baixinho uma coisa, uma coisa que afinal descubro que é o meu nome... Azar! Não quero contatos com o outro Mundo. Os nossos gostos, as nossas inclinações, os nossos hábitos são muito diversos, naturalmente... Quando eu for para lá será outra coisa e talvez arranje de chegada um bom cicerone para os turistas do Além. Mas, por enquanto, não! E penso um "não!" tão forte que me acordo de todo. "Ora, é a pia", suspiro, aliviado. Quem falou em alívio? Agora ela, a pia, me aplica meticulosamente o suplício chinês da gota d'água que tomba e vibra em meus tímpanos como numa bandeja de metal vazia e dolorosamente sonora. Ah! e aquele raio de passarinho que canta na árvore, antes dos outros, o seu canto de uma nota só... Que passarinho será esse? Não sei. Ignoro nomes de passarinhos. Não há de ser nada... Também nenhum passarinho sabe o meu nome.

O MUNDO E O CÉU

O céu é dos sábios - o mundo, dos sabidos.

Nos SOLENES BANQUETES

Nos solenes banquetes de próceres internacionais, em especial sobre Klesarmamento, às vezes o aparte mais sincero, o mais espontâneo comentário é esse riso de prata da colherinha que por acaso tombou no chão.

CONSELHO A UM ROMÂNTICO TARDIO

Não, não tomes um pifão! O melhor para amores mal correspondidos é uma feijoada completa. Enquanto a estiveres jiboiando, como é possível pensar na ingrata, como é possível pensar no que quer que seja, como é possível pensar, em suma? Há também o recurso de uma bela bacalhoada a portuguesa.Mas, na falta de dinheiro, o único remédio é fazeres um soneto: só a procura da rima irá substituir a tortura da alma pela tortura da forma e tudo redundará num exercício abstrato, como o das palavras

cruzadas. E descobrirás que tua infeliz preocupação terá assim perdido
uma sílaba, isto é, virou apenas uma absorvente, feliz ocupação.
Com a única ressalva, porém, de que não me mostres o soneto.

IDENTIDADE

Os que, ao contrário dos maltrapilhos, procuram salientar-se pelo
bem-vestir, dão-nos a perfeita impressão de andarem hem-trapilhos.

VERSO AVULSO

O luar é a luz do sol que está dormindo...

Ozome!

O título desta história verdadeira deve ser lido em tom Cavo e cem
trêmulo de medo na voz, embora signifique simplesmente "os homens!".
Quem assim supersticiosamente o pronunciava era uma criada nossa, que
tinha medo de homem, vinda diretamente para o povo - uma criatura
tosca, de pernas retas e grossas de bruxa de pano, nem sabia que era
incrivelmente virgem, e agora assustadissima, suponho eu, com as coisas
misteriosas que lhe vinham acontecendo ao corpo. Ora, na farmácia de
meu pai reunia-se a habitual roda masculina para o papo do dia. E para
ir buscar lenha no depósito era preciso ir até o porão. Mas quem disse
que ela se animava a atravessar o circulo fatal? Não, mesmo! Preferia fazer
uma longa volta pela rua até um portão dos fundos. E, no entanto, Maria
(sim, chamava-se simbolicamente Maria) começou a apresentar sintomaS
inequívocos, vômitos etc. - sinal de que caíra na armadilha milenar.
Nestes casos, minha mãe costumava reparar o mal (assim dizia-se na época)
fazendo a cria da casa casar com o culpado.

- Quem foi que te fez isso?!
E Maria, com os olhos arregalados de pânico e o vozeirão cada vez mais
grosso:
- OZOME!
Para encurtar a história, arranjou-se-lhe um marido, um viúvo já
velhusco e decente, que não se acostumava com a falta da finada nem fazia
muita questão de virgindade. Casaram-se e não sei se foram muito
felizes.
Chamava-se João.

DIFERENÇA

O ironista se julga superior às suas personagens; o humorista, nunca.
O primeiro diverte-se a custa alheia e o último, a sua própria custa. Mas,
neste assunto, quem deu a última palavra, como quase sempre, foi mestre
Jules Renard: "Só tem o direito de rir das lágrimas quem já chorou".

RESSURREIÇÃO

Não se trata apenas da moda literária: a Igreja tambem está insistindo
em que o Diabo existe mesmo. Ótimo para ambas as partes. Consulte-se a
História: não, não era porque não acreditássemos em Deus que a religião
começou, um dia, a decair. Era que ninguém mais acreditava no Diabo.
E que para nós, por enquanto, o Diabo não passa de um pobre-diabo...

DAS LEI FURAS EDIFICANTES

De uma feita em que estive fora, apenas tinha para ler a velha coleção
de uma revista popular. Nem te conto! Só dava tipos inesquecíveis,
anedotas de caserna e outras coisas exemplares, inclusive os feitos e ditos de
"minha tia de Minnesota". Resultado: aquele otimismo alvar me ia
produzindo uma depressão que nem queiras saber.

DAS COISAS DESTE MUNDO

"Deixe de lado as coisas deste mundo", disse o padre ao moribundo.
O moribundo, então, virou as costas para o padre.

As SETE NAMORADAS

"Era uma vez um príncipe que tinha sete namoradas: uma namorada
branca, uma namorada amarela, uma namorada preta, uma namorada
verde, uma namorada azul..."
Neste ponto interrompi o improviso, para ver o efeito em meu
pequeno auditório. Havia seis pares de olhos deslumbrados. Continuei, então:
"...e que uma andava sempre vestida de branco, a outra sempre vestida de
amarelo, a outra..."
- Ora! - protestou Lili, interpretando os sentimentos do público -
então não havia uma azul de verdade?!
Um fracasso, a minha história. Mas aprendera que o essencial, em
histórias para crianças, é que o fantástico seja real por assim dizer, que haja
uma namorada azul de verdade, como queria Lili. Nada de explicações
lógicas, como acontece nas aventuras do padre Brown, sempre tão
maravilhosas no início, mas que, depois que o raio do padre começa a
raciocinar e destrinchar tudo, deixam certo desapontamento infantil nos leitores
adultos.

As ILUSÕES PERDIDAS

Fumar é um jeito discreto de ir queimando as ilusões perdidas. Daí,
esse ar entre aliviado e triste dos fumantes solitários. Vocês já não
repararam que nenhum deles fuma sorrindo?

O TEMPO

O tempo é um ponto de vista. Velho é quem é um ano mais velho que
a gente.

PEDIDA CRETINA

Seu Mario, me ponha aqui uma dedicatória bem bonita...
Horroriza-me o que eles (principalmente elas) imaginam por bonito,
mas desconfio que deve ser exatamente o contrário do belo.

MÁGICA & MISTÉRIO

Há espíritos simplistas, que acham que deve haver uma explicação para
tudo. E que, explicada a coisa, foi-se o mistério! Principalmente esses que
insistem em desmontar os poemas, como se quisessem desmascarar o poeta.
Eles me fazem lembrar aquelas pessoas "expertas" de certa cidadezinha
do interior, as quais, indo assistir à função de um mágico, puseram-se a
bradar em meio do espetáculo: "Isso é truque! Não pega! É truque!"
Mas para alívio das almas compassivas, acrescento que o pobre mágico
sempre conseguiu escapar com vida por trás dos bastidores...

FILOSOFANçAS

Sabes? Não creio muito no fiat divino. Alguém já deve ter pensado que
nada se tira do nada e tudo é desde sempre. Pois uma eternidade a partir
de determinado instante é para mim tão impossível como um infinito no
quilômetro zero. Digo que alguém já o deve ter pensado Porqne não leio
filosofias. Basta a minha filosofança. A qual tem a vantagem - ó divina
preguiça - de não armar sistemas, tratados, sumas... Agora, se o leitor
for muito lido, terá o grande prazer de me denunciar. Mas, se for como eu
- muito obrigado! Choque aqui estes ossos!

DIÁLOGO NOITE ADENTRO

- Mas há as que nos compreendem...
- Ah, essas são as piores!

O ETERNO ESPANTO

Que haverá com a lua que sempre que a gente a olha é com o súbito
espanto da primeira vez?

NOVIDADES ANTIGAS

O que tem de mais invejável nas criancinhas é que as velhas anedotas
que os outros nos impingem são engraçadíssimas para elas. E hão de
escutar Com renovado encanto os versos mais sovados, os temas mais batidos...
Parece que não é para outra coisa que surgem as gerações.
E por isso é que as velhas mentiras sempre hão de parecer verdades.

Graças a isto, nós, os colunistas, nunca nos veremos na contingência de
parar de escrever, porque sempre haverá recém-nascidos.
Recém-nascidos de todas as idades.

SEU VERDADEIRO CRIME

O que eles jamais perdoaram a Oscar Wilde é que ele era profundo sem
ser chato.

Os FANTASMAS NÃO FUMAM

Os fantasmas não fumam. Mas não por causa da campanha anti-
tabagista que está na moda. Os fantasmas deixaram de fumar desde o doloroso
acidente ocorrido no seu nevoento mundo.
Era um fantasma que tinha a mania de assistir ao deitar e ao despertar
das moças quando se despiam ou se vestiam. Nuas em pêlo, elas não lhe
interessavam. Como se vê, tratava-se de um fantasma antiquado. Pois há
muito que, por motivos óbvios, o strip-tease perdeu o rebolado.
Ora, uma noite, invisibilizando-se como fazia em tais ocasiões, ele
entrou pela primeira vez no quarto de Lurdinha.
E, como vocês felizmente ainda ignoram, não é só para mim que
Lurdinha é irresistível. O destino dela é inspirar amor à primeira vista, mas
amor no duro - não a simples depravação olhativa com que o fantasma
até então se divertira. Um amor para casar.
Ante essa impossibilidade, a vida do fantasma era um suspiro só.
Até que um dia se lembrou de haver lido, em um poeta chinês, que
fumar era uma maneira disfarçada de suspirar...
E o nosso fantasma apaixonado fumou tanto, tanto, que acabou
fumando-se a si mesmo.

MISTÉRIOS

Um dos espantosos mistérios da poesia é que uma coisa só parece ela
própria quando comparada a outra coisa.

CARACTERÍSTICAS

Produção contínua e absoluta falta de autocrítica, eis aí a característica dos gênios; mas, em compensação, o que sempre caracteriza os cretinos e a absoluta falta de autocrítica é a produção contínua.

A MÚLTIPLA VERDADE

O bom de escrever teatro é que se pode dizer, com toda a sinceridade, as coisas mais opostas, sem ser acusado de contradição.

É ISSO MESMO

Quem nunca se contradiz deve estar mentindo.

DIÁLOGO PARASITÁRIO

- O crítico vive à custa de quem suga: o que seria do carrapato sem a pobre vaca?
- E o critico do poeta, então?
- Ah! esse é uma espécie de piolho de andorinha.

DIÁLOGO BOBO

- Abandonou-te?
- Pior ainda: esqueceu-me...

A MEDIDA E A GRANDEZA

A medida do espaço somos nós, homens, tratores, baterias de jazz e de cozinha, estrelas, pássaros, satélites perdidos, aquele cabide ali no canto do meu quarto, a página que estás lendo agora... Mas o que enche o tamanho do espaço é o poema.

O JOGO DA ESPERANÇA

- Quando morremos acontece com as nossas esperanças o mesmo que com esse brinquedo de estátuas, em que todos se imobilizam de súbito,

cada qual na posição do momento. Mas as esperanças têm menos paciência. E vão imediatamente continuar, no coração de outros, o seu velho sonho interrompido.

O AVENTUREIRO

Sempre que o homem conquista a certeza de alguma coisa, redondeza

da terra, heliocentrismo etc., ele chateia-se terrivelmente e, passando por cima das esfinges mortas, parte em busca de novos enigmas, de novas duvidas. Ante a indiferença das pedras, das velhas comadres e das estrelas.

A REDUNDÂNCIA

Há criaturas que vivem a dizer: "eu só peço ao bom Deus que..., o bom Deus isso, o bom Deus aquilo..." e nem sonham que a coisa que mais Irrita a Deus é ser chamado de bom Deus.

VERBETE

Homem ilustrado: o homem que conhece as ilustrações dos livros.

E ACONTECE

E acontece que, ao mesmo tempo em que se faz intensa campanha contra o demônio da velocidade, são divinizados os maníacos do volante.

O PAI DA CRIANÇA

Foi num desses dias comemorativos, o dia disto, o dia daquilo, o dia da falta de assunto... Dizia-me, pois, um pai coruja, na véspera do último Dia da Criança:
- Sabe? Escrevi um soneto, "O nosso menino".
- Não diga!
- Ah! - continuou ele - saiu tão mimoso...
E beijou os dedos em pinha:
- Saiu tão mimoso que nem vou botar o meu nome...
Ora, eu que sempre julguei que deveria haver um Ministério da Poesia, para onde seriam remetidos todos os poemas que se escrevessem no país

- mas sem assinatura, afugentando assim os cabotinos e exibicionistas-. eu julguei afinal ter descoberto o poeta puro, em toda a glória do anonimato, uma espécie de Soldado Desconhecido da Poesia.
E quando já começava a sorrir de beatitude, ele esclareceu:
- Sim, professor, saiu tão mimoso que eu vou mandar publicar com o nome da patroa!

ARMAS DESIGUAIS

Quando o velho Karl Marx proclamou a luta de classes, vocês pensam que os patrões se alarmaram? Qual nada! Babaram-se de puro gozo.

CRÔNICA NOTURNA

Quando o povo era simples, as velhas comadres acreditavam que essas
negras borboletas a que chamam bruxas eram anunciadoras da morte...
e benziam-se. Não sei, ninguém sabe onde é que estão as velhas
mulheres do povo... Mas sei que uma bruxa negra entrou-me agora pela janela,
atravessa o quarto num vôo pesado e quebrado, pousa, enfim, na parede
terrivelmente imóvel.
Algum dos guris da era espacial deve estar perguntando-se por que é
que eu não a esmigalho imediatamente com um sapato.
porque eles não foram criados, como eu, entre aquelas mulheres do
povo - que eram da Idade Média e sabiam coisas...
A Idade Média evoca-me François Villon, o François Villon que foi
Poeta apesar de tudo. Sorrio. Sorrio-lhe...
(A bruxa negra regressou ao seu reino noturno!)

INFINITOS

O homem, esse exagerado, acha o Cosmos infinitamente grande e o
micróbio infinitamente pequeno. E ele? Ora, ele acha-se do tamanho
natural. Mas, aos olhos de Deus, cada ser é um universo. E, só para vos dar
uma trinca de exemplos, a estrela Sirius, o bacilo de Koch e o prefeito de
Três Vassouras são infinitamente do mesmo tamanho.

FÚRIAS

Na antiga Mitologia, as almas culposas eram perseguidas pelas Fúrias.
Hoje, os poetas, ainda por cima inocentes, são devorados em público
pelas declamadoras.

O ESTRANHO CASO

Por que é que, dentre dois irmãos, sempre um mata o outro?
É pelo menos o que sucede no princípio de todas as mitologias, desde
a bíblica (Caim-Abel) até a romana (Rômulo-Remo).
E todas se dizem históricas, apesar da falta de documentos. Por isso
todo mundo acredita nelas.
E eu também.
Apenas acho que a história foi mal contada...
Caim e Abel eram a mesma pessoa, com uma parte Caim, que acabou
vencendo a parte mais fraca, Abel.

O FORASTEIRO

Nada mais chato que nos quererem mostrar uma paisagem. Quando
compreenderão que a gente as vê sem saber? É como se fossem elas que
estivessem olhando para nós. Assim como o sol matinal nos entra janela
adentro e fica aguardando o nosso despertar. Mas olhar detidamente uma
paisagem que nos impingem é como ouvir um discurso de luzes e cores.

Ninguém ouve um discurso por muito tempo: começa-se a pensar em
outras coisas... É preciso que haja paulatinamente uma osmose entre nóS
e a paisagem. Uma paisagem é sempre grande em demasia: só quando
reduzida em cartões-postais que aliás a gente manda para outras gentes...
Quando se chega numa cidade, as belezas naturais da terra logo nos
obrigam a vê-las e estão geralmente longe: uma estopada. Sou um tipo urbano.
Eu gosto mesmo é de ficar no centro, furungando cafés e livrarias; às vezes
até encontro um livro meu, por descuido dos distribuidores.
Mas há pior: é quando certos aborígines nos levam a visitar
monumentos.

A PÁGINAS TANTAS

A páginas tantas do Wilhelm Meister, descreve Goethe um piquenique
em publico e assim conclui: "Seria tudo muito mais romântico se não houvesse ao
fundo uma carruagem." E como, para nós, não há nada mais romântico
que uma carruagem - que vontade de substituí-la, dizendo que ficaria
muito mais romântico se não houvesse ali um automóvel!
A "tradução" na verdade seria um anacronismo, mas que fielmente
traduziria a intenção e o sentimento do autor.
Este simples mistério foi sempre assim.
Em nossa vida ainda ardem os lampiões de esquina.., e é tolice indagar
onde é que estão agora.
E nem é por outro motivo que, na poesia, em geral, o passado e o
presente são um tempo único. Afora este, apenas restam as "atualidades"
- pobre matéria de noticiários e de fofocas.

LEITURAS

Não leia romances, leia poesias. Ou melhor, leia dicionários. Se poesia
é sugestão - semente que germina e floresce na alma do leitor- vá
lendo ao acaso um dicionário e nem pode imaginar o que lhe acontece. Ler
um dicionário é até mais variado, poético e inspirativo do que olhar uma
vitrine de bric.

POESIA PURA

A poesia pura? coisa tão impossível como a imaginação pura.
Ambas se compõem de resíduos, detritos, restos de maré vazante...
Mas sabe lá o que pode um mágico extrair daí!
E a imponente, luzente cartola desses prestidigitadores de palco é
apenas um pobre símbolo da maravilhosa lata de lixo dos Grandes e
Verdadeiros Magos.

A COR DO INVISÍVEL

Certo autor famoso dividiu um livro seu em duas partes: na primeira,
Contos reais; na segunda, contos fantásticos. Resultado: tem-se a frustrada

impressão de que ficou cada uma das partes amputada da outra, quando

na realidade os dois mundos convivem. Por que chamar de invisível ou fantástico a esse mundo que por enquanto não conseguimos apreender, em contraposição a este mundo que está na cara - este mundo de que faz parte a esferográfica com que vou abrindo caminho pelo papel como um esquiador sobre o gelo? Este é o mundo que se vê... e no entanto pertence ao mesmo mundo espiritual que está movendo a minha mão.
Um dia, num poema, ante esse frémito que às vezes agita quase imperceptivelmente a relva do chão, eu anotei: "São os cavalos do vento que estão pastando." E como um verso, muita vez, acaba significando outra coisa além da imagem que o incorpora, este me faz lembrar a velha crença nos espíritos invisíveis.
Invisíveis? Disse Ambrose Bierce que, da mesma forma que há infrasons e ultra-sons inaudíveis ao ouvido humano, existem cores no espectro solar que a nossa vista é incapaz de distinguir.
Isto, num conto seu, de horror, pode explicar os estragos e estripulias de um monstro que "ninguém não viu".
Mas deixemos de horrores e monstros - coisas de velhas e crianças - e acreditemos na cor dos seres por enquanto invisíveis para nós, como é chamado invisível este oceano de ar dentro do qual vivemos.

DONA LÓGICA

Dona Lógica usa coque e óculos, como aquelas velhas professoras que não se fabricam mais e tão chatas que, no meio da aula, sempre alguém lhes pedia "para ir lá fora". Sim, dona Lógica, a alma também precisa de um pouco de ar.

EPÍGRAFE PARA UMA HISTÓRIA DA FILOSOFIA

O exercício da filosofia nunca solucionou coisa nenhuma, é como jogar xadrez consigo mesmo...
Fica-se eternamente empatado.

UMA SURPRESA

Quem desça a rua da Praia na praça da Alfândega e olhe para o alto, à esquerda, será, apesar desse cuidado, recompensado com uma surpresa - uma surpresa que depois eu conto. Vivemos numa paisagem, ou antes,

num cenário de demolições - o que faria da atual Porto Alegre uma

ótima tomada para os filmes que se passassem em Londres ou Berlim depois de bombardeadas. Isto - quem é que não sabe? - é o Progresso. Mas que desolação, que confusão! Quando é que viveremos numa cidade pronta? Não estou mandando contra Porto Alegre. Quando estive, há pouco, em São Paulo, era a mesma coisa e, na rua, aquela agítação de formigueiro às tontas, como se alguém lhe houvesse pisado em cima.
Uma cidade pronta, disse eu? Mas não, não me falem em Brasília. Essa é pronta demais, tão pronta, tão limpa, tão exata que parece uma maquete em tamanho natural. Falta-lhe a pátina do tempo, isto que alguns chamam de historicidade e que eu chamaria simplesmente de tradição que é coisa que não se inventa, como andaram querendo inventar o Vovô Indio para substituir o Papai Noel que nossos avós europeus importaram consigo, não de contrabando, mas dentro de seus corações, única bagagem indevassável aos fiscais da Alfândega.
Pois bem, dentro do programa de demolição e construção, em que estava incluido muito velho pardieiro a pedir caridosa eutanásia, mas onde se cometeu também muito crime como o assassinato do velho templo barroco da igreja do Rosário, acontece que, ao fundo daquele bloco de velhas casas que foram demolidas na praça da Alfândega, que é que se vê, ao olhar à esquerda por cima do tapume? Uma palmeira! Lá bem no fundo, enfim liberta dos paredões entre os quais estivera encerrada.
Que teria levado o empreiteiro de demolições a poupá-la? Porque era uma coisa viva, saída da natureza e não de mãos humanas? Bem sei que se têm destruído florestas, como na guerra se destroem exércitos, cidades. Tão fácil esta última façanha... basta apertar um botão. O difícil é fazer a Coisa individualmente, com uma só criatura. Embora a guerra não seja Considerada crime, pois é feita coletivamente. Esta a diferença entre nós e os totalitarismos. Porque estes desconhecem a unicidade do indivíduo humano.
E, da mesma forma que executa friamente a destruição de florestas, o homem hesita em destruir uma árvore - tãü sozinha como ele e com o mesmo direito de subsistir. Enfim, não sei se por esquecimento, ou por sentimento, é que foi poupada entre os escombros, mas lá está ela sobre o tumulto da cidade alta, viva, verde como uma esperança de melhores dias.

ELES

Nada mais natural que eles façam propaganda de uma arte coletiva, de uma poesia coletiva: os rebanhos desconhecem a primeira pessoa do singular.

MAS

Mas vamos fechar os olhos, agora, e pensar numa outra coisa...

SERENIDADE

- um gato adormecido - uma criança adormecida... as mãos de um

morto antes que as cruzem sobre o peito...

PALCO & PERSONAGENS

Deixo em meio uma novela policial e, com essa inocente coqueteria
que têm os esquecidos em mostrar que não esquecem as pequeninas
coisas, guardo de cabeça o número da página interrompida: 155.
Vinte e quatro horas depois abro o livro no lugar exato e vejo-me de
cara com personagens desconhecidas, no centro de um complicado
enredo, em que o mais enredado sou eu, o que não tem importância alguma,
porque quase ao mesmo tempo que o inteligente leitor - descubro
que o livro era outro...
O grave, mesmo, é quando isso acontece neste mundo chamado real
e vê-se tanta gente procurando representar uma peça antiga em que OS
da peça nova travam com eles um diálogo de loucos, em que as respostas
nada têm a ver com as deixas.
Dizem os avisados que isto só ia acontecer (expressão que abomino)
em épocas de transição. Mas qual a época que não é de transição,
pergunto: a História não é uma série de slides, parados, separados uns dos
outros,
como nos antigos compêndios de História. Deixemos os avisados, o meU
desaviso, não como espectador, mas como ator, é que sempre deve ter sido
mais ou menos este o espetáculo do mundo. Confuso, sim... Monótono,
não!

O PARCEIRO DESCONHECIDO

O que me dá mais raiva é que o acaso não se serve de truques para
inutilizar nossos melhores cálculos e somos derrotados por um parceiro que
desconhece ou despreza as regras do jogo... Nem me venham com essa de
que ele é cego, que não tem inteligência: seria insuportável para o orgulho
humano. Não, o acaso é apenas uma inteligência diferente da nossa... Por
enquanto.

TRECHO DE CARTA

Não, Josino, a rima não é um recurso ultrapassado, mas um recurso
adquirido e conservado. Por que o poeta não haverá de usar esse mágico
anzol de imagens? Diante das suas incriminações, Josino, desconfio muito
que você já utilizou a rima várias vezes... Mas em vez de pescar uma bela
acreiazinha, pescou um sapato de afogado, ou o próprio... Tente outras
vezes, sim?

INTEMPORALIDADE

Poderá imaginar-se coisa mais ridícula do que um deus vestido no rigor
da moda?

O LIVRO DE AREIA

Lendo Borges, El libra de arena. Narrado confidencialmente por interposta pessoa, nenhuma das suas máscaras consegue no entanto esconder o próprio Jorge Luis Borges, logo reconhecível pelo seu velho sestro de enveredar por sucessivos atalhos - enquanto a própria história fica palpitando para ser contada. Quem seria que disse que a linha curva é sempre O caminho agradável entre dois pontos? Creio que fui eu mesmo, referindo-me a outra coisa. E essas divagações são tanto mais agradáveis quando feitas na companhia de um Borges ou do nosso velho Machado. Aliás, Para que enredos? Não sou de mexericos. E humildemente confesso que, depois que perdi o hábito de ler novelas policiais, os enredos aborrecem-me soberanamente. Os enredos interessam só às madames viciadas nas novelas de IV ou às comadres novidadeiras. Quanto a mim - incapaz de atenção continuada -, não passo de um encantado leitor de entrelinhas.

Mas prometo solenemente que agora vou ler de verdade o livro de Jorge Luis Borges para ver o que é mesmo que ele queria me contar.

INCENSO

Defumação aromática para hipnotizar Nosso Senhor.

MEMÓRIA

I

Sentei-me nas escadarias do rei.
Passavam moças de cântaro ao ombro,
seu andar tinha o ritmo de um verso.
Se me perguntardes: "Quando?", eu não o saberia dizer.
Nem tampouco o meu próprio nome,
Nem como eram então as minhas vestes...
Eu era apenas um olhar na grave doçura da tarde...
Como o sol nos degraus.
Como a sombra lenta daqueles vultos sobre a tepidez do chão.

II

Eu me lembro também do cometa de Halley,
mas isto foi muito mais tarde,
uns milênios depois...
Também só depois é que eu soube eruditicamente
desiludido que se tratava de um cometa,
não propriamente o cometa de Halley,
mas o meu cometa!
O meu maravilhoso cavalo selvagem celestial,

Com a sua longa cauda vermelha atravessando ondulante,
de lado a lado, sobre o meio do mundo,
a noite misteriosa do pátio...
E se me perguntardes
por que fiz disto um poema
ou por que é isto um poema...
Eu não saberia dizer.
Um poema é feito às vezes de tão pouca coisa

Talvez porque, naquele tempo
(esquecida lição de poesia),
o cometa de Halley não se contentava em parecer um cavalo:
o cometa de Halley era um cavalo!

PERCALçOS DA POSTERIDADE

O mais irritante de nos transformarem um dia em estátuas é que a
gente não pode coçar-se.

ACIDENTE DE RUA

Estou folheando revistas, no stand. Um velho senhor, de ar respeitável,
aborda-me:
- Mario, quero apertar-lhe a mão. Primeiro, por ser quem é... Depois,
porque é cobrado.
- Mas eu não sou cobrado. Sou colorido... Sou o Corujo Colorido.

VALOR ESTIMATIVO

O meu velho amigo Julião, homem de muitos guardados e segredos, tira
do bolso a cigarreira. Espanto-me: de um verde pálido e tauxiada de ouro,
era simplesmente horrenda. Ele surpreende a minha expressão. Gagueja:
- É... é de um valor estimativo.
- De algum querido tio-avô defunto? arrisco.
- Não.., não... é que quando a vi na vitrine, tão feinha, tive pena e...
Bem: aqui está ela!

E POR FALAR NISSO

Depois do caso anterior, que pertence à realidade imaginária,
lembreime de outro pertencente à realidade propriamente dita, ocorrido neste
mundo onde estás lendo este livro. Acontece que escrevi um soneto que
assim principiava: "Como essas coisas que não valem nada e parecem
guardadas sem motivo (alguma folha seca, uma taça quebrada...), eu só
tenho um valor estimativo." Pura afetação de modéstia, dirias... Mas tive a
modéstia de o mostrar um dia a Cecilia Meireles. Ora, minha amiga
imPlicava com os "como" em poesia; dizia ela que a comparação dividia um

687

verso em duas partes, ficando a realidade à esquerda e a sua aura poética à direita, quando ambas deviam estar fundidas. Pois bem, o meu soneto ainda tinha o agravante de ostentar o "como" logo no princípio. De modo que Cecilia sorriu e comentou:
- Mario, aonde é que você vai parar com esse regime alimentício, comendo folhas secas, taças quebradas, coisas assim...?
Resultado: jamais publiquei o tal soneto, que aliás não era lá essas coisas e deve estar dormindo um merecido sono nos arquivos do Correio do Povo.

CONTO QUOTIDIANO

Os sapatos - principalmente os sapatos dos solteirões - têm vida própria: pela manhã é preciso uma verdadeira ginástica para desentocar um que foi se esconder debaixo da cama, como um ladrão, ao passo que o outro está muito sim-senhor, bem no meio do quarto. Se a coisa continuar assim e o dono ainda viver muito, ele um dia terá de caçá-los como grandes baratões subindo pelas paredes. Ou então parados calmamente no teto, de cabeça para baixo.

BOTÂNICA

Esses decantados lírios dos poetas românticos, só mesmo quando heraldicamente estilizados, como flores-de-lis, nos brasões, jaezes, flâmulas, mantos reais... Ao natural, são francamente obscenos.

AVAREZA

Os momentos mais belos de nossa vida, desconfio que ficam para sempre esquecidos, porque a memória, essa velha avarenta, os rouba e guarda a sete chaves no seu baú.

TRANSFIGURAÇÃO

Essas insignificâncias que nos sobem às vezes do fundo do passado têm no entanto não sei que aura misteriosa: são como um par de sapatos velhos pintados por Van Gogh.

688

MENSAGEM

E quem decifrará esse belo poema chinês que os pauzinhos de chá traçam para nós no fundo da taça?

ORTOGRAFIA TRANSCENDENTAL

Alucinação deveria escrever-se com "h". Olhem só: halucinação! Não é mesmo? Tanto mais que, desde que os antigos fantasmas o perderam, o "h" é uma letra fantasmal.

AMEAÇA

As dentaduras expostas nas montras de artigos protéticos parecem dentaduras de antropófagos.

CRÔNICA

O Objeto Amado olha-me de relance.
Meu Deus, como ele é antiquado!
Há uito tempo não se namora com os olhos.
Há muito tempo não há mais romance.

Fluía antes um longo desejo
pelo TSF da distância.
E havia gente que guardava um olhar
por toda a vida, como uma jóia intransmissível.

E tudo era como nos livros e nos filmes
enquanto estes não copiavam a vida.
Como não há suspiros, foram-se os poetas líricos...
O mundo ficou com uma corda a menos.

EPÍGRAFES

Há gente que só escreve pondo uma ou duas epígrafes entre o titulo e o texto. "Será", digo eu comigo, "que não podem pensar por conta própria?".
Mas um diabinho verde segreda-mi ao ouvido:
- O que te arrepela é que as citações não sejam tiradas de ti...

A HARMONIA DAS FORMAS

Antes, elas eram violões. Hoje viraram violinos. Naturalmente, continuam raríssimos os Stradivarius...

MAU HUMOR

Os que metem uma bala na cabeça retiram-se deste mundo batendo
com a porta.

INVENÇÕES

Depois que criou a máquina dos mundos, Nosso Senhor espantou-se
muito:
- Ué! Será que eu consegui descobrir o moto-contínuo?!

O VELHO POETA

O Velho Poeta... um velho poeta... ah! não é o que vocês pensam... Não,
ele não está comodamente sentado em cima dos louros, sem espetar-se.
Felizmente a inquietação continua: ele nunca sabe se o seu próximo verso
vai sair bom mesmo ou tão comovedoramente ruinzinho como os
primeiros versos que fez em menininho. E o velho coração continua.., curtindo
sempre um eterno e penúltimo amor.

PREFERÊNCIAS

O público ledor é sugestionável, grandemente propenso a intoxicações:
a imensa voga que teve na América um Vargas Villa e, na Europa, um
D'Annunzio... Ninguém mais escuta esses megafones.
E, por aquela época, o público brasileiro adorava quem escrevia difícil.
É verdade que hoje ninguém lê Coelho Neto. Mas que tem isso?
Surgiram outros... E que outros! Nem é bom citar.

DA IMPARCIALIDADE

A imparcialidade é uma atitude desonesta. De duas uma: ou o imparCial
está mentindo, traindo acaso as suas mais legítimas preferências, ou então
não passa de um exato robô, mero boneco mecânico sem opinião pessoal,

sem nada de humano. Aquela frase de Voltaire, tão citada: "Não creio uma
só palavra do que dizes, mas defenderei até a morte o teu direito de o
dizer" é uma das coisas mais demagógicas que alguém já poderia ter
proferido; se achamos que algo é nocivo, meu Deus, como conseguiríamos
dormir tranqüilos sem evitar sua propagação? Felizmente para Voltaire, a
sua vida toda foi um desmentido a isto, e até hoje nos admiramos da sua
corajosa parcialidade.
Quem começou a desmoralizar o conceito de imparcialidade foi, se
não me engano, Pôncio Pilatos, que apenas desempenhou uma pontinha
na História... Mas que pontinha! Todavia, a verdadeira imparcialidade não
deve ser essa de Pilatos, tão cômoda e tão cara aos hedonistas. Mas sim a
do reconhecimento e proclamação da verdade própria, ou da própria
verdade, antes, acima e apesar de tudo. E como o leitor em geral adora fatos
e boceja com idéias, exemplifiquemos, para terminar, com dois casos da

última Grande Guerra.
Von Braun, quando o instaram para que apressasse, inventasse, descobrisse, o quanto antes, por motivos óbvios, um novo foguete V2, ou melhor, um V3, respondeu aos chefes nazistas: "Que importa quem ganhe a guerra? Eu quero é ir à Lua!".
E, por sua vez, o prefeito de Nagasaqui, Tsume Tajawa, após o bombardeio atômico de sua cidade, declarou: "Se o Japão possuisse o mesmo tipo de arma, tê-la-ia usado".
Eis aqui duas imparcialidades: uma subjetiva, a outra objetiva, uma idealista, a outra realista.
Só resta discutir o que você teria feito se estivesse na pele de Pôncio Pilatos.

EDIFICANTE POEMA ESCRITO EM PORTUÑOL

Don Ramón se tornó um pifón:
- bebia demasiado, don Ramón!
Y ai volver cambaleante a su casa,
avistó en el camino:
Un árbol
y un toro...

Pero como veia duplo, doo Ramon
Vio um árbol que era

y un árbol que no era,
un toro que era
y un toro que no era.
Y don Ramón se subió ai árbol que no era:
Y lo atropeló ei toro que era.
Triste fim de don Ramón!

Os RETRATOS

O pior de nossos retratos é que vão ficando cada dia mais jovens.
E chega um dia em que parecem nossos filhos...
E a gente os olha comovidamente, como se houvessem morrido há muito, em plena mocidade. Os pobres-diabos!

ACEITAÇÃO

A evidência da redondeza da Terra, na respectiva época, não afetou a ninguém: foi como se houvessem enrolado um tapete um belo tapete imageado que estava antes estendido no chão.
Em nossos dias, a quem foi que afetou a nossa ida a Lua? Magrinhice? Não, mesmo! É tal como nos sonhos, onde enfrentamos as mais incríveis aventuras sem o mínimo espanto...
E não pensem que os próprios santos se sentissem muito vexados só

porque o gentio aceitava os seus milagres como quem bebe água. Eles também achavam que os milagres eram a coisa mais natural do Outro Mundo.

A BEM-AMADA NA PRAIA

Sua bundinha
Deixou na areia
A forma exata
De um coração...

ZÔO

O que há de errado nos jardins zoológicos é que os animais ali são os mais variados desde o elefante à tataritaca ao passo que o espetáculo que lhes apresentamos em troca é sempre o mesmo bicho, isto é, a gente.

GÊMEOS

Não gosto de gêmeos... Eles nos dão a mais profunda impressão da nossa condição de animais... parecidíssimos uns com os outros.

Do SOBRENATURAL

Tudo o que acontece é natural - inclusive o sobrenatural.

TÃO SIMPLES

A verdadeira coragem consiste, apenas, em não nos importarmos com a opinião dos outros... Mas como custa!

O ASSUNTO

E nunca me perguntes o assunto de um poema. Um poema sempre fala de outras coisas...

AH!

Ah! esses moralistas... Não há nada que empeste mais que um desinfetante.

ESPARADRAPO

Há palavras que parecem exatamente o que querem dizer.

"Esparadrapo", por exemplo. Quem quebrou a cara fica mesmo com cara de esparatrapo. No entanto, há outras, aliás de nobre sentido, que parecem estar insinuando outra coisa. Por exemplo: "incunábulo".

ESCREVER

Se alguém nota que estás escrevendo bem, toma cuidado: é caso de desconfiares... O crime perfeito não deixa vestígios.

A IMAGEM E A HORA

Quando a imagem no espelho deixar de sorrir-me ironicamente, saberei que chegou a hora em que não mais importa o que eu pense dela, Ou ela de mim.

CERTA VEZ

Certa vez, quando desejávamos aflitamente que algo não acontecesse a uma pessoa muito querida, me lembro de que um de nós murmurou: "Ah! se a gente pudesse rezar sem fé..."
Talvez já fosse um princípio de fé, não sei, mas, por outro lado, quem sabe se uma oração sem fé não teria mais valor?
Imagina um São Francisco de Assis que fosse ateu... Não seria muito mais santo?
Fazer o bem na Terra sem creditá-lo no Céu.
Isso me faz lembrar também uma coisa que me ocorreu há muito tempo e de que tomei nota para usar oportunamente: "Preocupar-se com a salvação da própria alma é indigno de um verdadeiro gentleman."
Ai de mim, a ocasião oportuna era aquela mesma em que a anotei.
Agora não tem sentido. Gentleman? Não se usa mais.

PERGUNTAS

Não têm sentido essas perguntas que mandam fazer nas pesquisas: qual o maior poeta, por exemplo. Cada poeta é o maior. Porque não há grandes nem pequenos poetas. Há apenas os que são e os que pensam que são. Estes não contam; quanto aos verdadeiros, cada qual é o grande, aliás, o único poeta do país de si mesmo.
O Augusto Meyer, que no outro dia estive relendo, e sabe Deus com que saudade, é o grande poeta da Meverlândia - claro país onde os caminhos (bisbilhos d'água, cicios, verde avenca do barranco) levam simplesmente à alegria de andar.
Não esquecer que nessas estranhas geografias há países pobres, desertos até... Por vezes se trata de um mero fundo de quintal, cheio de cascalho, carrapicho, latas velhas, garrafas quebradas e outras miudezas, com o poeta no meio sozinho, ciscando...

694

LAR

Choro de crianças, ladridos de cachorros, cacarejos de galinhas, gritos de mulheres chamando os filhos - este o pano de fundo dos lares antigos. Nos lares modernos, o pano de fundo é esse locutor exibicionista que se julga o próprio espetáculo da TV, essa histeria das torcidas, os vencidos a explicarem depois, arrastadamente, por que é que perderam, quando o óbvio deveria ser apenas porque os outros jogaram melhor.., e, ainda e sempre, essas propagandas comerciais, cuja insistência, afinal, nos consola, porque só fazem ficar a gente com uma bruta raiva dos produtos anunciados, enquanto eles, os técnicos da comunicação, nem desconfiam de nada...

NÃO FAÇAM Isso!

Ao que consta, pretendem retirar a língua francesa do currículo escolar. Isso me faz lembrar uma amiga minha que foi para a Alemanha apenas sabendo francês. Como eu lhe observasse que era pouco, ela retrucou:
- Não vale a pena conhecer alemães que não saibam francês.
Na verdade, o que devemos à França não é a cultura francesa, é a cultura universal. Toda obra, para universalizar-se, teria de passar pelos tradutores franceses. Se não fosse a França, o mundo ocidental teria perdido Dostoiévski. Imagina só o que teríamos quanto ao conhecimento da alma Senão conhecêssemos Dostoiévski. Nada.
Ou quase nada, acrescento a tempo. Pois acabo de lembrar-me de Shakespeare.A minha queixa, porém, é contra os americanos.
Já disse e repito que, se há males que vêm para bem, há bens que vêm para mal. Exemplo: os Estados Unidos ganharam a guerra. Resultado: o povo, em geral, só lê os best-sellers americanos que eles nos impingem. São tão ruins que chego a desconfiar que sejam apenas literatura de exportação.

PARA A TUA COLEÇÃO DE MISTÉRIOS

Uma fotografia é sempre um retrato de defunto. Por isso é que as perSOnagens do século XVIII para trás nos parecem tão vivas. Foram pintadas e não fotografadas.
E, quanto a esses antigos profissionais que nos tiravam instantâneos na rua, eram, sem exceção, uns bandidos impunes: viviam de nossas mortes Súbitas.

695

POLUIÇÃO

Eis aí uma das coisas que me fazem duvidar dos efeitos maléficos da poluição: os ratos. Não há bicho - e neste caso um mamífero como nós

- que viva em ambiente mais poluído do que eles: esgotos etc. Pois bem, nunca vi um rato magro. São todos gordos, ágeis, luzidios e com esse ar de boa disposição que apresentavam na década de 20 os artistas cinematográficos, especialmente quando no papel de bandidos mexicanos - uns boas-vidas, em suma.

CAPRICHO E CAUTELA

Ontem, à noite, como eu esteja relendo e às vezes refazendo os poemas posteriores ao cinco primeiros livros reeditados em Poesias, ontem, dizia eu, tanto experimentei um verso que tinha feito que ele acabou ficando com gosto de mata-borrão mastigado... Para que experimentar tanto? Nem nosso amigo e mestre Dom Quixote era assim. Bem deve estar lembrado o leitor de que ele provou duas vezes, com resultados fatais, O seu improvisado capacete, mas na terceira desistiu e resolveu usá-lo assim mesmo...
Que havemos de fazer? Um poema só termina por acidente de publicação ou de morte. Contentemo-nos, pois, com a publicação. À publicação é aqui e agora. Me lembro de que certa vez um editor me encomendou uma antologia minha. Passados seis meses, mandou cohrar a encomenda. "Mas como?" respondi eu, "como posso publicar um Livro só com dezesseis ou dezessete poemas?".
Talvez essa resposta tenha sido resultado do conúbio do orgulho com a preguiça. Mas a verdade é que cada livro que publiquei já era mesmo uma antologia: cada 35 poemas representavam o sacrifício inexorável de maiS 55, segundo os meus cálculos. E, como expliquei certa vez a uma pesquisadora atônita, este é o segredo da minha beleza. Bem feito! Pois a pergunta
da pesquisadora era a seguinte:
- Seus poemas já saem prontos ou requerem lima (sic)?
Ora, não se trata de "lima", que traz a idéia desmoralizante e manicurística de polimento, brilho.
Nada de brilhaturas. Nada de elegantes passes de esgrimista. Não é uma dança. Um poema é um soco na alma do leitor.

O ÉRICO

Escritas antes, para comemorar os seus setenta anos, as palavras seguintes saem hoje dolorosamente ainda com a presença física de Erico Verissimo. Foram escritas para ele as ler. Isso explica o tom com que as escrevi. E que conservo, Deus sabe por quê.
É como se nada tivesse acontecido. Porque a morte nunca desatualizou ninguém, e muito menos o nosso querido Erico.
"Quando, com os da minha geração, que era a dele, eu conheci o Ericú, ficamos a chamá-lo para sempre e assim mesmo: o Erico. O mesmo aconteceucom as outras gerações.
Como ele é, antes de tudo, uma presença humana, essa familiaridade explica-se por si. Ele está conosco é o que pensam. O raio do homem consegue ser contemporâneo de todas as gerações.
Pois não será esse, acaso, o segredo de um verdadeiro romancista?

Por isso é que ele entra agora na casa dos setenta com a mesma afoiteza e curiosidade com que entrou na casa dos vinte, de olhos bem abertos para a vida. A vida continuou. Ele tambem. Sempre em dia com ela.
Aliás, a vida está sempre em dia. Essa obsessão de contar o tempo, deixemo-la para os relógios, máquinas inumanas. Deixemos, pois, a casa setenta - uma abstração - e entremos na acolhedora casa do Erico.
Aceitemos a rodada de cafezinho que dona Mafalda nos serve. Olhemos em torno. Há sempre lá novas caras. Há sempre alguém falando, um visitante, é claro, e o Erico escutando.
Ele sempre soube escutar.
Não sei o que ele pensava de nós, os da sua geração, quando o conhecemos. Mas nós o achávamos diferente. Desconfio que esse adjetivo não deve agradar lá muito a quem quis sempre comungar. Emendo, em tempo e a bem da verdade: cada um de nós é que queria ser diferente. Ele era igual. Ele era ele, sempre foi ele.
Alguém que soube dar um honesto testemunho do mundo de si mesmo aos homens.
Agora compreendo. Foi essa integridade que nos atraiu, naqueles longes tempos... E que, até hoje, continua atraindo os seus leitores.

ESTADO NATURAL

Evito filmes que se passam ao ar livre e, nos livros, leio Com impaciência OU deixo de ler as descrições da natureza. Natureza, só mesmo em telas, onde não ha pó nem insetos nem incômodas flutuações atmosféricas. Mas,

aqui, é o que bem sabeis; no verão parece que estão preparando uma sopa conosco e no inverno e como se estivessem fazendo uma batida de gente dentro de um liquidificador. Me sinto a salvo é no silêncio do quarto, onde a lâmpada, meu sol de cabeceira, projeta o seu cone de luz no papel em que escrevo. Não me chamem de artificial... Tambem voces já saíram ha muito do "estado natural" do analfabetismo.

PRIMEIRAS LEITURAS

As minhas primeiras leituras em matéria de romance foram uma coisa muito engraçada: o primeiro volume das Minas de prata, de José de Alencar, o primeiro volume de A família Agulha, creio que de Bernardo Guimarães. Por onde andariam os segundos volumes? Minas de prata foi um mundo encantado, porque não era o mundo da nossa época. A Família Agulha até me dava dor do lado, de tanto que me fazia rir. Ah! aquele irresistível personagem, a dona Quininha Ciciosa... Não, não vou dizer que, quando eu estiver para ir-me, quero que me arranjem os dois volumes completos de cada obra. Parece que, desde então, compreendi que o enredo é o pretexto, e o essencial, a atmosfera. Ë que a insatisfação faz parte do fascínio da leitura. Um verdadeiro livro de um senhor autor não é um prato de comida, para matar a fome. Trata-se de um outro pão, mas que nunca sacia... E ainda bem!

TENTATIVA DE DEFINIÇÃO

O homem é o animal que pensa noutras coisas.

SEM TÍTULO

Os tradutores lusitanos têm o bom costume de aportuguesar os nomes
estrangeiros. Estou lendo uma novela policial da Editora Bertrand e eis
que espanta-me um "Teerão", porque me pareceu "terão" pronunciado por
um gago, mas logo vi que se tratava da nossa orientalesca Teerã. Nossa
digo eu, porque nos acostumamos a amar o Oriente das Mil e uma noites
da nossa infância e não esse que aí está agora a nos serrar de cima. Tirante
isso, têm razão os portugueses em enxertar as palavras estrangeiras no
tronco sonoro da língua do ão. E tanto isso não me causa espécie alguma
que até guardei na memória sem querer um poema de Raimundo Correia
(ou de Alberto de Oliveira?) que assim começa:

"Na áurea taça em que bebia,
Hafiz, o poeta do Irão,
viu que no fundo se erguia,
certa vez, uma visão".
Mas nisto de vernaculizar nomes próprios, muito mais longe vão os
espanhóis. Num livro lá deles, topei com uma Juana de Arco, que assim à
primeira vista me pareceu uma artista de circo, quando se tratava de Joana
d'Arc, tão querida de todo mundo que, com exceção dos hereges ingleses,
ainda não nos acostumamos a chamá-la de santa.
Pois bem, a história que estou lendo começa em Teerã, onde é
assassinado um respeitável espião do Serviço Britânico, o qual deixa uma filha,
sendo encarregado de deslindar o caso um cavalheiro solteirão o que
me enche de horror, pois o novelista pode cometer a vulgaridade de casá-lo
no fim com a mocinha. Vai ser o teste decisivo, que não sei quando
poderei fazer, pois tenho o costume de ler ao mesmo tempo uma novela
policial, uma de ficção científica, um volume de ensaios, um de poesia etc.
Passo de um para outro, quando não me dá na telha deixar tudo de parte,
pegar num lápis e na prancheta e escrever um poema. Tudo isso na cama
e noite adentro, enquanto, para não fumar no quarto, como barras de
chocolate; findas as quais, acendo um cigarro.
Bem que eu gostaria que o tal detetive lesse estas linhas, para atentar
nas vantagens hedonísticas de continuar solteiro.

DESAPARECIMENTOS E APARIÇÕES

Há pessoas com quem te habituaste a falar na rua e que desaparecem
de súbito como esses reflexos ocasionais do tráfego.
Em compensação, há as que não morrem nunca, ao que parece.
E, refletindo sobre isso, abanas a cabeça e suspiras...
Queres uma letra para o teu suspiro?
Aqui vai:

A morte é a única coisa incerta que existe.

DE COMO A HISTÓRIA SE REPETE

Emilio de Menezes deu a um livro seu o título de Últimas rimas - o
que foi uma imprudência, pois veio a morrer pouco depois. Também!
quem o mandou confundir poemas com rimas? Julgava-se um milionario
das mesmas, porque dava preferência às ricas para o seu harém.

Foi o que aconteceu à Edmond Rostand, cujos últimos anos
transcorreram em neurastenia, glória e consumpção. Basta reler os alexandrinos,
digo, as rimas de "L'aiglon", para ver o quanto lhe teriam custado aqueles
guizos de ouro - quando "L'aiglon" já era por si mesmo um poema de
pungente beleza, que dispensa ornamentos.
Só que certos poetas de hoje se esbaldam em trocadilhos, coisa ja por
demais infame em prosa chá, imagine-se em poesia!
No entanto, o bom, o velho, o gordo Emílio, quando se dispunha a não
fazer as suas "coisas sérias" e divertia-se com as sátiras dos "Deuses em
ceroulas", que vida, que graça correntia tinha ele!
Como se vê, uma bela vocação perdida...

O HIBERNÁRIO

A posteridade é muito comprida. Dá um sono...
Por seus intermináveis corredores de cemitério vagueiam, bocejando,
umas quantas almas penadas. Porque dormir não podem, com aquelas
coroas de glória a fulgir intermitentemente cada dez, cinqüenta, cem anos...
Tudo por causa dos suplementos dominicais - pensam as pobres
almas-vaga-lumes -, esses suplementos tão dados a números
comemorativos, festivos, ressuscitativos... uma estopada também para os leitores,
que
gostam de crônica de vários assuntos.
E o que mais arrelia a esses imortais, o que os faz orar de ridículo, é
quando resolvem comemorar-lhes o sesquicentenário! Como se lhes
dessem uma glorinha de lambujem... Por causa das dúvidas.
Mas isto só acontece uma vez na morte.
Em contrapartida, há essas que nada têm de almas penadas. São
poucas. Contam-se pelos dedos da mão: um Shakespeare... um Paulo de Tarso...
Quem mais?
Faça o leitor a sua lista.
Essas almas ainda bem quentinhas - tão de carne e osso -, essas a
gente até desconfia que elas nunca foram para o hibernário.

O MEU AMOR É BELO COMO UM BARCO

Isto, que era para ser um poema, ficou nesta linha unica:
"O meu amor é belo como um barco."
Não veio nenhum verso depois, da mesma forma que não viera

nenhum verso antes.

700

Ora, por que motivo não poderíamos fazer poemas de um único verso? Ganharíamos assim dos nossos oblíquos amigos japoneses, que os compõem de três versos: os haikai. Três versos, que desperdício! Verdadeiros exercicios de síntese, esses universos constituiriam uma verdadeira cilada para os preguiçosos, visto que demandaria mais trabalho armar poemas em um verso do que em trezentos.
Por outro lado, um poema de uma linha é claro que pouparia tempo ao leitor, cidadão apressado e impaciente por natureza. Isto aparentemente. Porque o verso agiria como uma pílula: o efeito viria depois.
Lembra-se o leitor daquelas bolinhas de papel de seda que os japoneses (sempre os japoneses!), que os japoneses vendiam e que a gente colocava dentro de uma bacia d'água e que, de bolinhas enrugadas que eram se abriam em flores, em multicoloridas figurinhas geométricas? Sua expansão, ou "expressão", dependia, pois, de veiculo apropriado, da mesma forma que a aura dos poemas de um só verso dependera da sensibilidade do leitor.
Resta-me saber como se chamam, em japonês, as ditas pilulazinhas de papel. Apenas para lhes dar uma denominação, um nome, coisa essencial em magia, porquanto a arte do verso é um ramo das artes mágicas.

O RETRATO DE EURÍDICE

Não sei por que há de a gente desenhar objetivamente as coisas: o galho daquela árvore exatamente na sua inclinação de 47 graus, o casaco daquele homem justamente com as ruguinhas que no momento apresenta, e o próprio retratado com todos os seus pés-de-galinha minuciosamente contadinhos... Para isso já existe a fotografia, com a qual jamais poderemos competir em matéria de objetividade.
Se tivesse o dom da pintura, eu seria um pintor li rico. Quero dizer, o modelo serviria tão-só de ponto de partida.
E se me dispusesse a pintar Euridice, talvez viesse a surgir na tela um hastil, o arco tendido da lua, um antílope, uma flâmula ao vento, ou uma forma abstrata qualquer, injustificável a não ser pelo seu harmonioso ímpeto em câmara lenta, pela graça da linha curva em movimento, porque Euridice afinal é tudo isso... É tudo isso e outras coisas, que só os anjos e os demônios saberão.

701

O BUGRE E NÓS

Lia-se nos tratados de psicologia que o selvagem é incapaz de pensamento abstrato: tem noção do que sejam Oito homens, oito árvores, oito flechas, mas falta-lhe a noção abstrata do número oito...

Ora! nós também não temos noção abstrata do número oito. Quando pensamos oito, estamos "vendo" muito concretamente, a forma do algarismo "8". Onde é que está a abstração? Somos bugres, querido leitor, continuamos bugres, não evoluimos coisa nenhuma... O que fizemos, nessa decantada prova dos oito, foi apenas uma cômoda transposição de imagens. E os matemáticos, esses principalmente, não sofrem em absoluto dessa angústia do infinito que às vezes se apodera de qualquer um de nós quando olhamos, por exemplo, para o céu estrelado, a pensar os mesmos lugares-comuns que vínhamos casualmente pensando há tantos milênios...
Os matemáticos estão libertos de tais perplexidades, porque, para eles, o infinito não passa de um oito deitado.

O MENINO E O INFINITO

Quanto a mim, a coisa que primeiro me despertou a noção e a angústia do infinito foi um potezinho de pomada Cymbeline. Tinha eu uns quatro para cinco anos, e o que me intrigava no pote de Cymbeline era que a moça do rótulo segurava entre os dedos um pote de Cymbeline, em cujo rótulo outra moça segurava outro pote, que... que... que... Neste ponto meu pobre espírito gaguejava de assombro e terror pois aquilo era uma coisa perfeitamente lógica e absolutamente inconcebível.
Depois dessas crises metafísicas provocadas pela noção do infinitamente pequeno, confesso que nunca cheguei a me impressionar muito com os arroubos de meus professores de cosmografia, a propósito das fabulosas distâncias estelares.
Como me acostumara a olhar o infinito de alto a baixo, por assim dizer, achava tolo abrir a boca diante dessas distâncias astronômicas, em verdade "fabulosas" no sentido etimológico do termo. As distâncias não são grandes: nós é que somos pequenos... Que culpa têm disso os espaços siderais?
Por isso a astronomia me pareceu uma ciência para basbaques. E issO de infinitamente grande e infinitamente pequeno é tudo a mesma coisa: o homem é que se meteu no meio, para atrapalhar. E o bacteriologista é um astrônomo às avessas: espia pelo outro lado do canudo...

POEMA CHINÊS

O vento. O rio. A asa. A estrada. O joelho. O riso. Com isso poderias compor 999 poemas.
Mas basta compor um filho.

ORRE!

O que mais me atucana nas novelas de TV é que os agonizantes levam um tempo enorme para morrer.

AINDA A TV

Mas - dramalhão por dramalhão - por que não os de Shakespeare?!

SETE ANINHOS

Hoje ganhei o meu dia. Sabem por quê?
Maria da Graça avista-me na porta do café, atravessa a rua ao meu encontro, ofereço-lhe uma coca-cola, um sorvete, qualquer coisa para o gosto dos seus sete aninhos. "Eu só vim lhe dar um oizinho", diz ela.

A PERFEIÇÃO DA VIDA

Leitura de Le rouge et le noir. A força que fazia aquele pobre rapaz para Ser mau... Um espetáculo comovedor! Aos moços, aos adolescentes, muito lhes deve ser perdoado, porque eles pensam que sabem o que fazem. Quanto aos homens feitos, são outros quinhentos: estes sabem mesmo o que estão fazendo. Nada de contemplação com eles.
Mas eu estava falando era nos moços e em verdade vos digo que a qualidade de suas almas nada tem a ver com o que eles praticam. Conheci, fui amigo de algumas ovelhas negras de famílias respeitáveis, daquelas cujos chefes tinham uma cara impenetrável de bustos de praça pública. E, quando a tia de uma dessas vergonhas lamentava para mim o procedimento do Sobrinho, eu tive até a coragem de lhe dizer:
Mas dona Maria, o sem-vergonha do Joaquim vale mais do que toda a"seriedade" dos irmãos dele.
Claro que a velha não entendeu. Era uma dessas tias solteironas, e com

isso eu já disse tudo. Parece que os tempos estão acabando com as solteironas - essas antigas vestais da sociedade, que elas dominavam com o seu dedão:
- Isto não se faz! Isto não está direito! Onde já se viu uma coisa dessas?!
Neste ponto, ia eu suspirar aliviado, quando me dei conta de que elas não se acabaram mesmo. Ainda as há, e de todos os sexos e idades . São essa gente que dita o que tu deves fazer, esses críticos que dizem como deves escrever.
As velhas tias são eternas.
Melhor seguires o teu caminho com o teu próprio andar. Sem dar ouvido à boca do mundo. Mas como é difícil! Por isso mesmo é essa a perfeição da vida.

INTERIOR

As persianas, entrefechadas, deixam passar uma réstia de sol, onde zumbe uma mosca. Silêncio. Somente, na ultima prateleira, há um velho boião que diz: "Viva Dom Pedro Segundo!" única nota exclamativa neste siléncio tecido e não interrompido, pelo zunzum da mosca em seu vaivém. Minha faca corta silenciosamente como em sonho uma fatia finíssima de queijo. O queijo é loiro. O chá... é cor de chá. Há momentos em que as coisas são intensamente o que são e dispensam os adjetivos. Adeus, metafísicas. O queijo tem gosto de queijo. A vida tem gosto de vida. Tudo é

definitivo. O boião, lá no alto da prateleira, continua da mesma opinião.

SONHO

Um poema em que não se notasse nem a suspeita ênfase da
simplicidade e que, ao lê-lo, nem sentirias que ele já estivesse escrito, mas que fosse
brotando, no mesmo instante, de teu próprio coração.

LIBERDADE

O preço da poesia é a eterna liberdade...
E aderir a determinada escola poética é o mesmo que internar-se,
VOluntariamente, num asilo de incuráveis.

704

TRANSFERÊNCIA

Dar conselhos traz sempre um grande alívio porque nos desobriga de
os seguir.

NÃO ESTÃO ALI

Um tenaz resquício do paganismo, essas costumeiras visitas aos
túmulos, isto é, em vez do culto dos mortos, o culto dos cadáveres - quando o
verdadeiro crente bem deveria saber que eles não estão mais ali.

EM TODO O CASO

Em todo o caso, nada mais vivificante do que o pensamento da morte.
Não terá sido este o próprio segredo da espantosa evolução do homem
- das cavernas aos astros?
Por isso é que os animais, por não saberem que vão morrer um dia, não
inventaram nada, não progrediram, continuam no mesmo ramerrão.

O COPO D'ÁGUA

Numa sessão de autógrafos, logo que esta se prolonga, acontece-me
ficar com a goela seca - o que me faz solicitar o clássico copo d'água dos
conferencistas. Sinal de que a gente pensa mesmo é com palavras, as quais
a garganta vai acompanhando inaudivelmente subliminarmente por
assim dizer. Essa interligação dos sentidos já deve ter sido estudada
pelos cientistas, que nunca leio não só por incompetência como por minha
Salutar preguiça, em vista da sua mania de provar exaustivamente o que
afirmam, em vez de revelar simplesmente a coisa, à mágica maneira dos
Poetas:
"Les parfums, les couleurs et les sons se répondent."

Este verso me faz evocar outro poeta, Rimbaud, com aquele seu famoso
soneto das vogais, que tantos rios de tinta fez escorrer a propósito da
audição colorida. Já aqui entra muito de subjetivismo. Euclides da Cunha,
Por exemplo, disse que "urubu" é a palavra mais negra que existe, com o
que a gente logo concorda, lembrando túmulos e outras coisas lúgubres,
Sem esquecer o sapo cururu, de cujos três u u u soube tirar tão belo efeito
O velho Manuel Bandeira.

705

Pelo visto, a nossa tese vai dando certo...
Mas, ó incauto leitor, eis que topas de repente com a palavra "luz".
Apesar da sua negra vogal, o seu claro sentido a ilumina inteiramente.
É uma
palavra que não acredita em luto.

DA ARTE DE SOFRER

O sofrimento dos poetas é muito relativo. Pois se um poeta consegue
um dia expressar as suas dores com toda a felicidade como é que
poderá ser infeliz? Camões, o velho Camões que o diga com suas imortais
penas de amor. Suas felizes penas de amor!

DAS VIAGENS

O encanto de viajar está na própria viagem.
A partida e a chegada são meras interrupções num velho sonho atávico
de nomadismo.
Por outro lado, dizem todas as religiões que estamos apenas de
passagem no mundo. E isto é que faz querermos tanto a esta vida passageira.

ESTAMPAS

Um sereno suicida ia descendo indolentemente o rio...
Um acidentado indiferente parecia estar dormindo no meio da estrada...
Um belo assassinado repousava a cabeleira pop no terceiro degrau de
uma escada de pedra...
Só pareciam feios, só pareciam sofrer os que estavam morrendo na
cama entre quatro paredes, há horas, há dias, há meses, há anos...

METRÔ

Há noites em que o túnel silencioso do sono é unicamente iluminado,
aqui e ali, pelos olhos verdes dos fantasmas.

PARA QUE SERVE UM CACHORRO?

Cão. O amigo do homem, dizem... tanto que, para contentar a seu

dono, chega a perseguir os outros animais. Em suma: um puxa-saco. Não confundir com cachorro.

Cachorro. Cria da casa, bom confidente e complemento das crianças.
Vira-lata. O último boêmio.
Será?... Todo esse apego do homem ao cachorro é porque o cachorro considera o seu dono o primeiro homem do mundo...
Mas para uma criança, criatura tão necessitada de todos, tão frágil e sozinha, um cachorro é um teste de amor desinteressado da parte dela.., é ter uma outra criatura que dependa - enfim! dos seus cuidados.
Antes de mais nada, um cachorro serve para a gente falar sozinho...
Que o digam esses errantes vagabundos de estrada, a quem pode faltar tudo na vida, menos um cachorro...
E essas velhinhas que ficam sem família...
E esses meninos de apartamento, que jamais tiveram um cachorro!

PERGUNTA

- Mas afinal, meu velho, por que nunca pensaste em casamento?
- Prefiro a solidão propriamente dita.

PALAVRAS E PALAVRÕES

Se você recorrer a um dicionário a fim de catar palavras difíceis para um discurso de paraninfo ou outras barbaridades, quando chegar a sua hora, cairá de chofre no inferno e os demônios o xingarão com palavrões que por enquanto ainda não existem na face da terra.

VELHA ESTAMPA

A última vez em que vi Clarimundo, lá vinha ele de guarda-chuva aberto, pelo meio da rua. Era um esguio cogumelo negro, meio de banda, andava sempre assim quando chovia: pelo chão pedrento, pois tinha um bruto medo das calçadas lisas e escorregadias.
Como numa seqüência cinematográfica, sua lembrança me ficou para Sempre ligada ao reflexo de um lampião mortiço nas poças d'água, e umas Vagas janelas de guilhotina, ao fundo.
Tinha um ar fiou, o vinco nasolabial acentuado como nunca traço incisivo na sua cara resignada de mata-borrão.

Os LEITORES DE PROUST

Marcel Proust não tem entrelinhas, explica tudo, sufoca o leitor, não o deixa respirar, não o deixa pensar.
No entanto, não escrevia para o grande público... Pois só o grande público é que gosta que um autor pense por ele.
Pergunta-se: os proustianos serão mesmo uma elite de leitores?

TEMA PARA INQUÉRITO

Quando as mulheres mudam de peruca, também mudam a cabeça por dentro?

As BENDITAS FILAS

O homenzinho que estava à minha frente na fila do sabão de coco dobrou o jornal, voltou-se para mim e disse:
- Não sei por que os jornais falam tanto contra as filas. A fila não é um problema, a fila é uma solução. Me lembro de que nos meus tempos de ginásio, quando as entradas para as matinês custavam trezentos réis, era aquela luta ombro a ombro nos guichês do Apoio! Venciam os guris mais fortes, os grandalhões, os "prevalecidos", como a gente dizia. Era o domínio da força bruta, o fascismo, meu caro senhor! Veja agora que beleza, olhe só esta fila: não é o grandalhão, socialmente falando, que chega primeiro ao balcão; é o que tem direito a isso, conforme o seu lugar na fila. Olhe, eu sou um barnabé, pois lá atrás está a cunhada do chefe, que até me cumprimentou, mas "conhece o seu lugar", compreende? Que é isso? Legalidade, ordem, democracia. Democracia, meu caro senhor. Não, a fila não é um problema, a fila é o orgulho da nossa civilização. Olhe, aquele velhinho que chegou por último e que se colocou atrás da preta velha, sabem quem é? Não sei, mas deve ser troço na vida...
Como eu não dissesse nada, o homenzinho prosseguiu:
- E depois, não é só isso. Se não fossem as filas, como poderíamos calmamente ler os jornais do dia (em casa é impossível, as crianças berrando, a mulher alegando), como poderíamos, dizia eu, ler calmamente os jornais do dia, nos inteirarmos dos problemas nacionais e internacionais, e refletir ponderadamente sobre as suas soluções? A fila é propícia à meditação e ao estudo. Ao estudo, sim. Disse isso porque um tio meu, que tem

fama de gira, aprendeu grego durante a fila do leite. Está vendo? Se todos fizessem como ele, poderiam, trazendo um livro para a fila, aprofundar seus conhecimentos, cultivar seu espírito, em vez de estar a bradar contra o Sistema que lhe proporciona esses úteis jazeres.
Eu continuava a não dizer nada porque acabara de ler no meu jornal a morte do Janjão. Era mais velho do que eu, não muito. E isso me dava a inquietante impressão de que eu já havia avançado mais um lugar na fila...

O APANHADOR DE POEMAS

Um poema sempre me pareceu algo assim como um pássaro engaiolado... E que, para apanhá-lo vivo, era preciso um cuidado infinito. Um poema não se pega a tiro. Nem a laço. Nem a grito. Não, o grito é o que mais o espanta. Um poema, é preciso esperá-lo com paciência e silençiosamente como um gato. Ë preciso que lhe armemos ciladas: com rimas, que são o seu alpiste; há poemas que só se deixam apanhar com isto. Outros que só ficam presos atrás das catorze grades de um soneto. É preciso esperá-lo com assonâncias e aliterações, para que ele cante. É preciso recebê-lo com ritmo, para que ele comece a dançar. E há os poemas livres, imprevisíveis. Para esses é preciso inventar, na hora, armadilhas imprevistas.

TRADITORI

E como são complicados esses que se empenham em traduzir (!) seus Pensamentos... Pois a palavra já não é o próprio pensamento? Acaso algum de vocês já experimentou pensar sem palavras?

COISAS QUE ANDAM NO AR

"Foi uma coisa que me passou pela cabeça", costuma-se dizer. E agrada-me esta expressão. uma coisa que nos passa pela cabeça me parece muito mais universal e portanto mais verdadeira do que uma coisa que flos sai da cabeça.

O GINASTA

um velho que tinha o cuidado de não pisar nas riscas das pedras da calçada... Segunda infância? Superstição? Ora, não sejas maldoso, leitor! Deve ser seu esporte predileto. E por que não? Já que ele não pode mais pular...

E TAMBÉM VAI PASSAR NA RUA

...uma negrinha tão esbeltinha que parecia o negativo de Brigitte Bardo...

DEPOIS

Depois veio ter comigo, ao banco de praça, alguém que imediatamente não reconheci. Ainda bem que não era do gênero perguntativo. Era expositivo, fluente, anestesiante.., O sábado passou, azul como uma vaca.

CONTRIÇÃO

Parece que estou hoje de mau humor. E daí? O remédio era livrar-me dele, expressando-o... Pena que não possa ter dito um palavrão dos bons, mas parece que também fui educado muito mal, lá em casa, segundo os

padrões moderninhos.

UMA ESTATÍSTICA

As crianças,
sem um tiro aliás,
e isso
é que tornava o caso ainda mais espantoso,
morriam mais do que índios nos filmes norte-americanos,
e quando a gente acaso perguntava, para se mostrar atenciosos:
"Quantos filhos a senhora tem, comadre?"
A comadre respondia, com ternura:
"Eu tenho quatro filhos e nove anjinhos".

OUTRA ESTATÍSTICA

Leio que certa cidade,
e olhe que não das maiores,
tem quatro milhões de almas...
Mas isso deve ser para atenuar a situação.
O que a cidade tem, no duro,
são quatro milhões de bocas!

Os PRETEXTOS E OS FINS

São muito raros hoje os suicídios por amor. Mas vai-se ver, nem por
isso diminuiu o número de suicídios. Deve ser porque, especialmente
nos áureos tempos do romantismo, o amor era um belo pretexto para
dar cabo da vida. Questão de moda. Os que têm vocação suicida acham
sempre uma desculpa, não tanto para enganar os outros, mas a si mesmos.
Qual, dentre eles, terá a coragem de ser o suicida puro? assim como quem
faz arte pela arte?
E, no fundo, sempre existiu a arte pela arte. Teorias? Escolas? A arte
sempre se aproveitou de todas elas. Da mesma forma que a poesia - quando a
poesia, mesmo, nada tem a ver com os seus pretextos.
Aliás, tudo é outra coisa.
Alguns acharão infeliz a aproximação entre a criação e o suicídio.
Embora não o tivesse feito de propósito, e sim ao correr das associações de
idéias,
alguma razão me sobra. É uma coisa que os amadoristas jamais
compreenderão, mas como dar vida a uma obra a não ser com a própria vida?

O GRANDE SORTILÉGIO

A magia das palavras num poeta deve ser tão sutil que a gente esqueça
que ele está usando palavras.

DA COMUNICAÇÃO IMEDIATA

Para o perfeito leitor, a palavra "árvore" não significa uma árvore: a palavra "árvore" é uma árvore.

A BOLA DE CRISTAL

Um dia um sensitivo encontrou-se com um colega. Achava-se este sentado a um banco de praça. Usava um daqueles grandes óculos pretos. E o que lhe restava da cara tinha uma expressão indecifrável.
- Que foi isso? Estragaste a vista?
- Sim, fui ver o meu futuro na bola de cristal e...
- Meu pobre amigo... É tão negro assim? Mas tinhas a obrigação de saber que nós os adivinhos nunca devemos saber o próprio futuro, porque pode dar certo...

- Pelo contrário. Tenho um futuro até luminoso, te juro... Vamos lá em casa que eu te mostro!
Mas eu não sou sensitivo visual, sou apenas auditivo. Há outras pessoas que são só olfativas, ou gustativas... Em todo o caso, não POSSO contrariar-te... Vamos!
E lá se foram os dois, um para ver, o outro para ouvir a bola de cristal.
Acomodada esta no seu suporte de veludo negro, seguiram rigorosamente o ritual: primeiro um padre-nosso e três ave-marias, por causa das dúvidas.
Depois as três mais fortes oraçÕes de São Cipriano.
Eis que de repente o auditivo ergue-se, tapa os ouvidos, urra:
- Meu Deus, meu Deus! Não posso mais...
Depois, mais calmo, explica:
- Meu pobre amigo... São as bombas nucleares da próxima guerra: as terríveis explosões da Terceira e Última Conflagração Mundial!
amigo baixou a cabeça, assentiu baixinho:
- Sim... Sim... Um futuro luminoso...

A FUNÇÃO

A função do poeta não é explicar-se. A função do poeta é expressar-se.

DIÁLOGO

Sabes? Senti-me abaladíssimo com certos testemunhos irrefutáveis da sobrevivência.
De fato, ao que parece, eles...
Sim, sim... Deus existe!
- Mas a imortalidade da alma não prova a existência de Deus...

O JOGO ETERNO

No dia em que já tiverem sido efetuadas todas as possíveis partidas de xadrez, ainda assim não se terão esgotado, neste mundo, os imprevisíveiS jogos de imagem da poesia.

As MÁS COMPANHIAS

Os eremitas deixam às más companhias pela má companhia.

RAUL BOPP

Esse (aparentemente) estranho caso de um extremo-sulino, Raul Bopp, ser assombrado, de ambos os sentidos, pelos mitos e cosmogonias do extremo norte desta vasta colcha de retalhos, costurada pela centralização do Império e pelo presidencialismo da República, é uma prova de que o verdadeiro regionalismo é coisa muito outra que não o bairrismo ufanista. Isso até me fez dizer que por aqui não há gaúchos: há gauchescos. Boca, por que não te calaste? Alguns bravos guascas dos cegetês me guasquearam de rijo.
Também pensei, mas não disse, que um verdadeiro gaúcho nem sabe que se chama gaúcho, só porque vim a encontrar em tempo em Jorge Luis Borges a mesma observação. Tolice minha... Como se a gente não pudesse dizer que 2 e 2 são 4 só porque outros já disseram antes!
Mas que importância tem isso? Tudo se apaga ao lembrar que temos Simões Lopes Neto, um regionalista cujos contos atingem gabarito universal.
Portanto, Raul Bopp, que não venham esses classificadores rotular-te de amazônico... a parte do mistério histórico que fez com que este nosso país, dividido em zonas tão diversas, também não se tenha dividido, por isso mesmo, em mil e uma republiquetas.
Este mistério, no teu caso, é apenas o milagre da poesia, que eternamente ignora limites. É o que eu tinha a dizer-te nos teus oitenta anos,
meu poeta, nosso poeta - grande poeta brasileiro.

Os INTERMEDIÁRIOS

Nunca me acertei bem com os padres, os críticos e os canudinhos de refresco.

ACHAQUES DE INVERNO

Dizem que, cada vez que a gente respira, morre um chinês. Quem tem
Um acesso de tosse mata muito mais chineses...

CADÊNCIA PRÓPRIA

Cidadão verdadeiramente livre é aquele que, andando pela rua, não se

Põe a marchar automaticamente ao rufo dos tambores.

CÉU DIFICULTOSO

Os citadinos olham o céu por um funil.

DON PEDRO MANUEL DE URREA

Houve um poeta espanhol, don Pedro Manuel de Urrea, que,
florescendo na época da invenção da imprensa, empalidecia só de pensar que
seus versos, com isso, corriam o risco de ser lidos "até mesmo nas adegas
e cozinhas"...
Diverti-me tanto quando li tal coisa que até tomei nota, como vedes.
Mas acaso terei o direito de rir?
A minha formação democrática não faz exclusões de classes, é verdade,
mas faz exclusões em todas as classes.
E, se o meu receio não é especificado, como o de don Pedro Manuel, é,
no entanto, geral e ecumênico.
Aliás, a culpa não é minha...
Pois só posso contar, em todas as classes, com as exceções, com aqueles
que, em cada geração, são os poucos que amam ler poesia e transportam
seu fervor às gerações seguintes.
Como uma luz contra o vento...

NABUCODONOSOR

O nome do rei Nabucodonosor era belo e solene e lento como um
cortejo religioso. Porém o povão, para abreviar, chamava-o simplesmente
de Bubu.
É que o povo tem pressa porque a vida é curta, deslembrado de que, se
passam rápidos os anos, podem ser longos os dias, as horas, os minutos...
Tudo depende de como saboreá-los, degustando-os lentamente como faz
um provador de vinhos. E como um vinho, a vida não deve ser bebida de
um trago; senão a gente logo se embriaga e perde o preciso sabor de cada
gole...
E assim também é que um poema deve ser lido: lentamente, verso a
verso, passo a passo como quem está seguindo o cortejo do rei
Nabucodonosor.

HAIKAI

No meio da ossaria
Uma caveira piscava-me...

Havia um vaga-lume dentro dela.

PAUSA

Na pauta das horas há um instante de grave, serena pausa...
É quando o último grilo parou de cantar...
E ainda não começou o canto do primeiro pássaro...

O CHÁ, OS FANTASMAS, OS VENTOS ENCANADOS

Nasci no tempo dos ventos encanados, quando, para evitar compromissos, a "gente bem" dizia estar com enxaqueca, palavra horrível mas desculpa distinta. Ter enxaqueca não era para todos mas só para senhoras que tomavam chá com o dedo mindinho espichado. Quando eu via aquilo, ficava a pensar sozinho comigo (menino, naqueles tempos, não dava opinião) por que é que elas não usavam, para cúmulo da elegância, um laçarote azul no dedo...
Também se falava misteriosamente em "moléstias de senhoras" nos anúncios farmacêuticos que eu lia. Era decerto uma coisa privativa das senhoras, como as enxaquecas, pois as criadas, essas, não tinham tempo para isso. Mas, em compensação, me assustavam deliciosamente com histórias de assombrações. Nunca me apareceu nenhuma.
Pelo visto, era isso: nunca consegui comunicar-me com este nem com o outro mundo. A não ser através d'o tico-tico e da poesia de Camões, do qual até hoje me assombra este verso único: "Que o menor mal de tudo seja a morte!"
Pois a verdadeira poesia sempre foi um meio de comunicação com este e com o outro mundo.

DA PRESUNÇÃO

A presunção tão desculpável e até divertida nos moços é o mais certo sinal de burrice nos velhos.
O derradeiro fruto da Árvore da Ciência é a simplicidade.

O TRÁGICO ACIDENTE

Leitura de um belo livro, O compromisso, de Elia Kazan, numa bela tradução portuguesa em que ia deslizando como sobre rodas. Súbito, um acidente de tráfego. Fura-me literalmente os ouvidos esta derrapagem fatal, na última linha da página 54.
"Isso ensina-la-á a atacar."
Sou suspeito para afirmar que temos um ouvido mais sensível que o dos nossos irmãos lusitanos, mas pergunto-me quando é que o mais bisonho escriba destes brasis conseguiria escrever com igual espontaneidade uma coisa dessas. Não o saberia fazer. Nem o poderia, devido às imposições do seu instrumento. Digo imposições e não limitações. Pois o brasileiro sabe ser áspero quando necessário. Se um de nós diz, muito brasileiramente,

"me dá um cigarro", é porque está fazendo um pedido. Se fosse uma
ordem, a gente diria: "dá-me um cigarro." Mas as frases de fato imperativas,
como observou o mestre João Ribeiro, nós as dizemos sempre com o
pronome proclitico. Exemplo? "Ponha-se na rua!" E, para não sair do capitulo
da sensibilidade auditiva, eis que um poeta nosso, ante a desconcertante
confusão de uma pobre alma perdida na floresta, achou que Só poderia
expressá-lo (agora sim!) com a cacofonia deste verso:
"Dedalo de dedos."
O que, convenhamos, é uma coisa belamente horrível, como o autor
bem queria e como já o deve ter sentido o meu aflito leitor.

O VELHO MERCADO E A NOVA PRAÇA

Acabo de ler a bela sugestão do Correio de domingo passado, no
sentido de que, em vez de demolir o Mercado Público, apenas se lhe tire o
recheio, isto é, as bancas hoje anacrônicas, mas se conserve o edifício,
tão grato às nossas recordações. E não o digo tão-sÓ por motivos
sentimentais. Mas tambem por motivos estéticos, o que não demanda
maiores explicações, porque está nos olhos de tanta gente. Uma praça
interna,
conforme a proposta, uma espécie de grande pátio como os das grandes
mansões coloniais, com um chafariz ao centro (por que não aquele
mesmo da praça Quinze?) e cadeiras sob as arcadas, correspondentes às
cadeiras nas calçadas, que parecem não consentidas na Porto Alegre de hoje,
mas conservadas exemplarmente em cafés de Viena e da Paris de sempre.
E, assim, um pouco da antiga Porto Alegre não ficaria apenas em nossa

vida interior. Junto antecipadamente, aqui, o meu aplauso entusiástico a
banda de música que estaria tocando um dia na inauguração da nova praça,
se nossas palavras viessem a dar acaso no ouvido certo.

GIRASSÓIS

Os girassóis parecem flores de retórica.

O REI MAluco

Esta noite sonhei que numa História Maravilhosa eu era um rei
Maluco - não apenas um rei decorativo, um desses que por aí algumas
democracias ainda conservam pelo simples motivo de reter o povo no seu
devido lugar. Mas um rei que distribuísse ele próprio as outras cartas do
baralho e que, a cada partida, fosse inventando ele mesmo as próprias
regras do jogo.
Não, não iria fazer coisas infantilmente cruéis, exemplo do meu
pobre coleguinha Caligula.
Não mandaria executar as declamadoras, os oradores de banquete, os
pequineses, os meninos-prodígio, os locutores, os poetas comemorativos,
os criticos especializados, as familias tradicionais - nada disso.

Por um Decreto Mágico eu valorizaria o ouro em latão e o latão
em
Ouro.
E haveria de ser um grande espetaculo ver o pessoal das favelas
comprar a peso de lata a sucata dos arranha-céus da City.
Eu não permitiria absolutamente que fossem assinados os poemas e
assim a poesia ficaria infensa às vaidades e só seriam poetas os que não
pudessem deixar de o ser transfigurados na glória transcendental do
anonimato.
E o almanaque que o Ministério de Poesia publicasse cada ano,
decantado de quaisquer outros interesses, haveria forçosamente de conter
poucas páginas, muito poucas paginas, mas seria a maior poesia do mundo.

MARÉS E VAZANTES

Todo mundo tem marés e vazantes de Deus. Só velhas carolas é que
se acham comodamente refesteladas na sua fé. Fazendo croché. Ora, em
meus tempos de colegial, mostrei ao irmão Augusto uma coisa que escrevi

num desses momentos em que as águas se haviam retirado. Vou tratar de
reproduzi-la aqui. Na certa o estilo seria outro - o estilo culturanesco dos
adolescentes. Depois é que a gente aprende que o verdadeiro refinamento
está na simplicidade. Em todo o caso, os argumentos estão fiéis. Aqui vai,
entre aspas, o que eu apresentei, naquela distante época, ao saudoso
irmão
Augusto.
"Mas é impossível um Ser único... Deve ter sido engendrado pelo
terror dos primeiros homens. Para estes teria de haver alguém
todo-poderoso que desferisse aqueles raios e falasse por meio daqueles trovões.
E, por
isso mesmo, o adoraram para apaziguá-lo.
Principalmente porque era alguém que estava lá em cima, inatingível:
no Céu.
Pois se aparecesse cá embaixo algum ser que fosse único ou, mais
propriamente, o único - é claro que acabavam com o monstro."
Ora pois, o padre leu, franziu as sobrancelhas, sorriu e disse:
- Você provou exatamente o contrário do que queria dizer.
Mas guardou o documento nas profundezas da sua batina e afastou-se
sob as arcadas do antigo Colégio.

A SÉTIMA PERSONAGEM

A título de curiosidade, transcreve-se a seguir
um conto do autor, que obteve o primeiro prêmio em
concurso realizado pelo Diário de Notícias de Porto
Alegre, no ano de 1928.

I

Bisavô paralítico!... Sarcófago em pé!... Gênio tutelar da casa!... O Hirto!...
Ó Venerável!... Ó Soleníssimo!... Salve!
Que é isto?! Isto é um relógio de pêndulo, de madeira preta.
Aliás de madeira preta são todos os outros móveis, o guarda-comida
monolítico, o grande aparador estilo manuelino, de um laborioso maU
gosto, o espelho oval, lá no alto, como as cadeiras de espaldar e a mesa de
pés torcidos.
E tudo vaga, misteriosamente, à luz sonolenta do querosene...
Da meia escuridão das paredes, no alto, emergiam, prisioneiros eternos
das molduras, vagos fantasmas avoengos... superciliosos homens de passa-
piolho, senhoras espartilhadas e melancólicas...

E, por todos os desvãos, curiosíssimos efeitos de luz e sombra, que
Rembrandt gostaria de ver.
Enquanto lá fora, por trás das vidraças de guilhotina, estendia-se,
arqueada de estrelas, a noite imensa das cidadezinhas mortas...
Neste grande cenário impressionador, como ficavam triviais,
pequeninas, as personagens!
À cabeceira da mesa, o sr. Peixoto, comerciante, viúvo, tendo à direita o
seu filho Antônio, ou Toninho, que naquele tempo ia fazer treze anos...
À sua esquerda, Maria, onze primaverinhas gárrulas...
Ao lado desta, tio Apolinário, solteirão.
Como, ao lado de Toninho, a tia Élida, solteirona que era quem servia
os pratos.
Na outra extremidade, o seu Saraiva, empregado e quase sócio da firma.
Está, neste momento, vermelhíssimo E...! Indignação? Pudor? Um
pouco de tudo, parece...
- Eu, nesta idade exclamava ele -, nesta idade fazer versos,
"versinhos", como diz! Eu? É boa! E apontava para o doce de abóbora - Seria
o mesmo que os senhores me surpreendessem, um dia, a furtar doce no
armário.
- Então como é que explica - tornou o tio Apolinário - aqueles
versinhos a lápis na parede: "Alice, ó dona de mim! Alice, meu doido amor!"
- Ora! Copiei-os... Que é que tinha? Achei-os bonitos e copiei...
De uma folhinha... É isto. A folhinha do dia 17, até...
- Então diga o resto. Quero ver...
- Pois digo! "Alice, ó dona de mim! Alice, meu doido amor!" Ora,
como é o resto mesmo? Esperem. Eu devo ter a folhinha aqui no bolso...
Olhe! Não... Não é... Com certeza rasguei...
- Mas vem a dar no mesmo, seu Saraiva! Vem a dar no mesmo. Com
que então andou copiando versinhos, hein? Ora vejam!
Seu Saraiva formalizou-se e, circunvagando o olhar verde-garrafa pela
assistência...
Vamos, porém, aos sucessos do dia seguinte. Para que seguir até o fim,
leitor, esta irritante, inútil e penosa discussão?

II

Era um domingo, o dia seguinte... Saímos ambos (pois o Toninho era
eu) a dar um giro pelos arredores. A princípio bem uns dois quilômetros

de silêncio... Mas uma imperiosa pergunta me vinha oprimindo,
literalmente, a goela:

- O senhor ama, seu Saraiva?
O perguntado estacou e, olhando-me:
- Amo!
Coramos.
Pombas revoaram, poeticamente, em torno, numa gloriosa agitação de
asas brancas. Porque um homem vinha aos gritos numa carrocinha de
laranjas: "Eta, burro! Eta, burro!"
Contou-me o seu amor. Alice morava na capital. Tinha uma mãe vIuva.
Era pobre. Viviam de costuras. Ele achava que era uma qualidade ser
pobre. Era alta e morena. Gostava de música. Uma noite, havia retreta...
Tocava-se o André Chénier.
Sentou-se ao lado, no banco, a velha. A filha, também. Seu Saraiva
dirigiu-se à velha, sentindo no colarinho, nas faces, na testa, o olhar curioso
da morena:
- Belíssimo, minha senhora!
- É, sim senhor. A pena é que não se ouve bem a Marselhesa.
- Mas é assim mesmo, mamãe - apressou-se em emendar a filha.
Seu Saraiva olhou-a. Era o modelo das morenas! Das morenas modelos.
Que olhos tão suaves e tão sérios! Olharam-se...
Um tempão.
Mas e a velha? A morena explicou-se meio atrapalhada:
- É assim mesmo... A música, o... o... fingiu modestamente procurar
o termo - o motivo musical vai se desenvolvendo ali, na cena... E o pano
de fundo... Mas a Marselhesa vem vindo.., longe... Vai se aproximando... Mais
forte... Mais nítida... E atravessa o cenário! - corou. Depois... - sorriu
Depois... Não é?... Depois extingue-se...
- Isto, senhorinha. Explicou muito bem. Esquisita aquela sensação
de secura na goela. Mademoiselle é uma artista!
Conversa vai, conversa vem, ficaram apresentados. Ao despedir-se,
a velha disse-lhe: "Boa-noite, seu Aristides". E a morena: "Até outra vez,
senhor Saraiva"...
Mas isto são nuances.

III

Ficou à esquina da praça, repetindo para dentro aquela música. "Até
outro dia, senhor Saraiva." Linda música!
Não sabia se devia, se lhe ficava bem olhar para trás, "atirar foguetes"
como se diz na gíria dos namorados.

Com que então ele era um namorado?!

Sim, não havia dúvida de que era...
Atirou um foguete.

IV

Este, agora, é um capítulo de transição, leitor, louvavelmente breve, em que fica dito que os sucessos atropelaram-se, de modo espantoso. Tio Apolinário foi à capital, a negócios, e voltará exatamente no fim do conto, o que é de grande importância para o enredo. Seu Saraiva, este adoeceu, piorou... e eu fui-lhe enfermeiro e confidente durante as duas semanas que ainda habitou este vale de lágrimas.
Contou-me toda a sua história. Lembro-me bem de quando ele me disse, quase ao ouvido: "Vai almoçar, Toninho, depois eu te conto como foi o primeiro beijo."
E ficou sorrindo, estaticamente, como uma imagem... Mas o interessante do caso é que eu ia fazer treze anos... e também tinha uma história...
É verdade que era uma história imaginaria, mas nem por isso menos intensa e fatal que a do meu pobre amigo. Chamava-se Eloah, a minha amada, magríta, loira, personagem muito verdadeira, de carne e osso (morava em frente), e que, por sinal, nunca soube de nada. Seu Saraiva conhecia-a de vista. Como ele jamais poderia, pelo menos neste mundo, sacar o caso a limpo, eu inventava, inventava... No caso do primeiro beijo, por exemplo. (Era assim: uma confissão puxava outra.)
- ...e eu, seu Saraiva, tranquei-lhe os braços pelas costas. Ela deu um grito de passarinho. Com a mão que me ficava livre, a direita, puxei-lhe a cabeça, com força, pelos cabelos, encostando-a sobre o meu ombro. "Ai! você vai me desmanchar o tope, Toninho!" Mas cerrou os olhos, fraqueou os joelhos, entreabriu a boquinha e eu inclinei-me...
Oh! a seriedade, o interesse com que ele me escutava!
Nem tudo era fantasia, porém. Eu, para ser o mais fiel possível na minha narrativa galante, tivera antes o honesto cuidado de furtar um beijo a filha da lavadeira. Mas foi tão rápido, tão a medo! A única impressão sui generis que guardei foi um gosto salgado na boca. E só.
Não sei se a leitora desejará saber o beijo de seu Saraiva. Foi do gênero diferente. Foi um beijo consentido...
Mas eu prometi que este capítulo, mero capítulo de transição, seria Curto.
Ponto final, pois.

V

Agora entremos, pé ante pé, no quarto onde "mora" seu Saraiva. Os estores foram baixados completamente: não viesse a forte luz do sol bater, escarninha, naqueles pobres olhos vítreos, estáticos, já imersos, quiçá, na contemplação imperiosa do Além.
Ouvem-se pregões de verdureiros, passos, gritos agudos de crianças.
Em que estaria pensando o seu Saraiva?
Na vida?!
Mas ei-lo que vai falar, que tenta falar, arrasta qualquer coisa parecida

com "tenho calor" ou com "cobertor".
Então a tia Élida (não há como as mulheres para estas coisas) chamou-me baixinho: "Toninho, ele quer ver-te".
Fui...
Todos se compenetram do tocante da cena.
E eu ali fiquei, sem jeito, tomado de uma esquisita e inoportuna tImidez...
Não sabia o que fizesse dos olhos, das mãos, quando ele ergueu as suas, aflitamente; e eu, baixando-as: "Durma, seu Saraiva, durma... Agora..." (a tia Élida ministrava-lhe um calmante)"... agora o senhor vai dormir um bocadinho..."
E de repente, no grande silêncio que se fez em torno, eu senti como eram tremendas as minhas palavras.
Todos esperavam, ansiosamente, a exalação do último Suspiro...
quando a porta se abriu, enquadrando o vulto assustado de Mariazinha.
- Que é que você perdeu por aqui? As crianças ficam lá dentro.
- É... é... um telegrama que veio pra ele...
Tomei-lho.
Mulheres acorreram.
Um telegrama pro pobrezinho de Deus!
Um telegrama!!!
Da beira do leito, dois vizinhos que lá estavam tiraram os olhos do defunto, digo, moribundo, e inquiriam mudamente.
Tia Élida abria o misterioso papel verde. Trêmula. Ansiosa. Seus olhos profundos profundaram-se mais.
- É a noiva dele que chega! - disse.
E o estupor foi grande.

VI

"Hoje aí", dizia o telegrama. E vinha assinado: "Luiza, Alice, Apolinário."
Concluímos que o tio Apolinário, a quem avisáramos do estado do seu Saraiva, descobrira onde morava o "doido amor" deste último. E lá se vinham eles, mais a ex-futura sogra, assistir-lhe piedosamente o trânsito. Todos louvamos o belo gesto de Alice. O moribundo tudo ignorava, mas às vezes, no silêncio, de olhos fechados, gemia: "Alice, Alice!"
E aquilo cortava o coração das comadres.
Fui à estação esperá-los. E aqui é que o Destino abusou, de fato, do seu direito de cometer absurdos.
Do trem desembarcou, muito calmo, como se nada houvesse, unicamente o tio Apolinário.
- Mas a dona Alice, a dona Luiza?!
- Eh! eh! eh! O seu Saraiva é um gabolas, Toninho! Como nós vamos rir! Eh! eh! eh!
(Credo, ele não sabia de nada!)
- Ora, imagina que eu, lá, descobri a mãe da pequena. Foi fácil, ele mesmo disse que ela morava na praça Quinze. Conhecera, de fato, o seu Saraiva, até elogiou-o muito, mas filha não tinha nenhuma, infelizmente. Era solteirona.
(Eu, Deus sabia por que, baixei a cabeça.)
- Eu só queria - continuou o tio Apolinário - ver a cara dele

quando recebeu o telegrama!
Ele não sabe de nada, tio Apolinário. Está muito mal... É questão de horas...
Tio Apolinário (era bom homem, coitado) calou-se.
Quando, por fim, chegamos a casa, havíamos concordado tacitamente em nunca descobrir a mistificação de seu Saraiva: se, no outro mundo, a gente tem algum prazer, era o prazer que poderíamos dar-lhe...
Até hoje, de fato, ninguém duvidou da existência de Alice Paranhos.
Inda outro dia, falando com minha sobrinha Isabel, a cujo noivo sucedeu há tempos ter falecido, exclamei:
- Ah! Não há como as moças do meu tempo! A noiva deste (folheávamos jUntos um velho álbum de retratos) quando ele morreu... (e arregalei OS olhos, tomado de uma sincera e comovida admiração) quando ele morreu... Imagina! ela entrou para um convento.

POR DENTRO E POR FORA

A coisa mais parecida com a censura é certa crítica que andam fazendo por aí. Um poema trata da questão social? Ótimo! Ótimo! Não trata? Alienação! Eu só pediria licença para lembrar que os alienados são precisamente os que têm uma idéia fixa.

CRONOLOGIA

"Se a infância ajudou o poeta?", indaga-me uma entrevistadora. "Sim, o menino faz parte do adulto." Já a misteriosa sabedoria do povo, por exemplo, nunca achou nenhum absurdo na devoção simultânea a Jesus Cristo e ao Menino Jesus. Deve ser por isso mesmo que escrevi, num poema de 1945: "Jesus Cristo encontrou o Menino Jesus." E, vinte anos mais tarde, me aconteceu este verso: "Vem Jesus Cristo com o Menino Jesus ao colo". Impossível maior coexistência. E nesse extraordinário poema autobiográfico que é o "Oito e meio" de Fellini, o menino e o adulto confundem-se.
Porque, no fim de contas, a cronologia deve ser um truque do calendário para efeitos de computação histórica. Temos todas as nossas idades ao mesmo tempo.

NA SOLIDÃO DA NOITE

Os velhos espelhos adoram ficar no escuro das salas desertas. Porque todo o seu problema, que até parece humano, é apenas o seguinte: reflexos? Ou reflexões?

FISIOGNOMONIA

Há longos narizes pensativos que parecem estar pescando. São uns introvertidos, uns inofensivos... O diabo são esses narizinhos arrebitados e sempre se dando conta de tudo.

MANUEL BANDEIRA

É claro que a já esperada morte do Velho Poeta não foi uma surpresa.
Mas foi um terremoto. Todos aqueles que o admiraram e amaram sabem
o que pretendo dizer.

Há criaturas, como Manuel Bandeira, com quem não precisamos ter
convívio quotidiano ou conhecimento pessoal, mas que, mesmo à
distância, nos faz um grande bem sabermos que estão vivas, respirando conosco,
para não nos sentirmos sós, para não desesperarmos deste mundo.
E que, um dia, com a sua poesia ou a sua bondade (não serão a mesma
coisa?) fizeram cantar em nós alguma fonte oculta... Enfim, souberam
expressar-nos e portanto desoprimir-nos. Porque um grande poeta não é o
leitor que o descobre, mas ele é quem descobre o leitor.
Assim, enquanto ele vive e o mundo nos aflige com os seus problemas
ou nos afligimos com os nossos, logo pensamos: "Ah! o poeta está
sentindo isso" ou "o poeta sentiria isso..." Em suma, o poeta é o que sabe ver.
Esta, a comunhão que temos com os poetas vivos. Por isso, quando um
grande poeta morre, sente-se esta súbita parada no coração do mundo. E,
em cada um de nós, aquela sensação de terremoto de que já falei. Não há
de ser nada: o mundo continua.
E tu, Manuel, tu continuarás, com perdão do lugar-comum. Mas a
gente é tão sensorial! (ah! não fôssemos poetas...) e eu não me conformo de
jamais ouvir aquelas tuas risadas em gluglu provocadas por tuas próprias
anedotas e nunca mais sentir aquele teu sorriso bom de Anjo dentuço, ao
me escutares. E dizer-se que toda esta saudosa irreverência é só para evitar
a solenidade, que tanto abominavas...
Uma coisa, porém, afirmo: sempre considerei uma bênção do Destino
ter sido contemporâneo e merecido a amizade de Manuel Bandeira. E,
também, de Cecilia Meireles, a quem nós dois queríamos tanto.
Leva a ela o meu beijo, Manuel!
Segue-se, como um inestimável brinde a nossos leitores, este poema
de Cecilia Meireles, enviado há tempos ao autor e que não consta das suas
Obras completas coligidas por Heitor Grillo.

"Cantiga"
Quando passarem os dias,
e não mais se avistar
nosso rosto, e o sereno
modo nosso de olhar,

e a nossa evaporada
voz não viver mais no ar,
e as sombras esquecerem
a que era a do nosso andar,

vai ser doce pensar-se
em que secreto lugar?
nos sonhos que inventávamos,
ternos e devagar,

no perfil que tivemos, tão
fino e singular,
e no louro e nas rosas
que o poderiam coroar,

e nos vergéis que sentíamos,
quando íamos a par,
ouvindo o amor que nunca
chegou a sussurrar...

Dos ELEFANTES

O único defeito dos elefantes é não serem portáteis.

TRÊS PREFÁCIOS PARA TRÊS JOVENS POETAS

Liane dos Santos (Primeiro ato - Ed. Garatuja)

Liane, em seu poema "Vocação", fala em aceitar a dor de ser livre,
embora absolutamente já não viva no acomodatício senão, não seria o
poeta que é. Não, não procurem aqui o lirismo bonitinho. O que Liane
faz são belos poemas e impressionantes poemas - porque toda a busca
de auto-expressão é um espetáculo dramático. Nem foi em vão que, a este
seu livro de estréia, deu ela o nome de Primeiro ato. Este título, à primeira
vista modesto, é todo um compromisso. É a grave compenetração de que
poesia e vida são a mesma coisa.

Nei Duclós (No meio da rua - Ed. L&PM)

Muitos pensam que quem faz um prefácio está se dando ares. Pois eu -
estou é tomando ares no meio da rua de Nei Duclós, que é a mesma de -
todos, tão poluida mas tão salutarmente viva de gentes e de cartazes.

O primeiro poema que li, de Nei, assim começava: "Olhem o animal
palavra." Era eu. No tempo em que o publicou não pude agradecer-lhe.
Pois foi quando se dera nas Europas e nas Américas aquele histórico e
súbito movimento de independência e maturidade dos jovens - os quais
se apresentavam de longas barbas, não para imitar seus venerandos avós,
mas sim, creio eu, numa espécie de reencarnação do homem das cavernas,
visto que era preciso recomeçar tudo.
Ora, como eu ia dizendo, não pude agradecer pessoalmente ao poeta,

pois jamais consegui diferenciar um barbudinho do outro. Sei que agora ele está barbilampinho. Mas noutra cidade, onde diz coisas assim: "Não posso deixar de trair o meu sossego".
Eu já ia citando outros versos, mas pergunto-me por que ou para quê. Ninguém gosta que o levem pelo braço apontando-lhe o que há para ver. Esses encontros, especialmente os consigo mesmo, devem ficar por conta do leitor.
E depois, quem é que lê prefácios?

Ovídio Chaves (Chão de infância... - Ed. Sulina/IEL)

Conheci Ovídio Chaves nos tempos em que a gente literalmente bebia poesia. Naqueles tempos os bares eram silenciosos. Havia um, à esquina da rua da Ladeira, onde jogavam xadrez, espécie de poesia de muita tática e matemática e que exigia silêncio - um silêncio apenas interrompido (ou acompanhado) pelo dono do bar, que tocava citara. Havia outro bar, numa outra esquina, à rua da Ponte, onde um grupo de velhos jogava dominó na mesa de sempre e cujos parceiros, a olhos vistos, iam diminuindo de um em um...
Ovidio, com o seu coração repartido e o seu violão de treze cordas, continuou seguindo a evolução da noite. Quem diria que essa ave noturna preparava em silêncio um livro não puramente ambiental, mas de mais longe e mais fundo... este Chão de infância... Numa clara paisagem do pago, este idilio campeiro.

ROBINSON CRUSOÉ

Robinson Crusoé passava horas e horas na sua ilha, a estudar as tartarugas. Com todo aquele tempão pela frente, se ele tivesse papel, escrevínhava
um livro deste tamanho e seria o maior tartàrugólogo do mundo. Não, não

escreveria nada, porque o mundo, na sua época, ainda não condicionara essa praga dos escritores especializados. Sabes como é: cada um cavando o seu buraco e nenhum espia o céu, que é de todos nós, os andantes das estradas, os expostos ao vento. Ë verdade que eu nunca li Robinson Crusoé. Essa chatice de um homem ficar sozinho numa ilha, vá lá, mas que peça ao leitor para acompanhá-lo já é demais.

A DIFERENÇA

No campo as estrelas brilham. Na cidade, as estrelas ardem.

LAVOISIER

"Nada se perde, tudo muda de dono" - tardia reflexão de Lavoisier ao ver que lhe haviam batido a carteira.

PAUL GÉRALDY

Paul Géraldy: bombom rançoso.

CRIMES PASSIONAIS

Os verdadeiros crimes passionais são os sonetos de amor.

As RIMAS
O que mais enfurece o vento são esses poetas inveterados que o fazem rimar com lamento.

O AUGUSTO

Na comovedora página dedicada pelo Correio do Povo a Augusto Meyer no domingo seguinte à sua morte, com depoimentos colhidos na hora entre seus amigos, lembro-me de haver dito que, de momento, só podia pensar egoisticamente no amigo que perdi. Com efeito, a dificuldade de falar sobre Augusto é que a gente acaba falando inevitavelmente em si mesmo, tal a influência que exerceu em nós todos, antes de tudo aquele grande coração. Apesar dos poucos anos de diferença entre nós dois, eu sempre o considerei amigo e mestre. Pois foi a figura intelectual

completa da nossa geração. Nós outros éramos apenas poetas, apenas isto ou aquilo, mas ele era tudo isso ao mesmo tempo e com aquela sutileza, aquele toque de Anel que todos lhe reconhecemos. Grande poeta, seusversos eram daqueles que mal pareciam pousar sobre o papel. Grande erudito, jamais conseguiu ser vitimado pelo peso da sua cultura, nem com ela vitimar o leitor, graças à sua admirável prosa. O profundo amor que tinha aos livros não era como objeto-livro, mas os abria como se abrisse uma janela para a vida.
Quando escrevia sobre os antigos, nós os sentíamos vivos, respirando a nossa atmosfera - sem nos sufocarmos jamais com a poeira dos séculos.
E como sabia ser nosso contemporâneo!
Tinha um dos sorrisos mais inteligentes que vi e olhos que eram ao mesmo tempo perspicazes e bondosos. Ao dizer isto mesmo ao companheiro Jayme Copstein quando fazia entre nós aquela colheita de depoimentos, eis que este objetou-me: "Perspicazes e bondosos não são palavras que colidem?" "Nele, não!", retruquei. E, insistindo sobre as nossas charlas, só pude responder: "Me lembro agora e dos silencios dele..."
Sim, reconheço que Augusto era um desses raros homens que sabiam escutar. E sentia, repito, um poema, um livro, como deve ser sentido: não como uma coisa fabricada, mas como uma forma de vida. Referindo-se em A forma secreta (Ed. Lidador, 1965) a um certo poema, escreveu: ..
"É pra mim como um velho amigo, pois acompanhei a gestação do poema e mais tarde o poeta entregou-me a cópia de seu punho. Minha predileção talvez esteja ligada a elementos sentimentais e impuros [...] [este poema

representa para mim toda uma fase da mocidade, com a presença de
amigos perdidos, horas perdidas].
Por aí bem se vê o que eu dizia dele: a indiscriminação entre a poesia e a vida: um poema era um amigo. Nada de superposição entre vida e criação literária. Interrogação, isto sim. Ah! as nossas charlas...
Mas
que me dizias, Augusto Meyer,
naquele tempo que não passa,
na mesa, junto à vidraça,
naquele bar que era um barco?
Por ele passavam mares,
passavam portos e portos
que os ventos ventavam,
dos quatro cantos do mundo...

Não, não salvamos o mundo!
Mas, Augusto, eu sei que tenho,
naquelas horas perdidas,
o meu ganho mais profundo.

MONÓLOGOS

Um cachorro todo mundo sabe que serve para a gente falar sozinho.
Um cavalo, também. Pois qual é o ginete que, na solidão dos campos, já não monologou com a sua montaria? "Anda, cavalinho! Temos que chegar antes do anoitecer!" E o cavalinho, mais compreensivo do que qualquer cavalão, troca as orelhas e acelera a andadura. "Mas que será aquilo que vai andando lá adiante? Algum vivente de a pé... Vagabundos!... Anda, anda, cavalinho!"
Tudo isso me faz lembrar uma personagem de Vicki Baum, que, foragida da Europa em Xangai, vivia tão só que falava com as coisas. "Agora, cafeteira, vamos preparar um bom café... bem forte e bem quentinho. Agora, papel, vamos escrever uma carta. Pode ser que desta vez ela responda... Mas também, está tão longe... Talvez ainda não tenha recebido nenhuma."
E, por falar em falar sozinho, me contaram que havia um sujeito que, não tendo cachorro nem cafeteira, falava consigo mesmo. A coisa chegou a tal ponto que foi consultar um psiquiatra. Este procurou tranqüilizá-lo:
- Não se preocupe, o seu caso não tem a mínima gravidade. É um desabafo como outro qualquer, a coisa mais natural do mundo. E depois, quem é que não gosta de falar consigo mesmo?
- Mas não é isso, doutor... É que o senhor não imagina como eu sou chato.

DOCUMENTÁRIO

Bilhete ao James - À primeira vista, talvez pareça deslocada, nesta sessão, uma resposta ao critico James Amado. Mas a quem mais no mundo, senão aos meus leitores, devo dar satisfação do que escrevo? Assim sendo,

aqui vão as devidas explicações.
"Meu caro James,
Li com espanto e apreço o ensaio que V. remeteu para a Província de
São Pedro e no qual tem a bondade de avisar-me que tomei o bonde erra-

do em poesia. Apressei-me então em ver o que fizeram, segundo V.,
aqueLes que tomaram o bonde certo.
Eis don Pablo Neruda: publica ele, numa revista nossa, uma ode à
senhora mãe de Luiz Carlos Prestes. Abro outra revista e surge-me o sr.
Camilo de Jesus com um "Poema para Anita Leocádia", filhinha do sr. Luiz
Carlos Prestes.
Desconsolo-me. Vejo que cheguei muito tarde. Agora só me restam as
tias do sr. Luiz Carlos Prestes...
Mas quero crer que não é bem o que V. deseja, e que o próprio sr. Luiz
Carlos Prestes será o primeiro a ficar constrangido com essas coisas. Pelo
que entendo, quer V. que nós, os poetas, nos limitemos a cantar as
reivindicações sociais da época. Não, isto não é negócio para nós, seu James!
Pois, em vista da projeção nacional do sr. Prestes e da eficiente atividade
de adeptos tão sinceros e convictos como V. e os demais camaradas seus, é
de crer que muito em breve a questão social estará definitivamente
resolvida no Brasil. E que vai ser de nós então, os poetas brasileiros? Ficaremos
irremediavelmente a pé, sem bonde nenhum, certo ou errado.
Mas felizmente não é bem assim. Há outras coisas, as coisas eternas,
que não se resolvem nunca, graças a Deus: estrelas, grilos, penas de amor,
saudades, anjos, nuvens, mortos, amadas, todas as paisagens, alegrias e
tristezas deste e do outro mundo. Há outras coisas.., como aliás já dizia o nunca
assaz citado Shakespeare: "There are more things in heaven and earth,
Horatio, than are dreamt afio yourphilosophy", o que, trocado em bom português
atual, dá o seguinte: "Há mais coisas no céu e na terra, ó James, do que sonha
o materialismo dialético".
Sem mais, disponha etc, etc."

(Província de São Pedro, junho de 1946)

SEGUNDA

O pior da segunda-feira é que a gente sempre chega atrasado. "(Meu
Deus! como é que eu fui perder a primeira feira?)"

TERÇA

Compro num sebo e releio uma velha edição (1940) de A laguna azul,
tradução minha. Uma das vantagens da falta de memória é que a vou lendo

como se fora coisa nova. Uma deliciosa novela de H. de Vere Stacpoole, que ninguém mais sabe quem é. Copio da página 12:
"Ao alto, perto do arco de prata da Via-láctea, o Cruzeiro do Sul pendia como uma pandorga quebrada".
Uma pandorga quebrada... Pois não é isso mesmo? Como é que ainda não tínhamos descoberto?

QUARTA

"É bonito mas é triste" - frase que ainda se ouve da parte de senhoras que ainda lêem. Não sei o que tem o belo (não o "bonito") a ver com o triste ou o alegre - conceitos aliás tão relativos... A beleza - que está acima dessas e outras coisas, embora possa incluí-las -, a beleza não comporta adjetivos.

QUINTA

Um dia de espantos, hoje. Conversando com uma rapariga em flor, estudante, queixa-se ela da dificuldade da língua portuguesa; espanto-me:
- Mas como pode ser dificil uma língua em que você está falando comigo há dez minutos, com toda a facilidade?
Ela ficou espantada.

SEXTA

Sala de espera no consultório. Sala de espera? Não: sala de recordações. É que as revistas são tão antigas que a gente - ó milagre! - fica sempre alguns anos mais jovem.

SÁBADO

Um vento rápido de primavera. Tua orelha desnuda-se, O que seria, O que seria que te disse o vento?!

A BARATOSE

Sempre me sento de costas para a parede, talvez por uma precaução atávica contra balas e facadas (quem sabe onde terão vivido meus mais remotos antepassados?).

É que sofro da psicose das baratas, isto é, da terrível baratose, que me faz ficar às tontas quando em meio de uma sala.
Diz um meu amigo psicanalista que isso é devido à nostalgia da perdida segurança da vida fetal - os analistas nunca deixam a mãe em paz!
Como se não bastasse o que ela já sofre com os torcedores das partidas de

futebol...
Mas apenas eu queria dizer que costumo sentar recostado à parede e é
nesta cômoda posição que observo o movimento no balcão da venda ou
dos fregueses num café. O trágico é que, aqui em Porto Alegre, vão
rareando os cafés de mesa: é tudo puro balcão. E todos tomam café de barranco,
às pressas, como nas filas de aliviadouro público.
E todos deviam saber que tomar cafezinho ou chope tem de ser sentado,
fumando e conversando mero pretexto para o popular exercício da
filosofia. A sós e de supetão, isto sim que é coisa de viciados.
Um dia escreverei um poema, "Pavana para os cafés defuntos". O titulo
pelo menos está pronto, o que já é muito, nestes apressados tempos.

A CONTINUAÇÃO DA HISTÓRIA DO VELHO

Como o leitor decerto não deve estar lembrado, contei há semanas a
história da vida que as almas vivem lá no Céu, uma vida afanosa de
funcionários públicos.
Ora, a Baiana, uma querida amiga que é minha freguesa de caderno,
escreveu-me dizendo que a história não estava bem contada, que o meu
Anjo filante de cigarros não me havia revelado tudo - pois onde é que
estava o prêmio das almas virtuosas?
Aquilo nem parecia o Céu, mas exatamente o contrário...
Demorei a responder porque não adianta evocar fantasmas; eles
aparecem quando querem, são muito temperamentais.
Quando, pois, ele surgiu uma noite junto ao meu leito, puxei um cigarro
da carteira, metia-a de novo no bolso, pus-me a fumar voluptuosamente
e fui logo dizendo:
- Se não me contares tudo, corto-lhe os cigarros.
Ele engoliu, seco, gaguejou:
- Mas... mas... não é permitido, o Velho não vai gostar...
Tirei uma longa tragada do meu cigarro e - Deus me perdoe - soprei
a fumaça na sua direção.
- Pobre de mim! suspirou ele. Estou perdido.

Coragem! - animei-o. - Você me disse que o Velho é muito
bondoso. Ele saberá compreender.
E o meu vaporoso amigo começou a falar a todo o vapor: - Sim! o
Céu é muito chato mesmo! Por isso o Velho concede cada ano, aos seus
funcionários que mais se destacaram no serviço, umas feriazinhas de três
semanas no Inferno.
- Não diga!
O Velho é muito legal mesmo. Até para aqueles anjinhos só de asa e
cabeça, que vivem esvoaçando e fazendo algazarra, ele acha uma utilidade:
servem de ventiladores no Inferno. Pois embora a vida lá seja muito
divertida, faz um calor dos diabos. Agora, agora um cigarro!
- Muito obrigado, seja sempre um bom fantasminha... E de vez em
quando venha matar a saudade... tá?

BONNY E Eu

Eis as minhas respostas ao inquerito de um semanário paulista, por
ocasião da nossa viagem a Lua:
Pergunta - Por que o homem vai à Lua e ainda tem fome na Terra?
Como o senhor explica isso?
Resposta - Talvez o sonho, como o álcool, iluda a fome. Será por isso?
Não acredito, O diabo é que os feitos de Armstrong e seus companheiros
estão acima de qualquer opinião.
P. - Acha que uma aventura como esta faz algum bem à humanidade?
Como?
R. - Entendo tanto de astronáutica como o macaquinho Bonny, que
acompanhou os navegantes espaciais.
P. - Acha que a tecnologia e a precisão matemática destas aventuras
tiraram a emoção do acontecimento?
R. - Não tiraram absolutamente a emoção. Afinal, ninguém desejava
um fracasso. Sofri "um suspense" como qualquer ser humano.
P. - O senhor compara Armstrong a um dos grandes aventureiros da
História? Qual? Por que sim? Por que não?
R. - Parece que não há mais aventureiros: há técnicos. A aventura
está
nos planejadores. A coragem, nos executantes.
P. - O que você acha que vai acontecer com a emoção no futuro? Vai
ser morta pela tecnologia? Será transformada? Em quê?
R. - As emoções que nunca morrem são as mais simples, as mais ele-

mentares. Não se esqueça de que os primeiros automóveis são
aproveitados nas fitas cômicas e que a última novidade é sempre uma rosa.
P. - Acha que as viagens espaciais têm fins exclusivamente pacíficos?
Que os homens se tornam mais devotados a seus semelhantes quando,
fora da Terra, vêem que todos são habitantes de um mesmo planeta?
R. - Espero que sim. O que eu temo é que, com o custo astronômico
dos programas espaciais, a humanidade entre numa era de construtores
de pirâmides, não que a gente va fazer força como os escravos egípcios,
mas sim através de impostos terríveis, que São a forma atual da
escravatura. Quanto a segunda parte da pergunta: sim. O que, alias, ja está
acontecendo: todos nós achamos ridículo o atual conflito entre Honduras e El
Salvador. Quando acharemos ridícula uma guerra entre a União Soviética
e os Estados Unidos?!
P. Ou julga que todas essas conquistas técnicas serão usadas para
"guerras diferentes das tradiCionais, guerras de astronautas nOs espaços
siderais"?
R. - Prefiro ver essas coisas, como faço e gosto, nas histórias de ficção
científica. Mas, se houver uma guerra assim, será a solução de si mesma. O
"bom" das grandes civilizações é que um dia elas se acabam e tudo começa
de novo. Mais naturalmente. Mais simplesmente. Mais humanamente.
P. - Acha que os cientistas são - de uma forma mais ou menos coletiva -
gente responsável que acabará conduzindo a humanidade para objetivos
sensacionais, governos mundiais de gente pacifica e coisas assim? Ou os
cientistas são umas bestas que fazem o que lhes pagam para fazer, sem se
importar se o invento presta ou não para a humanidade?
R. - Eles, creio eu, são sempre idealistas. E, se não fossem certos

governos e seus técnicos robotizados, poderia, por intermédio dos cientistas, o Paraíso ficar no fim da História.

O CRIADOR E AS SUAS CRIATURAS

Balzac iniciava as histórias de um jeito que já no seu tempo devia ser sovadíssimo e, lá pelas tantas, dava-lhe de fazer umas digressões que ninguém conseguia acompanhar até o fim, exatamente por serem infindáveis. Bastava, porém, que o autor cedesse o papel a seus protagonistas e logo surgia diante de nossos olhos... um romance? Não. Mas o próprio mundo dos homens, fremente e palpitando de vida até hoje.

Foi em respeito a essa mágica que jamais me atrevi a publicar a seguinte irreverência, guardada há anos no fundo da gaveta: "As personagens do velho Balzac parecem mais inteligentes do que ele."
Mas por que não? E na verdade me pergunto se acaso não acontecerá o mesmo com a obra dos grandes criadores.

TROVA

Coração que bate-bate...
Antes, deixes de bater!
Só num relógio é que as horas
Vão passando sem sofrer.

DO LUXO COMO CRITÉRIO DE BELEZA

Numa tarde onde existem tantos admiradores da opulência de estilo, não é nada de espantar - pelo contrário, é muito óbvio - que haja Prêmios de Luxo nos concursos carnavalescos.

O PASSEIO

...mas não vi o crepúsculo - onde aqueles crepúsculos de Porto Alegre, de uma beleza pungente até o grito?
Sim, cadê o crepúsculo?
- O gato comeu!
O gato se chama hoje arranha-céu, que aliás, ao que parece, ninguém mais chama desse jeito. Esvaziou-se o espanto.

DANDO AS CARTAS

Quando Reis, Valetes e Damas se acham empenhados numa partida, o seu maior temor é que lhes surja pela frente esse invencível representante da plebe: o Curinga.

O QUE A PATRÍCIA QUERIA SABER

Data venia, transcrevo trechos da entrevista de Patrícia Bins para o mensário LEIA, de outubro de 1985.

PB - Qual a diferença entre o menino Mario e o poeta Quintana?
MQ - Nenhuma.
PB - Você consegue lembrar o primeiro poema? E o que escreveu hoje, como é?
MQ - Não consigo lembrar. Comecei a fazer versos logo que aprendi a ler. O poema decerto não prestava. Mas o poema de um menino-poeta é sempre o melhor poema do mundo. Não deixo por menos. Pois é o primeiro e deslumbrado encontro de uma alma com a poesia. Quanto ao poema de hoje, prefiro não citar, porque há o perigo de ter havido um desencontro...
PB - O que mais irrita nos outros? E em si mesmo?
MQ - As perguntas íntimas. As respostas evasivas.
PB - Agradam-lhe as belas mulheres. A primeira musa quem foi? E a Bruna Lombardi, de que maneira entrou no rol de seuç amores?
MQ - A Bruna é, antes de tudo, a minha mascote (desde 1976, sempre um acompanha o outro nas tardes de autógrafos). Nossos amores? Mas a Bruna não me ama: apenas adora-me! Isto porque um desencontro de fusos horários abriu uma diferença de 48 anos entre nós...
Uma pena! Mas felizmente o Tempo nos deu tempo de nos encontrarmos ainda nesta vida, de nos tornarmos grandes amigos.
Não posso queixar-me... Porque a Bruna é dessas criaturas que compensam a vida.
PB - Você, que traduziu Proust, anda em busca do tempo perdido, ou lhe satisfazem as raparigas em flor de agora?
MQ - Tempo perdido não quer dizer tempo morto: ele ressuscita sempre. E muitas vezes está mais vivo do que o tempo presente. Quanto às raparigas que estão em flor, de agora, para mim são as mesmas de outrora: devem ser a terceira ou quarta geração das raparigas em flor do meu tempo. Podem dizer que hoje há diferenças de costumes, de comportamento... mas os seus truques, manhas e negaças continuam os mesmos.
PB - O futuro, como o imagina?
MQ - O futuro é uma espécie de Banco, ao qual vamos remetendo, um por um, os cheques de nossas esperanças. Ora! Não é possivel que todos os cheques sejam sem fundos.
PB - E a sua visão do outro mundo? De Deus, deuses e dos anjos? Do Diabo?
MQ - Oportunamente saberei... Tenho até muita curiosidade - mas nenhuma pressa de saber como será o outro mundo. Deus está em toda parte. Mas por que procurá-Lo no mundo exterior? Se Ele está em toda

parte, está dentro até de cada um de nós e a cada um compete descobri-Lo,
dar-Lhe a maior parte possível em nossa vida terrena. Do contrário,
o nosso Deus interior pode até morrer, como acontece com os ateus, os
positivistas, todos os materialistas. Eles não sabem que são o sepulcro de
Deus.
A falar verdade, não importa se a gente acredita ou não em Deus, mas
se Deus acredita na gente. Da minha parte só acredito na segunda Pessoa
da Santissima Trindade, no Deus vivo, pois temos testemunho histórico
de que Jesus Cristo viveu entre nós.
Quanto aos deuses pagãos, morreram de fato, pois os poetas deixaram
de invocá-los.
Dos anjos não posso absolutamente duvidar, em vista da insistência
com que aparecem em meus poemas.
Santo da minha devoção? São Jorge, com seu cavalo e seu dragão. Sou
devoto dos três.
PB - Sobreviveu a vida inteira de escrever: em jornais, revistas,
traduzindo excelentes livros e, claro, Como poeta. Se viesse ao mundo de novo,
escolheria o mesmo modo de viver (e sobreviver)?
MQ - O mesmíssimo modo, sem tirar nem pôr.
PB - Que obras e/ou autores mais ama ou amou?
MQ - Antônio Nobre, Cecilia Meireles, Camões, Garcia Lorca,
Guillaume Apollinaire, Verlaine, Racine, Shakespeare, o Novo Testamento.
Dostoiévski...
PB - Que obra sua lhe deu maior prazer? Maior angustia?
MQ - Todas.
PB Considerado feiticeiro e mágico, o que sente ante o mistério de
criar?
MQ - Deslumbramento e susto. Digo susto, porque na verdade nunca
passei de um aprendiz de feiticeiro.
PB -A solidão é o silêncio de um bar cheio de gente?
MQ A solidão é o silêncio que a gente faz dentro de si mesmo, em
qualquer ambiente, seja barulhento ou não.
PB - Você bebe ou não bebe? Fuma ou não fuma?
MQ Bebia. Fumo.
PB Certa vez, ao receber convite de Manuel Bandeira para visitá-lo
no Rio, respondeu que sim, iria, e ainda teria dito: "Seu desejo é uma
ordem, mas nem imagina como sou chato nos intervalos dos meus poemas."
É verdade, se acha chato quando não está em estado de graça?

MQ - Os outros é que me acham chato quando estou em estado de
graça.
PB - E os palavrões, fazem parte de seu vocabulário? Em que
circunstâncias costuma proferi-los?
MQ - Só quando me pisam nos calos, ou, como dizem os gaúchos, só
quando me pisam no poncho.
PB - Uma confissão inédita, por favor.
MQ - Ela continua inédita... exatamente por ser inconfessável.
PB - Você, acostumado a caminhar pelas noites (e dias) nas ruas de
Porto Alegre, até naquelas em que nunca andou, estranha muito o uso da
bengala, após o acidente?

MQ - O único inconveniente do uso da bengala é que ela chama
muito a atenção. Não gosto de chamar a atenção.
PB - No "Quem é quem", está registrado que Mario Quintana é um
"patrimônio universal". Como encara a prova concreta de sua imortalidade?
MQ - Eu sempre me considerei um cidadão do mundo. Mas
patrimônio universal? Aí cantam outros passaninhos. Se alguem se considerar
patrimonio universal, só se for louco ou... um gênio. Não sou nenhuma
das duas coisas. Acontece é que "estou na moda", o que me desvanece e
me assusta um pouco, pois vivo a perguntar-me: "Até quando durará essa
imortalidadezinha?"

O DEPOIMENTO DA ELOÍ

Início dos anos 60, em Porto Alegre, a velha redação do Correio do Povo
ainda representava um mundo de ordem sólida e conservadora: móveis de
madeira escura, grandes ventiladores, não havia na sala gente com menos
de quarenta anos. E a nenhum redator ou repórter era permitido usar
tinta verde. Esta era uma das regras mais importantes da redação, que não
se escrevesse nada com tinta verde. O dono do jornal só escrevia com tinta
verde e era considerado um ato de heresia se um simples subordinado
também se servisse da mesma cor.
Acho que ninguém se atreveu a fazer tal observação para o Mario
Quintana, porque o verde era uma de suas cores prediletas para escrever.
Costumava espalhar sobre a mesa canetas de todas as cores, às vezes
começava um poema em azul e terminava em vermelho, mas eu o vi escrever
muito poema em verde. De vez em quando ficava olhando distraído para
as copas floridas das árvores da Praça da Alfândega, que ele avistava
de sua
privilegiada situação: a mesa junto à janela, no primeiro andar.

Todo domingo - ainda hoje publicava sua coluna-poesia do
caderno H, mas, naquela época, tinha também outra tarefa: era redator da
coluna de notícias religiosas, cujo titular era um velhinho tão velhinho
que ainda não dominava o espantoso invento da máquina de escrever.
Mario adorava filmes de terror. De repente saía para o cinema. No bolso
do casaco, mal dobrado, o original que estivesse escrevendo. Voltava
sempre cheio de novidades. Que tinha encontrado uma velha amiga muito
feliz da vida porque a filha acabara de passar no vestibular. "Imagina,
Mario,
que a Betinha já é universitária."
E ele sem jeito, sem encontrar uma resposta amável para comemorar a
alegria da amiga. "Como vou entender destas coisas? Logo eu, um simples
municipário..." (Por estas e outras é que talvez o chamem de provinciano.)
Ele rebate dizendo que provinciano é quem vai para a capital.
Como sou provinciana, eu vim, e ele me deu um bilhete de
apresentação para o Augusto Meyer. E assim entrei para a intimidade de sua maior
e mais querida amizade: o Augusto. Me lembro de uma visita do Mario,
no Rio de Janeiro, ele e Augusto conversando, ficavam um bom tempo
em silêncio, de repente estouravam numa gargalhada. De que riam tanto?
Nunca saberemos, Mario e Augusto eram cheios de mistério. Augusto, o

Herr Doktor da Universidade de Heidelberg, onde ensinou germanística e teoria literária, nunca passou, formalmente, por uma universidade Como estudante. Mas sua imensa cultura deixava o Mario encantado. Certa vez, Augusto escreveu uma carta e de passagem, comentando alguma coisa banal, lascou: "É exatamente como diz o famoso Fragmento 41 de Anaximandro." Mario arregalou muito os olhos e jurou que jamais leria o famoso Fragmento 41 porque poderia conter alguma revelação espantosa demais.
Quem lê a poesia do Mario Quintana já sabe como ele é. O Mario é igualzinho à poesia dele, e o Augusto Meyer já dizia que o Mario vive em estado de poesia. Esse jeito meio trôpego, esse andar meio à deriva, nãO é coisa de velho, ele sempre andou assim, meio fora de esquadro, lembrando um pouco o seu Anjo Malaquias. Perguntei como é que tem sido, com tanta homenagem ultimamente, ele que é muito mais música de câmara que filarmônica.
- Antes eu me agoniava um pouco. Mas agora eu já tenho certeza de que não sei fazer discurso mesmo. Então falo...
Ele fala como escreve, cheio de graça, surpresa, humor. E sempre disse admiravelmente bem seus próprios poemas. Quem quiser checar que ouça o elepê que gravou recentemente para a Philips,

Há um momento, "Canção do primeiro do ano", em que ele se deixa levar pelo ritmo e acaba cantando, valsando.
Com o Drummond só tem uma coisa: saber quem se tornou primeiro admirador um do outro: "Ele ainda não tinha ouvido falar em mim e eu já era um fã convicto da poesia dele, cheguei primeiro..."
Mario Quintana é tímido, como dizem? Recatado, apenas. Desligado ele é.
Me lembro de uma vez em que uma menininha de oito anos foi entrevistá-lo. Era uma garota inteligente, não lhe fez perguntas bobas. Mas depois que ela se retirou, Mario recebeu um telefonema. Era da sua professora Carmem Viana:
- Mario, posso contar o que a guria me disse?
- Claro, seja lá o que for.
- Vá lá! Ela me disse: "Professora, ele e tão bonito, mas parece meio pateta..."
Pois quem mais riu com essa história foi o próprio Mario. De outra feita, um crítico feroz afirmou:
"Os amigos do sr. Mario Quintana dizem que ele é um grande poeta, infelizmente o sr. Mario Quintana não faz nada para ajudá-los..."
Conta o caso e desaba numa gostosa gargalhada: "Foi tão engraçado mesmo. Quem poderia se ofender?"
Não; não é tímido: é recatado, intimo. A gente nunca sabe o quanto pode durar uma conversa: está muito presente e, de repente, dá o corte e sai, vai em busca de outros ares.
Tem um jeito muito próprio de ver as coisas, as pessoas. Uma vez eu estava nervosa porque ia acompanhá-lo num encontro com gente importante, emocionada porque ia conhecer o Manuel Bandeira. "Deixa de frescura", disse ele, "o Manuel Bandeira é um amor de velhinho que pensa que é o Manuel Bandeira..."
O primeiro poema? Foi para a primeira namorada, que se chamava Malsi. "A vida é um ai que malsoa."

Diz que não bebia agora, que tomou apenas um porre e que este porre
durou 25 anos, parou de beber quando percebeu que estava parando de
fazer poesia. Gosta muito de café preto, bem forte, mas tem que ser em
café sentado. Seu quarto? Obrigatório que tenha pé direito alto, adora os
velhos hotéis. É absolutamente incapaz para as coisas práticas desta vida,
guichês, brontuários, talões, direitos, tudo ISSO, O deixa tonto, de uns anos
para cá tem delegado estas tarefas para Elena, sua sobrinha muito que-

rida a quem chama de "meu braço esquerdo". Mario não guarda datas,
números, nomes. Alguns dias antes de vir para o Rio de Janeiro me
telefonou perguntando se eu sabia em que ano nós nos conhecemos, andava
às voltas com astrologia e queria saber em que data tinham acontecido
alguns fatos de sua vida. Fizemos contas, trocamos lembranças e chegamos
à conclusão de que foi há mais de vinte anos, escolhemos 21 porque da um
tom fino, de maioridade. Faz, portanto, 21 anos que sou sua amiga e isto
é
para mim a maior honra desta e da outra vida. Não percam tempo, leiam
e ouçam Mario Quintana.
A Editora Globo está reeditando toda a sua obra, logo vem mais, vamos
cair direto e já de boca nos quintanares.
(Jornal do País, 1984.)

DE UMA ENTREVISTA CONCEDIDA A EDLA VON STEEN

Pergunta -Você se lembra de como ou quando descobriu que podia
ou queria fazer versos?
Resposta - Ser poeta não é uma maneira de escrever. É uma maneira
de ser. O leitor de poesia é também um poeta. Para mim o poeta não é
essa espécie saltitante que chamam de Relações Públicas, O poeta é
Relações Intimas. Dele com o leitor. E não é o leitor que descobre o poeta, mas
o poeta é que descobre o leitor, que o revela a si mesmo. O poeta que "me
descobriu" foi o Antônio Nobre do Só. Tínhamos lá em casa aquela bela
edição ilustrada por Antônio Carneiro e não sei em que mãos estará
agora. A propósito, o jornalista e poeta Egydio Squeff comprou num sebo um
exemplar do Só onde estava escrito: "Este é o quarto exemplar do Só que
eu compro. Os outros todos me roubaram." E vinha assinado em baixo:
Álvaro Moreyra. Em meu primeiro livro, A rua dos cataventos, tenho, por
dever e devoção, um soneto a ele dedicado e mais uma referência em outro
poema. Isto bastou para acusarem em mim a influência de Antônio Nobre.
Protesto: não há influência - há confluência, pois a gente só gosta de quem
se parece com a gente. Porém, mais remota do que a presença de Antônio
Nobre, está, entre as recordações da infância, a voz grave e pausada de meu
pai a recitar-me o episódio do Gigante Adamastor. Aquele ritmo severo
ensinava-me a profundidade da poesia e até hoje me assombra aquele verso:
"Que o menor mal de todos seja a morte." Em compensação, minha mãe,

educada no Uruguai, recitava-me Espronceda e Becquer: "Ya se vim las oscuras golondrinas." A par disso aprendi a ler muito cedo, sem quase saber que estava lendo. E ouso afirmar que as verdadeiras influências na minha formação foram Camões e O tico-tico.

P. - Tentou alguma vez escrever conto ou romance?
R. - Aos vinte anos ganhei o primeiro prêmio num concurso estadual de contos, entre duzentos e tantos concorrentes, promovido pelo Diário de Notícias de Porto Alegre. Depois de algumas outras tentativas, reconheci que os meus contos só tinham um personagem: eu mesmo. Desisti.

P. - Conte um pouco de sua infância e adolescência.
R. - Não sei se tive infância. Fui um menino doente, por trás de uma janela. Creio que foi a ele que eu dediquei depois um soneto de A rua dos cataventos. O meu "elemento" era a poesia. comecei a ser poeta como um cachorro que cai n'água e não sabia que sabia nadar. (Sabia.) E o meio familiar ajudou. Tanto meu pai e minha mãe, como meus irmãos Milton e Marieta, a quem dediquei meu primeiro livro, gostavam de poesia. Nunca tive a clássica incompreensão da família, de que tantO se vangloriam alguns poetas. Aliás, foi meu próprio irmão Milton, quinze anos mais velho do que eu, quem me ensinou a metrificar. Como tive a infância muito presa, devido à precariedade da saúde, quando pude soltei-me no mundo. Um choque. Fui criado num aviário e solto num potreiro. Daí talvez a explicação da minha posterior e prolongada boêmia.

P. - De quem herdou os olhos azuis?
R. - De meu bisavô holandês Van Ryter, morto num naufragio, como bom holandês.

P. - Seu primeiro livro - A rua dos cataventos - saiu publicado em 1940, quando você tinha 34 anos. Por que tão tarde?
R. - Preguiça e consciência. Tudo o que prejudica a minha preguiça prejudica o meu trabalho. Consciencia, porque eu sempre quis fazer uma Coisa muito conscienciosa.

P. - Depois de A rua dos cataventos você publicou mais nove livros. Em São Paulo, durante a Semana do Escritor Brasileiro, em 1979, você afirmou numa entrevista que o livro de que mais gosta é exatamente o primeiro. Explique a preferência, por favor.
R. - Eu disse, ou creio que disse, que "era dos livros de que mais gostavam". É o livro de que mais gosta o público em geral. Augusto Meyer e Manuel Bandeira preferiam O aprendiz de feiticeiro. Carlos Drummond também (ele até fez um poema sobre O aprendiz, intitulado "Quintana's bar"). Por outro lado, Guilhermino César e os meus colegas poetas daqui acham que o meu melhor livro é Apontamentos de história sobrenatural. Isto é ótimo, pois eu o escrevi, na maior parte, depois dos 60 anos.

P. - Muitos poetas e escritores tiveram de pagar a edição dos seus

primeiros títulos (alguns ainda são obrigados a isso). Fale do que aconteceu com você.
R. - Como disse, eu ia deixando, adiando... Erico Verissimo, então secretário da Editora Globo, pôs-me contra a parede. Meu irmão Milton disse-me que eu ia ficar como aquela personagem do Eça, muito gabado, muito louvado... e nada! Reynaldo Moura, poeta e amigo, pôs-me em brios: "Se você não publicar nada vão achar que você é um boêmio. Se publicar, dirão: "É um escritor!" Meio extravagante..." Ora, como eu tivesse escrito também sonetos e como o soneto era uma forma meio desmoralizada, eu fiz questão de estrear com um livro de sonetos para provar que os
sonetos também eram poemas. (Provei.) Provei-o muito antes de outros fazerem "a descoberta do soneto".

P. - "Eu nada entendo da questão social. Eu faço parte dela, simplesmente..." Gostaria de comentar algo sobre a poesia de cunho social e político?
R. - A poesia engajada? Eis aí uma questão com que, em certas épocas, costumam ser assaltados os poetas. Impossível não levá-la em conta quando se pensa no que fez pela abolição da escravatura um poeta como Castro Alves. Mas querer obrigar todos a serem Castro Alves é forte. E, convenhamos, uma boa causa jamais salvou um mau poeta. Essa gente poderá fazer mais pelo povo candidatando-se a vereadores. É muito de

estranhar essa campanha contra o lirismo, isto é, contra 95% da poesia de todos os tempos. Nem se pense que o poeta lírico está fora do mundo. Os sentimentos que ele canta pertencem a todo o mundo, a toda a humanidade, são de todos os tempos e não apenas os de sua época independentes de quaisquer restrições de nacionalidades, raças, crenças ou partidos políticos. Se não é assim, depois de resolvidos os problemas, o que seria dos poetas? Ficariam simplesmente sem assunto.

P. - Alguns autores escrevem a lápis, outros têm necessidade de ouvir o teclado da máquina. Quais são os seus hábitos pessoais para escrever? Costuma carregar algum caderninho no bolso?
R. - Não sei pensar a máquina. Escrevo a lápis. Depois, com o queixo apoiado na mão esquerda, passo a coisa a limpo com um dedo só, na maquina. Não uso caderninhos.

P. - Em geral os poemas saem prontos, ou você tem apenas uma frase poética e constrói o poema em torno dela?
R. - As vezes a frase nem é poética. Certa vez, por exemplo, disse-me um companheiro ao observar um nosso amigo, desses do tipo "mosquito elétrico" gesticulante, etc.: "Fulano parece um boneco de engonço". Pois bem, fui para casa e escrevi um dos meus poemas mais realizados, aquele que assim começa: "Os mortos são ridículos como bonecos de engonço a que cortassem os fios." Por outro lado, meu poema "O morituro", em Apontamentos de história sobrenatural, saiu ali publicado na sua quarta versão. E olhe lá!

P. - O que gosta de ler atualmente (ou gostava antigamente)? Prefere prosa ou poesia?
R. - Leio de tudo, noite adentro, intercaladamente, novelas, ensaios. poesia. Mas, para ser sincero mesmo, parece que já passei da idade de ler coisas sérias. Em minha adolescência devorei todo o Dostoiévski (como os adolescentes liam naquele tempo, antes da era analfabetizante das histórias em quadrinhos!). Abominava Camilo, embora gostasse de Herculano. Os meus colegas adoravam Vargas Villa e Coelho Neto, que eu detestava. Pois a minha principal característica foi sempre o bom senso. Foi esse mesmo bom senso que me afastou das questões metafísicas da adolescência, pois se

nem Platão e outros craques da Antiguidade, se ninguém, em trinta séculos de pensamento, conseguiu decifrar a significação da vida - muito menos eu! Fiquemos com o mistério da poesia. Nem foi por outro motivo que dei ao meu penúltimo livro o título de Apontamentos de história sobrenatural. Há pouco você me perguntou se bastava "uma frase poética" etc. A conquista da poesia moderna é a transfiguração, acabaram-se os temas poéticos. Antes só se podia falar em cisne, agora fala-se em pato e sapato. O cotidiano, escrevi eu no Sapato florido, o cotidiano é o incógnito do mistério. Existe a lenda do rei Midas que tudo quanto ele tocava se transformava em ouro, O verdadeiro poeta, tudo quanto ele toca se transforma em poesia. Há poetas que sempre leio, quero dizer, aos quais sempre volto: Cecília Meireles, García Lorca, Guillaume Apollinaire.

P. - Às vezes assalta-me o terror de que todos os meus poemas sejam apócrifos"; você disse na "Carta a um jovem poeta". O que vem a ser esse medo?
R. - Eu tenho medo de ceder a injunções que não sejam a da pura expressão. Pois a gente sente necessidade é de expressão. A badalada comunicação é apenas uma decorrência disso. Um poeta deve escrever como se fosse o último vivente sobre a face da Terra. - Então, para que escrever? Por isso mesmo! Como o último vivente, ele não tem de pensar no que pensarão os outros. As vezes - às vezes? - muita vez o poeta é induzido a modas, quando na verdade não há nada tão ridículo como os figurinos da última estação. Só nunca sai da moda quem está nu.

P. - Entre outros autores, você traduziu Proust e Virginia Woolf. Foi amor pelas obras ou alguma necessidade financeira que o teria levado à tradução?
R. - Traduzi Proust por amor à dificuldade da tradução. Quando soube que Proust estava incluído no programa editorial da Globo, pedi para traduzi-lo, de medo que caísse em outras mãos. Retirei-me do quadro de funcionários da Globo quando, por ocasião de um aumento de salário, eu não fui contemplado, sob a alegação de que me demorava muito na tradução de Proust. Traduzi da primeira até a quarta parte (Sodoma e Gomorra). Por felicidade, o restante foi cair em excelentes mãos (Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade). E Virginia Woolf? Pois foi isso mesmo: eu não

tive medo de Virginia Woolf. Mrs. Dalloway é um denso, belo, misterioso
poema. Brito Broca julgou a minha tradução à altura do autor. Fiquei
contente de ter sido o outro livro de Virginia (Orlando) traduzido por um poeta
como Cecília Meireles. Em tempo: quem me introduziu na vida literária
foi Cecília Meireles. Lembro-me de que ela publicou a "Canção do meio
do mundo" no suplemento do Diário de Notícias, com uma bela ilustração
de Correia Dias. Outro que sempre fez muito por mim foi Augusto Meyer,
o nosso último humanista. O que mais me admira em Augusto Meyer é a
admiração que eu tenho por ele. Embora apenas quatro anos mais velho
do que eu, sempre o considerei um mestre. A saudação que ele me fez de
improviso na Academia Brasileira de Letras, em 1966, O Aurélio Buarque de
Holanda me confessou que era uma obra-prima, com perdão da palavra.
Não sei se foi gravada.

P. - No seu entender, o que é uma boa tradução?
R. - Aquela que segue o estilo do autor, e não o do tradutor. Os
períodos de quadra e meia de Proust (sim, o período dele dava volta na quadra;
não poderiam ser divididos em pedacinhos, por amor da clareza ou coisa
que o valha, como acontece às vezes na tradução castelhana. Mas a maior
alegria que tive como tradutor foi quando a minha tradução dos Romans
de Voltaire, um calhamaço enorme, com jóias como Cândido e A Princesa
da Babilônia, foi remetida à apreciação de Paulo Rónai, especializado em
literatura clássica francesa. Ele devolveu os meus originais com a
seguinte nota: "É preciso ortografar" A tradução de Voltaire foi também a meu
pedido. Você há de se espantar que eu, assombrado com Camões, envolto
de Virginia Woolf, tenha me comprazido na luz mediterrânea de Voltaire.
A culpa foi também de meu pai, que adorava La Fontaine e me fez
decorar algumas de suas fábulas antes que eu as pudesse ler. Assim, as névoas e
perigos do Cabo Tormentório eram varados pelo riso claro e simples do
bonhomme fabulista. Não admira, pois, que, mais tarde, eu adorasse Racine,
a par de Shakespeare. Cheguei a começar por conta e risco uma tradução da
Ifigênia de Racine e uma do Sonho de uma noite de verão, as quais
infelizmente se perderam. Ou felizmente, nunca se sabe.
Bem, eu estava falando das minhas atuais leituras. Há uma época de
ler e uma época de reler, como diria o Eclesiastes. Agora, para descanso,
estou na época de desler. E, como continuo insone (uma vez escrevi que
não tenho medo do sono eterno, mas da insônia eterna), agora leio
principalmente para adormecer. É uma leitura de fora para dentro, como quem
olha distraidamente a televisão. As outras leituras, as leituras de dentro
para fora, excitam o cérebro e não são recomendáveis no meu caso. leio

ficção científica, uma espécie de volta a O tico-tico. A falar a verdade, o que
de melhor e pior se publica atualmente nos Estados Unidos são as novelas
de ficção científica. Entre elas, descobri as de um grande poeta, Ray
Brabury. É dessas obras que a gente gostaria de ter escrito.

P. - Você gosta da literatura nortc americana?
R. - Gosto de Scott Fitzgerald, o que não é de admirar porque ele

pertence a minha geração: o mesmo caldo de cultura, a mesma sensibilidade. Gosto de Edgar Poe, que eu não compreendo como é que ele foi aparecer por lá. Deve ter havido um engano de país ou de planeta. Gosto de Gertrude Stein (Três vidas eu já li outras tantas vezes).

P. - Só?
R. Só. Não esquecer que minha infância se passou na belle époque, quando até os americanos sabiam falar francês. Tenho uma amiga que foi para a Alemanha apenas sabendo francês. Como eu lhe observasse que era pouco, ela respondeu: "Não vale a pena conhecer alemães que não saibam francês". Aproveito a ocasião para lançar o meu protesto contra essa idéia de tirarem a língua francesa do currículo escolar, O que devemos à França não é a cultura francesa, é a cultura universal. Toda obra, para universalizar-se, teria de passar pelos tradutores franceses. Se não fosse a França, O
mundo ocidental teria perdido Dostoiévski. Imagine você o que teríamos de conhecimento da alma humana se não conhecêssemos Dostoiévski. Nada. Ou quase nada.

P. - Sei que você não gosta de dar entrevistas...
R. - Poeta lírico, falo do meu eu, nos poemas, como ser humano. Mas acho incorreto estar falando sobre minha pessoa. Creio que a minha vida íntima nem a mim interessa. Quando a gente fala sobre si mesmo é para se gabar ou para se queixar. No primeiro caso, ainda passa. Mas, no segundo,
ninguém gosta de despertar piedade. Disse que minha infância transcorreu na belle épo que, mas isso implica uma disciplina vitoriana em matéria
de educação. Como eu era o caçula, todos me observavam, me aconselhavam, me dirigiam. Havia um mundaréu de coisas que não se podia dizer,
que não se podia fazer. A tragédia dos da minha geração é que nascemos e fomos criados numa casa de intolerância.

P. - Mas aquele ambiente familiar de poesia a que você se referiu...
R. - Pra um mundo paralelo. Meus pais, embora lhes agradassem meus poemas, temiam a "vida de poeta". Seria bom você ler, em Apontamentos de história sobrenatural, "O velho e o espelho", em que se nota a comovente tragédia pai-filho. Mesmo depois que vim para um internato em Porto Alegre, notei que certo bedel se interessava muito pelo que eu fazia. Desconfiei. Preguei-lhe algumas mentiras. E, nas férias seguintes, meu pai me falou naqueles inocentes pecadilhos inventados. Na adolescência, como eu sempre fui eu mesmo, queriam saber de onde é que eu tirava "aquelas idéias". Tempos depois, vim a saber que meu pai fora à Biblioteca Pública do Estado informar-se sobre que livros eu lia. Consultado o fichário, verificou-se que as minhas leituras, feitas nas tardes e noites de sabado, eram os novelistas russos, os poetas simholistas tranceses, as revistas de arte européias.
Dessas e de outras leituras formativas, falo eu a paginas tantas de A vaca e o hipogrifo, creio que para desculpar-me de certas acusações de europeísmo. Puxa! É o diabo ser diferente! Certa vez, numa redação,

escrevi eu: "Vasco da Gama transportou as Colunas de Hércules para a Índia."
Creio que o professor morreu sem acreditar que a imagem fosse minha
mesmo.

P. - Então a poesia só lhe trouxe transtornos?
R. A poesia só pode trazer alegria, a alegria criadora que, como no
ato genésico, apaga tudo o mais. Em todo caso, os tempos mudaram. O
fato de a Câmara de Vereadores conceder-me unanimemente, na
passagem de meus sessenta anos, o título de Cidadão Honorário de Porto
Alegre, pelo simples motivo de ser poeta, é uma prova de que outros ventos
estão soprando. Tanto que, na minha fala de agradecimento, aliás
hrevíssima, disse eu: "Antes, ser poeta era um agravante. Depois, passou a ser
uma
atenuante. Vejo agora que ser poeta é uma credencial.
Outra coisa que achei extraordinária - e no mesmo sentido - foi que
Alegrete, minha terra natal, resolveu gravar um poema meu em praça
pública: a principal da cidade. Fiquei numa situação terrivel, aquilo já tinha
sido votado, mas como é que eu ia escolher um poema? Se eu achava que
não poderia escolher, muito menos outros poderiam. Mas eu não podia
cometer a grosseria de recusar. Em discussoes que tive com o prefeito e o

presidente da Câmara, disse-lhes que não podia escolher um poema
porque um engano em bronze é um engano eterno. Discutiu-se, discutiu-se,
e ficou assentado que ficaria apenas isto na placa: "UM ENGANO EM
BRONZE É UM ENGANO ETERNO". MARIO QUINTANA (palavras
com que o poeta se eximiu a que fosse gravado um poema seu, nesta
praça, como justa homenagem de seus conterrâneos). ALEGRETE, 1968.
Acho que este é um monumento único no mundo - foi uma grande
solução. E, depois disto, no caso de não sobrar nada do que fiz, eu lavo
as mãos, Alegrete lava as mãos e a Posteridade toma um banho de corpo
inteiro nas aguas do Ibirapoitã.

P. Tenciona escrever, já escreveu um livro de memórias?
R. - Se você conhecesse o meu eletroencefalograma... Bem, temo o
perigo das falsas recordações. Embora não acredite na observação direta,
acontece que tenho tal poder de visualização que às vezes não sei se aquilo
que evoco eu vi mesmo ou foi algo que me contaram, ou apenas imaginei.
Mas há muito descobri que a mentira é uma verdade que se esqueceu de
acontecer. Como vê, nada disto leva a um livro de memórias, só pode levar
a um livro de poemas.

"O poema,
essa estranha máscara,
mais verdadeira do que a própria face..."

MARATONA

É óbvio o título das seguintes páginas, escritas que foram durante o
"veraneio" do autor em Gramado, exatamente quando se efetuavam as
Olimpíadas de 1982. Como, porém, não é só de esportes que eu não

entendo, vão aqui outras coisas, então ocorridas no mundo ou na cabeça do autor.

3 DE AGOSTO

Hora de Arte no salão do hotel, a cargo de notável harpista paraguaio. Entre os presentes, inquietou a todos a presença de uma menininha de três anos, pois é óbvio que não se deveriam trazer crianças a espetáculos ou

cerimônias para gente grande. Pois nem queiram saber! A guria acompanhava o compasso, acenando com a cabeça, e as mãos. Disse eu ao harpista que ela era a sua melhor fã, pois as crianças não sabem fingir, ainda não atingiram a idade adulta, isto é, a idade de diplomacia, são absolutamente sinceras. Essas virtudes começam a perder quando os adultos tomam conta da sua educação. Os professores e pais, em vez de as adultificarem, as adulteram.

4 DE AGOSTO

Cheguei, se assim posso dizer, a um gentlemen's agreement com a minha doutora, ou melhor, a um modus vivendi, melhor ainda: a um amigável acordo, pelo qual ficou estabelecido que eu me comprometeria a tomar apenas um bule de café pela manhã e ela me permitiria continuar fumando (pouco).
Bem, agora uma pausa para pitar devagarinho um cigarro.
E preciso explicar que o meu trabalho intelectual é acionado a café e a fumo e por que não posso abandonar esse antigo habito que agora está na moda considerar um vicio.
Só não explico porque me deu preguiça, decerto porque estou escrevendo à noite e não pela manhã, quando o faço ainda sob os efeitos do café.

5 DE AGOSTO

Ida ao centro da cidade para fazer a barba e jogar na Loto. Explico ao médico: "Além do tratamento físico, também estou fazendo um tratamento pela esperança.

6 DE AGOSTO

Só hoje pude assistir, em repeteco, ao depoimento que a meu respeito prestou Viana Moog no programa da TV sobre autores de mais de sessenta anos. Gostei imenso do esclarecimento dizendo de uma vez por todas que eu jamais quis entrar para a Academia Brasileira de Letras e que a culpa foi toda sua quando apresentou minha candidatura. Obrigado, amigo velho!
Pois o que mais me constrangia era quando alguém protestava por eu não ter sido eleito. Aliás, já escrevi há tempos num dos meus agás que quem

procura apenas a glória não a merece. Dira o leitor que é uma contradição

751

minha afirmar ao mesmo tempo que não busco a glória e achar
implicitamente que entrar para a Academia seria uma glória. Sim, seria uma glória
se a Academia não se tivesse transformado num depósito de ministros e,
com perdão de velhos acadêmicos meus amigos, num asilo de velhos! E,
se eleito fosse, era meu programa ir apresentando, cada vez que se desse
uma vaga, a candidatura de autores jovens. Não esquecer que no tempo de
Machado de Assis, com exceção deste, todos os componentes da Academia
eram gente moça.

7 DE AGOSTO

As vitórias da equipe brasileira no futebol, no vôlei e nas corridas
acabam de desmentir brilhantemente as minhas previsões um tanto
desanimadoras. Mas ó gozosos mistérios da alma humana! enquanto eu
vibro de mais puro patriotismo, não posso evitar um sorriso amarelo de
desapontamento. Sim! desmentiram, mas não muito... Não será isso uma
tensão emocional levada agora até o fim? Daí os nossos campeonatos:
uma tensão nervosa pode servir no início, mas logo descai. E que outra
coisa pensar da descarga nervosa dos três dias loucos do carnaval carioca
- que é principalmente levado a efeito pelos habitantes mal alimentados
das favelas? Não pode ser um povo saudável... O problema, como se vê, é
complexo e parece escapar à minha competência. Mas, logo que me derem
alta do hospital, vou consultar os mais entendidos na matéria, como o
catedrático de esportes Ruy Carlos Ostermann e o não menos renomado
Lauro Quadros.
Até lá!

8 DE AGOSTO

Creio já haver escrito, a respeito de recém-nascidos, que um ser
humano só é ele mesmo enquanto os pais ainda estão discutindo um nome
para o batizar. Até então, é anônimo como um animalzinho sem dono.
E depois está correndo o risco de lhe darem um desses horrendos nomes
tradicionais de família. Na minha deixaram de aparecer as Serafinas e
Dorotéias. A grande vovó Dorotéia! Aliás, minha bisavó. E dela tenho
coisas incríveis a contar a respeito da sua situação na Guerra dos
Farrapos. Mas quando eu estava prestes a traçar-lhe o histórico, interrompi as
Memórias que estava escrevendo. Sabem por quê? Simplesmente porque

752

a famosa atriz britânica Joan Collins me roubou o nome, isto é, o titulo
do livro: "Pretérito imperfeito" assim denominado porque a memória

da gente não é cronológica. Além disso, ao reviver o passado, acontecem-nos grandes brancos na memória, anos inteiros em que não sabemos o que nos aconteceu ou o que vimos. Pelo menos é o que se dá comigo. E os fatos são evocados no dia-a-dia dos acontecimentos atuais. Encontro, por exemplo, o Carvalhão, antigo companheiro de ginásio. E eis que as nevoentas lembranças daqueles longes tempos surgem-me agora claras e vivas como um livro de estampas coloridas. Seria, pois, uma espécie de diário retrospectivo.
Mas diz-me, ó Musa da Inspiração, que nome, que nome devo dar-lhe?

12 DE AGOSTO

É bom abrir um parêntese para descansar um pouco o leitor da gravidade dos assuntos anteriores. Trata-se desta comovedora historinha de mãe e filho que o Ânor acaba de me contar:
- Mamãe, os guris lá da escola me chamam de filho da vampira!
- Ora! não te importa com essas bobagens, filhinho... Toma a tua sopa, antes que coagule.

13 DE AGOSTO

Trecho de uma carta para Elena: "Não vás pensar que eu estou louco por dinheiro! Quem é que não está, nestes tempos bicudos? Nem isso vai contra o meu consabido idealismo: o dinheiro ajuda muito os ideais".

14 DE AGOSTO

A dona Izar, que também está seguindo aqui no Kur Hotel um regime naturista, aproveita os jazeres do tratamento para escrever uma tese de doutorado sobre o mais recente discípulo de Freud. Discípulo e dissidente. Como o seu predecessor Adler, diz ele que é apenas um anão montado sobre os ombros de um gigante, mas que, por isso mesmo, enxerga mais longe. Com discípulos assim, cada qual enxergando mais longe, eu gostaria de saber, daqui a uns sessenta ou setenta anos, o que restará da doutrina do Velho Mestre...

15 DE AGOSTO

Dou uma folga a este meu paciente diário para escrever a meus amigos Carlos Drummond de Andrade, Viana Moog, Lara de Lemos, Eloí Calage, Liane dos Santos, Vera Regina Morganti e Bruna Lombardi.

16 DE AGOSTO

O hábil massagista Luiz indica-me a posição em que devo portar-me:
- Coloque-se na posição de Napoleão quando perdeu a última batalha.
- Não entendo!

- Quero dizer: de bruços e com as pernas abertas.
Luiz é de origem italiana. E é natural que os italianos não gostem de Napoleão, a quem aliás chama "o Corso", pois este deixou a Itália, sua patria, para se tornar herói nacional da França. E ainda ambicionava mais: queria o domínio do mundo. O que não deixa de ser, no fundo, o Sonho de cada um de nós... Com a única diferença de que não somos um gênio militar e político como Napoleão.
Mas e os Santos? - dirá o astuto leitor. Estes nem pensam em conquistar uns Remos de Espanha ou Inglaterra- demasiado humanos para eles. O sonho dos Santos é conquistar o Reino dos Céus.
E eu vos direi, no entanto:
Mas desprezar o mundo não é, também, a melhor maneira de dominá-lo?!

18 DE AGOSTO

Olhando pela TV uma série pavorosa de desenhos animados (devia ser proibido fazer desenhos animados depois de Walt Disney), enquanto aguardo as dezenas da Loto.
Enfim, as dezenas sorteadas: 05, 27, 49, 52, 81. Ainda não foi desta vez. Esperemos... Enquanto há esperança há vida.
E, para me consolar de mais esse adiamento, ponho-me a examinar, com Elena, as páginas já escritas deste diário olímpico. No ponto em que acuso a famosa atriz britânica de haver roubado o título das minhas Memórias, Elena ri: "Cuidado! Ela pode processar-te..."
Antes de tudo, é inimaginável que uma famosa atriz britânica venha a ter conhecimento de um obscuro Poeta brasileiro... Por descargo de cons-

ciência, examino a frase incriminadora. Sim, era só dizer que a senhora roubou "sem querer" ou "sem saber". Não! aí a minha frase perderia o ritmo... E os poetas, senhores do ritmo, bem sabem disso. Por isso é que os poetas são mais convincentes que os filósofos.

19 DE AGOSTO

Para alguns, as competições esportivas são exatamente o contrário da confraternização, originando rivalidades e rancores entre indivíduos e coletividades. E não raro já se tem visto documentados implacavelmente pela TV verdadeiros espetáculos de pugilismo entre atletas adversários ou entre as torcidas de cada clube.
Bem se compreende que essa é uma maneira pouco esportiva de considerar o esporte. Porque não há nada que confraternize mais os povos em vez das ferozes competições armanlentistas - do que as estimulantes competiçoes das Olimpíadas. Aqui não cabem ódios entre nacões e indivíduos. Uma sincera admiração não condiz com a inveja. Lembre-se do caso do nosso Pelé. Nosso? Não: do mundo. Pois ele é universalmente admirado e querido.
E, para os espectadores esclarecidos, um torneio esportivo é antes de tudo um belo espetáculo de arte, onde se exibem fraternalmente aqueles

que representam o aprimoramento das raças do mundo inteiro.

20 DE AGOSTO

Ainda que para outra coisa não servisse, um cigarro é um grande auxílio
para os que não têm traquejo social e não sabem como iniciar uma
conversação no primeiro encontro com alguém. Basta oferecer-lhe um cigarro.
Aí
o outro aceita ou agradece e diz que não fuma ou deixou de fumar. Ah! esses
são os piores... Vejam só o que me aconteceu há cerca de dois anos numa
reunião social em Arroio dos Ratos. Lá pelas tantas menos um quarto,
vi-me sentado no mesmo sofá com uma famosa cantora folclórica. Ora, eu só
a conhecia de nome, e não de ouvido. E, como nunca a ouvira cantar, não
ia fingir que era seu grande admirador. Ofereci-lhe, pois, um cigarro. Para
que, meu Deus do céu?! A moça deitou discurso contra o "vício". Um longo
discurso. E eu fumando e escutando...
Foi inteiramente em vão que lhe fiz considerações sobre este meu
hábito de fumar, que os abstêmios consideram um vício.

Comecei a fumar aos catorze. Por quê? Como o cigarro era um
hábito exclusivamente masculino, nada mais natural que os guris da minha
geração tentassem imitar os homens, para se tornarem por sua vez uns
verdadeiros homenzinhos - isto apesar dos suplícios das primeiras
experiências: engasgos, vômitos, dores de cabeça etc. Esta motivação, não a
têm os guris da geração atual, porque as mulheres hoje fumam mais que
os homens. Mas que satisfação para nós quando afinal conseguíamos dar
impunemente a primeira tragada: éramos homens! E até hoje, na idade
adulta, sempre que acendemos um cigarro, nos sentimos cada vez mais
afirmativos, mais independentes, mais nós mesmos.
Por onde se vê que esse novo vício de não fumar estraga o caráter das
pessoas que o adquiriram. Consideram-se os tais, e olham-nos a nós, os
fumantes, como uns verdadeiros ratos, sem a mínima força de vontade, e
ainda por cima ficam doutrinários - o que é imperdoável.
Pois bem! Como eu pretendesse publicar uma crônica sob o título "Esse
novo vício de não fumar", consultei a propósito, na minha última viagem ao
Rio, um velho psiquiatra meu amigo. Ele me ouviu atentamente e disse:
- É, não deixas de ter razão. Tu podes fumar uns sete, oito, até dez
cigarros por dia, desde que não se trate de mata-ratos, desses que dão um
soco no estômago. Mas escuta bem, deves fumar só a metade do cigarro:
o perigo está na bagana. Na mesma hora o organismo se encarrega de Li
bricar os anticorpos necessários. A mesma coisa ele faz contra a poluição
da poeira, que nunca cessa de cair do ar... O teu organismo é mais sábio
do que tu.
Exultei! Pedi-lhe licença para citar seu nome na minha famosa crônica,
pois só me faltava a opinião autorizada de um médico.
-Deus me livre! -exclamou o meu amigo doutor. -Eu sou contra
o fumo.
Nada feito.

21 DE AGOSTO

O ideal da medicina é fazer os doentes morrerem com saúde.

756

PREPARATIVOS DE VIAGEM

(1987)

757

758

A VIAGEM

Quando passei o Cabo das Tormentas
As sereias seguiram-me... E o seu canto
Nunca fora, meu Deus, tão aliciante...
Até acreditei, num breve instante,
Que por algum milagre a nau transviada
Viesse acaso sonâmbula voltando
Às praias luminosas da alvorada...
Mas, ai de mim, esses enganos são
Pesadelos de luz! Antes o escuro, o sossegado
Sono... Mas uma voz: - Que dizes, nosso amor?
Ainda que nos escutes a teu lado,
Nós cantamos sempre no Futuro!

A louca agitação das vésperas de partida!
Com a algazarra das crianças atrapalhando tudo
E a gente esquecendo o que devia trazer,
Trazendo coisas que deviam ficar...
Mas é que as coisas também querem partir,
As coisas também querem chegar
A qualquer parte! desde que não seja
Este eterno mesmo lugar...
E em vão o Pai procura assumir o comando:

Mas acabou-se a autoridade...
Só existe no mundo esta grande novidade:
VIAJAR!

O POETA

Venho do fundo das Eras,
Quando o mundo mal nascia,
Sou tão antigo e tão novo
Como a luz de cada dia.

O TIO

O vento quase que apagou a lâmpada.
Dançaram sombras súbitas no teto.
Uma era um tio que eu nunca tive:
Meu coração pulsou de afeto.

Ai, nem os meus fantasmas existiram!
Falsos fantasmas, vai-se olhar e somem-se,
Deixando só um doloroso frêmito
Nos muros, e no coração inquieto...

Senão quando, compus um pensamento:
"É tudo sombra vã, que agita o vento."
E num suspiro espevitei a lâmpada.

QUEM DISSE QUE EU ME MUDEI?

Não importa que a tenham demolido:
A gente continua morando na velha casa
em que nasceu.

PRIMEIRO POEMA DE ABRIL
Para Evelyn Berg

Vem vindo o abril tão belo em sua barca de ouro!
Um copo de cristal inventa as cores todas do arco-íris.
Eu procuro
As moedinhas de luz perdidas na grama dos teus
olhos verdes.
E até onde, me diz,

E até onde, me diz,
Até onde irá dar essa veiazinha aqui?
(Abril é bom para estudar Corpografia!)

POEMINHA CHUVOSO

Uma velhinha por trás da vidraça
Jogando paciência com a chuva que cai...

EXTRA-TERRENA
Para Cecilia Meireles

Nós colhíamos flores de hastes muito longas
E cujos nomes nem ao menos conhecíamos...
E nem sequer, também, sabíamos os nossos nomes...
E para que, se um para o outro éramos Tu, apenas...
Ou quem sabe se a Morte nos houvera bordado
numa tapeçaria
A que o vento emprestasse a vida por um momento?
E por isso os nossos gestos eram ondulantes como as
plantas marinhas
E as nossas palavras como asas suspensas no vento...

GOSTOSURAS

Tua saudade tem gosto de amora.
O teu beijo tem gosto de pitanga.

O GATO

O gato chega à porta do quarto onde escrevo.
Entrepara... hesita... avança...
Fita-me.
Fitamo-nos.

Olhos nos olhos...
Quase com terror!

Como duas criaturas incomunicáveis e solitárias
Que fossem feitas cada uma por um Deus diferente.

HAIKAI DE PRIMAVERA

Tua orelha num frémito desnuda-se:
O que seria
O que seria que te disse o vento?!

PEQUENO INVENTÁRIO

Os cabelos encaracolados das chamas
Os lisos cabelos do vento
O cabelo rente da grama.

Os grandes pés ausentes dos deuses de pedra
Os pés volantes do medo
Os pés ridiculamente em esquadro dos assassinados.

Os meus dedos em leque onde se incrustam as estrelas
Os meus dedos em grade
Os meus dedos em grade
Os meus dedos em grade, ah, que eu não
consigo atravessar!

As RUAZINHAS

Eu amo de um amor que jamais poderei expressar
Essas pequenas ruas com suas casas de porta e janela,
Ruas tão nuas
Que os lampiões fazem às vezes de álamos,
Com toda a vibratilidade dos álamos,
petrificada nos troncos imóveis de ferro,
Ruas que me parecem tão distantes
E tão perto

A um tempo
Que eu as olho numa triste saudade de quem
já tivesse morrido,
Ruas como as que a gente vê em certos quadros,
Em certos filmes:
Meu Deus, aquele reflexo, à noite, nas pedras
irregulares do calçamento,
Ou a ensolarada miséria daquele muro a perder o reboco...
Para que eu vos ame tanto
Assim,
Minhas ruazinhas de encanto e desencanto,
E que expressais alguma coisa minha...
Só para mim!

POÇAS D'ÁGUA

As poças d'água são um mundo mágico
Um céu quebrado no chão
Onde em vez das tristes estrelas
Brilham os letreiros de gás Néon.

CHOVE!

Chuva
Chuva
Chuva
Vontade
Chuva
De fazer não sei bem o que seja
Vontade de escrever Sagesse, de Verlaine
E a tarde gris, tão viúva,
Vai derramando
perenemente as suas lágrimas de chuva
Abundantes
Como lágrimas de fita cômica
cômica
Cômica

(1925)

O ADOLESCENTE

Adolescente, olha! A vida é bela!
A vida é bela... e anda nua...
Vestida apenas com o teu desejo.

A ADOLESCENTE

Arvorezinha crescendo...
crescendo...
crescendo...
Até brotarem dois pomos!

ANO-NOVO

Agora nesta margem do Ano-Novo
Me sacudo todo como um cão molhado.
No meio do parque há um letreiro: ANO-BOM. O povo
Acredita,
O povo tem um sorriso que vai de orelha a orelha:
Meu Deus, até parece degolado!

Toda a rosa-dos-ventos se desfolha
E o ar está cheio de nomes amados
- uns tristes de tão longe...
Porém o rastro que eles deixam é sempre azul.
Estou só, ó Vida,
Só e livre.
Das palmas das minhas mãos brota o vôo de um
pássaro!
Enquanto
lá do fundo da infância que eu não tive -
Um menino apresta o arco...

Os GRILOS

Eles cantam a noite inteira!
Não sabias?
Os grilos são os poetas mortos...

POEMINHA SENTIMENTAL

O meu amor, o meu amor, Maria
É como um fio telegráfico da estrada
Aonde vêm pousar as andorinhas...
De vez em quando chega uma
E canta
(Não sei se as andorinhas cantam, mas vá lá!)
Canta e vai-se embora
Outra, nem isso,
Mal chega, vai-se embora.
A última que passou
Limitou-se a fazer cocô
No meu pobre fio de vida!
No entanto, Maria, o meu amor é sempre o mesmo:
As andorinhas é que mudam.

TROVA

Estes seios que te vieram
Decerto são meus filhinhos...
Maria, que gosto vê-los
Cada dia maiorzinhos!

OUTONO

O outono de azulejo e porcelana
Chegou! Minha janela é um céu aberto.
E esse estado de graça quotidiana
Ninguém o tem sob outros céus, decerto!

Agora, tudo transluz... tanto mais perto
Quanto mais nossa vista se alontana
E o morro, além, no seu perfil tão certo,
Até parece em plena via urbana!
Tuas tristezas.., o que é feito delas?
Tombaram, como as folhas amarelas
Sobre os tanques azuis... Que desaponto!
E agora, esse cartaz na alma da gente:
ADIADOS OS SUICIDIOS... Simplesmente
Porque é abril em Porto Alegre... E prontO!

765

HISTÓRIA BURGUESA

Era à luz dos lampiões de querosene
Que a gente fazia os deveres escolares.
Nas paredes, São Jorge e o seu cavalo branco
Nos sugeriam - que digo? - nos impunham mais
graves deveres...
E ninguém notava.
Depois, a lâmpada elétrica e, nas paredes
O Marechal Deodoro a proclamar sempre e sempre
a República
- e ninguém notava.
Enquanto isso, em todos os centros-de-mesa de todas
as casas burguesas
Ostentava-se a grande moda das flores artificiais
- Todo mundo notava.
(O que é a natureza! - dizia dona Glorinha - até
parecem verdadeiras!)
Até que um dia um papa decretou
que São Jorge jamais havia existido.
Agora, apenas o seu cavalo branco ainda corre
solto por aí...
(Mas ninguém, ninguém se atreve a montar
num cavalo fantasma).

O DESPERTAR DOS AMANTES

Quem teria deixado,
Enquanto nos amávamos,
O tarro de luz à nossa porta?

O DESPERTAR DO EGOTISTA

Os pequeninos vendedores de jornais
Gritam por meu nome!

766

MEU BONDE PASSA PELO MERCADO

O que há de bom mesmo não está à venda,
O que há de bom não custa nada.
Este momento é a flor da eternidade!
Minha alegria aguda até o grito...
Não essa alegria alvar das novelas baratas,
Pois minha alegria inclui também minha tristeza
- a nossa
Tristeza...
Meu companheiro de viagem, sabes?
Todos os bondes vão para o Infinito!

A REDE

Senhor,
Que buscas tu pescar com a rede das estrelas?

TRÊS AMORES

Três amores... Quem me deu
Tão estranha sorte assim?
Três amores, tenho-os eu
E nenhum me tem a mim!

O VISITANTE MATINAL

Para que nomes? Era azul e voava...

O VISITANTE NOTURNO

Aparecia-me sempre nos pesadelos:
O seu silêncio era aterrorizante!

O VELHO POETA

Velho? Mas como?! Se ele nasceu na manhã de hoje...
Não sabe o que fazer do mundo,

767

Das suas mãos,
De si mesmo,
Do seu sempre primeiro e penúltimo amor...

E quem diria? o que ele mais teme na vida - é o seu
próximo poema!
Porque está sempre perigando sair tão comovedoramente ruinzinho
Como os primeiros poemas que ele escreveu menino...

OUVERTURE

Nosso Senhor
Sohre os telhados,
Nosso Senhor, com alamares de ouro,
Tocou magistralmente os sinofones:
Súbita debandada de asas... O céu gritava de azul!

AH! ESSES OLHARES...

Ah, esses olhares passeando, incômodas moscas,
Sobre a calma forçada da face dos mortos.
Poupai-me, amigos, tal humilhação
Ou, senão,
Pintai sobre a minha face morta,
De orelha a orelha
Em vermelhão
Um silencioso, um debochativo sorriso de clowu...
Aí podereis vir todos encarar-me então,
Curiosos, repugnantes vivos!

INTROSPECçÃO

Olho os meus dedos: leque metafísico...
Quando deixarei de olhar os meus dedos?

MONOTONIA

É segundo por segundo
Que vai o tempo medindo

Todas as coisas do mundo
Num só tic-tac, em suma,
Há tanta monotonia
Que até a felicidade,
a! Como goteira num balde,
Cansa, aborrece, enfastia...
E a própria dor quem diria?
A própria dor acostuma.
E vão se revezando, assim,
Dia e noite, sol e bruma...
E isto afinal não cansa?

Já não há gosto e desgosto
Quando é prevista a mudança.
Ai que vida!
Ainda bem que tudo acaba...
Ai que vida tão comprida...
Se não houvesse a morte, Maria,
Eu me matava!

MÚSICA

O que mais me comove em música
São essas notas soltas
- pobres notas únicas
Que do teclado arranca o afinador de pianos.

QUEM SOMOS?

Esse estranho que mora no espelho
Olha-me de um jeito
De quem procura recordar quem sou...

A RECORDAÇÃO

A recordação é uma cadeira de balanço
embalando sozinha...

O SONO

O sono é uma viagem noturna.
O corpo - horizontal - no escuro
E no silêncio do trem, avança.
Imperceptivelmente
Avança. Apenas
O relógio picota a passagem do trem.
Sonha a alma deitada no seu ataúde:
Lá longe
Lá fora
(Ela sabe!)
Lá no fundo do túnel
Há uma estação de chegada
- anunciam-na os galos, agora -
Com a sua tabuleta ainda toda úmida de orvalho,
Há uma estação chamada
AURORA.

CORAÇÃO

Coração que bate-bate,
Antes deixes de bater!
Só num relógio é que as horas
Vão passando sem sofrer...

Às VEZES

- Às vezes
O túnel do sono é iluminado apenas pelos
olhos verdes dos fantasmas.
Mas são inofensivos. Apenas sabem
atravessar paredes.
Ainda bem que desta vez ainda não eram
os monstros.
Os monstros têm olhos azuis
E a gente nunca sabe o que esperar deles!

LIRA I

Com a linha da saudade
Teresa borda o meu nome
E Maria o vai cortando
Com a tesoura do desprezo!

LIRA II

Cada noite que Deus dá,
Meu amor, que está no Céu,
Despetala uma estrelinha
Para ver se ainda o quero...

POESIA

As vezes tudo se ilumina de uma intensa irrealidade
E é como se agora este pobre, este único, este
efémero instante do mundo
Estivesse pintado numa tela,
Sempre...

FRÊMITO

Um ruido assusta o cheiro do jasmineiro...

AEROPORTO

Eu também, eu também hei de estar no

Grande Aeroporto, um dia,
Entre os outros viajantes sem bagagem...
Tu Dão imaginas como é bom, como é repousante
Não ter bagagem nenhuma!
Porém, no alto-falante,
Serei chamado por outro nome que não o meu...
Um nome conhecido apenas pelos anjos.
Mas eu reconhecerei o meu nome
Como reconheço no espelho a minha imagem
de cada dia.

E cada chamada será uma súbita, uma maravilhosa
revelação.
Menos
Para umas poucas criaturas...
Aquelas criaturas que mereceram ser conhecidas
Ainda neste mundo,
Ainda nesta vida
Pelo seu nome único e verdadeiro!

SEMPRE QUE CHOVE

Sempre que chove
Tudo faz tanto tempo...
E qualquer poema que acaso eu escreva
Vem sempre datado de 1779!

PASSARINHO NA TARDE DE SÁBADO

Como se fosse o primeiro passarinho do mundo
Na primeira manhã do mundo,
Voa e revoa
Por cima do mundo, por cima de tudo,
Por cima da praça modesta
Onde velhinhos sentados
Fazem um pouco de sesta.
Voa e revoa, inquieto,
Por cima da gente que passa
Apressada,
Por cima das árvores
Por cima da estátua eqüestre
Que está no meio da praça.
Esvoaça,
Esvoaça
Alegre!
Passarinho, eu te acho uma graça...
Só uma coisa te peço, passarinho de
minh'alma:
Não me faças nenhum descuido em cima

do cavalo da estátua!

A LARANJA

A laranja cortada ao meio,
Úmida de amor, anseia pela outra...
Ë assim, é bem assim que eu te desejo!

A SAUDADE

A saudade é o que faz as coisas pararem
no Tempo.

A COMPANHEIRA

A lua parte com quem partiu
E fica com quem ficou.
E pacientemente -
Aguarda os suicidas no fundo do poço.

NUNCA NINGUEM SABE

Nunca ninguém sabe se estou louco para
rir ou para chorar.
Por ISSO O meu verso tem
Esse quase imperceptível tremor...
A vida é louca, o mundo é triste:
Vále a pena matar-se por isso?
Nem por ninguém!
SÓ se deve morrer de puro amor...

O LUAR

O luar é a luz do sol que está sonhando...

O ÚLTIMO POEMA

Enquanto me davam a extrema-unção,
Eu estava distraído...
Ah, essa mania incorrigível de estar
pensando sempre noutra coisa!

Alias, tudo é sempre outra coisa
segredo da poesia
E, enquanto a voz do padre zumbia como
um besouro,
Eu pensava era nos meus primeiros sapatos
Que continuavam andando, que continuam andando,
Até hoje
Pelos caminhos deste mundo.

DA MESMA FAMÍLIA

E havia um tempo em que o meu olhar dizia:
"Bom-dia, sr. Dia!"
Era o meu primeiro pensamento ao despertar.

Naquele tempo todas as coisas tinham nome próprio.
O relógio não era o relógio apenas,
O relógio chamava-se Relógio
E as orações da noite eram ditas diretamente
a Deus nosso Senhor.
Tudo era familiar,
Ao alcance da mão, da voz, do olhar.
Depois é que veio a Idade do Conhecimento
E ninguém mais se conhece!

BRASA DORMIDA

Da minha vida, o que eu me lembro
É uma
Sucessão de janelas fechadas
Nalgum país de sonho...

Apago-me, suponho,
Como as luzes de uma festa.

Ah! uma coisa resta,
Misterioso reflexo no escuro:

Teus lábios úmidos como frutos mordidos!

HAIKAI DE OUTONO

Uma borboleta amarela?
Ou uma folha seca
Que se desprendeu e não quis tombar?

DIA DE CHUVA

Dia de chuva
É para a gente rasgar cartas antigas...
Folhear lentamente um livro de poemas...
Não escrever nenhum...

A BEM-AMADA NA PRAIA

Sua bundinha
Deixou na areia
A forma exata
De um coração!

AUTO-LEITURA

A minha obsessão por sapatos e vacas
Diverte os amigos
Os inimigos
Os psicólogos
Creio que diverte também até as próprias vacas
menos a Poesia!

VERANICO

Está marcando meio-dia nos olhos dos gatos.
As sombras esconderam-se debaixo da barriga dos cavalos.
A cidadezinha modorreia... A tarde
Avança, lentamente, como o casco coberto de poeira
Como uma tartaruga...
O poema empaca. O poeta adormece
De chatice...
A vida continua, indiferente.

As BIBLIOTECAS

Um dia veio uma peste e acabou com
Toda a vida na face da Terra:
Em compensação ficaram as Bibliotecas...
E nelas estava meticulosamente escrito
o nome de todas as coisas!

O VERSO

O verso é um doido cantando sozinho.
Seu assunto é o caminho. E nada mais!
O caminho que ele próprio inventa...

A IMAGEM PERDIDA
Para Sérgio Faraco

Como essas coisas que não valem nada
E parecem guardadas sem motivo
(Alguma folha seca... uma taça quebrada)
Eu só tenho um valor estimativo...

Nos olhos que me querem é que eu vivo
Esta existência efêmera e encantada...
Um dia hão de extinguir-se e, então, mais nada
Refletirá meu vulto vago e esquivo...

E cerraram-se os olhos das amadas,
O meu nome fugiu de seus lábios vermelhos,
Nunca mais, de um amigo, o caloroso abraço...

E, no entretanto, em meio desta longa viagem,
Muitas vezes parei... e, nos espelhos,
Procuro, em vão, minha perdida imagem!

PORTA GIRATÓRIA

(1988)

A POESIA

Encomendaram-me os editores uma "suma" de minha poesia, o que
me enche de perplexidade. Pois não foi aereamente e sim muito de
propósito que dei a um dos meus livros (que por sinal é o predileto de Manuel
Bandeira, Augusto Meyer e Carlos Drummond) o título de O aprendiz de
feiticeiro, tirado de uma lenda alemã. Esse incauto aprendiz, na ausência

do seu Mestre, pôs-se a lidar com forças desconhecidas, e o que aconteceu foi uma incontrolável multiplicação de vassouras, no meu caso uma multiplicação de poemas.
Saberá mesmo um poeta em que consiste essa espécie de força o ulta que o faz poetar? Ele não tem culpa de ser poeta; portanto, não tem de que se desculpar ou explicar.
Se eu conheço algum segredo é o da sinceridade, não escrevo uma vírgula que não seja confessional. Esse desejo insopitável de expressar que tem dentro de si é o mesmo que leva o crente ao confessionário e o incréu ao divã do analista. O poeta prescinde de ambas as coisas, e os que não são poetas, mas gostam de poesia, desafogam a si mesmos através dos poemas que lêem: porque na verdade vos digo que não é o leitor que descobre o seu poeta, mas o poeta que descobre o seu leitor.

CUJAS CANÇÕES

É costume cada um colocar sua profissão ou títulos nos cartões de visita.
Ora, quem escreve estas linhas já recebeu alguns titulos da generosidade de seus conterrâneos; escolher um só seria indelicadeza com os outros
proponentes.
Quanto a mim, sempre fui de opinião que bastava o nome da pessoa, sem a vaidade de títulos secundários. Mas eis que a minha camareira fez-me cair em tentação: dá-se o caso que saiu a edição de meu livro Canções, ilustrado por Noêmia e que, ao ser noticiado por Nilo Tapecoara no

"Bric-à-brac da vida", este o publicou com o meu retrato em duas colunas, e, abaixo do mesmo, uma notícia que assim principiava, com a primeira linha impressa em letras maiúsculas:
MARIO QUINTANA, CUJAS CANÇÕES etc. etc....
Ora, na manhã daquele dia, ao servir-me o café na cama, sia Balbina não podia ocultar o orgulho que lhe causava o seu hóspede e repetia: "Cujas canções, hein, cujas cançoes!"
O seu maior respeito era devido, sem dúvida, à misteriosa palavra cujas.
E não sei se resistirei à idéia que me inspirou sia Balbina: imprimir meu cartão de visitas assim:

MARIO QUINTANA

Cujas Canções

REGRESSO À CASA PATERNA

De volta a estas páginas, a esta minha velha seção no Correio, voltando, enfim, aos meus fregueses de caderno, confesso que não tenho palavras para dizer tudo o que sinto nem adianta sugerirem que neste caso eu poderia latir, uivar, ganir. Mas por que não?! Espero encontrar os leitores

tal como sempre foram, embora eu próprio já não seja o mesmo. Apresso-me a explicar: devido a um acidente de tráfego, colocaram-me no quadril esquerdo um parafuso de aço. Portanto, não pertenço unicamente ao reino animal: também faço parte do reino mineral...
Em todo o caso, o que mais importa é dizer o que significa o Correio do Povo, para a minha geração e para as gerações seguintes. Foi no Correio do Povo que aprendi as primeiras letras, antes de todas o "O", do título, que meu pai apontou com o dedo, por ser a mais simples, depois as mais complicadas. Até que, quando dei por mim, já sabia ler! Aqui estou de volta, pois, devidamente alfabetizado. Eu e os da Velha Guarda. E, como eu declarei ao dr. Breno Caldas, da última vez que nos encontramos: "A Velha Guarda não morre e não se entrega!".
Disse-lhe eu isto quando a gente vivia tão-só de esperanças... Mas, agora, estamos ante a confortadora realidade de pertencer a um velho órgão que faz parte integrante da História do Rio Grande do Sul e, por conseguinte, da História do Brasil.

NOSTALGIA

Os marinheiros se embriagam tanto em cada porto na ilusão de ainda estarem sentindo o doce embalo maternal das ondas...

A VIDA SIMPLES

Ora, Maria! o meu mundo é de
temperaturas
tenções
fulgurações...
Eu nada tenho a ver com os sentimentos humanos!
Por que que tu não és uma vaca, Maria? Por quê?
Ficaria tudo mais simples e verdadeiro...

DIÁLOGO FAMILIAR

- Mas por que você não escreve umas coisas mais sérias?
- Ora, tia Ëlida! Eu já não sou mais criança...

A MINHA MENSAGEM

A minha mensagem? Nenhuma. Não sou moço de recados. Aliás por que você não se deu ao trabalho de ler os meus versos antes de entrevistar-me?
Se os conhecesse, lembraria certamente aquele que diz:
"Um poema sem outra angústia que a sua misteriosa condição de poema."
Talvez dê, este claro e misterioso verso, a pensar que o poema é algo exterior ao poeta, uma realidade objetiva - e não relativa ao sujeito que a expressa.
É o que eu creio e receio.

Porque nisto de fazer poemas o que há, para mim, é uma necessidade
de expressão e não de comunicação.
Tanto assim que, se eu descobrisse um dia que era a única criatura
restante sobre a face da Terra, empregaria o meu longo lazer não
necessariamente a cantar a minha situação única, mas a refazer aqueles metis
poemas que não me parecessem ainda ter recebido um adequado tratamento
expressivo, isto é, o devido trabalho técnico, ou os que, de tão indizíveis,
não me animei até agora a defrontar.

E é isto que da um terrível sentido aos trabalhos do Poeta, uma enorme
responsabilidade em face da Esfinge.

PRIMAVERA

A primavera é a estação dos risos etc. etc. Mal treme a brisa e mal palpita
o lago. Mas de que brisa me hablas, Casimiro? E vento, e chuva - é isto!
Ah, pelo que vocês dizem e pelo que se vê, a primavera é apenas uma
licença poética...

DE UM DIÁRIO DE VIAGEM

As vezes, nas grandes cidades, descobrem-se esquinas de aldeias, com
um botequim honesto e sem pressa, com fregueses fixos que não
necessitam fazer o costumeiro pedido.
Entrei. Tudo conferia, tanto que fui à porta espiar o céu para ver se
a lua não seria também uma lua de aldeia: não havia céu, não havia lua,
como acontece em todas estas babilônias.
Essa espécie de choques cronológicos que eu, num poema
desconhecido, denominei esconderijos do tempo é como se a roupa nova da
cidade estivesse aqui e ali remendada com trapos velhos.
Reentrei. Pedi algo bem forte - uma dessas metralhas que mergulham
a gente em plena intemporalidade. A coisa se chamava "O Bafo da Onça"...
Deu certo.

A OUTRA MÃO

O adormecido que, num gesto de abandono, deixou pendida a sua mão,
sentiu que debaixo da cama alguém lhe apertava calorosamente.
"Calorosamente" é um modo de dizer, minha filha... Era uma mão gelada,
gelada!

LAGOSTA À MODA FRANCESA

Aos domingos, como os meus remanescentes amigos costumam passar
fora o fim de semana e como este tem por finalidade, não confessada,
exatamente essa espécie de ascese que é a gente livrar-se durante um dia e
meio dos amigos, fico com o dia em branco e devoro literalmente os

jornais. Desde os pequenos anúncios, onde encontro coisas deliciosamente

assim: "Alugam-se duas salas para senhoras bem arejadas" até seções dedicadas ao lar. Ora, na última destas, li e reli:

LAGOSTA À MODA FRANCESA - Ponha a lagosta, para cozinhar, num molho de escabeche bem grosso: deixe esfriar no próprio líquido em que foi cozida. Separe então a carne da lagosta, deixando intacta a carapaça da mesma. Reserve alguns pedaços mais bonitos e pique o esto para fazer um guisado. Refogue na manteiga, junte um pouco de vinho do Porto e ligue tudo a um molho bem temperado. Recheie com essa carne a carapaça da lagosta, arrume dentro de uma fôrma, regue com um pouco mais de molho e leve ao forno para dourar, sem deixar no entanto ressecar por cima.

Isto é de a gente ficar com água na boca... E também é de amargar!

Como é que a dona-de-casa, que não consegue nem um democrático sirizinho, vai conseguir a imperial lagosta?

Isto não pode ser.

É verdade que há gente que pode...

Mas não são os da soçaiti nem os marginais que formam a classe média nacional, composta de honrados e suados harnabés. Dos marginais, nem é bom falar, porque isso nunca deixa de provocar na gente uma espécie de remorso de fundo coletivo... Quanto à "gente bem", são como que o bautfond da sociedade, como o dizia um amigo meu, em contraposição ao basfond.

O que aliás não é implicar com ninguém.

Também esclareça-se que não implico com as lagostas. A lagosta é dos poucos bichos que a gente pode ver inteiros antes de deglutir. Aquela sua armadura medieval e o seu aspecto heráldico, pois deve ter nascido para animal de brasão, tal como o nobre e irreversível hipocampo, aquele seu aspecto puramente decorativo não me constrange á mesma situação de quando fui enfrentar, há dias, uma cabeça de porco assado. Meu Deus, aquele sorriso, aquela sua face, aquilo tudo tão humano me provocou uma inibição impossível de dominar...

E, dentro dessa mesma exemplificação de sentimentalismos gastronômicos, sei de uma boa senhora que não podia comer galinhas a quem "conhecia pessoalmente" do seu terreiro. Apenas saboreava as que provinham anonimamente do mercado público.

Pois bem, meus ricos leitores, não sou, como vistes, contra lagostas e outros acepipes: isto seria levar muito longe a solidariedade democratica...

O que acontece comigo é que- com perdão da irreverência da comparação - penso como o apóstolo São Paulo, o dual, agradecendo numa de suas epístolas o auxílio financeiro que lhe haviam mandado alguns discípulos, respondeu-lhes que aproveitaria bem o dinheiro, visto que tanto estava acos-

tornado a passar bem como a passar mal... Ótimo! Eis aí um grande santo

que era também grandemente humano.

RETRATO

...aquele renomado economista, com a sua cara compenetrada de ovo choco...

MOTIVAÇÕES

Quando eu, guri, comecei a fumar, foi para bancar o homenzinho. Mas que adiantou? Agora cigarro é vicio de mulher...

A LEITURA INTERROMPIDA

O tempo corre por entre nossos dedos como água - diz um personagem, aliás muito sábio (e ainda por cima imperial) de um livro de William Golding que estou lendo para enganar outros cuidados. Pergunto-me: por que diz ele que o tempo corre como água e não como areia? E por que não correria como o vento, que leva, sobre a areia e a água, a vantagem de ser invisível e impalpável como o próprio tempo? Essas comparações permutáveis são uma denúncia de truque poético. Não importa que o livro de Golding seja em prosa: quem faz comparações está fazendo poesia. Essa permutabilidade nota-se não raro nos versos crioulos, com as suas imagens obrigatoriamente regionais:
"Do potreiro de teus olhos
nunca mais me apartarei".
Mas por que não da mangueira de teus olhos ou, melhor ainda, da querência de teus olhos?
Poesia, mesmo, é quando a imagem é insubstituível, como o fez Garcia Lorca, na "Ode a Walt Whitman", ao retratar em seu verso inicial a figura do poeta:
"Viejo lindo como la nieve!"

TRISTE HISTÓRIA

Há palavras que ninguém emprega. Apenas se encontram nos dicionários como velhas caducas num asilo. Às vezes uma que outra se escapa e vem luzir-se desdentadamente, em público, nalguma oração de Pobres velhinhas... Pobre velhinho!

Há poetas, há certos poemas radioativos. São os que, sem querer, vêm operando as transmutações, as mutações humanas. Não eram cogumelos súbitos. Agitava-os o vento shakespeariano de todas as paixões, de todos os cuidados. Não sei se ficamos melhores ou piores: ficamos mais profundos. Mas há, neste mundo, os que sofrem a vertigem das profundezas ou das alturas. Para esses, inclinam-se à beira da estrada umas florinhas silvestres que sempre estão se oferecendo: colhe-me, colhe-nos! E OS poetas da planície fazem buquês com elas! Alguns até belíssimos, mas sem perigo

algum. Pudera! Eram flores de retórica.

CRIATIVIDADE

Desconfiar da observação direta. Um romancista de lápis em punho no meio da vida - esse atento senhor acaba fazendo apenas reportagens. É melhor esperar que a poeira baixe, quc as águas resserenem: deixar tudo à deriva da memória. Porque a memória escolhe, recria. Quanto ao poeta, que nunca se lembra, inventa. E fica mais perto da verdadeira realidade.

Os NOMES

Como não lhes interessa o que parece inútil, os campônios não dão importância às flores do campo. É o que parece. Mas a gente fica a perguntar-se como é que essas flores silvestres conseguiram então ter nomes populares: margaridas, amores-perfeitos, coisas assim!

DRÁCULA E os PESQUISADORES

O que chateia nos filmes de vampiros não são os ditos vampiros - em geral uns verdadeiros amores no gênero - mas aqueles dois indefectíveis Personagens: um que acredita em tudo e outro que não acredita em nada... Falta-lhes o espírito de disponibilidade - que talvez não seja apenas uma característica do homem moderno, e sim do homem eterno. Ou, no mínimo, do leitor inteligente.

SONHANDO ACORDADO

Releitura das Crônicas marcianas - escusado dizer que de Ray Bradbury que deixam em nosso espanto um travo de tristeza e de esperança. Um livro que não passará como tantos outros de FC, porque Bradbury, poeta que é, desdenha o laborioso cientificismo de seus colegas, logo ultrapassado, na realidade, pela técnica alucinante do homo sapiens... não! do homofaber. Seja como for, a demanda de sonho lúcido da parte dos leitores provocou nos países de língua inglesa essa avalanche de FC em que eu e muita gente boa somos arrastados. Mas o fato é que as obras de ficção científica são o que de melhor e pior tem produzido a literatura estadunidense de nossos dias. O que importa, afinal, é este sonho aberto a todos os problemas. E, como diria agora o meu velho amigo Hamlet, há algo de sadio, no reino da Dinamarca...

NOSTALGIAS

Há tempos escrevi este decassílabo nostálgico:
"Acabaram-se os bondes amarelos!"
Tão nostálgico que até hoje ficou sozinho esperando o resto dos companheiros. Também, não faz muito, escrevi este outro decassílabo:

"Acabaram-se as tias solteironas..."
Talvez esses dois solitários se venham um dia a reunir num mesmo poema.
Têm ambos o mesmo ritmo. Causam ambos o mesmo nó na garganta que me impede de os continuar.
Talvez o poema já esteja pronto... e ninguém notou. Nem eu!
Porque ele próprio se completou, cada verso chorando no ombro do outro... E sem mesmo notar que eram decassílabos!

Os COLECIONADORES

Os turistas dos discos voadores raptam, dentre nós, apenas aqueles que têm orelhas de abano pois são ótimos para serem afixados com belos alfinetes, numa espécie de "herbário" lá deles...

As PERSONAGENS

Mas que estarão cochichando, no vão daquela janela do Paço, o Bispo de Cochabamba e o Conde de Biancamano?
Eu deveria saber, porque eles são personagens de um conto meu, realisticamente fantástico. Mas nossas criações têm vida própria e quando pensam em nós é para nos acusarem de suas insuficiências, do desmoronamento de suas ridículas ambições.
Pensam em nós? Nem isso: desconhecem até os nossos nomes e nos chamam de Destino, Acaso, Azar, Fatalidade, Deus, o Diabo...

A PORTA

Quem atravessa a porta da única parede de uma casa em ruínas é como se passasse para o Outro Mundo.

DA INFLUÊNCIA DOS ESPELHOS

Tu te lembras daqueles grandes espelhos de feiticeiro que certos proprietários colocavam à entrada de seus estabelecimentos para atrair os fregueses, achatando-os, alongando-os, deformando-os nas mais estranhas configurações?
Nós, a miuçalha, achávamos uma bruta graça naquilo, bem sabíamos que era tudo ilusão, embora talvez nem conhecêssemos o sentido da palavra "ilusão".
Não, absolutamente não éramos aquilo!
E só muitos anos depois viríamos a descobrir que, para os outros, não éramos precisamente isto que somos - mas aquilo que os outros vêem...
Cuidado, incauto leitor! Há casos em que alguns acabam adaptando-se a essas imagens enganosas, despersonalizando-se, para o resto da vida, num segundo "eu".
O eu dos outros...
Pois que pode uma alma, ainda por cima invisível, contra o

testemunho de milhares de espelhos?

MAPA SECRETO

Na mancha do pêlo das vacas o menino estuda a geografia de suas ilhas imaginárias.

787

SENTI MENTALISMOS

Quando uma dessas vovozinhas me exibe umas fotografias coloridas e ainda por cima vai apontando e explicando:
- Este aqui é o meu último netinho, o outro é o mais velhinho, a do meio, seu Mario, é a que está sentada na areia - Ah, vocês nem acreditariam, mas essa é a ú nica chateação que eu suporto com gosto.

LEITURA DINÂMICA

Essa tão badalada novidade da leitura dinâmica é muito, muito antiga...
Quem a inventou foi o vento, o único que a sabe praticar de verdade.
Inveterado leitor de tabuletas, ele não salta uma só que seja, não perde nenhuma delas. Lê e passa, que o seu destino é passar, mas guarda uma lembrança vertiginosa de todas, das vermelhas, das de azul mais forte, das verdes em todos os tons, sem esquecer, ó Van Gogh, as tabuletas amarelas...
Porque a maior dor do vento é não ser colorido.
Sabes? Perpassa no vento a alma dos pintores mortos, procurando captar, levar (para onde?) as cores deste mundo.
Que este mundo pode ser que não preste, mas é tão bom de olhar!

ASSOCIAÇÃO DE IMAGENS

Esses concertistas que tocam piano dando marradas para frente e para o alto fazem lembrar os cientistas loucos e os monstros dos filmes de horror, cujo compulsório hobby - sabe o Diabo por quê! - é exatamente tocarem piano...

DAS NOTAS DE UM ECOLOGISTA

Quando acabarem todos os elefantes, acabará a bondade do mundo.

PESQUISAS

Andam todos os buquinistas do meu Rio Grande a procurar ansiosamente e amorosamente A divina pasto ra. O título é um encanto, promete um clima idílico, de quando o amor existia. Espero que esses incansáveis cavaleiros andantes libertem um dia a sua dama. Quanto a mim, o meu

788

sonho é que o acaso depare, aos humanistas que ainda existem na Europa, os livros até agora perdidos do Satyricon de Petronius Arbiter. Indago: pois não foram encontrados, sem que ninguem os procurasse, os preciosos manuscritos do Mar Morto? Ou será que os deuses em exílio já não podem igualmente fazer milagres? O encanto que eu tenho pelo Satyricon, ao contrário do que vocês podem pensar, é também um sentimento de pureza. O que nos fascina naquele delicioso cronista é a ausência da noção de pecado, como se estivéssemos ainda no Paraíso.

ASTRONOMIA

Dizem os astrólogos que Saturno é taciturno. Mas só se for para rimar... Com seus multicoloridos anéis, ele é, dentre os seus pobres irmãos do sistema solar, o único planeta que faz bambolê.

INTENÇÕES

Os que andam com segundas intenções não conseguem enganar ninguém. Está na cara... O perigo mesmo - porque é invisível - está nos que têm terceiras intenções.

ADJETIVAÇÕES

Era uma mulher de peregrina beleza diziam os escribas de outrora a propósito das damas superfinas que costumavam abundar nos seus romances e nem se davam conta que só poderia tratar-se de uma cigana.

BRIC-À-BRAC

Os pianos de cauda, as sobrecasacas, as caudas dos vestidos de noiva, tudo isso está sendo contrabandeado para o reino brumoso das lendas. Agora, nem ao menos a esperança me resta de rever o cometa de Halley, com a sua ondulante cauda de cavalo celeste- a mais bela, a mais remota recordação da minha vida.

(1954)

789

MONÓLOGO DO ESPECTADOR

"O teatro dos acontecimentos" - eis aí uma velha expressão que significa muito mais do que parece. Será que tudo não passa mesmo de um

faz-de-conta?

CRIAÇÃO ÀS AVESSAS

Isso da desintegração do átomo tem algo de sacrílego. É uma espécie de Criação às avessas... E depois, rompida uma única malha, não seria de temer que se desfizesse toda a tessitura?...

UMA ESPÉCIE DE CORRIDA

Atravessar de um ano para o outro parece-nos uma espécie de corrida. Chega-se daquele jeito que bem sabemos, mas com uma careta de triunfo na face...

FELIZ COINCIDÊNCIA

Tive um amigo, se não me engano chamava-se Fagundes, o qual, sempre que tinha queixa contra alguém, desabafava: "Tomara que morra!"
- Cruzes, Fagundes! Isso é coisa que se diga?! protestava eu. E ele:
- Acha você que ele vai morrer, só por eu ter dito isso? Se ele morrer, será apenas uma feliz coincidência...

As MÁXIMAS

Tenho à mão as Máximas do nosso marquês de Maricá. Leio: "Mocidade desbragada, velhice achacosa." Discordo e emendo: "Mocidade desbragada, velhice anedótica." Pois os velhos que souberam estragar a mocidade, como têm coisas para contar à gente!
Quanto aos outros, são uns sujeitos tão chatos agora como deviam ter sido cinqüenta anos atras.

ESTETICAMENTE FALANDO

Ângela Maria, desta capital, escreve-me perguntando o que é que eu penso do newer look, isto é, do decreto dos grandes costureiros de Paris

que houveram por bem abolir as saias compridas... Sei que seria de bom-tom, Ângela Maria, optar galantemente pela saia curta e pôr umas reticências no fim da frase...
Mas não o faço, porque assim não penso, e o bom-tom não me fica bem. O fato é que, esteticamente falando, acho mais bela a saia con prida.
Também poderia alegar que não sou cronista elegante e que a última palavra no assunto deveria caber às mulheres.
Mas sei que não é assim. Basta lembrar que os grandes nomes da moda,
os grandes figurinistas, são todos homens e não mulheres, tanto hoje

como no passado.
As mulheres limitam-se a seguir a moda, por mais horrível que seja, e riem-se hoje da moda que elas mesmas usavam alguns anos atrás, por mais bela que fosse...
Humm! Estou sentindo que você não está gostando... Mas o que eu disse não tem a minima importância: foi pura vingança, juro, por você me haver consultado sobre um assunto que não me fica bem.
Repito que isso da moda ser feia ou bonita é coisa que não tem mesmo importância nenhuma. Nem para as mulheres, nem para os homens.
Principalmente para os homens, porque o amor é cego...
Agora sim, fui galante! Ou não fui?

PERGUNTAS ENTRECRUZADAS

O que há de triste no restaurante é que, quando a gente começa com muita exigência, eles acabam dizendo: "Se quer tudo a seu gosto mesmo, por que não come em casa?"
E o que há de mais triste é que em casa sempre acabam alegando: "Se você quer mesmo do bom e do melhor, e na hora, por que é que não vai comer no restaurante?"

CABEÇA DE CATAVENTO

Bem o sabemos: tudo se interpreta num mesmíssimo segundo, mas dona Lógica, uma senhora meticulosa e de óculos, separa e aloja tudo em cada compartimento: nada de promiscuidades. Foi ela quem inventou a gramática e as vírgulas.
Ora, um dos encantos de Gabriela consiste, por iSSO mesmo, na ausência de pontuação em seu pensamento, que vai fluindo e cantando como um arroio. Diz ela:

- Vi na igreja uma velha rezando parecia que estava bebendo água num pires Deus me perdoe mas por que puseste essa horrível gravata verde ainda não foste ver o último filme com o John Lennon...
Aqui uma pausa. Respiro. Gabriela suspira e diz:
- Um amor!

ZOOLOGIA

As damas ricas da Austrália têm cada uma um canguru de estimação, com quem vão fazer compras no supermercado.

QUEM SOMOS?

Todas as nossas carteiras de identidade são falsas. E a primeira curiosidade de quem morreu é saber qual é mesmo o seu verdadeiro nome.

E AS COISAS, O QUE SÃo?

Um dos espantosos mistérios da poesia é que uma coisa só parece ela
própria quando é comparada a outra coisa.

ANJO NO CONSULTÓRIO

E quando olho para cima, doutor, me dá um bruto medo de cair
no Céu...

O CITADINO

Um lugar só é bom quando a gente pode fugir para outro lugar.
Não compreendo esses grandes hotéis sozinhos no meio da mata, sob
a alegação do clima, da natureza... A natureza é chata como um cartão
postal em tamanho natural.
Nós somos os promíscuos habitantes da cidade. A cidade é que é a
nossa verdadeira natureza. Com incômodos, sim, mas muito mais variados
que os da natureza propriamente dita.
E a minha volúpia que mais se aproxima da primitiva natureza é andar
sem sapatos alta noite, entre o quarto e o banheiro, pelos corredores do
prédio onde resido.

DAS INDAGAÇÕES METAFÍSICAS

Cuidado! as esfinges alimentam-se exclusivamente de miolos...

NATUREZA VIVA

Há trovões arrastando pesados móveis, enormes cômodos pelo céu. Há
outros que trabalhar não é com eles e ficam resmungando, num desvão.
Por fim atracam-se. As lâmpadas, lá-alto, queimam-se em sucessivos
relâmpagos, enquanto o poeta descarrega os nervos. Até que tudo vaza e se
extravasa sobre o desespero dos guarda-chuvas em fuga e a verde alegria
das árvores.

Os MALES DA PERFEIÇÃO

Corre entre os anjos um boato que aqui transcrevo por conta deles.
Deus, cansado de ser infinitamente bom, resolve às vezes trocar de lugar
com o Diabo. E, nessas épocas de interinidade, sempre sai ganhando longe
do outro.

O ADULTO E A BANANA

Não há quem goste de bananas como sobremesa. Mas sim fora de
horas. E, ainda por cima, têm de ser roubadas da fruteira, na sala.
Qualquer leitor não me venha agora dizer que com ele não acontece
O mesmo. Acontece... para maior alegria póstuma do bom velho Darwin,
Com mais esta bela prova da nossa origem macacal.

MINIPAISAGENS

As janelinhas do trem, ao longo da estrada, vão tirando sucessivos
cartões-postais da paisagem, o que sempre é melhor do que a gente ficar no
meio de um vasto panorama como uma vaca no campo.

DEPRAVAÇÕES DO GOSTO

Empoleirome numa lanchonete. Peço iogurte.
Iogurte limão?

- Não!
- Ah, tem iogurte morango.
- Mas não tem iogurte puro?

Pura é a Inocência minha. Pois tudo o que preferem agora é com gosto
de outra coisa e não da própria coisa. Peço uma mineral. Oferecem-me
mineral limão, mineral laranja etc. Procuro uma barra de chocolate. Vejo
que é "flavorizado", como lá diz no invólucro. É quase impossível hoje em
dia encontrar chocolate com gosto de chocolate, iogurte com gosto de
Iogurte, ou uma democracia apenas democrática.

Os MENINOS E AS FRUTAS

Pitangas só têm graça colhidas no mato e saboreadas na hora - se é
que ainda existem matos e pitangas. E nem desconfiávamos de que aquele
ardente frescor, ao serem esmagadas, era a nossa primeira volúpia.
E havia os figos que se entreabriam mostrando os seus mistérios.
E a carnação dos pêssegos, então? Não, nós não os devorávamos
propriamente... Era puro, puro amor!

DAS AMPULHETAS E DAS CLEPSIDRAS

Antes havia os relógios d'água, antes havia os relógios de areia. O
Tempo fazia parte da natureza. Agora é uma abstração - unicamente
denunciada por um tic-tac mecânico, como o acionar contínuo de um gatilho
numa espécie de roleta-russa. Por isso é que os antigos aceitavam mais
naturalmente a morte.

ACADEMIAS

Entrar para uma Academia de Letras tem algo de hipocrisia, pois o cara
é logo obrigado a pronunciar, no discurso de recepção, o "elogio" de seu
antecessor.
E o pior é quando ele é honesto e sente-se na obrigação de ler de fio a
pavio as obras completas do falecido.
Além disso, o acadêmico comete um meio-suicídio, dedicando metade
da vida a solenidades e rapapés, quando poderia empregá-la toda no
silêncio e no recolhimento da criação literária.

LER E ESQUECER

Montaigne queixava-se a toda hora (queixava-se ou gabava-se) da sua
falta de memória. Quanto a mim, acho isso uma ótima vantagem, por
motivos óbvios. E, ao reler um livro, espanta-me e diverte-me o que relembro
na hora, ás vezes uma simples frase, um gesto, um acidente minimo.
- Mas por que exatamente essas e não outras coisas?
Seria o caso de fazer uma auto-analise, pesquisando a natureza dessas
fixações. E como, além da desmemória, a minha outra qualidade é a
preguiça, deixo aqui a sugestão aos especialistas.
E continuarei sempre a ler, com a alegria de um descobrimento, o velho
Machado, Tchekhov, Dostoiévski e outros rapazes eternamente jovens.

HISTÓRIA LITERÁRIA

Não há dúvida de que, depois do relaxamento romântico, o
parnasianismo foi uma boa ginastmca. Deu uns belos rapazes. Mas ocos, ocos...

MAIS PARNASIANISMO

Aliás, que mal há no parnasianismo quando é feito por um Heredia,
por exemplo? O mal do parnasianismo, entre nós, foram as chamadas
"rimas ricas", que por sinal são no mundo as mais pobres que existem, pois
não há outras a escolher. Quando são quatro, já está pronto o soneto.
Rimas ricas são as em "ada", em "ão", tão desprezadas pelos nossos
parnasianos. Um deles, Irineu Trajano, se não nos enganamos, por amor da rima
rica, escreveu o seguinte verso:
"Dos teus braços de carne entre as fulgentes roscas".

RESPONDENDO A REGINA

De alguém que se assina "Regina", recebo amável carta, reclamando que
a Poesia se está ausentando ultimamente das minhas crônicas, em
proveito do lado humorístico da vida... Fiquei desapontado, Regina. Primeiro,
Porque pensava que andasse escrevendo coisas muito sérias, inspiradas
Como eram, precisamente, no lado amargo da vida... Depois, porque
pensava que a poesia estivesse nas entrelinhas, como aliás acontece na vida...

Além disso, pela sua carta, quer-me parecer que não pertence ao
número das pessoas que pensam que há assuntos "poéticos" e outros não,
como também um estilo que possua a exclusividade de ser "poético". E,
precisamente pelo estilo de sua carta, vejo que tampouco pertence à
escola literária daquela professorinha do interior que me disse um dia: - O
senhor não imagina como estamos.., como eu estou contente com a sua
visita à nossa cidade!
E, confidencialmente:
- Aqui a gente não tem com quem falar dificil...

VERSO AVULSO

A vida não dá tempo para a Vida.

As LUAS

Andou fazendo nevoeiro. De noite... que lindo! Parece que estiveram
passando borracha na paisagem. Apenas sobravam os lampiões. Minto!
Só os focos dos lampiões sobravam, luas soltas no ar. De modo que ontem
pela madrugada eu ia andando por uma noite cheia de luas. Tu nem
imaginas o que é uma noite com uma porção de luas... A gente...
- Já sei! Fizeste um poema...
- Não. Caí num buraco.

O Povo E A RELATIVIDADE

Todas as línguas ocidentais sempre usaram a expressão "um espaço de
tempo". Que diria a isso o velho Einstein?

A MESA

Há muito aprendi, à custa de autocrítica, que um poema não é uma
estufa de imagens e muita vez é o poeta obrigado a sacrificar a mais bela de
suas filhas pela unidade do conjunto. Em vista do que, também não seria
lícito isolar uma imagem do poema a que pertence e apresentá-la sozinha
no meio do palco. Contudo, não pude agora resistir à tentação. Eis aqui
esta imagem que encontrei na Lírica consumível do português ArmandO
da Silva Carvalho e referente à mesa de trabalho do poeta:

"quadrúpede submisso
onde monto os meus versos."

ANOTAÇÕES

Há gente que guarda velhos papéis. Eu os perco. É o que estou dizendo: não os ponho fora: perco-os. Isso traz a vantagem de os achar de vez em quando e de os reler com um arzinho superior de sobrevivente. Num caderninho de várias décadas, encontro hoje, entre alguns criptogramas indecifráveis, anotações como a seguinte:
"O exército godo divide-se em corpos de mil homens e estes em companhias e esquadras de cem e dez, sob o comando respectivamente de um milenário, um centenário e um decano."
Não sei de onde, nem para que, tirei isto, e como não tenho o que fazer com isto, passo o tijolo adiante, que talvez seja de serventia a algum especializado.
Mas de repente topo com algo mais humano:
"Hoje, numa conversa ocasional, consegui pela primeira vez pronunciar o nome de Sônia com naturalidade."
E, copiando agora estas linhas, fiquei pensando se a poesia não será exatamente isso mesmo: um timbre indisfarçável de voz.
O poeta, varado de puro amor às coisas de que fala, o faz num tom que as recria e transfigura.
Essa teoria do tom amplia em muito o âmbito da poesia, obrigando acaso a incluir nas antologias poéticas muitas das páginas de Manuel Bernardes.
Mas, generalizando, poder-se-ia dizer que o estilo é a voz.
E vem providencialmente em meu apoio uma carta que acabo de receber do Erico Verissimo e na qual o nosso Tibicuera confessa nada menos que o seguinte:
"Há autores de cuja prosa a gente tem saudade. De vez em quando volto ao Eça, para escutar a voz dele."
Confere.
ERRATA Linhas acima, comecei referindo-me a velhos papéis. Não é bem assim: os papéis, a julgar pelo que geralmente diziam, eram novos, novíssimos. O velho era eu!

E O DIABO SE DIVERTE

A gente não se converte. A gente se reverte. E o Diabo se diverte.

FUMAR OU NÃO FUMAR

Proibiam-nos fumar quando meninos, o que, como todos nós sabemos, não adiantava nada... Antes pelo contrário!
E, apesar de toda a campanha que atualmente se tem feito contra os malefícios do fumo, até hoje experimentamos o benéfico efeito do primeiro cigarro, da primeira solene tragada, da primeira e triunfal baforada.
Porque - como um reflexo daqueles nossos inquietos e felizes anos de tabus e transgressões - ainda agora a gente se sente mais homem de cada vez que acende um cigarro...
Cada cigarro é como o primeiro cigarro.
Ora, na insegurança do mundo atual, eis aí a grande, a inegável

xantagem de uma bela tragada de vez em quando...
Disto bem sabem o psiquiatra e o delegado. Senão, por que é que oferecem um cigarro ao paciente ou criminoso quando querem coloca-lo a vontade?
Entre parênteses, isso de darem cigarros nos interrogatórios policiais só tenho Visto no cinema ou novelas do gênero, mas não tira a intensão e efeito do ato, absolutamente, o simples ato de suceder no domínio da ficção.
E, depois, se já existe, neste mundo cão, a Cortina de Ferro e a Cortina de Bambu, por que não erguemos também, para uso íntimo e particular, uma intransponível Cortina de Fumaça?

ESPORTE

O único esporte que pratico é a luta livre com o meu Anjo da Guarda.

PROSA DE BAR

Parar na penultima gota, aí está a verdadeira sabedoria - disse eu.
O difícil - disse o outro - é saber quando se está na penultima...
Aí é que está a questão.
Muitos usam o processo de recitar aquele famoso quarteto:
"Num ninho de mafagafos

Seis mafagafinhos há.
Quem os desmafagafizar
Bom desmafagafizador será."
Experimente o leitor. Se não o puder dizer é que está bêbado a dar com um pau. Uns versinhos tão fáceis.
Mas há outros processos. Meu amigo João Sabia parava quando a senhora do botequineiro, que atendia ao balcão, começava a ficar parecida com a Ingrid Bergman...
- Mas é a Ingrid mesmo! assegurou o outro.
Ora, dirá o leitor, a verdadeira sabedoria está em não começar.
- Mas meu sábio amigo, quem não bebe, não fuma, não joga no bicho, nem nada... Isso não é vida de cristão, como dizem os gaúchos.
Sim, porque afinal a verdadeira virtude está no sincero e dificil arrependimento e não na inocência boboca.

GETÚLIO

Há meses, em um natural desejo de fugir a estes nossoS terriveis tempos, e estando muito abalado (o que deve ter acontecido a todo bom hrasileiro, salvo especialíssimas exceções com as terriveis contíngéncias que levaram o nosso presidente ao suicidio, e não podendo dormir, resolvi pegar um livro que eu considerava um remédio batatal para a insonia: as Memórias de Saint-Sirnon. Fatal engano. Julgava eu que fosse uma leitura antes de tudo entorpecente, pois seu autor era um aristocrata e viveu

Sempre na Corte do fabuloso Roi Soleil, Luis xiv, com perdão da explicação. Ora, sendo assim, julgava este vosso escriba que fosse ele um artificial, a falar sobre artificiosos. Supremo engano. É verdade que o homem é terrivelmente maldizente, mas, ao mesmo tempo, terrivelmente arguto. E sucede que eu, querendo descansar da época atual, aconteceu-me exatamente O Contrário.
Fui exatamente ler a narrativa da agonia e morte de Luis xix, achando que seria uma coisa ótima para dormir - como um bem-aventurado. Pensava que se tratasse de uma sociedade humana em tudo diferente da nossa.
Nada disso, meu pobre leitor, o que aconteceu foi que, quando os médicos o desenganaram e ele próprio se desenganou, todos os satélites do Rei-Sol o abandonaram e passaram para a casa do que seria o regente do Reino durante a minoridade do futuro Luis xv, o duque de Orléans.

honrosamente aparentado conosco, mercê da casa reinante de Orléans e Bragança, nos saudosos tempos do Império.
Pois bem, estava eu lendo como uma coisa sedativa, ou quando muito divertida (Deus me perdoe) a morte de Luís xiv, quando topei com isto: quando o rei se achava agonizante, desenganado, perdido, todo mundo o abandonou e passou a freqüentar a casa do duque.
Ora, basta ler os jornais que se seguiram àquela trágica madrugada de 24 de agosto e ver-se-á simplesmente o seguinte:
Quando o nosso presidente, já disposto a matar-se, fez um formal pedido de licença, apenas para impedir que seus amigos mais chegados evitassem seu supremo gesto, quando isso aconteceu, noticiaram os jornais cariocas que todos, abandonando-o, se transferiram para a casa do sr. Café Filho. Desde então ficou este sabendo que não era café pequeno.
Considerando, pois, que as condições sociais podem mudar, mas que o homem é sempre o mesmo, falei a esse respeito com um meu colega e amigo, o Oswaldo Goidanich, e saiu-se ele com esta:
Olha, major jiau sei por que me chama ele de major: deve ser uma mania tão inocente como outra qualquer) olha, major, a leitura da história antiga nos consola das cretinices do presente.
De pleno acordo. Mas quando virá o Juízo Final?

O DIABO NA TIPOGRAFIA

Fazendo outro dia um rasga-rasga em regra na minha papelada (pois nunca se sabe o que pode acontecer e não convém deixar nada de comprometedor que vá cair às mãos de meus herdeiros ou do João Condé), topei com uma carta que não remeti ao Álvaro Moreyra e da qual transcrevo aqui alguns trechos, não porque sejam de interesse universal, mas sim porque todo mundo muito humanamente gosta de bisbilhotar a correspondência alheia. Leiam, pois:
"Meu caro Alvinho etc. etc. Estou louco de vergonha. Sabia por experiência própria que não há vergonha que dure mais de três dias, mas como já lá se vão sete e a minha ainda não passou, estou que não posso. Bem, O melhor é entrar de supetão no assunto. Vi transcrito no Para todos um doS meus últimos Cadernos, no próprio local reservado à tua crônica e com

nota da redação dando a entender que eu ali estava eventualmente
a substituir-te!"
"Mas a minha vergonha, é claro, não vem disto. Minha vergonha vem
do que saiu em vez do que escrevi, a começar pelo subtítulo. Pois como às
vezes costumo escrever crônicas à maneira que em boa hora inauguraste
no Brasil (nada de conversa fiada, mas uma espécie de mixed pickles para
todos os gostos) e como Nietzsche também escrevia por pedacinhos, tinha
eu modestamente crismado aos meus pickles daquele dia: "Assim Não Falou
Zaratustra", e saiu "Assim Falou Zaratustra", o que não me fica bem..."
"Mais adiante eu definia Proust como "um verme intestinal de gênio", e saiu
"um verme intestinal do gênio", o que me fez dizer uma besteira
incompreensível, quando eu sempre fiz questão de escrever besteiras
compreensíveis...
"Depois, em vez do "xifópago" que eu escrevera, topei com um
"xipófago"... "Xipófago" meu Deus... Esse é um erro tão elementar: E eu que não
cometo erros elementares... Os meus erros são coisa muito outra... São
erros muito mais eruditos, como todos já devem ter notado."
"E quando, em meio a outras reflexões mais ou menos ponderadas,
por délassement, para me divertir à cLIsta dos meninos sérios que tu
sabes, escrevi que o "ü" é uma letra bocó, li que o bocó era o "i", porque era
uma letra militar, isto é... Que diabo! a confusão é tanta que até eu estou
me enredando nestas maltraçadas linhas... Esclareçamos de uma vez por
todas. Eu escrevi:
- O "O" é uma letra bocó: está sempre de boca aberta, se espantando
de tudo.
E também:
- O "i" é uma letra militar: está sempre em posição de sentido."
"E foi publicado:
- O "O" é uma letra militar: está sempre de boca aberta etc."
"Não, Alvinho esta é demais! Tu bem sabes que eu sempre fui grande
admirador da classe militar. A começar pelo primeiro deles, o Arcanjo
Gabriel, que nos expulsou do Paraíso... até o Marechal Deodoro, que
proclamou esta República."

COMPENSAÇÃO

Lembro que certa vez me encontrei com seu Zé na rua. Como bons
gaúchos, paramos, relinchamo-nos, abraçamo-nos:
- Há quanto tempo!
- O senhor está morando agora aqui na minha zona, seu Zé?

Sim, na rua Castro Alves.
- Ah! - observei - esta é uma zona de poetas. Há também a rua

Casimiro de Abreu...
Seu Zé, aprovativamente, abre um amplo sorriso com um dente sim outro não:
- E tem tambem o tal de Vasco da Gama!
Quer dizer que, de todas as andanças do grande navegador, apenas sobrou, na memória do povo, o seu nome. E sobrou como poeta.
Pois não é isso uma grande e significativa compensação, um consolo?
Não sei se para Vasco da Gama o será... Mas para os poetas, é.

CORTAR

Cortar, cortar sempre, meu unico processo. E qualquer dia destes publico mais uma edição de minhas obras com a indicação seguinte:
NOVA EDIÇÃO, CORRETA E DIMINUÍDA.

O LEITOR IDEAL

O leitor ideal para o cronista seria aquele a quem bastasse uma frase.
Uma frase? Que digo? Uma palavra!
O cronista escolheria a palavra do dia: "Árvore" por exemplo, ou "Menina".
Escreveria essa palavra bem no meio da página, com espaço em branco para todos os lados, como um campo aberto aos devaneios do leitor.
Imaginem só uma meninazinha solta no meio da página.
Sem mais nada.
Até sem nome.
Sem cor de vestido nem de olhos.
Sem se saber para onde ia...
Que mundo de sugestões e de poesia para o leitor!
E que cúmulo de arte a crônica! Pois bem sabeis que arte é sugestão...
E se o leitor nada conseguisse tirar dessa obra-prima, poderia o autor alegar, cavilosamente, que a culpa não era do cronista.
Mas nem tudo estaria perdido para esse hipotético leitor fracassado, porque ele teria sempre a sua disposição, na página, um considerável espaço em branco para tomar os seus apontamentos, fazer os seus cálculos ou a sua fezinha...
Em todo caso, eu lhe dou de presente, hoje, a palavra "Ventania". Serve?

SIMENON, ASSASSINO

Ultimamente, um jornalista francês com bossa e faro de detetive, considerando:
- que, até o ano de 1930, haviam desaparecido misteriosamente seis escritores de língua francesa, a saber: Christian Brulls, Jean du Perry, Georges-Martin Georges, Georges d'Isly, Jacques Dersonne e Luc Uorsan;
- que os desaparecidos eram jovens romancistas cheios de futuro e todos eles extraordinariamente fecundos;
- que foi exatamente por essa época que começou a aparecer nas letras o nome de Georges Simenon;

- que até então jamais se havia lido coisa alguma com a assinatura do supracitado individuo;
- que o mesmo indivíduo, trabalhando apenas três horas por dia, publica um volume por mês;
- considerando, em suma, tudo isso, o referido jornalista-detetive acusa o famoso romancista Georges Simenon de haver cometido seis "crimes perfeitos" assassinando os ditos escritores para se apoderar de suas obras inéditas, sendo que as suas três horas de trabalho diario são empregadas unicamente em copiar os originais de suas desgrasadas vítimas, e limitando-se o hábil e impune criminoso a fazer uma que outra alteração nos textos, a fim de lhes dar certa unidade de estilo.
Acrescenta o jornalista que, apesar de as autoridades competentes não terem até agora suspeitado de coisa alguma, não deixa o sr. Georges Simenon de revelar uma inquietação bastante suspeita, tanto assim que, nestes últimos anos, já mudou vinte e seis vezes de domicilio, em diferentes países, achando-se agora nos Estados Unidos!
Mas, para que alguma leitora não fique alarmada, apressamo-nos em esclarecer que se trata de uma blague e que as supostas vitimas não passam de pseudônimos antigamente usados por Georges Simenon, o qual teve ainda uma sétima e ultima encarnação: "Georges Sim"", que o acusador se absteve de citar, evidentemente por ser este um pseudônimo de cilva à mostra, por assim dizer...

RAPIDÍSSIMO ENCONTRO COM JOÃO SABIÁ

- E como te sentes com o estado de sítio? - perguntei-lhe.
Não estranhei nada. Sempre vivi em estado de sítio. Sitiado pelo

mundo, pela vida, pelos anjos bons e maus, pelos parentes, pelos amigos e inimigos, pelos mortos, pelos cadáveres... Olha! Lá vem um... Adeus!

Dos TAPUMES

Uma coisa que nos faz duvidar do progresso do espírito humano é que, tantos séculos depois que os chineses construíram a Grande Muralha, os russos acharam uma iniciativa formidável erguer aquele murinho de Berlim.

PASSARELA

Um desfile de manequins, neste nosso desidratado século, lembra-nos graciosas figurilhas feitas com paus de fósforos.

SENTIMENTALISMO

O sentimentalismo tem alguma coisa que o salva - o ridículo, que lhe é inerente e lhe empresta um irresistível toque de humor.

Costumamos, por exemplo, acusar Camilo Castelo Branco de
sentimeloso. Mas cuidado, muito cuidado com esse velho demônio! Será que ele
não fazia tudo de propósito?
A própria linguagem um tanto arcaica ajudava o seu intento - essa
linguagem que dá aos clássicos um sal que eles não tinham no seu tempo
faz com que os leiamos agora com um meio sorriso deferente.
E o nosso querido Machado de Assis, não seria exatamente por isso
mesmo que ele escrevia tão clássico?
Parece que principiei com um assunto e terminei com outro. Não
muito... Em tais matérias, é tudo o mesmo assunto.

Do TEMOR DE DEUS

...mas não é ao Diabo que deveríamos temer?

Do TEMOR DA MORTE

Tu estás vivo... e basta! A única morte possível é não ter nascido.

FANTASIA & REALIDADE

As crianças não brincam de brincar. Brincam de verdade. Assim as
fantasias do poeta, que não o são no sentido que lhes atribuem os burgueses
intelectuais materialistas. Um dia numa dessas pesquisas que às vezes
fazem, me perguntou uma pequena colegial se os Anjos existiam.
Respondi-lhe que, em vista da freqüência com que costumavam aparecer em
meus poemas, deviam mesmo existir. Depois fiquei a pensar se a minha
resposta não seria mais profunda do que parecia... Pois nisto de criação
literaria cumpre não esquecer - guardada a infinita distancia - que o
mundo também foi criado por palavras.

MAS

Mas essa história de intelectuais materialistas não é uma contradição
em termos, ou, para ser mais claro, intelectual e materialista não são
dessas palavras que hurlent de se trouver ensemble?

MONOTONIA

O que mais nos aborrece nos grandes circos é o excesso de milagres.

INTERRUPÇÃO

Esteve há pouco tempo tomando o meu tempo (e eu o dele) alguém
que me queria inscrever numa companhia de turismo: concorria eu com o
meu tanto mensal, que me seria devolvido quando me dispusesse a correr

o mundo.
Respondi-lhe que o meu ideal é não sair jamais da minha rua.
E por que não da minha quadra? Do meu quarto? Da minha cama?
De mim?
Minto: isto de não sair de si não é ideal nenhum, mas uma contingéncia e, para certas pessoas, uma verdadeira estopada...
O que eu devia ter dito, mesmo, ao agente de turismo é que não gosto que procurem convencer-me de coisa nenhuma: única boa qualidade que ainda conservo da remota infância.

805

FALANDO NO DIABO

Uma das contingências mais não sei o que da condição humana atual é que ninguém acredita no Diabo hoje, o qual é, quando muito, uma pitoresca personagem folclórica... E sucede que a primeira condição para nos apegarmos à infinita misericórdia de Deus seria o medo da maldade infinita do Diabo...

SABEDORIA

Ele abrira uma tenda, ou balcão, ou stand, ou mais propriamente uma porta (jornais, cigarros, pentes, espelhinhos, fósforos etc.) e, como fosse chinês e velho, e obviamente não da Nova China, resolvi chamá-lo de Mister Wong, por motivos que certos leitores não ignoram...
- Como está o senhor, Mister Wong?
- Bom. Sereno.
E na manhã seguinte:
- Bom dia, Mister Wong, como vai passando?
- Tranqüilo. Sem nuvens.
Ótimo! Ótimo pensei comigo, não sem uma ponta de inveja. - Ele deve ser mesmo aquele Mister Wong...
Escusado dizer que virei seu freguês.
Mas dali a alguns dias:
- Como vai, Mister Wong?
- Instável. Com nebulosidade.
E como eu lhe lançasse um olhar em que decerto se lia, após o inicial espanto, um natural sentimento de amiga compreensão e comovida afinidade, ele apressou-se a tranqüilizar-me, esclarecendo:
- Com tendência a melhorar no fim do período.
- Ah!
Só então compreendi que Mr. Wong me dava sempre o boletim meteorológico do dia...

A FÓRMULA MÁGICA

Sei que, com esta, muita gente vai me julgar burro, mas sou um burrro sincero. E se, devido às contingências de meu estado, não tenho atribuições para zurrar a verdade, sinto-me na obrigação de comunicar aos "meus" leitores a "minha" honesta verdade.

Comunico portanto que, independentemente do seu sentido lógico
(que pode estar até brilhando pela ausência), o verso é, antes de tudo,
uma fórmula mágica.
Um poeta vale, feiticeiramente, pelo seu poder encantatório.
E o que mais me penaliza e irrita é quando o crítico X se põe a
pontificar que o poeta Y deve ser isto e não aquilo, que deve estar do lado de lá
e não do lado de cá, ou vice-versa, que o seu temário tem de obedecer a
determinado roteiro, que não pode fugir a vivência (ou outro palavróide)
do tempo (de que tempo me hablas?) e onde é que vamos parar com esse
bestialógico? Mas quem está com a palavra não é o autor? O autor que
fale por si.
Pobre do poeta! Escreve para dar satisfação, simplesmente... e querem
obrigá-lo a dar satisfações!

O IMAGISTA

Arte participante? Nem a dos cartazes! A beleza de um cartaz
independe do que anuncia.
A vida não passa de um livro de figuras, para o verdadeiro artista.
E até na poesia (que muitos julgam apenas um desfrute sentimental e
outros um jogo do intelecto), até na poesia, se Lhe tiram as imagens - que
é que sobra? Não sobra nem a alma!

CASO DE CONSCIÊNCIA

Há um verdadeiro caso de consciéncia para os tradutores de
Shakespeare: nos tempos da primeira Elizabeth usavam naturalmente, sem malicia
alguma, tanto na taverna como na corte, certas palavras, certas expressões,
hoje consideradas "nomes feios". Deve o tradutor vertê-las tais quais?
Talvez não. Pois seria falsear o espírito da cena emprestar-Lhe atualmente uma
grosseria que não possuía naquela grande época.

AUTOR ACONSELHA AUTOR

Cair no agrado publico é um feliz acidente. Mas pode trazer esta
conseqüência infeliz: a preocupação de não desagradar, e isso leva o autor
a repetir-se, o que é mortal, porque a pior imitação é a imitação de si
mesmo... Ou, pressentindo o perigo, mascara-se num desses poetas no-

vidadeiros, sempre atrás das modas literárias, sem lembrar que as coisas
mais velhas deste mundo são exatamente os figurinos do ano passado.

Não importa que a crítica especializada chame a isso "renovar-se", Mas, que há de fazer o autor perante o público? Não ligue. Ignore-o. Finja que está sozinho. Fique sozinho, de fato. O público não gosta de ninguém que esteja "representando", mas sim de alguém que ele julga surpreender na sua verdadeira intimidade. O homem é o bicho que espia o homem.
(Não me venha agora o leitor insinuar que o homem é o bicho que espia a mulher... É claro que estou me referindo à espécie; e depois, essas imaturas maliciazinhas eróticas, é coisa que não se usa desde os tempos do Conselheiro X.X., a não ser entre os locutores dos jornais cinematográficos.) Mas onde é que estava eu? Ah! seja você o seu público, o seu único público, abstraia do outro... Se conseguir isso, coragem! Porque é preciso não ter vaidade nenhuma - mas muito orgulho para satisfazer o mais exigente dos públicos.

Os NOMES FEIOS

Conta-se que certa vez João Ribeiro, na sua curiosidade de gramática, perguntou ao embaixador do Reino Unido como se diziam, em inglês, tais e tais "nomes". Respondeu-lhe o digno representante de Sua Majestade Britânica: "Não se dizem."

A VELHA SURPRESA

Quando, ao café da manhã, lemos a notícia do súbito falecimento de algum amigo ou simples conhecido, ainda sentimos aquele mesmo espanto do homem que primeiro palpou, sem nada compreender, o frio do primeiro morto.
Tanto assim que logo nos escapa uma exclamação estúpida, comovente, legítima:
"Mas como! Ainda anteontem eu conversei com ele..."
Sim, a velha, a eterna surpresa...
Porque mesmo depois que nada mais nos espanta neste mundo, resta-nos ainda uma aventura inédita: a morte.

UMBRAL

...mas eis que havia, no fundo daquele quase infindável corredor de meu sonho, uma porta com a seguinte placa: BATA SEM ENTRAR. É sempre assim, pensei, o mistério só existe do outro lado das portas. Minto. O mistério está mesmo é do lado de cá. Para que procurar o outro mundo, se o nosso já é tão incompreensível como ele?
Incompreensível mas evidente. Como qualquer milagre. Como qualquer revelação.

Dos MALES DA ERUDIÇÃO

Quando da morte de Getúlio Vargas, citei no Caderno H - aliás muito a propósito - não me lembro agora de que frase de Saint-Simon. É claro

que jamais li os dezessete ou trinta e um tomos de suas Memórias, mas sim o único volume de uma coletânea das mesmas, numa daquelas nossas saudosas edições francesas de capa amarela. Ora pois, mal saí à rua, no dia seguinte, topo o Joca Barbosa, que vai logo exclamando:
- Ah! então foste tu que ficaste com o meu Saint-Simon?!

DAS DESPEDIDAS

O mais doloroso das despedidas é quando - tanto o que vai seguir como o que vai ficar - põem-se os dois a pensar ao mesmo tempo: Meu Deus, mas quando é que parte o raio deste trem?

O CARRO FANTASMA

Dizem que não existem mais carros puxados a cavalo. Sim, mas esse que passa, sempre de noite... A que horas? Nunca o sabes: quando um relógio bate - bate sempre a meia-hora. Uma pancada única. Lá fora, os cascos chispam estrelas. (Isto, sabes.) Uma pancada unica... a última pancada de um coração!

MARATONA

O alemão Heinz Hartz foi vencido, numa maratona ao piano, pelo francês Robert Sergiel, que conseguiu tocar 256 horas seguidas.

- Que pensam eles da música? - dirá o leitor contristado. - Com que expressão poderão ter tocado? Para que precisavam de piano? Se a coisa era de resistência, para que música? Para que piano, então? Bastava tamborilarem em qualquer coisa, no coco um do outro, por exemplo.
A mesma triste reflexão me ocorre ante a febril atividade de certos poetas:
Que pensam eles da poesia?
Seria preciso ter havido muita depuração sentimental (no bom sentido), muita experiência sensitiva para que um poeta comum pudesse escrever algo parecido com um poema. Rainer Maria Rilke escreveu uma página muito bela a esse respeito, cujo defeito é ser por demais bem escrita. E exagerada. Mas não deixa de ter toda a razão.
É verdade que há, em toda a literatura mundial, casos excepcionais. Citemos, entre uns, um Álvares de Azevedo, um Castro Alves... (Mas estes próprios - não fomos nós que o dissemos a primeira vez - têm muito detrito..) Foi por isso que nos referimos a poeta comum.Aguda observação do leitor:
- Não há nenhum poeta que se julgue comum...
- Quer dizer que não há remédio, então?
- Há, sim, é não os ler.
- Eu me refiro é ao remédio "para eles".
- Não há.
- Há. É não deixarem de escrever.

Até que um dia com a experiência técnica com experiência da vida
até que um dia... quem sabe?

DE PURO AMOR

Isto de escrever versos de amor é das coisas mais dificeis que há - impossível não descambar para o lugar-comum. Te dis des mots, toujours les mêmes... confessa o próprio autor de Toi et moi. E depois, meu Deus, acontece sempre uma senhora que pergunta pra gente:
- Quem é ela?
Claro que não é ninguém. A não ser os poetas de arrabalde, não há quem faça versos para "ela". Existe a contínua disponibilidade de amor,é claro, e aparecem umas que outras "elas" que ocasionalmente se gruda nesse sentimento do poeta como em papel pega-moscas.

E acontece que o poeta faz um dia um poema. Para quem? Para ninguem e para todas.
E desconfio muito de que, no geral das vezes, sucede como naquela peça de Lope de Vega, em que um protagonista pergunta a outro:
- Por quem choras?
- Por ninguém. Eu choro de puro amor.

No ANO PASSADO...

Já repararam como é bom dizer "o ano passado"? É como quem tivesse atravessado um rio, deixando tudo na outra margem... Tudo, sim, tudo mesmo! Porque, embora nesse "tudo" se incluam algumas ilusões, a alma está leve, livre, numa extraordinária sensação de alivio, como só se poderiam sentir as almas desencarnadas. Mas no ano passado, como eu ia dizendo, ou mais precisamente, no último dia do ano passado deparei com um despacho da Associated Press em que, depois de anunciado como se comemoraria nos diversos países da Europa a chegada do Ano Novo, informava-se o seguinte, que bem merece um parágrafo a parte:
"Na Itália, quando soarem os sinos a meia-noite, todo mundo atirara pelas janelas as panelas velhas e os vasos rachados".
Ótimo! O meu ímpeto, modesto mas sincero, foi atirar-me eu próprio pela janela, tendo apenas no bolso, à guisa de explicação para as autoridades, um recorte do referido despacho. Mas seria levar muito longe uma simples metáfora, aliás praticamente irrealizável, porque resido num andar térreo. E, por outro lado, metáforas a gente não faz para a policia, que só quer saber de coisas corretas. Metáforas são para aproveitar em versos...
Atirei-me, pois, metaforicamente, pela janela do tricentésimo sexagésimo quinto andar do ano passado.
Morri? Não. Ressuscitei. Que isto da passagem de um ano para outro é um corriqueiro fenômeno de morte e ressurreição - morte do ano velho e Sua ressurreição como ano novo, morte da nossa vida velha para uma Vida nova. Por essas e por outras coisas é que, nestas calçadas claras do

ano bom:

Rechinam meus sapatos rua em fora.
Tão leve estou que já nem sombra tenho
E há tantos anos de tão longe venho
Que nem me lembro de mais nada agora!

811

Tinha um surrão todo de penas cheio
Um peso enorme para carregar!
Porém as penas, quando o vento veio,
Penas que eram... esvoaçaram no ar...

Todo de Deus me iluminei então,
Que os Doutores Sutis se escandalizem:
"Como é possível sem doutrinação?!"

Mas entendem-me o céu e as criancinhas.
E ao ver-me assim, num poste as andorinhas:
"Olha! É o idiota desta Aldeia!" dizem...

COM ESPANTO

Leio, com espanto, que uma senhora granfa, em depoimento contra o marido, afirma que este costumava conviver com poetas...

POESIA

Impossível qualquer explicação: ou a gente aceita à primeira vista, ou não aceitará nunca: a poesia é o mistério evidente. Ela é óbvia, mas não é chata como um axioma. E, embora evidente, traz sempre um imprevisível, uma surpresa, um descobrimento.

ROBÔ

Sempre desconfiei desta nossa maquininha de pensar: é tão automático o raciocínio, minha filha, tão automático que acho muito prudente não explanar mais nada a respeito dele.

ATÉ QUANDO?

E eis que, pela vigésima nona vez, uma outra senhora gorda me diz:
Mas aquele seu poema não tem rima nem nada!
Note-se que a frase, já clássica nos anais da minha indignação, não se limita a denunciar "não tem rima" mas ainda acrescenta "nem nada". Tornou-se, pois, uma expressão idiomática, tão arraigada está no bestunto das gentes. Escusado responder-lhes que gregos e romanos - de cuja cultu-

ra descendemos a trancos e barrancos passaram muito bem sem as rimas
durante uns milênios. Escusado responder-lhes isso, porque, nas poucas
vezes em que o fiz, elas não desmaiaram não, mas o que quase me matou foi o
seu ar atônito, que logo passava do espanto a um sorriso de incredulidade.

MAS NÃO EXAGEREMOS

La rime, faux bijou d'ou sou... Não me lembro o resto, de momento,
mas os que os leram devem ter notado o efeito que o Poeta tira das rimas
nos seus versos contra a rima.
E, no final de contas, por que ser contra ela! Uma associação de rimas
é tão legítima como uma associação de idéias e, quantas vezes, imprevista
- coisa rara de acontecer com as associações de idéias. E uma rima
jamais prejudicou um verdadeiro poeta. As rimas até servem de anzóis de
insuspeitadas imagens e, nesta pesca milagrosa, tudo depende da maior ou
menor riqueza de nosso rio interior.

COLETTE

Só vim a conhecer Colette quando ela já estava nos seus 85 anos, e ainda
escrevendo, depois de uma vida bem vivida e bem contada...
Principalmente bem contada: esta novela sua que estou lendo, La vagabonde - é
toda a sua obra, ao que dizem -, é autobiográfica...
Mas o que é que não é autobiográfico? Até uma tela... Entre nós,
quantos pintores já não se pintaram, pensando que estavam pintando à ponte
do riacho?
Colette, em vez de pintar-se, vai retirando toda maquiagem diante da
gente... E é tão íntima, na revelação da sua feminilidade, que, a páginas
tantas, tive a impressão de haver entrado onde não devia e quase fechei o
livro como quem fecha precipitadamente uma porta:
- Desculpe, madame, errei de quarto...

TEMOR

A única coisa que eu temo na morte são os necrológios - ah, esses
adjetivos dos necrológios!

SALA DE ESPERA

Há criaturas que não vivem: apenas estão fazendo horas para morrer.

Os EXCITANTES E A IMAGINAÇÃo

Antes era a ponta do pé, nos primeiros tempos do romantismo; depois, os braços, de que o velho Machado não tirava os olhos. Agora, que está tudo à mostra, ninguém nota, O mesmo se dá com a literatura, onde tudo se nomeia e nada se diz. E como a imaginação é que excita e, faltando ela, tudo falta, veio o pulo, o barulho, o berro, para substituir a dança, a música, o canto. Em todo o caso, é de esperar que não se esteja regredindo. Apenas uma pausa. Talvez mais necessária sonoterapia na arte de sentir e de expressar-se.

O INDIZÍVEL

Houve um tempo, mais ou menos de 1900 a 1920 (La Belle Époque), em que os poetas exprimiam satisfeitamente o Indizível em belos sonetos que intitulavam mania Verba. As revistas publicavam... Os jornais do Interior reproduziam... Os poetas adolescentes e inéditos reconheciam... E o indizível abanava indizivelmente a cabeça e ia visitar de noite os senetistas adormecidos. E gritava-lhes, nos ouvidos atônitos, com uma voz de mascarado:
- Você mi conhece?

SÁBADO PASSADO

Sábado passado vinha eu de bonde para o centro, com o nariz profundamente mergulhado na leitura do jornal por medo de ter de ceder o lugar a alguma dama conhecida que acaso embarcasse, visto que o molejamento destas minhas juntas infelizmente não se coaduna com o meu cavalheirismo...
Pois bem, vinha eu comodamente sentado, a ler o suplemento literário dos sabados do Correio do Povo, embora não me atreva a dizer que me achasse no mesmo estado de espírito que descreve G. K. Chesterton quando confessa em uma de suas colaborações para The Daily News: "Ontem à tarde ia eu num cab por uma das ruas em ladeira que conduzem ao Strand lendo um de meus admiráveis artigos com prazer ininterrupto e ainda mais ininterrupta surpresa, quando..." etc.
Mas surpresa, essa eu a tive... e que surpresa, meu pobre leitor! Eis que de repente vejo atribuida a Diderot a autoria das Reflexões sobre a grandeza

e decadência dos romanos. Meu primeiro ímpeto, tal a incredibilidade do caso, foi de revolta contra os meus queridos colegas da revisão. Mas era evidente que os rapazes nada tinham a ver com a coisa, embora a revisão tenha as costas largas... Pois como poderiam eles ter trocado Montesquieu por Diderot?! Ainda se fosse por Montecchio, o sogro de Julieta, ou por Montezuma, o desgraçado príncipe asteca... vá lá! Não, a culpa era única e exclusivamente do autor.
Tão estarrecido fiquei que, ao descer do bonde, não fui, como habitualmente, ao café do seu Moreira, onde todos os garçons e copeiras me conhecem e são leitores assíduos da minha seção, e não há copeira que

não saiba que as Reflexões sobre a grandeza e decadência dos romanos foram escritas por Montesquieu. Resolvi então dirigir-me à Volta do Mercado, CUJOS garçons, como é sabido, só lêem as crônicas do Reynaldo Moura: lá, sim, poderia entregar-me às delícias do anonimato e da impunidade...
A meio caminho, porém, topo com o meu amigo José Matias, o tal que acha a música muito comprida (vide Caderno H de 12 de abril de 1987).
Respirei, aliviado, pois José Matias nunca lê o que escrevo, "por ser meu amigo", explica ele. Ficamos a conversar na esquina sobre uma coisa e outra, até que lá pelas tantas não pude mais e confessei-lhe minha desgraça, para desabafar.
- Ora! - sorriu José Matias, com essa admirável serenidade com que a gente considera as inquietudes alheias. - Isso acontece nas melhores famílias. Eu, por exemplo...
- Mas não é só isso, José Matias. A coisa parece que vai se agravando. Sempre que vou citar Lope de Vega fico desconfiado de que talvez se trate de Calderón de la Barca...
- Isso não é nada. Eu, cá, como vês, nunca sei qual é a rua da Varzinha e qual é a rua do Arvoredo... E o pior de tudo é que a Prefeitura também não sabe. Tanto assim que pôs nessas ruas umas placas com outros nomes muito diferentes...
- Mas...
- Desculpa, aí vem o meu bonde.. Adeus, Mário Fontana! despediu-se José Matias.
E tomou um bonde errado.

AH, VIDA...

Há coisas que só depois é que começam a doer... Passemos por alto exemplos sentimelosos, que isso não é leitura para velhotas... Mas La estrada

- lembram-se? Na ocasião uma história simples e brutal, de uma singeleza atroz. Mas ROUCO a pouco a gente vai lhe descobrindo simbolos ocultos, visto que toda verdadeira obra de arte é simbólica, não importando a sua individualidade, ou por isso mesmo...
La strada agora, para mim, é a história da incomunicabilidade das almas, da sua irredutível solidão... E quantas vezes já não surpreendi minha alma a fazer os trejeitos tocantes e ridículos de Gelsomina... Palhaça! Gelsomina e a alma humana na sua incapacidade de fazer-se amar, com toda a sua disponibilidade inútil ante a bruteza da vida. E a única criatura com quem Gelsomina conseguiu entender-se (aliás um trágico entendimento) foi com o Louco, isto é, com a Poesia...

TRECHO DE DIÁLOGO SOB AS ARCADAS

Mas como é que o Menino Jesus pode ter aparecido a Santa Teresinha? A Santo Antônio? perguntou o jovem.
- Mas por que não? retrucou o velho.
- Mas será que Santo Antônio e Santa Teresinha dedicaram a eternidade deles a servir de pajens para o Menino Jesus?

- Mas não é o que mais desejariam na outra vida?
- Mas então o Menino Jesus não cresceu? Não se transformou, com tempo, em Jesus Cristo? Mas claro que sim!
- Mas não compreendo. Perdão, até me ocorre aquela história que o Irmão Giovanni repete todos os anos na aula de filosofia... Estava num museu uma caveira... Alguém perguntou de quem. O guarda respondeu que de Alexandre. E a outra menorzinha, ao lado? Ah, essa, disse o guarda, essa é também de Alexandre quando criança.
- Mas eu não te perdôo. É assim que queres tomar ordens? Vou já denunciar-te ao Superior.
- Mas dê-me explicações antes. O senhor afinal não é meu diretor?
- Mas há coisas para compreender, a geometria, por exemplo, e coisas para sentir: a oração, a madrugada... Pois bem, não confessaste o outro dia que, para tua velha mãe, ainda és o seu menino? Para ela não cresceste, pois. E quem é que cresce afinal? Cada um de nós é a soma de todas aS nossas idades, soma que contém em si, intactas, as suas sucessivas parcelas. Santo Antônio e Santa Teresinha adoravam, assim, um dos aspectos da natureza de Jesus, o qual não pode ser humanamente abrangido em sua totalidade. Daí a diversidade de maneiras por que é adorado. Tudo depen-

de da formação ou conformação de espírito de cada um. E este "cada um" tanto se refere aos indivíduos como aos povos. Ele próprio o disse: "A casa de meu Pai tem muitas moradas", Tudo é lícito, pois. Só não é licito, só não
está direito, é abordares tal assunto com a irreverência de há pouco.
- Mas que mal tem uma brincadeira inocente para argumentar?
- Basta de "mas"! Com este assunto não se brinca. Nosso Senhor não tem sense of humour. Nosso Senhor leva tudo a sério. Humour, ironia e quejandos são perversões do espírito, sinuosidades do espírito... E esptrito sinuoso é o da serpente... É o espírito do Diabo!
- Mas o senhor acredita no Diabo?

INSCRIçÃO PARA UM ONIBUS

O triste dos caminhos é que eles jamais podem ir aonde querem.

O HINO NACIONAL

Coelho Neto, hoje um tanto injustamente esquecido, quando deputado lançou um projeto de lei que instituiu um prêmio para uma letra destinada ao Hino Nacional.
"Era uma coisa realmente lamentável (comenta um jornal carioca) que, possuindo um hino com uma musica tão bela como a de Francisco Manuel, não tivéssemos uma letra condigna para cantá-lo. A que se cantava, então, só merecia o rótulo de execrável."
Pois bem, não conhecemos a primitiva letra do Hino Nacional, mas nos atrevemos a dizer que não poderia ser muito pior do que a atual, a que obteve o prêmio no concurso devido a louvável iniciativa de Coelho Neto. Como se sabe, é seu autor Osório Duque Estrada, mau poeta e critico

feroz, e que só assim, como autor do hino, passou à posteridade.
É claro que um hino nacional, destinado a ser cantado pelas crianças das escolas e pela gente do povo, antes de tudo tem de ser simples, compreensível, ao alcance de todos. (a, o hino de Duque Estrada está cheio de palavras "difíceis": plácidas, fulgidos, vividos, flâmula etc.
Pobres crianças... Como lhes é difícil, assim, amar o Brasil!
Não, o amor
à pátria devia ser coisa menos complicada...
E isto sem falar na inconsciente e atroz ironia daquele verso "Deitado eternamente em berço esplêndido."

DA BOA E DA MÁ IGNORÂNCIA

A ignorância rasa e simples é coisa honesta e conserva desanuviado o entendimento. Mas Deus te livre, meu filho, da ignorância complicada.

Os INTOCÁVEIS

A ironia atinge apenas a inteligência. Inútil desperdiçá-la com os que estão longe do seu alcance. Contra estes, ainda não se conseguiu inventar nenhuma arma. A burrice é invencível.

NULLA DIEs SINE LINEIA

Se te ocorresse todos os dias um pensamento e o escrevesses num diário, verias, ao fim da vida, que era o mesmo pensamento: o que variava era a frase.

QUATRO BUQUINISTAS

Praça da Alfândega, na bela noite de domingo. Remexendo num caixote rústico dos que servem de apêndice aos stands laqueados da Feira do Livro, encontramo-nos quatro desconhecidos a procurar afobadamente (estava na hora do fecha) qualquer coisa para levar pra casa e pra cama: valia muito a pena: era a preço de liquidação. E, enquanto vasculhavamos aqueles livros há tanto tempo sepultados nas catacumbas das estantes, ia-nos surgindo a cada momento nas mãos uma biografia do barão de MacahubaS, que não sabíamos quem fosse nem queríamos saber quem era. Logo O púnhamos de lado (orre diabo!).
No entretanto me invadia um crescente remorso: parecia-me estar revolvendo e revirando sacrilegamente os ossos do barão, que espero voltem ao repouso das estantes, à paz do esquecimento: como ninguém os quiS e para não ocuparem espaços, talvez os livreiros recorram piedosamente à cremação. Mas o mais provável é que acabem vendidos aos quilos. E do barão de Macahubas nem as cinzas restarão. Será desmanchado e transformado em papel em branco: imagem do Nada.
Havia também numerosíssimos exemplares de Os invioláveis, que confirmaram coerentemente o título. Em todo o caso, se perdi para um dos

meus companheiros desconhecidos, que logo o sovaqueou ciumentamen-

te, o único exemplar que havia do Inglês para namorados, pesquei uma preciosidade bibliográfica: Literatura e poesia, de Augusto Meyer, publicado na década de trinta em Porto Alegre por uma dessas editoras efêmeras a que os adolescentes se aventuram, confiantes, sob o sorriso complacente e olímpico dos Grandes Editores. Levei também os Papéis pintados, de Alberto Rangel, para matar saudades do seu pouco recomendável mas delicioso estilo barroco e da nobre ortografia etimológica.

Por fim, nós os quatro separamo-nos amigos. E aí está, leitor, uma das vantagens das feiras. Esse acotovelamento é uma escola de democracia, concorrendo em muito para acabar com o isolamento das classes. Para o que também contribuem as filas, tão malsinadas. E as mesas comuns dos restaurantes populares: a carestia da vida fez com que o funcionário púllico, o estudante, o operário, o agricultor de passagem pela capital procurassem os restaurantes baratos, com os seus completos e meio-completos, seus sortidos, seus separados.

Donde se conclui que a miséria leva à confraternização, à igualdade, à Democracia, enfim que é o que todos nós queremos.

Viva, pois, a Miséria!

CAUTELA

Recomendação de um meu tio, quando eu era gurizote: "Não mexe com as negras, que elas andam sempre com a boca cheia de mãe."

Os DIFERENTES

Oh! esse misterioso, inexplicável olhar de orgulho e desafio que têm os Momstros de feira... e este constrangimento - se um deles nos fita acaso como se nos desculpássemos de ser tão normais, tão igualzinhos uns aos outros.

?

Que artista teria inventado o nosso ponto de interrogação? Ele já tem a forma de uma orelha que escuta.

A CADA PASSO

A cada passo topamos com um desses cidadãos de idade provecta que,

lá pelas tantas, suspira fatalmente e diz: "Ah! os bons velhos tempos..." Bobagem, meu velho! Os tempos são sempre bons: vocês é que não prestam mais.

DA ARTE DE ESCREVER

O mais difícil da arte de escrever é quando temos de redigir as dedicatórias.

RECORDAÇÕES

Sala de espera no consultório. Sala de espera? Não: sala de recordações. Porque as revistas são tão velhas que a gente, sincronizando (perdão) com as datas delas, transporta-se ao que foi naqueles tempos. Ah! quando o Ministério se demitiu em massa recordo, eu andava doido pela Maria Helena, que andava doida pelo Fabião, que andava doido pela Felisbina... Agora todos voltaram ao juízo e estão casados com outras pessoas. Todos, menos eu. Em compensação, juro que esqueci completamente a Maria Helena e, quando a encontro, me pergunto:
- Senhor Deus dos desgraçados, "esta" é "aquela"?!

NADA MAIS VIVIFICANTE

Nada mais vivificante que o pensamento da morte.
Não terá sido este o próprio segredo da espantosa evolução do homem - das cavernas aos astros?
Ao passo que os outros bichos, que não acreditam individualmente na morte, continuaram todos naquele ramerrão...

Na falta de mais o quê, passo hoje a violar minha própria correspondência, citando sem nome dos destinatários, alguns trechos de cartas que ultimamente escrevi. Dirás que não é assunto de interesse geral. Ótimo! Quem é que, neste mundo, se preocupa com o interesse geral? O público adora assuntos particulares.
A um poeta norte-americano: "Quanto aos poemas que V. me enviou, confesso que não tenho conhecimento suficiente do inglês para que possa

provar, saborear, comer as suas palavras, pois eu acho que um poema a gente come... Em todo caso, espero fazer tal coisa ainda antes que V. consiga ler esta minha carta escrita em português."
A uma moça que tem um Y no nome: "O que te atrapalha é esse Y de que fazes tanta questão. O que te salva é fazeres tanta questão desse Y".
À mesma: "...ser contra a moda é o mesmo que segui-la às avessas..."
A um padre proselitista: "Sempre tive o bom senso de duvidar não só das minhas certezas mas também das minhas dúvidas."

A um poeta amigo: "Se passei tanto tempo sem te escrever foi simplesmente porque não me lembrava mais das mentiras que te havia contado em minha última carta. Tu bem sabes que...".
A uma pessoa da família: "Naquela foto da Rádio Guaíba, o Erico saiu mais natural do que eu porque estava com a sua gravata fora do lugar."

DA MESMA FORMA

Da mesma forma que as crianças gostam de ouvir sempre as mesmas histórias, o comum dos leitores só gosta de lugares-comuns.
Todo o legendário cartaz de que gozavam os sete sábios da Grécia provinha de que só diziam coisas assim: "A vida é um fardo." Esta, como todos sabem, é de Bias, e bastou para garantir a sua imortalidade, como o leitor bem está vendo por esta citação, quarenta séculos depois.
E quem não adora, quem não sabe como são repousantes essas conversas ocasionais sobre o tempo? Essas e outras têm, como as leituras em geral, a inapreciável vantagem de conservar o cérebro funcionando com o mínimo de combustível.
E note-se que, entre os devotos e praticantes das idéias prontas e das frases feitas, não se conta apenas gente ignara ou limitada... Até pelo contrário. Ainda hoje me rio de meu ingênuo espanto quando, há uns vinte anos, certo famoso locutor de rádio lia, em minha mesa, no saudoso café Ora Bolas, uns versos que eu publicara na Revista do Globo. A certa altura do poema referia-me eu a esses vôos misteriosos e súbitos que as pombas citadinas fazem às vezes em conjunto, da cornija de uma casa a outra, de um para outro telhado:
"De casa à casa os beirais
Trocam recados de asas
Riscando sustos no ar...

- Mas - estranhou então aquele meu ilustre e querido leitor - por que não disseste "mensagens aladas"?
Pois se eu queria era exatamente evitar o lugar-comum! Só não caí para trás porque me susteve instantaneamente o meu senso de humour, tão - encantado me vi com o pique do caso.
Coisas assim não deixam de ser, afinal de contas, uma advertência do senso comum ao raffinement em que não raro incorrem os escribas, à custa da perdida inocência.
E, para confusão nossa, com que genial inocência escreveu Victor Hugo:
"A montanha tem a névoa, o lago tem o cisne e a alma tem o amor!"
Bem-aventurados os que não têm autocrítica porque deles é o reino da terra.
E chego a dar razão ao locutor... Sim! Há dias em que eu teria vontade de escrever frases como esta: "As crianças são as flores do jardim da vida..." e juro que seria tão feliz como a dona do álbum em que acaso a estivesse escrito!

SHAKESPEARE & TRADUÇÕES

Na sua versão de A midsummer night's dream a que deu o título de
Sonho de uma noite de verão, há um verso que, traduzindo literalmente,
seria assim: "Para trás, imunda bicharia!". Pois bem, sabem como o
traduziu o venerando Visconde de Castilho? Assim:
"Para trás, para trás, ó relé sevandija!"
Pobre Shakespeare! Mas quem precisa de orações em intenção de sua
alma não é Shakespeare: é o Visconde.

CONVERSA BEM BRASILEIRA

- Desculpe, minha senhora, mas não consigo lembrar-me se a conheço
do último carnaval, da última greve, ou da última enchente...

BOM COMEÇO

Ah, os self-made men... Nada tão irritante como as biografias dos
grandes norte-americanos. Mas a vida do presidente Kennedy é bela exceção: ele
já começou multimilionário. E pôde dedicar-se a coisas melhores.

Os poetas, com os seus moinhos de imagens, rodando e rodando e
rodando na manivela dos ritmos, mais parecem uns micos de realejo... Tão
engraçadinhos!
Mas essa musiquinha não resolve...
E vejo que, em torno, na praça do mercado, é cada vez mais rara a
costumeira aglomeração de basbaques e ociosos...
E eu, se não fora o compromisso da hora H, não escrevia nada hoje.
Nem teria escrito nunca. Pelo simples motivo de que tudo quanto me
venha acaso à cabeça, já no mesmo instante, e por isso mesmo, deixa de ser
novidade para mim.
De modo que me aborreço muito antes do leitor...
Não sei o que fazer desta minha máquina de pensar, seu moço. Sua
falta de surpresa desinteressa-me.
E não há a mínima esperança.
Pois até seus desarranjos redundani tão-somente em novas
combinações dos mesmissimos elementos, como um caleidoscópio que fosse
rolando escada abaixo. E ainda que eu jogasse para as alturas, iria dar no
mesmo.
Em vista disso, alguns me aconselham a escrita automática, que é afinal
de contas o que os surrealistas consideram poesia pura.
Mas isto me lembra, e muito, o baixo espiritismo, de tão pífios
resultados...
E em última análise, não é mais ou menos o que se tem feito em todas
as épocas, com o clássico automatismo do metro e da rima?
Ah! os poetas com os seus moinhos de imagens mais parecem etc.
etc....

As MÁS COMPANHIAS

O que mais irrita os jovens é quando lhes aconselham que evitem as más companhias... Como se eles não pudessem perder-se por conta própria!

MATA BORRÃO

O mata-borrão absorve tudo. Como prêmio dessa receptividade e

paciência, no fim da vida acaba confundindo e baralhando as coisas por que passou... O que não deixa de ser um jeito de esquecê-las.

EXEGESES

Se um poeta consegue explicar o que quis dizer com um poema, o poema não presta.

NÃO SEI SE TE LEMBRAS

Não sei se te lembras, leitor, mas escrevi no meu último Caderno H:
"e apenas sei chorar nossos amores defuntos"
eis que veio o Diabo (não, não foi o linotipista, não foi o revisor, te juro) veio o Diabo e meteu o seu rabo no meio, disfarçado em virgula, fazendo com que eu publicasse isto:
"e apenas sei chorar nossos amores, defuntos."
Viste? Transformou minha inocente e cordeirinha nênia num pavoroso poema necrófilo!
Ris?
Ah, tu estás rindo, eu sei, é da palavra "nênia"...
Pois empreguei-a de propósito, em homenagem a um poema que eu descobrira num almanaque e decorara por conta própria em menino.
Homenageio o poema, note-se, e não o autor, cujo nome esqueci ou não Vi.
Ei-lo o poema:
"Bernardo, envolto em lemiste,
Insulsas nênias recita.
Ao riso ninguém resiste.
E o vate funéreo grita:
Não riam, que é coisa triste!"
Mas coisa triste, triste mesmo, é como não terei eu, com aquela vírgula do diabo, confirmado em seu juízo os que pensam que todos os poetas são uns tarados... e os que pensam que todos os poetas são uns farsantes...
E tanto num como no outro caso, bem sabes que o exibicionismo é a regra, seja degenerado mesmo, ou reles mascarado.
Abro um caderninho verde que trago no bolso, que encontrei há meses.
Vejo nele escrito:
"Pouco, tão pouco
A felicidade:

Um pedaço de pão
Sem queijo."

Dirás que tresvario. Não: é que o dito caderninho de poemas não traz assinatura. Só se sabe que a letra é feminina.
Vêem pois os fariseus que a poesia nem sempre quer dizer exibicionismo...
As vezes quer dizer poesia mesmo...

PROVOCAÇÃO

Oh! essas mulheres bonitas que, mal nOS são apresentadas, entremeiam a conversa com frases deste jeito:
- O meu marido acha que... O meu marido diz que... Ah, a propósito, o meu marido...
Em verdade vos digo que nenhum marido merece isso...

PERGUNTA INOCENTE

Mas se as bruxas têm tantos poderes por que serão tão velhas, tão
feias, tão pobres, tão sujas?

CUIDADO!

Se alguém tem alguma crença - por absurda que for - nunca discutas com ele... Diz-me, com a mão no coração: - que lhe darias em troca?
Nunca se deve tirar o brinquedo de uma criança.

SLOGAN PARA O MINISTÉRIO DA SAÚDE

O fumante é um retardado que ainda não conseguiu deixar de mamar.

INCOMPLETUDE

Triste de quem não conserva nenhum vestígio da infância...

UMA CRÔNICA URBANA

E como eu dissesse a um amigo meu que ia para casa, pois precisava recolher-me a pensar um pouco para escrever, ele, experimentado jorna-

lista, disse-me que, para fazer crônicas, era uma bobagem "ir pensar", e muito menos em casa.

- As crônicas se fazem por si, na rua. Qualquer coisa que você veja serve. Só aos poetas e aos esquizóides o mundo exterior atrapalha. E afinal de contas você não é nenhum grande mágico para tirar o mundo de sua cartola. Adeus. Vá passear.

Fiquei só. E, estando a meio caminho de casa e do centro, depois de alguns segundos de hesitação para dar satisfação ao livre-arbítrio, resolvi seguir o seu conselho.

Fiquei só, na parada do bonde. Só e arreliado, porque só dava bonde expresso. Ah, minha Nossa Senhora da Santa Paciência! Esses bondes que passam para se recolherem à Estação, com a indicação EXPRESSO, deveriam querer dizer atenciosamente: EXPRESSO OS MEUS SENTIMENTOS... Mas qual! Basta olhar a cara de sadismo com que os motorneiros olham para a nossa cara de desapontamento, para ver que o que eles estão é gozando... Eles, a jato, nos seus veículos tentadoramente vazios, e a gente ali no poste deparada, numa raiva impotente, pensando coisas que la pudicicia no permite nombrar...

Me vingo (a covardia humana não tem limites) na inofensiva pessoa de um velho marginal que me pergunta:

- Onde é o poste?

E eu: - Onde é o poste? Ora! Isto é pergunta de cachorro, seu!

Ele não respondeu, nem sequer procurou entender. Chego então a minha primeira reflexão filosófica provocada pelo mundo exterior, conforme aquele conselho amigo. Ei-la: o bom da miséria, do que se convencionou erradamente chamar vida de cachorro, é que os sentimentos, o pensamento e a dignidade se embotam, de modo que assim há menos sofrimento. ou acaba não havendo nenhum. É a serenidade da degradação. A serenidade, isto é, essa mesma coisa que santos e filósofos procuram penosamente atingir por meio da elevação... Degradação ou elevação - que importa, se o resultado é o mesmo?

FUTURÂMICA

Mesmo que um dia se conseguir fazer rosas de todas as cores - dsempre há de ficar no mundo a imutável beleza das panteras, a incorruptível limpidez das lagrimas...

ESSES RETRATISTAS...

Desde que nasci conheço minha terra e minha gente (pudera não!) porém não me julgo, em sã consciencia, autorizado a fazer-lhes um retrato que possa considerar cem por cento fiel, e surge qualquer turista de aeroporto, e nos julga de supetão a todos, pessoas, animais e coisas, sem apelação possível.

Donde se conclui que cada um fornece o depoimento de si mesmo e não do mundo exterior. Os mais conscienciosos por isto intitularão seus estudos, por exemplo, de "retrato sincero" da Conchinchina, do Brasil etc.

(e não retrato "verdadeiro").
Donde se conclui tamhem que só podemos falar autorizadamente, embora suspeitamente, de nós mesmos. Tudo é auto-retrato e autobiografia. Nem era por outro motivo que Flaubert proclamava: "Madame Bovary sou eu!" e, modernamente, Gertrud Stein escreveu a história da vida de sua amiga Alice B. Toklas com o titulo de Autobiografia de Alice B. Toklas.

AH! É?

Acabo de ler, num artigo de jornal, que pertenço a "antiga geração". Deve ser por isso mesmo que me sinto tão arejado como um velho casarão de vidraças partidas.

O INSTRUMENTO

O encantado espanto que senti quando fiz a primeira poesia ainda Perdura até hoje: jamais me esquecerei daquele inábil, daquele medroso toque no instrumento desconhecido... E até hoje este receio de uma nota em falso!

E POR FALAR EM POESIA

Nos dicionários, sempre que vem uma palavra tola, segue-se-lhe a abreviatura: "poet.". Não me ocorre agora nenhum exemplo a não ser "natura". O que já requer uma boa dose de bicarbonato. Em compensação, há Poucos dias, um outro gourmet do vocabulario, o meu amigo Paulo Arinos, esteve a deliciar-me com uma lista inédita de palavras pornográficas, que ele vem organizando com o maior carinho. Entre estas se achava a palavra "sodalício".

VAMOS DESCOLAR

Ah! - suspirava um pobre homem todo colado de colaterais - por que esses colaterais não se limitam a ser laterais?

BOBAGENS

Dizer bobagens areja a alma e faz a gente gozar com a cara do outro. Dizer isto, por exemplo, a uma dona-de-casa que acha que comemos pouco: "Eu sou um animal de pouco comer, porém de olhar compreensivo".

COINCIDÊNCIA

Às vezes a gente pensa que está dizendo bobagem e está fazendo poesia.

A DIFERENÇA

A diferença entre um poeta e um louco é que o poeta sabe que é louco...
Porque a poesia é uma loucura lúcida.

MANIFESTAÇÕES DE AMOR

Uma das mais deliciosas manifestações de amor é a falta de respeito.

TÊNIS

Ótima ginástica de pescoço para o público das arquibancadas.

RESPOSTAS TIRADAS DE UMA ENTREVISTA

- Quais as personalidades a quem mais admira?
Greta Garbo e Sherlock Holmes.
Qual o maior poeta brasileiro atual?
- Deixe disso. Nenhum poeta é cavalo de corrida para ser obrigado a chegar em primeiro lugar.
Sua principal qualidade?
- O bom senso (não confundir com senso comum).
Seu principal defeito?

- O de todo o mundo, isto é, o de não saber qual seja.
O que acha o senhor da poesia engajada?
- O mesmo que acho das perguntas engajadas.

DA AMIZADE

A amizade é uma espécie de amor que nunca morre...

SEM FAZER POSE

A maneira de um autor não fazer pose é escrever para ninguém. E muito menos para si mesmo. Pensar num determinado leitor - ou leitores - prejudica a naturalidade.

EM QUALQUER CIRCUNSTÂNCIA

Em qualquer circunstância, como não se trata absolutamente de tirar retrato, natural ou não, posado ou instantâneo, seria o caso de dizer-se, sem trocadilho: - Não olhe para a objetiva e sim para o objetivo.

NA VERDADE

Passa a loira na rua, a loira absoluta. Vem de Deus ou do Diabo: Anjo ou Prostituta?
Nem de Deus nem do Diabo... na verdade vem só da Natureza...
- O só perigo, meu velho amigo, é que não deveriam existir mais dessas coisas na tua idade...

A PEDRA E O GRITO

Há cerca de mais de cinqüenta anos foi para nos uma lição de poesia aquele poema da pedra no meio do caminho. Pelo seu despojamento. Pela Sua expressividade. Por si mesmo, sem mais explicações.
Ah! era um encanto e um gozo, na verdade vos digo, primeiro pela indiferença a todos os cânones e depois pela cara com que ficavam os canônicos.
Nem foi por outro motivo que eu disse, em resposta a inquérito, que aquela pedra foi um marco histórico na poesia brasileira. Desde então, Como depois da bomba atômica, nunca mais fomos os mesmos.

Teria inaugurado uma arte poética?
Nada disso. Seria o cúmulo que aquele impacto de liberdade criadora nos escravizasse a mais uma escola.
Sim, meninos, vamos gazear todas as escolas! Nem todos sabem como isso faz bem...
E agora, no ano em que se está festejando o sesquicentenário do grito do Ipiranga, vem muito a propósito proclamarmos - também - que poesia é independência ou morte.
Mas quem diria que o Carlos Drummond, que lançou o grito daquela pedra, está completando terça-feira 70 anos? Ninguém acredita. Que precocidade!
Pois o fato que nada tem com a data - é que ainda o vemos na pista com a mesma agilidade com que começou. De modo que os seus fiéis, impacientes, como deve estar o próprio poeta, com esse palanque comemorativo, só se lembram de dizer, para bem de todos e particular dignidade da poesia:
- Continue, Carlos, continue...
E não lhe chamemos, por favor, de coisa nenhuma: seria impróprio adjetivar um poeta tão substantivo como Carlos Drummond de Andrade.

(1972)

GENTE DEMAIS

As guerras, não como alguns julgam, ajudam muito a remediar a incômoda situação, pois os que ficam em casa aproveitam a deixa para multiplicar-se... e quanto! E, como os que vão para a chacina são hoje em dia selecionados entre os mais aptos e sadios de físico e de espírito, imagine o

leitor as conseqüências desta solerte multiplicação de incapazes por detrás das bombas...

TRAGÉDIA

Não, a pior tragédia não é a que tomba inesperada, rápida, definitiva e única como um raio e que até pode ser atribuída a castigo divino... Mas a que se arrasta quotidianamente, surdamente, monótona como chuva miudinha.
A pior tragédia conjugal, por exemplo, não é a do assassinato por adultério, ou de qualquer outra variante do gênero. É simplesmente esta, a

que assisto todos os dias da minha janela às cinco e meia da tarde: aquele senhor que leva o cachorrinho do casal a dar uma volta pela praça e pacientemente espera, segurando a corrente, que o outro coitado umedeça o poste... É toda a desgraça de uma vida a escorrer pingo a pingo -, tragédia em goteira. Como vedes, não dá para manchete. Nem chega a ser um fait divers... Mas, para mim, é tudo: a pior tragédia é a tragédia sem grandeza.

INDUMENTÁRIA

Por que os fantasmas sempre aparecem vestidos? Sendo a morte um segundo nascimento, por que não surgem ao natural, tal como chegaram a este mundo?

IMPASSE

A maioria das gentes vive de convicções e não de idéias. É uma sorte. O homem de idéias pode por isso mesmo vir a abandoná-las honestamente por outras, mas o homem de convicções, nunca! O que não deixa de ser um azar. Pois sendo as mesmas inabaláveis convicçoes que movem este mundo, o resultado é esse eterno desconcerto.

A NONI MATO

O que há de mais triste com esses bustos de praça pública não é que ninguém saiba quem sejam: é que ninguém pergunta quem são.

Os DEUSES ASTECAS

(Nota marginal ao livro do Erico sobre o México): Não, não foi bem assim! Os deuses astecas Huichtlipochtb, Quetzalceatl, Ixtlipetzloc et cetera, morreram engasgados com os próprios nomes.

A felicidade bestializa: só o sofrimento humaniza as pessoas.

O PÁSSARO PI-I

O pássaro pi-i só pode viajar aos pares e por isso é o símbolo dos namorados - pois um deles só tem a asa do lado direito e o outro só tem a asa do lado esquerdo: só bem juntinhos é que podem voar!

RECEITA

No dia em que estiveres muito cheio de incomodações, imagina que morreste anteontem... Confessa: tudo aquilo teria mesmo tanta importância?

NÃO SOU SUPERSTICIOSO

mas O 13 é o meu número de sorte. Por motivos de ordem sentimental. Só porque todo mundo tem medo dele...

A ESPUMA

No saguão do hotel, em cujas poltronas se afundavam uns bocejantes hóspedes, aquele representante comercial exaltava as vantagens do sabonete X.
- Mas não faz quase espuma... - objetei afinal.
- A espuma não é essencial no sabonete! - sentenciou ele.
E logo pôs-se a provar eruditamente, cientificamente, quimicamente, ante o círculo atento dos basbaques e especialmente para a minha total ignorância sabonetácea ou saponífera, que a espuma, de fato, não é o essencial do sabonete.
- Mas.., é mais divertido.., repliquei, em desespero de causa.
Aí os basbaques ficaram todos do meu lado. E o categórico representante comercial ficou espumando de raiva. E eu pensando, cá com os meus botões, se não teria acaso feito uma parábola...

FÚRIAS

Na antiga mitologia as almas culposas eram perseguidas pelas Fúrias. Hoje, os poetas, ainda por cima inocentes, são devorados em público pelas declamadoras.

PLACAS DE ESQUINA

Leio, sem querer, na placa da esquina: "RUA VIGÁRIO JOSÉ
INÁCIO (sacerdote culto e piedoso que paroquiou a igreja do Rosário longos anos)".
Esse "paroquiou" me deixa amedrontado. Porque tenho medo de que algum dia venha a ler uma placa assim: "RUA DOM VICENTE SCHERER (digno sacerdote que longos anos bispou a arquidiocese de Porto Alegre).
Ou assim: "AVENIDA PIO XII (Santo Padre que longos anos papou a Cristandade)."

O INOMINÁVEL

O eu nem nome tem. O meu nome, diz ele, é João. E daí? É como se dissesse o meu nariz, os meus óculos, o meu par de sapatos.
Este eu irredutível é o que existe de mais impessoal, portanto, mais vasto e mais profundo - o assunto primeiro e último dos poemas, o campo de batalha dos anjos.
O resto é a pessoa ocasional, isto é, o indivíduo a quem emprestaram o nome de João, que comprou um par de sapatos, que usa óculos e se julga dono do próprio nariz.
Mas que nem sabe o quanto significa...

ELES

Eles confundem homem famoso com tipo popular.

VIDA SOCIAL

O gato é o único que sabe manter-se com indiferença num salão. As Outras indiferenças são afetadas.

POESIA

Às vezes tudo se ilumina de uma intensa irrealidade, e é como se agora este pobre, este único, este efêmero minuto do mundo estivesse pintado numa tela, sempre...

PAZ

Os caminhos estão descansando.

A ESTRELA E O DEDO

O estrelato parece que passou. Ainda ontem, falando no Ingmar

Bergman, quis, por mera associação de idéias, lembrar comigo o nome todo de "La Bergman": não consegui. Em Chaplin o que não passará é o Chaplin diretor, que tanto lembra Moliére na escolha - espantosamente simples e genial - do pormenor significativo. Pois todo mundo sabe que narrar é a arte de escolher. O dedo, o toque. E pronto. O resto é relatório. Tanto num livro, para o romancista, como num filme, para o diretor. Quanto ao Chaplin ator - muita vez já pensei, no escuro das salas de projeção: "Como seriam boas as suas comédias, se representadas por outro!"

VERGONHA

Bem! a verdade é que sempre existe a vergonha de apodrecer...
Vergonha para nós agora, banhados, roupas limpas etc. e tal...
Mas, na verdade, vos pergunto: qual a diferença entre o néctar e um vômito?... Para as narinas de Deus, todos os cheiros são iguais.

SUGESTÃO PARA UM ANÚNCIO DE TV

Nero, durante o incêndio de Roma, saboreando lenta e gulosamente uma caixa de bombons ROSICLER.

A TRANSPOSIÇÃO

Também me lembro que quando eu era gurizote e briguei mais uma vez para sempre com a Gabriela, deixei-a ali na praça (era domingo, depois da missa) e fui passear pela sua rua, pela frente de sua casa, por todo aquele deserto - ai de mim - tão cheio da ausência dela!

NOCAUTE

Um discurso em homenagem nossa é uma verdadeira surra às avessas: fica-se naquele estado horrível... e sem palavras com que revidar!

AINDA BEM

O que salva nossa triste condição de homo sapiens é que não se pode ter certeza nem da própria dúvida.

Os Novos

É tal a sua pressa de comunicação que eles se esquecem de aprender a escrever.

DAS VIAGENS

O encanto das viagens está na própria viagem: a partida e a chegada são meras interrupções num velho sonho atávico de nomadismo.

O POEMA E O TEMA

Se um poeta não falar em nada e disser simplesmente tralalá, não importa: todos os poemas são de amor...

DA IRRESISTÍVEL BELEZA

O leão é um animal tão belo que ser devorado por ele é melhor do que ser devorado por um crocodilo.

TLIN! TLIN!

O despertador é um objeto abjeto.

Os Dois GATOS
(uma fábula traduzida de Florian)

Dois bichanos,
Nascidos ambos sob o mesmo teto,
Eram, como sucede às vezes entre manos,
Diferentes de humor, como de aspecto.
O mais velho dos dois, um branco, dava gosto
Olhá-lo. Dir-se-ia um cônego em arminho,

Tão rechonchudo era, e liso, e bem-disposto.
Olhar todo carinho...
E além do mais, dado à preguiça e à gula.
Quanto ao caçula...
Ora! Vede
Se tinha compostura aquilo... Um verdadeiro
Gato pingado!
Negro, desse negror de poço em noite escura,
Sobre a espinha recurva ao feitio de uma rede
Não tinha mais que a pele, o desgraçado.
No entretanto passava a noite, o dia inteiro,
A correr, do porão à água-furtada,
Na tenaz procura
De possivel caça.
Apesar disto... nada!
Sempre chupado como um gato em passa...
La um dia, diz ele a seu irmão:
"Eu sempre no serviço,
E tu, sempre no sono,
Ó sorte desigual!

Por que motivo então
Nos trata o nosso dono
A ti, tão bem, e a mim tão mal?
Não, francamente, eu não compreendo isso..."
- "Mas, é claro!
Só Deus sabe a existência que tu passas...
E todo esse trabalho cansativo e longo
Para afinal, de raro em raro,
Comer, tristonhamente, um triste camundongo."
"Pois não é meu dever?"
"Seja! Mas eu, meu caro,
Eu estou sempre ao lado do patrão,
Divirto-o com minhas graças,
Esfrego o pêlo em suas calças
E ronrono e me enrosco e me contorço...
E assim, sem maior esforço,
Vou ganhando um vidão, regalado e tranqüilo.
Carícias falsas

E maneiras fúteis,
Isso agrada ao patrão... Mas tu, para teu mal,
Só o que sabes é servi-lo!
Olha, maninho, o essencial
É fazermo-nos hábeis, e não uteis.

O BROTINHO

Passa um brotinho. Vai andando e vai crescendo. É toda esganiçada:
a voz, os gestos, as pernas... Antílope! vejo antílopes quando ela passa!
Pois deixa, passando, um friso de antílopes, de bambus ao vento, de luas
andantes, mutáveis, crescentes...

NÃO É POSSÍVEL

O futuro é uma espécie de Banco ao qual vamos remetendo, um a um,
os cheques de nossas esperanças. Ora, não é possível que todos os cheques
sejam sem fundo!

DAS DIVERSAS MANEIRAS DE PENSAR

Há OS que pensam olhando as unhas. Os que pensam olhando para cima.
Os que pensam segurando o queixo. Os que pensam puxando a orelha.
Conclusões baratas: os primeiros não devem estar la com a consciência muito
limpa, os segundos querem fugir da consciência, os terceiros não podem
com o peso da consciência, e os últimos, os que puxam a orelha, o próprio
enunciado já diz tudo.

IDADE

Estou nessa idade em que o juiz consulta o relógio e as arquibancadas
já vão se esvaziando...

O ESPELHO NO ESCURO

Um espelho no escuro aproveita a solidão da noite para refletir, de fato.

VERSO AVULSO

Teus lábios úmidos como frutos mordidos!

Os SILÊNCIOS

Não é possível amizade quando dois silêncios não se combinam.

O BOM DORMIR

Quando desperto assim - tranqüilo e imune o coração -já sei de tudo:
é que a minha pobre alma esteve a noite inteira naquele quarto de um velho
casarão antigo, tão antigo que já nem sei se ainda existe neste mundo.

DA ARTE DE FAZER VISITAS

Sempre que o convidavam a uma casa, perguntava-lhes se podia levar
um amigo... Deixava então os outros conversarem enquanto ele fingia que
escutava.

O ruim de uma visita familiar é que a dona-de-casa sempre faz
perguntas quando a gente está de boca cheia.

REALIDADE

O fato é um aspecto secundário da realidade.

As GAROTAS DE IPANEMA

Tão iguaizinhas! Impossível diferençar uma das outras: devem ter uma
alma coletiva...

TALVEZ E SEM DÚVIDA

Envelhecer sem criar experiência - talvez nisso consista um dos tantos segredos da vida. Mas é, sem dúvida nenhuma, o grande segredo da poesia.

Os SORBONAGROS

Falando no velho Augusto Meyer, lembramos de uma bela palavra que ele inventou: "sorbonagro" (Sorboneonagro), isto é, o asno magister, a besta catedrática. Uma delícia, não?
Agora pergunte-se: por que motivo só os droguistas terão o direito de tentar palavras: Galenogal, Andriosedil, Orex? Isto foi sempre atribuição dos poetas... Camões, saqueando imperialmente o latim e o grego, criou quase metade da língua portuguesa. Quem havia de pensar que a palavra século hoje corriqueira, foi ele que a pos em circulação matando para sempre o "segre", até então usada? Mas é que no seu tempo não havia os sorbonagros.
Quantas e quantas vezes já me disse um destes:
- Mas isto não está no dicionário!
E de uma feita como eu lhe observasse que certo verbo comunissimo na boca das gentes, nenhum dicionário ainda o registrara, saiu-se com esta:
- Essa palavra não existe: é uma invenção do povo.

II!

Ficam os comentários a cargo do leitor: até hoje (já lá se vão quarenta anos) essa sentença me deixa "hirto e nulo", como diria o Eça, e, como fingidamente balbuciou o Rui no famoso intróito de um seu discurso famoso: "Diante disso.., depois disso.., eu não sei o que deva dizer..."

LEITURA DE JORNAL

...e eis que entre tantos títulos alarmados e alarmantes, me surge, inesperadamente, este: "Grescimento Vegetativo da População Bovina."
Ó Deus, ó gentes... o bem que isso nos faz! É tranqüilizador como um Verso de Tagore.

ALEGRIA SUPREMA

Alegria, mesmo, é a do suicida que escolhe o dia mais azul exatamente o dia mais azul! - e joga-se, triunfalmente, do arranha-céu mais alto da cidade...

A ESTÁTUA

O que há de mais triste em virar estátua é que a gente não pode coçar-se...

HISTÓRIA EDIFICANTE

Era uma vez duas pulguinhas que passaram a vida inteira economizando e compraram um cachorro só para elas.

A GRANDE ATRAÇÃO DO CIRCO

Salvador Dalí? Espantoso, sim.., mas que espantosa falta de imaginação!

PIcAsso E DALI

Picasso é mais espontâneo: nunca procurou espantar o burguês.

NÃO OLHE PARA OS LADOS

Seja um poema, uma tela, ou o que for, não procure ser diferente.
O segredo está em ser indiferente.

Os DISCÍPULOS

Os discípulos de um escritor só conseguem acentuar os defeitos do Mestre.

TUDO QUANTO

Tudo quanto se sabe é de ouvido. A gente aprende que um galo é um gato por ouvir dizer. E a terra gira tão obedientemente em redor do Sol simplesmente porque a "fessora" disse, não foi? E também é verdade que há milhões de criaturas sobre a face da terra que não sabem que andamos girando pelos espaços, nem jamais o saberão, e nem por isso são menOS felizes ou infelizes. Mas isto é outra história...
O que eu queria dizer é que, se já nascemos geralmente com uma cabeça as idéias vêm de fora. São adquiridas depois, como chapéus.

Passando, porém, das simples noções concretas para as idéias consideradas abstratas, cumpre não esquecer que o USO dos chapéus está fatalmente condicionado ao formato da respectiva cabeça. Daí, toda essa variedade em forma e número - dos supraditos, qualquer que seja a sua marca: filosófica ou religiosa, estética ou política. Ou o chapéu serve ou não serve. Inútil impô-lo. Quando muito, será preciso adaptá-lo à

cabeça do portador.
Por essas e outras, meu Deus, que criaturas tão ingênuas os proselitistas, ainda mais os políticos, querem distribuir indistintamente por todos
os povos do mundo a cartola democrática do Tio Sam...
Ou enterrar na cabeça de todo o mundo, a muque, o abafante "kólbak".
Bem, não toquemos no parlamentarismo...
Tantas as perplexidades da escolha, às vezes, e tamanha a morosidade das provas, que o mais cômodo mesmo, meu filho, é esta moda atual, de não usares chapéu.

CIRCO

O mais triste, nos circos, não é a falta de graça dos palhaços.
É quando
obrigam os bichos a se fantasiarem de gente.

APENAS

O criador - seja ele um romancista, um cineasta, um pintor, um poeta - não cria coisa alguma. E num mundo onde todas as coisas já existiam,
O Verdadeiro criador se limita apenas a mostrar tudo aquilo que os outros favam sem ver.

ERA UMA VEZ

Era uma vez, num conto de fadas, uma pastorinha tão pequenina que, em vez de cuidar das ovelhas, as ovelhas é que cuidavam dela.

A RAINHA

Elizabeth II? Não: Elizabeth, simplesmente... Ou então a Lilibeth, como quando menina. E foi mesmo uma grande sorte para o im-

pério Britânico que haja ascendido ao trono uma mulher, e uma mulher moça e bela. Porque, sendo ela o símbolo do Império, os seus súditos, por um natural sentimento de galanteria, com tanto mais empenho hão de servi-la, servindo assim ao Império.
Pois estou a crer que o ardor não seria tanto assim, se agora encarnasse o Império algum madurão de olhos empapuçados (os homens da Casa de Windsor têm todos uma singular e antifotogênica tendência para empapuçar os olhos). Mas, sendo ela quem é, e como é, para o mais anônimo soldado de Sua Majestade, para o mais modesto funcionário da administração, distantes e perdidos nos confins do Império, a encantadora Elizabeth será, a seus olhos e em seus corações, uma espécie de PIN-UP
QUEEN.

O PRIMEIRO-MINIsTRO

Já estavam escritas as linhas acima (rabisquei-as na véspera da Coroação) quando vim a ler nos jornais as palavras com que Winston Churchill encerrou as comemorações do grande dia.
"Não se pense (assim falou o primeiro-ministro) que a idade cavalheiresca pertence ao passado. Aqui está, na direção de nosso Estado, uma dama a quem respeitamos porque é nossa rainha e a quem amamos por ela mesma. Gentil e nobre são termos familiares para todos nós em toda a fraseologia cortesã. Esta noite adquirem um novo timbre, porque sabemos que são o reflexo fiel da radiante figura que a Providência nos trouxe numa época como a presente, dificil e de futuro desconhecido."
Muito bem, Mr. Churchill, é o que todos nós pensamos. E também não podemos deixar de pensar na ascensão daquela outra jovem soberana, a rainha Vitória, e naquele outro grande primeiro-ministro, Disraeli, que forjou com a sua rainha a grandeza da Inglaterra.
E, cá entre nós, palpita-nos que o próprio Churchill há de julgar-Se um novo Disraeli. E com razão. Porque o é, de fato. E também porque é sabido que o fraco de Churchill não é certamente a modéstia. Ele está acima dessa virtude um tanto suspeita e que talvez, no fundo, não seja mais que orgulho disfarçado, um orgulho tímido, por assim dizer. Aliás, Churchill tem lastro para pensar e dizer de si o que quiser. Mas, mesmo ainda quando o mundo não lhe conhecia lastro algum, quando ele ainda não era ninguém, quando servia na Guerra dos Boers e era ao mesmo tempo

correspondente, sob pseudônimo, de uma folha britânica, sucedia que às vezes os seus comunicados para o jornal terminavam assim: "Na ação destacou-se o bravo tenente Winston Churchill." É pelo menos o que contam, numa de suas tão malfeitas e tão bem vendidas biografias-relâmpago, os senhores Henry & Dana Thomas, próspera firma comercial de escritores norte-americanos.
Mas, seja como for, conta-se que ainda há pouco regressando Churchill de Aix-la-Chapelle, aonde fora pintar, compareceu a um chá, um desses encantadores (?) chás de duquesas, que não acontecem apenas nos romances ingleses. Não tenho bem certeza de que o local onde Churchill andou pintando tenha sido Aix-la-Chapelle, mas trata-se da cidadezinha onde o mestre Cézanne costumava pintar: os pintores da terra que me emendem à mão, se estou equivocado. Ora, sabe-se que Churchill, nas horas vagas, é um pintor aplicado, honesto e medíocre, como convém a um diletante.
Pois ele chegou, sentou e foi logo dizendo para as duquesas:
- Estive pintando em Aix-la-Chapelle.
Tomou um gole de chá e esclareceu:
- É a mesma cidade onde Cézanne pintava.
Houve um silêncio embaraçado entre as duquesas.
- Foi tudo às mil maravilhas. Todos me deixavam à vontade. E as jeune da terra punham os seus vestidos domingueiros e vinham passear pela minha frente, sorrindo e girando a sombrinha, na esperança de que eu as pusesse um pouco em minhas telas. E ninguém me incomodava,

ninguém vinha espiar, às minhas costas, o que eu estava fazendo. Nunca pintei tão bem.
As duquesas entreolharam-se. Afinal a mais velha não se conteve:
- Meus parabens, Mr. Churchill! Nem com Cézanne aconteciam coisas assim...
- Ah! Mas Cézanne levava sobre mim alguma vantagem.
Novo silêncio entre as duquesas.
Churchill tomou mais dois goles de chá e concluiu:
- É que Cézanne sabia pintar.

DA MÚSICA

A música (dizia-me ontem o José Matias, e aqui o repito sem licença e talvez sem perdão de grandes amigos músicos que tenho) eu sempre achei a música muito comprida. Pois como ficar ouvindo, sem pensar noutras

coisas, um número de concerto que dura no mínimo um quarto de hora? Lá pelas tantas, começa a gente a pensar em preocupações domésticas ou não, contas insolváveis, ou simplesmente nalguma dama da assistência. Tenha paciência, mas assim não dá. Deveria haver sonetos musicais...

DE UMA FEITA

E eis que de uma feita, após longos meses de ausência, chegou na roda de sempre o nosso amigo Eduardo Paixão. Se foi grande a nossa alegria, não menor foi o nosso espanto, pois ele se nos apresentava com uns vinte quilos a menos. É verdade que tinha antes vinte quilos a mais... Agora é que estava certo. Contou-nos, sem mais nem menos, que estivera em tratamento de uma gastro -piloro-bulbo-duodenite.
-Como?
- Gastro-piloro-bulbo-duodenite.
- Parabéns! disse-lhe - pois estiveste sofrendo do mais belo verso da língua portuguesa.
(Trata-se de um decassílabo, como logo se vê; e, segundo preceitua o velho Castilho em seu Tratado de metrificação, tanto mais belo é um verSo quanto maior variedade de vogais e consoantes tiver.)
E como naquela época se estivesse realizando por intermédio da "Noite Ilustrada" um inquérito sobre o mais belo verso brasileiro, todos os da roda concordaram comigo para variar e repetiram, no mais puro êxtase: "Gastro-piloro-bulbo-duodenite!"
Depois do que, foi o poeta muito felicitado. Modestamente recuSOU que remetessem o seu verso para o concurso, em vista de se tratar de poesia muito íntima, coisas internas, explicou... Nada de sofrimentos ocultos despudoradamente revelados ao público!
Em parte não deixava de ter razão, tanto mais que um dos versos que estavam sendo mais votados era o seguinte, da autoria de Alberto de Oliveira, com que este inicia o aliás belo poema do Paranaíba:
"Da Serra da Bocaina até São João da Barra."
Nada mais objetivo, com efeito. É verdade que o eleitorado

compunha-se exclusivamente de literatos e por isso talvez houvesse em tal escolha um
toque de esnobismo. Explique-se: naquela época Proust começava a ser
conhecido entre nós e decerto os votantes se lembraram de um seu
personagem, Bloch, o qual considerava o mais belo verso da língua francesa
este de Racine:

"La filie de Minos et de Pasiphaé."
Isto porque não tinha nenhuma significação em si mesmo, nenhum
conteúdo lírico, sentimental ou coisa que o valha. Era belo, sem
compromissos.
Mas, se não me engano, o que acabou vencendo foi o "Auriverde
pendão da minha terra" - talvez por influência de sentimentos patrióticos e
não propriamente poéticos. Venceu, pois, uma ala completamente oposta
à da poesia pura, e queremos crer que tão equivocada quanto esta.
Ora, como não tivesse sido consultado, comecei então a coligir, pour
rire, uma espécie de antologia dos piores versos brasileiros. E se o
amigo-da-onça perguntar por que não começo citando os meus, dir-lhe-ei
que uma coleção destas só tem graça em se tratando de grandes poetas
ou grandes figuras nacionais. Começo, pois, por ordem cronológica, com
Casimiro de Abreu:
"Se eu tenho de morrer na flor dos anos,
Meu Deus, não seja já!"
Há mais de trinta anos que estas palavras me perseguem, há mais de
trinta anos que sempre as murmuro baixinho quando tenho de atravessar
uma artéria chispante e buzinante de autos, ônihus, caminhões,
motociclos e outras engenhocas atacadas do delírio da velocidade e que parecem
dizer num ritmo crescente: que seja já! que seja já! que seja já!
De outros versos da gorada coletânea, não me lembro mais. Só me
lembro que o citado Alberto de Oliveira concorria brilhantemente:
"...e ele no seu de faia
de ao pé do Alfeu tarro escultado bebe"
Deixo ao leitor o cuidado de destr inchar essa engenhosa geringonça,
na sua próxima noite de insônia. Alberto tem muito dessas coisas.
Compre o leitor suas poesias completas, que não se arrependerá. Seria
recomendável, porém, que se munisse de diversas bandeirinhas, como fazem
os oficiais do Estado-Maior ante um mapa do campo de operações: uma
bandeirinha vermelha para a oração principal, bandeirinhas verdes para as
subordinadas, amarelas para as inter caladas, bandeirolinhas negras, com
uma caveira, para as súbitas e perigosas inversões. Aí sim, poderia o leitor
"tirar um mapa".
Bem, do resto não me lembro mais, dizia eu. Nem vale a pena. Mas
como neste país são quase sempre as forças armadas que têm a última
palavra, só vos direi que a palma da vitória era solenemente concedida, no
fim da coletânea, ao general Osório, pelo último destes seus versos, que

copio cuidadosamente da página 29 dos Sonetos brasileiros, coligidos por Laudelino Freire:
"Ó Lília bela, o meu queixume escuta,
Tem dó deste infeliz que é todo teu
E a glória de adorar-te só disputa."

NEM TUDO EsTÁ PERDIDO

"Minha cidade cresce dia a dia como uma árvore". - Ana Carolina
"Era um dia de bom humor para dona formiga. Bom-dia sol, bom-dia flores, bom-dia árvore, bom-dia todas as cores." Irineu.
"O sol já me disse bom dia." Matias Guilherme.
"E você, amiguinho que me escuta, se tudo que fosse feito de árvore virasse árvore outra vez, você só veria árvores em seu redor." - Maria Ester.
"Encontrei muitas glicínias no chão, estavam murchas, mas que fazer - se já tinham caído, então foi porque já estava na hora delas caírem. Não pensei nas glicínias murchas, mas sim nas vivas, abertas, cheias de beleza - Gostei tanto das glicínias que parecia que meu coração estava coberto delas."-Marise.
"As árvores se inclinam ao vento como se o estivessem cumprimentando." - Antônio Augusto.
"A primavera é a estação mais bonita porque tem muitas flores, é mais cheirosa e é ela que possui as mais bonitas Orquestras Sinfônicas de Passarinhos Artistas (OSPA)." - Virgínia.
"De noite eu abro a janela da minha casa e canto para a ruazinha amiga adormecer." - Ester.

Como o leitor bem viu, são transcrições de textos alheios, que recebi da professora Regina Schneider com uma carta em que me diz:"Li, no Caderno H, seu comentário a respeito das crianças de hoje, que não sabem escrever porque não lêem textos, mas apenas histórias em quadrinhos."
"Acho que o senhor tem toda a razão, mas... não se aflija, pois há crianças que escrevem muito bem e todas nascidas na última década, como os meus alunos deste ano. São crianças de nove anos e estão no terceiro ano primário."
"Envio-lhe algumas composições feitas no decorrer do ano [...]

Agradeço-lhe a atenção que me dá, minha cara professora, e bem compreendo o alarmado carinho pelos seus alunos, ou melhor, pelas suas

crianças. Pois foi esse mesmo desvelo de não ter perdido na infancia o hábito da leitura que me provocou o comentario sobre as crianças que só olham figuras e não lêem, e os pais das mesmas, que só vêem televisão.
Mais adiante, escreve me: "Acredito que a leitura dessas composições lhe será útil, pois através delas o senhor poderá conhecer melhor as crianças e avaliar suas possibilidades quanto a expressão, vendo assim que nem tudo está tão perdido".
Exatamente porque sei da individualidade criadora das crianças e não as quero ver massificadas é que tanto me impresSiona esse perigo que

também a senhora reconhece. Elas tem a capacidade de re-criar, de inaugurar o mundo a cada instante e não é outro o ideal dos poetas. Tenho até guardadas comigo, nestes últimos anos, belas composições escolares, como as que me enviou.
Mas o triste, mesmo, é que aqueles filhos e principalmente aqueles pais a quem eu de fato me dirigira, esses obviamente nem me leram...

PANORAMA DE UMA GERAÇÃO

No meu livro Da preguiça como método de trabalho transcrevi, na íntegra, a título de curiosidade, sem nenhuma corrigenda posterior, o primeiro conto que escrevi: "A sétima personagem". No mesmo sentido divulgo aqui a primeira entrevista que concedi à imprensa, por ocasião de um inquérito realizado por Dante de Laytano para o antigo Jornal da Manhã de Porto Alegre e publicada em 11 de julho de 1936:
"Poeta de encantadora sensibilidade, Mario Quintana é hoje um dos mais interessantes nomes do Rio Grande.
Seus versos definem uma alma comovida diante do belo.
Atingindo, por meio de ritmos estranhos, o equilíbrio e o mistério da arte de fazer versos e de ser poeta. Mario Quintana se tornou uma figura inconfundível na nossa história literária contemporânea.
Dum expressionismo meigo - toda a sua poesia é um caderno de ternura.
Enamorado da música de "Oraisom mauvaises", onde a pureza das imagens se dilui num sentido pra lá de sutil.
Mario Quintana é assim claro e azul, às vezes em meio tom, à maneira de seu poeta da Normandia.
A arte para Mario Quintana é uma atitudE de homem mediterrâneo.
Prosador, também, tem nos dado páginas muito finas em contos e crônicas.

Tradutor da Livraria do Globo, Mario Quintana emprega sua atividade literária na grande casa editora de Porto Alegre.
Poeta, conteur, tradutor e cronista, Mario Quintana é sempre um espírito delicado e profundamente intelectual.

Quando começou a escrever?
Muito cedo, ainda no tempo da espanhola.

Por que se tornou um escritor?
A pergunta é embaraçosa e há muito que me preocupa, em verdade,
Mas em tese, não apenas sob o ponto de vista pessoal: por que e para que se escreve? Como vê o amigo, as interrogações ficaram no ar à espera de solução...

Como trabalha?
Eu tenho feito é versos, o que não comporta método nem horário.
Dáse, suponho, um longo trabalho interior, um caos de impressões indefiníveis, choques, sentimentos etc., até que um dia, sem fiat nem nada, brota um mundinho inesperado: o poema. Aí então o poeta intervém, escolhe,

omite, trabalha, pois a poesia é também uma arte plástica... É uma ocupação, aliás agradável. Acho que todo mundo devia fazer versos: a análise dos próprios sentimentos e sensações e o refinamento da sua expressão verbal, eis uma ocupação que contribuiria em muito para a melhoria dos noSsos semelhantes, ou que, pelo menos, os impediria de fazer coisas piores.

Qual foi a maior emoção que teve na vida literária?
Emoções na vida literária propriamente só as tenho no momento em que estou escrevendo, O resto, a meu ver, não pertence à matéria em foco.

Qual entre os seus trabalhos o que mais prefere?
É a parte intitulada "Noturnos" do meu livro: o Museu de cera, ainda inédito. Acho que foi ali que dei a minha nota mais característica, mais pessoal.

Os autores que mais o impressionaram?
O primeiro grande choque que recebi foi com a leitura de Os miseráveis. Mas isto aos treze anos. Depois, por motivos de gratidão e respeito nunca mais reli o Victor Hugo. O escritor, porém, que maior influência

exerceu na formação do meu espirito foi Rémy de Gourmont. Descobri-o na idade crítica. Ele me ajudou a libertar-me de vários tabus de todo gênero, contra os quais a gente sempre se rebela no período heróico da adolescência. Passada tal crise, fica-se, naturalmente, a salvo dessas perigosas aventuras...

O primeiro livro que leu?
As minas de prata, de José de Alencar. Só o primeiro volume, o outro eu não o tinha à mão. Essa insatisfação inicial do meu primeiro contato com a literatura deu uma feição curiosa à minha maneira de ser nessa matéria, fato, todavia, que não interessa ao público em geral e por isso deixa de ser aqui explanado.

E a posição literária do Rio Grande no movimento brasileiro?
Precisamos fazer muita força nesse sentido, se é da sua opinião que a gente deva trabalhar em conjunto. Os nossos esforços aqui são alguns notáveis, mas isolados, tanto no ambiente brasileiro como no próprio Rio Grande. Aliás, aqui a gente não vai muito nessa coisa de moda. Anda por aí uma ortodoxia de arte proletária, não é? Eu noto cá no Rio Grande, com satisfação, é um forte individualismo. Cada um da o seu depoimento pessoal, diz a sua mensagem, a sua visão das coisas. Isto explica o surto admirável de individualidades tão diferentes como Augusto Meyer e Erico Verissimo.

Que pensa do nosso regionalismo?
Enquanto existir esta palavra, "regionalismo", estamos perdidos. A verdadeira obra de arte transcende as fronteiras. Simões Lopes, por exemplo, é um dos maiores conteurs do mundo; é assim que eu o admiro, e não Como regionalista. Há muita gente aqui que Só escreve coisas regionais por um espirito de acanhado bairrismo; há poetas que se debulham em rimas diante

de um umbu (porque é o nosso umbu) e ficam frios e silenciosos
perante um lampião de esquina. Que diferença de qualidade poética pode haver entre um Lampião e um umbu? Nenhuma. Outra coisa: tirante honrosas exceções, o nosso regionalismo tem sido uma fantochada: gaúchos eternamente valientes e chinas irremediavelmente traidoras, estes os bonecos convencionais que se agitam num texto aspeado de vocábulos fronteiriços, coisa muito boa para os futuros dicionaristas, mas de tão complicada leitura Para um cidadão medianamente civilizado, como, por exemplo, A demanda do Santo Graal, ou quaisquer outros trechos do português arcaico.

849

Qual o melhor livro rio-grandense depois de 1930?
Eu já disse há POUCO que, excetuando o preconceito regionalista, as nossas manifestações literárias se caracterizam por um forte acento de individualismo. A não ser assim, fácil seria dizer qual o melhor livro marxista, qual o melhor livro isto ou aquilo. Aqui, pois, cumpre especificar. Direi que o livro mais forte, mais intenso, mais bem construído que tivemos de 30 para cá foi o de Dyonélio Machado: Os ratos. O mais delicioso: Literatura e poesia, de Augusto Meyer. Há os Caminhos cruzados, de Erico Verissimo, que é o mais não sei o que, mas em todo caso foi a revelação de um verdadeiro romancista. E que dizer de Seu Paulo convalesce, de Télmo Vergara, um conteur sutilíssimo?

Devemos procurar um sentido mais espiritual dentro da literatura atual?
Pergunta difícil... Naturalmente que sim. Mas deixemos este debate para quando houver mais tempo...

Que pensa da presente "enquete"?
Que a sua intenção é muito louvável.

NÃO PUDE MORRER JOVEM

Certo dia escreveu em seu diário Jules Renard, esse mestre do pOUCO falar e do muito dizer, uma simples linha:
"Agora já não posso morrer jovem."
Devia estar completando uns quarenta e tantos e ainda não podia ter conhecido estes versos do poeta português Antônio Botto:
"Morrer jovem
E de rosas coroado..."
O qual Antônio Botto já lá se foi sessentão e provavelmente artritiCü na melhor das hipóteses, não podendo morrer jovem e coroado de rosas, morreu coroado de louros...
Em último caso, tomo de empréstimo a prestativa "máquina de explorar o tempo" de H.G. Wells e apareço diante de Jules Renard por uma bela manhã de 1902.
E o mestre me diz, como sempre fazia, experimentando antes, com amigos, as desconhecidas e hoje conhecidíssimas frases de seu diário:
- Agora, já não posso morrer jovem...
E eu, então, lhe perguntaria:

850

- Mas por que morrer jovem?
E ele, então, cofiando a barbicha (claro que devia ter uma barbicha, marca registrada dos grandes humoristas, inaugurada por Machado de Assis e sem saber copiada por Anatole France):
- Meu filho, sempre seria uma atenuante...
Que pretenderia dizer Jules Renard nesse diálogo imaginário?
Que morrer jovem seria uma justificativa de não ter realizado tudo o que desejava na vida?
E por que trago eu a público esta frase?
Creio que o faço um tanto fora de propósito, visto que isto tudo me ocorre de havermos comemorado o cinqüentenário do nosso S.D. de Ramayana e nas vésperas de comemorar o do não menos nosso Maurício Rosenblatt, em dia não averiguado do mês que vem.
Mas, estando já eles realizados na vida, desconfio que o meu propósito deve ser o de uma pessoa que, já havendo passado por igual transe há uns quatro ou cinco anos, lhes quer trazer hoje as palavras da sua experiência, e talvez do seu auxílio...
E agora me lembro, não porque o relembre por último, mas porque me veio à lembrança por motivos puramente cronológicos, do também tão nosso Herbert Caro.
A esses três amigos, pois, quero dizer que a minha presente vida, e portanto a futura deles, é uma coisa que eles nem imaginam...

(Texto publicado em junho de 1956 no Correio do Povo)

N.do Autor: Meus agradecimentos a Cecy, Sandra e Mara pela sua colaboração na pesquisa e escolha das crônicas, 1987.

851

852

A COR DO INVISÍVEL

(1989)

853

854

HOJE É OuTRO DIA

Quando abro cada manhã a janela do meu quarto
É como se abrisse o mesmo livro
Numa página nova...

A CANÇÃO

Enquanto os teus olhos ainda estão cerrados sobre os mistérios noturnos da alma
E o dia ainda não abriu as suas pálpehras,
Nasce a canção dentro de ti como um rumor de águas,
Nasce a canção como um vento despertando as folhagens...

Não vem de súbito, vem de longe e de muito tempo.
Mas agora - estás desperto na cidade e não sabes,
Entre tantos rumores e motores,
Como é que tens de súbito esta serenidade
De quem recebesse uma hóstia em pleno inferno.

Deve ser de versos que leste e nem te lembras.
De telas, de estátuas que viste,
De um sorriso esquecido...

E destas sementes de beleza
É que
- às vezes -
No chão do rumoroso deserto em que pisas,
Brota o milagre da canção!

PORTO PARADO

No movimento
lento
das barcaças

855

amarradas
o dia,
sonolento
vai inventando as variações das nuvens...

As ESTRELAS

Foram-se abrindo aos poucos as estrelas...
De margaridas lindo campo em flor!
Tão alto o Céu!... Pudesse eu ir colhê-las...
Diria alguma se me tens amor.

Estrelas altas! Que se importam elas?
Tão longe estão... Tão longe deste mundo...
Trêmulo bando de distantes velas
Ancoradas no azul do céu profundo...

Porem meu coração quase parava,
Lá foram voando as esperanças minhas
Quando uma, dentre aquelas estrelinhas,

Deus a guie! do céu se despencou...
Com certeza era o amor que tu me tinhas
Que repentinamente se acabou!

(1934)

UM RETRATO

Seus olhos grandes, redondos e pretos
Tempos depois ainda ficavam pregados na gente
Como botões...

CARTA

Eu queria trazer-te uma imagem qualquer
para os teus anos...
Oh! mas apenas este vazio doloroso

de uma sala de espera onde não está ninguém...
E que,
longe de ti, de tuas mãos milagrosas
de onde os meus versos voavam - pássaros de luz
a que deste vida com o teu calor -
é que longe de ti eu me sinto perdido
sabes? -
desertamente perdido de mim!

Em vão procuro...
mas só vejo de bom, mas só vejo de puro
este céu que eu avisto da minha janela.
E assim, querida,
eu te mando este céu, todo este céu de Porto Alegre
e aquela
nuvenzi nha
que está sonhando, agora, em pleno azul!

ENCONTRO

"Olhe! me disse um dia a condessa de Noailles,
durante a última Exposição de Pássaros,
Olhe aquele pássaro..."
Pobre comediante!...
Pelo tom irremediável da sua voz
Eu bem compreendi que ela já estava morta há muito tempo!

O ÚLTIMO VIANDANTE

Era um caminho que de tão velho, minha filha,
já nem sabia mais aonde ia...
Era um caminho
velhinho,
perdido...
Não havia traços
de passos no dia
em que por acaso o descobri:
pedras e urzes iam cobrindo tudo.
O caminho agonizava, morria

sozinho...
Eu vi...
Porque são os passos que fazem os caminhos!

PRIMAVERA

As águas riem como raparigas
À sombra verde-azul das samambaias!

LEMBRAS-TE?
Para a Eloí

Minha lanterna andante, meu cachorrinho de cego...
Perdidos naquela Babilônia, nem sei bem se eras o
caminho...
Se, acaso, eras a verdade...

Eu sei apenas que Tu és a Vida!

JARDIM INTERIOR

Todos os jardins deviam ser fechados,
Com altos muros de um cinza muito pálido,
onde uma fonte
pudesse cantar
sozinha
entre o vermelho dos cravos.
O que mata um jardim não é mesmo
alguma ausência
nem o abandono...
O que mata um jardim é esse olhar vazio
de quem por eles passa indiferente.

VIAGEM DE TREM

Esses burrinhos pensativos que a gente
encontra às vezes na estrada dispensam
a gente de pensar...

AS COISAS

O encanto
sobrenatural
que há
nas coisas da Natureza!
No entanto, amiga,
se nelas algo te dá
encanto ou medo,
não me digas que seja feia
ou má,
é, acaso, singular...
E deixa-me dizer-te em segredo
um dos grandes segredos do mundo:
- Essas coisas que parece
não terem beleza
nenhuma
é simplesmente porque
não houve nunca quem lhes desse ao menos
um segundo
olhar!

A MUDANÇA
Para a Sandra

A alegre, a festiva agitação das panelas e tachos

A inútil zanga dos velhos armários de mogno, solenes,
Achando tudo aquilo uma grande palhaçada...
As xícaras e pires fazendo tlin-tlin-tlin-tlin
As gaiolas dos passarinhos cantando em coro com os
próprios passarinhos
Oh! a alegria das coisas com aquela mudança
Para onde? Não importa! Desde que não seja
Este eterno mesmo lugar!

MORGUE

Minha alma gelou nas prateleiras!

MAGIAS

Os antigos retratos de parede
Não conseguem ficar por longo tempo abstratos.

As vezes os seus olhos te fitam, obstinados.
Porque eles nunca se desumanizam de todo.

Jamais te voltes para trás de repente:
Poderias pegá-los em flagrante.

Não, não olhes nunca!
O melhor é cantares cantigas loucas e sem fim...
Sem fim e sem sentido...
Dessas que a gente inventava para enganar a solidão
dos caminhos sem lua.

O POEMA

O poema
essa estranha máscara
mais verdadeira do que a própria face...

POEMA PARA UMA EXPOSIÇÃO

O quadro na parede abre uma janela
Que dá para o outro mundo
Deste mundo...

Um mundo isento de rumores
de mil flutuações atmosféricas
- alheio a toda humana contingência...

Onde um momento é sempre
e o mal e o bem não têm nenhum sentido...

Mundo
em que a forma também é a própria essência.

Ó Vida
Transfixada ao muro - e que palpita,
entanto,
num misterioso, eterno movimento!

HAIKAI DE OUTONO

Uma folha, ai,
melancolicamente
cai!

O FUTURO

Na bola de cristal procuro o meu futuro:
futuro tão brilhante que aos olhos me faz mal...
Não, não esse brilho fácil das girândolas,
mas uma súbita, silenciosa explosão de cores
- prenúncio da total
subversão!
até que então o Grande Mágico
regendo o novo Caos
(...e mesmo porque nada pode ser destruído...)
até que o Grande Mágico
- afinal-
com todos os espantosos subprodutos da última Bomba H
recomponha o milagre de cada individuo!

HAIKAI

Silenciosamente
sem um cacarejo
a noite põe o ovo da lua...

DEDICATÓRIA

Quem foi que disse que eu escrevo para as elites?
Quem foi que disse que eu escrevo para o bas-fond?
Eu escrevo para a Maria de Todo o Dia.

Eu escrevo para o João Cara de Pão.
Para você, que está com este jornal na mão...
E de subito descobre que a única novidade é a poesia,
O resto não passa de crônica policial - social - política.
E os jornais sempre proclamam que "a situação é crítica"!
Mas eu escrevo é para o João e a Maria,
Que quase sempre estão em situação crítica!
E por isso as minhas palavras são quotidianas como o pão
nosso de cada dia
E a minha poesia é natural e simples como a água bebida
na concha da mão.

HUMILDE ORGULHO

Aquele fiozinho d'água
Não era um rio:
Bastava-lhe ser um fio de música...

As BRUXAS DE PANO

As bruxas de pano
tão maternalmente embaladas
pelas menininhas pobres
são muito mais belas
do que as bonecas suntuosas como princesas
- orgulho das vitrinas...
Essas humildes bruxas de pano
cem seus olhinhos de conta
suas bocas tão mal desenhadas a tinta
são muito mais belas porque mais amadas!

PAZ

Os caminhos estão descansando...

NÃO BASTA SABER AMAR...
Para Milton Quintana

Neste mundo, que tanto mal encerra,
não basta saber amar,
mas também saber odiar,
não só servir à paz, mas também ir para a guerra.
Seguiremos assIm o próprio exemplo
de Jesus, que tanto amor pregou na Terra...,
quando Ele,
num ímpeto de cólera,
a relhaço expulsou os vendilhões do templo!

A CASA EM RUÍNAS

Uma única porta
No único muro de uma casa em ruínas.
Cuidado... Quem atravessar essa porta, a noite,
Pode ficar para sempre no Outro Mundo!

A MULHER BIÔNICA

Para Lindsay Wagner

Eu quero uma mulher biônica
Que me ame como uma suspirosa máquina
Do mais intenso amor.
Uma mulher que quase me mate...
Mas me livre de todos os ataques!

Eu quero, eu quero uma mulher biônica
Para que eu possa, a qualquer momento,
Desparafusá-la...

REZAS

Rezas da infância, tão puras...
Um dia a gente as esquece!
Mas o bom Deus, das alturas,
Ainda escuta a nossa prece...

A VERDADEIRA ARTE DE VIAJAR

A gente sempre deve sair à rua como quem foge de casa,
Como se estivessem abertos diante de nós todos os caminhos do mundo...
Não importa que os compromissos, as obrigações, estejam logo ali...
Chegamos de muito longe, de alma aberta e o coração cantando!

LEITURAS

Tenho alergia a esses romances que se passam dentro dos transatlânticos
Em alto-mar...
Como é que os seus figurantes não acabam jogando-se pelo tombadilho,
Fartos de verem as caras uns dos outros?!

INSCRIÇÃO PARA UM PORTÃO DE CEMITÉRIO

Na mesma pedra se encontram,
Conforme o povo traduz,
Quando se nasce, - uma estrela,
Quando se morre, - uma cruz.

Mas quantos que aqui repousam
Hão de emendar-nos assim:
"Ponham-me a cruz no princípio...
E a luz da estrela no fim!"

DE TRÁS DE UM MURO SURGE A LUA

De trás de um muro surge a lua. Em frente
acendem-se os lampiões. A noite cai.
Na praça a banda toca de repente
Um samba histérico... Aflições, dançai!

Mas qual! Meu coração triste e indolente
Olha sem ver, de tudo se distrai...
Que pena faz uma criança doente!
Como ele está! Cada passito é um ai...

Vai morrer atacado de si mesmo,
Dos longos poentes que passou a esmo,
A embebedar-se de Cinzento e Roxo.

E enquanto a Vida corre - ó Mascarada!
Ele abre, vagamente, sobre o Nada,
O seu olhar sonâmbulo de mocho!

ANOITECER

Da chaminé da tua casa
Uma por uma
Vão brotando as estrelinhas...

O RIO

A morte é um rio onde a gente
Embarca de olhos fechados
Se queres partir contente
Nada deixes deste lado.
É deste lado de cá
Que moram nOSSOs cuidados.
Penas que amor nos deixou
São penas que o vento trouxe
São pelo vento levadas

Fecha os olhos bem fechados

865

Basta de tanta rima em "ados"
Dorme o teu sono profundo
Longe, cada vez mais longe
Deste mundo e seus cuidados.

O PACIENTE DISTRAÍDO

Os óculos do doutor têm janelinhas:
Pode-se ver o céu azul por elas,
Pode-se ver, por acaso, até mesmo um avião
- ou o susto de um disco voador.

As AEROMOÇAS

Aeromoças... Não!
Devem ser aero-anjos...
Pois não nos atendem em pleno Céu?!

QUEM AMA INVENTA

Quem ama inventa as coisas a que ama...
Talvez chegaste quando eu te sonhava.
Então de subito acendeu-se a chama!
Era a brasa dormida que acordava...
E era um revôo sobre a ramaria,
No ar atônito bimbalhavam sinos,
Tangidos por uns anjos peregrinos
Cujo dom é fazer ressurreições...
Um ritmo divino? Oh! Simplesmente
O palpitar de nossos corações
Batendo juntos e festivamente,
Ou sozinhos, num ritmo tristonho...
Ó! meu pobre, meu grande amor distante,
Nem sabes tu o bem que faz a gente
Haver sonhado.., e ter vivido o sonho!

866

HAIKAI DA ULTIMA DESPEDIDA

E os dois trocaram um beijo
frio

como um beijo de esqueletos...

À MANEIRA DE JACQUES PRÉVERT

Um homem de visão com uma mulher de vison
Um homem público e uma mulher pública
A poluição diurna e as poluções noturnas
O rabo do olho num rabo-de-saia
Um gato escaldado e um cachorro-quente
Um tigre de Bengala e um gato de guarda-chuva

SERENIDADE

Um gato adormecido...
Uma criança adormecida...
As mãos de um morto
antes que as cruzem sobre o peito...

CECÍLIA

O nome de Cecilia,
lá no Céu
era, mesmo,
Cecilia...

VERÃO

Quando os sapatos ringem
- quem diria?
São os teus pés que estão cantando!

POEMA Louco DE DESESPERO

Em cada nuvem pus um coreto de música
Mandei soltar confete pelo céu azul
E deitado no meio da praça deserta
Cobri meu rosto com o teu lenço de seda escura!

O POETA

Venho do fundo das Eras,
Quando o mundo mal nascia...
Sou tão antigo e tão novo
Como a luz de cada dia!

DIÁLOGO

- Que fazia Deus antes da Criação?
- Dormia.
- E depois?
- Continuou a dormir.
- Mas Ele não tem de cuidar do mundo?
- Ele está é sonhando o mundo: está sonhando
até nós dois aqui conversando...
- Cruzes! Cala-te!
- Fala mais baixo...

BRASÃO DE ARMAS

...muro cinza estriado a relâmpago de ouro...

O SILÊNCIO

O mundo, às vezes, fica-me tão insignificativo
Como um filme que houvesse perdido de repente o som.
Vejo homens, mulheres: peixes abrindo e fechando a boca
num aquário
Ou multidões: macacos pula-pulando nas arquibancadas dos
estádios...
Mas o mais triste é essa tristeza toda colorida dos carnavais
Como a maquiagem das velhas prostitutas fazendo trottoir.
Às vezes eu penso que já fui um dia um rei, imóvel no seu
palanque,
Obrigado a ficar olhando
Intermináveis desfiles, torneios, procissões, tudo isso...
Oh! decididamente o meu reino não é deste mundo!
Nem do outro...

ELA E Eu

A minha loucura está escondida de medo embaixo da minha
cama
Ou dançando em cima do meu telhado
E eu estou sentado serenamente na minha poltrona
Escrevendo este poema sobre ela.

O TÚNEL

Às vezes
O longo túnel do sono é iluminado, apenas,
pelos olhos verdes dos fantasmas...

BUCÓLICA

A moça, recostada à porteira, olhava os longes...
A vaquinha Cambraia mugia.
O cachorro Piloto ladrava.
O vento inventava verbos no infinito:
Partir... andar... correr... fugir... voar.., voar!
A vaquinha mugia...
O cachorro ladrava...
O vento fazia cosquinhas nas regiões poplíteas da moça.

Às VEZES TUDO SE ILUMINA

Às vezes tudo se ilumina de uma intensa irrealidade
E é como se agora este pobre, este único, este efêmero instante do mundo
Estivesse pintado numa tela, sempre...

O UMBIGO

O teu querido umbiguinho,
Doce ninho do meu beijo
Capital do meu desejo,
Em suas dobras misteriosas,
Ouço a voz da natureza
Num eco doce e profundo,
Não só o centro de um corpo,
Também o centro do mundo!

TROVA

Coração que bate bate
Antes deixes de bater!
Só num relógio é que as horas
Vão batendo sem sofrer.

Os GATOS, AS ADOLESCENTES, OS ÁLAMOS

Os gatos, as adolescentes, os álamos
Compensam a feia rigidez do mundo
Porque tudo quanto é mecânico é rígido
mesmo que seja um automóvel desobedecendo a todos os sinais do tráfego.
E só nos resta, agora, olhar o vôo de uma ave...
(Se ainda sobrou alguma.)

A ÚLTIMA CANÇÃO

Quando disserem OS médicos
Que nada há a fazer,
Eu quero que tu me cantes
Uma canção de bem-morrer...

POEMA DATADO

Para Armindo Trevisan

Oh! este vento azul de primavera!
E o céu tão límpido, lá - alto...
Nem sei por que fui olhar para o chão.
Mas encontrei na rua um lápis verde,
Com borracha na ponta!
Para emendar fatais tolices, creio...
Mas não emendo, não...
E vou-as escrevendo
Tal como as dita o coração relapso!
Era ao sair da escola.
O azul era tão límpido
E só sei que meu vulto refletia-se
Não em claros arroios matinais
(que os não havia)
Mas no cristal dos olhos das meninas
E neles se lavava este pecado
(venial)
De estar... não sei como vos diga... tão
Assim.
Lavava-se todo, todo o meu passado.
Passado? Que passado, meu Deus,
Nunca tive passado!
Enfim...
Não sei por quê
Me sentia perdoado não sei de quê

Nesse
Dia
Maravilhoso
De setembro
Dois de setembro de 1957
Em que encontrei na rua um lapis verde.
Para o bem de meus pecados!

UM RETRATO

Margarida tinha uma boca tão grande

mas com tanto trescor e doçura
que parecia um leque quando sorria...

SONETO SEGREDADO POR UMA FRINCHA

QUEM
Te
Vê
BEM,

SEM
QUE
DE
NEM

UM
AI
PUM!

CAI...
AH!
AH!

TROVA

Quem as suas mágoas canta,
Quando acaso as canta bem
Não canta só suas mágoas,
Canta a de todos também.

O BAILARINO

Não sei dançar.
Minha maneira de dançar e o poema.

SIMULTANEIDADE

- Eu amo o mundo! Eu detesto o mundo!
- Eu creio em Deus! Deus é um absurdo!
- Eu vou me matar! Eu quero viver!
- Você é louco?
- Não, sou poeta

A TROVA

Trova: soneto do povo,
Flor de nostálgico encanto...

Todo o infinito do amor
Numa só gota de pranto.

HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA

Um dia os padres se desbatinaram,
Disfarçaram-se de gente.
E assim perderam até o respeitoso sorriso dos incréus.
Felizmente, os seus Anjos da Guarda conservaram ainda as suas grandes asas
- palpitantes, inquietas, frementes.

MARIA

Há três coisas neste mundo
cujo gosto não sacia...
É o gosto do pão, da água
e o do nome de Maria.

HAIKAI DA PALAVRA ANDORINHA

A palavra andorinha
Freme devagarinho
E some em silêncio...

OUTRO RETRATO

Ela era branca branca branca
Dessa brancura que não se usa mais...
Mas tinha a alma furta-cor.

ESTATÍSTICA

As crianças,
sem um tiro aliás,
e isso é que tornava o caso ainda mais espantoso,
morriam mais do que índios nos filmes norte-americanos.
E quando a gente acaso perguntava,
para se mostrar atencioso:
"Quantos filhos a senhora tem, comadre?"
a comadre respondia, com ternura:
"Eu tenho quatro filhos e nove anjinhos..."

POEMA TIRADO DE UMA CANÇÃO CARNAVALESCA

"O meu boi morreu...

Quem me cortará agora as unhas da minha mão direita?!"

O DESCOBRIDOR

Para Evelyn Berg

Vem vindo o abril, tão belo em sua barca de ouro!
Vou contando os teus dedos: um... dois... três... quatro...
Cinco!
Amor, eu quero navegar-te!.., toda, de norte a sul... Enquanto
Sentado à proa
Vestido de arlequim
Abril ponteia bem devagarinho
Com um dedo só - seu bandolim azul.

SUS PENSE

A aranha desce verticalmente por um fio
e fica
pendendo do teto - escuro candelabro,
devem ser feitas de aranhas, desconfio,
as árvores de Natal do Diabo.

As CIVILIZAÇÕES

As civilizações desabam
por implosão...
Depois,
como um filme passando às avessas
elas se erguem em câmera lenta do chão.
Não há de ser nada...
Os arqueólogos esperam, pacientemente,
A sua ocasião!

O TROVADOR

Ah! uma canção de nina-nana
que tu ouvisses de olhos fechados...
Mas os meus poemas enlouqueceram
- me dizem coisas que eu nem sabia...
Dizem coisas que te fazem mal,
meu pobre amor!

Mesmo que nunca falem em dor
- a dor, enfim, é tão vulgar -
têm uma trágica poesia...
Ainda que nunca falem em dor
- por que aprofundam o teu olhar
como o de alguém que vão matar?

Se tu soubesses quanto eu queria,
queria apenas te embalar,
acalentar-te com o meu calor...

Mas dos meus dedos brotam signos...
Fórmulas mágicas dançam no ar...
Oh! se as pudesses esconjurar
com teu amor!
Eu trocaria todo o meu reino
e mais as minas de Trebizonda
- Toda, toda esta magia
ou seja lá o que for -
por uma simples canção
que tu ouvisses como quem sonha,
os mansos olhos fechando
de puro amor...

AH! Os RELÓGIOS

Amigos, não consultem os relógios
quando um dia eu me for de vossas vidas
em seus fúteis problemas tão perdidas
que até parecem mais uns necrológios...

Porque o tempo é uma invenção da morte:
não o conhece a vida - a verdadeira
em que basta um momento de poesia
para nos dar a eternidade inteira.

Inteira, sim, porque essa vida eterna
somente por si mesma é dividida:
não cabe, a cada qual, uma porção

E os anjos entreulham se espantados
quando alguem - ao voltar a si da vida
acaso lhes indaga que horas são...

BOLA DE CRISTAL

A praça, o coreto, o quiosque,
as primeiras leituras, os primeiros
versos

e aquelas paixões sem fim...
Todo um mundo submerso,
com suas vozes, seus passos, seus silêncios
- ai que saudade de mim!
Deixo-te, pobre menino, aí sozinho...
Que bom que nunca me viste
como te estou vendo agora
e é melhor que seja assim...
Deixo-te
com os teus sonhos de outrora, os teus livros queridos
e aquelas paixões sem fim!
e a praça... o coreto... o quiosque
onde compravas revistas...
Sonha, menino triste...
Sonha...
só o teu sonho é que existe.

BAR

O doloroso sulco lábio-nasal junto á garrafa morta...

MADRIGAL RECUSADO

Não sou mais que um poeta lírico,
Nada sei do vasto mundo...
Viva o amor que eu te dedico,
Viva dom Pedro Segundo!

O POEMA

O poema é um objeto súbito.
Os outros objetos já existiam...

ARTE

A paleta do pintor,
Confusa, inquieta, multicolorida,
É quase sempre mais bela
Do que a pintada na tela.

MATINAL

Entra o sol, gato amarelo, e fica
à minha espreita, no tapete claro.
Antes de abrir os olhos, sei que o dia
Virá olhar-me por detrás das árvores.

Ah! sentir-me ainda ViVo sobre a face da Terra
enquanto a vida me devora...
Me espreguiço, entredurmo... O anjo da luz espera-me
Como alguém que vigiasse uma crisalida.

Pé ante pé, do leito, aproxima-se um verso
para a canção de despertar;
os ritmos do tráfego vibram como uma cigarra,

a tua voz nas minhas veias corre,
e alguns pedaços coloridos do meu sonho
devem andar por esse ar, perdidos...

A VIAGEM

Como é bela uma asa em pleno vôo...
Uma vela em alto-mar...
Sua vida toda ela! - está contida
Entre o partir e o chegar...

Eu ESCREVI UM POEMA TRISTE

Eu escrevi um poema triste
E belo apenas da sua tristeza.
Não vem de ti essa tristeza
Mas das mudanças do tempo,
Que ora nos traz esperanças
Ora nos dá incertezas...
Nem importa, ao velho tempo,
Que sejas fiel ou infiel...
Eu fico, junto à correnteza,

Olhando as horas tão breves...
E das cartas que me escreves
Faço barcos de papel!

FOSSE O MUNDO UM PARAÍSO

Fosse o mundo um paraíso...
paraíso de verdade! -
morrerias sem saber
o que é a felicidade...

POEMA

Tão nossa

e tão além
a que mundo pertences, Greta Garbo?

Oh, desde os laranjais em flor:
Ana... Cristina... Margarida.., tantas
e tantas.., como te amei... Visão!
As outras
agora
é que me parecem irreais
sombras que se esvaíram numa tela...
Tu? Não!
Instante e eternidade,
o teu sorriso é imemorial como as pirâmides
e puro como a flor que abriu na manhã de hoje!

TEUS OLHOS

Zarpam, do sonho, em teus olhos
Os brigues aventureiros:
Lindos olhos cismativos.
Com distâncias e nevoeiros...

FANTÁSTICA

Ampla se estende a erma planície nua.
Cobre-a o funéreo manto do luar
E cada sombra no chão se recorta
Com nitidez de paisagem lunar.

Mas que imobilidade singular
Que as coisas tem! E que nudez! Aflito,
O ouvido indaga, espera... E nem um grito
Vem o imóvel silêncio apunhalar.

Mostra-se a lua. A sua enorme face
lembra um disco de prata formidandO
que um Titã aos Céus arremessasse;

Vem branca, branca, de um palor que pasma.
E enquanto vai a Lua transmontando
uiva lugubremente um cão fantasma.

(1923)

OS RIOS

Ha na vida tanta coisa,
Tanta coisa e um só olhar!
Toda a tristeza dos rios

É não poderem parar...

ESTAMPA

O Vagabundo senta-se num banco afastado da praça,
tão abandonadamente que ele e o banco parece formarem
uma coisa única.
Passa o Imagiario e observa como as joelheiras
de suas calças
condizem com o empapuçado de seus olhos de bêbado
e como

as falripas de seus bigodes caídos correspondem
ao esfiapado
de seus cotovelos rotos. Uma figura feita de barbas
de milho,
Um ser quase vegetal.
Passa a Dama Sensível. É tão sensível mesmo que
quase morre
e pensa logo em outra coisa. O Vagabundo, esse, não
pensa em nada:
coça- se.
Mas no céu que, lentamente, anoitece, todos os seus
Mortos
sorriam, tristemente, perdoando...

DO IDEAL

Como são belas
indizivelmente belas
essas estatuas mutiladas...
Porque nós mesmos lhes esculpimos
com a matéria invisível do ar
o gesto de um braço... uma cabeça anelada... um seio...
tudo o que lhes falta!

ESSA LEMBRANÇA QUE NOS VEM

Essa lembrança que nos vem às vezes...
folha súbita
que tomba
abrindo na memória a flor silenciosa
de mil e uma pétalas concêntricas...
Essa lembrança... mas de onde? de quem?
Essa lembrança talvez nem seja nossa,
mas de alguém que, pensando em nós, só possa
mandar um eco do seu pensamento
nessa mensagem pelos céus perdida...

Ai! tão perdida
que nem se possa saber mais de quem!

A LETRA E A MÚSICA

Quando nos encontramos
Dizemo-nos sempre as mesmas palavras que todos os amantes dizem...
Mas que nos importa que as nossas palavras sejam as mesmas de sempre?
A música é outra!

NUNCA

Nunca ninguém sabe se estou louco para rir ou para chorar...
Por isso o meu verso tem
esse quase imperceptivel tremor...
A vida é triste, o mundo é louco!
Nem vale a pena matar-se por isso.
Nem por ninguém.
Por nenhum amor...
A vida continua, indiferente!

ARIEL
(Nova Versão)

Ariel - peixe luminoso escapa
Por entre as malhas dos sistemas e doutrinas.
O seu país flutuante não pode ser localizado no mapa.
Mesmo porque à poesia mora é nas entrelinhas,
Mora no branco puro do papel.

O MUDO PASSEIO DO DOUTOR QUEJANDO

Ora pois,
O doutor Quejando
Vinha andando
Andando
Quando encontrou o carneirinho Mé
Em companhia da vaquinha Bu

- Olé!

- Como vais tu? - disseram-lhe os dois.
O doutor Quejando continuou andando.
Mudo.
E o doutor Quejando e o urubu trocaram um horrendo
olhar de simpatia.
E o pior de tudo
É que se acabou a história.
Se acabou a história...
E a vida continua.

ANOTAÇÃO QUE NÃo COUBE NO POEMA ANTERIOR

...O doutor Quejando no entanto - amava
apaixonadamente os gerúndios...

CLARO ENIGMA

negras flores que se abrem sob a chuva...

LÁGRIMA

Denso, mas transparente
Como uma lágrima...
Quem me dera
Um poema assim!
Mas...
Este rascar da pena! Esse
Ringir das articulações... Não Ouves?!
Ai do poema
Que assim escreve a mão infiel
Enquanto - em silêncio - a pobre alma
Pacientemente espera.

EPITÁFIO PARA CATULO DA PAIXÃO CEARENSE

Catulo não morreu: luarizou-se...

VÉSPERA DE TEMPESTADE

Contra um céu de chumbo
Aquelas árvores desesperadamente verdes!

DIÁRIO DE VIAGEM

O poeta foi visto por um rio,
por uma árvore,

por uma estrada...

HAI-KAI

No meio da ossaria
Uma caveira piscava-me...
(Havia um vaga-lume dentro dela.)

MAQUINAÇÕES DA INSÔNIA

Na meia-noite da memória
O relógio de meu pai
Abre-se ao meio como um fruto
O pince-nez de Tia Élida
Com seu frágil brilho de prata
Anula-se...
Suspiro: a menina aquela
A menina que eu mais gostava
Tinha uns olhos cor de cinza...
Onde andará seu fantasminha?
Tudo agora se enevoa... Fim?
Mas de repente, ó Adalgisa,
Ressuscitas-me!
Oh! a menininha...
A tia...
O relógio de meu pai...
E a minha mão como um polvo
Na tua vulva convulsa!

S.O.S

O poema é uma garrafa de náufrago jogada ao mar.
Quem a encontra
Salva-se a si mesmo...

CANÇÃO DE BEIRA DE ESTRADA

O menino canta canta
Uma canção que não tem sentido
Como não tem sentido o vento
Nem a minha nem a tua vida...

ELÉGIA

Minha vida é uma colcha de retalhos
Todos da mesma cor...

ESSES INQUIETOS VENTOS

Esses inquietos ventos andarilhos
Passam e dizem: "Vamos caminhar,
Nós conhecemos misteriosos trilhos,
Bosques antigos onde é bom sonhar...
E há tantas virgens a sonhar idílios!
E tu não vieste, sob a paz lunar,
Beijar os seus entrefechados cílios
E as dolorosas bocas a ofegar..."

Os ventos vêm e batem-me à janela:
"A tua vida, que fizeste dela?"
E chega a morte: "Anda! Vem dormir..."

Faz tanto frio... E é tão macia a cama:

Mas toda a longa noite inda hei de ouvir
A inquieta voz do vento que me chama.

(1935)

URBANÍSTICA

Praça pública agitada. Pleno ventre da metrópole.
A tarde vai morrendo, dolorosamente...
E eu... eu esmoreço e me fano
Lentamente, à feição de menina amorosa...
Homens passam, no entanto, a todo pano,
Homens que nada vêem, positivos, e a rosa
Pudenda e nua da emoção não amam...
Beleza triste dos crepúsculos em prosa,
Inutilmente, sobre o bruhahá urbano!

(1924)

POEMA DIDÁTICO

Como ainda não se tivessem inventado os botões -
É que eram tão soltos os costumes dos antigos romanos,
Era só puxar por uma ponta
Para que se desenrolassem como piões
E, na outra ponta, surgisse uma guria nuinha em flor,
Ao passo que,
No século da rainha Vitória,
As moças usavam mais anáguas do que cebolas.
E quem salvava a causa, como sempre, eram as mulheres
do povo,

Que nunca possuiam money para tantas complicações:
Por isso os ingleses existem até hoje.
Ah! Hoje é tudo muito mais rápido e expedito
- a velocidade da época não comporta delongas.
E botões eficientes mesmo, só os dos aviões.
Basta apertar um para transformar qualquer cidadezinha distante la embaixo
Num belo cogumelo atômico.
Tratem os senhores de meditar sobre isto para o nosso
próximo debate.
Mas eficientemente!
Sim?
Não fiquem a pensar com os seus botões...

A COMPANHEIRA

A Lua parte com quem partiu
E fica com quem ficou
pacientemente -
Aguarda os suicidas no fundo do poço

A VISITANTE

O seu olhar imensamente verde ilumina o meu quarto

FRÊMITOS

Atirei a pedra nágua.
Trezentos anos depois
A princesinha assustou-se
Lá na estrela Aldebarã...

AMANHECE

Um copo de cristal
Sobre a mesa
Inventa as cores todas do arco-Íris...

O QUE O VENTO NÃo LEVOU

No fim tu hás de ver que as coisas mais leves são as únicas
que o vento não conseguiu levar:
um estribilho antigo
um carinho no momento preciso
o folhear de um livro de poemas
o cheiro que tinha um dia o próprio vento...

PÁSSAROS

As mãos que dizem adeus são pássaros
Que vão morrendo lentamente...

NOTURNO ARRABALEIRO

Os grilos... os grilos... Meu Deus, se a gente
Pudesse
Puxar
Por uma
Perna
Um só
Grilo,
Se desfiariam todas as estrelas!

GUERRA

Os aviões abatidos
São cruzes caindo do céu...

A LUA SUBTERRÂNEA

As vezes, numa esquina do Labirinto
Avista-se, enorme, a Lua!
Não, como é possível uma lua subterrânea!
Mas cada um diz baixinho:
Deus te abençoe, Visão...

TROVA

Estes seios que te vieram
Decerto são meus filhinhos...
Maria, que gosto vê-los
Cada dia maiorzinhos!

POEMA CHINÊS

O vento, o rio, a estrada, os joelhos, o riso,
Com isso
Poderias compor 999 poemas...
Mas basta compor um filho.

ORAÇÃO

Dai-me a alegria
Do poema de cada dia.
E que ao longo do caminho
As almas eu distribua
Minha pOrÇão de poesia
Sem que ela diminua...

Poesia tanta e tão minha
Que por uma eucaristia
Possa eu fazê la sua
"Eis minha carne e meu sangue!"
A minha carne e meu sangue
Em toda a ardente impureza
Deste humano coração...
Mas, ó Coração Divino,
Deixai-me dar de meu vinho,
Deixai-me dar de meu pão!
Que mal faz uma canção?
Basta que tenha beleza...

VELÓRIO SEM DEFUNTO

(1990)

UM SIMPLES LUGAR-COMUM

Todos esses roubos, todos esses assassinatos vêm apenas da fome
Que conturba este nosso terrível mundo atual.
Ah, como seria bom se rebentasse uma nova Guerra Internacional!
Que fácil uma vida nova em um novo mundo
Para os que ficássemos sobrando do lado de cá!

Os DISCOS VOADORES

E que ingênuos esses autores de F. C. tão amados dos jovens -
Que consideram esses discos voadores que surgem por aí
Apenas como instrumentos de algum Super-Hitler qualquer
Para conquistar o Cosmos!

EXPEDIÇÕES CIENTÍFICAS

Ou apenas instrumentos de honestas e Laboriosas expedições científicas
Que descem ao mundo dos homens - os senhores da Terra
Para estudar a interessantíssima vida dos insetos...

BATUQUE

Dentro da noite sinto-me às vezes pula-pulando ao som do batuque
Como se não tivesse nunca quebrado a minha perna esquerda...
E tudo vai fantasticamente como nesses desenhos animados
- salvo quando me sinto bobamente flutuando no espaço...
Ah! Mas não há nada mais fantástico
Do que esta minha simples mesinha de pinho
Onde sempre me confesso com divertida emoção!

INQUIETUDE

Esse olhar inquisitivo que me dirige às vezes nosso próprio cão...
Que quer ele saber que eu não sei responder?
Sou desse jeito... Vivo cercado de interrogações.
Dinheiro que eu tenha, como vou gastá-lo?
E como fazer para que não me esqueças?
(ou eu não te esqueça...)
Sinto-me assim, sem motivo algum,
Como alguém que estivesse comendo uma empada de camarão sem camarões
Num velório sem defunto...

ROCK

O rock é o desespero,
Como se eles estivessem não apenas no fim de um século
Mas no fim do mundo e, por isso,
Berram em vez de cantar,
Pulam em vez de dançar,
Estupram-se em vez de simplesmente se amarem...
E fazem de tudo, tudo,
No seu suicídio coletivo!

LIÇÕES DA INFÂNCIA

Vestido de roxo e todo cheio de equimoses,
Tombado sobre um joelho
O medo que me dava Nosso Senhor dos Passos
Aonde eu ia acender-Lhe uma vela.
Não, não sentia piedade alguma, mas apenas medo.
Só muito depois é que vim descobrir
que ele era o mesmo Menino
que na mesma igreja
nos sorria ao colo de Nossa Senhora!

BRIGA EM FAMÍLIA

Ontem - no outro lado da realidade -
Sonhei que Jesus estava discutindo violentamente com o Menino
Jesus.
Não ouvi nada, porque o mundo do sonho é silencioso.
(afinal é justo que haja outro mundo melhor do que este)
Não digo apenas que só Deus deve saber... Ele criou todas as coisas
Mas felizmente não sabe o que as coisas poderão fazer...
Tu podes negá-lo, dizer o diabo contra Ele e Ele te escutará!
E sorri infinitamente...

A ARTE DE VIVER

A arte de viver
É simplesmente a arte de conviver...
Simplesmente, disse eu?
Mas como é dificil!

ACHADOS E PERDIDOS

Eu conduzo minha poesia como um burro-sem-rabo
Nesta minha Porto Alegre de incríveis subidas e descidas.
Suo como o Diabo
E desconfio
Que os meus melhores poemas terão caído pelo caminho...
Mas como saber quais são?!

Alguém por acaso os pegará do chão
E vai ficar pensando que o espantoso achado
Pertence a ele... unicamente a ele!

NOTURNO

Aquela última janela acesa
No casario
Sou eu...

895

AMANHECER

O sol derrama, na calçada,
A sua bela, matinal urinada!

O ESPECTADOR

Olhar a televisão
Sem prestar atenção,
Ver apenas figuras a moverem-se na tela
E só assim talvez terei alguma compreensão
Da nossa vida e do sentido dela...

É preciso algo que nos preocupe
Para acabar com a monotonia.
Briga com a sogra, duvida
De tua vida, de Deus, de tudo,
Das próprias coisas que melhores julgas,
Porque, na verdade,
Não há nada mais chato na vida
Do que um cachorro sem pulgas...

ORQUESTRA

A coisa mais solitária do mundo é um solo de flauta
Em compensação a tua cabeça está cheia de borboletas estrídulas
Mas eu deixo tombar das minhas mãos o pandeiro de guizos
E, na verdade, o que eu tenho é uma alma de violoncelo
grave, profunda, triste...

O VISITANTE

Aquele morto voltou para assistir à primeira reunião familiar
E retirou-se agradecido
Ao ver que seus saudosos parentes estavam falando em outras coisas...

896

ENCONTRO MÁGICO

Eis que encontro na rua uma das moças mais lindas do mundo.
Vestida simplesmente, parecia no entanto uma princesa
Um meigo olhar, um sorriso que parecia uma aurora dentro de nós.
Não pude, não pude mais e lhe indaguei de súbito:
"Como é teu nome, minha querida?"
E ela respondeu-me simplesmente: AUSËNCIA.

ELEGIA

Esta noite eu sonhei que tinha morrido criança
E os que vieram ver o corpo do pobre menino
Apenas sentiram um cheiro evanescente de chocolate
E de balas de coco...
E uma colherinha morta no chão!

ROMANCE

Quando, ainda menino, briguei ainda uma vez para sempre com
Adalgisa
Não fui olhar a saída da missa de domingo,
Como era costume naqueles ingênuos e queridos tempos,
E fui passear pela rua da sua casa
Ver a placa da esquina
Despertar o costumeiro revôo dos pombos na calçada
Não esqueci nada, nada daquilo...
Tudo tão cheio da ausência dela!

As TIAS

Sempre estão nos acusando de alguma coisa,
Com o dedo em riste: "Meninos, não façam isto!
Não presta deixar os sapatos virados no chão com a sola para cima,
Nem nunca puxar dessa maneira as tranças da Adalgisa!"
No entanto não sabem
Que as crianças no fundo gostam disso
E que a violência é uma das formas mais deliciosas do amor...

897

A gente grande só tem ridículas briguinhas conjugais
Apenas para poderem se reconciliar depois!

Ai de nós, de nossa vida com elas...
As nossas intrometidas tias são eternas e de todos os sexos!

O AMOR ETERNO

Dante se enganou: Paolo e Francesca
Continuariam bem juntinhos no Inferno, com pecado e tudo
Juntinhos e felizes!
Mas quem sabe se não seria este mesmo o castigo divino?
Um amor que jamais pudesse terminar...

FIM DO MUNDO?

Um homem sozinho numa gare deserta
À espera de um trem que nunca vem.
Por fim, vai informar-se no guichê da estação.
Não encontra ninguém...

Os TRÊS REIS MAGOS

Um trouxe a mirra,
Outro o incenso,
Outro o ouro.
Mirra e incenso evaporaram-se
E, agora,
Ainda queres saber o que foi feito do ouro?
Mas tu não sabias?! O ouro também evapora-se...

NOTURNO

De noite todos os meus pensamentos são escuros
E todas as palavras têm a letra "u"
Rude
Virtude
Cruzes!
Até mesmo, Bandeira, teu "sapo-cururu da beira do rio"!

Não me digam que o melhor é acender todas as luzes!
Odeio a luz elétrica e todas as luzes artificiais.
A gente repousa na escuridão como num ventre maternal.
E o melhor enredo para isso tudo
É me atirar de súbito num açude
Seco!

CENSO DEMOGRÁFICO

Não sei por que diziam que uma humilde cidadezinha
Tinha, por exemplo, umas quinze mil almas...
Almas? Hoje, o que elas têm são quinze mil bocas,
Loucas de fome!

CONFISSÃO

Que esta minha paz e este meu amado silêncio
Não iludam a ninguém
Não é a paz de uma cidade bombardeada e deserta
Nem tampouco a paz compulsória dos cemitérios
Acho-me relativamente feliz
Porque nada de exterior me acontece...
Mas,
Em mim, na minha alma,
Pressinto que vou ter um terremoto!

MEMÓRIA

Em nossa vida ainda ardem aqueles velhos, aqueles antigos lampiões de esquina
Cuja luz não é bem a deste mundo...
Porque, na poesia, o tempo não existe!
Ou acontece tudo ao mesmo tempo...

NEVOEIRO

Sinto-me naquela antiga Londres
Onde eu quisera ter andado
Nos tempos de Sherlock - o Lógico
E de Oscar - o pobre Mágico...

MEDO

Há uma coisa arrastando-se misteriosamente pelo chão da noite.
Acendo a luz e some-se...
É que tem medo - é que ela própria tem um medo terrível
Do que será!

Para onde irão dar as belas cidades do sonho?
Não parecem muito diferentes das nossas...
Pois acabamos de encontrar na rua, jogando pelada,
Aqueles lindos negrinhos cor de ouro...
Mas eis que de repente cai uma chuva de pingos multicoloridos
E ficamos mascarados de tudo quanto é cor.
Não podemos deixar de rir...

Só nos assusta, querida, o vôo rasante dos pterodáctilos
Que - não se sabe como - nos sobraram dos céus antediluvianos.
Mas lá vem vindo um diretamente contra nós
E ficamos agarrados como conchas,
Como as duas conchas de uma mesma ostra
- voluptuosamente única!

PERFIL

Naqueles tempos,
Ele era tão inconstante de espírito e de coração,
Que seus olhos eram sempre da cor da gravata
Que estava usando na ocasião...

900

CRENçAS

Seu Glicínio porteiro acredita que rato, depois de velho, vira morcego.
- É uma crença que ele traz da sua infância
Não o desiludas com teu vão saber,
Respeita-lhe os queridos enganos:
Nunca se deve tirar o brinquedo de uma criança
- Tenha ela oito ou oitenta anos!

Têm qualquer coisa de anjo esses suicidas voadores.
Qualquer coisa de anjo que perdeu as asas...

DIPLOMACIA

Nunca perguntes que horas são perto de um defunto
(as almas não entendem essas coisas...)
E, perto de um crocodilo - cuidado!
- Jamais te refiras a bolsas e sapatos de senhora: eles são muito suscetíveis...

Os VELHINHOS

Como os velhinhos - quando uns bons velhinhos
São belos, apesar de tudo!
Decerto deve vir uma luz de dentro deles...
Que bem nos faz sua presença!
Cada um deles é o próprio avô
Daquele menininho que durante a vida inteira
Não conseguiu jamais morrer dentro de nós!

A MÚSICA E A LETRA

Os pássaros pousados na pauta dos fios do telégrafo,
Eles é que vão sucessivamente improvisando
- um após outro -
A letra e a música dos ventos...

O VENTO E Eu

O vento morria de tédio
Porque apenas gostava de cantar
Mas não tinha letra alguma para a sua própria voz,
Cada vez mais vazia...

Tentei então compor-lhe uma canção
Tão comprida como a minha vida
E com aventuras espantosas que eu inventava de súbito,
Como aquela em que menino eu fui roubado pelos ciganos
E fiquei vagando sem pátria, sem família, sem nada neste vasto mundo...
Mas o vento, por isso
Me julga agora como ele...
E me dedica um amor solidário, profundo!

HIPÓTESES

Quando escrevo as minhas coisas é tudo no passado.
Parece até que já tenha morrido...
E daí?
Ou talvez seja a poesia, onde tudo não morre...

Deus tirou o mundo do nada.
Não havia nada mesmo...
Nem Deus!

COMPENSAÇÃO

Na inocência da natureza
Todos têm a beleza do que eles próprios são.
Por isso é que os monstros
- por mais que eles assustem crianças e adultos -
Têm sempre os olhos azuis...

QUANDO EU ME FOR

Quando eu me for, os caminhos continuarão andando...
E os meus sapatos também!
Porque os quartos, as casas que habitamos,
Todas, todas as coisas que foram nossas na vida
Possuem igualmente os seus fantasmas próprios,
Para alucinarem as nossas noites de insônia!

PRETO-E-BRANCO

A nudez mais casta é a das belas negrinhas:
Elas parecem estar sempre vestidas com um maiô
De seda preta...
Só a nossa nudez é que é pornô.
Felizmente...
Mas nos enche de bíblica vergonha!

UM DIA...

Um dia o meu cavalo voltará sozinho
E virá sentar-se naquele mesmo café,
A ler, com as pernas cruzadas, o jornal do dia
- alheio inteiramente à espartação do mundo!

ANTROS NOTURNOS

Há Anjos que costumam freqüentar esses antros noturnos que são os sonhos dos humanos...
São eles que, na hora extrema, costumam interceder por nós...
Os outros são dedos-duros!

BAUDELAIRE

Baudelaire, fervoroso adepto e puxa-saco de Satã,
Meu Deus! era demais até...
Mas Deus esperou pacientemente que ele morresse
E, para vingar-se dele de uma vez por todas,
O mandou para o Reino dos Céus!

"A GIOCONDA"

Descobri o famoso mistério
Do teu sorriso, Gioconda...
Pensando bem,
É o mesmo sorriso que tem

Essa gente sempre de boca fechada
De tanta gente no mundo...
O que há nisso de profundo? É apenas
Porque já perderam todos os dentes!

O ETERNO SACRIFÍCIO

Como dar vida a uma verdadeira obra de arte
A não ser com a própria vida?

SÃO JORGE

Um dia um papa decretou que São Jorge jamais havia existido.
Meu Deus! a falta que nos faz São Jorge...
Se ninguém se atrever a montar no seu Cavalo Branco,
O Dragão Negro nos apanhará!

Os INCONVENIENTES DA PERFEIÇÃO

Corre no céu este boato que os próprios anjos me contaram:
Às vezes Deus, saturado da sua infinita perfeição,
Resolve trocar de lugar com o Diabo.
Resultado:
Sempre sai ganhando longe do Outro...

REFLEXÃO PARA O DIA DE FINADOS

Morrer, enfim, é realizar o sonho
que todas as crianças têm...
O motivo? Só elas sabem muito bem:
Fugir... fugir de casa!

ARTE POÉTICA

Esses poetas que tudo dizem
Nada conseguem dizer:
Estão fazendo apenas relatórios...

As DESPEDIDAS

Nas despedidas
O mais doloroso é que
- tanto o que fica como o que vai embora -
Poem-se os dois a pensar:
"Meu Deus! quando é que parte o raio deste trem!"

UM Novo CÂNTICO DOS CÂNTICOS

Vamos compor, ó Bem-Amada, um novo Cântico dos Cânticos:
"Tu louvarás unicamente a ti!
Eu louvarei unicamente a mim!"
(É tão sincero quanto o outro, não achas?...)

BuCÓLICA

Na solidão da noite
uma vaca, uma abençoada
vaca
muge:
o seu mugido é um rio de veludo morno,
voz de mãe e de amante:
quente e cariciosa...
- à mesma voz que tu, antes de me abandonares,
Tinhas sempre comigo!

DA MESMA IDADE

criança que brinca e o poeta que faz uns poemas
Estão ambos na mesma idade magIca!

A coisa mais natural da vida é a morte;
À coisa mais absurda da vida é a própria vida.

O ETERNO CRISTO

O povo adora e vive suspirando por um Messias,
Que o venha libertar de tudo no mundo,
Mas quando esse Dia Santo
Chega afinal,
Todos os seus crentes, cheios de espanto e medo,
A única coisa que conseguem fazer é apedrejá-lo!

MADRIGAL

Tu és a matéria plástica de meus versos, querida...
Porque, afinal,
Eu nunca fiz meus versos propriamente a ti:
Eu sempre fiz versos de ti!

ESTE Nosso MUNDO

Sentiu Adão que alguém se aproximava silenciosamente
E lhe tapava os olhos com carinho!
"Adivinha quem é, meu queridinho?!"
Quem mais podia ser senão a sua doce, a sua querida Evinha?
Adão sorriu com aquela brincadeira.
Voltou a sorrir-se para ela... Mas não:
A voz que ouvira não era dela, mas a voz sinuosa da Serpente,
Que acabara de devorar a maçã e a própria Eva!
E desde então ele ficou sem companheira nem nada
E teve, até agora,
De fazer tudo pela própria vida
Neste mundo do Diabo!

906

LIBERAÇÃO

Que bom deveria ser o mundo antes do nascimento de Cristo
E da rainha Vitória!
A única esperança que nos resta é a desse novo século que aí vem,
Liberto, sem injunções de espécie alguma.

O NOME E AS COISAS

Para que estragar a simples existência das coisas com nomes arbitrários?
Um gato não sabe que se chama gato
E Deus não sabe que se chama Deus
("Eu sou quem sou" - diz Ele no livro do Gênesis)
Eu sonho
Ë com uma linguagem composta unicamente de adjetivos
Como deve ser a linguagem das plantas e dos animais!
Só de adjetivos, sem explicação alguma,
Mas com muito mais poesia...

ESTRANHEZA

Os vivos e os mortos
Sempre tivemos uma coisa em comum:
Não acreditamos muito uns nos outros...

DA IMPARCIALIDADE

O homem - eternamente escravo de suas paixões pessoais -
Ë absolutamente incapaz de imparcialidade.
Só Deus é imparcial.
Só Ele é que pode, por exemplo,
Abençoar, ao mesmo tempo,
As bandeiras de dois exércitos inimigos que vão entrar em luta...

Os psicanalistas, como o caso deles me preocupa.
Eles próprios sofrem de um dos mais terríveis complexos do mundo,

Que é o complexo dos complexos.
Ah, se a gente pudesse ter uma simples e amistosa conversa com eles,
Sem que descubram coisas por trás!
E se, por acaso,
Tombar um ovo choco no chão,
Por que hei de ser um maníaco homicida,
Um fabricante de anjinhos?!
Por que não vão eles inquirir sobre isso o próprio Acaso,
Que não sabe de nada...

Nos SOLENES BANQUETES

Nos solenes banquetes de próceres internacionais
- em especial sobre desarmamentos -
Oaparte mais espontâneo
é o riso de prata de uma colherinha
Que por acaso tombou no chão!

CATÁSTROFE

O meu esporte único é a Luta corpo a corpo com o meu Anjo da Guarda.
Lutamos tanto pelo que queremos
Que no final ficaremos redondamente mortos no chão,
Para maior alívio de Nosso Senhor,
Para sempre livre de nós dois!

O TAMANHO DO ESPAÇO

A medida do espaço somos nós, homens,
Baterias de cozinha ejazz-band,
Estrelas, pássaros, satélites perdidos,
Aquele cabide no recinto do meu quarto,
Com toda a minha preguiça dependurada nele...
O espaço, que seria dele sem nós?
Mas o que enche, mesmo, toda a sua infinitude
É o poema!
- por mais leve, mais breve, por mínimo que seja...

O TAMANHO DA GENTE

O homem acha o Cosmos infinitamente grande
E o micróbio infinitamente pequeno.
E ele, naturalmente,
Julga-se do tamanho natural...
Mas, para Deus, é diferente:
Cada ser, para Ele, é um universo próprio.
E, a Seus olhos, o bacilo de Koch,
A estrela Sírius e o Prefeito de Três Vassouras
São todos infinitamente do mesmo tamanho...

VIRÁ BATER À NOSSA PORTA?

Esse tropel de cascos na noite profunda
Me enche de espanto, amigo...
Pois agora não existem mais carros de tração animal.
É com certeza a morte no seu carro fantasma
Que anda a visitar seus doentes pela cidade..
Será ela? Virá acaso bater à nossa porta?
Mas os fantasmas não batem; eles atravessam tudo silenciosamente,
Como atravessam nossas vidas...
A morte é a coisa mais antiga do mundo
E sempre chega pontualmente na hora incerta...
Que importa, afinal?
É agora a única surpresa que nos resta!

UM POEMA?

No mundo não há nada mais triste do que uma boneca morta...
Talvez porque sua mãezinha tenha morrido de parto!
Ou encontrar um vestido de noiva numa casa de penhores
Ou começar cheio de rimas quando se escreve em prosa
Ou não encontrar rimas quando se escreve em verso
(Também, quem me mandou escrever clássico?!)
Bendita seja a Isadora Duncan, que inventou o verso livre da dança!
Só não sei,
Mesmo,
O que eu queria dizer com tudo isso...

ESTE E O OUTRO LADO

Tenho uma grande curiosidade do Outro Lado.
(Que haverá do Outro Lado, meu Deus?)
Mas também não tenho muita pressa...
Porque neste nosso mundo há belas panteras, nuvens, mulheres belas,
Árvores de um verde assustadoramente ecológico!

E lá - onde tudo recomeça -
Talvez não chova nunca,
Para a gente poder ficar em casa
Com saudades daqui...

Nos SALÕES DO SONHO

Mas vocês não repararam, não?!
Nos salões do sonho nunca há espelhos...
Por quê?
Será porque somos tão nós mesmos
Que dispensamos o vão testemunho dos reflexos?
Ou, então
- e aqui começa um arrepio -
Seremos acaso tão outros?
Tão outros mesmos que não suportaríamos a visão daquilo,
Daquela coisa que nos estivesse olhando fixamente do outro lado,
Se espelhos houvesse!
Ninguém pode saber... Só o diria
Mas nada diz,
Por motivos que só ele conhece,
O misterioso Cenarista dos Sonhos!

ÁGUA: OS ULTIMOS TEXTOS DE MARIO QUINTANA

(2001)

Estes doze poemas, nas versões em português, inglês e espanhol, constam do
Relatório
anual 93 do Banco do Brasil, lançado em junho de 1994. Integram tamhem o livro
Água: os
UltImos textos de Mario Quintana, Organizado por Elena Quintana de Oliveira e
Eduardo
San Martin. Colagens de textos anteriores, que se convertem em novos poemas, são
os
últimos aprovados pelo autor para publicação editados postumamente. (N. da Org.)

912

NINHO DE Tuiuiú NAS MARGENS DO Rio PARAGUAI

Dizem que a história é a mestra da vida. Mas como é que seus protagonistas incorrem sempre nos mesmos erros? Destruição. Fome. Guerra. Parece que não adiantou em nada os exemplos das reprovações anteriores. Que rede de segurança, pensamos nós, cheios de esperança, que rede de segurança nos aparará?

Quando a água desaparecer, que será do homem, que será das coisas, dos verdes e bichos? Que será de Deus?

Nós devemos ir movendo as peças, sem esquecer que, embora as partidas pareçam variar ao infinito, o movimento de cada peça é Único e as regras do jogo são imutáveis.

Terra, te proteja o Homem conservando sempre:
O mais puro cristal de tuas fontes!
O verde unico de tuas folhas.
O ninho do Tuiuiú no Pantanal...

PESQUEIRO EM ALTO-MAR

Pesqueiro em alto-mar
sem terra à vista!
Visão no embalo das ondas,
a luz parece que flutua...
Homens lançam fundo,
cada vez mais fundo a rede.
Seus nusculos vibram
como cordas
puxando a rede pesada
de peixes em reflexos doirados.
Mil coisas pescadas no fundo do mar...

913

FRUTICULTURA NO CERRADO
Quando a árvore não dá frutos
Seus galhos se contorcem como mãos de enterrados vivos,
Os galhos desnudos, ressecos, sem o perdão de Deus!
E, depois, meu Deus, uma lenta procissão de retirantes...
De vez em quando um tomba, exausto, à beira do caminho
Porque não há no Lábio o frescor da água,
A doçura do fruto...

A CIDADE Às MARGENS DO Rio

Quando a água reflete todos os postes de iluminação,
sabe que esta cidade já foi pequena.
Quando vão dormir as bem-amadas, as velhas carolas,
os executivos e os catedráticos,
Quando na noite alta o último boêmio passa cantando
e as meninazinhas há muito tempo dormem,
As águas vão passando...
Na cidade quieta
Só o rio corre dentro da noite
Ë a vida continuando pelo mundo...

PONTE DE BLUMENAU

Entre a minha terra e a tua
Há uma ponte de aço.
Desafiando o rio,
Desafiando o vento,
Desafiando a chuva,
Desafiando tudo!

Quem é que me espera,
Que ainda me ama,
Lá do outro Lado
Da ponte de aço?

Os rios são caminhos
mais antigos
que a redondeza da terra.
Eles descem horizontes
seguem sozinhos no ar.

CATARATAS DO IGUAÇU

E a bela asa em pleno vôo,
entre o partir e o chegar,
sem se importar com fronteiras.
Mas como se há de parar?

USINA DE ITAIPU

Como um riso trancado
o rio explode numa gargalhada
de luz, calor, energia!
Parece até mágica
do homem da Usina.
(E, se duvidares muito, daqui a pouco sairão voando

todas as gravatas borboletas...)

PORTO DE SUAPE

No movimento
lento
dos navios
o dia
sonolento
vai inventando variações de luz...
No cais
os guindastes, domesticados dinossauros,
erguem a carga do dia.
As coisas também querem partir.
As coisas também querem chegar.

CRIAÇÃO DE ROBALO

Os peixes dos tanques de laboratórios
Nadam com a máxima amplitude
Dentro de seus próprios limites.
O que eles não sabem
É que os espera uma volúpia nova.
A volúpia da liberdade
Nas lagoas e nos mares...

FORTALEZAS DA ILHA DE SANTA CATARINA

Os velhos marinheiros meus avos...
Para eles ainda não terminou a espantosa Era dos Descobrimentos.
Das construções com longos e intermináveis corredores
Que a lua vinha às vezes assombrar.
Nas casas novas não há lugar para os nossos fantasmas!
E se acabarem as construçoes antigas,
A nossa História vai ficar sem teto!...

PRAIA NO NORDESTE

Ondas dançando na praia,
Areia quente como o nosso olhar.
Do que eu ia escrever até me esqueço...
Pra que pensar?
Nós também fazemos parte da paisagem!

O HOMEM E A ÁGUA

Deixa-me ser o que SOU,
o que sempre fui,
um rio que vai fluindo.
E o meu destino é seguir... seguir para o mar.
O mar onde tudo recomeça...
Onde tudo se refaz...

POEMAS PARA A INFÂNCIA

Em Lili Inventa O mundo (1983) são inéditos os poemas "Mãe", "O hipopÓtamo", "A porteirinha" e "Coisa louca". No livro Sapo amarelo (1984) são publicados pela primeira vez "A galinha preta" "Azrafel", "Por quê?" e "Genovevas e Serafinas" e em Sapato furado (1984) O Único inédito é "Alegre miséria". (N. da Org.)

O BATALHÃO DAS LETRAS

(1948)

Aqui vão todas as letras,
Desde o A até o Z
Pra você fazer com elas
O que esperam de você...

Aí vem o Batalhão das Letras
E, na frente, a comandá-lo,
O A, de pernas abertas,
Montado no seu cavalo.

Com um B se escreve BALÃO,
Com um B se escreve BEBÊ,
Com um B os menininhos
Jogam BOLA e BILBOQUÊ.

Com C se escreve CACHORRO,
Confidente das CRIANÇAS
E que sabe seus amores,
Suas queixas e esperanças...

Com um D se escreve DEDO,
Que poderá ser mau ou sábio,
Desde o dedo acusador
Ao D do dedo no lábio...

O E da nossa ESPERANÇA
Que é também o nosso ESCUDO
mesmo E das ESCOLAS
Onde se aprende tudo.

Com F se escreve FUGA,
FRADES, FLORES e FORMIGAS
E as crianças malcriadas
Com F é que fazem FIGAS.

O G é Letra importante,
Como assim logo se vê:
Com um G se escreve GLOBO
E o globo GIRA com G.

Com H se escreve HOJE
Mas "ontem" não tem H...
Pois o que importa na vida
É o dia que virá!

O I é letra de ÍNDIO,
Que alguns julgam ILETRADO...
Mas o índio é mais sabido
Que muito doutor formado!

Com J se escreve JULIETA,
Com J se escreve JOSÉ:
Um joga na borboleta,
O outro no jacaré.

O K parece uma letra
Que sozinha vai andando,
Lembra estradas, andarilhos
E passarinhos em bando...

O L lembra o doce LAR,
Lembra um casal à LAREIRA!
O L lembra LAZER
Da doce vida solteira...

Com M se escreve MÃO.
E agora vê que engraçado:
Na palma da tua mão
Tens um M desenhado!

920

N é a letra dos teimosos,
Da gente sem coração:
Com N se escreve NUNCA!
Com N se escreve - NÃO!

Outras letras dizem tudo.
Mas o O nos desconcerta.
Parece meio abobalhado:
Sempre está de boca aberta...

Quem diz que ama a POESIA
E não a sabe fazer
É apenas um POETA inédito
Que se esqueceu de escrever...

Esse Q das QUEIJADINHAS,
Dos bons QUITUTES de QUIABO,
Era um O tão mentiroso
Que um dia criou rabo!

Os RATOS morrem de RISO
Ao roer o queijo do prato.
Mas para que tanto riso?
Quem ri por último é o gato.

Acheguem-se com cuidado,
De olho aceso, minha gente:
O S tem forma de cobra,
Com ele se escreve SERPENTE.

Li o T das TRANÇAS compridas,
Boas da gente puxar;
Jeito bom de namorar
As menininhas queridas...

O U é letra do luto!
O U do URUBU pousado
Nas negras noites sem lua
Num palanque do banhado...

921

Este V é o V de VIAGEM
E do VENTO vagabundo
Que sem pagar a passagem
Corre todo o vasto mundo.

Era uma vez um M poeta
Que um dia, em busca de uma rima,
Caiu de pernas pra cima
E virou um belo dábliu!
Coisa assim nunca se viu,
Mas é a história verdadeira
De como o dábliu surgiu...

Com um X se escreve XICARA,
Com X se escreve XJXI.
Não faças xixi na xicara...
O que irão dizer de ti?!

Ypsilon - letra dos diabos,
Que engasga o mais sabichão!
Por isso o povo e as crianças
A chamam de "pissilão"...

O Z é a letra de ZEBRA,
E letra das mais infames.
Com um Z os menininhos
Levam ZERO nos exames.

E todas as vinte e seis letras
Que aprendeste num segundo
São vinte e seis estrelinhas
Brilhando no céu do mundo!

922

PÉ DE PILÃO

(1975)

Mario Quintana, Pé de pilão... e eu

Meus amigos, na minha opinião Mario Quintana é hoje em dia um dos cinco maiores poetas de todo o Brasil. Pé de pilão é um livro que ele escreveu para crianças de várias idades, mas que também pode - e deve! - ser lido por gente grande. Mas... como é que eu entro nessa história toda? Ora, eu não entro. Fico cá do lado de fora da casa do livro, gritando

para todos os ouvidos e a todos os ventos que o livro é bonito,
divertido,
faz a gente rir e querer saber "que é que vem depois..." Os desenhos são
muito bons e foram feitos por um famoso artista, Edgar Koetz, gaúcho
como o autor da aventura.
Conheço Mario Quintana faz uns bons quarenta anos. É o sujeito mais
"diferente" que tenho encontrado na vida. Antes de tudo é um poeta, e ser
poeta não é apenas fazer versos, prosa com rima (carvão-coração...
carinho-passarinho... etc...). Ser poeta é saber ver o mundo como o vêem os
anjos, as fadas, e ao mesmo tempo possuir o dom de comunicar a quem o
lê o que ele vê e sente, em resumo, é ter olhos para revelar a face secreta das
pessoas e das coisas. Mario Quintana é um homem que caminha sozinho,
como aquele gato do conto inglês. Bom. vou revelar a vocês um segredo.
Descobri outro dia que o Quintana na verdade é um anjo disfarçado de
homem. Às vezes, quando ele se descuida ao vestir o casaco, suas asas
ficam de fora.
(Ah! Como anjo seu nome não é Mario e sim Malaquias.)
Quintana é também mágico, só que suas mágicas são feitas com
palavras. Agora, amigos, prestem atenção. Pé de pilão foi feito todo em versos,
ISto é, com frases que têm compasso de música, e com rimas. Quem já
Souber ler, que leia este conto em voz alta e clara. Se não souber, peça a

outra pessoa - mãe, pai, irmão ou irmã mais velha, babá, alguma titia...
- que se encarregue disso. E se durante a leitura por acaso aparecer na
história alguma palavra que vocês nunca tenham visto antes, perguntem
a quem sabe o que ela significa. É assim que a gente aprende sua própria
língua... e a dos estrangeiros.
Pois é. Deixo com vocês o caso do Pé de pilão, que se vai
transformando, de verso em verso, no caso de outros personagens, bem como
um rio que vai correndo para o mar e encontrando no caminho pessoas
animais e coisas que o leitor não esperava. Leiam esta história - ou
escutem sua leitura - mais de uma vez. E se alguém um dia perguntar quem
é Mario Quintana, podem responder sem medo de errar que ele é um dos
melhores poetas do nosso Brasil. É isto o que pensa quem gosta dele como
de um irmão, um tal de
Erico Veríssimo

O pato ganhou sapato,
Foi logo tirar retrato.

O macaco retratista
Era mesmo um grande artista.

Disse ao pato: "Não se mexa
Para depois não ter queixa."

E o pato, duro e sem graça
Como se fosse de massa!

"Olhe pra cá direitinho:
Vai sair um passarinho."

O passarinho saiu,
Bicho assim nunca se viu.

Com três penas no topete
no rabo apenas sete

E como enfeite ele tinha
Um guizo em cada peninha.

Fazia tanto barulho
Que o pato sentiu engulho.

Pousou no bico do pato:
- Eu também quero retrato!

- No retrato saio eu só,
Pra mandar a minha vó!

A discussão não parava
E cada qual mais gritava.

Passa na rua um polícia.
"Uma briga? Que delícia!"

O polícia era um cavalo
Montado noutro cavalo.

Entra como um pé-de-vento
Prende tudo num momento.

"Hão de ficar vida e meia
Descansando na cadeia."

"Ah! Ah! Ah!..." ri ele assim.
E o cavalo: "him! him! him!..."

A avó do pato é uma fada
Que ficou enfeitiçada.

Nunca, nunca envelhecia,
Era loira como o dia.

Ai, que linda que era ela!
E agora seca e amarela.

Parece passa de gente,
Não tem cabelo nem dente.

Vou num instante contar
Como pôde assim mudar.

Lá na Floresta Encantada
Mora a Fada Mascarada.

Ninguém direito a conhece,
Pois sempre outra parece.

Conforme lhe dá no gosto,
Cada dia usa um rosto.

É que é feia, feia, feia...
Como ninguém faz idéia!

Quando no espelho se olhava,
O espelho logo rachava.

Se olhava um rio, - ora essa!
Corria o rio mais depressa!

E não sei se já lhes disse
Que a vó do pato era Alice.

Ora, um dia, Alice vinha
Pela floresta sozinha.

Vendo-a, a Fada Mascarada
Voa à casa da coitada.

O pato, naqueles dias,
Era um menino, o Matias.

"Olha, menino, o que eu trouxe!"
E lhe mostra um lindo doce.

Ele, guloso e contente,
Finca o dente no presente.

Vai falar. Mas que é que há?
Só pode dizer quá... qua...

Pois o menino tão belo
Virou patinho amarelo.

Chega a vó. E vejam só:
A Fada lhe atira um pó.

Nem havia o pó sentado,
Estava tudo mudado.

Num segundo a pobre Alice
Toda encolheu de velhice.

Mal pode andar. Chama então
Seu neto do coração.

Vem um patinho: quá? quá?
Nenhum compreende o que há.

E pela floresta escura
Vão um do outro à procura.

E tanto andou o patinho
Que perdeu o seu caminho.

Vai seguindo, estrada afora,
Até o romper da aurora.

Chega à cidade. Há um regato.
Que alegria para um pato!

Matias põe-se a nadar
Sem mais nada recordar.

Passa um grupo de meninas,
Ë cada qual mais traquinas.

Um pato! gritam em coro.
Que lindo patinho de ouro!

Rosa, a filha do prefeito,
Agarra-o com todo o jeito.

Comida e casa lhe dá.
Diz o patinho: quá, quá.

Rosa tem um professor
Chamado dom Galaor.

Se o professor ergue o dedo,
Rosinha treme de medo

E quer que o mundo se acabe,
Pois a lição nunca sabe.

Enquanto o mestre falava
O pato, sério, escutava.

Tanto assim que já sabia
Muita história e geografia.

Porém, antes de mais nada,
O seu forte era a tabuada.

Num dia de sabatina
Que pena dava a menina.

Quanto é sete vezes nove?
E Rosinha nem se move.

Mas o pato, desta vez,
Assopra: sessenta e três.

E ele mal acreditava:
Nem sabia que falava!

No jardim à tardezinha
Chega sempre uma andorinha.

Tem por nome Margarida
E passa a voar toda a vida.

Nada no mundo lhe escapa:
É como se fosse um mapa.

A casa de dona Alice?
Já vi do alto... ela disse.

Margarida! exclama o pato
- Leva-lhe, então, meu retrato.

"Sou eu mesmo!" Escrevo atrás
E o resto lhe contarás.

Ora, o pato, finalmente,
Era um bicho meio gente.

Queria tirar retrato,
Mas ao menos de sapato.

Deu-lhe Rosa uns sapatinhos
Que eram mesmo uns amorinhos

E lhe disse: "Tem cuidado,
Pois são do meu batizado."

E no que deu tal história,
Tem-no vocês na memória.

Vejamos como eles vão
A caminho da prisão.

929

Nesta ordem, pela estrada,
Vai seguindo a bicharada:

Bem atrás, o passarinho,
Atado ao pé do vizinho,

Depois, Matias, unido
Ao macaco desgranido

E este devidamente
Preso ao cavalo da frente.

Quanto ao cavalo de cima,
Procura no ar uma rima

(Pois compunha uma balada
Para a sua namorada).

Comida? Nem pra cheirar,
E é preciso andar, andar.

Muito além daquela serra
Fica a prisão que os aterra.

Para o policia, isto sim,
que não falta capim.

930

Uma cobra cascavel,
Bicho enganoso e cruel,

E que ante os outros faz gabo
De ter um guizo no rabo.

Essa cobra amaldiçoada,
Em um galho encoscorada,

Quase que tomba do galho
Ouvindo o som do chocalho.

"Que lindos guizos!" diz ela
E de inveja se amarela.

"Eu jamais conseguiria
Tão bonita melodia...

Pelos dois chifres do Diabo!
De meu rival vou dar cabo."

E com perigo de vida,
Segue a turma distraída...
E o repelente animal
Prepara o bote mortal.

À pança ronca faminta,
O passarinho tilinta.

E segue a turma encordoada,
Erguendo a poeira da estrada.

Mas algo acontece enfim,
Só por causa do tlim-tlim.

E entra nova personagem
Para dar gosto à viagem.

O macaco retratista,
Que tem bom golpe de vista,

Vê a cobra e pensa: hum!
Vou matar esse muçum...

Passa ao alcance do galho,
Pega a cobra do chocalho.

Depois torce a desgraçada,
Tal e qual roupa enxaguada.

E a cobra, de cabo a rabo,
Entrega a alma ao Diabo.

E o macaco desgranido
Tem uma idéia, o sabido...

Os dedos no bolso mete,
Sai do bolso um canivete.

Corta o chocalho da cobra
E no chão atira a sobra...

Também corta, com perícia,

Ao cavalo do polícia,

A corda que o liga aos dois,
Prende-lhe o guizo depois.

Os cavalos vão seguindo,
Vão seguindo e vão ouvindo,

Por artes de tal manobra,
Os guizos da extinta cobra.

E continua o de cima
Em procura de outra rima:

"Olhar pra trás não precIso,
Enquanto escuto esse guizo..."

Assim pensa o chichisbéu,
Fazendo versos ao léu.

Enquanto os presos se vão,
Vai rimando o paspalhão...

E nisto o céu escurece,
Pois, como sempre, anoitece.

E eis que à beira da floresta
Há uma capela modesta

Que aos passantes causa dó
Por ter uma torre só:

É como uma vaca mocha
Ou uma pessoa coxa...

Por fé, OU Outros motivos,
Entram nela os fugitivos.

Que paz que sentem, enfim:
Será que o céu é assim?

No altar Nossa Senhora
Tem um ar tão bom agora,

Um ar tão bom e paciente
Que parece a mãe da gente.

Nos braços mostra o menino
Rechonchudo e pequenino.

O menino tem na mão

Um chocalho sem função.

Como fizeram, também,
O burro e o boi em Belém,

Os bichos que ali chegavam
Humildemente o adoravam

E, para a noite passar,
Deitaram-se atrás do altar.

O passarinho, coitado.
Que bicho mais assustado!

Basta zumbir um mosquito,
Já ele desperta, aflito!

Agora mesmo acordou.
Será que ouviu ou sonhou

Vem um vulto de mansinho...
Nem respira o passarinho!

um vulto negro e embuçado,
Negro e mal-intencionado!

Vem roubar, ó sacripanta,
O manto da Virgem Santa,

O rico manto azulado,
A ouro e prata bordado.

Vai o vulto pôr-lhe o dedo...
E o passarinho ai que medo!

Todo tilinta, tlim-tlim,
Na tremedeira sem fim.

O ladrão, em desatino,
Pensa que é o Santo Menino

Que o seu chocalho sacode,
Vai fugindo como pode.

E o passarinho, feliz,
Agita as asas e diz:

"No mundo não há bandido
Que possa com meu tinido!"

Como um herói, adormece...

E nem nota o que acontece...

934

Uma velha... quem e ela?
Vem entrando na capela.

Toda curvada e gemendo,
Pra si mesma vai dizendo:

"Quem me dera ter na mão
Minha vara de condão!

Fui roubada e enfeitiçada,
Já não posso fazer nada...

No estado em que estou agora
Só mesmo Nossa Senhora!

Sem feitiços nem varinhas,
A rainha das rainhas

Com a graça celestial
Põe fim a tudo que é mal.

E eu não quero ser mais fada
E não desejo mais nada

Senão achar meu netinho.
Onde é que estás, pobrezinho?"

E de cansaço adormece
E nem nota o que acontece...

Quando acorda - que alegria!
Matias lhe dá bom dia.

E ele, outra vez menino,
Com seu sorriso ladino!

935

E ela está em pleno viço,
Como antes do feitiço!

Agora, já não é fada,
Vive a bordar, sossegada.

E como qualquer senhora

na cidade que mora.

Como todos, dona Alice
Espera, em calma, a velhice.

E usa o cabelo em bandó
Como convém a uma vó.

Vai Matias de sacola
Todos os dias pra escola.

E para que a nossa história
Não ficasse relambória,

A Rosinha, envergonhada
De sua vida passada,

Estuda como uma traça
E sem mais sofrer vexames

Passa sempre nos exames
Como a luz pela vidraça.

LILI INVENTA O MUNDO

(1983)

As pessoas sem Imaginação
podem ter tido as mais
imprevistas aventuras, podem
ter visitado as terras mais
estranhas. Nada lhes ficou. Nada
lhes sobrou. Uma vida não basta
apenas ser vivida: também
precisa ser sonhada. *

A PRINCESA

Quando lhe perguntaram o nome, Lili espantou-se muito:
- Ué! Mas todo mundo sabe...

CIDADEZINHA

Cidadezinha cheia de graça...
Tão pequenina que até causa dó!
Com seus burricos a pastar na praça...
Sua igrejinha de uma torre só...

Nuvens que venham, nuvens e asas,
Não param nunca nem um segundo...
E fica a torre, sobre as velhas casas,
Fica cismando como é vasto o mundo!...

Eu que de longe venho perdido,

___

* Palavras do autor em epigrafe ao livro. (N. da Org.)

Sem pouso fixo (a triste sina!)
Ah, quem me dera ter lá nascido!
Lá toda a vida pod morar!
Cidadezinha... Tão pequenina
Que toda cabe num só olhar...

MENTIRA?

A mentira é uma verdade que se esqueceu de acontecer.

MENTIRAS

Lili vive no mundo do faz-de-conta... Faz de conta que isto é um avião, Zzzzuuu... Depois aterrissou em piquê e virou trem. Tuc tuc tuc tuc... Entrou pelo túnel, chispando. Mas debaixo da mesa havia bandidos. Pum! Pum! Pum! O trem descarrilou. E o mocinho? Onde é que está o mocinho? Meu Deus! Onde é que está o mocinho?! No auge da confusão, levaram Lili para a cama, à força. E o trem ficou tristemente derribado no chão, fazendo de conta que era mesmo uma lata de sardinha.

SONATINA LUNAR

Os padeiros da lua
derrubam farinha
na noite retinta.
Quem ganha? É o chão
Que se pinta e repinta
de giz e carvão.

Rendilha de aranha
na face encantada,
moedinha de prata
escondida na mão,
minh'alma menina
fugiu para a mata.

938

Meu coração
bate sozinho
no velho moinho
da solidão.

Até eu me fujo...

Eu sou o corujo,
olhar enorme
que nunca dorme.
Nana, nana,
fina, uma,
alma menina...
E sonha comigo
por alguns instantes,
onde estejas tu...
Sonha comigo
como eu era dantes!

Os padeiros da lua
derrubam farinha...
O chão se repinta
de giz e carvão...

Sonha,
menina,
na mata assombrada
enquanto o moinho
vai rangendo em vão.

CONTO DE TODAS AS CORES

Eu já escrevi um conto azul, vários até.
Mas este agora é um conto de todas as cores.
Sim, porque era uma vez
uma menina verde
um menino azul
um negrinho dourado

939

e um cachorro com todos os tons e entretons do arco-íris.
Até que,
devidamente nomeada pelo Senhor Prefeito
Veio ao seu encontro uma Comissão de Doutores
todos eles de preto, todos eles de barbas, todos eles de óculos

E,
por mais que cheirassem e esfregassem os nossos quatro amigos,
viram que não adiantava nada
e puseram-se gravemente a discutir se aquilo poderia ser mesmo de nascença ou...
Mas nós não nascemos - interrompeu o cachorro - nós fomos inventados!

NOTURNO

O relógio costura, meticulosamente, quilômetros e quilômetros do silêncio noturno.
De vez em quando, os velhos armários estalam como ossos.
Na ilha do pátio, o cachorro, ladrando.
(É a lua.)
E, à lembrança da lua, Lili arregala os olhos no escuro.

HORROR

Com seus OO de espanto, seus RR guturais, seu hirto H, HORROR é uma palavra de cabelos em pé, assustada da própria significação.

Os GRILOS

Toda noite os grilos fritam não sei o quê. A madrugada chega, destampa o panelão: a coisa esfria...

DORME, RUAZINHA

Dorme, ruazinha... É tudo escuro...
E os meus passos, quem é que pode ouvi-los?
Dorme o teu sono sossegado e puro,
Com teus lampiões, com teus jardins tranqüilos...

Dorme... Não há ladrões, eu te asseguro...
Nem guardas para acaso persegui-los...
Na noite alta, como sobre um muro,
As estrelinhas cantam como grilos...

O vento esta dormindo na calçada,
O vento enovelou-se como um cão...
Dorme, ruazinha... Não há nada...

Só os meus passos... Mas tão leves são
Que até parecem, pela madrugada,
Os da minha futura assombração...

MÃE

Mãe! São três letras apenas
As desse nome bendito:
Três letrinhas, nada mais...
E nelas cabe o Infinito.
É palavra tão pequena
- confessam mesmo os ateus -
É do tamanho do Céu!
E apenas menor que Deus...

CANÇÃO DE JUNTO DO BERÇO

Não te movas, dorme, dorme
O teu soninho tranqüilo.
Não te movas (diz-lhe a Noite)
Que inda está cantando um grilo...

Abre os teus olhinhos de ouro
(O Dia lhe diz baixinho).
É tempo de levantares
Que já canta um passarinho...

Sozinho, que pode um grilo
Quando já tudo é revoada?
E o Dia rouba o menino
No manto da madrugada...

SINFONIA DE ABERTURA

Nosso Senhor, sobre os telhados, Nosso Senhor, com alamares de ouro, tange subitamente os sinofones. Lili espreguiça-se na cama. Estremece no teto um reflexo d'água. Lili tapa os ouvidos.
Mas o seu coraçãozinho vibra como uma cigarra.

A CIRANDA RODAVA

A ciranda rodava no meio do mundo,
No meio do mundo a ciranda rodava.
E quando a ciranda parava um segundo,
Um grilo, sozinho no mundo, cantava...

Dali a três quadras o mundo acabava.
Dali a três quadras, num valo profundo...
Bem junto com a rua o mundo acabava.
Rodava a ciranda no meio do mundo...

E Nosso Senhor era ali que morava,

Por trás das estrelas, cuidando o seu mundo...
E quando a ciranda por fim terminava
E o silêncio, em tudo, era mais profundo,
Nosso Senhor esperava.., esperava...
Cofiando as suas barbas de Pedro Segundo.

VIVER

Vovo ganhou mais um dia. Sentado na copa, de pijama e chinelas, enrola o primeiro cigarro e espera o gostoso café com leite.
Lili, matinal como um passarinho, também espera o café com leite.
Tal e qual vovô.
Pois só as Lrianças e os velhos conhecem a volúpia de viver dia a dia, hora a hora, e suas esperas e desejos nunca se estendem além de Cinco minutos.

VELHA HISTÓRIA

Era uma vez um homem que estava pescando, Maria. Até que apanhou um peixinho! Mas o peixinho era tão pequenininho e inocente, e tinha um azulado tão indescritível nas escamas, que o homem ficou com pena. E retirou cuidadosamente o anzol e pincelou com iodo a garganta do coitadinho. Depois guardou-o no bolso traseiro das calças, para que o animalzinho sarasse no quente. E desde então ficaram inseparáveis. Aonde o homem ia, o peixinho o acompanhava a trote, que nem um cachorrinho. Pelas calçadas. Pelos elevadores. Pelos cafés. Como era tocante vê-los no "17"! - o homem, grave, de preto, com uma das mãos segurando a xícara de tumegante moca, com a outra lendo o jornal, com a outra fumando, com a outra cuidando do peixinho, enquanto este, silencioso e levemente melancólico, tomava laranjada por um canudinho especial...
Ora, um dia o homem e o peixinho passeavam à margem do rio onde o segundo dos dois fora pescado. E eis que os olhos do primeiro se encheram de lágrimas. E disse o homem ao peixinho:
Não, não me assiste o direito de te guardar comigo. Por que roubar-te por mais tempo ao carinho do teu pai, da tua mãe, dos teus irmãozinhos, da tua tia solteira? Não, não e não! Volta para o seio da tua família. E viva eu cá na terra sempre triste!
Dito isto, verteu copioso pranto e, desviando o rosto, atirou o peixinho n'água. E a água fez um redemoinho, que foi depois serenando, serenando.. até que o peixinho morreu afogado...

PAUSA

As vezes, nos dias calmos, apenas se nota uma leve ondulação na relva: são os cavalos do vento que estão pastando.

DUELO

O automóvel que passa e a vitrine da esquina travam um duelo de reflexos.

O CACHORRO

Do quarto próximo, chega a voz irritada da arrumadeira:

- Meu Deus! a gente mal estende a cama e já vem esse cachorro deitar em cima! Salta daí pra fora!
E LiLi, muito formalizada:
- Finoca! o cachorro tem nome!

O HIPOPÓTAMO

O hipopótamo é um bruto sapatão afogado.

COISA LOUCA

Um elefante caiu do teto.

O GATO

O gato é preguiçoso como uma segunda-feira.

As PULGAS

As pulgas saltam tanto porque também têm pulgas.

O SONHO

Sonhar é acordar-se para dentro.

OBJETOS PERDIDOS

Os guarda chuvas perdidos... aonde vão parar os guarda-chuvas perdidos? E os botões que se desprenderam? E as pastas de papéis, os estojos de pince-nez, as maletas esquecidas nas gares, as dentaduras postiças, os pacotes de compras, os lenços com pequenas economias, aonde vão parar todos esses objetos heteróclitos e tristes? Não sabes? Vão parar nos aneis de Saturno, são eles que formam, eternamente girando, os estranhos anéis desse planeta misterioso e amigo.

944

RITMO

Na porta
a varredeira varre o cisco
varre o cisco
varre o cisCO

Na pia
a menininha escova os dentes
escova os dentes
escova os dentes

No arroio
à lavadeira bate roupa
bate roupa
bate roupa

até que enfim
se desenrola
toda a corda
e o mundo gira imóvel
como um pião!

O CÁGADO

Morava no fundo do poço. E nunca saiu do poço. Costumava tomar sol numa saliência da parede, quando a água chegava até ali. Nas raras vezes em que isto sucedia, ficávamos a olha-lo impressionados, como se estivéssemos diante do Homem da Mascara de Ferro. Que vida! Era o unico bicho da casa que não sabia os nossos nomes, nem das mudanças de cozinheira, nem o dia dos anos de Lili. Não sabia nem queria saber.

CANÇÃO DA RUAZINHA DESCONHECIDA

Ruazinha que eu conheço apenas
Da esquina onde ela principia...

945

Ruazinha perdida, perdida...
Ruazinha onde Marta fia...
Ruazinha em que eu penso às vezes
Como quem pensa numa outra vida...
E para onde hei de mudar-me, um dia,
Quando tudo estiver perdido...
Ruazinha da quieta vida...
Tristonha... tristonha...

Ruazinha onde Marta fia
e onde Maria, na janela, sonha...

CANÇÃO DE NUVEM E VENTO

Medo da nuvem
Medo Medo
Medo da nuvem que vai crescendo
Que vai se abrindo
Que não se sabe
O que vai saindo
Medo da nuvem Nuvem Nuvem
Medo do vento
Medo Medo
Medo do vento que vai ventando
Que vai falando
Que não se sabe
O que vai dizendo
Medo do vento Vento Vento
Medo do gesto
Mudo
Medo da fala
Surda
Que vai movendo
Que vai dizendo
Que não se sabe...

Que bem se sabe
Que tudo é nuvem que tudo é vento
Nuvem e vento Vento Vento!

OUTONO

É uma borboleta amarela? Ou uma folha que se desprendeu e que não
quer tombar?

O VENTO

O único da casa que enxerga o vento é o cachorro.
Detém-se à porta da cozinha, rosnando para o pátio ventado, cheio de
latas inquietas e papéis decididamente malucos.
E nos seus olhos fixos e rancorosos vê-se o desvario do vento, a
incurabilidade do vento, os seus cabelos em corrupio, os seus braços que
parecem mil, os seus trapos flutuantes de espantalho, toda aquela agitação sem
causa e que é ainda menos instável, entretanto, que a terrível desordem da
sua cabeça, pois o vento nunca pode assentar as idéias...

CANÇÃO DA CHUVA E DO VENTO

Dança, Velha. Dança. Dança.
Põe um pé. Põe outro pé.
Mais depressa. Mais depressa.
Põe mais pé. Pé. Pé.

Upa. Salta. Pula. Agacha.
Mete pé e mete assento.
Que o velho agita, frenético,
O seu chicote de vento.

Mansinho agora... mansinho
Até de todo caíres...
Que o Velho dorme de velho
Sob os arcos do Arco-Iris.

MANUELA

- Manuela é nome de mulher de sapo - sentencia Lili. E não adianta
perguntar por quê. -Todo mundo sabe...

FAMI lIA DESENCONTRADA

O Verão é um senhor gordo, sentado na varanda,
suando em bicas e reclamando cerveja.
O Outono é um tio solteirão que mora lá em cima no
sótão e a toda hora protesta aos gritos: "Que barulho é esse
na escada?!"
O Inverno é o vovozinho trêmulo, com a boina enterrada
até os olhos, a manta enrolada nos queixos e sempre
resmungando: "Eu não passo deste agosto,
eu não passo deste agosto..."
A Primavera, em contrapartida
- é ela quem salva a honra da família! -
é uma menininha pulando na corda cabelos ao vento
pulando e cantando debaixo da chuva
curtindo o frescor da chuva que desce do céu
o cheiro de terra que sobe do chão
o tapa do vento na cara molhada!

Oh! a alegria do vento desgrenhando as árvores
revirando os pobres guarda-chuvas
erguendo saias!
A alegria da chuva a cantar nas vidraças
sob as vaias do vento...

Enquanto
desafiando o vento, a chuva, desafiando tudo
no meio da praça a menininha canta

a alegria da vida!

948

O DIA ABRIU SEU PÁRA-SOL BORDADO

O dia abriu seu pára-sol bordado
De nuvens e de verde ramaria.
E estava até um fumo, que subia,
Mi-nu-ci-o-sa-men-te desenhado.

Depois surgiu, no céu azul arqueado,
A Lua - a Lua! - em pleno meio-dia.
Na rua, um menininho que seguia
Parou, ficou a olhá-la admirado...

Pus meus sapatos na janela alta,
Sobre o rebordo... Céu é que lhes falta
Pra suportarem a existência rude!

E eles sonham, imóveis, deslumbrados,
Que são dois velhos barcos, encalhados
Sobre a margem tranqüila de um açude...

As FALSAS POSIÇÕES

Com a pele do leão vestiu-se o burro um dia.
Porém no seu encalço, a cada instante e hora,
"Olha o burro! Fiau! Fiau!" gritava a bicharia...
Tinha o parvo esquecido as orelhas de fora!

Os Nossos MALES

Mono Velho, a gemer de gota, avista um leão.
Qual gota! Qual o quê! Logo trepa a um coqueiro.
Nada, para esquecer uma aflição,
Como um grande tormento verdadeiro...

As ALIANÇAS DESIGUAIS

Gato do Mato e Leão, conforme o combinado,
Juntos caçavam corças pelo mato.
As corças escaparam... Resultado:
Não escapou o gato.

949

Os DEFEITOS E AS QUALIDADES

Diz o Elefante às Rãs que em torno dele saltam:
"Mais compostura! Ó Céus! Que piruetas despreziveis!"
Pois são sempre, nos outros, despreziveis
As qualidades que nos faltam...

INTERCÂMBIO

Vovô tem um riso de cobre - surdo, velho, azinhavrado - um riso que sai custoso, aos vinténs.
Mas Lili, sempre generosa, Lhe dá o troco em pratinhas novas.

A PORTEIRINHA

Sete anos já fizeste.
Quando fui te visitar
Fiquei encantado a olhar
com o sorriso que me deste
uma linda porteirinha em teus dentes de rato.
Mas nem deves ficar triste,
deixa de lado o recato.
Deves até tirar retrato sorrindo assim lindamente.
Fará bem a toda gente!
No mundo tão mascarado
O sorriso mais sincero é o sorriso desdentado.

CANÇÃO DE INVERNO

"Pinhão quentinho!
Quentinho o pinhão!"
(E tu bem juntinho
Do meu coração...)

CANTIGUINHA DE VERÃO

Anda a roda
Desanda a roda

E olha a lua a lua alua!

Cada rua tem a sua roda
E cada roda tem a sua lua

No meio da rua
Desanda a roda: Oh,

Ficou a lua
um riso Olhando em roda...
Triste de ser uma lua só!

VERÃO

Há sempre, afastada das outras, uma nuvenzinha preguiçosa que ficou sesteando no azul.

PEQUENOS TORMENTOS DA VIDA

De cada lado da sala de aula, pelas janelas altas, o azul convida os meninos, as nuvens desenrolam-se, lentas, como quem vai inventando preguiçosamente uma história sem fim... Sem fim é a aula: e nada acontece, nada...
Bocejos e moscas. Se ao menos, pensa Margarida, se ao menos um avião entrasse por uma janela e saisse pela outra!

COISA LOUCA

Eu te amo como se ama um cachorrinho verde.

NOTURNO ARRABALEIRO

Os grilos... os grilos... Meu Deus, se a gente
Pudesse
Puxar
Por uma
Perna
Um só
Grilo,
Se desfiariam todas as estrelas!

ESSA NÃO!

Lili teve conhecimento dos antípodas, na escola. Logo que chegou em casa, começou a deitar sabença pra cima da cozinheira. Falou, falou, e, como visse que Sia Hortênsia não estava manjando nada, ergueu no ar o dedinho explicativo:
- Imagine só que quando aqui é meio-dia lá na China é meia-noite!
- Credo! Eu é que não morava numa terra assim...
- Mas por que, Sia Hortênsia?
- Uma terra onde o dia é de noite... Cruzes!

DUPLA DELÍCIA

O livro traz a vantagem de a gente poder estar só e ao mesmo tempo acompanhado.

Os SONHOS DAS LAGARTAS

As lagartas não podem acreditar na lenda das borboletas - tão antiga entre o seu rastejante e esforçado povo... mas sua felicidade consiste em relembrar, às vezes, o absurdo e maravilha desse velho sonho: o de se transformarem, um dia, em borboletas.

CAMUFLAGEM

A esperança é um urubu pintado de verde.

BOTÂNICA

A verdadeira couve-flor é a hortênsia.

CANÇÃO DA PRIMAVERA

Primavera cruza o rio
Cruza o sonho que tu sonhas.
Na cidade adormecida
Primavera vem chegando.

Cata-vento enlouqueceu,
Ficou girando, girando.
Em torno do cata-vento
Dancemos todos em bando.
Dancemos todos, dancemos,
Amadas, Mortos, Amigos,
Dancemos todos até
Não mais saber-se o motivo...
Até que as paineiras tenham
Por sobre os muros florido!

O DISFARCE

Cansado da sua beleza angélica, o Anjo vivia ensaiando caretas diante do espelho. Até que conseguiu a obra-prima do horror. Veio, assim, dar uma volta pela Terra. E Lili, a primeira meninazinha que o avistou, pôs-se a gritar da porta para dentro de casa: "Mamãe! Mamãe! Vem ver como o Frankenstein está bonito hoje!"

VENTURA

Naquela missa de Sexta-Feira da Paixão, notei que o velho Ventura
Naquela missa de Sexta-Feira da Paixão, notei que o velho Ventura
rezava assim: - Tchug tchug tchug tchug amém... Tchug tchug tchug tchug amém... Tchug tchug tchug...
-Assim não vale, seu Ventura.
- Ora! Ele sabe tudo o que eu quero dizer...

CANÇÃO DE DOMINGO

Que dança que não se dança?
Que trança não se destrança?
O grito que voou mais alto
Foi um grito de criança.

Que canto que não se canta?
Que reza que não se diz?
Quem ganhou maior esmola
Foi o Mendigo Aprendiz.

O céu estava na rua?
A rua estava no céu?
Mas o olhar mais azul
Foi só ela quem me deu!

TRECHO DE DIÁRIO

Vi uma guriazinha vindo pela calçada de pé no chão, e arrastando, preso a uns cordéis, o seu par de sapatos. Eles seguiam que nem dois cachorrinhos. Uma verdadeira "hippie" - mas ainda em estado de puro Lirismo.

BOAS MANEIRAS

Os anjos não dão de ombros, não; quando querem mostrar indiferença, os anjos dão de asas.

POEMA DO FIM DO ANO

Lá bem no alto do décimo segundo andar do Ano
Mora uma louca chamada Esperança
E quando todas as buzinas fonfonam
quando todos os reco-recos matracam
quando tudo berra quando tudo grita quando tudo apita
A louca tapa os ouvidos
e
atira-se

e - ó miraculoso vôo!
Acorda, outra vez menina, la embaixo, na calçada.
O povo aproxima-se, aflito
E o mais velhinho urvà-se e pergunta:
Como é o teu nome, menininha de olhos verdes?
E ela então sorri a todos eles
E lhes diz, bem devagarinho para que não esqueçam nunca:
O meu nome é ES-PE-RAN-ÇA...

954

CANÇÃO DO PRIMEIRO DO ANO

Anjos varriam morcegos
Até jogá-los no mar.

Outros pintavam de azul,
De azul e de verde-mar,
Vassouras de feiticeiras,
Desbotadas tabuletas,
Velhos letreiros de bar

Era uma carta amorosa?
Ou uma rosa que abrira?
Mas a mão correra ansiosa
- Ó sinos, mais devagar! -
A janela azul e rosa,
Abrindo-a de par em par.

o banho de luz, tão puro,
Na paisagem familiar:
Meu chão, meu poste, meu muro,
Meu telhado e a minha nuvem,
Tudo bem no seu lugar.

E os sinos dançam no ar.
De casa a casa, os beirais,
- Para lá e para cá -
Trocam recados de asas,
Riscando sustos no ar.
Silêncios. Sinos. Apelos. Sinos.
E sinos. Sinos. E sinos. Sinos.
Pregoeiros. Sinos. Risadas. Sinos.
E levada pelos sinos,
toda ventando de sinos,
Dança a cidade no ar!

A ULTIMA

A última de Lili, que me apresso a anotar, para o meu "tratado de
Liligrafia": - Não gosto de laranjas de umbigo porque são muito pretensiosos.

955

O ENCONTRO

Eis que descubro um retrato meu, aos 10 anos. Escondo, súbito, o retrato. Sei lá o que estará pensando de mim aquele guri!

956

SAPO AMARELO

(1984)

A GALINHA PRETA

Estava-se no fim do jantar de família. Prato de resistência: galinha ensopada. Dona Glorinha, que até então nada dizia, interrompeu a balbúrdia geral.
- Estava muito bom, obrigado; gostei muito mesmo, embora prefira galinha frita.
Uma das sobrinhas explicou:
- Frita não dava, a galinha era muito velha.
- Muito velha... - ecoou Dona Glorinha. Não me digam que foi aquela galinha preta!
- Foi, sim confessou a sobrinha.
Dona Glorinha ergueu-se e correu para o banheiro, com as mãos no estômago. Ao voltar, não se conteve, desabafou:
- Mas vocês! como é que vocês não compreendem que era impossível, que eu não podia comer uma galinha que conheço pessoalmente!

AZRAFEL

O pobre homem, na hora fatal, queixava-se amargamente para os mirões que costumam cercar o leito dos moribundos:
- Eu vou morrer e nunca vi um disco voador! Todo mundo já viu! Todo mundo já viu um fantasma. Eu nunca
E vai daí o Anjo dos Últimos Desejos, que, como todos sabem, atende pelo nome de Azrafel, compadeceu-se muito e imediatamente satisfez as curiosidades do pobre homem, transformando-o num fantasma dentro de um disco voador.

957

UNI-VERSO

"Treme a folha no galho mais alto" escrevo. Paro e sorvo, de olhos fechados, o cheiro bom da terra, do capim chovido... Parece que quer Vir um poema... Abro os olhos e fico olhando, interrogativamente, a linha que escrevi no alto da página. Depois de longo instante, acrescento-lhe três pontinhos. Assim não ficará tão só enquanto aguarda as companheiras.
O vento fareja-me a face como um cachorro. Eu farejo o poema. Ah, todo mundo sabe que a poesia esta em toda parte, mas agora cabe toda ela na folha que treme.
Por que não caberia então em único verso? Um uni-verso.
Treme a folha no galho mais alto.
(O resto é paisagem...)

O MENINO E O MILAGRE

O primeiro verso que um poeta faz é sempre o mais belo porque toda a poesia do mundo está em ser aquele o seu primeiro verso...

FATOS CONSUMADOS

...e se eles te apertarem muito sobre o que quiseste dizer com um poema, pergunta-lhes apenas o que Deus quis dizer com este nosso mundo...

UMA VACA

Sim, uma vaca - uma abençoada vaca muge... O seu mugido é um rio de veludo morno.

PAISAGEM DE APÓS-CHUVA

A relva, os cavalos, as reses, as folhas, tudo envernizadinho como no dia inolvidável da inauguração do Paraíso...

ESTIVAL

Fazia tanto calor que as sombras se ocultavam debaixo da barriga dos cavalos e das copas das árvores.

ANTEMANHÃ

Trotam, trotam, desbarrancando o meu sono, os burrinhos inumeráveis da madrugada.

Carregam laranjas? Carregam repolhos? Carregam abóboras?
Não. Carregam cores. Verdes tenros. Amarelos vivos. Vermelhos, roxos, ocres.
São os burrinhos pintores.

CUJAS CANÇÕES

É costume cada um colocar sua profissão ou títulos nos cartoes de visita. No tempo das guerras cisplatinas até ficou famoso alguém que assim se apresentava: "José Maria da Conceição - tenente dos Colorados".
Ora, quem escreve estas linhas já recebeu alguns títulos da generosidade de seus conterrâneos. Se pusesse todos eles, seria pedante; escolher um só seria indelicadeza para com os outros proponentes.
Quanto a mim, sempre fui de opinião que bastava o nome da pessoa, sem a vaidade de títulos secundários. Mas eis que a minha camareira fez-me cair em tentação. Dá-se o caso que saiu a edição de meu livro Canções, ilustrado por Noêmia e que, ao ser noticiado por Nilo Tapecoara no Bric-à-brac da vida, este o publicou com o meu retrato em duas colunas, e, abaixo do mesmo, uma notícia que assim principiava, com a primeira linha impressa em letras maiúsculas: MARIO QUINTANA, CUJAS CANÇÕES etc. etc...
Ora, na manhã daquele dia, ao servir-me o café na cama, sia Benedita não podia ocultar o orgulho que lhe causava o seu hóspede e repetia: "Cujas canções, hein, cujas canções!"
O seu maior respeito era devido, sem duvida, à misteriosa palavra "cujas".

DA MODÉSTIA

A modéstia é a vaidade escondida atrás da porta.

DA RECORDAÇÃO

A recordação é uma cadeira de balanço embalando sozinha.

DA DIFÍCIL FACILIDADE

É preciso escrever um poema várias vezes para que dê a impressão de que foi escrito pela primeira vez.

DAS UTOPIAS

Se as coisas são inatingíveis... ora!
Não é motivo para não querê-las...
Que tristes os caminhos, se não fora
A mágica presença das estrelas!

ARTE POÉTICA

Esquece todos os poemas que fizeste.
Que cada poema seja o número um.

COISAS

Uma rãzinha verde no gris da manhã...
Um sorriso na face de um ceguinho...
Uma nota aguda como uma pergunta de criança...
Um cheiro agradecido de terra molhada...
Um olhar que nos enche subitamente de azul...

FATALIDADE

O que mais enfurece o vento são esses poetas inveterados que o fazem rimar com lamento.

COMO VAI A POESIA?

Naqueles longes tempos, era ele vítima de um cirurgião-dentista que, de repente, do outro lado da sala do café, da outra extremidade do bonde, da calçada oposta, lançava intempestivamente o seu vozeirão:
- Como vai a poesia?
Todas as cabeças que se achavam de permeio voltavam-se então para o Poeta. (Poeta, nu, desmascarado, em meio à multidão! Para evitar es-

ses atentados ao pudor, ele afinal descobriu um meio: fazer a pergunta antes que o outro a fizesse. Mal avistava o dentista, e antes que o mesmo erguesse as trombetas da sua voz, que não lhe soavam propriamente como as trombetas da Fama, mas como as cornetas fanhas da Difamação, bradava alvissareiro o Poeta:
- Como vai o maçarico?!
As cabeças de permeio voltavam-se então escandalizadas ou irônicas para o Cirurgião-Dentista. Não porque fosse uma vergonha utilizar esse util instrumento, mas porque maçarico era mesmo uma palavra muito engraçada, uma palavra que rimava com a dança do sarapico-pico-pico e com surubico. O resultado de tudo isso foi que os papéis se inverteram: o dentista pegou medo do poeta.

BUSCA

Subnutrido de beleza, meu cachorro-poema vai farejando poesia em tudo, pois nunca se sabe quanto tesouro andará desperdiçado por aí...
Quanto filhotinho de estrela atirado no lixo!

As VIAGENS

O mais confortador das viagens são esses burrinhos pensativos que
vemos à beira da estrada e nos poupam assim o trabalho de pensar.

FRUSTRAÇÃO

Outono: essas folhas que tombam na agua parada dos tanques e não
podem sair viajando pelas correntezas do mundo...

O CHÁ, OS FANTASMAS, OS VENTOS ENCANADOS...

Nasci no tempo dos ventos encanados, quando, para evitar
compromissos, a "gente bem" dizia estar com enxaqueca, palavra horrível mas desculpa
distinta. Ter enxaqueca não era para todos, mas só para essas senhoras que
tomavam chá com o dedo mindinho espichado. Quando eu via aquilo,
ficava a pensar sozinho comigo (menino, naqueles tempos, não dava opinião)
por que é que elas não usavam, para cumulo da elegância, um laçarote azul
no dedo...

Tambem se falava misteriosamente em "moléstias de senhoras" nos
anúncios farmaceuticos que eu lia. Era decerto uma coisa privativa das
senhoras, como as enxaquecas, pois as criadas, essas, não tinham tempo
para isso. Mas, em compensação, me assustavam deliciosamente com
histórias de assombrações. Nunca me apareceu nenhuma.
Pelo visto, era isso: nunca consegui comunicar-me com este nem com
o outro mundo. A não ser através d'o tico-tico e da poesia de Camões, do
qual até hoje me assombra este verso único: "Que o menor mal de tudo
seja a morte!" Pois a verdadeira poesia sempre foi um meio de comunicação
com este e com o outro mundo.

NOTURNO

Apenas, aqui e ali, uma janelinha de arranha-céu... Perdida...
Enquanto, do fundo do único terreno baldio, um grilo insiste em transmitir, na
sua frágil Morse de vidro, não se sabe que misteriosa mensagem às estrelas
ausentes.

A noite dorme um sono entrecortado de grilos.

Os fantasmas também sofrem de visões: somos nós.

Desconfio muito que nos dias de nevoeiro os fantasmas aproveitem para passear incógnitos pelas ruas.

PÉS DE FORA

À negrinha, essa, tem medo de fantasmas.
Cada vez que um rato corre mais depressa, ela tapa a cabeça.
Mas fica com os pés de fora.
É o medo ridículo, tocante, desamparado, o medo de pés de fora.
Se eu fosse fantasma, eu... Não, não lhe faria nada: o melhor do susto é esperar por ele.

CONTO DE HORROR

E um dia os homens descobriram que esses discos voadores estavam observando apenas a vida dos insetos...

DIÁLOGO NO CÉU

- Mas aquelas mocinhas la embaixo, naquela sala grande, não estão rezando?
- Não, meu santo, estão mastigando chiclete.

POR QuÊ?

Se a casa é para morar, por que a porta da casa se chama porta da rua?

O DRAGÃO

Na volta da esquina encontrei um dragão.
- Que belas escamas, senhor dragão! Que luminoso laquê! E as chamas que deitais por vossa goela têm o colorido e o movimento de um balé!
E que padrão heráldico, Excelência, que...
O dragão saiu se reboleando.

ASSUNTO PARA PESADELO

Um macaco que falasse com voz de papagaio...

PALAVRAS

Há palavras verdadeiramente mágicas. O que há de mais assustador nos monstros é a palavra "monstro". Se eles se chamassem leques ou

ventarolas, ou outro nome assim, todo arejado de vogais, quase tudo se perderia do fascinante horror de Frankenstein...

DAs CRENÇAS

Numa de nossas ocasionais conversas fiadas, ontem de noite disse-me O Porteiro: "rato depois de velho vira morcego". Olhei-o atentamente. Era um velho porteiro. Não estava brincando. Devia ser teimoso como todos

os velhos. Seria pedante da minha parte tentar convencê-lo de que a sua História Natural não o era muito... Deixá-lo! Afinal, por que os ratos velhos não haveriam de virar morcegos, da mesmíssima forma que as velhas solteironas viram postes de fim de linha? Da mesma forma que os meus leitores desatentos viram fumaça inconsistente e os leitores incrédulos não viram nada... (E daí, você viu ou não viu?!) Pois é uma grande coisa escutar sem contradizer.
Me lembro que, quando menino, nada retruquei quando uma velha cozinheira preta me assegurou que seria muito, muito rica no Céu... Seria loira, também? Já não me lembro.
E, em criaturas de outro estágio cultural, também existem crenças de que não me seria lícito duvidar. Imaginem se, por acaso, com os meus argumentos, eu conseguisse destruí-las! Que teria para lhes dar em troca? Nunca se deve tirar o brinquedo de uma criança...

A TRANSPOSIÇÃO

Também me lembro que, quando eu era gurizote e briguei mais uma vez para sempre com a Gabriela, deixei-a ali na praça (era domingo, depois da missa) e fui passar pela sua casa, pela sua calçada, pela sua rua...

MADRIGAL RECUSADO

Não sou mais que um poeta lírico,
Nada sei do vasto mundo...
Viva o amor que eu te dedico.
Viva Dom Pedro Segundo!

ELEGIA URBANA

Rádios. Tevês.
Goooooooooooooooooooooolo!!!
(O domingo é um cachorro escondido debaixo da cama).

VERSO AVULSO

Senhor! Que buscas Tu pescar com a rede das estrelas?

964

CONSTELAÇÕES

Cruzeiros, Carros, até a Ursa, a maior e a menor, a Cabeleira de
Berenice, a Lira, a Balança, o Cão... quanta bobagem descobriram no Céu esses
astrônomos birutas! Eu, de ignorante, quando olho o Céu, não vejo nada
disso. Apenas vou traçando o teu nome com as estrelas.

DESESPERO

Não há nada mais triste do que o grito de um trem no silêncio noturno.
É a queixa de um estranho animal perdido, único sobrevivente de alguma
espécie extinta, e que corre, corre, desesperado, noite em fora, como para
escapar à sua orfandade e solidão de monstro.

AQUELE ESTRANHO ANIMAL

Os do Alegrete dizem que o causo se deu em Itaqui, os de Itaqui dizem
que foi no Alegrete, outros juram que só poderia ter acontecido em
Uruguaiana. Eu não afirmo nada: sou neutro.
Mas, pelo que me contaram, o primeiro automóvel que apareceu entre
aquela brava indiada, eles o mataram a pau, pensando que fosse um bicho.
A história foi assim como já lhes conto, metade pelo que ouvi dizer, metade
pelo que inventei, e a outra metade pelo que sucedeu às deveras. Viram?
É
uma história tão extraordinária mesmo que até tem três metades... Bem,
deixemos de filosofança e vamos ao que importa. A coisa foi assim, como
eu tinha começado a lhes contar.
Ia um piazinho estrada fora no seu petiço tropt, tropt, tropt (este é
o barulho do trote) - quando de repente ouviu tututupubum!
tututupubum chiiiipum!
E eis que a "coisa", até então invisível, apontou por detrás de um capão,
bufando que nem touro brigão, saltando que nem pipoca, se traqueando
que nem velha coroca, chiando que nem chaleira derramada e largando
fumo pelas ventas como a mula-sem-cabeça.
"Minha Nossa Senhora!"
O piazinho deu meia-volta e largou numa disparada louca rumo da
cidade, com os olhos do tamanho de um pires e os dentes rilhando, mas bem
cerrados para que o coração aos corcoveios não lhe saltasse pela boca.
É claro que o petiço ganhou luz do bicho, pois no tempo dos primeiros
autos eles perdiam para qualquer matungo.

965

Chegado que foi, o piazinho contou a história como pôde, mal e mal

e depressa, que o tempo era pouco e não dava para maiores explicações pois já se ouvia o barulho do bicho que se aproximava.
Pois bem, minha gente: quando este apareceu na entrada da cidade, caiu aquele montão de povo em cima dele, os homens uns com porretes, outros com garruchas que nem tinham tido tempo para carregar de pólvora, outros com boleadeiras, mas todos de a pé, porque também nem houvera tempo para montar, e as mulheres umas empunhando as suas vassouras, outras as suas pás de mexer marmelada, e os guris, de longe, se divertindo com os seus bodoques, cujos tiros iam acertar em cheio nas costas dos combatentes. E tudo abaixo de gritos e pragas que nem lhes posso repetir aqui.
Até que enfim houve uma pausa para respiração.
O povo se afastou, resfolegante, e abriu-se uma clareira, no meio da qual se viu o auto emborcado, amassado, quebrado, escangalhado, e não digo que morto, porque as rodas ainda giravam no ar, nos últimos transes de uma teimosa agonia. E quando as rodas pararam, as pobres, eis que o motorista, milagrosamente salvo, saiu penosamente engatinhando por debaixo dos escombros de seu ex-automóvel.
- A la pucha! exclamou então um guasca, entre espantado e penalizado - o animal deu cria!

COISAS NUMERADAS

Não esquecer que as nuvens estão improvisando sempre, mas a culpa é do vento.

II

Ah, essas esculturas de gaze do vento, sempre errantes entre o céu e a terra, como os sonhos do homem.

III

A voz do vento... Ninguém sabe o que o vento quer dizer... Quem me faz uma letra para a voz do vento?

VOZES DA NATUREZA

Lili chamava o sapo de bicho-nené. Ótima sugestão para os pais novatos: é só imaginarem que estão ouvindo não o choro chinfrim do pimpolho, mas a velha, a primordial canção da saparia as estrelas. E não foi sempre tão gostosa, mesmo, essa manha sem fim dos sapos no banhado?
Ouçam, pois, ouçam todos, com o seu melhor ouvido, o nené-bicho, que é apenas uma variante humana do bicho-nené. Ouçam-no todos os que se têm por amantes da Natureza.

PONTE DO RIACHO

Era uma vez um pintor aqui de Porto Alegre. Costumava pintar eternamente a Ponte do Riacho. Ora, um dia, após cinco minutos de ausência, entrou de novo no ateliê para dar uns retoques na sua última tela, que era, ainda e sempre, a Ponte do Riacho. Olhou-a e foi recuando, recuando, para verificar os efeitos, como costumam fazer os artistas. Foi recuando, recuando, dizia eu, até que sentou inadvertidamente na cadeira onde deixara pousada a sua paleta de tintas. Quando se ergueu, trazia impresso, no traseiro, o seu mais belo quadro da Ponte do Riacho... Moral da história: "Quem persevera sempre alcança!"

HAIKAI

No meio da ossaria
Uma caveira piscava-me...
Havia um vagalume dentro dela.

FILÓ

O negrinho Filó era um artista no pente. Naquele velho pente envolto em papel de seda, tirava tudo, de ouvido, desde a Canção do soldado até La donna ê mobile. A gente ficava escutando, com orgulho e inveja. Pois nenhum de nós Conseguia tocar pente. Dava-nos cócegas e, como dizia a Gabriela, "a gente se agachava a sirri que não parava mais". Quando ele morreu, foi logo declarando a sua qualidade, para S. Pedro: "Musgo!" E S. Pedro lhe deu uma gaitinha-de-boca. Uma linda gaitinha-de-boca! E até hoje ele vive explicando que não há nada como o pente... Mas o Céu é tão perfeito que na sua Filarmônica não existem instrumentos de emergência: um pente, lá, é um pente mesmo.

O POEMA

Uma formiguinha atravessa, em diagonal, a página ainda em branco.
Mas ele, aquela noite, não escreveu nada. Para quê? Se por ali já haviam passado o frêmito e o mistério da vida...

SEGREDOS DA NATUREZA

Nunca se sabe se uma formiga extraviada estará extraviada mesmo...
ou o que.

CAçADA DEVERÃO

Quando o tempo está seco, os sapatos ficam tão contentes que se põem a cantar.

TEORIA DO ESQUECIMENTO

A taça do Rei de Tule
Dorme no fundo das ondas.
Ele agora tem um bule:
lisinho, quente, redondo..

UM PÉ DEPOIS DO OUTRO

Será do tempo? Será do quê? Os meus sapatos rincham, os meus sapatos cantam de alegria. E eu vou andando e aguardando cá de cima que o seu oculto motivo chegue afinal até meu coração.

JANELA DE ABRIL

Tudo tão nítido! O céu rentinho às pedras. Pode-se enxergar até OS nomes que andaram traçando a carvão naquele muro. Mas, mesmo que o céu soubesse ler, isso não teria agora a mínima importância. E sente-se que Nosso Senhor, em comemoração de abril, instituirá hoje valiosos prêmios para o riso mais despreocupado, para o sapato mais rinchador, para a pandorga mais alta sobre o morro.

MÁQUINA DE ESCREVER

Maria, nunca mais me escrevas a maquina. Isso da a impressão de falta de sinceridade. Porque, quanto a mim, não sei pensar a máquina. Só a lapis ou esferográfica.
Com a esferográfica, então, e ainda mais quando em papel gessado, o pensamento vai deslizando como esqui sobre a neve, como um trenzinho - tuc, tuc, tuc - atravessando, preto sobre branco, as solidões geladas do norte do Canadá.
Com a máquina é o contrario: os dois fura-bolos com que datilografo são uns magros galináceos bicando, rapidos, vorazes, qualquer sementinha, qualquer grãozinho de idéia que apareça. Nada vinga, nada brota, e a página que ficou não é propriamente em branco, porque se me afigura um chão de terreiro deserto, poeirento e cheio de cocos.
E depois, como pode ser íntima uma carta escrita a máquina? Traz idéia de distância, de pequena mas intransponível distância... como um beijo dado de máscara.

LIBERAÇÃO

Não há maior euforia, numa orquestra, como a dos pratos - tlin! tlin! tlan!!! quando se vingam, enfim, do seu longo, do seu forçado silêncio.

DONA GLORINHA E O CIRCO

Dona Glorinha estava que não podia! Aquele homem que rodava no
espaço, cada vez mais rapido, e preso apenas pelos dentes a uma roldana...
Dona Glorinha sentia doerem-lhe os dentes, não os de agora, os outros...
Dona Glorinha não pode mais. E bradou, em meio do suspense geral:
"Basta, cruel!"

GENOVEVAS E SERAFINAS

Um ser humano só é ele mesmo enquanto os pais ainda estão
discutindo um nome para o batizar. Até então, é anônimo como um animalzinho
sem dono, simples filho da Natureza e de mais ninguém. Sem laços de
parentesco e outras contingências sociais. E depois, esta correndo o risco
de lhe darem um desses horrendos nomes tradicionais de família.

Na minha, felizmente, deixaram de aparecer, desde a penúltima
geração, as Serafinas e Genovevas. A boa, a querida vovó Genoveva! O seu
unico defeito era ser tão anti-eufônica... Como seria possível a um namorado
suspirar um nome desses?!

DE UM DIÁRIO INTIMO DO FIM DO SÉCULO TRINTA

Tenho 9 anos. Meu nome é Gavrilo. Meu professor só hoje me permitiu
uma ida ao Jardim Botânico, por causa da minha redação sobre a fórmula
de Einstein. Elogiou em aula o meu trabalho porque, disse ele, em vez de
dar-lhe uma interpretação, como fazem todas as crianças, eu me limitei a
dizer que aquela simples fórmula era uma coisa tão absurda e maravilhosa
e inacreditável como as lendas pré-históricas, por exemplo a "Lâmpada de
Aladino" ou a "Vida de Napoleão e seu cavalo branco". Por isso começo hoje
o meu diário, que eu devia ter começado aos 7 anos. Mas nessa idade a
gente só escreve coisas assim: "A Adalgisa caminha como um saca-rolha" ou
"pusemos na inspetora geral do ensino o apelido de Dona Programática".
Pois lá me fui com outros meninos e meninas, que também tinham
merecido menção pública, ao Jardim Botânico, que me pareceu pequeno porque
constava apenas de uma cúpula de vidro. Havia uma fila enorme de turistas
e visitantes domingueiros. Lá dentro não era apenas ar condicionado, era
um vento leve, uma "brisa", explicou-nos o professor. Uma brisa que agitava
os cabelos da gente e as folhas da árvore. Sim, porque lá dentro só havia uma
árvore, a única árvore do mundo e que se chamava simplesmente "a
árvore".
pois não havia razão para a diferençar de outras. Suas folhas agitavam-se
e tinham um cheiro verde. Não sei se me explico bem. Não importa: este
diário é secreto e será queimado publicamente com outros, de autoria dos
meninos da minha idade, quando atingirmos os 13 anos. Dona
Programática nos explicou a necessidade desses diários porque, "para higiene da
alma e
preservação do indivíduo, todos têm direito a uma vida secreta, ao contrário
do que acontecia nos tempos da Inquisição, da censura, dos sucessores do
Dr. Sigmund Freud e dos entrevistadores jornalísticos".
Isto diz a Dona Programática. Mas o nosso professor de Redação, que

não é tão cheio de coisas, diz que estes nossos diários secretos servem para a gente dizer besteiras só por escrito em vez de as dizer em voz alta.
Na próxima vez tratarei de fazer uma boa redação sobre a Árvore para ver se ganho o prêmio de uma visita ao Zôo onde está o Cavalo. Andei indagando dos grandes sobre este nosso cavalo e me disseram que não, que ele não era branco. Uma pena...

MADRIGAL

As velhinhas bonitas são passas de uva.

Havia, não me lembro agora se no País das Maravilhas, da Alice ou se na Cidade de Oz, uma velha que morava num sapato... E nós, que moramos em caixas de sapatos!

PARCEIRA

...e eu imagino uma velhinha por trás da vidraça, jogando paciência com esta chuva tão sem pressa...

RETICÊNCIAS

As reticências são os três primeiros passos do pensamento que continua por conta própria o seu caminho...

SONHO

Um poema que, ao lê-lo, nem sentirias que ele já estivesse escrito, mas que fosse brotando, no mesmo instante, de teu próprio coração.

O VISITANTE NOTURNO

Pousou agora mesmo - precisamente sobre a velha caneta que eu havia erguido um momento à cata de um adjetivo - um insetozinho verde que tem a forma exata de um escudo.
Veio da noite, atraído pela luz da minha janela. Sua gentil visita me compensa não sei de quê.
Fico a examiná-lo em silêncio: nada posso nem sei dizer-lhe.
E assim nos quedamos por um breve instante frementes, incomunicáveis e juntos... Dois universos dentro do mesmo mundo!

POEMINHO DO CONTRA

Todos esses que aí estão
Atravancando o meu caminho,
Eles passarão...
Eu passarinho!

O AMIGO

Amigo é a criatura que escuta todas as nossas coisas sem aquela cara que parece estar dizendo: - E eu com isso?

Só PARA SI

Dona Cômoda tem três gavetas. E um ar confortável de senhora rica. Nas gavetas guarda coisas de outros tempos, só para si. Foi sempre assim, dona Cômoda: gorda, fechada, egoísta.

A BORBOLETA

Cada vez que o poeta cria uma borboleta, o leitor exclama: "Olha uma borboleta!" - O crítico ajusta os nasóculos e, ante aquele pedaço esvoaçante de vida, murmura: - Ah! sim, um lepidóptero...

DAS BOAS MANEIRAS

Ah, nunca vi ninguém esconder-se tanto como os bichinhos-de-conta, quando os roubávamos, de baixo dos vasos, à terra cheirosa e úmida: eles enrolavam-se e rolavam, nas palmas de nossas mãos - limpinhos, isentos, ilesos -, até que a gente os depusesse, novamente, no chão, com um meticuloso carinho.

SAPO AMARELO

Aquele amarelo que apareceu um dia em nossa terra, ou por outra, aquele japonês, pois não sei se um chim daria o mesmo desfecho ao caso, dedicava-se a trabalhos de papel. Com incrível celeridade, dobrava, redobrava, multidobrava, premia aqui, puxava dali, e pronto: saía um pato, uma

cesta, um avião, um urso, um homem sentado, uma mulher dançando, um navio, todas as coisas que há no mundo. Algumas dessas habilidades, ele as fazia às vezes em câmara lenta, para que a gente pudesse aprender. Mas era impossível guardar de memória o segredo do sapo verde, o maravilhoso sapo verde que comportava nada menos de sessenta e quatro dobras e

que dava um salto quando lhe tocavam no lombo. Comprei um e fui para casa desmanchá-lo. Ficou-me nas mãos um quadrado de papel, inextricavelmente entrecruzado de vincos. Como não consegui fazer a operação contrária, isto é, rearmar o sapo, dali a dias encomendei outro.
- Hoje não poder - disse ele.
- Por quê?
- Por acabar papel verde.
- E por que não faz um sapo branco?... ou um sapo azul... ou um sapo vermelho.., ou...
Mas o seu quase imperceptível sorriso de comiseração cortou-me a linda seqüência colorida.

SAPATO FURADO

(1994)

Eu já escrevi o Sapato florido.
Como, porem, nesta vida
nem tudo são flores, apresento-vos
agora o Sapato furado,
que tem grande significação,
pois o seu texto foi escolhido
exclusivamente pelos leitores a
que se destina: a gurizada
a partir dos dez anos... (*)

Mario Quintana

CONTO AZUL

Certa vez, tinha eu quinze anos, inventei uma história que principiava assim:
"A primeira coisa que fazem os defuntos, depois de enterrados, é abrirem novamente os olhos".
Mas fiquei tão horrorizado com essa espantosa revelação que não me animei a seguir avante e a história gorou no berço, isto é, no túmulo.

IDEAIS

Os outros meninos, um queria ser médico, outro pirata, outro engenheiro, ou advogado, ou general. Eu queria ser um pajem medieval... Mas isso não é nada. Pois hoje eu queria ser uma coisa mais louca: eu queria ser eu mesmo!

___

(*) Bilhete de Mario Quintana a seus leitores, na quarta capa do livro.

(N. da Org.)

974

TABLEAU!

Nunca se deve deixar um defunto sozinho. Ou, se o fizermos, é recomendável tossir discretamente antes de entrar de novo na sala. Uma noite em que eu estava a sós com uma dessas desconcertantes criaturas, acabei aborrecendo-me (pudera!) e fui beber qualquer coisa no bar mais próximo. Pois nem queira saber... Quando voltei, quando entrei inopinadamente na sala, estava ele sentado no caixão, comendo sofregamente uma das quatro velas que o ladeavam. E só Deus sabe o constrangimento em que nos vimos os dois, os nossos míseros gestos de desculpa e os sorrisos amarelos que trocamos...

AZAR

Quando guri, eu tinha de me calar à mesa: só as pessoas grandes falavam. Agora, depois de adulto, tenho de ficar calado para as crianças falarem.

RECEPÇÃO

No Céu vou ser recebido
com uma banda de música.
E os anjinhos estarão vestidos
no uniforme da banda,
com os sovacos bem suados
e os sapatos apertando.

Do MANUAL DO PERFEITO CAVALHEIRO

Cuidado! deves tocar a campainha tão suavemente como se tocasses o umbigo da dona da casa.

DRÁCULA

Quando me encontrei com o Conde Drácula, por uma destas noites de inverno, na Esquina dos Ventos Uivantes, tinha ele o aspecto de um grande guarda-chuva de varetas quebradas. Foi o que eu lhe disse. Ele deu meia-volta e partiu revoando, aos solavancos, decerto para quebrar a cara do diretor do filme...

975

NO CÉU

No Céu é sempre domingo. E a gente não tem outra coisa a fazer senão ouvir os chatos. E la ainda é pior do que aqui pois se trata dos chatos de todas as épocas do mundo.

COISAS DESTE MUNDO

"Deixe de lado as coisas deste mundo" - disse o padre ao moribundo.
O moribundo, então, virou as costas para o padre.

O VELHO

O que eu mais temo não é o Sono Eterno, mas a possibilidade de uma insônia eterna, o que seria uma verdadeia estopada, um suplicio sem fim. Porém, em uma das minhas costumeiras noites de sonho acordado, o meu amigo morto me pediu um cigarro, e disse-me:
Não é como tu pensas, todos nós trabalhamos numa série infinita de escritórios (cada geração de mortos num deles) onde a gente se entrega a um sério trabalho de estatística: tem-se de anotar a chegada de cada um e comunicar-lhe o respectivo número, pois isso de nomes é mera convenção terrena, O pior são os que atrapalham a escrita, morrendo antes do tempo, ou porque Se mataram ou por culpa dos médicos, e estes ainda são culpados quando fazem os doentes morrer depois da hora, numa espécie de sobrevida artificial, já que os médicos (diga-se em sua honra) julgam criminosa a prática da eutanásia... Uma pena!
- E fora do expediente, o que fazem vocês?
- Bem, a hora do almoço não deixa de ser divertida por causa dos Santos: põem-se a discutir acaloradamente qual deles fez na Terra o maior número de milagres e outras futilidades.
- E nos serões, eles jogam prenda?
- Mais respeito, seu vivo!... Bem! nos serões eles fazem concursos para ver quem é que diz de cor mais versículos da Bíblia. Uma bobagem! Todo mundo sabe que o único que sabe a Bíblia de cor, tintim por tintim, é o Diabo.
- E Deus? Me conta como é Ele...
- Ah, o Velho? Desconfio que certa vez O vi...
- Só certa vez?... Mas Ele não está sempre no Céu?

- Bem, tu deves compreender que Ele se preocupa principalmente com os vivos. O Velho está quase sempre é na Terra, lidando com os assuntos humanos. Ele e o Diabo. Sim, os dois vivem a maior parte do tempo na Terra.
- Ora, eu pensava que vocês soubessem mais do que nós... Mas conta-me la como foi que desconfiaste de ter visto o Velho?
- Foi há tempos, eu era recém-chegado, quando uma tarde apareceu de surpresa no escritório um velhinho muito simpático. Com as mãos às costas, curvava-se sobre cada mesa, inspecionando o nosso trabalho, por sinal que me atrapalhei, errei uma palavra. Ele bateu-me confortadoramente no ombro, como quem diz: "Não foi nada... não foi nada..." Ao retirar-se, já com a mão no trinco da porta, virou-se para nós e abanou:

- "Até outra vez, se Eu quiser!"

QUE NOME!

Eu não sei ao certo quem era ela, nem o que ela fez, mas tenho certeza de que Dona Urraca foi uma das princesas mais infelizes do mundo...

O MILAGRE

Dias maravilhosos em que os jornais vêm cheios de poesia... e do lábio do amigo brotam palavras e eterno encanto... Dias mágicos... em que os burgueses espiam, através das vidraças dos escritórios, a graça gratuita das nuvens...

METRO

Há noites em que o tonel silencioso do sono é unicamente iluminado, aqui e ali, pelos olhos verdes dos fantasmas.

EFEITOS COLATERAIS

- Puxa! Você está com uma cara de bolo abatumado...
- É que... é que eu tomei uma droga para dormir...
- E daí? Não fez efeito?
- Sim, deve ter feito... Mas eu passei a noite inteira sonhando que estava acordado!

977

TERAPIAS

Pílulas das mais variadas cores, cada uma para as diversas horas do dia. Isso não quer dizer que curasse os velhinhos, não. Mas sempre dava um colorido à mesmice das suas vidas.

O SAPO

Empapuçado, balofo, os olhos fixos de preocupação, ele mais parece um velho burguês que passou a noite na farra.

DIÁLOGO ULTRA-RÁPIDO

- Eu queria propor-lhe uma troca de idéias...
- Deus me livre!

As TRÊS MOÇAS DE ENCRUZILHADA

Era uma vez três moças que moravam na florescente cidade de
Encruzilhada.
E, como eram três moças muito sérias, faltava-lhes o senso de humor
e tomavam ao pé da letra o nome de sua cidade natal. E nunca sabiam
aonde ir, o que fazer, o que responder...
Para acabar com essa dúvida atroz, depois de infindáveis hesitações,
resolveram o seguinte: a primeira sempre diria "sim", a segunda que "não" e
a terceira responderia com ar sonhador:
"Talvez"...
Ora, um dia a Morte apareceu à primeira, e a moça disse que sim.
A Morte a levou.
No outro dia a Morte apareceu à segunda e esta disse que não.
- Como ousas contrariar-me? a Morte retrucou. - Eu sou -a única
Potestade do Céu e da Terra a quem ninguém pode dizer "não".
E levou a moça.
Enfim, no terceiro dia, a Morte apresentou-se à última das três - e a
moça ficou olhando, olhando a cara da Morte e finalmente suspirou:
- Talvez.
E a Morte retirou-se, danada da vida!

MISTÉRIOS NOTURNOS

No silêncio das noites soluçam as almas pelas torneiras das pias...

NOTA NOTURNA

O silêncio é um espião.

DELÍCIA

O que tem de bom uma galinha assada é que ela não cacareja.

IMAGEM

Haverá ainda, no mundo, coisas tão simples e tão puras como a água
bebida na concha das mãos?

Os HÓSPEDES

Um velho casarão bem-assombrado
aquele que habitei ultimamente.

Não,
não tinha disso de arrastar correntes
ou espelhos de súbito partidos.

Mas a linda visão evanescente
dessas moças do século passado
as escadas descendo lentamente...
ou, às vezes, nos cantos mais escuros
velhinhas procurando os seus guardados
no fundo de uns baús inexistentes...

E eu, fingindo que não via nada.

Mas para que, amigos, tais cuidados?
Agora
foi demolida a nossa velha casa!

(Em que mundo marcaremos novo encontro?)

AMIZADE

Quando o silêncio a dois não se torna incômodo.

AMOR

Quando o Silencio a dois se torna cômodo.

O PIOR

O pior dos problemas da gente é que ninguém tem nada com isso.

VERSO PERDIDO

...eu te amo a perder de vista...

FANTASMA

Pobre-diabo marginal entre dois mundos. Não usa sapatos.

ALEGRE MISÉRIA

Os teus sapatos parecem que estão rindo!

BIBLIOGRAFIA

DO AUTOR

981

982

OBRAS PUBLICADAS

A rua dos cataventos. Porto Alegre: Globo, 1940.
Canções. Porto Alegre: Globo, 1946.
Sapato florido. Porto Alegre: Globo, 1948.
O batalhão das letras. Porto Alegre: Globo, 1948.
O aprendiz de feiticeiro. Porto Alegre: Fronteira, 1950.
Espelho mágico. Porto Alegre: Globo, 1951.
Inéditos e esparsos. Alegrete: Cadernos do Extremo Sul, 1953.
Poesias. Porto Alegre: Globo, 1962.
Antologia poética. Organização de Rubem Braga e Paulo Mendes Campos. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1966.
Caderno H. Porto Alegre: Globo, 1973.
Pé de pilão. Porto Alegre: Garatuja, 1975.
Apontamentos de história sobrenatural. Porto Alegre: Globo/IEL, 1976.
Quintanares. Porto Alegre: L&PM, 1976.
A vaca e o hipogrifo. Porto Alegre: Garatuja, 1977.
Prosa & verso. Porto Alegre: Globo, 1978.
Na volta da esquina. Porto Alegre: Globo, 1979.
Esconderijos do tempo. Porto Alegre: L&PM, 1980.
Nova antologia poética. Rio de Janeiro: Codecri, 1981.
Lili inventa o mundo. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.
Os melhores poemas de Mario Quintana. Organização e introdução de Fausto Cunha. São Paulo: Global, 1983.
Nariz de vidro. Seleção de Mery Weiss. São Paulo: Moderna, 1984.
O sapo amarelo. Seleção de Mery Weiss. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1984.
Primavera cruza o rio. Organização de Maria da Glória Bordini. Porto Alegre: Globo, 1985.
Diário poético. Porto Alegre: Globo, 1985.
Nova antologia poética. Porto Alegre: Globo, 1985.
Baú de espantos. Porto Alegre: Globo, 1986.

983

80 anos de poesia. Organização e estudo introdutório de Tania Franco Carvalhal. Porto Alegre: Globo, 1986.
Da preguiça como método de trabalho. Rio de Janeiro: Globo, 1987.
Preparativos de viagem. Rio de Janeiro: Globo, 1987.
Porta giratória. Rio de Janeiro: Globo, 1988.
A cor do invisível. Rio de Janeiro: Globo, 1989.
Antologia poética de Mario Quintana. Organização e apresentação de Walmir Ayala. Rio de Janeiro: Ediouro, 1989.
Velório sem defunto. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990
Sapato furado. São Paulo: FTD, 1994.
Anotações poéticas. Mario Quintana. São Paulo: Globo, 1996.
Antologia poética. Seleção de Sérgio Faraco. Porto Alegre: L&PM, 1997.
Água: os últimos textos de Mario Quintana. Organização de Elena Quintana
e Eduardo San Martin. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2001.

OBRAS PUBLICADAS NO EXTERIOR

Objetos perdidos y otros poemas. Tradução de Estela dos Santos. Organização de Santiago Kovadloff. Buenos Aires: Calkanto, 1979.
Mario Quintana. Poemas. Tradução de César Calvo. Prólogo de Peter Elmore. Lima: Centro de Estudios Brasileños, 1984.

OBRA TRADUZIDA

Ghew me up slowly. Tradução de Maria da Glória Bordini e Diane Grosklaus. Porto Alegre: Globo/Riocell, 1978.

PUBLICAçÕES EM ANTOLOGIAS (BRASIL)

AYALA, Walmir; BANDEIRA, Manuel. Antologia de poetas brasileiros. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1967.
BANDEIRA, Manuel. Obras-primas da lírica portuguesa. São Paulo: Martins, 1943.
CEBALLOS, José Gabriel; NAPP, Sérgio (Org.). Marco sul / Sul-poesia. Porto Alegre: Tchê!, 1993.
CRISTALDO, Janer. Assim escrevem os gaúchos: autores editados. São Paulo: Alfa-Omega, 1976.
FACHINELLI, Nelson da Lenita. Trovadores do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Sulina, 1972.

HENRIQUES NE lO, Afonso; KRANZ, Patrícia. lê quero verde; poesia e consciência ecológica. Rio de Janeio: 1982.

HOHFELDT, Antonio. Antologia da literatura rio-grandense contemporânea. Porto Alegre: L&PM, 1979.
KOPKE, Carlos BurLarnaqui. Antologia da poesia brasileira moderna: 1922-1947. São Paulo: Clube de Poesia de São Paulo, 1953.
LISBOA, Henriqueta. Antologia poética para a infância e a juventude. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1961.
LOANDA, Fernando Ferreira de. Antologia da moderna poesia brasileira. Rio de Janeiro: Orpheu, 1967.
MACHADO, Antônio Carlos. Coletânea de poetas sul-rio-grandenses. Rio de Janeiro: Minerva, 1952.
MEIRELES, Cecilia et al. Para gostar de ler. São Paulo: Ática, 1980.
NOGUEIRA, Julio. Poesia nossa. Rio de Janeiro: Laemmert, 1954.
PAES, José Paulo et al. Para gostar de ler (vol. 6). São Paulo: Ática, 1981.
PONTES, J. M. Ferreira (dir.). Dicionário auttolégico das literaturas portuguesa e brasileira. São Paulo: Formar, 1971.
PORTO Alegre ontem e hoje. Porto Alegre: Movimento, 1971.
RAMOS, Péricles Eugênio da Silva. Poesia Moderna. São Paulo: Melhoramentos, 1976.

PUBLICAÇÕES EM ANTOLOGIAS (EXTERIOR)

ANTOLOGIA de la poesia brasileña: Cuadernillos de poesia. Buenos Aires: Nuestra América, 1959.
CRESPO, Angel. Antología de la poesia brasileña: desde el Romanticismo a la Generación del cuarenta y Cinco.
FIGUEIRA, Gastón (Org.). Poesia brasileña contemporánea. Montevidéu: Instituto de Cultura Uruguayo-Brasileño, 1947.
KOVADLOFF, Santiago (Org.). Las voces solidarias. Buenos Aires: Callicanto, 1978.
LA VALLE, Mercedes (Org.). Un secolo di poesia brasiliana. Siena: Maia, 1954.
LANTEUIL, Henri de (Org.). Lapoésie brésilienne 1930-1940. Rio de Janeiro: Alba, 1941.
MENDONÇA, Renato de (Org.). Antologia de la poesia brasileña. Madri: Cultural Hispánica, 1952.
TAVARES-BASTOS, Antônio Dias (Org.). Anthologie de la poésie brésilienne contemporaine. Paris: Pierre Tisné, 1954.
VERISSIMO, Erico (Org.). Brazilian literature. Nova Iorque: Macmillan, 1945.

TRADUÇÕES FEITAS PELO AUTOR

BALZAC, Honoré de. Os proscritos. Porto Alegre: Globo, 1955.
_____ Os sofrimentos do inventor. Porto Alegre: Globo, 1951.
_____ Serájita. Porto Alegre: Globo, 1955.
_____ Uma paixão no deserto. Porto Alegre: Globo, 1954.
BAUM, Vicki. Hotel Shangai. Porto Alegre: Globo, 1942.
BEAUMARCHAIS. O barbeiro de Sevilha ou a precaução inútil. Porto Alegre: Globo, 1946.

BROWN, Fredric. O tio prodigioso. Porto Alegre: Globo. 1951.
BUCK, Pearl. Debaixo do céu. Porto Alegre: Globo, 1955.
CONRAD, Joseph. Lord Jini. Porto Alegre: Globo, 1939.
FULOP-MILLER, René. Os grandes sonhos da Humanidade. Porto Alegre Globo, 1942 (em parceria com R. Ledoux).
GRAVE, Robert. Eu, Claudius Imperador. Porto Alegre: Globo, 1940.
GREENE, Graham. O poder e a glória. Porto Alegre: Globo, 1953.
HUXLEY, Aldous. Duas ou três graças. Porto Alegre: Globo, 1951.
JAMMES, Francis. O albergue das dores. Porto Alegre: Globo, 1945.

LAFAYETTE, Madame de. A Princesa de Clêves. Porto Alegre: Globo, 1945.

LAMB, Charles; LAMB, Mary Ann. Contos de Shakespeare. Porto Alegre: Globo, 1943.
LEHMANN, Rosamond. Poeira. Porto Alegre: Globo, 1945.
LUDWIG, Emil. Memórias de um caçador de homens. Porto Alegre: Globo, 1939.
MARSYAT, Fred. O navio fantasma. Porto Alegre: Globo, 1937.
MAUGHAM, SOMERSET William. Biombo chinês. Porto Alegre: Globo, 1952.
MAUPASSANT, Guy de. Contos. Porto Alegre: Globo, 1943.
MAUROIS, André. Os silêncios do Coronel Bramble. Porto Alegre: Globo, 1944.
MERIMEE, Prosper. Novelas completas. Porto Alegre: Globo, 1954.
MORGAN, Charles. A fonte. Porto Alegre: Globo, 1944.
Sparkenbroke. Porto Alegre: Globo, 1941.
PAPINI, Giovanni. Palavras e sangue. Porto Alegre: Globo, 1934.
PROUST, Marcel. A sombra das raparigas em flor. Porto Alegre: Globo, 1951.
_____ No caminho de Swann. Porto Alegre: Globo, 1948.
_____ O caminho de Guermantes. Porto Alegre: Globo, 1953.
_____ Sodoma e Gomorra. Porto Alegre: Globo, 1954.
_____ Cavalheiro de salão. Porto Alegre: Globo, 1954.
_____ Confissões. Porto Alegre: Globo, 1951.
STACPOOLE, Henry de Vete. A laguna azul. Porto Alegre: Globo, 1940.
THOMAS, Dana Lee; THOMAS, Henry. Vidas de homens notáveis. Porto Alegre: Globo, 1952.
VARALDO, Alessandro. Gata persa. Porto Alegre: Globo, 1938.
VOLTAIRE. Contos e novelas. Porto Alegre: Globo, 1951
WOOLF, Virginia. Mrs. Dallowav. Porto Alegre: Globo, 1946.
YUTANG, Lin. A importância de viver. Porto Alegre: Globo, 1941.

COLABORAÇÃO NA IMPRENSA (BRASIL)

Do Caderno H. Revista Província de São Pedro (n. 5 a 6). Porto Alegre: Globo, 1945-46.
Do Caderno H. Correio do Povo. Porto Alegre, 1960-67.
Do Caderno H. Correio do Povo. Porto Alegre, 1967-80. Caderno de Sábado.
Do Caderno H. Correio do Povo. Porto Alegre, 1981-86. Letras & Livros.
Poemas inéditos. Revista Poesia Sempre, ano 1, n. 1. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional / Departamento Nacional do Livro, 1993.

COLABORAÇÃO NA IMPRENSA (EXTERIOR)

Diversos poemas. Revista de Cultura Brasileña, Madrid, n. 18, set. 1966.
Diversos poemas. Revista de Cultura Brasileña, Madrid, n. 44, jun. 1977.
Diversos poemas. Poesía, Valencia (Venezuela), sept./dic. 1978.
"As mãos de meu pai". Colóquio/Letras, Lisboa, n.54, mar. 1980, p. 48.
"Poema em três movimentos" Colóquio/Letras, Lisboa, n.54, mar. 1980, p. 49.
Textos. Liberté, Montréal, n. 211, 1994.

GRAVAÇÕES

GARFUNKEL, Jean. Pé de pilão. Porto Alegre: ISAEC, 1979. 1 disco sonoro, 33 1/2 rpm.
QUINTANA, Mario. Antologia poética de Mario Quintana. Canela: Polygram, 1983. 2 discos sonoros.
Poesias. Rio de Janeiro: Fiesta Discos, 1963. 1 disco sonoro, 33 1/2 rpm.

POEMAS MUSICADOS

ALBUQUERQUE, Armando. Três canções. Porto Alegre: EDUFRGS, 1923.
KIEFER, Bruno. Canção da garoa. Porto Alegre: s.n., 1957.
_____ Canção para uma valsa lenta. Porto Alegre: s.n., 1958.
LICKS, José Rogério. Fios de vida. José Rogério Licks canta Mario Quintana. Porto Alegre.

POEMAS EM ADAPTAÇÃO TEATRAL

Esconderijos do Tempo: um espetáculo de teatro com a poesia de Mario Quintana. Porto Alegre: Bric-à-brac da vida, 2002.

BIBLIOGRAFIA SOBRE O AUTOR

EM LIVROS

BRITO, Mario da Silva. O fantasma sem castelo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.
CAMINHA, Heda; CLEMENTE, Elvo; MOREIRA, Alice T. C. A retórica da ironia em Mario Quintana: teoria e prática. Porto Alegre: Acadêmica / Letras de Hoje, 1983.
CANTER, Rita. Carta a Mario Quintana. In: Depoimentos literários. Porto Alegre: Flama, 1971.
CARVALHAL, Tania Franco. Quintana, entre o sonhado e o vivido. In: Mario Quintana. Autores gaúchos (n. 6). 7. ed. 1997. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1984.
_____ O poeta fiel a si mesmo. In: Quintana, 80 anos de poesia. Organização e estudo introdutório de Tania Franco Carvalhal. Porto Alegre: Globo, 1986.
CUNHA, Fausto. Assassinemos o poeta. In: A luta literária. Rio de Janeiro: Lidador, 1964.
_____ Antologia crítica. In: Poetas do Modernismo. Brasilia: Instituto Nacional do Livro, 1972.
_____ Poesia e poética de Mario Quintana. In: A leitura aberta: estudos de crítica literária. Rio de Janeiro: Cátedra / Instituto Nacional do Livro, 1978.
DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos. Quintana's bar. In: Claro enigma. Rio de Janeiro: José Olympio, 1951.
ELMORE, Peter. Mario Quintana: palabras desde el tiempo. In: Mario Quintana. Poemas. Tradução de César Calvo. Lima: Centro de Estudios Brasileños, 1984.
FACHINELLI, Nelson. Mario Quintana: vida e obra. Porto Alegre: Bels, 1976.

FIGUEIREDO, Maria Virgínia Poli de. O universo de Quintana. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia / Universidade de Caxias do Sul, 1976.
FiRMO, Leticia. A melancolia em textos de Mario Quintana. In: CORREIA, Francisco José Gumes; VIANA, Chico (Org.). O rosto escuro de Narciso: ensaios sobre literatura e melancolia. João Pessoa: Idéia, 2004.
FONSECA, Juarez. Ora bolas. O humor cotidiano de Mario Quintana. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1996.
HECKER FILHO, Paulo. Menino perplexo; Rei de ouros. In: A alguma verdade. Porto Alegre: Hiperion, 1952.
HOHFELDT, Antonio. Antologia da literatura rio-grandense contemporânea. Porto Alegre: L&PM, 1979.
JUNQUEIRA, Ivan. Quintana: prosa & verso. In: À sombra de Orfeu: ensaios. Rio de Janeiro; Ed. Nórdica, Brasilia: INL, 1984.
LINTOWITZ, Jacob et al. A pintura de Ado Malagoli vista por Mario Quintana. Rio de Janeiro: Léo Christiano Editorial, 1985.
LINHARES, Temístocles. Diálogos sobre a poesia brasileira. São Paulo: Melhoramentos, 1976.
LUFT, Celso Pedro. Dicionário de literatura portuguesa brasileira. Porto Alegre: Globo, 1967.
MARTINS, Ari. Escritores do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Editora da UFRGS /Instituto Estadual do Livro, 1978.
MARTINS, Cyro. Nota sobre Mario Quintana. In:Escnitores gaúchos. Porto

Alegre: Movimento. 1981.
MENDES CAMPOS, Paulo. Carta a Mario Quintana. In: O anjo bêbado. Rio de Janeiro: Sabiá, 1969.
MENTSES, Raimundo de. Dicionário literário brasileiro. 2. ed. Rio de Janeiro: LiVro Técnico e Científico, 1978.
MEYER, Augusto. O "fenômeno Quintana" In: A forma secreta. Rio de Janeiro: Lidador, 1965.
MILLIET, Sérgio. Panorama da moderna poesia brasileira. Rio de Janeiro: Ministério da Educação, 1952.
_____ Diário crítico. São Paulo: EDUSP / Martins (vols. 3 e 6), 1981/1982.
MOISÉS, Massaud. A criação literária. São Paulo: Melhoramentos, 1970.
PAES, José Paulo. Pequeno dicionário de literatura brasileira (verbete) São Paulo: Cultrix, 1967.
NEJAR, Carlos. A escada por onde passa Mario Quintana. In: Viventes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1979.
NEVES, Liane. A Porto Alegre de Mario Quintana. Porto Alegre: Leonid Streliaev Editor, 2004.

RAMOS, Péricles Eugênio da Silva. Poesia moderna. In: COUTINHO, Afrânio et al. A literatura no Brasil. São Paulo: Melhoramentos, 1966.
Poesia moderna. São Paulo: Melhoramentos, 1967.
RICCIARDI, Giovanni. Mario Quintana. In: Auto-retratos. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
RUAS, Tabajara. Quintana luta. In: Mario. Porto Alegre: CEEE, 1994.
SEABRA, José Augusto. A Mario Quintana. In: Amar o sul. Porto Alegre: Movimento, 1997.
STEEN, EdLa van. Mario Quintana. In: Viver & escrever (vol. i). Porto Alegre: L&PM, 1981.
TAVORA, Araken. Encontro marcado com Mario Quintana. Porto Alegre: L&PM, 1986.
TREVISAN, Armindo. Vôo sereno num azul do céu mais alto. In: Mario. Porto Alegre: CEEE, 1994.
TELES, Gilberto Mendonça. A enunciação poética de Mario Quintana. In: A retórica do silêncio. São Paulo: Cultrix / Instituto Nacional do Livro, 1979.
VIELAS-BOAS, Pedro. Notas de bibliografia sul-rio-grandense: autores. Porto Alegre: A Nação / instituto Estadual do Livro, 1974.
ZILBERMAN, Regina. O Modernismo e à poesia de Mario Quintânà. In: A literatura no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.
Mario Quintana. Literatura Comentada. São Paulo: Nova Cultural, 1981.

DISSERTAÇÕES

BITTENCOURT, GiLda N. da Silva. Caminhos de Mario Quintana: a formação do poeta. 1983. Dissertação (Mestrado) UFRGS, Porto Alegre, 1983.
FIRMO, Lúcia M. Percursos temáticos e percursos figurativos em textos de

Mario Quintana. 2004. Dissertação (Mestrado) - UFPa, João Pessoa, 2004.
HUPPES, Ivete Susana Kist. A poética de Mario Quintana. 1979. Dissertação (Mestrado) - PUC-RS, Porto Alegre, 1979.

ARTIGOS EM JORNAIS E REVISTAS

ALVES, Henrique L. Mario Quintana poeta total. Minas Gerais - Suplemento Literário, Belo Horizonte, 26 jun. 1982.
AMADO, James. Irmão, eu falo da morte. Revista Província de São Pedro, Porto Alegre, 1946.
AOS 70. Veja, São Paulo, 4 ago. 1976.
ASSIS BRASIL, Luiz Antônio de. Quintana, cá dentro. Correio do Povo, Porto Alegre, 31 jul. 1976. Caderno de Sábado.
AVERBUCK, Lígia. Todos os poemas são um só poema. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 9 ago. 1980.
AYALA, Walmir. A vaca e o hipogrifo. Correio do Povo, Porto Alegre, 19 nov. 1977. Caderno de Sábado.
Quintana, o poeta triste. Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, 17 abr. 1962.
BANDEIRA, Manuel. Louvado para Mario Quintana. Correio do Povo, Porto Alegre, 31 jul. 1966; Minas Gerais Suplemento Literário, Belo Horizonte, 19 abr. 1975.
BERG, Evelyn. A última novidade é sempre uma rosa. Correio do Povo, Porto Alegre, 19 out. 1969.
Poesia é liberdade de vôo. Minas Gerais Suplemento Literário, Belo Horizonte, 19 abr. 1975.
BORDINI, Maria da Glória. Mario Quintana tradutor. Correio do Povo, Porto Alegre, 31 jul. 1976. Caderno de Sábado.
BRAGA, Kenny. O íntimo mistério das coisas. Zero Hora, Porto Alegre, 25 jul. 1976. Revista ZH.
BURNIRTT, Lago. Os antológicos quintanares. Jornal do BrasiL, Rio de Janeiro, 1966.
CALAGE, Eloí. Mario Quintana: a poesia é talvez a invenção da Verdade. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 19 mar. 1966.
CALDAS, Fernando. Um poeta de namoro com a Academia. Correio do Povo, Porto Alegre, 2 maio 1982.
CARPINEJAR, Fabrício. Quintana não se ausentava do poema. Zero Hora, Porto Alegre, 1º maio 2004. Cultura.
CARVALHAL, Tania Franco. A presença de um poeta. Zero Hora, Porto Alegre, 1º maiO 2004. Cultura.
_____ A voz reconhecível de Mario Quintana. Correio do Povo, Porto Alegre, 31 jul. 1976. Caderno de Sábado.

_____ O poeta e a feira do livro. Revista Ventas, Porto Alegre, v. 31,

n. 122, jun. 1986.
CARVALHO, Maria Angélica. Um poeta não é um macaco sábio. O Globo, Rio de Janeiro, 15 maio 1977.
CASSIANO Ricardo e o Caderno H. Correio do Povo, Porto Alegre, 5 jan. 1974. Caderno de Sábado.
CASTRO, Tarso de. Mario Quintana, seus quebrantos. Folha de São Paulo, São Paulo, 24 abr. 1977.
CATANI, Afrânio Mendes. A ironia de Mario Quintana. Folha de São Paulo, São Paulo, 22 out. 1978.
CËSAR, Guilhermino. Á deriva com o poeta Mario Quintana. Correio do Povo, Porto Alegre, 18 set. 1966. Caderno de Sábado; Minas Gerais - Suplemento Literário, Belo Horizonte, 19 abr. 1975.
_____ O poeta e o poema. Correio do Povo, Porto Alegre, 31 jul. 1976.
CHAVES, Flávio Loureiro. Quintana, a poesia e seu espaço mítico. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 12 set. 1976.
CLEMENTE, Elvo. A leitura em Mario Quintana. Minas Gerais Suplemento Literário, Belo Horizonte, 25 set. 1982.
CORÇÃO, Gustavo. As ruas de Mario Quintana. Correio do Povo, Porto Alegre, 25 jan. 1962.
_____ Um encontro com Mario Quintana. Diário de Notícias, Rio de Janeiro, 14 jan. 1962; Minas Gerais Suplemento Literário, Belo Horizonte, 19 abr. 1975.
COSTA, Flávio Moreira da. Dobre a esquina. Ali vive um poeta mágico. Jornal da Tarde, São Paulo, 27 out. 1979.
COUTINHO, Edilberto. Entre a vida e o sonho, o grande poeta se expressa. O Globo, Rio de Janeiro, 25 abr. 1982.
CRISTALDO, Janer. Mario. Correio do Povo, Porto Alegre, 7 ago. 1976. Caderno de Sábado.
CUNHA, Fausto. Assassinemos o poeta. Correio do Povo, Porto Alegre, 31 jul. 1966.
DILLENBURG, Sérgio R. A poesia está morrendo? Correio do Povo, Porto Alegre, 14 maio 1972.
DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos. O poeta Quintana. Correio do Povo, Porto Alegre, 19 jan. 1966.
_____ O quarto violado do poeta. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 2 fev. 1978.

_____ Quintana's bar. Minas Gerais Suplemento Literário, Belo Horizonte, 19 abr. 1975.
ESPINDOLA, Suzana S.; SAIBRO, Maria Luiza Fleck. Mario Quintana: poeta diz primeiro as coisas que outros poderiam ter dito. Correio do Povo, Porto Alegre, 28 fev. 1982.
FAILLACE, Tania. Ele não usa experiência de segunda mão. Usa a sua. Zero Hora, Porto Alegre, 25 jul. 1976. Revista ZH.
FARACO, Sérgio. O ferreiro e a forja. Zero Hora, Porto Alegre, 1º maio 2004 Cultura.
_____ Quintana em espanhol. Correio do Povo, Porto Alegre, 6 jul. 1974. Caderno de Sábado.
_____ Quintana: última entrevista. Minas Gerais Suplemento Literário, Belo Horizonte, 18 set. 1982.
_____ HICKMANN, Blásio. Bibliografia de Mario Quintana. Minas

Gerais Suplemento Literário, Belo Horizonte, 20 mar. 1982.
FELTEN, Rui Roberto. O aniversário do nosso poeta. Zero Hora, Porto Alegre, 30 jul. 1986.
FERNANDES, Reinaldo. Poeta sim, engajado não. Ültima Hora, Rio de Janeiro, 3 mar.1979.
FERRAZ, Geraldo. Mario Quintana em antologia. A Tribuna, 19 jun. 1966.
FIGUEIREDO, Maria Virgínia Poli de. O universo de Quintana. Correio do Povo, Porto Alegre, 7 ago. 1976. Caderno de Sábado.
FONSECA, Juarez. Ser poeta é uma fatalidade. Zero Hora, Porto Alegre, 25 jul. 1976. Revista ZH.
FRANÇA, Paulo. Quintana dos 8 aos 80. O Globo, Rio de Janeiro, 10 dez. 1986.
GALVÃO, Gilberto. Um passeio com o poeta pela cidade. Folha de São Paulo, São Paulo, 29 mar. 1979.
GASTAL, Ney. Mario Quintana passa a limpo suas anotações do Caderno H. Correio do Povo, Porto Alegre, 9 set. 1973.
GOLBSPAN, Heloísa. O poeta que não deixa rastros. Zero Hora, Porto Alegre, 25 jul. 1976. Revista ZH.
GOUVEA, Paulo de. Conversinha com Malaquias. Correio do Povo, Porto Alegre, 31 jul. 1976. Caderno de Sábado.
_____ Uma cadeira ainda vaga. Correio do Povo, Porto Alegre, 10 jul. 1982. Letras & Livros.
GUIMARÃES, Josué. Engano eterno. Folha de São Paulo, São Paulo, 4 set. 1977.

_____ Quintana, quintanares. Folha de São Paulo, São Paulo, 13 fev. 1977.
HECKER FILHO, Paulo. O mago. Correio do Povo, Porto Alegre, 31 jul. 1976. Caderno de Sábado.
_____ O mago que todos vêem para além de sua poesia. O Estado de São Paulo, São Paulo, 19 ago. 1976.
HELENA, Lúcia. Quintana de seu grifo. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 19 nov. 1977.
HOHLFELDT, Antonio. A poesia do todo em Mario Quintana. Correio do Povo, 23 out. 1976. Caderno de Sábado.
----- Detesto estes críticos dogmáticos que julgam a gente pelo que a gente não é. Correio do Povo, Porto Alegre, 5 out. 1976.
_____ Mario Quintana, o poeta da síntese humanista e do amor à simplicidade. Correio do Povo, Porto Alegre, 5 fev. 1982.
JACQUES, Eunice. Mario Quintana a coisa propriamente dita. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 11 jan. 1973.
LETRAS e pseudônimos no velho e tradicional Colégio Militar de Porto Alegre. Correio do Povo, Porto Alegre, 31 maio 1959.
LIMA, José Lourenço de. Quintana "ao vivo". Correio do Povo, Porto Alegre, 21 nov. 1982. Letras & Livros.
LINS, Álvaro. Jornal de Crítica, série I, 1941.
LUFT, Lya. O feiticeiro-mor. Correio do Povo, Porto Alegre, 31 jul. 1976. Caderno de Sábado.
LYS, Edmundo. A poesia de Mario Quintana. O Jornal, Rio de Janeiro, 25 abr. 1971.
MARIO QUINTANA completa hoje 70 anos. Correio do Povo, Porto

Alegre, 30 jul. 1976.
MARQUES, Juracy. Mario Quintana, Doutor Honoris Causa. Correio do Povo, Porto Alegre, 21 ago. 1982. Letras & Livros.
MARTINS, Cyro. A festa do poeta. Correio do Povo, 8 ago. 1981. Caderno de Sábado.
MARTINS, Justino. Eles não são deste mundo. Revista do Globo, Porto Alegre, s.d.
MARTINS, Wilson. O canto dos pássaros. O Estado de São Paulo, São Paulo. 16 jun. 1974.
MEIRELES, Cecilia. Antologia comentada. Minas Gerais - Suplemento Literário, Belo Horizonte, 19 abr. 1975.
_____ Estudo crítico. Minas Gerais - Suplemento Literário, Belo Horizonte, 19 abr. 1975.

_____ Quintana e o seu caderno de poeta. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 12 jan. 1974.
_____ Quintanares. Minas Gerais - Suplemento Literário, Belo Horizonte, 19 abr. 1975.
MENDES, Alvaro. Por onde pegar Quintana? Sugestão: o humor. O Globo, Rio de Janeiro, 8 set. 1974.
MENDES CAMPOS, Paulo. Carta a Mario Quintana. Minas Gerais Suplemento Literário, Belo Horizonte, 19 abr. 1975.
MEYER, Augusto. Mario Quintana. O Estado de São Paulo, São Paulo, 11 abr. 1959.
_____ O "fenômeno Quintana", Correio do Povo, Porto Alegre, 31 jul. 1966; Diário Carioca, Rio de Janeiro, 14 jan. 1951.
MIRANDA, Luiz de. Uma ausência na noite. Zero Hora, Porto Alegre, 23 jul. 1976. Revista ZH.
MORAES, Carlos Dante de. Mario Quintana. Correio da Manhã, Riu de Janeiro, 25 maio 1957.
_____ Mario Quintana. Correio do Povo, Porto Alegre, 31 jul. 1970.
_____ Mario Quintana, o aprendiz de feiticeiro. Revista Província de São Pedro (16), Porto Alegre, 1951.
MORAES, Herculano de. Cantos, cantares, quintanares. Correio do Povo, Porto Alegre, 14 fev. 1976. Caderno de Sábado.
_____ O feiticeiro de Porto Alegre. Correio do Povo, Porto Alegre, 31 jul. 1976. Caderno de Sábado.
MORGANTI, Vera Regina. Mario Quintana conta história para criança. Correio do Povo, Porto Alegre, 8 jun. 1975.
NEJAR, Carlos. O surpreendente Quintana. Leia Livros, São Paulo, 1980.
_____ Um pacto com a poesia. Zero Hora, Porto Alegre, 25 jul. 1976. Revista ZH.
NOCCHI, Claudia. Mario Quintana e a Academia. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 13 nov. 1980.
_____ Não sou cavalo de corrida. jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 19 mar. 1981.
_____ Os poetas estão sempre na idade ingrata. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 9 ago. 1980.
NUNES, Cassiano. No Quintana's bar. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 17 set. 1966.
O CINQÜENTENÁRIO de Mario Quintana. A Gazeta, São Paulo, 13 out.

1956.

OLIVEIRA, Francisco de. Quintanares. Jornal da Tarde, São Paulo, 21 mar. 1981.
OSORIO, Laci. Tempos de Quintana. Zero Hora, Porto Alegre, 25 jul. 1976. Revista ZH.
PAIVA, Mário Garcia de. Quintanares. Minas Gerais Suplemento Literário, Belo Horizonte, 19 abr. 1975.
PARAÍSO, Bruno. Caderno H ou as sábias lições de um feiticeiro. Correio do Povo, Porto Alegre, 25 maio 1974. Caderno de Sábado.
PAVIANI, Jayme. Uma tese sobre a obra de Quintana. Correio do Povo, Porto Alegre, 7 ago. 1976. Caderno de Sábado.
PÓLVORA, Hélio. Aforismos quintanares. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 6 fev. 1974.
Cantares de Quintana. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 27 dez. 1972.
PONTES, Mario. Mario Quintana. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 29 jul. 1976.
POZENATO, José Clemente. (1) sapato mágico. Correio do Povo, Porto Alegre, 7 ago. 1976. Caderno de Sábado.
RIBEIRO, Léo Gibson. Quintana sem ismos. Correio do Povo, Porto Alegre, 25 set. 1982. Letras & livros; Jornal da Tarde, São Paulo. 19 dez. 1981.
ROCHA, Hildon. Poesia de Mario Quintana. Diário de Notícias, Rio de Janeiro, 25 mar. 1962.
RODRIGUES, Geraldo. O mitológico Quintana. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 31 mar. 1981.
RONAI, Paulo. O mundo redefinido. Correio do Povo, Porto Alegre, 23 mar. 1974. Caderno de Sábado; Minas Gerais Suplemento Literário, Belo Horizonte, 19 abr. 1975.
ROSA, Sérgio Ribeiro. Quintana: da visão subjetiva. Correio do Povo, Porto Alegre, 6 nov. 1966.
ROSE, Marco Túlio de. Um poeta para grandes e pequenos. Folha da Tarde, Porto Alegre, 15 jun. 1975.
SCHULER, Donaldo. A poetização do quotidiano. Correio do Povo, Porto Alegre, 31 jul. 1970. Caderno de Sábado.
_____ Os poemas curtos de Mario Quintana. Correio do Povo, Porto Alegre, 14 out. 1965. Caderno de Sábado; Minas Gerais Suplemento Literário, Belo Horizonte, 19 abr. 1975.
SCLIAR, Moacyr. As quatro cidades dos poetas. Correio do Povo, Porto Alegre, 7 ago. 1976. Caderno de Sábado.

_____ O mundo recriado. Zero Hora, Porto Alegre, 25 jUl. 1976. Revista ZH.
SILVA, Ahdias. O poeta e o mundo. Correio do Povo, Porto Alegre, 31 jul. 1976. Caderno de Sábado.

SILVA, Adail Borges Fortes da. Mario jornalista. Correio do Povo, Porto Alegre, 31 jul. 1976. Caderno de Sábado.
SILVA, Lino de M. Quintana e seus versos de estudante. Correio do Povo, Porto Alegre, 21 jan. 1978.
SILVEIRA, Oliveira. Um mágico. Um feiticeiro. Zero Hora, Porto Alegre, 25 jul. 1976. Revista ZH.
SQUEFF, Ënio. O sonho de Quintana ainda não acabou. Folha de São Paulo, 9 jan. 1981.
STEEN, Edla van. Retrato de um relações íntimas. Jornal da Tarde, São Paulo, 27 OUt. 1979.
TELES, Gilberto Mendonça. A enunciação poética de Mario Quintana (I e II). Correio do Povo, Porto Alegre, 25 jan. 1975; 1 fev. 1975. Caderno de Sábado.
TIBIRIÇA, Everardo. Chamava-se Mario de Miranda Quintana.A Gazeta, São Paulo, 25 out. 1958.
TODOS os poemas são de amor. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 23 jul. 1966.
TREVISAN, Armindo. Esconderijos do tempo: como a vida é bela! Como a vida é louca! Correio do Povo, Porto Alegre, 27 set. 1980.
_____ Notas sobre a poesia de Mario Quintana. Correio do Povo, Porto Alegre, 31 jul. 1976. Caderno de Sábado; Minas Gerais Suplemento Literário, Belo Horizonte, 29 maio 1976.
_____ O anjo Malaquias, poema metafísico. Correio do Povo, Porto Alegre, 5 jun. 1976. Caderno de Sábado.
_____ O menino possível. Correio do Povo, Porto Alegre, 31 jul. 1966.
_____ Quarta carta a Mario Quintana. Correio do Povo, Porto Alegre 22 jun. 1968. Caderno de Sábado.
_____ Quinta carta a Mario Quintana. Correio do Povo, Porto Alegre, 11 out. 1969. Caderno de Sábado.
_____ Releitura de Quintana. Apontamentos de história sobrenatural. Correio do Povo, Porto Alegre, 12 ago. 1978.
_____ Terceira carta a Mario Quintana. Correio do Povo, Porto Alegre, 16 de mar. 1968. Caderno de Sábado.
_____ Tudo é fábula. Jornal do Comércio, Recife, 4 jul. 1976; Zero Hora, Porto Alegre, 25 jul. 1976. Revista ZH.

TIBURSKI, João Carlos. O poeta na eterna espreita. Coojornal, Porto Alegre, nov. 1980.
UCHA, Danilo. Há também os problemas do homem. Zero Hora, Porto Alegre, 25 jul. 1976. Revista ZH.
VELLINHO, Moysés. Mario Quintana. Correio do Povo, 31 jul. 1976. Caderno de Sabado.
VERGARA, Pedro. Apontamentos de história sobrenatural. Correio do Povo, Porto Alegre, 13 nov. 1976. Caderno de Sábado.
VILLARES, Lúcia. Quintana, coerência e grandeza na poesia. Folha de São Paulo, São Paulo, 16 nOv. 1980.
VIOLA, Marco Celso. Quintana dos 8 aos 80. Zero Hora, Porto Alegre, 30 jul. 1986.
WEISS, Mery. O encontro com Mario Quintana. Correio do Povo, Porto Alegre, 9 ago. 1976. Caderno de Sábado.
XAVIER, Raul. Antologia poética de Mario Quintana. s.n.t.

999

1000

ÍNDICE GERAL

1001

1002

INDICE GERAL

Preparativos de viagem, 757

Porta giratória, 777